"THE KIND OF BOOK THAT STEALS A PART OF YOUR SOUL . . . I COULDN'T PUT IT DOWN."
—IMANI ERRIU, AUTHOR OF *HEAVENLY BODIES*

WRATH OF THE DRAGONS

A NOVEL

OLIVIA ROSE DARLING
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR OF
FEAR THE FLAMES

INDICE

Por Olivia Rose Darling
Página de título
Direitos autorais
Conteúdo
Dedicação
Mapa
Nota do autor
Dez Deuses Adormecidos
Casas Governantes e Sigilos
Guia de Pronúncia
Parte I: O Peso da Coroa
- Capítulo Um: Cayden
- Capítulo Dois: Elowen
- Capítulo Três: Cayden
- Capítulo Quatro: Cayden
- Capítulo Cinco: Elowen
- Capítulo Seis: Cayden
- Capítulo Sete: Elowen
- Capítulo Oito: Elowen
- Capítulo Nove: Cayden
- Capítulo Dez: Elowen
- Capítulo Onze: Elowen
- Capítulo Doze: Cayden
- Capítulo Treze: Elowen
- Capítulo Quatorze: Cayden
- Capítulo Quinze: Elowen
- Capítulo Dezesseis: Elowen

Parte II: Um Herdeiro em Ascensão
- Capítulo Dezessete: Cayden
- Capítulo Dezoito: Elowen
- Capítulo Dezenove: Cayden
- Capítulo Vinte: Cayden
- Capítulo Vinte e Um: Elowen
- Capítulo Vinte e Dois: Cayden
- Capítulo Vinte e Três: Elowen
- Capítulo Vinte e Quatro: Cayden
- Capítulo Vinte e Cinco: Elowen
- Capítulo Vinte e Seis: Cayden
- Capítulo Vinte e Sete: Elowen
- Capítulo Vinte e Oito: Elowen
- Capítulo Vinte e Nove: Cayden
- Capítulo Trinta: Elowen
- Capítulo Trinta e Um: Elowen
- Capítulo Trinta e Dois: Cayden

Capítulo Trinta e Três: Elowen
Capítulo Trinta e Quatro: Cayden
Capítulo Trinta e Cinco: Elowen
Capítulo Trinta e Seis: Elowen
Capítulo Trinta e Sete: Elowen
Capítulo Trinta e Oito: Elowen
Capítulo Trinta e Nove: Cayden
Parte III: A Guerra dos Quatro Reinos
Capítulo Quarenta: Elowen
Capítulo Quarenta e Um: Elowen
Capítulo Quarenta e Dois: Elowen
Capítulo Quarenta e Três: Elowen
Capítulo Quarenta e Quatro: Cayden
Capítulo Quarenta e Cinco: Elowen
Capítulo Quarenta e Seis: Cayden
Capítulo Quarenta e Sete: Elowen
Capítulo Quarenta e Oito: Cayden
Capítulo Quarenta e Nove: Cayden
Capítulo Cinquenta: Elowen
Capítulo Cinquenta e Um: Elowen
Capítulo Cinquenta e Dois: Cayden
Capítulo Cinquenta e Três: Elowen
Capítulo Cinquenta e Quatro: Cayden
Capítulo Cinquenta e Cinco: Elowen
Capítulo Cinquenta e Seis: Elowen
Capítulo Cinquenta e Sete: Elowen
Capítulo Cinquenta e Oito: Cayden
Capítulo Cinquenta e Nove: Cayden
Capítulo Sessenta: Elowen
Capítulo Sessenta e Um: Elowen
Capítulo Sessenta e Dois: Elowen
Capítulo Sessenta e Três: Elowen
Capítulo Sessenta e Quatro: Elowen
Capítulo Sessenta e Cinco: Cayden
Capítulo Sessenta e Seis: Elowen
Capítulo Sessenta e Sete: Cayden
Capítulo Sessenta e Oito: Elowen
Capítulo Sessenta e Nove: Elowen
Capítulo Setenta: Elowen
Capítulo Setenta e Um: Cayden
Capítulo Setenta e Dois: Cayden
Capítulo Setenta e Três: Cayden
Capítulo Setenta e Quatro: Cayden
Capítulo Setenta e Cinco: Cayden
Agradecimentos
Sobre o autor

POR OLIVIA ROSE DARLING

Tema as Chamas

A Fúria dos Dragões

WRATH OF THE DRAGONS

A Novel

OLIVIA ROSE DARLING

DELACORTE PRESS
New York

Imprensa Delacorte
Uma marca da Random House
Uma divisão da Penguin Random House LLC
1745 Broadway, Nova York, NY 10019
randomhousebooks.com
penguinrandomhouse.com

Copyright © 2025 por Olivia Rose Darling

A Penguin Random House valoriza e apoia os direitos autorais. Os direitos autorais estimulam a criatividade, incentivam a diversidade de vozes, promovem a liberdade de expressão e criam uma cultura vibrante. Agradecemos por adquirir uma edição autorizada deste livro e por cumprir as leis de direitos autorais, não reproduzindo, digitalizando ou distribuindo qualquer parte dele, sob qualquer forma, sem permissão. Você está apoiando escritores e permitindo que a Penguin Random House continue a publicar livros para todos os leitores. Observe que nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer maneira para fins de treinamento de tecnologias ou sistemas de inteligência artificial.

Delacorte Press é uma marca registrada e o colofão DP é uma marca comercial da Penguin Random House LLC.

Dados de catalogação na publicação da Biblioteca do Congresso
Nomes: Darling, Olivia Rose autora
Título: A ira dos dragões: um romance / Olivia Rose Darling.
Descrição: Primeira edição. | Nova York: Delacorte Press, 2025.
Identificadores: LCCN 2025013034 (impresso) | LCCN 2025013035 (e-book) | ISBN 9780593873922, capa dura, papel sem ácido | ISBN 9780593873939, e-book
Assuntos: LCGFT: Ficção fantástica | Ficção romântica | Romances
Classificação: LCC PS3604.A7465 W73 2025 (impresso) | LCC PS3604.A7465 (e-book) | DDC 813/.6—dc23/eng/20250331
Registro LC disponível em https://lccn.loc.gov/2025013034
Registro do e-book LC disponível em https://lccn.loc.gov/2025013035
ISBN internacional 978-0-593-98490-1

E-book ISBN 9780593873939

Equipe do livro: Editor de produção: Robert Siek • Editor administrativo: Saige Francis • Gerente de produção de impressão: Angela McNally • Revisores: Alissa Fitzgerald, Bridget Sweet e Pam Rehm

Design do livro por Caroline Cunningham, adaptado para e-book por Kyle Madigan
Mapa das guardas frontais, mapa da matéria inicial e arte das aberturas de partes por Andrés Aguirre
Ilustração das folhas de guarda por Lucy Walls

Design da capa: Regina Flath
Ilustração da capa: Aurelie Maron

O representante autorizado na UE para segurança e conformidade do produto é a Penguin Random House Ireland, Morrison Chambers, 32 Nassau Street, Dublin D02 YH68, Irlanda. https://eu-contact.penguin.ie

ep_prh_7.3a_152421534_c0_r0

CONTEUDO

Dedicação
Mapa
Nota do autor
Dez Deuses Adormecidos
Casas Governantes e Sigilos
Guia de Pronúncia
Parte I: O Peso da Coroa
Capítulo Um: Cayden
Capítulo Dois: Elowen
Capítulo Três: Cayden
Capítulo Quatro: Cayden
Capítulo Cinco: Elowen
Capítulo Seis: Cayden
Capítulo Sete: Elowen
Capítulo Oito: Elowen
Capítulo Nove: Cayden
Capítulo Dez: Elowen
Capítulo Onze: Elowen
Capítulo Doze: Cayden
Capítulo Treze: Elowen
Capítulo Quatorze: Cayden
Capítulo Quinze: Elowen
Capítulo Dezesseis: Elowen
Parte II: Um Herdeiro em Ascensão
Capítulo Dezessete: Cayden
Capítulo Dezoito: Elowen
Capítulo Dezenove: Cayden
Capítulo Vinte: Cayden
Capítulo Vinte e Um: Elowen
Capítulo Vinte e Dois: Cayden
Capítulo Vinte e Três: Elowen
Capítulo Vinte e Quatro: Cayden
Capítulo Vinte e Cinco: Elowen

Capítulo Vinte e Seis: Cayden
Capítulo Vinte e Sete: Elowen
Capítulo Vinte e Oito: Elowen
Capítulo Vinte e Nove: Cayden
Capítulo Trinta: Elowen
Capítulo Trinta e Um: Elowen
Capítulo Trinta e Dois: Cayden
Capítulo Trinta e Três: Elowen
Capítulo Trinta e Quatro: Cayden
Capítulo Trinta e Cinco: Elowen
Capítulo Trinta e Seis: Elowen
Capítulo Trinta e Sete: Elowen
Capítulo Trinta e Oito: Elowen
Capítulo Trinta e Nove: Cayden
Parte III: A Guerra dos Quatro Reinos
Capítulo Quarenta: Elowen
Capítulo Quarenta e Um: Elowen
Capítulo Quarenta e Dois: Elowen
Capítulo Quarenta e Três: Elowen
Capítulo Quarenta e Quatro: Cayden
Capítulo Quarenta e Cinco: Elowen
Capítulo Quarenta e Seis: Cayden
Capítulo Quarenta e Sete: Elowen
Capítulo Quarenta e Oito: Cayden
Capítulo Quarenta e Nove: Cayden
Capítulo Cinquenta: Elowen
Capítulo Cinquenta e Um: Elowen
Capítulo Cinquenta e Dois: Cayden
Capítulo Cinquenta e Três: Elowen
Capítulo Cinquenta e Quatro: Cayden
Capítulo Cinquenta e Cinco: Elowen
Capítulo Cinquenta e Seis: Elowen
Capítulo Cinquenta e Sete: Elowen
Capítulo Cinquenta e Oito: Cayden
Capítulo Cinquenta e Nove: Cayden
Capítulo Sessenta: Elowen

Capítulo Sessenta e Um: Elowen
Capítulo Sessenta e Dois: Elowen
Capítulo Sessenta e Três: Elowen
Capítulo Sessenta e Quatro: Elowen
Capítulo Sessenta e Cinco: Cayden
Capítulo Sessenta e Seis: Elowen
Capítulo Sessenta e Sete: Cayden
Capítulo Sessenta e Oito: Elowen
Capítulo Sessenta e Nove: Elowen
Capítulo Setenta: Elowen
Capítulo Setenta e Um: Cayden
Capítulo Setenta e Dois: Cayden
Capítulo Setenta e Três: Cayden
Capítulo Setenta e Quatro: Cayden
Capítulo Setenta e Cinco: Cayden
Agradecimentos
Sobre o autor

_152421534_

Para aqueles que atravessariam o inferno pelas pessoas que amam.

E à minha querida amiga Grace. Uma mulher que iluminava todos os ambientes em que entrava.
Sinto sua falta todos os dias.

The World of Ravaryn
Dolent Sea
Crebos
Aestilian
Tessa Falls
Calon River
Turbidon
Good Land
Lake Nebra
Pintan River
Seven Falls
Urasos
Iraitia
Heynadra
Craigon
Verendus
Vareveth
Velis Manor
Ladislava
The Border
Imirath War Camp
Gald River
Ithil Forest
Zinambra
Imirath
The Southern Isles
Galakin
Zraka
Zairo
Thirwen
Caldhelm
Dregor

NOTA DO AUTOR

"A Fúria dos Dragões" é o segundo livro da série "Tema as Chamas". " *Tema as Chamas"* foi publicado originalmente de forma independente em 2022 e republicado pela Delacorte Press em 2024. "Tema *as Chamas" sofreu alterações* após o relançamento, e recomendo fortemente a leitura da nova versão antes de *"Tema as Chamas"* !

Deusa das Chamas, da Vida e das Estrelas
Deus da Água, da Morte e da Lua
Deusa das Almas, da Misericórdia e do Destino
Deus da Ilusão, da Mente e da Memória
Deusa do Ar e das Tempestades
Deus do Sol e da Luz
Deus da Terra e da Colheita
Deusa da Dor e da Tristeza
Deusa do Amor, Casamento e Fertilidade
Deus da Guerra e Estratégia

CASAS GOVERNANTES E SIGILOS

CASA VELES

Governantes de Vareveth

Sigilo: Cinco dragões negros com olhos de cores variadas atrás de um par de espadas douradas cruzadas em uma bandeira azul escura

CASA ATARAH

Governantes de Imirath

Sigilo: Um tridente dourado cravando uma coroa em uma bandeira roxa escura

CASA DUSKBANE

Governantes de Feynadra

Sigilo: Um lobo prateado rosnando em uma bandeira cinza escura

CASA ILARIA

Governantes de Galakin

Sigilo: Uma serpente marinha vermelha enrolada em um sol amarelo em uma bandeira laranja

CASA LILURIA

Governantes de Thirwen

Sigilo: Um kraken preto enrolado em um navio em uma bandeira vermelha escura

CASA WARTHORNE

Governantes de Urasos

Sigilo: Chifres de veado marrom emoldurando uma montanha em uma bandeira verde escura

CASAS DOS MORTOS

CASA DASTERIAN

Antigos governantes de Vareveth

Sigilo: Um carvalho dourado com raízes extensas em uma bandeira verde-esmeralda

Conquistado pela Casa Veles

CASA VELLGRAVE

Antigos governantes das Ilhas do Sul

Sigilo: Uma lua crescente branca em uma bandeira roxa

Conquistado pela Casa Atarah

GUIA DE PRONUNCIA

LUGARES

Estiliano: uh-still-e-an

Avaloria: a-va-lor-ia

Rio Caleum: cai-leum

Dolent Sea: doe-lent

Rio Emer: ee-mer

Érebo: érebo

Floresta Etril: et-rill

Feynadra: faye-na-dra

Rio Fintan: fin-tan

Galakin: gal-ah-kin

Imirath: im-ir-ath

Prisão de Kallistar: cal-i-star

Ladislava: la-dis-lava

Lago Neera: nee-ra

Porto Celestria: ce-les-tri-ah

Ravaryn: ra-var-in

Montanhas Seren: se-ren

Floresta Sweven: swe-ven

Cachoeira Syssa: si-sa

Floresta Terrwyn: ter-win

Thirwen: thir-wen

Urasos: u-ra-sos

Vareveth: var-eh-veth

Verendus: ve-ren-dus

Zario: za-ri-oh

Zinambra: zi-nam-bra

Zraka: zuh-ra-ka

PESSOAS

Ailliard: Ail-liard

Alexus: uh-lek-suhs

Asena: uh-sen-uh

Asterina: a-ter-em

Aveline Lilura, rainha de Thirwen: ave-line lil-ur-a

Braxton: brax-ton

Cáspio: caspi-an

Cayden Veles, rei de Vareveth: kay-den vuh-lez

Cordelia Ilaria, rainha de Galakin: cor-delia ih-lar-e-uh

Cyra: veja-ra

Ciro: cy-rus

Drystan: dris-tan

Eagor Dasterian, ex-rei de Vareveth: ee-ah-gor das-ter-e-in

Elowen Atarah: el-o-win uh-tar-uh

Erix Ilaria, rei de Galakin: eh-rix ih-lar-e-uh

Esmeralla: es-mer-alla

Evrin: ev-rin

Fallon Lilura, rei de Thirwen: fal-uhn lil-ur-a

Finnian Eira: fin-e-in ey-ra

Garrick Atarah: ga-rick uh-tar-uh

Grifo: barbatana-de-grifo

Hale Warthorne, príncipe de Urasos: salve War-thorne

Jacinto: jacinto

Isira, rainha de Imirath: isir-a

Jarek: jar-ek

Killian: kill-lian

Koa: koh-uh

Lethia Warthorne, princesa de Urasos: lee-thia war-thorne

Lycidias Duskbane, rei de Feynadra: ly-cid-ias dusk-bane

Lico: ly-cus

Nasha Duskbane, rainha de Feynadra: nah-sha dusk-bane

Nessa: nes-sa

Nykeem: ny-keem

Nyrinn: ny-rinn

Ophir: oh-fer

Rhys Froydin: Reese Froy-Din

Ruella Liluria, ex-rainha de Thirwen: ru-ella lil-ur-a

Ryder Neredras: ry-der ne-re-dras

Saskia Neredras: sas-kia ne-re-dras

Sillas, senhor da Casa Baelyn: sil-las bae-lyn

Valia Dasterian, ex-rainha de Vareveth: va-lia das-ter-e-in

Xantheus, senhor da Casa Baelyn: xan-theus bae-lyn

Zale Ilaria, príncipe de Galakin: zale ih-lar-e-uh

Zander: zan-der

DRAGÕES

Em ordem do maior para o menor:

Basílio: ba-sil-ius

- espectro do trovão, masculino, lavanda com olhos lavanda

Delmira: del-mira

- sky-strike, fêmea, azul-celeste com manchas amarelas, olhos azuis

Sorin: sor-em

- deathclaw, macho, verde esmeralda com asas e chifres de ponta preta, olhos verdes

Venatrix: ven-a-trix

- bloodfury, feminina, carmesim com manchas rosa e douradas, olhos vermelhos

Caliteia: cal-iteia

- devoradora de estrelas, fêmea, prateada com olhos prateados e asas com pontas brancas

RAVARIANO

Adi: adi

Amito evidani: am-ito evi-dani

Ardama: ard-ama

Essa: eh-ssa

Nunti: nun-ti

Ravariano: ra-var-iano

Sirantia: sir-an-tia

Senhor: senhor-se

Sosta: sos-ta

Tasuri: ta-suri

Tese: te-se

Ulessi: ul-essi

Veantia: vean-tia

COMANDOS DO DRAGÃO

Veta: vè-ta

- Definição: ataque

Solka: sol-ka

- Definição: voar

Zayèra: zay-e-ra

- Definição: fogo de dragão

Lotas: lo-tas

- Definição: obedecer

Ândula: an-dula

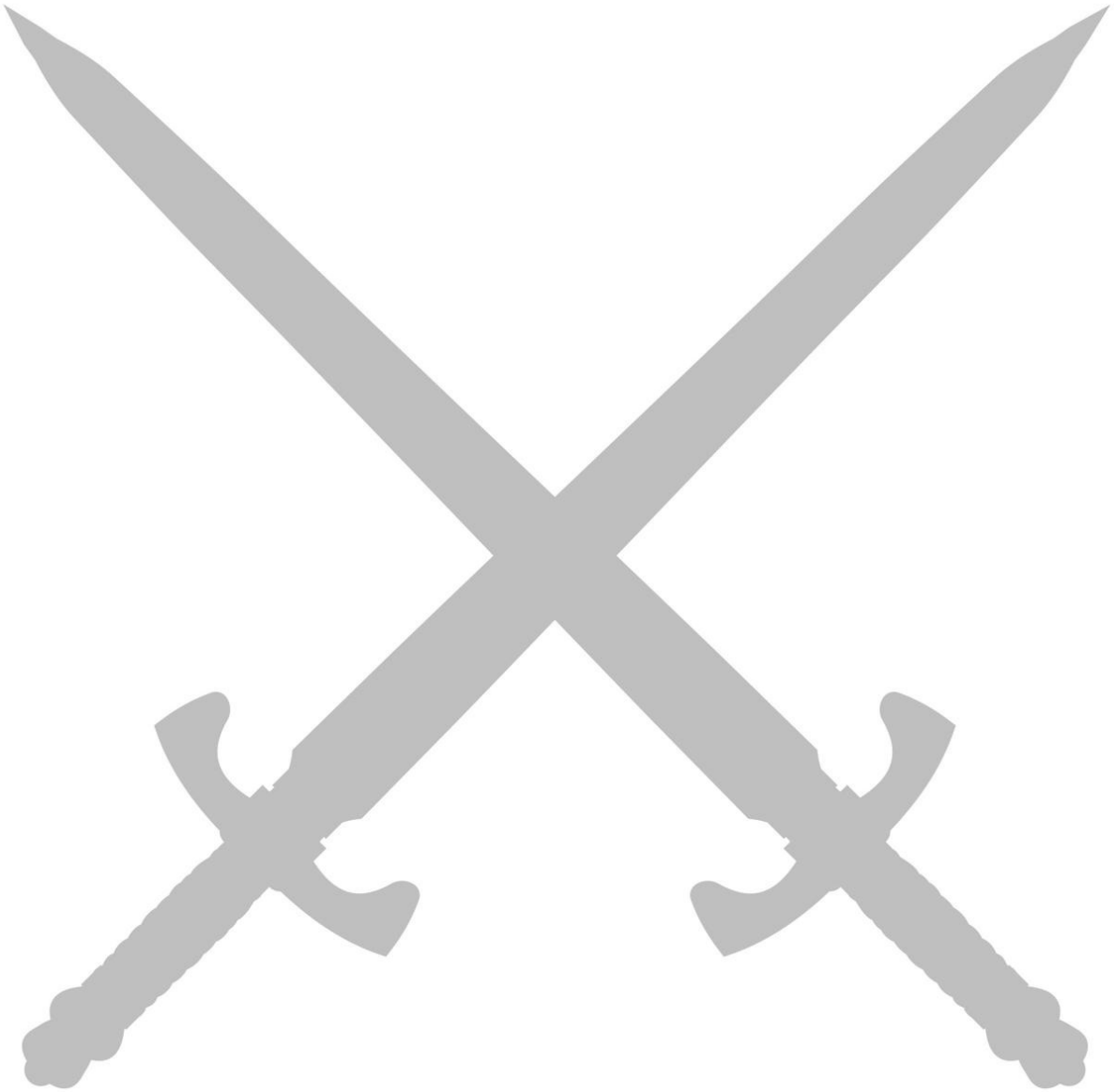
- Definição: mais rápido

Parte I

O Peso da Coroa

Capítulo
UM

Cayden



A NOITE ESTÁ QUASE SE RENDENDO

O amanhecer chega quando consigo voltar ao castelo e desmontar do cavalo.

O frio que cobre os paralelepípedos penetra pelas solas das minhas botas, e o vento belisca a pele rachada e rachada dos meus dedos. Seguro as rédeas de Koa

com uma das mãos e levo a outra à boca para arrancar uma lasca com os dentes.
Dois cavalariços começam a correr em minha direção, mas eu os dispenso com um gesto. A rápida dispensa do homem que estavam ajudando parece irritá-lo ainda mais, a julgar pela rigidez de seus ombros. É melhor que eu tenha mais tarefas para cumprir; se eu ficar parado, sei que vou acabar onde não deveria.
Abro a porta e levo Koa para sua baia, que cheira a feno fresco, antes de soltar sua sela e pegar uma escova para afagar sua pelagem brilhante. Ele bufa impacientemente enquanto bate os cascos dianteiros.
"Você não passa de uma criança mimada", digo enquanto saio da baia para carregar um barril de aveia fresca para dentro. Ele cutuca meu ombro com o focinho antes de mergulhar em seu café da manhã. Continuo a escová-lo enquanto ouço, meio que, as ordens irritadas ecoando lá fora. O homem provavelmente é um lorde leal a Eagor, mas certamente é um babaca. Eles começaram a desocupar o castelo na noite em que derrotei Eagor, mas outra onda se seguiu depois que Elowen montou seus dragões. A Casa Dasterian governou Vareveth por séculos, mas Eagor nunca gerou um herdeiro para desafiar minha reivindicação.
Depois de cuidar de Koa, deixo-o descansar, acenando para os guardas na entrada dos estábulos. Consigo manter o sorriso irônico longe do rosto enquanto desvio de uma carruagem grande e vistosa, cercada por vários baús. Há tantos enfeites de ouro nela que, se eu ainda vivesse nas ruas, serviria de farol para minhas mãos ladras.
Sua voz continua ecoando pelos muros de pedra que cercam a praça, todos cercados por videiras cobertas de gelo. Estandartes com o símbolo da Casa Veles pendem de cada lado da entrada, combinando com o que embeleza o portão, e tudo o que Elowen fez em tão pouco tempo a faz parecer uma noiva ansiosa. A amargura me invade ao saber que ela cumpre suas tarefas para manter nossas aparências.
A única coisa que Elowen me pediu depois que a carreguei para fora daquele salão de banquetes foi espaço, e eu não podia ficar em nossos malditos aposentos sabendo que ela estava mais longe de mim do que jamais estivera quando a procurei. O silêncio envolveu o salão como uma praga, e, no entanto, é exatamente para lá que meus instintos me impelem a ir, por mais doloroso que seja vê-la se retirar.
Meu maxilar se fecha quando olho para a torre mais alta em volta da qual Venatrix e Sorin fazem uma curva, com o luar desbotado pintando suas escamas.
"Assassino!" o homem grita atrás de mim, e parece que todos os guardas prendem a respiração enquanto esperam minha reação.
Olho lentamente por cima do ombro, observando o homem baixo e corpulento com um casaco bordado mais detestável do que seu meio de transporte. "Se quiser discutir uma das minhas mortes, especifique qual. Cadáveres são adicionados à minha lista a cada dia." Quando esses homens falam, muitas vezes me pergunto se se consideram inteligentes por declararem conhecimento de causa em voz alta ou corajosos por me insultarem em público. É preciso adentrar a escuridão eventualmente, e o que os espera é inteiramente determinado por suas ações e pelo que eu tenho a ganhar.
Dois guardas dão um passo à frente, mas eu levanto a mão para detê-los

abordagem. Um senhor que sabe segurar seu vinho melhor do que uma espada não é uma ameaça para mim, e ele é mais útil para mim vivo... por enquanto.
"Eagor Dasterian era o legítimo rei de Vareveth. Você não passa de um usurpador."
"Você está convidado a me desafiar."
"Você nunca deveria tê -*lo desafiado* !", ele ferve, com as bochechas corando. "Uma cadela gerada pelo nosso inimigo abriu as pernas para você e você—"
Ele engole a saliva, arregalando os olhos quando giro nos calcanhares enquanto o mundo desaparece, e me concentro no meu alvo. Envolvo meus dedos na carne úmida de sua garganta e o jogo contra a carruagem com força suficiente para amordaçá-lo e empurrar a monstruosidade. Uma mulher grita lá dentro, mas não sai para investigar. A veia em sua testa salta quando aperto meu aperto, e inclino a cabeça como um predador, inalando seu medo.
"Sou um dos oito senhores de Vareveth!", ele diz, engasgado, agarrando minha mão. "Você não pode me matar!"
"Não superestime seu valor. Houve um rei e isso não me impediu." Inclino-me para enfatizar nossa enorme diferença de altura. "Insulte minha mulher novamente e eu arranco sua língua. Não vou te matar imediatamente porque não consigo torturar um cadáver, mas farei você implorar pela morte antes de lhe conceder a misericórdia."
“Você está jogando um jogo perigoso, Alteza.”
O título honorífico é um desperdício para mim.
"Eu não estou jogando o seu jogo. Você está jogando o meu."
Solto a mão e deslizo para o bolso enquanto ele se curva, respirando fundo como se tivesse corrido quilômetros. "Volte correndo para sua propriedade. Se ainda estiver organizando seus baús ao meio-dia, minha paciência terá acabado, e como você vai transmitir meu aviso aos outros lordes?"
Suas botas engraxadas escorregam no degrau enquanto ele entra na carruagem, ainda respirando fundo, e eu me viro quando ele bate a porta atrás de si. Pego seu nome com um dos guardas na entrada antes de entrar.
Lorde Xantheus da Casa Baelyn.
O apoio da nobreza é importante para a prosperidade do reino, considerando que suas terras fornecem a maior parte dos nossos alimentos e criam empregos para o povo, mas eles não se esquecerão de me temer como nunca temeram Eagor. O antigo rei de Vareveth deixou os nobres cravarem suas garras nele e o guiarem para onde quisessem. Eles não o apoiaram por lealdade, mas pelo mesmo motivo que eu — ele era maleável. Estavam todos empoleirados em seus ombros, sussurrando em seus ouvidos, e me odeiam porque eu estava acima de todos eles, controlando fios de marionetes que eles nem sabiam que estavam presos.
O castelo é banhado por tons de crepúsculo em vez do verde-esmeralda e dourado da Casa Dasterian, com seu amplo símbolo de carvalho. Tetos altos e abobadados foram pintados para imitar o céu noturno, e dragões estão esculpidos nos arcos de pedra que revestem os corredores. Cortinas azul-escuras e douradas adornam janelas e alcovas, salas de estar foram estofadas novamente e até os menores detalhes atendem ao nosso reinado. Apesar da hora matinal, vidraceiros sobem escadas para criar mosaicos de vitrais que refletem as cores de Veles: azul-escuro, dourado e preto.

Os Dasterianos eram uma longa linhagem de reis guerreiros, alguns dos quais empunhavam magia da terra, conquistando assim seu símbolo. Eagor foi o primeiro a proibir a magia nessas terras, outrora abundantes em detentores da terra e que aceitavam magos que se aprofundavam na magia das almas e na magia negra. Agora, os magos da terra buscam refúgio no culto da terra que percorre terras divinas, ou em Urasos, embora a maioria da população os despreze. Quanto mais os deuses dormem, mais voláteis as pessoas se tornam e mais crimes cometem contra os magos.
Dobro a esquina e desacelero o passo ao passar pela entrada da sala do trono. De cada lado da porta, ergue-se uma enorme estátua de um dragão com uma asa aberta e uma espada presa em suas garras, que se cruzam acima da passarela. Dou um passo à frente e aperto o tecido aveludado azul-meia-noite que ondula ao lado dos dragões, e o orgulho cresce em meu peito. Cinco dragões negros, todos voltados para a mesma direção com uma asa levantada, estão costurados em um círculo, quase como uma roda, atrás de um par de espadas douradas cruzadas. As cores dos olhos dos dragões são uma homenagem aos dragões de Elowen: vermelho, azul, verde, prata e... Lavanda. Não importa quem venha depois de nós, eles conhecerão os fundadores da Casa Veles. A rainha que trouxe os dragões de volta ao mundo e o rei que conquistou um reino para tê-la.
Continuo subindo vários lances de escada curva e puxo o capuz da minha capa para baixo enquanto bato os nós dos dedos na porta de Ryder antes de abri-la, já que consigo ouvi-lo e Saskia discutindo através da madeira. De fato, Saskia está pronta para o dia, como sempre está ao amanhecer, e ajudando Ryder a curar o ferimento na barriga que ele fez enquanto me ajudava a derrubar a coroa. Ele resmunga um palavrão em sua caneca enquanto Saskia aperta os envoltórios, abrindo os olhos semicerrados apenas quando percebe minha presença.
"Presumo que você não estava aquecendo o leito nupcial ontem à noite", ele diz, olhando para minhas botas enlameadas, armas e proteção de couro preto no peito sobre minha túnica combinando.
“Presumo que você nunca estará aquecendo uma cama de noivado.”
Ele murmura algo ininteligível em sua xícara novamente antes que as habilidades de cura de Saskia o façam estremecer. "Presumo que você tenha cavalgado até a fronteira para verificar a segurança do reino. Algum problema?"
"Nenhum. Eagor nunca se importou com envolvimento militar, então sua morte não afeta os soldados." Caminho em direção à janela e sinto a tensão nos meus ombros se dissipar ao notar os três dragões restantes à beira do lago. Calithea descansa na margem ao lado de Basilius, que é tão grande que a faz parecer um filhote, mas Delmira abre as asas e desliza as garras pela água. "Você nunca protege a sua esquerda."
"Um dia eu aprendo", responde Ryder com um sorriso na voz. "Você não deveria cavalgar até a fronteira sem mim. O reino é volátil. Os nobres estão fugindo do castelo desde que Elowen montou seus dragões ontem."
"Sim, você está em ótimas condições para lutar caso alguém ataque Cayden na estrada", murmura Saskia.
"Eu ficaria se suas habilidades de cura fossem melhores. Eu teria perguntado a Elowen se ela não estivesse se preparando para o dia." Ryder sorri quando o olhar furioso de Saskia se intensifica.

Pigarreio e sento em uma cadeira do outro lado da mesa de centro. "Você a viu?"
O olhar de Saskia desliza para mim, mas rapidamente se torna mais contemplativo, fazendo-me sentir como uma das letras codificadas que ela anseia decifrar. Acho que sempre a irritou o fato de nunca ter conseguido me ler tão bem quanto lê outras pessoas. Ela termina de enfaixar Ryder, fazendo-o estremecer novamente. "Só brevemente. Ela veio aos meus aposentos há uma hora e perguntou se eu a acompanharia até Verendus hoje."
“Como ela estava?”
Saskia pega uma pequena tigela de frutas da bandeja antes de se recostar no sofá. "Ela parecia ótima."
Ela não dormiu. Ela não está bem. O tio a traiu, e mesmo que ela queira fingir que a morte dele não a perturba, eu sei que a perturba. Ela queria a aprovação e o amor dele, e ele nunca lhe concedeu nenhum. Ela estava constantemente estendendo a mão e a deixava lá, com sangue se acumulando na palma, enquanto o homem que deveria amá-la a odiava. Quando a carreguei para fora daquele salão de banquetes coberta de sangue, ela parecia arrasada.
"Espero conseguir planejar o casamento enquanto estivermos fora. Você precisa consolidar sua reivindicação ao trono o mais rápido possível."
"Dê um tempo a ela", afirmo. "Só tire ela deste castelo."
Os olhos de Saskia suavizam um pouco, mas ela permanece em silêncio. Eu a teria tirado do castelo depois que ela disse boa noite aos seus dragões, mas seus olhos se encheram de dor assim que ela pousou na grama e me viu esperando por ela. Ela alçou voo após a cerimônia do dragão e só desceu quando estava com tanto frio que mal conseguia andar. Ela quer um tempo longe de mim e, embora isso vá contra meus instintos, estou tentando respeitar isso. Mas não posso ficar sentada assistindo enquanto ela se tortura dentro dos limites de sua mente. Ela internaliza toda a dor ao seu redor, tentando tirá-la de todos enquanto ignora a sua própria enquanto a faca se contorce em seu coração. Ela quer proteger todos os outros, e tudo o que eu quero proteger é ela.
Ryder enche uma xícara de café até a metade antes de pegar uma garrafa de uísque da prateleira debaixo da mesa e completando. "Parece que você precisa disso."
Noto a etiqueta pintada com chamas negras. "Você tirou isso da minha reserva?"
Ele dá de ombros. "Você importa o que é bom."
Pego a xícara dele, anotando mentalmente para recolocar a fechadura. Os olhos de Saskia ainda queimam em meu rosto, então gesticulo para que ela expresse qualquer pensamento que esteja me ocorrendo. "Vamos acabar logo com isso."
"Você está apaixonado por ela...", ela afirma suavemente. "E isso está te matando."
"Que se dane, Sas", resmunga Ryder. "Pelo menos deixe o cara terminar a bebida antes de começar a analisá-lo."
Amor.
O amor se apega a uma pessoa e a esgota até que ela não tenha mais nada para dar. Ele reinventa alguém e a torna irreconhecível. Uma das muitas falhas da natureza humana é considerar o coração como algo mais do que um órgão que bombeia sangue. Vivi uma vida de batalhas intermináveis, sempre precisando estar de armas em punho contra ameaças na minha frente e nas minhas costas.

Não há espaço para o amor. É uma fraqueza que eu nunca poderia ter e nunca quis.
E, no entanto, quando penso em Elowen, o fogo que ardia dentro de mim desde que me lembro se acalma. Sua presença é um momento de paz em uma vida inteira de dor. O que sinto por ela desafia a lógica pela qual vivi. Não gosto de chamar isso de amor; parece uma palavra muito mundana e hipócrita. Homens dizem que amam suas esposas, mas deslizam a mão adornada com uma aliança sobre a pele de outro. Elowen está presa à minha alma de uma forma inquebrável. Eu faria qualquer coisa por ela, mas ela nunca me pareceu uma fraqueza. É verdade que, se alguém quiser me machucar, a terá como alvo, mas a existência de Elowen me torna mais implacável do que jamais fui, para garantir que ela nunca seja tirada de mim.
Ela é o veneno que eu levaria de bom grado aos meus lábios sem um antídoto à vista, e me forçaria a sobreviver, sabendo que a morte não me ofereceria nenhum alívio se me separasse dela.
Ignoro a observação de Saskia. Não sei o que é amor, mas O que eu sinto por Elowen Atarah é algo desconhecido neste mundo. "Vou servir como guarda dela hoje."
"Teremos Finnian, Braxton e cinco dragões que nunca estão muito longe dela", suspira Saskia. "Deixe-me tentar falar com ela. Ela não conseguirá pensar com tanta clareza se você estiver lá. As pessoas não conseguem processar a dor quando estão cercadas por ela."
Não é bom o suficiente está na ponta da minha língua, mas afogo as palavras em uísque. "Se alguma coisa acontecer com ela..."
“Estaremos todos em guarda.”
Eu estalo a tensão no meu pescoço. "Você tem o dia, mas ela é minha esta noite. Certifique-se de que Finnian saiba disso também."

Capítulo
DOIS

Elowen

Sagora sopra no inverno
vento e esvoaça até o chão, fazendo as ruas de paralelepípedos se assemelharem aos doces polvilhados com açúcar atrás do balcão. Seu aroma paira pesado na Lemon Drop Bakery enquanto a lareira me faz esquecer o frio do outro lado da janela. Assim como da última vez que estivemos aqui, pãezinhos-de-mel, tortas de frutas e bolos com mais camadas do que eu

imaginava serem possíveis estão lindamente expostos. Adicionei alguns potes de geleia à minha cesta e também pedirei um pãozinho fresco para levar comigo assim que estiver pronto.
"Você tem alguma paleta de cores em mente?", pergunta Saskia, desviando meu olhar da cordilheira ao longe.
"Para…?"
“O casamento.”
"Usaremos as cores da casa." Forço uma risada. "Acho que essa é a vantagem de escolhê-las você mesmo. Ninguém escolheria cores que não as complementassem."
Depois da cerimônia do dragão, passei várias horas decidindo o design do símbolo da Casa Veles, as cores da casa e a redecoração do castelo. Todos me olhavam como se eu precisasse descansar, mas eu não conseguia. Tarefas me distraíam de todas as coisas em que não queria pensar. Toda vez que eu tentava dormir, via a carne carbonizada de Ailliard e podia jurar que sentia o cheiro.
Uma pequena parte de mim debateu a escolha de uma flor como nosso sigilo e tornando as cores da casa rosa e roxo, mas os sigilos são uma forma de mostrar ao mundo quem somos. Vareveth é o reino da rainha dragão e do rei demônio, e nossos estandartes devem refletir isso.
Sou poupada de falar mais sobre o casamento quando a aprendiz de padeiro se aproxima, carregando uma bandeja de três andares em cada mão. "Alteza." Ela faz uma reverência após colocá-los na mesa e me oferece um sorriso tímido. "Todos os nossos sabores estão aqui, como você pediu, mas, por favor, nos avise se precisar de mais alguma coisa."
Tento acalmá-la retribuindo o sorriso. "Obrigada. Tenho certeza de que isso será mais do que suficiente."
Ela acena com entusiasmo, olhando por cima do ombro enquanto corre de volta para a cozinha. Isso chama minha atenção para o balcão e meu coração aperta no peito. A lembrança de Cayden colocando uma flor atrás da minha orelha me vem à mente com tanta intensidade que levo o bolo de lavanda ao nariz para acalmar uma dor de cabeça que se forma.
"O que foi isso?", pergunta Finnian. "Não sabia que sua presença podia causar tanta vertigem."
"Elowen pediu uma degustação de bolos. Provavelmente acham que ela está aqui para provar os sabores para o casamento dela", responde Saskia por mim enquanto toma seu chá. "Não é por isso que estamos aqui?"
"Não." Pego um pequeno retângulo de bolo de chocolate amargo com recheio de framboesa e levo o dedo à boca para lamber um pouco da cobertura rosa-escura. "Estamos aqui para realizar meus desejos. Bolos de aniversário para os dragões."
Meus dois companheiros trocam um olhar perplexo antes de Finnian se virar para mim e pousar a mão no meu ombro. Ele fala comigo lentamente: "Querida, eles comem animais vivos. Eles não precisam de bolos de aniversário."
“Todos eles adoram doces.”
“Fang”, murmura Saskia.
"E além disso", continua Finnian, "vocês não fazem aniversário no mesmo dia? Isso só acontece daqui a algumas semanas."
“Estou recuperando o tempo perdido.” Termino o bolo de chocolate e gesticulo

para Saskia anotar aquele sabor em seu caderno antes de colocar dois bolos no prato de Finnian e pegar o de mirtilo para eu mesmo. “Diga-me se você gosta mais de limão ou de laranja.”
A perplexidade de Finnian é substituída por entusiasmo. Ele está acostumado a concordar com minhas ideias absurdas; tivemos praticamente uma vida inteira delas. Ele enfia o bolo de limão na boca e geme enquanto concorda. Faço sinal de positivo para Saskia para adicioná-lo à lista de sabores aprovados enquanto entrego um pouco de chá para Finnian para que ele não morra engasgado. Ela revira os olhos, mas a forma como seus lábios se curvam para um lado revela suas verdadeiras emoções.
"O limão, com certeza, mas não a laranja." Finnian olha para seu bolo meio comido com uma carranca.
"Interessante. Achei que você preferiria o laranja, considerando a cor do seu cabelo."
Ele franze a testa. "Isso não faz efeito no paladar."
“Meu cabelo é quase preto, e meu favorito era o chocolate amargo.”
Ele estala os dedos. "Você tem razão."
"Não, ela não quer", interrompe Saskia, hesitando por um instante antes de estender a mão sobre a mesa para segurar a minha. "Você não precisa esconder sua dor de nós. Pode nos contar o que se passa na sua cabeça."
Dois pares de olhos me perseguem, e sinto como se estivesse a bordo de um navio, sendo julgada por loucura, com pesos amarrados nos tornozelos. Forço outro sorriso, garantindo que este seja melhor do que todos os outros que dei hoje, e embora meu corpo se rebele, viro a mão para apertar a de Saskia. "Reencontrei meus dragões, o que é mais do que eu poderia esperar em uma vida inteira, e estou prometida ao inimigo do meu pai. Estou bem, Sas. Eu prometo. Além disso, nunca tive um dia ruim que não pudesse ser melhorado por um doce."
Ela me observa por mais alguns segundos em silêncio. "Tem certeza?"
Deslizo a outra mão por baixo da mesa e cravo as unhas na palma, sem desviar o olhar para o corte na garganta de Finnian, causado por um soldado de Imirath que conspirou com Ailliard. Ailliard conhecia Finnian desde que ele era órfão e o viu crescer ao meu lado, e mesmo assim o entregou ao meu inimigo. Ele me conhecia bem o suficiente para saber que sempre trocarei minha vida pela de Finnian. Mesmo que ele não tivesse conspirado para me devolver a Garrick, eu o teria matado por ter machucado Finnian.
Eu poderia tê-lo perdido. A culpa me persegue como serpentes. Envolvendo meus pulmões e me estrangulando por dentro. Finnian não estaria aqui se não fosse por mim. Ele precisa de uma manhã livre de conflitos e repleta de tranquilidade, e embora a máscara que coloquei sobre minhas emoções fique mais pesada a cada segundo, esconderei minha dor para vê-lo feliz.
Haverá um momento para me vingar, mas não hoje. Além de cuidar de Finnian, eu queria vir hoje para mostrar ao mundo que Eagor, Ailliard e Garrick falharam. Não me encolherei na escuridão quando posso ser envolto em luz criada pelo fogo do dragão. O povo precisa ver seus governantes serenos e despreocupados para acalmar qualquer ansiedade em relação à nossa ascensão ao poder. Tive uma vida inteira para aprender a viver sem revelar minhas verdadeiras emoções.

A chave para esconder a dor e a raiva é nunca viver um dia sem elas.
"Tenho certeza." Tiro minha mão da dela quando um borrão de movimento no canto da janela saliente me chama a atenção. Abro a cortina rosa entreaberta e encontro um mensageiro real entregando uma carta a Braxton. A Lemon Drop Bakery tem uma entrada e, além de nós e os funcionários, ninguém tem permissão para entrar.
Finnian atravessa o mar de mesas cobertas de renda para recuperar a carta, mantendo uma das mãos no cabo da espada enquanto abre a porta, deixando entrar uma rajada de ar invernal que corta a rua estreita como uma lâmina. Ele deixa o pergaminho cair na minha frente e eu engulo em seco ao notar meu nome rabiscado pela letra de Cayden. Apesar da vontade de jogá-lo no fogo, abro o selo ansiosamente e desdobro a carta como a noiva corada que o reino deve acreditar que eu sou. Manipulação é tão útil quanto batalhas quando se trata de guerra. Batalhas ajudam você a ganhar território e enfraquecer seus inimigos, mas a manipulação permite que você crave suas garras na mente de alguém e controle a perspectiva de um estranho, e *isso* é algo poderoso. Mostre às pessoas apenas o que você quer que elas pensem, nunca como você realmente se sente.
"É um endereço em algum lugar em Ladislava." Não diz mais nada, e escolho ignorar a decepção que me atinge. Pedi espaço. Ele está me dando. É disso que preciso. Não quero vê-lo.
Mas mesmo quando repito as palavras na minha cabeça, elas soam como uma mentira.
"Posso?", pergunta Saskia, e eu lhe entrego a carta. Ela pisca lentamente antes que a clareza a inunde e ela lambe os lábios para esconder o sorriso crescente. "Braxton pode facilmente levá-la até lá. Infelizmente, preciso voltar para o castelo."
"Me dê uma dica."
"Não."
“É uma loja?”
“Se fosse uma loja eu iria com você.”
Reviro os olhos e me levanto enquanto enfio os braços no casaco, impelida pela curiosidade. A silhueta me lembra um anjo de neve com suas saias rodadas e mangas sino; felizmente, a faixa em volta da minha cintura lhe dá alguma definição e o forro de pele no interior me mantém aquecida. Delicados dragões dourados são bordados na frente e circundam a bainha e os punhos.
Pago pelos bolos e ofereço um pouco mais para cobrir o custo de fechar a loja antes de ir embora. Meus dragões gritam quando me veem na rua, e aceno para Basilius, que está mais perto de mim, antes de entregar minha carta ao cocheiro, já que ele me levará aonde eu preciso ir. Eu montaria meus dragões, mas não quero deixar Saskia e Finnian, considerando que planejei nosso passeio e os hematomas nas minhas costelas estão me incomodando hoje.
Percorremos ruas sinuosas ladeadas por lojas pitorescas, cafés e vários rios gelados que cortam o reino. Postes de lanternas, que antes eram moldados para parecer galhos de árvores retorcidos, agora retratam dragões cuspindo fogo em ambos os lados do mastro dourado. Finnian apoia a cabeça no meu ombro e fecha os olhos enquanto o trote constante dos cavalos e seu estômago cheio o embalam para dormir. Finjo não notar Saskia me analisando do outro lado da

carruagem enquanto atravessamos uma ponte em arco que nos leva ao círculo em frente ao castelo, e o som de picaretas batendo na pedra desperta Finnian. Espio pela janela para ver no que os artistas estão trabalhando, mas é muito cedo para dizer. Deve ser algo encomendado por Cayden.
“Vou manter Braxton comigo, mas você deve descansar”, digo a ele.
"Tem certeza?" Finnian pergunta entre um bocejo.
“Cayden solicitou a presença dela esta noite, então imagino que ele a encontrará em breve”, diz Saskia.
Meu coração dispara no peito, e aperto o banco embaixo de mim com mais força. "Vai", insisto com uma facilidade que não sinto.
Ele acena com a cabeça enquanto passa o braço em volta dos meus ombros antes de sair da carruagem e oferecer a mão a Saskia. Ela para para me olhar. "Estou aqui se precisar de alguma coisa."
"Obrigada, Sas." Mantenho o sorriso no rosto até a porta se fechar, deixando-o desaparecer quando estou sozinha e a carruagem recomeça a se mover. Se ao menos fosse tão fácil me enganar. Mantenho as cortinas fechadas para poder admirar a floresta que se estende entre Verendus e Ladislava, observando uma manada de veados beber água de um riacho meio congelado antes que as sombras dos meus dragões os alcancem e eles corram para se abrigar.
Atravessamos para Ladislava, e eu me afasto da janela até a carruagem virar para uma rua com uma placa que diz " HEALER'S ROW". Várias casas de pedra, iluminadas por uma luz suave, capturam minha atenção e me fazem pensar em Nyrinn. Imagino se ela já ouviu a notícia da traição de Ailliard. Ouço o cavalo de Braxton parar atrás da carruagem, e suas botas chapinharem na neve enquanto ele se aproxima.
“Minha rainha”, ele diz enquanto abre a porta e me oferece a mão para descer.
"Obrigado, general." O curto portão de ferro range quando ele o destranca e me segue pelo caminho que leva à casa que corresponde ao endereço que Cayden me deu. "Gostaria de entrar?"
"Não, obrigado, Majestade. Ficarei de guarda na sua varanda." Ele gesticula para a chaminé de ferro fundido aninhada no canto. "Farei uma fogueira e ficarei mais satisfeito aqui do que na fronteira vigiando soldados como se fossem crianças."
“Vou deixá-la destrancada caso você mude de ideia.”
Ele acena com a cabeça enquanto giro a maçaneta e entro, pressionando as costas contra a porta e soltando um suspiro de alívio com o silêncio. Desabotoando rapidamente a faixa em volta da minha cintura, deslizo o casaco pelos ombros e acaricio os hematomas latejantes nas minhas costelas. Meus olhos se fecham com força. e pressiono meus lábios para manter todos os sons de dor presos dentro deles.
Cayden deve ter acabado de chegar, porque uma fogueira com lenha fresca arde na lareira. Além disso, sinto sua presença como uma alma com negócios inacabados, vagando por um cemitério. Não consigo evitar atravessar a sala e abrir a primeira porta, que leva a um pequeno armário de armazenamento, e a segunda, que leva a um banheiro.
Foi isso que eu pedi.
Espaço é o que preciso para organizar minha mente.
É o que sempre me ajudou no passado.

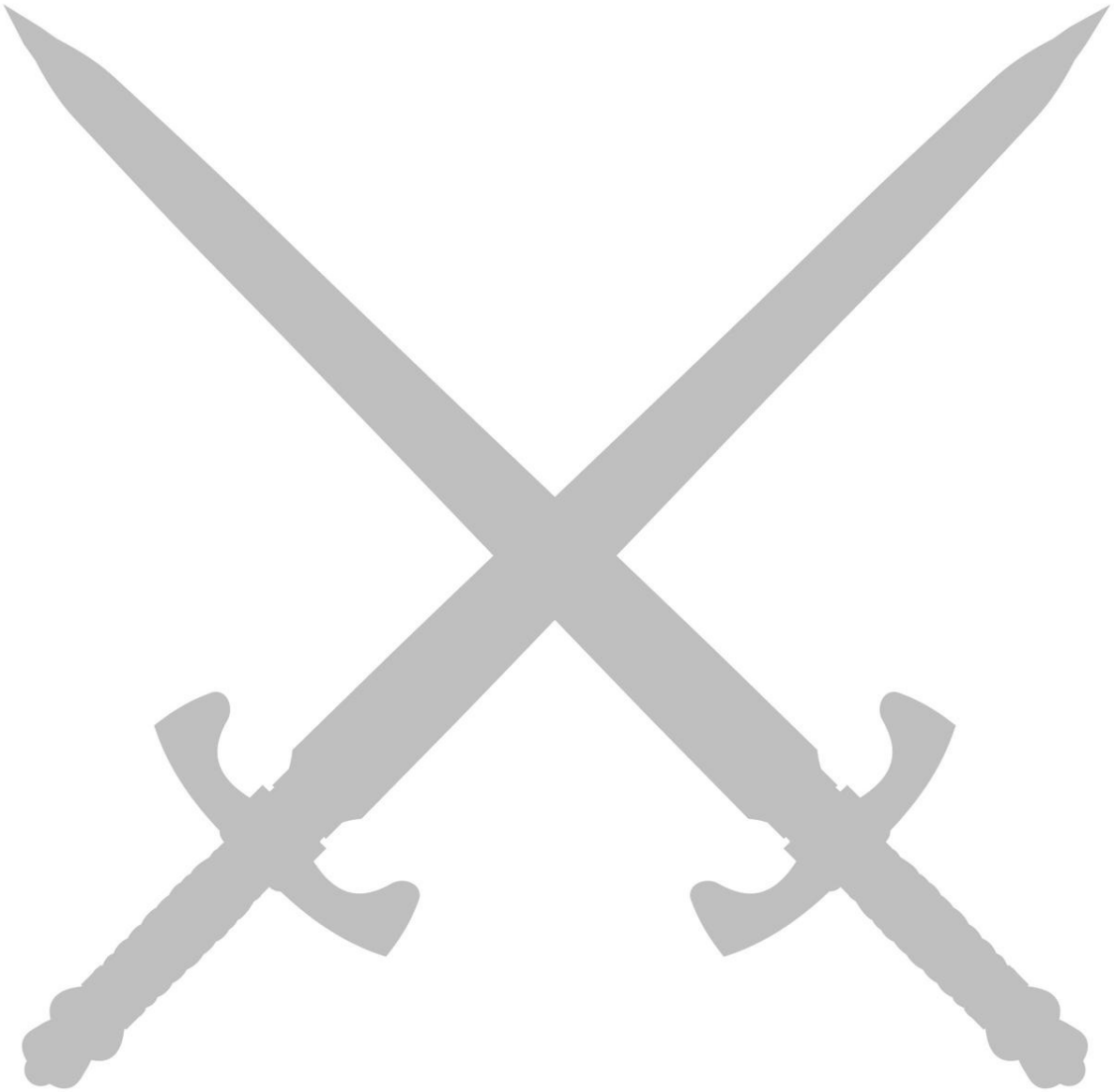
Dou um pulo e cubro a boca com as mãos quando um estrondo alto no teto faz vários potes alinhados nas prateleiras chacoalharem, e aposto todo o meu dinheiro que é o Sorin empoleirado lá em cima. Às vezes, acho que ele se acha tão pequeno quanto era quando empoleirou no meu ombro.
Vigas de madeira escura revestem o teto e as paredes, com papel de parede amarelo-claro entre elas. Há uma longa escrivaninha com frascos vazios de tônicos, um livro em branco e uma pena, e um pilão e almofariz em frente aos potes de ervas que Sorin quase mandou para a ruína. Um pequeno sofá e uma cadeira, tão macios quanto nuvens, repousam perto da lareira de pedra, com uma mesa coberta com alguns livros e um conjunto de chá que percebo ainda quente quando pressiono a mão contra a porcelana.
Meu coração está na garganta enquanto afundo no sofá e pego a carta da bandeja de chá. A tinta ainda está úmida e borro o nome de Cayden com o dedo.

Anjo,
Apesar de a casa estar localizada na Rua dos Curandeiros, você não precisa abrir as portas para ninguém até estar pronto. Você pode usar este lugar como um refúgio se não quiser ir ao castelo ou à Mansão Veles. Compilei alguns livros sobre dragões que acredito que você achará interessantes e trouxe sua leitura atual do castelo.
Aproveite o silêncio. Vejo você mais tarde.
Sempre seu,
Cayden

Deito-me e enrolo as pernas no sofá enquanto aperto a carta contra o peito e olho para as chamas. O aroma de lavanda, pinho e alecrim me acalma e, tendo apenas a mim mesma como companhia, deixo cair a fachada. Às vezes, finjo ser algo que não sou por tanto tempo que acho que serei capaz de me tornar essa versão de mim mesma, mas, por mais que eu tente, não consigo simplesmente me forçar a ficar bem. Não quero me machucar, mas me machuco, e odeio isso.
Às vezes sinto que estou me afogando, mas não sei de onde vem a água e não sei como fazê-la parar.

Capítulo
TRÊS

Cayden



EU PUXE MEU PUNHO PARA TRÁS E
Bater na cara do meu oponente, observando-o cair no chão. A dor familiar nos meus dedos não faz nada para subjugar a frustração que queima dentro de mim, e mesmo quando o gongo toca e a multidão ruge, estou

entorpecido. O pedaço inútil de carne permanece no chão coberto de suor e sangue enquanto as pessoas gritam para ele se levantar.
"A Víbora venceu!" declara o locutor, e eu levanto meu punho envolto no ar antes que ele tenha a chance de me tocar.
“Me dá outro.”
Pelo canto do olho, observo Ryder importunando a multidão para manipular suas apostas, convencendo alguns a se oporem a mim. É nossa rotina há anos e aumenta consideravelmente nossos ganhos. Ninguém me reconhece. Se reconhecessem, nosso esquema jamais funcionaria. O tônico que tomei me deixaria sonolento pra caramba em poucas horas, mas esconde as cicatrizes que cobrem minha pele e a tatuagem nas minhas costelas. Ninguém se importava com quem eu era quando era mais jovem, apenas mais um criminoso cheio de cicatrizes tentando ganhar dinheiro com os punhos, mas tive que tomar precauções quando me tornei comandante.
Eu teria tomado o tônico em Imirath, mas não estar com a cabeça no lugar durante o assalto não era um risco que eu pudesse correr. Como na maior parte do meu tempo atrás das linhas inimigas, uma máscara preta cobre a parte inferior do meu rosto, e uma bandana combinando mantém meu cabelo para trás, além dos poucos fios suados. fios grudados na minha testa. Ryder toma as mesmas precauções, usando um chapéu para cobrir os cachos e uma máscara facial, o que não é incomum nas favelas de Verendus. Não é como se muitos soldados viessem tão longe em Verendus, e as pessoas que frequentam estabelecimentos como este passam os dias evitando alguém como o Comandante de Vareveth.
Gotas de suor escorrem pelo meu peito e giro o pescoço enquanto me movo pelo ringue inclinado e deformado enquanto o próximo homem se abaixa sob as cordas. Ele é mais robusto do que eu, mas não mais alto, e faz questão de animar a multidão. Agarro meu ombro machucado e o giro algumas vezes, sabendo que isso ajudará Ryder se a multidão achar que estou machucado.
"Lute!", grita o locutor acima da multidão enquanto o sino toca.
Eu bato os punhos e quico na ponta dos pés enquanto meu oponente ataca, desviando dele no último instante e enfiando meu cotovelo entre suas omoplatas. Ele cambaleia para a frente, se segurando nas cordas enquanto uma mistura de aplausos e vaias faz meus ouvidos zumbirem. Ele recupera o equilíbrio e rosna, deixando suas bochechas tão vermelhas quanto seu cabelo, e eu sorrio por trás da minha máscara. Ele ataca novamente, mas eu o deixo me encurralar no canto e bater seus punhos carnudos em minhas costelas. Os ossos doem por anos de abuso, mas eu me mantenho firme. Honestamente, nenhuma surra que eu levar neste ringue será pior do que as lamentações de Ryder se eu não fizer a minha parte, e há uma força poderosa dentro de mim que anseia pela dor, sabendo que machuquei a única pessoa que nunca quis machucar. Levo outro golpe enquanto penso nas lágrimas de Elowen enquanto eu tentava me desculpar, em sua dúvida, sua dor, sua raiva.
Ele muda de tática e ataca meu rosto, mas eu empurro meu antebraço para bloquear seu golpe e avançar. Meu oponente cambaleia para trás quando o acerto no estômago, mas um vislumbre de longos cachos escuros desvia minha atenção da luta. Minha cabeça normalmente se acalma sempre que entro no ringue ou entro em qualquer luta, mas não estou aqui mentalmente, apenas fisicamente.

Seu punho acerta o lado esquerdo do meu rosto e abre minha bochecha, fazendo com que o sangue vaze para dentro da minha máscara.
Eu rio, apesar da minha irritação crescente. "Muito bom."
Eu forço a calma sinistra que se instala em mim a cada luta a despertar. Embora seja o mais raro dos casos, sou grato por Elowen não estar aqui. Se ela estivesse em um lugar como este, eu certamente não estaria em nenhum outro lugar além de bem ao lado dela. Lutar é a única coisa em que sou bom; meu pai se certificou disso. Meus nós dos dedos latejam a cada golpe que acerto, abrindo e encharcando minhas bandagens, mas eu não paro. Continuo até que o homem cai no chão como uma árvore derrubada, com sangue escorrendo da boca, e bate o punho no chão em sinal de rendição.
A multidão irrompe novamente, mas não espero o locutor antes de me abaixar sob as cordas e pular da plataforma. Ryder já teve tempo suficiente para jogar seu jogo, e não é como se estivéssemos sem dinheiro como quando começamos esta charada. As pessoas praticamente pulam para fora do meu caminho para me deixar passar pela multidão enquanto correm para receber seus ganhos.
Comprei este prédio aos vinte anos, depois de passar anos trabalhando tanto como assassino quanto em um ringue como este. Embora eu continuasse com as duas atividades, precisava deste lugar para expandir meus negócios. Eu ainda era criança quando escapei do meu pai e cruzei a fronteira de Imirath para Vareveth. Fiquei perto da costa, e a umidade do ar tornava aquele um dos piores lugares para se estar sem um teto sobre a cabeça, mas parecia um refúgio comparado ao lugar para onde eu fugia.
Os prédios aninhados uns nos outros me protegiam do vento que soprava do mar, então havia uma pequena misericórdia. Meu primeiro trabalho foi descarregar carregamentos nas docas de Verendus, infestadas de crimes. Era fácil aprender a arte do contrabando e roubar contatos de livros-razão quando ninguém suspeitava que o órfão desengonçado tivesse segundas intenções. O salário era péssimo, mas o suficiente para me tirar das ruas e me colocar em um quarto, se é que a caixa acima de uma taverna que fedia a peixe poderia ser considerada assim.
Houve dias em que senti como se o ódio dentro de mim fosse um poço de piche pelo qual eu era forçado a caminhar, sabendo que um dia eu eventualmente desistiria da luta e o deixaria me dominar, e assim foi. O garoto que eu era se afogou naquele poço, e o demônio em que os cidadãos de Ravaryn acreditam em mim. para ser tirado dela. Emoções fortes costumam tornar as pessoas irracionais, mas eu empunho as minhas como uma lâmina, garantindo que qualquer um que se oponha a mim seja morto. Este mundo me tomou e me tomou até que eu não tivesse mais nada para dar, e a escuridão preencheu a casca de quem eu era.
As sombras que se agarram ao canto me escondem enquanto abro a porta escondida e deslizo para a escada que leva ao escritório que antes era meu quarto. Gritos, música e tilintar de copos penetram as paredes finas enquanto passo pelo andar principal que leva à taverna — a fachada para as apostas ilegais que acontecem lá embaixo. Pouquíssimos funcionários de confiança sabem que sou dono do Covil do Demônio, mas tomo medidas extras para garantir que meu anonimato seja mantido para a maioria.

Saskia queria investir em algo mais refinado, mas a língua solta quando há álcool envolvido, e eu não só precisava da fachada comercial, como também precisava de uma maneira de coletar todos os boatos que pudesse. Trabalhei como barman antes que meu rosto se tornasse reconhecível, enquanto ouvia qualquer murmúrio sobre a princesa dragão perdida do reino inimigo. Mas, além de Elowen, também havia informações a serem obtidas sobre os poderosos. Eu conhecia o fornecedor de Eagor, que lhe vendia o pó que ele adorava cheirar, e jogá-lo na cara dele durante o baile valeu a pena qualquer suspeita que pudesse ter criado.

"Deuses, eu adoro a adrenalina de uma vitória." A voz de Ryder sobe como vapor escada acima quando ele entra, e eu continuo meu caminho até o segundo andar. "O golpe que você levou no final foi perfeito, mas você realmente poderia ter realçado a dor que sentia."

Tiro a máscara e a guardo no bolso. "Se você acha que chorar vai nos ajudar, então fique à vontade para trocar de lugar comigo. Nós dois sabemos que você é mais adequado para chorar do que eu."

"Hilário", ele diz lentamente. "Primeiro, não tenho vergonha das minhas emoções. Nem todos nós somos perturbados pela noção de vulnerabilidade. Segundo, você nunca conseguiria lidar com a multidão como eu. Eles me adoram."

"Bem, estou feliz que alguém o faça."

Abro a porta que dá para um pequeno corredor e destranco meu escritório, um dos dois cômodos aqui em cima. O outro é o que Saskia e Ryder dividiam, o que foi um pesadelo que me fez debater em mais de uma ocasião, se eu os abandonasse. O quarto é iluminado por algumas lanternas e não há pertences pessoais. Todos os registros dos meus negócios são guardados em um cofre na Mansão Veles, mas para proteger a fachada caso alguém invada a casa, os registros da taverna organizada por Saskia são guardados em armários ao longo da parede.

Pego a caixa de cigarros da minha mesa antes de abrir as venezianas da única janela ali. O ar frio acaricia minha pele enquanto coloco um cigarro entre os lábios e outro atrás da orelha antes de riscar um fósforo e acendê-lo. Limpo o sangue da bochecha com um pano extra, dou uma tragada profunda e inclino a cabeça para trás para soprar a fumaça. Há uma ironia doentia em torno do fato de eu ter passado a vida evitando pessoas e preferindo a solidão, e a única pessoa cuja presença anseio como uma droga atualmente quer que eu fique longe.

" *Isso* é algo que eu não via você fazer há algum tempo", diz Ryder, me entregando um frasco do antídoto para o tônico que tomei para disfarçar minhas feições, com um cigarro seu preso entre os lábios. "Elowen te deu um golpe, irmão."

Ele não tem ideia.

Eu fumava por vários motivos quando era mais jovem: para matar a fome, para disfarçar o cheiro das favelas ou para me distrair com as mãos. Algumas pessoas desenvolvem um vício, mas eu nunca. Sinto que estou ficando louco. Graças aos deuses que o sol se pôs. Preciso vê-la, conversar com ela, encontrar uma maneira de resolver o abismo entre nós.

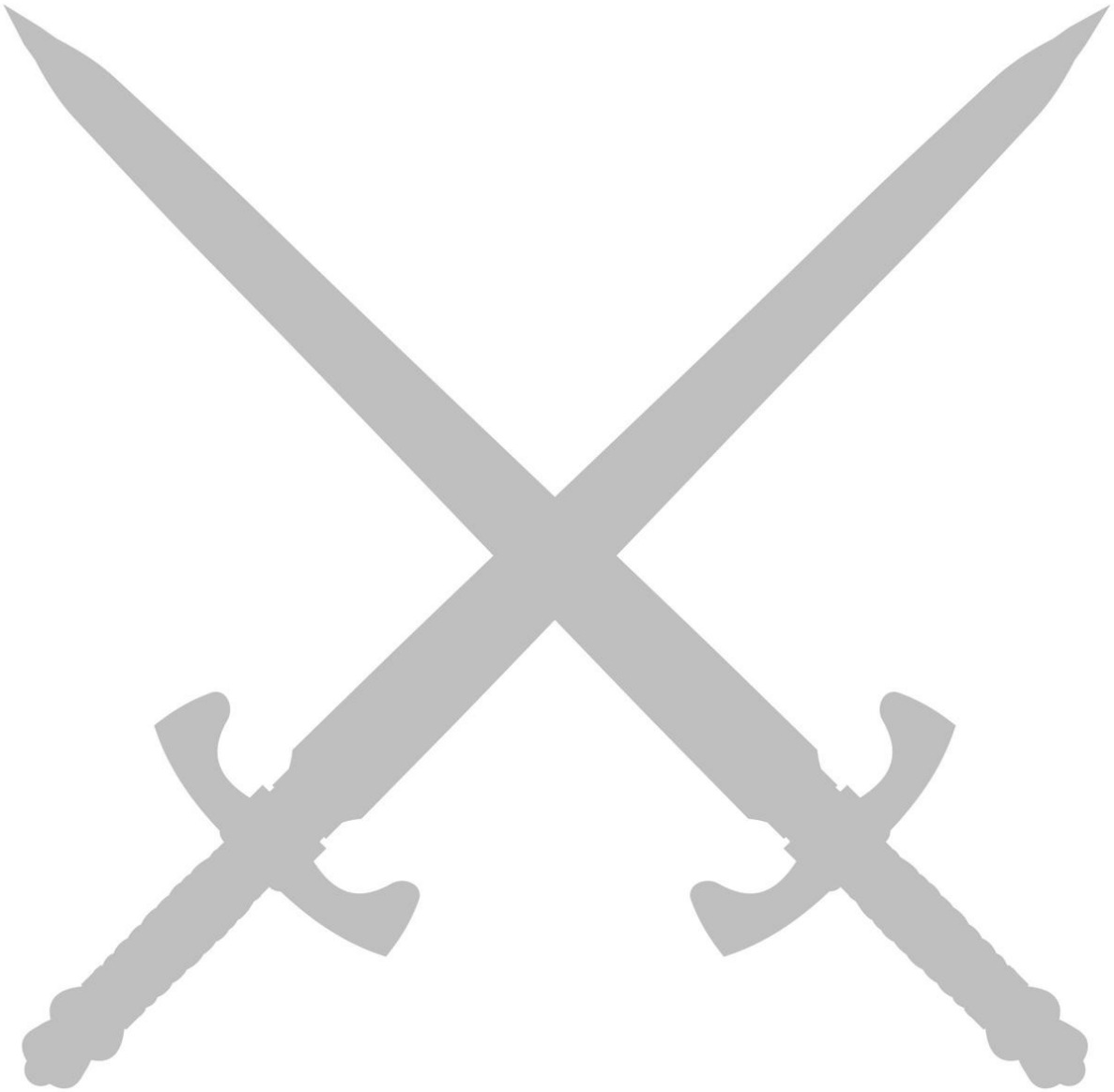
Uma batida leve faz a porta vibrar, três batidas curtas e depois duas separadas

por uma breve pausa. Afasto-me da janela para deixar Alexus entrar, trancando-a novamente assim que ele entra. Ele é um homem loiro com barba por fazer e a capacidade de se movimentar e obter o conhecimento que o incumbi de buscar. Há gente demais no castelo e na fronteira para se encontrar com meus espiões, e embora Alexus saiba como entrar na minha casa sem ser notado, encontrá-lo aqui é o lugar ideal.
Ele acena para mim antes de se sentar em frente à mesa. "Senhor."
"Presumo que tenha notícias dos nobres", digo enquanto me sento. "Eles estão se reunindo?"
"Ainda não, mas com os últimos deles desocupando o castelo, imagino que em breve o farão. Provavelmente estarão tentando encontrar algo para usar contra você ou a Rainha Elowen para manipulá-la, como fizeram com Eagor e Valia." Ele ergue um pedaço de pergaminho dobrado. "Compilei uma lista das oito casas nobres, da mais para a menos leal, com base em sua proximidade com Eagor."
Alexus é um dos meus melhores espiões, desde que me tornei comandante. Nos conhecemos quando éramos assassinos em Verendus. Não éramos amigos — as únicas pessoas a quem concedi esse título, a contragosto, foram Ryder e Saskia —, mas se tivéssemos alguma informação sobre trabalhos, a compartilharíamos, desde que não prejudicasse nossos lucros ou reputações individuais.
"Procure emprego na Casa Baelyn." Ao olhar a lista, noto que Lorde Xantheus está em penúltimo lugar. "Ele já provou que é comunicativo. Aumentarei seus honorários em quarenta mil síndricas."
"Aceito o trabalho, mas você conquistou minha lealdade há muito tempo. Não exijo mais salário."
Ignoro seu protesto e continuo minhas ordens: "O primeiro sussurro que você ouvir sobre uma reunião ou uma possível revolta, quero que me seja relatado imediatamente."
"Vou para lá logo de manhã. Se ele acabou de desocupar o castelo, deve haver vagas na propriedade." Ele tira uma garrafa da capa e toma um gole. Ele nunca bebe enquanto está em missão, então provavelmente está terminando o uísque enquanto pode. "Qual é o seu plano se eles nunca declararem publicamente a traição?"
"Elowen e eu faremos algo para enfurecê-los o suficiente para que se revelem, ou jogaremos o jogo longo, dependendo da rapidez com que esta guerra se desenrolar." Apago meu cigarro e pego uma folha de hortelã da lata ao lado do maço, mastigando-a enquanto visto uma camisa limpa e minha capa preta que absorve a escuridão ao meu redor. Com o capuz levantado, minhas feições ficam obscurecidas o suficiente para não serem identificadas, mas coloco uma máscara facial nova para me proteger. "Os nobres são ovelhas — eles se alinham quando conduzidos na direção certa e, se não, serão enviados para o matadouro. Com provas, ninguém poderá contestar suas execuções."
“Tenho a carta de referência falsificada que Ryder transcreveu da última vez que "Procurou emprego, então não prevejo problemas em conseguir uma posição." Alexus se levanta, fecha os olhos e inclina a cabeça para o teto. "Deuses, eu odeio nobres."
"Você é o nosso soldado mais corajoso por lidar com eles", diz Ryder. "Eu não conseguiria, e nasci para isso."

Alexus ri baixinho e sai do escritório sem fazer barulho enquanto eu destranco o armário do canto, tirando de lá um buquê de estrelas-de-beira-mar roxas e íris azuis que comprei para Elowen mais cedo.
Ryder ri baixinho quando entramos no corredor. "Esta é uma imagem encantadora. Talvez eu a pinte um dia para mostrar às crianças que até a morte tem um ponto fraco."
"Você nunca se cansa de ouvir a própria voz?" Tranco a porta atrás de nós e subo as escadas até a entrada dos fundos. "Só um tolo aparece de mãos vazias quando a mulher está chateada. Se você tomasse nota, talvez não estivesse em um namoro longo com a sua mão."
"É, bom, vamos ver se você consegue chegar à cerimônia." A risada de Ryder ecoa pelas paredes estreitas. "Antes de chegar perto demais, certifique-se de que ela não esteja com as facas."
Sorrio para mim mesma. "Espero que sim. Isso mantém as coisas interessantes."
Seu riso aumenta. "Bastardo perturbado."

Capítulo
QUATRO

Cayden



EU PUXE AS RÉDEAS COMO Viro na Healer's Row e noto três figuras masculinas espreitando do outro lado da rua, em frente à casa de Elowen. Soldados costumam se reunir ali, assim como cidadãos em busca de atendimento médico, seja para si próprios

ou para alguém que precise de sua escolta, mas, a julgar pela maneira como se balançam no lugar, eu diria que estão bêbados.
Os cascos de Koa estalam nos paralelepípedos enquanto diminuo o passo e abaixo o capuz e a máscara, cavalgando entre eles e ela. O riso deles logo desaparece, assim como a cor em suas bochechas quando percebem quem eu sou. Braxton está no topo da escada que leva à varanda com a mão no cabo da lâmina, os ombros relaxados como se acolhesse a ameaça caso se aproximassem. Olho sem emoção e inclino meu queixo em direção à entrada da estrada.
"Vão", um deles ordena, fazendo-os disparar e desaparecendo em uma corrida desleixada.
Minha proteção por Elowen não advém apenas de motivos egoístas, mas também porque vi o quão cruel este mundo é, especialmente com as mulheres. A lembrança mais nítida que tenho da minha mãe são os gritos dela na noite em que morreu. Não o riso dela. Não o sorriso dela. A dor nos molda como um ferreiro afiando uma lâmina que apontamos para qualquer um que ameace tirar a pouca alegria que encontramos neste mundo corrupto.
“Há quanto tempo esses homens ficaram aqui?”
"Eles chegaram poucos minutos antes de você", responde Braxton. "Eu mesmo os teria confrontado se você não tivesse vindo."
"Prendam-nos se retornarem", ordeno enquanto desmonto e amarro as rédeas em um poste. "Não me importa se estão sangrando e Elowen é a última curandeira em Ravaryn. Eles jamais cruzarão este limiar. Fui claro?"
"Sim, senhor." Assim como Alexus, Braxton me conhece há anos, e sou grato por eles não terem se conformado às regras da sociedade e me chamado de *Vossa Alteza.* Nunca me importei muito com decoro.
Além de Ryder, Braxton é o único general em quem confio para proteger Elowen. Já o vi enfrentar vários inimigos ao mesmo tempo e sair ileso. Ele jurou morrer por ela antes mesmo de conhecê-la, e Braxton não é um homem que faça juramentos levianamente. Ele perdeu a esposa e o filho no leito de parto há mais de vinte anos, mas ainda usa sua aliança.
"Eu a fico aqui. Tenha uma boa noite, Braxton."
Ele abaixa a cabeça antes de deslizar pelo caminho que leva à estrada. Aperto o buquê com mais força e empurro a porta. Minha impaciência é forte demais para adiar isso por mais um instante. Maços de flores secas amarrados com fitas agora pendem das vigas. Ela deve tê-los encontrado na cesta que deixei no armário. Lembrei-me de ela ter dito algo sobre como a loja de Nyrinn tinha maços, então imaginei que ela pudesse querer alguns ali. Vários livros estão abertos e virados para baixo sobre a mesa e o sofá para marcar seu lugar, e algo se solta no meu peito quando meus olhos pousam nela.
Eu queria poder odiá-la por ter esse controle sobre mim: consumir meus pensamentos e reinventar o homem que sou, apesar de não querer deixar a versão antiga ir embora. Ela é minha única exceção, a única rachadura em um coração de pedra. Braxton deve ter entrado e saído porque ela não se vira para mim. Cachos em espiral caem por suas costas enquanto ela se equilibra em um banquinho, tentando desesperadamente alcançar um pote no fundo da prateleira de cima. Eu vejo o exato momento em que ela sabe que sou eu. Seus ombros enrijecem enquanto eu diminuo a distância entre nós e estendo a mão acima dela

com facilidade. Os fios escuros de seu cabelo, com cheiro de brisa primaveril, me batem no rosto enquanto ela gira, sacudindo vários frascos enquanto suas costas... bate na madeira.
Deixo de lado minha irritação com o descuido dela consigo mesma enquanto ela me encara com olhos arregalados que me fazem querer me afogar em uma poça de mel. Procuro por ela em tudo, em todos os lugares. Vejo seus olhos nos detalhes banais do meu dia, que me fazem ansiar pelo momento em que estarei com ela novamente.
Ela tira o pote da minha mão, ignorando com sucesso o buquê enorme na outra. "Para onde foi Braxton?"
"Foi embora", digo enquanto ela salta do banco e caminha até a mesa, segurando o copo contra a luz para examinar seu conteúdo. "Não faz sentido mantê-lo aqui quando sou perfeitamente capaz de proteger minha esposa."
A pena pressionada entre seus dedos se parte ao meio, respingando tinta em seu registro de inventário. "Eu *não sou* sua esposa."
“Ficarei feliz em corrigir esse erro dentro de uma hora.”
"A menos que você tenha um anel que valha a pena o meu tempo, vai ficar esperando por um bom tempo." Ela torce o nariz e estreita os olhos para o buquê. "Embora eu sempre tenha acreditado que é melhor acabar logo com as coisas, como arrancar uma flecha de um galho."
Arranco um dos botões de pressão e o coloco atrás da orelha dela, enquanto ela continua a me encarar. "Jante comigo."
Ela arranca as flores da minha mão e as joga no chão sem nem olhar. "Não."
"Eu não estava perguntando."
"Que chocante", ela murmura antes de deslizar até a lareira do outro lado da sala para pegar um livro aleatório e folhear as páginas descuidadamente. Eu a sigo como um cachorro na coleira e o puxo de suas mãos, deixando-o de lado enquanto ela gira nos calcanhares, pronta para se ocupar com alguma outra diversão. Normalmente, eu adoraria isso, mas não quando noto como ela está mancando. Eu me abaixo para envolvê-la com meus braços na cintura e a levanto no ar, sem me importar se estamos dando um show para alguém lá fora e tomando cuidado para evitar que ela se machuque enquanto ela grita.
“Você é tão—” Ela se interrompe com um rosnado quando eu gentilmente a coloco no sofá e me sento na mesa de centro, mantendo-a minhas mãos em seus quadris.
"Termine a frase, querida. Estou ansiosa para saber o que você pensa de mim."
Ela cruza os braços e aguça o olhar, e, deuses, se isso não me dá vontade de beijar o ponto em seu pescoço que a fará derreter em minhas mãos até que ela me implore para mantê-las junto dela. "No momento, estou pensando em como você foi idiota em fazer uma cavalgada à meia-noite pelo reino quando deveríamos estar noivos e felizes. Correram boatos sobre uma possível fenda por todo o castelo — até Finnian sabia disso antes de eu vê-lo."
"Construí uma biblioteca para você em nossos aposentos antes de partir", afirmo categoricamente.
“Sim, e tenho certeza de que você carregando madeira e móveis quebrados para cima e para baixo na torre era um sinal claro de um homem satisfeito.”
Se Elowen não estivesse chateada comigo, eu a manteria ocupada até altas horas

da noite, e tentei dormir no sofá para lhe dar um pouco de privacidade antes de quase enlouquecer. Ela pode ficar brava o tempo que precisar, mas isso não significa que vou facilitar para ela, e me recuso a aceitar viver vidas separadas a portas fechadas agora que sei como é estar de verdade com ela. "Casais brigam."
"Nós não. Não temos o privilégio de cometer erros. Não podemos falhar. Há muita coisa..." Sua respiração acelera, e ela coloca a mão nas costelas enquanto seu rosto se contorce de dor. "Não vou perder esta guerra por causa da nossa incapacidade de defender o reino de forma convincente."
"Elowen", digo seu nome com uma delicadeza da qual não me achava capaz e lentamente deslizo minha mão sob a dela, sabendo que está mais quente e maior. "Eu te fiz uma promessa. Não vamos perder esta guerra." Ela solta um suspiro trêmulo, embora eu não saiba se é pelo meu toque ou pelas minhas palavras.
Não podemos nos dar ao luxo de uma rebelião interna. Todas as nossas forças devem estar concentradas em Imirath, especialmente agora que eles estão alinhados com Thirwen. Lutaremos contra dois exércitos, e não sei se Galakin nos aceitará agora que estou prometida a você e não ao príncipe deles, como eles desejavam.
“Enviarei minhas condolências se isso ajudar a convencê-los.” Ela me concede uma meio sorriso antes de limpá-lo do rosto. "Alexus aceitou o trabalho de espionar os nobres, então a situação será mais fácil de monitorar com um homem de dentro. O conflito interno será encerrado rapidamente e sem piedade."
Ela assente enquanto a tensão em seu corpo se dissipa lentamente. Seu rosto está a poucos centímetros do meu, e o calor de sua pele queima as pontas dos meus dedos como ferro em brasa. "Não importa o que você faça, isso não vai mudar o sangue nas minhas veias. As pessoas sempre vão se importar com isso. Você deveria..."
Eu arqueio uma sobrancelha. "Eu deveria me importar? Você sabe que nunca me importei com sua relação com o Garrick."
Seus dedos frios envolvem meus pulsos e afastam minhas mãos do seu corpo. "Talvez não saiba agora, mas..."
Fale comigo.
Consigo ver de novo os muros que ela está tentando construir entre nós. Isso não parece ser dela. *Não* . Parece o Ailliard. Ela nunca me contou o que ele disse a ela na noite em que ela o matou, mas aposto que teve algo a ver com isso.
“Eu nunca te julgaria por quem seu pai é, nem de onde você veio.”
"Por que?"
Porque o meu foi o pior homem que já conheci.
"Porque eles nunca te mereceram." Balanço a cabeça. Ela pode ser Elowen Atarah, princesa de Imirath, mas sempre foi muito mais do que isso. Eu vi a alma dela, e a escuridão dentro dela torna a luz ainda mais bela.
Ela respira fundo e tenta se levantar, mas eu apoio a mão em sua coxa ilesa para mantê-la no chão. Ela precisa descansar e tirar o peso da perna machucada, mas tenta de novo, e só vai doer mais se ela lutar contra mim.
"O-o que aconteceu com seu olho?" Ela caminha rigidamente em direção a um armário no canto, pegando uma lata e um pano.
“Perdi o foco e fui atingido enquanto lutava.”
"Isso não parece típico de você. Você não é de se distrair."

"Não, não estou", digo, com os olhos fixos em seu rosto. Negar sua ajuda é na ponta da língua, e se ela fosse qualquer outra pessoa, eu o faria sem hesitar, mas engulo meu desconforto enquanto ela mergulha o pano em uma tigela com água e se aproxima. "Sou dona de uma taverna na favela de Verendus. Comprei com o dinheiro que ganhei como assassina e aumentei meus lucros contrabandeando mercadorias e construindo um ringue de luta no porão."
"Por que?"
"Alugar um quarto era como jogar dinheiro fora, e eu precisava de um lugar para me encontrar com espiões." Dou de ombros. "Também estava cansado de não ter como ganhar dinheiro a menos que trabalhasse para outra pessoa."
"E você lutou na arena hoje à noite."
“Tomo um tônico para disfarçar minhas feições, para que ninguém saiba que sou eu.”
Sua garganta se contrai enquanto ela engole em seco. "É por isso que você é mais rico que os outros comandantes?"
“E alguns reis.”
"Então por que se dar ao trabalho de trabalhar no exército? Você poderia ter comprado um com a quantia de dinheiro que deve ter."
"Dinheiro não compra lealdade, sangue compra, e o meu foi derramado ao lado dos meus soldados. Eu precisava de um exército firme para ficar entre nós e Garrick quando te encontrei."
Ela inclina a cabeça para o teto antes de destampar a lata de pomada. "E você espera que eu acredite que você fez toda essa estratégia e não levou a cláusula do casamento em consideração?"
"Eu não fiz isso. Você—"
Ela levanta a mão, com o cansaço evidente no rosto, e eu cerro os dentes. "Isso é algo que você contrabandeou? É infundido com magia de cura, e acabamos de suspender as proibições."
"Sim, é de Galakin. Eles têm curandeiros que canalizam magia de luz para a medicina."
As pontas dos dedos dela roçam minha bochecha, e seu toque desacelera, tornando-se mais uma carícia. Continuo imóvel, com medo de que qualquer movimento meu quebre o transe em que ela caiu. É como se uma faca estivesse se contorcendo em minhas entranhas, sabendo que não consigo diminuir a distância. Desejá-la é a forma mais cruel de tortura.
Um cavalo relincha lá fora, e o olhar de Elowen clareia quando ela se vira para longe. As contas celestiais e dracônicas em seu vestido de veludo azul-claro brilham enquanto ela desliza para longe, e eu fecho as mãos em punhos, tentando usar a dor das minhas unhas cravando-se na pele para conter o desejo que pulsa em mim.
“Presumo que você ainda seja contra quartos separados, considerando que se livrou dos móveis do seu quarto para adicionar a biblioteca à nossa suíte.”
Cerro o maxilar. "Sim."
“É perfeitamente normal para—”
"Eu não dou a mínima para outros membros da realeza ou casais, ou para o que é normal para eles." Arrisco a ira dela, levantando-me da mesa e apertando meus braços em seus cachos grossos até conseguir inclinar sua cabeça exatamente para

onde eu quero. "Fique brava comigo o quanto quiser, mas você nunca vai se livrar de mim."
Um rubor percorre seu pescoço e bochechas. "A partir de hoje à noite, você dormirá na cama comigo e ficará lá até o amanhecer. Não me importa o quão doloroso seja para você ficar deitada aí; na verdade, espero que seja. Você é alta demais para o sofá e não podemos arriscar que um criado a veja, mas amarrarei suas mãos se tentarem me alcançar."
“Você tem muita imaginação.”
Ela joga o pano no meu rosto e revira os olhos antes de desviá-los rapidamente para o lado, notando as poucas pessoas paradas na rua para nos ver pela janela. Com a mesma facilidade com que adotou o teatro em Imirath, um sorriso surge em seus lábios enquanto ela olha para mim, fica na ponta dos pés e beija minha bochecha sem cicatrizes. Ela nunca fez isso, e algo parecido com vergonha me invade o sangue.
Ela pega as flores que jogou no chão e as aconchega contra o peito, sorrindo gentilmente. É o primeiro sinal de que fiz algo certo desde o noivado. Tiro o casaco dela do gancho perto da porta e a ajudo a vesti-lo, alternando o olhar entre ela e o buquê enquanto lhe ofereço o braço.
“As flores são inocentes”, ela insiste.

Capítulo
CINCO

Elowen

O Um dia eu vou aprender a Limitar meus hábitos autodestrutivos, mas hoje não é esse dia. Olho pela janela da carruagem, mal absorvendo qualquer coisa, mas também sem olhar para o homem à minha frente. Ele ocupa mais da metade da maldita carruagem, mas sua presença por si só me faz sentir como se estivesse pressionada contra a parede e faminta por ar.

Cruzo um joelho sobre o outro enquanto os cavalos trotam, franzindo os lábios quando Cayden *ri*. Ah, como o som me dá vontade de gritar. "Alguém já te disse que é falta de educação ficar olhando?"
“Alguém já lhe disse que sou rude?”
"Ninguém precisou. Eu descobri bem cedo."
Ele ri de novo. "Por que eu vou ficar olhando para neve e prédios se passei o dia todo morrendo de vontade de te ver?"
Um calor me invade o peito como se alguém tivesse derramado chá quente dentro de mim, mas eu forço a voz fria. "Bajulação e flores não vão te levar a lugar nenhum."
“Estou exatamente onde quero estar.”
Eu zombo e finalmente o encaro, sem deixar a dor que me corta transparecer no meu rosto. "Do meu lado ruim?"
Ele se afasta da parede como se fosse impossível ficar longe, enrolando preguiçosamente um dos meus cachos no dedo, mas não responde à pergunta. Começamos a diminuir o ritmo e as vozes dos cidadãos ao longo da rua se filtram. Entro pela madeira dourada, conversando animadamente sobre avistar a carruagem real. Arfo quando Cayden me puxa para frente e me equilibro em seu peito enquanto me acomoda em seu colo.
Seu cheiro e calor me envolvem, e tento me afastar, embora tudo o que eu queira fazer seja afundar nele... nele. Quero descansar a cabeça em seu ombro como já fiz tantas vezes e esquecer o mundo, mas não posso me permitir. Fui usada pelo meu pai e depois por Ailliard, e embora eu soubesse que Cayden e eu estávamos nos usando desde o começo, não pensei que acabaríamos aqui. Ele nunca escondeu sua natureza astuta de mim, mas nunca pensei que seria uma vítima disso. Nem sei se sou. Sinto como se não soubesse de nada, e minha própria mente me aprisiona no escuro. Como você pode confiar no que alguém diz quando não consegue nem confiar em si mesma?
“Se você acha que vou deixar você me tocar depois que você me enganou—”
"Estivemos separados o dia todo e, quando aquela porta se abrir, vários cidadãos vão tentar nos ver", ele me interrompe, envolvendo meus quadris com um braço e me puxando para mais perto. "Se você quer forçar a narrativa de um casal feliz, precisa levar em conta o que eu estaria fazendo." Seus olhos escurecem ao se aproximarem rapidamente dos meus lábios, e não consigo conter o arrepio quando seus dedos deslizam pela coluna do meu pescoço antes de envolverem as costas.
Faço o meu melhor para esconder outro tremor. Não é como se meus sentimentos por ele tivessem desaparecido. Eu não sentiria tanta dor se tivessem desaparecido. Tentar tirá-lo de mim seria como tentar rasgar minha alma ao meio. "O que você estaria fazendo?"
Seu suspiro acaricia minha pele, e ele se inclina para frente, roçando os lábios no ponto do meu pescoço que ele sabe que eu amo. "Eu garantiria que espaço fosse a última coisa que você queria de mim, e levaria o meu tempo para provar isso."
Minhas coxas se pressionam por vontade própria, mas eu afasto meu desejo, entrelaçando meus dedos em seus cabelos para afastá-lo do meu pescoço. Suas pupilas dominam seus olhos enquanto abaixo meus lábios para pairar logo acima dos dele, sem nunca lhe conceder o que ele tanto deseja. Desigual Respirações

dançam no pequeno espaço enquanto meu peito se aperta e se enche de borboletas. "Isso não é real."
Ele me segura com mais força quando a porta é aberta, parecendo pronto para dizer ao motorista para se foder e nos trancar ali para que ele possa saborear a proximidade por mais alguns segundos, mas eu viro minha cabeça em direção ao homem tímido e deslizo mais para cima no colo de Cayden para roçar meus quadris em sua protuberância, fazendo seus ombros enrijecerem.
“Ah, me desculpe!” Cubro a boca para conter o riso.
"E-eu não queria interromper, Majestades", gagueja ele, olhando por cima do ombro para observar a pequena multidão reunida na entrada do restaurante. "Gostariam que eu os levasse de volta ao castelo?"
"Bobagem." Sorrio para acalmá-lo. "Só um instante."
"Claro, minha rainha." Ele se curva e fecha a porta rapidamente, permitindo que eu desça do colo de Cayden. Sou grata pelo vento de inverno que sopra na carruagem e refresca minha pele avermelhada.
"Você precisa que eu vá embora para você se recompor?", pergunto com uma voz doce e enjoativa.
Ele apoia os cotovelos nos joelhos e passa as mãos pelo rosto, sussurrando meu nome algumas vezes baixinho enquanto balança a cabeça. "Se é assim que você quer jogar, ficarei feliz em ajudar."
Estreito os olhos e levanto o queixo enquanto a onda de desafio me invade. Cayden empurra a porta quando tempo suficiente já passou, oferece a mão para me ajudar a descer e desliza a minha pela curva do braço enquanto joga duas moedas para o motorista.
"Uma bebida enquanto você espera", ele diz por cima do ombro enquanto me acompanha por um arco de pedra entalhado com desenhos azuis em espiral que brilham como se houvesse uma lanterna dentro.
Fico perto de Cayden enquanto ele nos guia pela pequena multidão, sem ser exatamente uma fachada. Nunca gostei de estar cercada de pessoas. Ailliard me disse que eu superaria com o tempo, mas nunca superei, e ele nunca perdeu a oportunidade de me dizer o quanto isso me enfraquece. A vergonha que costumava acompanhar suas palavras se transformou de uma facada em um golpe para a dor de um tapa.
Apoio a cabeça no bíceps de Cayden enquanto a anfitriã corre ao redor do pódio de mármore branco para nos cumprimentar, fazendo uma reverência profunda que faz seu vestido ondular ao seu redor como ondas quebrando na praia. "Majestades, bem-vindos à Noite Estrelada. É uma honra servi-los esta noite."
Cayden se aproxima de mim para deslizar meu casaco pelos meus braços e tirar sua capa, entregando-a ao criado que os aguarda. Sou grata por o vestido que escolhi esta manhã ser adequado para um estabelecimento como este. As mangas se alargam abaixo dos meus cotovelos e drapeiam dramaticamente, fazendo as joias azul-escuras e os bordados dourados brilharem enquanto caminho. A recepcionista nos conduz por um conjunto de cortinas entreabertas, e um cajado bate no chão, vibrando as solas dos meus sapatos enquanto um homem com uma voz grave nos anuncia.
"Rei Cayden Veles e Rainha Elowen Atarah. Os conquistadores de Vareveth."
Cadeiras raspam no chão enquanto todos os presentes se levantam enquanto

deslizamos pela sala. Não me deixo abater pelos olhares insistentes. Cada movimento, cada passo, cada respiração está sob escrutínio, avaliado em busca de fraqueza. Aqueles que permanecem leais a Eagor aguardam nossa derrota, mas eu lutarei para chegar à vitória, não importando as probabilidades. Não estarei mais à mercê dos homens, mas eles implorarão pela minha.
Agarro minhas saias para não tropeçar enquanto somos conduzidas por uma escadaria impecavelmente polida até uma mesa singular sobre uma plataforma elevada. Várias colunas cobertas de hera circundam o espaço para criar a ilusão de privacidade, embora estejamos visíveis para todos os presentes. Candelabros dourados lançam um brilho acolhedor de onde se encontram, criando uma atmosfera incrivelmente íntima.
Cayden passa por um garçom, agarra o encosto de uma cadeira e a desliza atrás de mim antes de preencher o ambiente silencioso com o som dele arrastando *lentamente* a cadeira para mais perto da minha.
"Será que você é tão desagradável assim com todo mundo ou reserva esse charme para mim?", sussurro, apesar da conversa recomeçar enquanto as pessoas voltam para suas refeições.
“Não serve para nada com mais ninguém.” Ele se recosta na cadeira, passando um braço sobre as costas do meu. "Não quero me associar a eles."
“Vos essa un nunti tasuri.” *Você é um homem estúpido.*
"Vet vos essa tesis mas ulessi ardama en Ravaryn." Ele sorri tão largamente que suas covinhas se aprofundam em suas bochechas enquanto eu coro. *E você é a mulher mais bonita de Ravaryn.* "Vejo que você anda estudando os textos ravarianos."
Estou devorando-os há várias horas. Ele me deixou livros sobre a língua antiga e sobre a sabedoria dos dragões, e cada vez que eu abria um deles, ficava com vontade de mais. Estão todos guardados em segurança na carruagem, prontos para eu continuar assim que voltarmos ao castelo.
Ravariano é uma língua esquecida, usada apenas pelos cultos, que a transmitem oralmente, e por alguns estudiosos seletos que a registram meticulosamente e a guardam. Magos costumam usá-la para lançar feitiços, mesmo que não façam parte de um culto. Era a língua falada em Ravaryn séculos atrás, antes de adotarmos a língua comum.
"Você nunca me disse que falava uma segunda língua." Franzo a testa. "Como você conseguiu o livro?" As páginas estão amareladas pelo tempo e apresentam sinais de danos causados pela água, além de tinta borrada. Algumas páginas estão caindo, mas nenhuma está faltando, felizmente.
Ele dá de ombros. "Tenho muitas habilidades que ainda não revelei. Quanto a como as adquiri, eu era um ladrão antes de qualquer outra coisa."
"Você é fluente?"
"Sim, sirantia." O jeito como ele enrola o R me faz desejar que ele repetisse. Sua voz é grave e rouca. Eu sempre a amei. Me lembra como ele soa de manhã, mas rapidamente afasto essa lembrança. Deuses, quando alguém vai me trazer uma bebida?
Pigarreio. "O que isso significa?"
"Parece que esqueci." Ele continua sorrindo para mim. "Conte-me o que você aprendeu sobre os dragões."

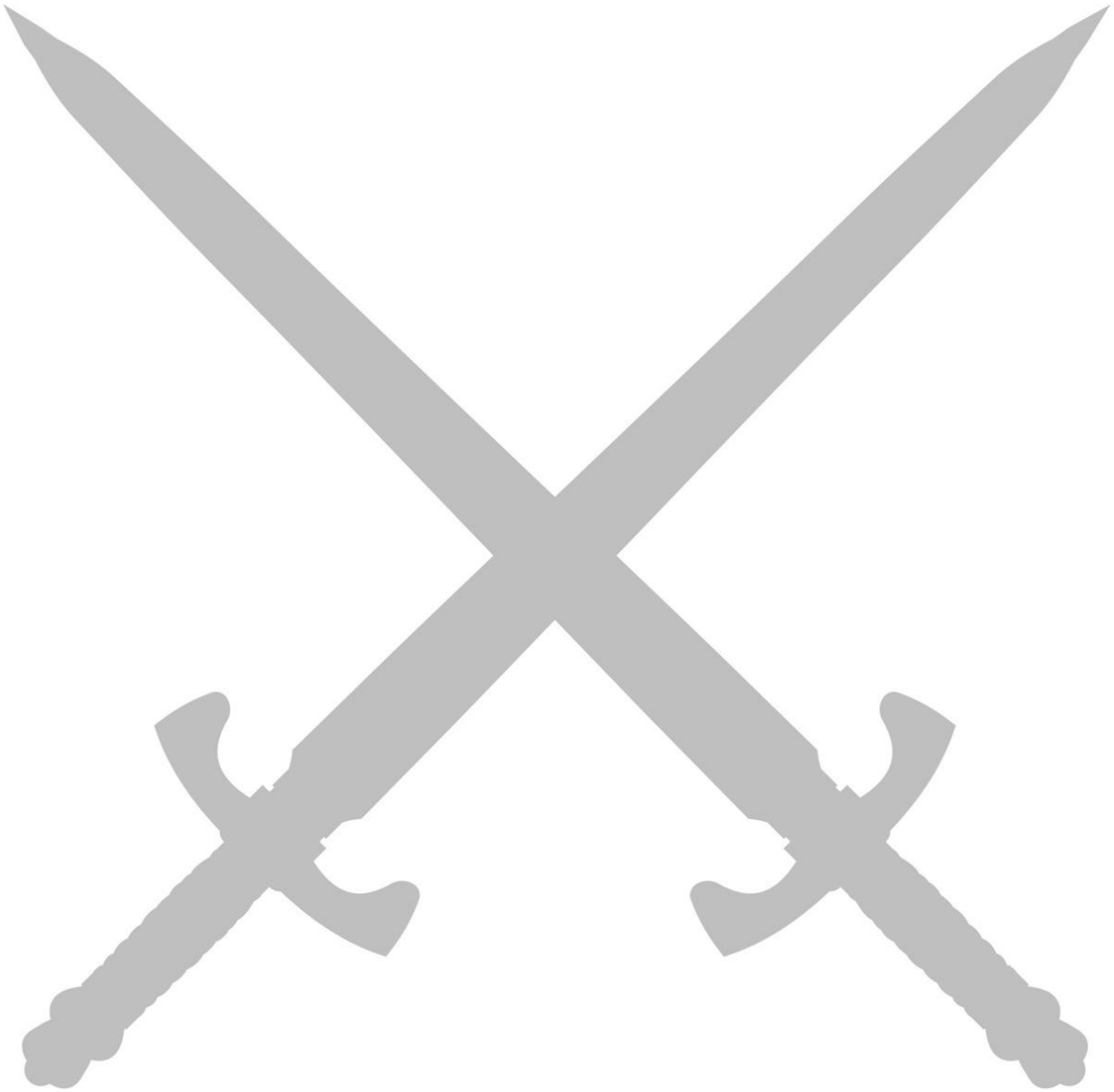
Franzo os lábios e luto contra a vontade de revirar os olhos quando um criado *finalmente* começa a subir os degraus. "Parece que esqueci."
Guardo o termo no fundo da minha mente, preparado para uma noite inteira de busca por seu significado. Volto meu olhar para a aproximação homem em traje impecável. "Boa noite, Majestades. Posso começar com algumas bebidas?"
"Ah, sim. Uma refeição não está completa sem vinho." Apoio o queixo nas mãos entrelaçadas. "Traga-me uma garrafa do seu vinho mais caro. Algo que esteja acumulando poeira na adega. O rei e eu ainda não brindamos ao nosso noivado e esta parece ser a oportunidade perfeita." Viro-me para ele, mas, se está incomodado com o meu pedido, não demonstra. "Que tal, *costeleta de cordeiro* ?"
"Se for para comemorar o nosso noivado, então me traga também o seu uísque mais caro." Sua boca se contrai. "Qualquer coisa por você, *meu amor.* "
Torço o nariz e cantarolo, sorrindo como se o termo não me saciasse o apetite. Embora isso não importe, considerando os pedidos de Cayden para mim depois que o garçom lista os pratos especiais do chef, me irritando ainda mais por escolher as opções corretas, de acordo com minhas especificações exatas. Pego um pedaço de pão quente da cesta e o mergulho em um pratinho com azeite e flocos de pimenta-vermelha para evitar falar com ele enquanto o garçom sai. Seu olhar está grudado no meu rosto, mas eu o ignoro na esperança de irritá-lo.
Não é difícil encontrar algo para admirar. O céu noturno é visível através do teto abobadado de vidro, adornado com velas encantadas que cintilam acima, atuando como estrelas. Meus dragões voam acima como se pudessem sentir onde meu olhar pousa, e o nó no meu peito se desfaz enquanto eles rodopiam calmamente entre as nuvens. Todo o estabelecimento parece pertencer ao castelo de Vareveth, agora que os servos trabalharam incansavelmente para mudar a aparência. Olho por cima do ombro, observando duas cachoeiras artificiais fluindo de cada lado da nossa mesa e se reunindo em uma piscina à nossa frente, repleta de peixes prateados.
O garçom retorna para colocar as garrafas e copos na mesa, mas Cayden decide abri-los ele mesmo. Eu me forço a olhar para qualquer lugar que não seja seus dedos envolvendo-os, mas ele desliza o copo de cristal na minha frente, chamando a atenção para exatamente o que estou tentando evitar. Os anéis dourados em alguns de seus dedos refletem a luz fraca ao nosso redor, e os cortes em seus dedos me enviam uma onda de nostalgia.
"Qual é a sua opinião sobre o divórcio?", pergunto antes de tomar um gole de vinho muito necessário e enorme.
"Acho que é um acordo mutuamente benéfico entre duas partes que desejam se livrar dos tormentos de uma união em ruínas." Ele gira seu uísque. "No entanto, não penso muito em coisas que não têm relevância na minha vida."
Dou uma risada baixa, como se Cayden tivesse dito algo engraçado, enquanto o garçom retorna com o nosso jantar. Tomando um gole de vinho, inclino-me em sua direção. Seus olhos suavizam um pouco quando ele olha para mim, sabendo que é mentira, mas desejando que fosse real. Isso me faz tomar outro gole e mais outro até que meu copo esteja vazio e ele me sirva um segundo.
Sei que não há como escapar desta união, e suponho que me considere sortudo, de certa forma. A maioria dos casamentos reais é arranjada quando os herdeiros

são crianças e notoriamente infelizes, mas há uma parte mesquinha de mim que quer torcer um pouco a faca. "Através do nosso casamento, eu ganho um exército, e você ganha uma coroa e a lealdade da mulher ligada a cinco dragões. Esta é uma união política, então o que acontecerá quando a guerra acabar e nenhum dos benefícios se aplicar mais?" Cruzo uma perna sobre a outra, inclinando a cabeça. "A maioria diria que o divórcio é o curso de ação óbvio."
"A maioria das pessoas é idiota, e ignorar a opinião delas tem me servido bem até agora." Ele examina minhas feições como se estivesse tentando descobrir o que realmente se passa na minha cabeça. "Você fala como se isso fosse um noivado de conveniência, mas você não é nada disso. Quantos homens precisam conquistar um reino para ter a mulher que desejam?" Meus ombros enrijecem, e ele não para de me avaliar. "Eu nunca disse que você não valia a pena. Derramarei o sangue que for preciso, Elowen."
Respiro fundo e bebo metade do meu copo, deixando a sensação familiar de leveza me invadir enquanto o álcool faz efeito. "Tenho certeza de que a coroa embeleza o resultado."
Ele passa os dedos pela minha nuca, aproximando tanto o rosto do meu que ficamos quase nariz com nariz. Seus olhos têm manchas douradas, apesar das pupilas quase dominá-los. "Se fôssemos apenas um acordo político, eu não teria cometido os detalhes que adoro." sobre você até a memória. Eu não teria te provado e percebido que estava faminto. Eu não saberia onde te tocar, como te tocar, nem me importaria com nada disso, e ainda assim eu te toco, e não consigo parar.
Oh deuses.
Não consigo fazer isso.
Sem pensar nas consequências ou em como isso poderia parecer, tento me afastar dele, mas suas mãos se estendem para agarrar meus pulsos e me puxar para frente até que eu esteja pressionada contra seu peito. Seus lábios roçam minha orelha, me fazendo querer me arquear contra ele como um gato ao sol. "Comporte-se bem, meu anjo. Tem gente olhando."
“Você disse que não se importa com o que eles pensam.”
"Mas você precisa." Ele desliza as mãos para os meus lados, me fazendo estremecer enquanto acaricia meus hematomas doloridos. "E eu queria você mais perto."
Quero fazer um comentário mordaz, mas ele fica preso na minha garganta. Viro-me para a mesa para tentar encontrar meu vinho. Ele sempre teve um jeito de me fazer esquecer que todo o resto do mundo existe. Ele inclina meu queixo para trás, em sua direção, e me sinto presa. Perdida nele. Desamparada, nadando em meio a um oceano tempestuoso.
“Se os papéis fossem invertidos, como você acha que eu teria reagido se você tivesse tocado no assunto casamento?”
Balanço a cabeça, a dor no peito aumentando. "Não faça isso."
“Responda à pergunta, El”, ele afirma com uma resolução inabalável.
"Você não mencionou um noivado quando estávamos na pousada ou em qualquer outro momento mais adequado", sibilo. "Você não falou de um futuro..."
“Eu não falei sobre um futuro com você porque nunca planejei meu futuro além

de me vingar, mas isso não significa que eu não queria que você estivesse nele.”
"Você trouxe isso à tona em um salão de banquetes encharcado de sangue, momentos depois que meu tio me traiu e me atacou, e conspirou com seu rei para me mandar de volta para meu pai."
Ele zomba quando menciono Eagor. "Quando estávamos na pousada, eu não disse que nunca te deixaria ir? Por meses, eu não disse que faria qualquer coisa por você e para te ter? O que você achou que isso significaria para pessoas na nossa posição?" Mordo a parte interna da minha bochecha para me conter. me impedir de sucumbir às minhas emoções. "Nada neste mundo jamais será mais valioso do que você aos meus olhos. Fiz o que precisava fazer para mantê-la segura e não vou me desculpar por algo de que não me arrependo."
Não me preocupo mais em me segurar, deixando a exaustão me esmagar contra seu peito e aproveitando a oportunidade de me esconder do mundo por alguns instantes. Ele continua acariciando meu flanco com uma das mãos, e juro que sinto um leve tremor na outra quando ele a apoia na minha nuca para me manter pressionada contra ele. A escuridão me conforta, assim como seu aroma de madeira de teca, âmbar e couro. Sei que ele me manterá segura; nunca foi uma questão disso, mas as pessoas sentem o gosto do poder e se deixam guiar por ele como um cão perseguindo um cheiro. Sempre me permiti amar, mas nunca acreditei que fosse para mim. É muito mais fácil dar e não esperar nada em troca.
"Você me conhece, El. Volte para mim."
Estou aqui, quero dizer, mas não estou. Estou perdida no labirinto da minha mente, com muros incrivelmente altos, erguidos pela dúvida e pela traição. "Será que estou?"
“Mais do que ninguém.”

Capítulo
SEIS

Cayden



EU SEI QUE FIZ COISAS TERRÍVEIS na minha vida, aceitei empregos para enriquecer meus bolsos, lutei sem honra e contei mais mentiras do que me lembro, mas essa mulher — *essa mulher* — é minha marca pessoal de tortura.

“Por quanto tempo você vai continuar assim?”
Normalmente, eu aprecio o silêncio e anseio por ele quando a voz de alguém preenche um ambiente, mas o silêncio de Elowen me irrita profundamente, como pisar em pregos sem sapatos. Encosto-me no batente da porta que leva ao nosso quarto, observando-a tirar as botas e deslizar em direção à penteadeira encostada na parede.
Ela suspira, com um sorriso satisfeito nos lábios enquanto finge estar absorta na tarefa de remover lentamente cada anel dos dedos antes de passar para os brincos.
"Elowen." Sinceramente, não acho que ninguém em Ravaryn tenha a audácia dela, e isso me intriga e irrita ao mesmo tempo. Ela não fala desde que começamos a jornada para o castelo, ignorando descaradamente todas as minhas tentativas de conversa. Ela usa alguns discos de algodão para limpar a maquiagem e amontoa os cachos no alto da cabeça antes de caminhar em direção ao sofá com várias almofadas decorativas que a empregada deve ter removido ao arrumar a cama. "Estou pensando em cortar o cabelo, talvez raspá-lo todo."
Ela me lança um olhar gelado por cima do ombro e balança a cabeça.
“Ah, então você *pode* me ouvir.”
Ela aperta os lábios, sem dúvida engolindo algum comentário sarcástico sobre o quão infeliz é esse destino, e ergue a montanha de travesseiros nos braços, jogando-os sobre a cama e arrumando-os em uma fileira no meio. Deixo-a com sua... tarefa... e me sirvo de mais um uísque. Talvez eu devesse simplesmente beber da garrafa. Os deuses sabem que preciso.
Ela os está compactando com a mesma energia que alguém exerceria ao construir defesas contra um inimigo, e só para irritá-la, eu aperto um dos montes entre os dedos e o levanto bem alto. "Plano infalível, querida." Ela me encara, um cacho teimoso caindo sobre os olhos, e arranca o travesseiro da minha mão para jogá-lo de volta onde estava. "O objetivo de dormir na mesma cama não é parecer normal? Você costuma tentar se sufocar com penas enquanto dorme?"
"A morte parece um destino misericordioso comparado a—" Ela tapa a boca com a mão e pega um livro do criado-mudo, quase correndo para o banheiro.
"Que se dane", murmuro enquanto aperto a ponta do nariz e a sigo como um cachorro maldito *novamente*. Mordo a língua com tanta força que sinto o gosto acobreado de sangue enquanto ela me ignora e corre pelo quarto para acender velas e despejar alguns óleos na banheira enorme. Seus lábios se curvam quando ela percebe meu estado e coloca o livro na mesa ao lado da banheira.
Passo a mão pelo rosto enquanto ela tira o vestido dos ombros e o desliza pelos quadris até ficar usando apenas o colar de pedra da lua que nunca tira. Embora isso não realize o que tenho certeza de que ela buscava fazer. Minha irritação com a atitude dela não é nada comparada à fúria ardente e derretida que bate em meu peito como um segundo coração. Se ela pensava que eu me transformaria em um homem irracional alimentado pela luxúria ao vê-la, então deveria ter considerado o estado dos ferimentos que agora consigo ver. Hematomas escuros marcam ambos os lados do seu tronco e pernas. É tudo em que consigo me concentrar. Saber que Ailliard a espancou e enfiou as unhas no corte em sua coxa enquanto eu estava apenas no outro cômodo me revira o estômago. Quando ela entrou mancando no banquete corredor com sangue escorrendo pela perna,

eu estava preparado para torturar cada idiota que tivesse alguma coisa a ver com sua dor e incendiar o castelo inteiro.
"Desculpe."
Seus lábios se abrem e seus olhos se arregalam enquanto ela dá um passo para trás antes de balançar a cabeça e mergulhar na água borbulhante.
“Como você está se sentindo, amor?”
Tento apagar a raiva do meu rosto, mas ela já a viu. Ela me conhece há tempo suficiente para saber que a raiva constante que queima dentro de mim jamais a queimará. Eu preferiria cair sobre a minha própria espada a levantar a mão para ela ou fazê-la se sentir insegura comigo. Seu pai a torturou e a aprisionou, seu tio a espancou e traiu, sua mãe ficou sentada em silêncio enquanto ela era abusada, e eu a enganei.
Sei que mereço esse silêncio dela, provavelmente até pior. Ela pode me causar todo o sofrimento que quiser, mas não serei mais uma pessoa a descartá-la. Nada que ela me fizer se comparará ao inferno que minha vida teria se tornado se Imirath a tivesse levado.
Ela pega seu livro sobre a história dos dragões e o abre. Ele está encostado na lateral da banheira, mas seus olhos não se movem sobre as palavras enquanto ela o observa. Virando o resto do uísque no meu copo, viro-me.
Meus olhos pousam na escrivaninha aninhada em frente à de Elowen, em um nicho escavado na pedra. Eu a tirei do meu antigo quarto, agora uma biblioteca ao lado da sala de estar principal da nossa suíte. Poderíamos ter nos mudado para os aposentos do rei e da rainha, mas eles são separados um do outro, e nem Elowen nem eu estávamos muito animados com a ideia de morar nos mesmos aposentos que Eagor e Valia um dia viveram. Atravesso as cortinas meia-noite entreabertas, presas por ganchos dracônicos, e destranco a gaveta de cima. Não há muito ali além de alguns relatórios, meus óculos de leitura e a pequena bolsa de veludo que seguro.
Aproximo-me de uma das janelas do chão ao teto na alcova arredondada enquanto seguro o anel contra o luar que se derrama através dos vidros congelados. Algo me aperta o peito quando olho para ele, mas ele ficou no escuro por tempo suficiente. Engulo meu desconforto e volto para Elowen. Ela espia por cima do livro quando entro novamente e o levanta. suas sobrancelhas franzem quando me ajoelho ao seu lado. Seguro seu pulso delicadamente e deslizo o anel em seu dedo indicador — uma safira estrela reluzente emoldurada por diamantes engastados em uma faixa de ouro.
Ela pisca lentamente enquanto olha para baixo antes de sair do transe e traçar a pedra oval com os olhos. Eu não tinha planejado dar isso a ela ainda, mas sempre seria dela. Uma mistura de orgulho e posse se entrelaça dentro de mim, e não deixo de notar a ironia de serem as cores da nossa casa.
“Guarde-o em segurança para mim.”
Não lhe ofereço nenhuma informação enquanto ela continua a me encarar, e a deixo ponderar suas teorias. Mulheres não usam anéis para simbolizar noivado, e se fosse para esse propósito eu o teria colocado na mão oposta e no dedo anelar, mas parece certo vê-lo nela.
Voltando à minha mesa, pego a pilha de relatórios lacrados da gaveta e apoio os óculos na ponta do nariz. Os dragões giram em torno das torres, e eu os observo

pelo canto do olho enquanto suas asas cortam as nuvens. Calithea parece ter nascido da própria noite, com suas escamas prateadas que lembram uma estrela brilhante.
A frente de batalha de Imirath tem estado quieta, mas não confundo a calmaria com paz. Garrick jamais se renderá, nem eu. Ele é orgulhoso demais, e se já descobriu quem eu sou, sabe que nunca o deixarei viver.
Não há fim para esta guerra na qual nós dois sobrevivemos.
Saio do nicho e jogo a pilha de relatórios na lareira em frente à cama de dossel. Não há nada de valor nas palavras, então não faz sentido guardá-las. Apoio as mãos na lareira e abaixo a cabeça enquanto ouço o crepitar da lenha e Elowen se vestindo.
Ela volta para o quarto, mas para na porta. Sinto seus olhos queimando minhas costas como uma marca e lentamente olho por cima do ombro para observá-la. Suas bochechas estão coradas do banho e cachos escuros e úmidos pendem até seus quadris. Uma combinação de sálvia com bordados dourados roça o alto de suas coxas e um robe de renda branca cai atrás dela e desce por seus braços.
Engulo em seco e desvio o olhar para a parede enquanto ela sobe cama, ainda segurando o mesmo livro com os nós dos dedos brancos. Minhas unhas cravam na madeira antes de me afastar da lareira e pegar alguns suprimentos médicos de uma caixa ornamentada sobre uma pequena mesa. Ela segura o livro contra o peito como um escudo enquanto me aproximo e sento ao seu lado.
"Não posso ver você sentindo dor e não fazer nada a respeito", afirmo.
"Por quê?", ela sussurra a palavra, carregada de exaustão, mas algo mais se esconde sob a superfície. Há uma pontada de desespero, como se ela precisasse ouvir a resposta para acalmar as dúvidas em sua mente, cultivadas pelas minhas ações.
Passo a língua pelos dentes enquanto penso em como articular meus pensamentos. "Desde o momento em que você entrou na minha vida, tenho uma necessidade incessante de garantir o seu bem-estar, e sou ciumento demais para ver outra pessoa cuidando de você."
Ela ri baixinho enquanto se apoia nos travesseiros às suas costas e dobra os joelhos para que eu possa trabalhar.
"Porra", murmuro enquanto respiro fundo, embora isso não ajude, considerando que tudo o que estou inalando é seu aroma inebriante de lavanda e baunilha. Ela ri de novo porque a sedutora sabe exatamente o que está fazendo comigo. Desenrolo as bandagens aquecidas que já usei nela antes, enquanto a observo. Um pequeno pedaço de renda cobre o ápice de suas coxas, que eu poderia facilmente afastar, e seus mamilos pressionam a seda que cobre seu peito, que sobe e desce desigualmente.
Ela cantarola aliviada quando chego à metade de sua coxa, e eu paro brevemente meus movimentos. "Você acorda todo dia pensando em novas maneiras de me torturar?"
"Sim."
A voz dela.
A risada dela.
É como ouvir uma balada depois de sair do campo de batalha.
Ela se senta assim que termino sua coxa, mas não sinto alívio algum com a nossa

nova posição, considerando que tudo o que ela faz é aproximar seu rosto do meu. Ela estremece sob meu toque enquanto mergulho minhas mãos sob sua combinação e passo os dedos delicadamente por seu torso. Seus olhos não desviam dos meus, e ela não recua, não evita me olhar como fazia no banho. Pressiono a mão em suas costas, egoisticamente nos aproximando e inclinando a cabeça para baixo enquanto começo a enfaixá-la. Ela respira fundo enquanto suas mãos se lançam para a frente e cravam as unhas em meus ombros.
"Eu o ressuscitaria só para matá-lo de novo. Você sabe disso, né?", murmuro contra a lateral da cabeça dela. Ela acena com a cabeça na curva do meu pescoço. "Só respire por mim. Depois que você estiver enfaixada, vai se sentir melhor, mas os ferimentos vão demorar mais para cicatrizar se eu não fizer isso." Sua expiração se avoluma contra mim enquanto continuo meus movimentos lentamente, por mais difícil que seja estar perto dela, sabendo que ela se retirará em poucos segundos. "Que outras palavras você aprendeu enquanto estudava Ravariano?"
"Concentrei-me principalmente no básico, em alguns comandos de dragões e também em frases para insultá-la com sucesso." Ela relaxa contra mim e meus lábios se curvam. "Vou continuar depois que você terminar. Fiz uma pausa para ler sobre as origens dos dragões. Quero saber se há algum motivo para eu compartilhar um vínculo com eles."
“O que você descobriu?”
"Asena, a alta sacerdotisa, me disse que sou abençoada pela Deusa das Chamas. Durante a cerimônia do dragão, ela disse que minha alma foi forjada no fogo dos deuses." Ela se inclina para trás para me olhar enquanto fala. "Os dragões surgiram no mundo há séculos, durante a Era dos Dragões. Eles inicialmente eclodiram das estrelas, mas a deusa sentiu algo espreitando dentro do núcleo da Terra. Todos os dias, durante cinco anos, ela colocava as palmas das mãos no chão e deixava sua magia fluir. Ela era atormentada por sonhos que faziam os outros pensarem que ela era louca, mas os dragões começaram a se esforçar para escapar. Dizia-se que havia tantos dragões que era impossível sair de casa sem ver um no céu."
Minhas sobrancelhas se franzem. "Dizia o que aconteceu com todos eles?"
"Não disse o que causou a queda deles, mas gostaria de perguntar a Asena sobre isso quando tiver a chance." Seus olhos ganham vida de uma forma que eu não via desde a noite em que Ailliard morreu. "Se ela estiver certa, a explicação mais sólida para o meu vínculo é que os dragões sentiram o fogo dentro de mim quando os ovos foram colocados em volta do meu berço. Minha alma os invocou quando veio ao mundo."
"E você acredita nela?" Não quero destruir a esperança dela, mas Asena não é o recurso mais forte. Fé cega é a ausência de lógica. Pode funcionar para algumas pessoas, mas não para mim.
Os olhos de Elowen se voltam para a janela, acompanhando os movimentos de seus dragões enquanto contempla. "Nunca adorei os deuses, mas não me oponho a ouvir todas as teorias enquanto continuo minha pesquisa para ampliar minha perspectiva. Sempre há alguma verdade a ser encontrada nas lendas, se você ler com atenção." Ela ignora o assunto sem me dar a chance de responder e pergunta: "Você pode me falar sobre o anel?"

"Um dia." As palavras têm um gosto amargo na minha língua. Não é a resposta que ela quer, mas é a que ela precisa. Isso a fará se afastar, mas ela não está pronta para ouvir sobre as origens. Eu queria ser egoísta o suficiente para contar a ela, para ser como sou com todos os outros, mas não consigo. Mesmo em sua raiva, seu coração permanece mole, e eu quero reconquistá-lo com minhas ações, não com uma história do meu passado.

Ela bufa e se joga de volta nos travesseiros, abrindo o livro para proteger o olhar do meu. "Você não precisa manter essa fachada misteriosa. Você é bonita de se olhar, então tenho certeza de que isso vai me manter interessada com o passar dos anos."

O fantasma da carícia queima minha carne, e eu flexiono as mãos para livrá-las do vazio. "Você está insinuando que me acha bonito e que teria se casado comigo se eu tivesse pedido direito?"

Ela deixa o livro cair sobre o peito. "Eu nunca disse isso."

Toco seus lábios com um dedo. "Você não precisava, sirantia."

Capítulo
SETE

Elowen

Meu coração bate forte como Venatrix voa paralelamente ao mar lá embaixo. A água do mar salpica minhas bochechas, roubando o ar dos meus pulmões devido à temperatura gélida. Solto os chifres da sela, abrindo bem os braços e deixando o vento soprar por entre meus dedos enluvados.

Às vezes, minha mente parece estar à beira de um cânion insondável, e outras

vezes me sinto no fundo dele, olhando para cima através da escuridão, sem ter como chegar ao topo. Uma semana se passou rapidamente, e percebi que a maioria dos meus problemas são abafados pelo som das asas de dragão batendo de cada lado, e é por isso que passei mais tempo no ar do que no chão.
"Andula, Venatrix", ordeno, usando a palavra ravariana para *mais rápido* . Quando não estou voando, continuo estudando a língua. Cayden tem estado ocupado com reuniões de guerra, mas ambos concordamos que treinar com os dragões o máximo possível beneficiará a mim e ao exército mais do que estudar mapas ou discutir estratégias.
Sorin dispara para a frente, tentando ultrapassar Venatrix, mas eu o ordeno que volte à fila. Um gemido de desgosto ecoa em sua garganta enquanto ele obedece, e eu olho por cima do ombro. "Eu montei em você ontem, seu menino mimado."
Alterno frequentemente entre a língua comum e o ravariano e, embora pareçam entender ambas, prefiro a forma como este último soa. Sorin é o mais rápido e não deixa nenhum deles esquecer. Especialmente Venatrix, cujo rosnado faz minhas pernas vibrarem. Eu me pego em suas escamas quando Sorin a esbarra por trás.
“Lotas.” *Obedeça.*
Sorin geme novamente, mas não me desafia, e faço questão de lhe oferecer minhas costas antes que meu sorriso se desfaça. Acho que não conseguiria controlá-lo se ele percebesse que estou gostando de suas brincadeiras. Eu o entreteria se não estivéssemos prestes a começar um exercício de treinamento, mas o labirinto irregular de rochas surge à vista. A névoa cobre as pedras escuras com um manto sinistro enquanto as ondas quebram contra os pilares cambaleantes.
Preciso garantir que estejam prontos para as batalhas que virão. A vida de um dragão não vale a do meu pai, não importa o que ele tenha feito comigo. Não abandonarei seu amor e lealdade para cumprir minha vingança. O frio penetrou nos chifres de aço da sela, mas, apesar disso, aperto meu aperto com mais força. Cada dragão usa uma sela preta com tiras que se prendem ao meu cinto e me impedem de cair quando eles giram e se contorcem. Dragão e cavaleiro devem ser um só, e não quero restringir seus movimentos. A atenção deles se divide quando monto sem sela, e eu não conseguiria conviver comigo mesmo se meu descuido fosse o catalisador para que se machucassem.
Deslizo a mão pelas escamas carmesim de Venatrix, e ela cantarola baixinho. Algo no conforto contido naquele pequeno gesto me faz querer deitar de costas nela e esquecer que o mundo existe, mas cerro os dentes, sabendo que isso não é uma opção. As pessoas costumam julgar coisas que não podem controlar e usam sua animosidade como armadura para se defender do desconhecido. Ailliard acreditava que meus dragões eram bestas amaldiçoadas, mas sua traição selou seu destino, não o fogo que derreteu a carne de seus ossos. Só porque alguém acredita que algo é monstruoso não significa que seja.
Nasci em um mundo que não aceita meu poder, mas vou abrir um lugar aqui para mim e meus dragões com lâminas e chamas.
O vento chicoteia minhas bochechas como milhares de pequenas agulhas enquanto cruzamos a sombra do primeiro penhasco. As ruínas do que antes era um templo divino dedicado ao Deus da Morte, da Água e da Lua se erguem

como um labirinto de pedra obsidiana. Uma sensação assombrosa pulsa. pelo ar, mas mantemos o curso. Inclino-me para mais perto de Venatrix enquanto ela vira o corpo para entrar no labirinto por uma pequena abertura.
Não há nada como voar.
Ela se abaixa bruscamente por uma passagem estreita criada pela colisão de dois pilares — o musgo marinho que cresce no topo me faz acreditar que é assim há séculos. Ela gira em torno de uma coluna com graça e se endireita logo acima da superfície. A rebentação agitada corta as paredes desgastadas pelo mar, e as ondas que batem contra elas ribombam como trovões. Rochas pontiagudas espreitam através das ondas brancas enquanto ela ziguezagueia por elas.
Minha cabeça se joga para trás quando Venatrix dá uma guinada brusca para cima, fechando as garras para evitar que raspem nas ruínas. Pressiono o peito contra a sela, mantendo-me o mais próximo possível dela. Suas asas se abrem para os lados, nos empurrando de volta para cima, acima de uma pedra inclinada horizontalmente em outra pilha de rochas caídas.
Venatrix é feroz em tudo o que faz, e me pergunto se isso tem algo a ver com suas origens. O vermelho intenso de suas escamas sugere que ela seja uma fúria sanguinária. Eles eclodem dentro de vulcões, onde suas mães depositam seus ovos em poças de sangue fervente. Humanos ou animais, pouco importa. Acredita-se que o processo de incubação foi como eles ganharam sua coloração carmesim, e sua sede por sangue é mais forte do que a de outros dragões. A mãe mergulhava em um frenesi assassino pouco antes de botar sua ninhada para que seus filhotes pudessem vir a este mundo com um banquete.
Minha garganta se fecha ao notar a lasca que leva a um longo eixo, largo o suficiente para ela passar, desde que consiga impulso suficiente antes de penetrar. Suas costas são largas demais para que eu possa envolvê-las com as pernas — preciso até me ajoelhar em Calithea —, então desprendo as correias da sela e deito de bruços. Seu coração bate forte sob minha bochecha, e uso o som para me ancorar enquanto ela penetra. A escuridão me envolve. A pedra está tão perto que a umidade acaricia minha pele. Se eu me movesse um centímetro, rasgaria minha bochecha. Venatrix continua deslizando de forma constante e uniforme, e meu coração bate em sincronia com o dela.
Pela primeira vez na minha vida, não temo o confinamento, embora ache que o crédito por isso se deve ao dragão abaixo de mim. O mar desaparece e, por um momento, tudo o que existe no mundo é sombra e fogo.
A luz do sol queima meus olhos quando ela passa, e minha trança chicoteia atrás de mim enquanto me sento, deixando as ruínas do templo para trás. Sorin e Calithea seguem o caminho de Venatrix, mas Basilius e Delmira voam por cima do último pilar. Basilius jamais passaria pela abertura, e duvido que Delmira também. Orgulho cresce em meu peito enquanto observo suas escamas brilhando ao sol enquanto elas caem e brincam umas com as outras.
Às vezes, me emociono só de olhar para eles, e a magnitude do que sinto por eles me domina. Não importa a dor que o vínculo me causou, eu jamais poderia fugir dele. Acho corajoso abrir o coração sabendo que o amor pode se transformar em perda em questão de segundos. Eu me consideraria um covarde se não cuidasse dos meus dragões como eles merecem.
Minha menor dragão é Calithea, embora ela não seja pequena. Ela é considerada

uma devoradora de estrelas, com suas escamas prateadas e asas com pontas brancas que me lembram flocos de neve, vindas dos primeiros dragões que existiram. Seu ovo teria sido mantido na margem de uma fonte termal dentro de uma montanha, e ela teria brilhado ao eclodir. Dizia-se que filhotes de devoradora de estrelas pareciam estrelas cadentes quando tinham uma explosão de energia. Eles só aprenderam a diminuir seu brilho após os primeiros três meses e foram mantidos na caverna até que isso acontecesse para protegê-los de predadores. Os dragões nunca saíram do meu lado quando eu era bebê, então ela estava segura em meus aposentos.

O meu segundo maior é Venatrix, seguido de Sorin. A ameaça verde-esmeralda com manchas pretas nas asas e chifres. Ele sempre foi o mais imprudente de todos — era apenas um bebê quando arrancou o mindinho do Garrick com uma mordida por ele ter levantado a mão para mim. Ele é, sem dúvida, um deathclaw. A mãe dele teria voado para a floresta mais densa na vastidão de Urasos ou mais ao norte, em terras divinas, para depositar sua ninhada na base... de um sabugueiro. Ela teria matado qualquer um que entrasse na floresta buscando roubar seus filhotes ainda não nascidos e alimentado com o sangue deles nas raízes que se prendiam aos ovos como se fossem garras de verdade.

Depois vem Delmira; sua coloração azul-clara com manchas amarelas é a de uma guerreira-do-céu. Delmira é suave como um dia de verão, mas também pode evocar a força de uma tempestade. Ela não só tem a capacidade de escurecer suas escamas para se misturar à noite, como também pode se misturar ao dia. Para proteger seus ovos, uma guerreira-do-céu fêmea voava por meses, mantendo seus filhotes ainda não nascidos aquecidos com suas chamas enquanto esperava que eclodissem.

Basilius é o mais tímido e o maior. Tive muita dificuldade em encontrar informações sobre ele, mas aparentemente há uma série de vulcões no deserto de Galakin, chamados de Anel de Fogo, e ele provavelmente é do centro deles. Os gases tóxicos que sobem no ar deixam o céu roxo. Ele é considerado um espectro do trovão. Os espectros do trovão têm os rugidos mais profundos, frequentemente comparados ao próprio trovão, e os adultos rugiam tão alto ao eclodir de suas ninhadas que o chão tremia como se um vulcão estivesse em erupção.

Venatrix se vira na direção do castelo, e eu fecho os olhos novamente. Este é o único lugar onde me sinto leve e livre. É como se meu cansaço surgisse com o sol e permanecesse acorrentado a mim durante todo o dia. Estou ansioso demais para dormir, e toda vez que fecho os olhos, vejo o rosto de Ailliard pouco antes de eu queimá-lo. Ouço o som nauseante da faca afundando nele depois que a arremessei, e as palavras com as quais ele me sobrecarregou ao longo dos anos.

A voz dele não morreu com ele; ela me incomoda todos os dias.

As coisas que ele disse sobre mim.

As coisas que ele disse sobre Cayden.

Passei tantos anos tentando agradar a ele e a todos os outros, a ponto de às vezes não saber quem eu sou além de quem eu achava que deveria ser. Ele sabia como entrar na minha cabeça e me manipular melhor do que ninguém. Ele sabia onde atacar, e sou eu quem tem que conviver com isso.

Sorin ruge, e eu abro os olhos para encará-lo. Ele voa perto o suficiente para me

cutucar no ombro, e eu rio da malícia estampada em seu olhar esmeralda. "Olá, meu amor."
Ele gira rapidamente antes de se endireitar e se aproximar novamente.
“Ah, você quer jogar.”
Ele grita em resposta.
Removo meu cinto grosso e o casaco de inverno, prendendo-os à sela de Venatrix para evitar que se torne vítima do desejo caótico de Sorin. Suponho que deveria ter me agasalhado debaixo do casaco, mas saí do castelo às pressas quando senti Delmira tendo um pesadelo. Mangas lilás transparentes salpicadas de joias azul-escuras caem pelos meus braços e ondulam ao vento, mas pelo menos minhas calças de escamas de dragão são forradas com lã, e minhas costelas estão quase curadas, então o espartilho não me incomoda mais. Coloco as mãos embaixo do corpo e me levanto lentamente enquanto Venatrix bate as asas uniformemente. Sorin mantém os olhos em mim enquanto abro os braços e acalmo minha mente novamente. A expectativa me percorre como uma tempestade, e pisco para ele antes de pular de Venatrix.
Uma série de emoções diferentes são disparadas pelo elo. Medo de Calithea e Basilius, raiva de Venatrix e Delmira pela minha imprudência, mas Sorin é pura alegria. Um grito escapa da minha garganta enquanto caio em queda livre em direção ao mar, enquanto Sorin mergulha bruscamente. Eu rio e me desequilibro, sabendo que ele nunca me deixará cair. O vento uiva em meus ouvidos como uma banshee, e o sangue pulsa em meu corpo. Cada dia com meus dragões é um privilégio, e não pretendo desperdiçar um único segundo. Consigo me endireitar e inclinar o queixo enquanto ele diminui a distância entre nós e enfia o focinho na sola da minha bota, me fazendo rir novamente.
Ele bate as asas e abaixa seu corpo imponente ao lado do meu até que nossos olhos se encontrem e nos encontremos. Ele cantarola um som de contentamento baixo, enquanto os outros dragões nos perseguem, mas estão muito atrás para nos alcançar. Estendo a mão e pressiono seu focinho, e ele se inclina ao meu toque. O oceano fica mais barulhento, mas eu... Não se mexa, e Sorin vive para isso. Isso é mais do que um momento de imprudência; é uma demonstração de confiança.
Venatrix ruge, fazendo Sorin bufar, e ele se vira para me colocar na altura da sela. Envolvo meus chifres com as mãos, e ele lentamente nos endireita até que meu peito pressione suas costas, e a arrebentação esteja tão perto que ele é forçado a virar à direita para evitar uma onda que nos arrebente.
Sorin diminui o passo quando passamos pela floresta, deixando os outros dragões alcançá-lo enquanto se vangloria. Tenho a sensação de que Delmira e Venatrix iriam se chocar contra ele se eu não estivesse em suas costas, considerando o jeito como seus olhos estão semicerrados. Prendo a respiração e não percebo o quanto minhas bochechas doem de tanto sorrir até relaxar, deixando Sorin me carregar de volta para Verendus depois de arrancar meu casaco de Venatrix.
Um grupo de cavaleiros carregando o símbolo da minha casa está se afastando do castelo, e eu me levanto da sela, imediatamente alerta. Há soldados demais para que esta seja uma patrulha de rotina. Ainda é cedo e não fui informado de ninguém viajando para o norte. Finnian é fácil de avistar, com seus cabelos

ruivos se destacando contra a floresta gelada, e não é difícil identificar Cayden e Ryder depois disso. Sorin segue o caminho deles, projetando-os na sombra de uma asa.
A mesma névoa que cobria as rochas paira pesada sobre a floresta, tornando a luz das tochas à distância fácil de avistar em meio ao cinza. O batalhão para ao lado de um lago azul-cristalino, e Sorin começa a girar lentamente em torno dele enquanto desce. Venatrix o segue, mas os outros três permanecem no ar. Nunca fora de vista, no entanto.
O gelo ao longo da borda racha quando Sorin pousa e abaixa o ombro para que eu possa saltar... mas as sobrancelhas franzidas de Finnian quando ele olha para mim me fazem parar. Venatrix deve sentir a tensão crescendo dentro de mim, pois desliza a cabeça por cima do meu ombro e rosna para os quatro soldados estilianos ajoelhados na lama.

Capítulo
OITO

Elowen

A AGORA ESTALA SOB OS PÉS QUANDO EU Desmonto, mas não me afasto de Sorin e Venatrix enquanto encaro quatro rostos familiares do outro lado da margem. Suas asas se abrem atrás das minhas costas e suas garras dianteiras afundam no chão enquanto rosnam baixinho. Jarek se encolhe e rapidamente move as mãos atadas para onde tenho certeza de que sua lâmina estava antes de os soldados de Vareveth a confiscarem.

Estalo a língua enquanto o rosnado de Venatrix se intensifica. "Não se mova muito rápido. Você vai assustar os dragões, e eles são bem protetores comigo. Se quiserem te matar, não serei capaz de detê-los."
Cayden caminha em minha direção, cortando a visão dos meus velhos guardas e de Jarek. Ele não precisa me dizer que algo está errado; eu sei que está. As patrulhas da fronteira receberam ordens de conceder acesso ao reino a qualquer cidadão estiliano e escoltá-lo em segurança até o castelo. Passo o polegar sobre o anel que ele me deu de presente, apesar de estar coberto pela minha luva. Suponho que seja importante para ele, considerando quantas vezes seu olhar o encontra, mas me forço a não perguntar sobre as origens novamente, pois sei que ele me negará. Não quero lhe dar a satisfação de saber o quanto penso nisso.
"Por que eles estão aqui?" Nessa, Esme e Zander eram três dos quatro guardas que escaparam de Imirath com Ailliard e eu. O único que falta é Lycus. Eles se moveram em bando, e eu o encontrarei em menos de uma hora se ele estiver à espreita em algum lugar do meu reino. Todos eles carregam o evidências de uma luta, com lábios rachados e cortes sangrentos em suas roupas.
"Os soldados em patrulha encontraram perdões para todos, exceto Jarek. Em cada um deles, Ailliard alega que os chantageou para deixar Imirath e implora a Garrick que mostre misericórdia e lhes conceda posições na infantaria para provar sua lealdade", responde ele sem emoção, que é o que eu preciso agora. Isso empalidece em comparação com a traição de Ailliard, e se Cayden me olhasse com pena, minha raiva só aumentaria.
Uma princesa descartada, a voz de Ailliard invade minha mente antes que eu tenha a chance de calá-la. Mas preciso ser mais do que um título. Preciso ser mais do que os outros governantes de Ravaryn. O peso da coroa esmaga a maioria, mas onde eles vacilarem, eu voarei.
"Podemos levá-los de volta ao castelo para interrogatório, se preferir", ele oferece enquanto me entrega o maço de perdões. "Fui notificado sobre os movimentos deles logo depois que você partiu para o treinamento de voo e alertei os guardas da masmorra para mantê-los separados, mas é você quem decide como procederemos."
Reviro os lábios, contemplando sua proposta. "Teríamos que escoltá-los pelas ruas de Verendus, alertando a todos sobre a traição dentro do meu reino. Recuso-me a deixar traidores covardes me fazerem parecer fraco. Por que não viajaram pelo mar para evitar o nosso reino?"
"As tempestades esmeraldas estão subindo o Mar de Dolent. Elas provavelmente pensaram que suas chances seriam maiores se pudessem enfrentar um oponente que pudessem matar em vez de uma tempestade marítima." Um alerta de tempestade esmeralda não é algo para se encarar levianamente e nem fácil de prever. As tempestades ganharam esse nome porque dizem que, quando o mar fica verde, a morte está próxima. Você pode estar pescando nas águas mais calmas em um momento e ser atingido por ondas do tamanho de montanhas no momento seguinte.
Eu teria corrido o mesmo risco viajando a pé, mas com certeza não seria burro o suficiente para ser pego. Mesmo que chegassem a Imirath, teriam sido jogados na masmorra e torturados se não fossem mortos na hora. Roubar uma princesa de um castelo não é um crime que se perdoa ou esquece com o tempo. Garrick teria

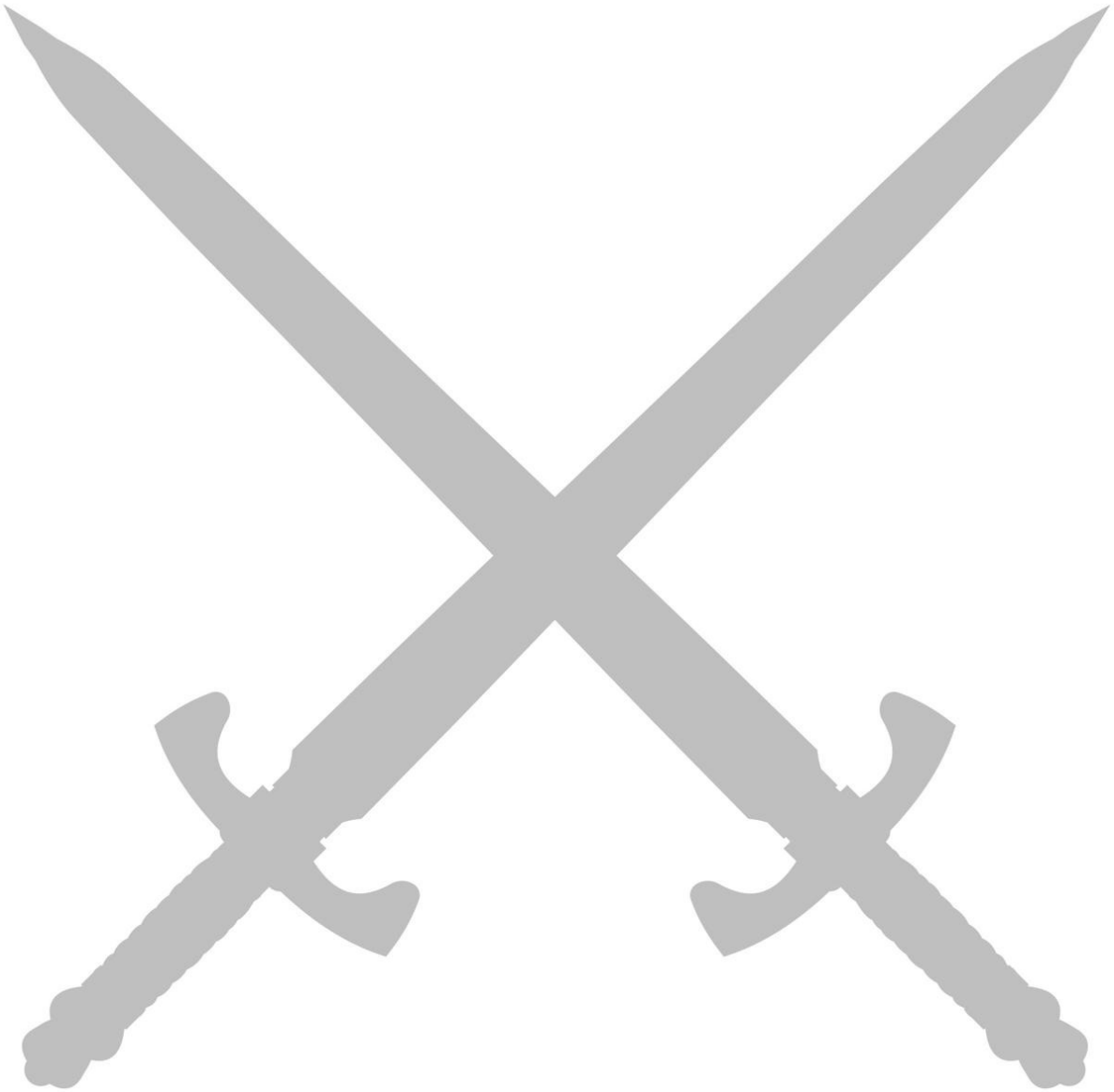
feito... um exemplo deles no momento em que os teve em suas mãos. Parte de mim quer deixá-los cruzar a fronteira para provar isso, mas não tenho paciência.
Rasgo os perdões ao meio e os jogo na lama. "E Jarek? Qual é o propósito dele?"
“Ele se recusou a falar com os soldados, mas não é nada que eu não possa resolver se você precisar das minhas habilidades.”
Dou um sorriso irônico para ele. "Tenho certeza de que vou conseguir."
"Espero que sim."
Ele apoia a mão no cabo da lâmina enquanto se vira e me acompanha para mais perto dos prisioneiros. Sorin e Venatrix sacodem o chão enquanto os seguem, e os outros três circulam os céus como se estivessem em busca de presas. Os cativos pelo menos têm o bom senso de tremer, então parece que não são totalmente obtusos.
"Eles são lindos, não são?" Aponto para os dragões às minhas costas.
“S-sim, minha rainha,” Jarek gagueja.
"Você sabia que dragões também são muito inteligentes? Muito mais inteligentes do que a maioria das pessoas, embora isso não seja exatamente um elogio." Envolvo meus dedos no queixo de Jarek e levanto sua cabeça bruscamente. "Onde está Lycus? Diga-me agora e eu lhe darei a clemência de uma morte rápida. Se não me informar, farei com que ele implore por isso assim que o encontrar."
"Ele não está aqui", afirma Jarek. "Ele não te traiu, nem eu."
"Quieto", Zander rosna, mas Jarek continua apesar da ordem.
Ele recusou o perdão, aparentemente disse a Ailliard para queimá-lo há vários anos e nunca mais falar sobre o assunto. Eles estavam guardados sob uma tábua solta no quarto de Ailliard, na sua casa. Lico desembainhou a espada contra nós quando saímos de Aestilian, mas foi ferido. Não sei como ele está.
Aperto meu braço com mais força, a amargura e o medo por Lycus crescendo dentro de mim. Só posso esperar que ele tenha chegado até Nyrinn. Ela nunca precisou de magia para fazer milagres com agulhas e ervas. "E suponho que seja mera coincidência você estar viajando com traidores?"
Eu o solto bruscamente, deixando sua cabeça cair de vergonha enquanto eu o encaro. os outros três. Imagino quantas vezes falaram em voltar para Imirath em mesas cheias de comida fornecida por mim.
"Em tempos de guerra, as lealdades são abaladas", começa Nessa. "Assim que soubemos do seu noivado, sabíamos que você retornaria a Aestilian em busca de soldados para lutar por sua causa, mas jamais poderíamos lutar contra o Rei Garrick."
"Então vocês tentam correr pelo reino como ratos para voltar para um rei que não os quer", Finnian rosna, seu rosto se contorcendo de desgosto enquanto ele se aproxima de mim com uma mão no punho de sua lâmina.
"Você assassinou Ailliard!" Zander grita, com a voz trêmula por seu amigo caído.
“Você logo perceberá que é assim que resolvo muitos dos meus problemas.”
Ele cospe, mas a bola cai perto da minha bota. Cayden é o primeiro a desembainhar a espada, seguido pelos soldados ao meu redor. "Ele era da sua família. Seu sangue. Você o assassinou!"
"O que eu fiz foi necessário." Coloco minha mão sobre a de Cayden para

impedi-lo de encerrar o interrogatório, e ele move a lâmina à minha frente para formar uma barreira de aço. "E não precisa se repetir. Acredito que todos nós ouvimos você da primeira vez."
Em seguida, viro-me para Nessa e Esme. Faz apenas algumas semanas que falei com Nessa sobre Aestilian e a filha dela e de Esme enquanto tomávamos chá. "Você abandonou Moriko?"
Nessa respira fundo. "Ela morreu de febre. Nyrinn não conseguiu salvá-la."
"Meus pêsames." Algo se contorce dolorosamente em meu peito. Moriko era uma inocente que estava apenas começando a vida e foi levada embora injustamente logo.
Cayden assume o meu lugar e se dirige a Jarek: "Você nunca declarou seu propósito."
"Ailliard me confiou a segurança da Rainha Elowen em diversas ocasiões e declarou descaradamente sua desaprovação dessa união", afirma Jarek com mais confiança do que alguém deveria ter de joelhos.
Um momento de silêncio confuso se passa antes que Cayden responda. "E?"
“Uma rainha merece mais que um demônio”, ele cospe.
Esme ri baixinho. "Nós o levamos conosco porque ele é um bom soldado, mas não achávamos que seu pedido seria atendido. Ailliard prometeu Elowen a Jarek se ela não encontrasse um parceiro adequado depois de comparecer à corte."
“Esme”, Jarek rosna.
Ele queria provar seu valor na guerra e negociar a sobrevivência dela para se casar com ela. Garrick não tem outros herdeiros e Jarek concordaria com quaisquer termos de Garrick, mesmo que isso significasse manter Elowen confinada em seus aposentos. Ele não se calou sobre isso durante todo o tempo em que cavalgamos até aqui. Teríamos pegado um barco se não fossem as tempestades, e eu o teria jogado no precipício.
"Puta", Jarek rosna.
"Já estamos mortos", ela responde calmamente. "Podemos estar em lados opostos de uma guerra, mas ela ainda é Elowen. Darei a ela as respostas que puder."
Ela ainda é Elowen.
Uma frase que deveria me confortar só me revira o estômago. Passei anos ao lado dessas pessoas, sangrei por elas, alimentei-as, lutei por elas, e mesmo isso não foi suficiente.
Imagino como seria ser o suficiente exatamente como você é. Às vezes, parece que eu poderia lutar até estar a um passo da morte e ainda assim não conseguir.
Cayden inclina a cabeça na minha direção, e eu assinto. Sua lâmina brilha sob o sol nascente enquanto o golpeia, interrompendo o apelo de Jarek enquanto Cayden o decapita com um golpe rápido. Sangue respinga no rosto de Zander e a cabeça cai no chão. Eu a empurro para longe quando ela se aproxima da minha bota.
"Considero-a culpada de traição à coroa. Eu, Elowen Atarah, rainha de Vareveth, rainha de Aestilian, princesa de Imirath, rainha dos dragões, condeno-a à morte."
Passei anos da minha vida ao lado deles. Embora eu suponha que seja verdade que o amor e o ódio andam numa linha tênue, e que o último pode lentamente se infiltrar no primeiro, envenenando-o sem que ninguém perceba.

Dou um passo à frente depois de ordenar que os soldados que estavam atrás dos prisioneiros se afastassem e abaixei minha voz para que somente eles pudessem ouvir. "Você sabia o que Garrick estava fazendo com meus dragões quando os deixou para trás. Você me viu caminhar pela vida com cinco membros faltando e nunca me deu nenhuma informação sobre o castelo de Imirath, por mais que eu implorasse."
"Achamos que era uma missão inútil." A voz de Nessa treme enquanto a cabeça de Sorin paira sobre a minha.
“Parece que os únicos tolos são vocês.”
Sem mais nada a dizer, viro as costas para eles, mas Zander fala antes que eu vá longe, mantendo a voz baixa como eu. "Vocês realmente acham que podem construir um futuro com um homem que odeia o sangue que corre em suas veias? Seu pai sempre será o inimigo dele, e quando vocês tiverem herdeiros, essas crianças podem se parecer com ele. Voltem para o seu pai e cumpram o seu dever, Princesa."
O apelo não é revestido de condescendência, é genuíno. Seu último presente para a linhagem de Atarah antes de deixar este mundo. Aperto as mãos para impedi-lo de ver o tremor que me percorre. "O futuro não deveria te preocupar; você não tem lugar nele."
“Elowen, espere!” Esme grita.
Mas eu não.
Nem Sorin nem Venatrix, pois suas mandíbulas se abrem e chamas se espalham em ambos os lados de mim.

Capítulo
NOVE

Cayden



My cabeça bate no
Consequências de passar o dia cercado de pessoas. Reuniões de guerra são inúteis no momento, considerando que não ouvimos nada sobre os movimentos de Imirath ou Thirwen, e mesmo assim meus generais insistem em

se reunir. Se eles não fossem bons soldados, eu não me daria ao trabalho de comparecer, mas infelizmente para mim, eles são. Embora eu tenha trazido à tona a questão de Aestilian depois do que aconteceu, e incluído Finnian na discussão, já que ele é o conselheiro mais confiável de Elowen. Meus generais precisavam ser avisados de que ela e eu deixaremos o reino quando a guerra estiver em nosso encalço.
Não quero perder mais soldados em outra escaramuça infrutífera na fronteira, e não quero avançar o exército antes da chegada de Thirwen. Se eles atracarem em Vareveth enquanto estivermos em Imirath, corremos o risco de travar uma guerra em duas frentes. Trilho o caminho da guerra desde criança e não serei enganado por um rei que comanda seu exército por trás das muralhas do castelo enquanto minha espada está erguida no campo de batalha.
Abro a porta da suíte e saboreio o silêncio. Elowen voltou há apenas uma hora, depois de voar o dia todo, e me forcei a ouvir meus generais ponderando estratégias para lhe dar um pouco de paz e privacidade. Deixei claro que ela é bem-vinda às reuniões, mas seu tempo é melhor aproveitado aprendendo sobre dragões e testando comandos. Sabendo como as batalhas podem se tornar horríveis, estou aliviado por ela não ser... lutando no chão, embora imaginá-la a centenas de metros de altura não alivie meus nervos.
Uma lareira crepita na sala de estar, lançando um brilho aconchegante sobre os estofados azul-escuro e dourado. Passo pelo sofá, mas em vez de virar à esquerda, viro à direita, o que me leva aos cômodos que antes eram meus aposentos nesta suíte compartilhada. Enfiando as mãos nos bolsos, encosto-me no batente da porta. Prateleiras de madeira escura enfeitam as paredes onde janelas e arandelas não interrompem. Mantive a área de estar perto da lareira e adicionei lanternas de vitral nas mesas laterais para fornecer mais luz.
Se Elowen sabe que estou aqui, ela não deixa claro e continua olhando através das portas da sacada. Os dragões voam sobre o lago congelado enquanto a neve cai, formando um manto mais espesso sobre a floresta que se estende entre aqui e Ladislava.
"Elowen", murmuro enquanto dou um passo à frente, sem querer assustá-la se ela estiver distraída. "El." Meus dedos deslizam pelo tecido macio de seu vestido lilás, e ela inala bruscamente quando deslizo a mão por baixo de seus cabelos e acaricio sua nuca.
"Aestilian." Ela respira fundo. "Precisamos evacuar." Fico em silêncio para que ela possa terminar de pensar. "Nós dois sabemos que Garrick tentará me machucar de qualquer jeito, mesmo que isso signifique matar um reino inteiro. Aestilian não tem poder para enfrentar Imirath."
“Eles podem vir para cá.” Durante a reunião, compilei uma lista de casas em Verendus desocupadas por aqueles leais a Eagor ou que fugiram para o campo para escapar de um potencial conflito como resultado do golpe.
Se alguém decidir não me seguir, preciso que você me prometa que vai deixá-lo ir. Não o ameace. Ele já passou por muita coisa.
Você já passou por muita coisa, eu quero dizer. *Demais.* Ela foi tratada tão mal que está confusa com a gentileza. O tratamento depreciativo de Ailliard para com Elowen ficou evidente desde o momento em que conheci o desgraçado. Eu o teria matado naquele mesmo dia se tivesse certeza de que isso não teria voltado

Elowen contra mim.
"Não vou te prejudicar", afirmo enquanto ela se vira para a minha mão. "Mas agirei se eles mostrarem sinais de traição ou agressão contra você."
Não sei como lidar com aqueles que ficaram de braços cruzados enquanto Ailliard a machucava. Mesmo que alguém apenas assista a um assassinato, ainda é cúmplice. Aestilian está praticamente indefesa, e não podemos nos dar ao luxo de enviar soldados para defender o norte enquanto estamos em guerra. Agora que Imirath se uniu a Thirwen, precisaremos começar a pressionar Galakin para ficar do nosso lado. Feynadra e Urasos são notoriamente neutros e, dada a natureza conquistadora de Garrick, como demonstrado pelos ataques nas ilhas do sul, provavelmente permanecerão assim. Nossa melhor chance é Galakin. Eles não só têm um relacionamento terrível com Imirath, como desprezam Thirwen.
Trinta e cinco anos atrás, a Guerra da Maré Carmesim eclodiu entre Thirwen e Galakin. A Rainha Cordélia, então princesa, tinha duas irmãs, não apenas uma como agora. O rei não tinha um filho homem e nomeou Cordélia sua herdeira, com a condição de que ela mantivesse o sobrenome Ilaria em vez do do marido. Ele prometeu sua segunda filha, Nasha, ao príncipe herdeiro de Feynadra, que atualmente governa o reino. Mas não se sabe o que realmente aconteceu com sua terceira filha, Cyra.
Galakin afirma que o segundo príncipe de Thirwen, irmão mais novo do Rei Fallon, a sequestrou após se apaixonar por ela em um banquete, mas Thirwen afirma que o falecido rei de Galakin os matou por sua rebelião. Alguns acreditam que os dois escaparam completamente e construíram suas próprias vidas. Uma das guerras mais sangrentas da história de Ravaryn foi travada por causa de um mal-entendido que ainda não foi resolvido. Chama-se Maré Carmesim porque, por léguas, o mar ficou vermelho. Nenhum dos lados foi declarado vencedor, considerando as imensas baixas.
Embora a guerra tenha terminado, o ódio só aumentou.
Imirath é uma península e, com a força adicional das ilhas conquistadas, sua marinha é formidável. Thirwen é um reino insular, assim como Galakin, e ambos extraem seu poder do mar. Vareveth é cercada por mar em todas as direções, exceto a oeste, e embora eu tenha passado os últimos anos construindo minha marinha, os outros reinos dominam nessa esfera.
Meu primeiro instinto é manter Elowen aqui, onde o exército a cerca. O bem-estar do povo de Aestilian não me tira o sono. à noite — mas Elowen encontrará uma maneira de ajudá-los com ou sem mim, e preciso estar com ela para o bem da minha sanidade.
Ela tenta desviar o olhar, mas eu levanto seu queixo. "O que foi?"
Vi como ela se mexeu quando Zander disse suas últimas palavras, mas não consegui ouvi-lo por causa do vento. Se ela não estivesse me dando gelo, eu teria encontrado um jeito de impedi-la de voar para longe. Não sei como lidar com isso. Nunca me importei com a reação de ninguém às minhas ações, mas prefiro que Elowen grite comigo do que desapareça em seus pensamentos, escapando por entre meus dedos como grãos de areia.
Um nó se forma entre suas sobrancelhas, e ela se afasta de mim para encarar a janela novamente. "Comandarei dois dragões para guardar a fronteira entre aqui e Imirath e dois para guardar o castelo em nossa ausência. Asena permanece no

reino, e eu a procurei antes de retornar ao castelo. Ophir, o líder do culto da água, também entrou no reino depois que suspendemos as proibições à magia. Eles uniram seu acampamento na floresta perto de Ladislava e disseram que podem abrir um portal para nós com suas forças combinadas."
Se eu apertar o maxilar com mais força, meus dentes vão quebrar, mas me forço a manter o tom de voz sereno. "Ficaremos fora por dois dias, no máximo. Você não ficará longe dos dragões por muito tempo e poderá testar o vínculo a uma grande distância."
Ela assente, torcendo os dedos em volta dos cachos. Palavras que não sei como formular queimam na minha garganta enquanto a observo. Sinto como se tivesse quebrado a única coisa na minha vida que eu considerava acima de tudo, e tudo em que penso a cada momento é como juntar os cacos para nos tornarmos inteiros novamente. Abro a boca para dizer algo... qualquer coisa, mas três vozes — *irritantes* — entram na suíte quando a porta se abre com força.
"Olá?", Ryder chama, e eu não me dou ao trabalho de atender. Elowen olha fixamente para o outro lado da sala antes de dar de ombros e esboçar um sorriso que nenhum deles consegue perceber quando eles aparecem na porta. "Bem, isso não é uma adição aconchegante ao seu ninho de amor?"
Ryder afunda na cadeira mais próxima do fogo, apoiando as botas na mesa. Se eu acreditasse nos deuses, rezaria por paciência.
“Cayden provavelmente concordaria, considerando que ele estava mais do que feliz em fazer um show de destruição de todos os seus móveis que costumavam estar aqui.”
"Não coloque palavras na minha boca." Estreito os olhos para Elowen. Eu jamais me referiria a algo como um *ninho de amor.*
Ela dá um sorriso irônico. "Como posso fazer isso se eles parecem não parar de sair?"
Reviro os olhos e procuro a garrafa de uísque antes de tomar um gole decente. Rezas não funcionam, mas o álcool ainda não me abandonou.
"Estamos prontos para partir amanhã?", pergunta Finnian enquanto Elowen se senta ao lado dele no sofá.
Os ombros de Elowen se enrijecem enquanto ela olha para o nosso grupo. "Vocês já se encontraram para discutir a evacuação?" Ela apoia os braços no encosto do sofá e fixa o olhar em mim. "Acabei de te contar dos meus planos."
Evacuação é a única opção. Não sabemos o que Ailliard revelou a Imirath enquanto negociava sua captura e, como você disse, Garrick massacrará seu reino simplesmente porque isso lhe causará dano. Se Lycus realmente se feriu enquanto o defendia e procurou atendimento médico, seu povo saberá de novas traições de figuras proeminentes de Aestilian e ficará nervoso.
Além disso, há muita terra entre aqui e Aestilian. Ela não pode governar ambos enquanto Urasos e Feynadra estiverem entre os reinos.
"Partiremos ao amanhecer?", ela pergunta, e eu aceno com a cabeça enquanto ela olha para a frente. Coloco meu uísque na lareira e afundo as mãos nas almofadas de cada lado da cabeça de Elowen. "Você está animada para voltar para o seu colchão cheio de caroços?"
Finnian geme em resposta, enquanto a voz de Ryder preenche o espaço. "Por que é sempre a primeira luz do dia? Acho que deveríamos começar a apreciar as

viagens à tarde."
“Porque há pessoas que podem morrer”, afirma Saskia categoricamente antes de entregar um pedaço de pergaminho a Elowen. “Cayden e eu compilamos uma lista de moradias disponíveis em Verendus. Ele desaconselhou Ladislava porque muitos de vocês são refugiados. Eles ficarão mais distantes da fronteira, no centro da cidade.
"Obrigada." Ela rapidamente enterra o nariz no jornal. "Isso é perfeito." Há um sorriso em sua voz que se reflete no rosto de Saskia. Sas precisa de alguém como Elowen desde que a conheci, e o mesmo vale para Elowen. "Há algum prédio grande o suficiente para servir de orfanato? Eu gostaria de manter as crianças juntas."
Inclino-me e apoio o antebraço no sofá. A pulsação no pescoço de Elowen acelera e a lista escorrega de seus dedos. Deslizo o dedo pela sua coxa. "Estes dois." Ela não me lança um olhar enquanto os aponto e aceita uma caneta de Saskia para sublinhar os endereços, embora pareçam mais raios.
"Pare", ela resmunga.
“Eu não disse nada.”
"Posso praticamente sentir a arrogância que emana de você." Dou uma risadinha, e Elowen muda rapidamente de assunto. "Não quero que ninguém em Vareveth saiba que meus guardas me traíram. Não conseguiremos esconder isso de Aestilian, mas os nobres aqui me odeiam, e não quero que a malícia deles se estenda ao meu povo por meio de rumores que orquestram para causar o caos no reino. Ainda há um punhado de cidadãos e soldados que desconfiam de mim, mas talvez eles se acalmem com o tempo, já que muitos são leais a Cayden."
"Qualquer pessoa leal a mim jamais lhe fará mal. Garanti que eles saibam as consequências."
“Sou a filha do seu inimigo — o inimigo deles — sentada no trono deste reino.”
"E eles morrerão mil vezes quando seu ódio chegar aos meus ouvidos." Meus lábios se curvam. "Mais mil se pensarem em te machucar."
Saskia suspira, mas não tiro os olhos de Elowen enquanto ela fala. "Você não pode usar esse remédio para todos os problemas."
“É eficaz.”
"Ele tem razão", Ryder acrescenta.
Saskia continua: "Como rei e rainha, vocês precisam levar em conta sua imagem pública. Algo com que eu sei que vocês nunca se importaram."
Elowen se levanta do sofá, erguendo o quadril e apoiando a mão nele. "Quando você invocou a cláusula do casamento, você apagou a divisão entre rei e comandante. Você não pode simplesmente matar para assumir o papel de Eagor porque isso te irrita."
"Os nobres nunca nos amarão, mas nos temerão. Terei a submissão deles, ou terei suas cabeças. Se um rei pode ser substituído, qualquer um pode." Dou a volta no sofá, diminuindo a distância entre nós, forçando-a a olhar para mim. "Eu não subi de posição fazendo amizade com as pessoas certas, eu o fiz matando as certas quando necessário." Seus lábios se abrem enquanto ela olha para mim, os olhos se alternando entre os meus. "E qualquer um que lhe deseje mal é o perfeito."
"Aí está!", exclama Saskia, levantando-se da cadeira tão repentinamente que

Elowen se assusta ao se virar, caindo de volta no meu peito. Envolvo um braço em volta da cintura dela para mantê-la ali. "Era isso que estava faltando esta semana!"
Ryder concorda. "Concordo."
"Eles precisam fazer outra aparição pública. Não saem juntos desde o jantar em Ladislava. Há vendedores de mágica no mercado noturno desde que suspenderam as proibições, então também seria uma demonstração de apoio aos cidadãos", diz Finnian, e Saskia o olha com curiosidade. "Sim, sou um ótimo conselheiro, obrigado."
"O que está acontecendo?" Elowen sussurra.
"Você quer ir embora?" Os deuses sabem que sim.
“Eles estão em nossos aposentos.”
Lanço-lhe um olhar seco. "Temos outros quartos para trancá-los."
Saskia segura os ombros de Elowen com força, mas eu ainda a seguro. "Todos falaram de como vocês ficaram encantados uns com os outros na Noite Estrelada, mas rumores de inquietação começarão se vocês não forem consistentes com suas aparições."
Elowen tosse. "Bem, eu não diria *extasiada.* "
“Por meses”, Saskia começa, descartando suas palavras com um aceno de uma mão. "As pessoas viram vocês dois se apaixonarem. Estávamos do lado de fora do mundo para o qual vocês escapam, na presença um do outro."
Elowen se enrijece, e eu acaricio suas costelas através do vestido. Sei como a mente dela funciona, e ela provavelmente está lutando contra a culpa por não ter se voluntariado para outra aparição pública antes que o assunto fosse mencionado. Eu a viro em minha direção para lhe dar outra coisa em que se concentrar, uma emoção diferente: raiva.
"Vamos lá, meu anjo." Levanto seu queixo com a mão livre. "Não foi você quem enganou o guarda na travessia da ponte fingindo ser minha esposa amorosa?"
Ela franze os lábios. "Nunca me perdoarei por manifestar esse destino miserável."
"Essa boca", murmuro, passando o polegar pelo seu lábio inferior. "Poderíamos sair de novo hoje à noite, mas eu entendo se você não estiver mais a fim."
Ela se afasta do meu peito. "O que você está insinuando?"
Suspiro. "Suas habilidades de performance vêm da pressão de um momento? Se não há pressão, talvez não haja talento."
Ela me encara como se não acreditasse que eu diria uma coisa dessas. *É isso,* eu quero dizer. *Lute comigo, me desafie, seja a versão de você que eu adoro. Chega desses sorrisos vazios e fique aqui comigo.*
"Eu sei o que você está fazendo." Levanto as mãos em falsa inocência. "Preciso te lembrar que o guarda do portão não foi o único homem que eu enganei? E o soldado atencioso da taverna?" Meu sorriso desaparece. "Qual era o nome dele? Você sabe, Cayden? Sua memória é melhor que a minha e você não conseguia tirar os olhos de nós. É uma pena que você tenha quebrado o pescoço dele; ele era muito charmoso."
Claro que me lembro dele. Vê-la piscar para um soldado de Imirath foi uma das piores cenas que já presenciei. Me deu vontade de jogá-la por cima do ombro e incendiar a taverna, que se dane a missão.

Ela bate o dedo no queixo. *Não diga isso, porra.* "Evrin!"
Ryder, Finnian e Saskia devem notar como a sala esfria dez graus e saio rapidamente da biblioteca, murmurando algo sobre nos encontrar lá embaixo depois que se arrumarem para o mercado. Abaixo as mãos lentamente enquanto nos encaramos. A tensão entre nós é palpável, e tão viva que praticamente transborda pelas paredes.
“Vou me lembrar disso, Elowen.”
"Isso deveria ser uma ameaça?"
Dou uma risada sem graça, lembrando-me de como ela se sentou perto dele, do jeito que eu tive que ficar ali enquanto ele colocava as mãos na minha mulher. Dou um passo à frente, e seus seios arfam contra o tecido do vestido enquanto sua respiração acelera. Não respondo de imediato, optando por passar os dedos por sua clavícula e pelo pescoço, fazendo-a tremer enquanto acaricio sua cabeça.
"Vou te tratar tão bem que todo homem que você encontrar se tornará um borrão sem rosto no fundo da sua mente, porque não há espaço para ninguém além de mim. Vou me lembrar disso, e me lembrar dele, porque um dia você não vai se lembrar."
Ela se aproxima até ficar pressionada contra mim, olhando para cima com mais fogo nos olhos do que eu via há dias, e eu aperto seus cabelos com mais força.
"Você parece bastante seguro de si para um homem que praticamente me prendeu em um noivado."
“Você pode desprezar nosso noivado o quanto quiser, mas se vai declarar seu ódio por ele, pelo menos seja honesto.”
“Entre nós dois, honestidade não é *minha* fraqueza.”
Balanço a cabeça enquanto me inclino para aproximar nossos rostos. "Você odeia o nosso noivado porque é exatamente o que você deseja no fundo da sua alma. Você quer ser minha, e eu não sou estranha a esperar por você, então leve o tempo que precisar para aceitar, porque eu não vou a lugar nenhum."
Ela zomba. "Sua arrogância é realmente impressionante."
“Não falo por arrogância.”
"Então o que está fazendo você dizer isso?"
Obsessão. Vício. Necessidade. "Tenho certeza de que você vai descobrir um dia desses."

Capítulo
DEZ

Elowen

Saskia e eu fazemos um loop em nosso
Braços juntos para me proteger do frio. Estou tentada a puxar o capuz do meu casaco para me aquecer ainda mais, mas Hyacinth tomou um cuidado extra ao compor meu visual. A metade superior do meu cabelo está presa para trás, e pequenas tranças se entrelaçam para formar uma coroa na parte de trás da minha cabeça. As joias azul-escuras entrelaçadas ao longo dos fios combinam com meu

casaco. Tem uma silhueta semelhante à do meu casaco branco, e uma faixa preta bordada com escamas douradas de dragão aperta minha cintura.
Aromas doces e saborosos emanam das cabines que ladeiam o círculo na base da escadaria do castelo, mal me dando tempo de distinguir uma antes de entrar na nuvem da próxima. Basilius está empoleirado no topo da cachoeira ao lado do castelo, e sinto seus olhos lilás acompanhando cada passo meu enquanto os outros quatro circulam acima. "Você acha que não ter Cayden ao meu lado vai atrapalhar a imagem que estamos tentando transmitir?"
Os lábios pintados de vermelho de Saskia se abrem num pequeno sorriso. "Os olhos dele estão cravados nas suas costas desde que nos afastamos. Eu diria que ele está desempenhando o papel dele com perfeição."
Paramos brevemente perto de uma das fogueiras de pedra que ficam no centro da viela e nos deleitamos com o calor. Como se eu fosse puxado por uma força desconhecida, olho por cima do ombro e meu olhar imediatamente se choca com o de Cayden. Uma aura intrigante e sombria emana dele enquanto ele... apoia uma bota na parede às suas costas e equilibra um cigarro entre os lábios. Um casaco preto, feito de uma mistura de tecido rico e couro, envolve seus ombros largos, e eu me forço a olhar para frente e puxo Saskia para a distração mais próxima.
"Minha rainha." Um homem com óculos redondos que ampliam seus olhos azuis está em pé dentro de uma cabine vermelha. Seus cabelos brancos e ralos se destacam desordenadamente e combinam com o avental que ele usa sobre o casaco. "Que prazer vê-la no mercado."
Muitas dessas pessoas foram forçadas a vender seus produtos em particular sob o reinado de Eagor e Valia. A magia infundida nas bugigangas dificilmente é prejudicial, sendo principalmente itens para melhorar a vida cotidiana — luvas e manguitos encantados com magia de fogo para mantê-lo aquecido, livros com um feitiço simples lançado sobre eles para manter seu lugar, vestidos e capas com bainhas que nunca se sujam, para citar alguns.
Há aqueles que podem manejar os elementos e aqueles que têm a habilidade menor de encantar objetos. Vareveth já aceitou magia da terra — o que não me surpreende, considerando que o símbolo dasteriano era um carvalho. Dizia-se que o primeiro rei dasteriano poderia rivalizar com o Deus da Terra em suas habilidades. Muitos fugiram para Craigon, a capital de Urasos, e algumas cidades vizinhas. No entanto, aldeias distantes assumiram a responsabilidade de perseguir aqueles com a habilidade de manejar a terra. Eles acreditam que possuir essa magia é zombar do próprio deus, e a maioria dos magos elementais mantém suas habilidades ocultas.
Coloco minha cesta no balcão e me desvencilho de Saskia, agarrando um dos pequenos frascos com perfume que parece cintilar lá dentro. "Do que isso é feito?"
“É um aroma floral leve com infusão de fogo estelar para dar um toque defumado.”
Deslizo o dedo pela garrafa, incapaz de desviar o olhar. Não percebi o quanto estava protegida em Aestilian, não apenas do mundo, mas também do conhecimento. Tenho recuperado o tempo perdido, porque agora percebo que Ailliard me manteve propositalmente ignorante. Confiei nele para me informar

sobre o mundo e, sem acesso a uma educação adequada ou a uma biblioteca, nunca duvidei dele.
A verdadeira liberdade vem da educação, e é por isso que tantos governantes trancam livros, os proíbem ou os queimam. Mantendo-os nas mãos dos privilegiados e longe das massas. A chave para a tirania e o controle é manter alguém na ignorância. Se não souberem nada diferente, encontrarão conforto no que sabem, em vez de lutar por algo que poderiam ter.
"Você consegue manejar o fogo estelar?", pergunto.
Não, Alteza, só a própria deusa pode manejar tal elemento. Tenho um suprimento muito diluído, considerando que ela também é a única capaz de conjurá-lo e está adormecida há séculos. É muito difícil de encontrar. O meu é forte o suficiente para adicionar um pouco de brilho aos meus aromas.
“E não vai me queimar?”
"De jeito nenhum." Ele gesticula para que eu experimente. "Vai ser quente, mas não mais forte que uma brisa de verão."
Abro o frasco, passando a rolha no pescoço e nos pulsos antes de levá-lo ao nariz. O aroma lembra um jardim engarrafado no auge da primavera, mas noto o fundo esfumaçado. É sutil, mas lindo. "Quanto custa?"
"Considere um presente para a rainha." Ele agarra o avental com força enquanto se vira para o único frasco de tamanho normal e brilhante sobre uma plataforma. Ele tem uma infinidade de outros perfumes, mas é evidente que este é raro e caro. Há um nó entre suas sobrancelhas quando ele o coloca na minha mão, e antes que ele se afaste, coloco minha bolsa de moedas em sua palma. Suas bochechas ficam vermelhas enquanto ele a encara. "Oh, não, Majestade."
“Espero que isso cubra isso?”
"É demais. O rei vai chamar de roubo."
"O rei não dirá nada enquanto eu estiver feliz." Coloco o perfume na minha cesta e o coloco no braço. "Tenha uma boa noite, senhor."
Ele continua olhando para baixo, incrédulo, mas mesmo à distância, noto as lágrimas brotando em seus olhos quando finalmente consegue responder. "E-e você também, Majestade."
Não faz muito tempo, eu estava apenas me virando, desesperado por dinheiro e sem saber se teria o suficiente para me alimentar ou para alimentar aqueles que estavam em minha casa. Estiliano. A aliança de ouro no dedo e o medalhão em forma de coração no pescoço indicavam que ele era casado; talvez até tivesse uma família. Sei que não posso ajudar a todos, mas se mais pessoas percebessem o quão longe um ato de bondade pode ir, viveríamos em um mundo muito melhor.
Saskia sorri para mim novamente enquanto nos para em uma mesa cheia de velas. "O quê?"
Ela balança a cabeça, levando um aroma de nenúfar ao nariz. "Você é um amor, Elowen Atarah."
Eu zombo, sem responder, enquanto a impedi de abrir a bolsa de moedas e assinar o nome de Cayden na nota, junto com seu endereço em Ladislava. Saskia ri enquanto coloca seus itens na cesta e adiciona dois à minha.
"Você acha que eu consigo fazer a veia do pescoço dele saltar se eu gastar dinheiro suficiente?" Cayden me desafiou a vir aqui, e ele está prestes a perceber

o quanto sua presunção vai lhe custar. Afinal, o que é mais romântico do que mimar a sua noiva?
"Não sei." Ela franze os lábios. "Mas nunca sou contra testar uma teoria."
“Agradeço seu apoio em meus empreendimentos.”
Minha cesta continua a encher — doces, um livro novo, um anel de ouro em forma de dragão enrolado no meu dedo, correntes de cabelo e joias, temperos que eu gostaria de usar enquanto asso... e óleos. Não é a neve que me faz tremer quando penso na pele vermelha e saliente das costas de Cayden. Ele mencionou que seu ombro não cicatrizou direito, e me pergunto se as marcas de chicote também doem. Não importa o quanto ele me machuque, se houver algo que eu possa fazer para aliviar sua dor, eu farei.
Passamos por uma série de barracas, cada uma vendendo cristais, velas e esculturas específicas para decorar membros ou altares dedicados aos dez deuses adormecidos. Muitas mulheres se reúnem para decidir qual colar ou pulseira de ametista rosa dedicada à Deusa do Amor, do Casamento e da Fertilidade as complementa. Uma multidão mais ansiosa se reúne ao redor da mesa dedicada à Deusa das Almas, que, segundo descobri, também presidia a misericórdia e o destino, e praticamente consigo sentir sua ansiedade e desespero enquanto seguram fichas de lápis-lazúli. Espadas com pomos incrustados em pedra-de-sangue são balançados enquanto as pessoas se reúnem ao redor do estande do Deus da Guerra e da Estratégia, mas o da Deusa da Dor e da Tristeza é ignorado, as torres de turmalina permanecem intocadas dentro das cortinas cinzas.
"O que você comprou, querida?", pergunta Cayden quando me aproximo, puxando a fumaça dos lábios e triturando-a nas pedras do calçamento antes de tirar uma lata de folhas de hortelã do bolso.
“Você não precisava fazer isso.”
“Não é saudável para você respirar isso.”
“Então por que você estava fumando?”
"Você me disse que eu tinha que ser mais legal." Ele aponta o queixo para onde Ryder e Finnian riem ao seu lado, perdidos na conversa. "Eu precisava de algo para falar, então não os insultei."
Escondo meu sorriso atrás da mão e respondo à sua pergunta anterior: "Comprei grandes quantidades de álcool para sobreviver a este noivado".
"Um brinde a isso." Ele transfere a cesta pesada para a mão. "Precisa de mais dinheiro?"
"Pensei em uma solução bem simples quando fiquei sem dinheiro." Chego mais perto e o encaro como uma noiva apaixonada. "Assinei seu nome em todas as minhas contas."
"Você poderia ter assinado o seu", ele diz, sem se abalar com o que acabei de revelar.
"Não tenho nenhuma conta aqui." Não tenho nenhuma conta. Ailliard controlava meu dinheiro. Eu guardava uma latinha debaixo da cama para emergências, já que ele não me emprestava nada quando Finnian precisava de remédios, mas tudo o que eu ganhava ia para o bolso dele. Ele me disse que era usado para o povo de Aestilian, mas não sei mais em que acreditar. Eu não ficaria surpreso se ele gastasse consigo mesmo.
" *Sim* ." Ele se afasta da parede, aproximando o rosto do meu. "Eu adicionei você

a todos os meus." Minha mente parece estar se arrastando por um xarope espesso enquanto processo suas palavras. "Não vou mudar nada, então não se incomode em discutir. Quando formos para a guerra, preciso garantir que você esteja bem se algo acontecer comigo."
Engulo em seco. Imagens de Cayden sendo capturado ou morto dançam ao som de uma balada mórbida em meus pensamentos. "Isso não é... Você não tem..."
"Sou muito difícil de matar, El. Tire isso da cabeça por enquanto." Ele começa a me guiar pelo mercado novamente. "Mas se você continuar me olhando assim, ficarei em silêncio enquanto você gasta o que quiser."
Mordo o lábio, envolvendo o braço dele com a mão e apoiando a cabeça em seu bíceps. "Só preciso sorrir e você me deixa esvaziar suas contas?"
“A respiração funciona muito bem.”
Não me preocupo em esconder o riso, já que tantos olhares estão voltados para nós. Abrindo caminho à sua frente, vou até uma mesa azul e aceito um prato cheio de pãezinhos doces recheados com carne de porco saborosa antes de levá-lo até a fonte no centro do círculo que os escultores de pedra acabaram de esculpir. Impressionante em altura e com um design intrincado, parece cinco dragões alçando voo ao redor de um conjunto de espadas cruzadas com uma lua crescente no topo.
A fonte no saguão de entrada do castelo, que lembrava o carvalho dasteriano, também foi substituída por um design semelhante. Bandeiras azul-escuras no topo das torres pontiagudas ondulam ao vento enquanto meus dragões voam ao redor delas, e Cayden tira um pouco de neve da pedra antes de me guiar para sentar. Ele me puxa para perto, e eu me deleito em seu calor enquanto lhe entrego o prato.
Ele ri baixinho. "Você já mudou de ideia?"
“Eles são para você.”
Sua testa está franzida, como se meu gesto o deixasse perplexo. "O quê?"
"Você esteve em reuniões o dia todo." Cruzo as mãos no colo depois que ele aceita a comida. "Você se esquece de comer às vezes." Seus dedos param de correr pelo meu braço, e ele fica em silêncio por tanto tempo que me obrigo a olhar para ele. "Posso te servir outra coisa se não gostar."
"Não." Ele pigarreia e seus olhos se suavizam ao fitá-los na comida. "Está perfeito. Obrigado."
Relaxo contra ele, jogando as pernas sobre seu colo e apoiando a cabeça em seu ombro. A falta de sono deve estar me afetando. Porque a batida constante do seu coração faz minhas pálpebras pesarem. Podemos dormir na mesma cama, mas é uma tortura. Ficamos em lados opostos, e eu não me deixo sucumbir à exaustão, não confiando em mim mesma para manter minhas mãos longe dele em meu estado inconsciente. Cheguei a tirar uma soneca nas costas do Basilius enquanto voava.
“Voltaremos ao castelo depois disso”, ele diz.
Concordo com a cabeça, passando os dedos pelos dragões dourados que circundam o punho de sua manga. Ele nunca gostou de trajes extravagantes, vestindo-se mais como um assassino do que como um rei, mas ajuda o fato de uma das cores da nossa casa ser o preto. Ele sempre parece bem-vestido, mas nunca será o tipo de homem que usa tecidos extravagantes e calças justas,

seguindo a moda dos ricos. Eu o prefiro assim, no entanto. Não quero que ele mude de aparência. Adoro suas cicatrizes, a intensidade de seus olhos e as ondas bagunçadas que roçam sua testa e o topo de suas orelhas. Ele parece um sonho sombrio que assumiu uma forma humana.
Meus olhos vagueiam pelas tendas coloridas e pelas pessoas vestidas com casacos decadentes enquanto passeiam. Crianças sorriem para os objetos encantados, mulheres caminham de braços dados com suas amigas e homens seguem suas namoradas com os braços cheios de compras. A neve continua caindo, acumulando-se em meus cílios e no gelo que circunda o perímetro da fonte. Estou prestes a perguntar a Cayden se podemos parar para tomar um vinho quente no caminho de volta para o castelo, mas os cabelos da minha nuca se arrepiam enquanto minha espinha enrijece. *Não.* A comida que comi antes ameaça reaparecer enquanto fecho os olhos com força, mas um par azul que eu reconheceria em qualquer lugar queima atrás das minhas pálpebras. Ailliard está olhando diretamente para mim com um ódio que eu nunca notei até ele me trair.
"Não é ele", sussurro. "Ele está morto. *Ele está morto.* "
"El?", Cayden emoldura meu rosto. "O que houve?"
Ele esfrega os polegares nas minhas bochechas e xinga quando não respondo. O gelo se estilhaça quando ele retira uma das mãos e, momentos depois, dedos congelantes agarram minha nuca. "Abra os olhos", ele exige, e eu obedeço, forçando-me a me concentrar na água escorrendo pelas minhas costas em vez do meu pânico. "Respire."
“Ailliard.” Ele esfrega o polegar no meu cabelo enquanto eu procuro na área novamente Para localizar o homem. Minhas palmas ficam úmidas, mas tudo o que me faz pensar é no sangue de Ailliard cobrindo-as enquanto eu tentava soltar minha faca. O homem que me provocou tem uma semelhança impressionante com Ailliard, mas claramente não é ele. Não lamentei sua morte, não quis lamentar, e gostaria de poder esmagar a pequena lasca dentro de mim que sentia alívio ao pensar que ele estava vivo. A morte transforma todos nós em idealistas.
"Eu pensei-"
Balanço a cabeça, percebendo o quão ridícula pareço. Eu mesma o matei. Joguei a faca que o derrubou e ordenei que Calithea o engolisse em chamas. Ajoelhei-me no sangue do homem que era a coisa mais próxima que eu tinha de um pai. Ele se foi.
Forço uma risada vazia a subir pela minha garganta. "Não se incomode. A mente nos prega peças quando estamos privados de sono."
Os olhos verdes de Cayden me perscrutam até que me obrigo a encará-lo. "Você não precisa fazer esse joguinho comigo."
Dou de ombros inocentemente. "Que jogo?"
"El." O jeito como ele diz meu nome... a suavidade... a compreensão... Isso faz minhas mãos tremerem novamente.
"Por favor, não", eu sussurro.
Um músculo se contrai em seu maxilar e um olhar sombrio atravessa seu rosto quando ele percebe que não conseguirá romper minhas defesas esta noite. Não quero falar sobre Ailliard. Não quero pensar nele. Não quero que ele tenha mais poder sobre mim, mas às vezes parece que nem a morte consegue retrair as garras que ele cravou em minha mente. Cayden permanece em silêncio,

travando-se em mais uma batalha de vontades em nossa guerra contínua de teimosia, mas não me pressiona por enquanto. Não é a hora nem o lugar, mas a tensão entre nós é como uma chaleira prestes a começar a chiar no fogo.

Capítulo
ONZE

Elowen

EU Ainda está escuro lá fora
Desço correndo os degraus laterais do castelo, que levam ao lago coberto de rochas cobertas de gelo. Não consigo ficar confinado nem mais um instante. Meus dragões roncam suavemente ao longo da margem, e a umidade da terra penetra em minhas calças enquanto me ajoelho no centro do círculo deles. Os olhos prateados de Calithea se abrem e ela aproxima a cabeça de mim,

permitindo que eu passe os dedos por seu focinho enquanto cantarolo uma melodia suave. Eles devem ter adormecido de pura exaustão, e meu coração se aperta quando penso neles dormindo aconchegados na câmara do dragão.
Quantos anos eles tinham quando ficaram grandes demais para voar dentro do espaço confinado?
Quantos dias eles desejaram morrer enquanto olhavam para os céus pelos quais agora voam?
Não há nada que eu não faria para salvá-los do sofrimento. Delmira enrola o rabo em volta de mim enquanto os outros se aproximam, atraídos pela minha presença mesmo dormindo. Tudo o que eu sempre quis foram meus dragões, não uma coroa ou um reino. Sempre soube que mataria Garrick pelo que ele fez a eles, a mim e agora a Cayden. Mas quando penso em como será meu futuro, é como se eu estivesse olhando para um horizonte que nunca alcançarei. Tudo o que fiz da minha vida foi acordar e tentar sobreviver a ponto de me esquecer de como viver.
Passos ecoam na grama enquanto o sol sangra sobre as montanhas, e pedrinhas dançam ao longo da margem gelada do lago enquanto o rosnado de Sorin faz o chão vibrar. Eu o acalmo pelo vínculo e sorrio para Finnian por cima do ombro.
"Você está pronto?"
"É mesmo?", pergunto. O manto verde e a túnica marrom que ele veste complementam suas feições com elegância; um broche com o símbolo de Veles repousa orgulhosamente em seu peito. À maneira finlandesa, um arco e uma aljava estão jogados sobre seu ombro e uma espada está em sua cintura.
Sua garganta se move, sua voz sai como um sussurro rouco: "Não".
Solto Calithea e me levanto para encontrá-lo. "Você não precisa vir se for demais para você."
“Não ficarei aqui enquanto você for forçado a perder nossa casa.”
"Estou perdendo terras." Minha mão envolve a dele. "Não estou perdendo minha casa."
Ele pisca para afastar a água dos olhos, me puxando para frente pelas nossas mãos unidas. "Aonde quer que você vá, eu vou."
A tensão no meu corpo se dissipa. Finnian sempre foi mais do que um amigo para mim, desde o momento em que me fez rir pela primeira vez. Nosso vínculo nunca dependeu do que eu podia lhe dar, e na maioria das vezes acho que ele desejava que eu não fosse a princesa perdida de Imirath. "Talvez um dia essa declaração nos leve a algum lugar aconchegante." Ele ri, mas é forçado, e eu me afasto para olhar para ele. "O que foi?"
"Sei que não conversamos sobre isso, mas preciso dizer isso." Ele morde a parte interna da bochecha enquanto inspira fundo. "Tenho pensado muito desde a noite em que Ailliard nos traiu... relembrando memórias da nossa infância, a maneira como ele te tratava, como minha vida era mais fácil porque você me protegeu."
“Finnian, pare.”
"Lembro-me de como ele gritou com você quando você ficou ao meu lado quando eu estava doente e com febre. Eu estava delirando, mas lembro de você implorando dinheiro para ele comprar remédios quando nada estava funcionando, mas ele disse que era egoísmo demais gastar tanto em um remédio para uma pessoa." Ele engole em seco. "Você foi embora e, algumas horas

depois, voltou com um remédio que eu sabia que você não podia pagar, tremendo e coberto de sangue com um hematoma na bochecha. Você nunca me contou como conseguiu isso.
"Finnian." Agarro seus bíceps, forçando as memórias que guardo trancadas a permanecerem ali e ignorando meu estômago embrulhado. Alguns pensamentos são melhores se não forem tocados. "Você não carregará o fardo de quaisquer decisões que eu tenha tomado ao longo dos anos. Não perca o sono por escolhas que eu faria novamente se tivesse a oportunidade. Eu não sobrevivi ao exílio por causa da raiva que vivia dentro de mim, eu sobrevivi por sua causa."
Ele solta um suspiro entrecortado e beija minha testa, puxando-me para perto novamente por vários momentos de silêncio antes de perguntar: "Você já decidiu qual dragão vai escolher?"
Suspiro, esfregando a dor implacável no peito. "Posso confiar em Venatrix para manter todos os outros na linha, exceto Sorin. Ele é imprevisível, e não tenho certeza se ele não me seguirá contra minhas ordens."
Um sorriso familiar surge em seu rosto. "É uma boa qualidade."
Dou-lhe um cutucão no ombro, sem responder enquanto Saskia sai do castelo com seu casaco mais quente e um cachecol enrolado até o queixo. Ela usa o mesmo broche que Finnian sobre o peito, e eu puxo a corrente que repousa sobre meu peito, uma pequena réplica do meu símbolo brilhando ao sol. Combina com os dragões dourados que rodopiam nos punhos do meu casaco branco de inverno.
“Asena e o mago da água chegaram aos degraus da frente do castelo e estão sendo escoltados até aqui por Braxton”, diz Saskia.
Finnian estremece. "A presença deles é perturbadora."
"Duvido que eles usem túnicas que cubram seus rostos e cantem cânticos na floresta para parecerem convidativos", murmuro, e Finnian me encara.
Cayden conversa com Ryder enquanto eles caminham em nossa direção, ambos vestidos com armas e trajes negros de inverno que fazem seus corpos já musculosos parecerem ainda maiores. Meus dragões começam a acordar agora que sentem uma multidão se formando, e Basilius é o primeiro a alçar voo.
Cayden suspira ao parar ao meu lado. "Receio que nunca conseguiremos fazer o povo de Aestilian acreditar que você escolheu se casar comigo."
Estreito os olhos. "Por quê?"
"Você é linda demais. As pessoas vão inevitavelmente falar sobre você."
“Ajuda que a maioria das pessoas saiba que você é rico.”
Suas covinhas se aprofundam quando ele ri, e o som me faz sentir como se estivesse tomando sol. Ele me acompanhou até nossos aposentos depois do mercado noturno e só voltou da sacada depois que apaguei as lanternas e me deitei na cama, informando que tinha negócios para resolver em sua taverna antes de desaparecer por várias horas. Ele não me disse quais eram suas tarefas, mas os cortes recentes nos nós dos dedos me levaram a crer que estava lutando novamente.
Asena desce os degraus com Ophir, ambas envoltas em vestes pesadas que indicam suas lealdades: vermelho para Asena e azul para Ophir. Não tive a chance de perguntar sobre a origem dos dragões quando a vi ontem. Meu foco principal era Aestilian e o que ela poderia fazer para me ajudar. Somente os

deuses podem conjurar elementos, mas ela pode manejar chamas em suas proximidades. Ophir possui um dom semelhante, mas com água. No entanto, após treinarem a vida inteira, ambas se tornaram habilidosas em outras habilidades mágicas que as permitem abrir portais. A magia em seu sangue foi passada de geração em geração, mais potente do que aquelas no mercado que infundem objetos com amuletos.
Os cachos de Asena se espalham ao seu redor como uma auréola quando ela tira o capuz e se curva. "Majestades, apresento-lhes Ophir, renomado mago e líder do culto da água."
Cabelos lisos de ônix emolduram seu rosto pálido e caem sobre a faixa preta amarrada em sua cintura. Reverência inunda seu olhar sombrio enquanto ele olha para Cayden e se ajoelha. "Meu rei."
Trocamos um olhar confuso.
"Por que o culto da água veio para Vareveth?", pergunta Cayden. "Fale claramente. Não temos tempo a perder."
Maneiras de dar inveja, de verdade. Mas pelo menos ele nos poupa tempo sendo ele mesmo.
Magos e cultos se mantêm principalmente nas florestas de Terrwyn e Sweven para evitar serem alvos. Os únicos reinos onde a magia está arraigada na cultura são Galakin e Thirwen. Galakin aceita magia de fogo, e muitas pessoas em Thirwen estudam controle mental e estão ligadas a animais familiares. Talvez se minha mãe fosse de Thirwen, isso explicaria meu vínculo com os dragões, mas ela era uma nobre de Imirath. Imirath aceita magia de água, Urasos aceita magia de ar e agora de terra, mas a magia é proibida em Feynadra.
Os reinos se apegam a um único elemento para estabelecer um equilíbrio de poder entre si. Séculos atrás, quando a magia em Ravaryn era mais forte, mais magos praticavam suas habilidades sem medo. Embora Galakin reivindicasse o elemento fogo, ninguém pode contestar minha reivindicação, considerando meu vínculo com os dragões. Mas, para irritar Imirath, Cayden e eu também suspendemos as proibições à magia aquática.
"Estou aqui por você da mesma forma que Asena está aqui pela Rainha Elowen. O vento traz mensagens da maré e sussurrou seu nome." Troco outro olhar com Cayden; é parecido com o que Asena disse quando me presenteou com o amuleto. "Meu povo e eu viajamos de Terrwyn para jurar fidelidade a você, o rei abençoado pelo Deus da Água, da Morte e da Lua. Sob suas ordens, seguiremos você para a guerra e a ruína."
“Assim como o culto do fogo deseja nos comprometer com a rainha abençoada pela Deusa das Chamas, da Vida e das Estrelas”, acrescenta Asena. “Esta união foi destinada pelos deuses e traz equilíbrio aos nossos elementos. É divina e abençoada em sangue. Os deuses honram um sacrifício, o fim da linhagem Dasteriana, pelo nascimento de um poder desconhecido neste mundo.”
"Chamas inundam as veias da Rainha Elowen, e o sal do mar corre pelas suas", diz Ophir a Cayden. "Eu vi você matar Eagor Dasterian quando olhei para as ondas e senti uma mudança no ar quando você reivindicou o trono." Parece tão invasivo quanto quando Asena me contou que me viu roubar o amuleto nas chamas.
"Como vocês conseguem coexistir tão pacificamente?", pergunta Cayden. "Os

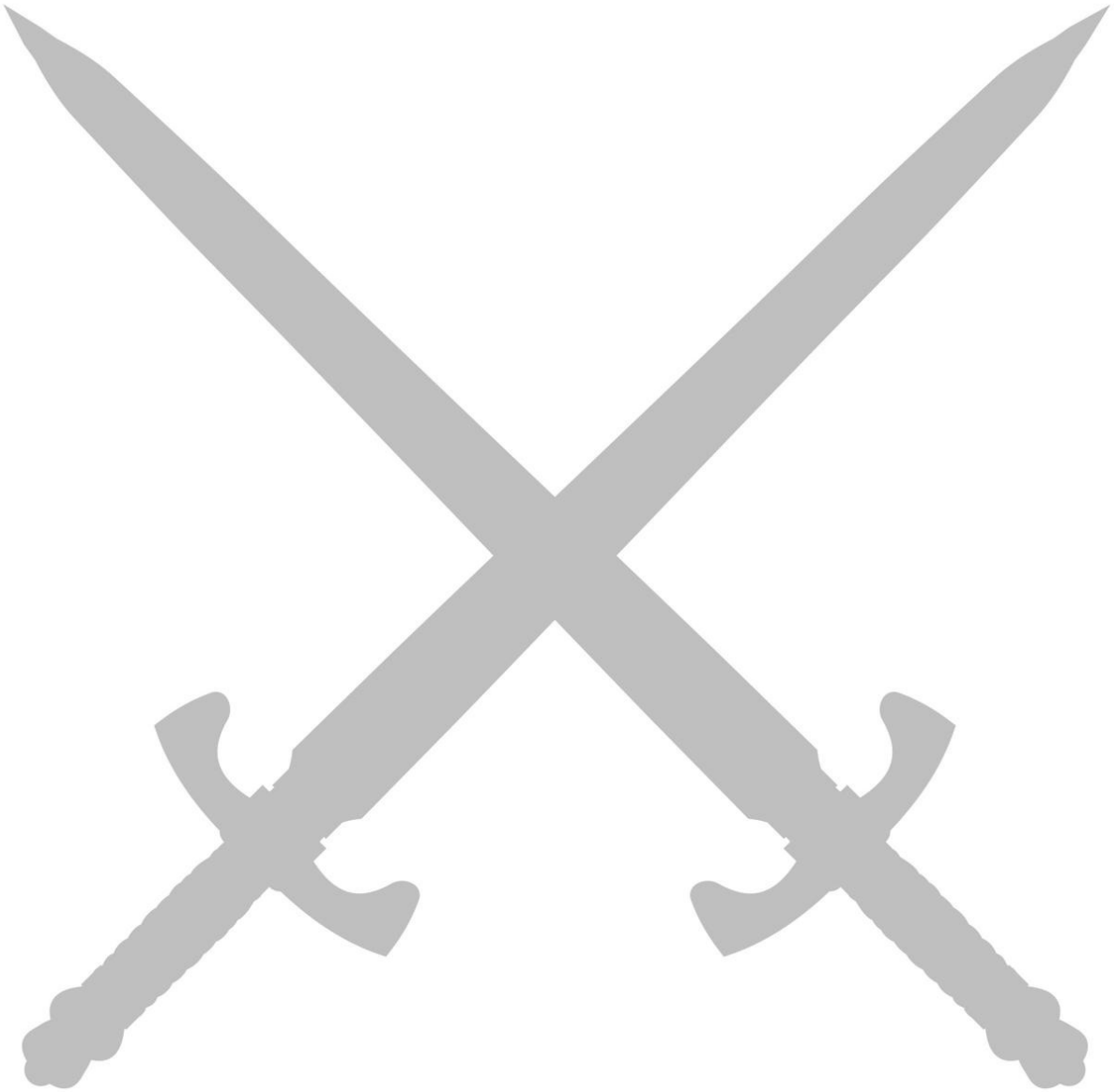
cultos são notórios por suas rivalidades, e eu não permitirei que vocês guerreiem em minhas terras."
Nossas lealdades refletem as alianças que os deuses formaram entre si. O culto à Deusa das Almas reside nas profundezas da Floresta de Etril, mas também compartilhamos uma relação com eles. Eles não habitam nenhum reino; são um pouco estranhos."
"Sim, tenho certeza." Quão peculiares eles devem ser para *Asena* chamá-los assim? Pigarreio. "Vocês são bem-vindos em nosso reino, mas não esperem governantes piedosos. Seremos justos, mas não adoramos os deuses como vocês."
"E se você deseja nos servir, então corte as palmas das mãos e faça um juramento de sangue", acrescenta Cayden. Um acordo macabro. Se alguém quebrar um juramento de sangue, seu sangue o ferverá vivo lentamente por várias horas torturantes. "Não permitirei que você nos traia naquele campo de batalha ou corra para um governante diferente porque *o vento* o influencia."
"Sim, Majestade", dizem Ophir e Asena em uníssono antes de desembainharem uma lâmina das cordas em volta da cintura e cortarem as palmas das mãos. Sangue se acumula em suas peles antes que a deixem cair no chão e nos declarem seus votos. Seu ato não é algo para se encarar levianamente, e não é algo que possa ser quebrado facilmente.
Minha cabeça gira com todas essas novas informações, então escolho perguntar sobre a Deusa das Chamas e sua relação com os dragões em outro dia. Há um limite para o conhecimento que consigo absorver antes do meio-dia. "Como você vai saber quando eu precisar que você abra o portal de volta para Vareveth?"
"Você será capaz de comandar seus dragões a uma grande distância?", pergunta Asena.
"Sim."
Ela assente. "Construiremos uma pira à beira do lago. Quando chegar a hora de evacuar, ordene a um dos seus dragões que a acenda, e nos apressaremos." Seus olhos se suavizam, fazendo-me pensar novamente no quanto ela sabe sobre dragões e seus cavaleiros. "Vou deixá-los com suas despedidas."
"Obrigada." Consigo dar um sorriso, mas só o deixo desaparecer quando eles vão embora.
Não invoco meus dragões, preferindo vê-los voar. Eles são magníficos... extraordinários... Nunca saberei como alguém pode olhar para eles e decidir acorrentá-los. Dou Venatrix e Delmira dá a ordem de voar até a fronteira, rastreando-os à medida que se tornam cada vez menores à medida que a distância aumenta, e por um instante finjo que são filhotes novamente, pequenos o suficiente para pousar nos meus ombros. Calithea começa a girar em torno das torres, e Basilius mergulha sobre a cachoeira e abre suas asas sobre Verendus.
Esfrego a dor no meu peito, forçando-me a manter a calma.
"Você quer saber o que o Ryder estava me contando antes?", pergunta Cayden, e me pergunto se ele sabe o quanto preciso de uma distração.
"Hum?"
"Aparentemente, aos olhos dos deuses você já seria minha esposa, porque eu matei por você", diz ele. "Se isso é tudo o que é preciso para ser um marido, eu diria que sou um ótimo marido até agora."

Revirei os olhos. "Você não acredita em deuses."
“O casamento me reformou.”
"Expiação não está no seu conjunto de habilidades, e Elowen Veles não é meu nome, então não comece a desenhar corações ao redor dele em pedaços de pergaminho."
Seus olhos escurecem enquanto ele observa meus lábios formarem as palavras, como se estivesse tentando memorizá-las. Algo beirando a obsessão atravessa seu rosto, e todo traço de humor desaparece. Sua mão se contrai ao lado do corpo como se quisesse se aproximar e traçar meus lábios. Ele sempre foi assim, mesmo antes de ficarmos noivos, como se eu pertencesse a ele, e ele matasse qualquer um que tentasse me levar embora. "Porra, isso parece bom."
"Isso não torna isso verdade."
Seus olhos se voltam para o meu pulso acelerado. "Noiva é uma palavra desnecessariamente longa, com muitas sílabas."
“Meu nome tem mais, e você não tem problema em dizer isso.”
“É porque eu amo o gosto do seu nome na minha língua, Elowen.”
Calor e desejo me percorrem enquanto ele me encara. Se ao menos a vontade de tê-lo tivesse diminuído depois do nosso tempo na pousada, seria muito mais fácil me distanciar.
"Não me olhe assim", ele murmura, aproximando-se, mas ainda sem me tocar. "Vou carregá-la de volta para cima e mantê-la lá por dias.”
"Eu..." Balanço a cabeça. "Ainda estou chateada com você."
"Vou me ajoelhar de novo se você quiser um pedido de desculpas. Você vai estar me amando quando eu terminar."
Oh, doces deuses.
Sorin me salva de mim mesma quando grita, mas a pulsação entre minhas pernas não cessa mesmo quando me afasto de Cayden. *Bom garoto,* disparo através do vínculo, mas então entendo por que ele gritou. Asena e Ophir estão de mãos dadas, cabeças baixas, enquanto o ar se divide em dois e uma fenda de fios roxos e pretos surge. Nunca vi nada parecido; é como uma névoa colorida encapsulada. Calithea e Basilius gritam quando me aproximo do portal, e eu paro no meio do caminho, mas Cayden está lá, pressionando a mão nas minhas costas para me manter em movimento. Seus gritos não param, não importa o quanto eu acaricie o elo, e os de Venatrix e Delmira me seguem à distância.
Meus olhos marejam, mas não deixo as lágrimas caírem. *Volto logo, querida.*
Eles gritam e gritam, e não há nada que eu possa fazer para acalmá-los agora. Estou indefeso, impotente, acorrentado a um dever que Ailliard colocou sobre meus ombros desde que eu era criança.
"Continue andando, querida", murmura Cayden, passando o braço em volta da minha cintura. Concordo com a cabeça, incapaz de formular palavras além da culpa sufocante. Ele me olha como se desejasse poder absorver cada gota da minha dor e conviver com ela, sabendo que eu estaria livre dessa agonia.
Sorin mergulha pelo portal, e todos nós o seguimos. A sensação de milhares de penas minúsculas se espalham pela minha pele e desaparecem tão rápido quanto surgiram. Minhas botas rangem na neve e o ar fresco da montanha me atinge. Árvores cobertas de geada e neve intocada se estendem por quilômetros, e os rios e cachoeiras congelados fazem com que pareça um reino encantado de

inverno.
Sorin pousa ao nosso lado e grita como se estivesse com dor. Saco duas adagas das bainhas em minhas coxas e corro em sua direção... mas não há ameaça. Suas garras deixam cortes na neve enquanto ele anda, e sua cabeça se move de um lado para o outro antes de se inclinar para trás e rugir.
"Sorin." Embainho as lâminas e passo a mão pela perna dele. "Você está bem. Logo estará de volta com os outros."
"Não acho que seja isso", diz Saskia enquanto Sorin crava as garras na terra, uma de cada lado. "Estamos em terra divina. Criaturas sentem coisas que nós não conseguimos."
"Mas eles já estiveram em terras divinas antes", eu digo. "Eles ficaram bem depois que Cayden e eu os soltamos."
"Eles estavam saindo do confinamento." Cayden embainha a espada. "Qualquer coisa é melhor do que uma gaiola."
Concordo com a cabeça, sabendo a veracidade dessa afirmação. "Faremos nossa visita o mais rápido possível, mas eu deveria ir a Nyrinn primeiro. É lá que Lico estará."
Deslizo minha mão pelas escamas de Sorin uma última vez antes que ele levante voo, e lidero nosso batalhão para longe da parede enevoada à distância que mantém o reino escondido e me viro para Aestilian uma última vez.

Capítulo
DOZE

Cayden



Balém da floresta fica uma
Uma vila composta por várias casas construídas ao redor de rios congelados e estradas de terra sinuosas. A fumaça sobe das chaminés e a luz de velas brilha através de várias janelas ladeadas por persianas coloridas. Montanhas se

erguem altas no céu ao nosso redor, e uma cachoeira despenca de um dos penhascos impressionantes ao longe.
"Deuses", Saskia suspira, suas botas estalando na neve ao lado das minhas. "Este lugar é lindo."
Não digo nada, nem nego nem confirmo a declaração dela, mantendo os olhos na nuca de Elowen, afastando-me apenas para observar os arredores. Claro, acho que é encantador, mas nunca conseguirei ignorar a maneira como Elowen falou do fardo que ela carrega. Meu objetivo ao mover essas pessoas é facilitar a *vida dela* , não a delas.
Ela é a única razão pela qual estou aqui, não porque seja a coisa certa a fazer. A moralidade me mataria se eu a tivesse em alta conta.
Relembrar é inútil, exceto para alimentar minha raiva, mas enquanto observo mãe e filho bebendo em canecas, enterrados em cobertores enquanto assistem ao nascer do sol, não consigo deixar de pensar na minha própria mãe. Como teria sido a vida dela se tivesse deixado meu pai? Se tivéssemos encontrado um lugar como este? Ainda consigo ouvir seus gritos, o jeito como ela se engasgou com o próprio sangue. Uma amargura tão forte que azedaria a fruta mais doce coalha meu estômago.
Fui forçado a lamentar sua morte por mais tempo do que a conheci. Meu pai nem a enterraram depois que ela morreu; pelo que sei, ela foi queimada, enterrada em uma cova sem identificação pelos moradores, ou deixada para um animal se banquetear.
Eu jamais pertenceria a um lugar como este. Desde o momento em que aquele soldado de Imirath abriu meu rosto, tenho ardido com uma raiva que cresce a cada dia. Às vezes, sinto como se estivesse neste mundo, mas não sou dele. Fui forjado pelo ódio e afiado pela violência. Sobrevivi a todos que tentaram me matar e, embora tenha matado partes de mim para alcançar tais vitórias, eu caminharia por este mundo como um cadáver antes de deixar um inimigo escapar.
Ser abençoado pelo Deus da Morte é uma ideia ridícula. Os deuses não têm lugar na minha vida. Nunca tiveram.
"Cayden." Saskia abaixa o tom, diminuindo um pouco o passo para manter a conversa em segredo. "Com Elowen longe de Aestilian, precisamos discutir a sucessão de Imirath."
Cerro os dentes, lembrando-me de quando Elowen me disse que nunca quis um lugar permanente em Imirath. Apaixonar-me por ela nunca deveria ter acontecido. Eu deveria me vingar — matar Garrick, assinar um tratado e me livrar dele, mas isso é impossível agora. "Falarei com ela quando chegarmos em casa."
"Garrick não tem outros filhos? Nem bastardos?", ela responde apressadamente, e se sua preocupação não fosse tão clara, eu teria ido embora.
"Um bastardo jamais terá uma reivindicação mais forte do que uma filha legítima", eu digo. "E não, ele não tem."
Pelo canto do olho, observo Saskia enfiar as mãos nos bolsos do casaco. "Vou tentar descobrir o que está sendo discutido em Imirath. Pelo menos Elowen terá mais informações na hora de tomar uma decisão."
Ryder gesticula para Saskia nos alcançar enquanto Finnian a conduz, junto com

meus soldados, para o que presumo ser a guarita. Meus passos rápidos encurtam a distância entre mim e Elowen, e eu passo o braço dela no meu para impedi-la de escorregar em qualquer pedaço de gelo. Ignoro a maneira como as pessoas espiam pelas janelas para nos ver, algumas até abrindo as portas e comemorando o retorno da rainha.
Elowen aperta meu braço com mais força, olhando para mim com o tipo de sorriso que alguém daria ao trazer seu amado para casa. "Sorria, demônio. Você nos meteu nessa enrascada, então faça a sua parte."
"Eu mal sorri antes de ficarmos noivos, e isso não impediu que as pessoas acreditassem que eu estava apaixonado por você." Eu olho para ela quando ela se encolhe, mas sua expressão não mudou.
“Meu povo não será enganado tão facilmente.”
Agarro seu queixo com a mão livre. "Se você quiser que eu te beije, é só pedir."
Um rubor percorre seu pescoço enquanto ela olha para os meus lábios. "Não se iluda."
"Só estou oferecendo uma maneira de fortalecer nossa imagem." Ela me encara antes de se virar para bater na porta em frente à qual paramos. "Você sabe o quanto me alegra o dia ver sua irritação estampada tão claramente em seus belos traços."
Ela me ignora enquanto a porta é aberta e o aroma de alecrim, mil-folhas e chá fresco se espalha pelos degraus. Uma mulher de pele morena e cabelos negros na altura dos ombros grita, puxando Elowen para seus braços. Elowen se enrijece a princípio, mas logo se entrega ao abraço rápido enquanto é conduzida para dentro. Dou outra olhada rápida ao redor antes de fechar a porta atrás de mim.
"Minha menina", diz Nyrinn, com um tom quase maternal. "Eu sabia que você voltaria."
Elowen passa os dedos por um dos postes que vão do chão ao teto. "Você é nossa primeira parada."
Nyrinn vira a cabeça em direção à porta ao perceber que há mais alguém presente, e mantém o queixo erguido enquanto faz uma reverência. "Desculpe, Alteza. Eu presumi que fosse um guarda."
"Não são necessárias formalidades, e eu sirvo como guarda de Elowen." Estendo a mão, apesar de nunca fazer isso ao conhecer novas pessoas. "Cayden."
Ela aperta a minha mão calejada e bem menor. "Nyrinn. Se você nunca ouviu falar de mim, ficarei profundamente ofendida."
Consigo dar um meio sorriso. "O que você ensinou a Elowen me ajudou em várias ocasiões, e ela sempre falou muito bem de você."
Nyrinn parece satisfeita com a resposta e se vira para Elowen novamente. "Comandantes e reis costumam servir de guardas para suas mulheres ou você ainda está determinado a deixar a morte te encontrar antes que ela esteja pronta?"
"Não estou obcecada pela morte." Elowen revira os olhos, encarando a mulher com um calor que sinto muita falta. As lembranças cravam garras em minha mente, me fazendo sentir saudades do passado de uma forma que nunca senti. Lamento a perda do seu riso, a suavidade dos seus olhos quando ela me olha, a forma como ela se funde ao meu corpo por se sentir segura em meus braços. "Cayden está obcecada em me manter viva. Há uma diferença."

"Homem inteligente", ela bufa, seu olhar sombrio ziguezagueando entre nós dois. "No entanto, parece que você deixou de fora alguns detalhes na sua carta de algumas semanas atrás."
"Não consigo me lembrar de nada digno de nota." Elowen bate palmas. "Onde está o Lycus? Imagino que ele esteja em um dos quartos de hóspedes?"
Nyrinn puxa uma cadeira para sua mesa, com uma expressão de remorso enquanto gesticula para que Elowen se sente ao seu lado. Ela hesita por um instante, mas faz o que Nyrinn deseja. Seus dedos puxam seu pingente de pedra da lua pela corrente de ouro, e ela sussurra as palavras que eu já sei. "Ele está morto, não está?"
"Os guardas o cortaram profundamente. Houve muito dano e muita perda de sangue. Tudo o que eu pude fazer foi deixá-lo confortável." Nyrinn balança a cabeça. "No entanto, ele queria que eu lhe transmitisse suas últimas palavras. Ele disse: 'É uma honra morrer pela rainha dragão.' "
Elowen solta o colar, apoiando os cotovelos na mesa e apoiando a cabeça nas mãos. Eu me afasto da parede e me ajoelho ao lado dela, puxando a cadeira o suficiente para que ela me encare. "O sangue dele não está em suas mãos. Ele cumpriu seu dever como soldado leal e se opôs àqueles que a traíram. Você já executou os culpados."
Elowen esfrega os braços como se estivesse tentando limpar uma sujeira invisível da pele. "Ele deveria ter deixado eles irem."
"Lealdade e traição são velhas amigas. Uma não pode existir sem a outra, e não conheceríamos o valor da primeira sem a presença da segunda", digo. "A morte em tempos de guerra é inevitável, mas honraremos seu sacrifício vencendo."
Ela morde o lábio inferior, os olhos atormentados fixos nos meus. Sei que ela tem dificuldade em aceitar conforto, mas isso não me impede de tentar. Às vezes, acho que ela assume a dor ao seu redor e a internaliza, de modo que, quando procurar alguém para culpar, será sempre ela mesma. "Quando é o funeral?", pergunta Elowen.
"Hoje", responde Nyrinn. "Depois que as notícias sobre Ailliard chegaram até nós, e o motim dos guardas, sabíamos que você voltaria. Não nos pareceu certo queimá-lo sem a sua presença. Também suspeitamos que você tenha um plano para lidar com a situação."
"Sim." Elowen respira fundo, virando-se para Nyrinn enquanto me levanto e deslizo a mão por seus ombros. "Aestilian precisa ser evacuada para a segurança do povo. Como rainha de Vareveth, ofereço refúgio a qualquer um que esteja disposto a fazer a viagem. Moradia será fornecida, bem como fundos para aqueles que precisarem, para ajudá-los a se reerguer em um novo reino."
Nyrinn olha ao redor da loja, levantando-se da cadeira e passando os dedos pelos frascos de vidro nas prateleiras, os buquês de flores pendurados no teto, sem pressa enquanto os nós dos dedos de Elowen ficam brancos enquanto ela agarra a cadeira. "Por favor, não fique aqui, Nyrinn. Não é seguro. Cayden me presenteou com uma loja de cura e você é mais do que bem-vinda para usá-la."
"É mesmo?" A mulher se vira para nós, com os olhos brilhando de curiosidade ao notar as mãos que coloco nos ombros de Elowen. "Isso parece muito mais generoso do que os boatos dizem."
“Os rumores estão corretos”, afirmo.

Nyrinn bufa ao abrir a tampa de um baú vazio encostado na parede. Suas mãos agarram as laterais enquanto ela abaixa a cabeça e respira fundo. "Me informe sobre o estoque da loja e comece a pegar os potes com o que estiver faltando."

✣ ✣ ✣

Mais pessoas do que eu imaginava serem possíveis lotam o lugar que Elowen chamou de Prado do Luto. Lico repousa sobre uma grande pira, com a espada presa entre as mãos cinzentas e doentias. O couro marrom que ele veste combina com o cabelo cuidadosamente trançado em sua cabeça.
"Não sei muito sobre a vida após a morte", murmura Elowen. "Ailliard costumava falar durante os funerais."
“Eu sei um pouco.”
“Você sabe de algo que eu possa dizer a ele como uma bênção final?”
A lembrança me invade com força: mãos sujas de terra e sangue agarrando um símbolo do passado enquanto barras de metal pressionavam minhas costas. Não disse as palavras desde então, nunca tive um motivo. "Que sua alma atravesse o rio e encontre a paz."
Dizem que o inferno tem muitas camadas, e quanto mais perto do topo você estiver, melhor foi em vida, mas há rios por toda parte. Uma alma não encontra descanso até aceitar a morte e a cruz. Alguns reencarnam se o Deus da Morte achar que merecem outra chance de provar seu valor, mas ele é conhecido por ser implacável. Terei que encontrar um jeito de escalar as montanhas do submundo depois de morrer, porque Elowen definitivamente estará no topo, e minha alma miserável encontrará um caminho para a dela, não importa a distância.
Elowen enxuga uma lágrima perdida da bochecha e aperta as mãos de Lico. "Que sua alma atravesse o rio e encontre paz, Lico."
Ela aperta meu braço com mais força enquanto voltamos para Finnian, Saskia e Ryder. Sorin pousa ao lado da pira, fazendo com que vários pais puxem seus filhos para mais perto. Os olhos de Elowen brilham dourados por um instante, e o calor das chamas de Sorin atinge meu rosto enquanto a pira é incendiada.
"Você aprendeu isso nos seus livros?", pergunta Elowen.
"Não." Pigarreio. "Minha mãe costumava me contar histórias enquanto tricotava cobertores no inverno."
Elowen se aproxima de mim. "Qual era o nome dela?"
Engulo em seco. "Asterina."
“Isso é lindo”, sussurra Elowen.
"Os cobertores não eram", murmuro, querendo distraí-la, como ela já me deu em inúmeras ocasiões. "Ela nunca aprendeu a tricotar direito. As damas da corte praticavam bordado. Os cobertores que ela fazia sempre saíam deformados e cheios de buracos, mas eram as coisas mais quentinhas que já tive. Se eu pudesse ter salvado uma coisa do incêndio, teria sido uma daquelas."
"Fico feliz em saber o quanto ela te amava." A mão enluvada de Elowen desliza na minha, o primeiro sinal de afeto desde o noivado que eu sei ser verdadeiro. "Nós a vingaremos, Cayden."
Esfrego o polegar nos nós dos dedos dela, mas me interrompo quando Finnian se

aproxima. Seus ombros esguios estão rígidos quando ele se vira para encarar a multidão, e as chamas ardentes em suas costas se refletem em seu olhar determinado.
"O que ele está fazendo?", pergunta Ryder.
"Não sei", responde Elowen. "Ele nunca discursou num funeral."
"Cheguei a Aestilian pela primeira vez quando era criança — órfão e sozinho", começa Finnian, sua voz ecoando por todo o vale. "Minha família vivia em terras divinas, e eu nunca pensei muito em reis e rainhas, nunca entendi por que tantas pessoas em grandes contos dariam suas vidas por eles. Isso foi antes de eu conhecer uma rainha não muito mais velha do que eu: Elowen Atarah."
A mão dela aperta a minha enquanto Finnian continua.
Lico se opôs àqueles que a traíram, e por isso sua alma conhecerá a paz na vida após a morte. Ele foi um soldado valente e leal, alguém que todos devemos nos esforçar para imitar. Não deixem que seu sacrifício seja em vão. Elowen é a única rainha que conhecerei. Ela é a governante que escolho seguir até o dia em que os deuses reivindicarem minha alma. Ela luta por nós desde criança, e agora é a nossa vez de retribuir o favor. Ela cavalga para a guerra contra o pai, e devemos cavalgar com ela. Se Lico pode erguer sua espada em nome dela contra amigos, então todos nós devemos ser capazes de erguer a nossa contra inimigos. Quantos governantes construíram um reino enquanto estavam exilados? Quantas pessoas não apenas trouxeram dragões ao mundo, mas também os montam?
Espadas são desembainhadas e içadas no ar enquanto a multidão aumenta o volume. Finnian fala num tom que nunca o ouvi usar antes. Exige atenção e impõe respeito. Sorin expõe os dentes e ruge enquanto Elowen avança em direção a Finnian. Não ouço o que dizem por causa dos aplausos, mas o amor compartilhado entre eles é evidente em seus olhos. Ela não está usando coroa, e ainda assim qualquer um que a olhasse saberia que ela é uma rainha pela maneira como se porta.
"Lutamos pela nossa rainha!" Finnian desembainha a espada na cintura, erguendo-a bem acima da cabeça. "A rainha dragão!"
"A rainha dragão!" a multidão ecoa uma, duas vezes, até que se torna um canto e um mar de lâminas erguidas, brilhando ao sol enquanto todos os presentes caem de joelhos.
A rainha dragão.
Não a rainha de Aestilian. Não a rainha de Vareveth. Uma rainha que seu povo seguirá para qualquer terra, para qualquer fim, para a guerra e além.

Capítulo
TREZE

Elowen

A lua derrubou o Sol quando chegamos à minha antiga casa. Passamos o dia preparando todos para a evacuação, com Saskia e eu nos encarregando de organizar as acomodações, enquanto Cayden, Ryder, Finnian e os soldados que nos acompanhavam começavam a carregar baús e caixotes em carroças.

A governanta que cuidava da propriedade acendeu as lanternas e as lareiras

assim que soube que eu havia retornado. Pensei que me sentiria reconfortante em voltar para cá, mas é estranho olhar para um lugar que um dia chamei de lar e perceber que ele não é mais. Meus dedos deslizam pela madeira áspera enquanto levanto a trava, mas o rangido do portão não faz meus ombros relaxarem quando o som chega aos meus ouvidos. Não encontro consolo enquanto caminho pelo caminho que leva à porta verde lascada que pintei vários verões atrás.
Aestilian permaneceu congelado no tempo. Sou eu quem mudou. Respiro fundo enquanto giro a maçaneta, mas o desconforto dentro de mim cresce enquanto caminho em direção ao fogo ardente na lareira, sabendo que, em algum lugar no passado, caminhei até aqui como uma pessoa diferente. Uma rainha sem exército, uma cavaleira sem dragões, uma mulher tentando manter unido um reino em ruínas. Jogo meu casaco em cima da pilha de outros jogados sobre o sofá e reivindico meu lugar ao lado de Saskia à mesa. a presença combinada dos meus companheiros banindo a solidão que antes encobria o espaço.
"Por favor, me diga que você tem algo além de cerveja", Saskia murmura miseravelmente.
"É triste que você tenha sentido a necessidade de me perguntar isso." Sorrio, alcançando o armário atrás de mim para pegar uma garrafa de vinho.
"Você precisa continuar se expondo à cerveja para desenvolver o gosto por ela", diz Ryder depois de dar uma grande mordida na torta, o que de alguma forma faz com que a carne, as batatas, as ervilhas e o molho pareçam totalmente pouco apetitosos.
Cayden revira os olhos para o teto. "Você consegue se conter para não expor a comida na boca?"
"Beba toda vez que eles brigarem", sussurro para Saskia e Finnian.
Finnian aperta minha mão por baixo da mesa, mas Saskia empalidece. "Você quer morrer?"
Rio no meu cálice enquanto Ryder lança um olhar sombrio para Cayden. "Você já viu entranhas caírem do estômago de um homem, mas comida te dá nojo?"
Finnian bate o punho na madeira, fazendo os pratos e talheres chacoalharem. "Nada de vísceras à mesa."
"Quando eu me tornei o inimigo?" Ryder grita incrédulo.
"Mudança de planos." Levanto-me da mesa, esquecendo o jogo da bebida, segurando meu prato e cálice em cada mão e mordendo o gargalo da garrafa de vinho para que Saskia e eu não tenhamos que ir buscar mais. Afundamos no sofá e nos acomodamos, brindando e enchendo-os novamente.
A cozinha, a sala de estar e a sala de jantar são todas conectadas, então, apesar de nos afastarmos dos homens, não fomos longe, e certamente não encontramos silêncio. A cadeira de Ryder range quando ele se levanta abruptamente e carrega seu jantar pela curta distância, caindo no chão à nossa frente. "Continue servindo, raio de sol."
Olho diretamente para ele enquanto bebo direto da garrafa. Finnian se espreme no lugar ao meu lado, e Cayden senta na cadeira mais próxima da lareira.
“Soltei algumas cabras no campo para Sorin”, diz Cayden.
"Mas eles são tão adoráveis." Finnian geme, e eu dou um tapinha em seu ombro.
"Você pode tentar encurralá-los enquanto um dragão te persegue por interferir na caçada." Cayden não se dá ao trabalho de tirar os olhos da comida enquanto

gesticula em direção à janela. "Podemos assistir."
"E você estará lá fora salvando a pele dele assim que Elowen começar a gritar", brinca Ryder, e Cayden lhe dá um tapa na nuca, fazendo com que ambos caiam na gargalhada, e nós também.
A vida é feita de uma série de momentos e pode mudar em um minuto. Nunca sei o que o amanhã ou mesmo a próxima hora trará — morte, tragédia ou algo completamente diferente. Mas, nos meus piores dias, às vezes são as pessoas com quem estou que os tornam melhores.
"Vou mostrar seus quartos", digo depois que a cerveja e o vinho acabam e o cansaço nos atinge, levando-os pelo longo corredor que se ramifica em vários cômodos. O carpete puído, que antes era vermelho vivo, agora está de um rosa desbotado, provavelmente desbotado pelo sol e desgastado pelas botas. "Há mais cobertores no armário e lenha extra ao lado de cada lareira."
Ryder esfrega a barriga enquanto entra cambaleando no quarto, e Saskia pega o que está ao lado do dele. As acomodações são simples, nada mais do que uma cama e uma cômoda, mas serve. Finnian abre a porta e suspira. "Não senti falta daquela coisa granulosa."
“Você dorme como um morto e tenho certeza de que seus roncos farão o assoalho vibrar em breve.”
"Eu não ronco tão alto." Ele ri, mas logo se apaga quando não respondo, e meu sorriso irônico cresce no silêncio. "Ellie." Meu apelido de infância está impregnado de traição. "Como você nunca me contou?"
"É reconfortante." Dou de ombros inocentemente. "É como dormir perto de um urso enorme."
Ele olha para mim como se eu tivesse perdido toda a capacidade de formar um pensamento inteligente, e eu puxo Cayden para o meu quarto, rindo para mim mesma enquanto fecho a porta. "A cama é muito menor do que você está acostumado, e seus pés vão ficar pendurados na beirada, mas..."
"Está tudo bem." Ele tira a espada da cintura e se senta enquanto olha ao redor do meu quarto, observando as estantes de livros, a cadeira e os pequenos quadros nos cantos das paredes que eu pintava quando estava entediado. Algumas joias esparsas estão empilhadas em uma tigela na minha mesa de cabeceira, salpicadas de cera de vela das noites que passei lendo. "O primeiro lugar que eu pude comprar foi um armário luxuoso em um prédio infestado de ratos."
Faço uma careta. "Havia pelo menos uma janela?"
“Sim, embora não fosse um grande luxo, a menos que você quisesse sentir o cheiro da sujeira das ruas ou ouvir os bêbados gritando.”
“Quantos anos você tinha?”
Ele franze a testa enquanto faz as contas de cabeça, e eu coloco as mãos ao lado do corpo para não esticar a mão para alisar. "Por volta dos quinze." Meu estômago embrulha. "Não me olhe assim."
"Não vou te olhar." Desvio o olhar e vou até as estantes de livros, passando os dedos pelas lombadas como se estivesse cumprimentando velhos amigos.
“Você deseja dividir a cama?”
Olho por cima do ombro enquanto desfaço a trança que Hyacinth fez esta manhã e massageio a raiz do meu cabelo. "Por que não?"
"Você não tem criados aqui", diz ele. "Não foi por isso que você quis dividir uma

cama em Vareveth? Para evitar fofocas caso um criado entrasse em nossos aposentos e me visse dormindo no chão?"
"Ah, certo." Levanto-me, jogando o cabelo para trás dos ombros e juntando as mãos. Minha cama aqui também é bem menor, então não tem como dormirmos lado a lado sem nos tocarmos. "Vou te mostrar um quarto diferente."
"Você me entendeu mal." Ele se intromete no meu caminho e agarra meu pulso antes que eu consiga girar a maçaneta de latão. "Vou ficar neste quarto. A casa não tem proteção, estamos em território estrangeiro e, embora nossos inimigos estejam a quilômetros de distância, ainda estamos em guerra. Não vou arriscar sua segurança. Dormirei no chão se isso te deixar mais confortável."
Ele está tão perto, olhando para mim com olhos que me fazem sentir como se eu tivesse acabado de entrar em frente ao fogo depois de passar por uma tempestade.
“E-eu não vou fazer você dormir no chão.”
Ele me atrai como um viajante cansado e desesperado por conforto, mas ainda estou presa na neve. A voz de Ailliard ecoa em looping na minha mente, me dando vontade de pressionar as palmas das mãos nos ouvidos e gritar. Já enfrentei coisas terríveis na vida, e ainda assim a ideia de que alguém poderia me amar por todos os anos que me restam de vida, e o medo que a acompanha, é a única coisa que não sei como superar.
Baixo os olhos e tiro meu pulso do seu aperto.
“Ele—”
"Posso ter um momento? Gostaria de ficar sozinha." A mentira tem um gosto amargo na minha língua. Ele está parado bem na minha frente, mas *sinto falta dele*. Sinto falta de traçar suas cicatrizes com meus dedos e lábios. Sinto falta da sensação de estar à vontade em seus braços. Nada aconteceu do jeito que eu queria e, mesmo assim, eu ainda o quero.
Cayden tem um poder sobre mim como ninguém, e eu odeio sentir que estou construindo uma barreira contra minha própria felicidade, mas continuo empilhando pedras umas sobre as outras, sem pensar, dizendo a mim mesma que o que me machuca agora não será capaz de me machucar novamente.
Ninguém pode amar uma criatura vil.
Ele me encara por vários segundos prolongados enquanto o silêncio entre nós me sufoca. Ele se enrola em minha garganta como uma fita, covardia e dor se entrelaçando para formar um arco. Ele pega sua espada e sai do quarto, suas botas batendo contra a madeira rangente. A porta da frente da casa se fecha, e eu pressiono minha testa contra a parede enquanto esfrego a dor no peito.
Não posso ficar aqui parada, vou enlouquecer. O coração de Ailliard bate forte através das paredes, me chamando para procurar a fonte do que tem atormentado minha mente desde que Jarek me contou onde os perdões estavam escondidos. Cravo as unhas nas palmas das mãos e entro no corredor. Parte de mim não queria voltar para casa, sabendo que isso seria inevitável.
A lua banha o quarto com luz suficiente para eu ver, e cheira à poeira que flutua nos raios prateados. Puxo meu pingente pela corrente enquanto entro mais, observando os arredores de um cômodo tão familiar, porém estranho. Eu não conhecia de verdade o homem que se hospedava ali, apesar de dividirmos o mesmo teto.

Meus joelhos batem com força no chão quando afundo neles, atordoada, e levanto o baú de madeira na base da cama. Várias túnicas dobradas estão perfeitamente empilhadas em duas pilhas, e é como se eu estivesse me observando fora do meu corpo enquanto pego uma e a seguro contra o peito. Cravo os dentes no lábio até sentir gosto de sangue, jogando a túnica de volta no baú e batendo a tampa.

O corte na minha coxa está curado, mas a cicatriz recente lateja quando me lembro de Ailliard enfiando as unhas na ferida. Ele nutria tanta maldade, tanto ódio, e aqui estou eu abraçando a porra da sua túnica.

Meu sangue gela quando me levanto e contorno a cômoda que se projeta desajeitadamente para dentro do quarto. Pressiono as mãos no assoalho até que uma delas se solte. Respiro fundo antes de levantá-la e, sem graça, deixo-a escorregar dos meus dedos flácidos.

Meu estômago se revira e me obrigo a desviar o olhar do conteúdo, fechando os olhos com força como se isso fosse apagar a imagem gravada em minha mente. *Por quê?* Por que ele me traiu? Em que dia ele decidiu que se arrependeu de ter fugido comigo? Em que dia ele olhou para mim e percebeu que nunca se importaria mais comigo do que com um rei que o queria morto?

Lágrimas tamborilam na madeira ao meu redor como o início de uma tempestade, e não me dou ao trabalho de enxugá-las do rosto enquanto passo os dedos pelas fitas que eu costumava usar no cabelo quando criança. Eu nunca iria a lugar nenhum sem algo colorido trançado nas minhas tranças. Ailliard sabia disso, e cada vez que ele saía para uma incursão, trazia uma nova cor para mim.

Um soluço me sacode enquanto folheio as páginas antigas de um manual de jardinagem que ele usou para me ensinar a ler. Cada centímetro do meu corpo treme tanto que não consigo nem ler as palavras, então o coloco de lado e pego o primeiro vestido que ele me deu de presente, feito de lavanda e branco. tecido. Eu praticamente vivi nele antes de ficar pequeno. Jogo tudo no chão, pressionando as palmas das mãos nos olhos como se isso fosse estancar as lágrimas, mas mais lágrimas continuam jorrando de mim em ondas violentas.

Minha respiração acelera e minha visão fica turva. Tento me acalmar, para não sucumbir às minhas emoções, mas elas me dominam e me arrastam para as profundezas sombrias. Sinto que não há como escapar quando elas me prendem. Agarro minha garganta, tentando remover um laço invisível, mas é inútil. Frustrada comigo mesma, empilho todos os meus pertences no vestido e os dobro.

Não posso mais ficar aqui.

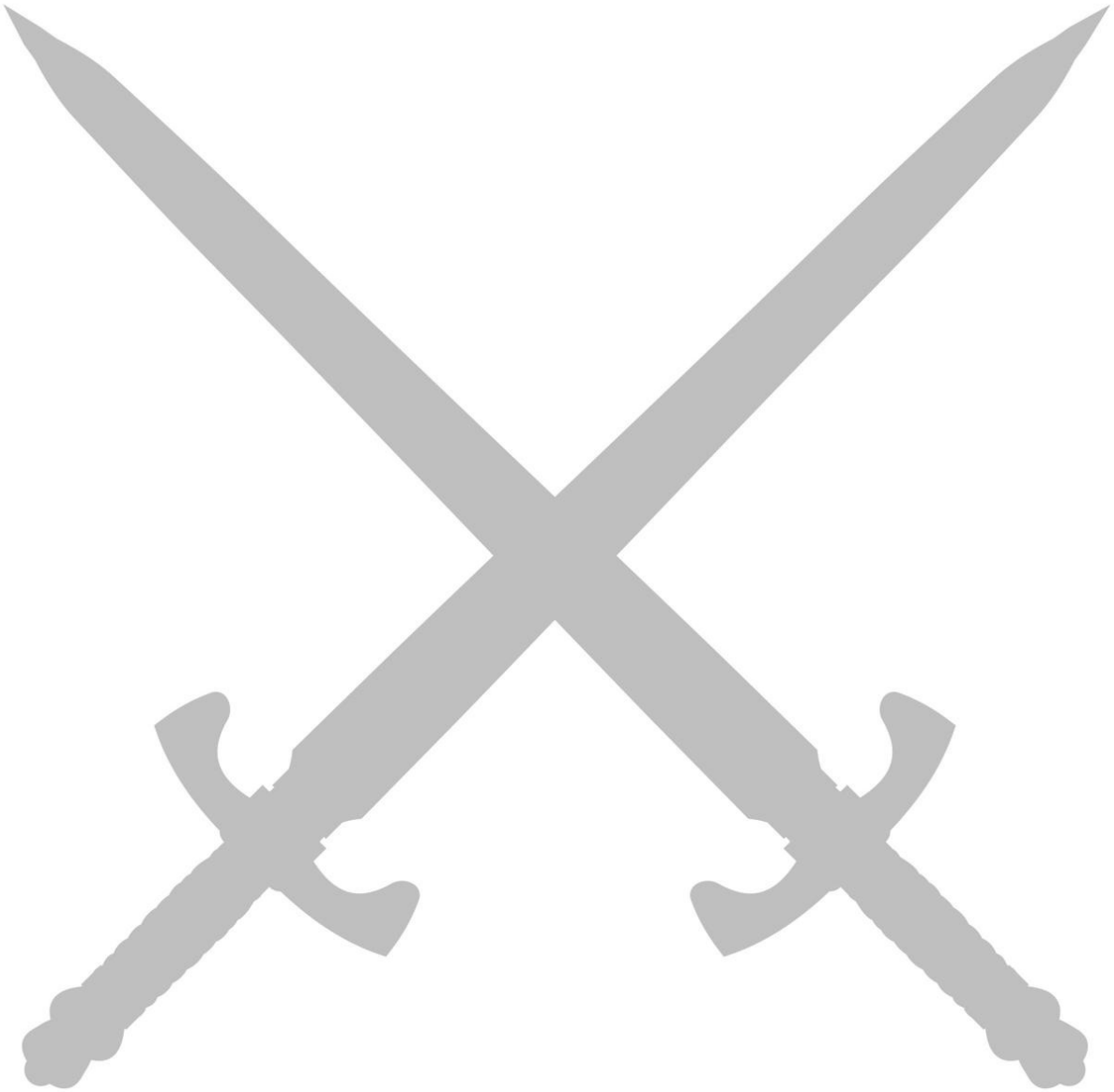
Minhas botas batem forte enquanto caminho até os fundos da casa e abro a porta, jogando minha infância no quintal antes de girar nos calcanhares. Pego tudo o que me lembra Ailliard: roupas, cobertores, botas, a caneca que ele sempre usava, os punhais que comprei para ele depois de meses economizando, seu lugar à mesa de jantar.

Não paro até que meu peito esteja arfando de esforço em vez de ansiedade. "Sorin!" Minha voz não passa de um rouco, mas a visão familiar de suas escamas verde-esmeralda me conforta. "Queime tudo!"

As chamas engolfam a pilha, mas não é o fogo que destrói os símbolos do passado; é o presente.

Capítulo
QUATORZE

Cayden



EU GUIE A PEDRA DE AMOLAR AO LONGO DO MEU espada enquanto a neve gira ao meu redor, sem me dar ao trabalho de olhar para cima quando várias pessoas na estrada param para me olhar antes de acelerar o passo para retomar as tarefas de última hora que precisam

concluir antes da partida. Estou contando os segundos até podermos partir. Minha paciência está presa por um fio desgastado, e meu temperamento me percorre como uma tempestade.
Não consegui ir além da varanda da frente. Apesar de querer uma distração, proteger Elowen é meu dever. Fiz um juramento a ela quando fechamos o acordo e não vou vacilar. A violência moldou minha vida e, mesmo nos momentos de silêncio, estou preparado para que ela apareça. O povo de Vareveth cunhou o termo *"demônio de Ravaryn"*, mas às vezes penso que um deles realmente me possuiu quando criança e lentamente corrói minha alma. Meu nome é sussurrado com medo, envolto em sombras e encharcado de sangue.
Alguém contorna a lateral da casa, com as botas triturando a neve enquanto o soldado Vareveth em patrulha acelera o passo. Deixo a pedra de amolar ao meu lado para dar-lhes toda a minha atenção. "Senhor, é a rainha. Ela é..."
Agarro o cabo da minha lâmina e corro para os fundos da casa, imediatamente avistando a evidência da sua dor. Cinzas flutuam pelo chão beijado pelo inverno e faíscas se erguem bem acima das chamas. "Não O soldado deve voltar aqui até eu levar a rainha para dentro", grito por cima do ombro.
Passos levam a um lago coberto de gelo e margeado por montanhas escarpadas. A única falha na superfície, de resto perfeita, é a fenda sob a cachoeira jorrando sobre rochas negras.
Elowen caminha pela praia, abraçando-se como se estivesse desesperada por conforto. Imagino quantas vezes ela se desmoronou em silêncio e se abraçou, desejando ter alguém ali para abraçá-la. Puta merda, ela nem está de casaco, e seu tremor fica evidente quanto mais me aproximo. Os dragões dourados bordados nas mangas sino de sua longa túnica azul brilham enquanto ela se move. Ela permanece aberta na frente, revelando pernas cobertas por facas, com bordados mais delicados em uma linha descendo por suas coxas. Sorin não está longe dela, farfalhando suas asas e batendo os pés enquanto observa seu cavaleiro.
Meu casaco já estava tirado quando a alcancei, e sua cabeça se levantou de repente quando a enrolei nele. "O que aconteceu? Por que você está chorando?"
Um rosnado selvagem escapa de seus lábios enquanto ela arranca o casaco e o joga no meu peito. "Eu não quero você aqui."
Ela não está dormindo. Mal está comendo. Ela está perdida em seus pensamentos a maior parte do tempo e eu preciso tirá-la disso. Agarro o casaco, não o deixando cair na neve porque estou pegando aquela coisa maldita nela. Ela cobre a boca, os olhos arregalados de medo enquanto relembram a casa. "Ninguém pode te ouvir além de mim. Já te dei espaço quando você pediu no passado, mas já terminei com isso porque claramente não está funcionando."
"Você não pode me machucar e nem ficar sabendo de todos os meus pensamentos." Ela enxuga algumas lágrimas com raiva.
"Não posso consertar nada se você não falar comigo."
"Conversar com você?" Ela ri estridentemente. "Comunicação era a única coisa que eu lhe pedia e da qual eu enfatizava a importância, e você me pegou de surpresa em uma sala cheia de inimigos, para não ficar aí falando comigo como se eu fosse a única que vacilou." Sua respiração se acumula diante dos lábios, saindo em curtos suspiros. "Já lhe ocorreu que talvez eu peça espaço porque me

dói olhar para você?" Raios atravessam meu peito, dificultando a respiração. Mas não deixo transparecer no meu rosto. "Você sempre quis poder, e eu não serei seu peão enquanto você o busca."
"É por isso que te fiz minha rainha." Dou um passo à frente, forçando seus braços através do casaco enquanto ela luta contra mim. "Continue assim", digo com um rosnado baixo antes de soltá-la. Ela pode lutar comigo até o sol nascer, mas só se estiver aquecida. Se fosse em qualquer outro momento, eu riria de como isso é grande nela, mas tenho a sensação de que ela me castraria se eu sorrisse. "A voz na sua cabeça dizendo que usei a cláusula do casamento porque queria ser rei mais do que você não é minha."
Ela se encolhe, apertando os braços em volta da cintura novamente. "Não fale do Ailliard."
"Eu não disse o nome dele, querida." Ela balança a cabeça novamente, e eu me pergunto se Ailliard está lá dentro agora. Nunca vou entender como alguém que eu adoro completamente pode se ver tão mal. "Já estive em situações muito piores na vida, então sim, assumi o papel de rei e farei o que for necessário. Nasci com quase nada e até isso me foi tirado antes de eu me reconstruir tijolo por tijolo. Se eu falhar em ser rei, se eu ao menos vacilar e der aos nossos inimigos uma oportunidade para explorar, eu vou te perder. Vou perder tudo o que não estou disposto a abrir mão. Você é minha prioridade e minha proteção, não um trono ou um reino."
Ela respira fundo e esfrega o peito, fechando os olhos com força enquanto balança a cabeça. Anos de condicionamento a ensinaram a se ver como alguém que só dá amor e nunca o recebe. Ela oferecerá pedaços de si mesma em uma bandeja até não ter mais nada para dar, mas isso termina comigo.
Uma coroa é um ornamento, nada mais que uma mentira dourada. Não vale nada contra uma espada, e apenas exércitos a mantêm na cabeça de um governante. Posso ter me mantido nas sombras, mas governei a partir delas, e nunca precisei da validação do mundo. O poder não é dado, é tomado.
Ela soluça, e isso quebra algo em mim que eu não sabia que existia. Dou um passo à frente, arriscando sua ira ao emoldurar suas bochechas com minhas mãos. Ela não se afasta, mas também não se aproxima. "Conquistei um reino para ter você. Era o único jeito."
“Você manipulou Eagor. Você manipula todos ao seu redor para "Consiga o que você quer." Ela me empurra para o peito, sua raiva retornando, apesar de claramente estar exausta. "Devo ter sido um alvo fácil. Uma mulher que nunca conheceu o amor além de sua melhor amiga. Você balançou a lua em um barbante, e eu a agarrei como uma tola." Suas próximas palavras são rosnadas entre os dentes: "Não vou fechar os olhos e aceitar um tratamento que não mereço só porque quero estar com você."
te manipulei ?", pergunto incrédula e passo a mão pelo rosto. A raiva de Elowen é fria, mas seu coração é quente e leve. Ela ama intensamente e sofre profundamente por causa disso. Eu nunca quero mudar nada nela, só quero ser a única a proteger esse coração. Quero que ele esteja seguro comigo. "Se eu estivesse te manipulando, teria exigido que se casasse comigo antes de libertarmos seus dragões, sabendo que você teria feito isso. Que se dane, Elowen. Se eu te manipulasse, não teria me arruinado no processo. Eu não seria

atormentada a cada hora que passa, sabendo que é mais uma hora gasta com essa distância entre nós."
Ela continua balançando a cabeça, a frustração evidente em seu rosto. Ela ouviu palavras vazias a vida toda; não posso culpá-la por duvidar de tudo o que eu digo. Desembainho a adaga de dragão em sua coxa e envolvo seus dedos no cabo, mantendo os meus sobre os dela e segurando a lâmina contra meu pescoço.
"O que você está fazendo?!"
"Parece que chegamos a um impasse." Sua mão treme sob meu aperto, mas eu a seguro com firmeza. "Mate-me se você realmente me odeia tanto pelo que fiz. Não me arrependo de você e me recuso a morrer pelas mãos de qualquer outra pessoa. Tenho morrido lentamente desde o momento em que te vi, então parece apropriado que você seja a pessoa a me dar o fim. Enquanto eu viver, você nunca se livrará de mim e, mesmo na morte, farei tudo ao meu alcance para assombrá-la."
A lâmina continua pressionada contra meu pescoço depois que solto seus dedos, e me inclino em direção à lâmina afiada. Elowen respira fundo e seu peito arfa enquanto eu me inclino e deslizo meus dedos por seus cachos, enquanto gotas de sangue começam a escorrer pela minha pele. Seus olhos se movem entre a lâmina e o meu olhar, suas sobrancelhas se franzem quando meus lábios pairam a poucos centímetros dos dela.
“Faça sua escolha, sirantia, porque tudo o que eu sempre escolhi é você.”
Cada lágrima que escorre por suas bochechas é como outra lâmina perfurando minha carne. "Quer saber o pior? Se você tivesse me dito que queria ser rei, eu teria lutado por você. Eu teria me casado com você se isso lhe desse o que você queria. Depois de tudo o que você fez por mim e pelos meus dragões, eu teria."
"Eu não queria que fosse assim." Minha lealdade pode ser sangrenta, mas sempre foi a dela. Elowen é a luz da minha vida, a única parte boa de mim. Ela é o silêncio em meio ao caos. "Eu me sacrificarei no seu altar mil vezes para ser o homem que você merece, sabendo que sempre serei insuficiente porque não existe um homem bom o suficiente para você."
Ela permanece em silêncio, o luar iluminando as lágrimas que correm como rios por suas bochechas. Eu odeio lágrimas, elas sempre me incomodaram, mas estas me enchem de um desespero selvagem para consertar isso. Ela é a única exceção, e eu não tenho a mínima ideia de como ela conseguiu. Sorin se enrola em volta dela, emitindo sons tristes do fundo da garganta. Parece a melodia que Elowen cantarola para acalmá-los de vez em quando.
Ela deve ter reconhecido, porque isso a faz soluçar novamente enquanto deixa a lâmina cair ao lado do corpo. "Você sabe que eu não consigo. Não importa o que tenha acontecido, eu não consigo."
"Vem cá", murmuro antes de levantá-la no ar e envolvê-la com as pernas em volta da minha cintura. Ela desaba contra mim enquanto acompanho vocês de volta para casa, agarrando-se a mim com tanta força, como se estivesse tão desesperada por isso quanto eu. Seu corpo continua tremendo enquanto a acompanho pelo corredor e a coloco na cama. Coloco mais uma tora na lareira antes de vasculhar minha bolsa em busca da lata de que preciso e levanto o queixo de Elowen. "Vou te dar alguns minutos para se preparar para dormir enquanto preparo um chá. É só chamar se precisar de alguma coisa."

Ela assente, com os olhos secos, mas sem a vibração que aprendi a adorar, e não consigo me conter e pressiono meus lábios em sua testa antes de ir embora. Baixo a cabeça, querendo estrangular alguém, alguma coisa, qualquer coisa, enquanto coloco a chaleira de bronze sobre o fogo ainda aceso de antes. A lata faz barulho no balcão da cozinha, e eu deixo cair minha cabeça nas minhas mãos. Não importa o quão brava Elowen esteja, ela não pode me odiar mais do que eu me odeio.
Uma porta no final do corredor se abre com um rangido e eu endireito a coluna, apagando a emoção do rosto. Finnian surge na esquina em seu traje de dormir, olhando para o meu pescoço. "Eu quero saber?"
“Mesmo que soubesse, eu não lhe contaria.”
Ele ri baixinho enquanto pega a lata para ler. "Camomila e lavanda?"
“É suposto ajudar com a ansiedade.”
"Por você?", ele pergunta, apesar de saber a resposta, então não me digno a responder. "Você está apaixonado pela minha irmã."
Deuses, alguém neste grupo se importa com a própria vida? O amor é a emoção mais egoísta, na minha opinião. Você faz alguém te amar e arruína essa pessoa no processo. O amor arruinou meus pais.
O destino usa o amor como uma arma, deixando apenas tragédia em seu rastro.
Viro-me para procurar uma caneca, mas Finnian não desaparece quando me viro. "Não prenda a respiração se estiver esperando que eu negue. Se aquela mulher derramar outra lágrima esta noite, terei que matar alguém."
Finnian ri baixinho. "Estranhamente, estou feliz que ela tenha alguém como você. Estou surpreso que você não tenha matado Ailliard antes daquela noite."
Dou de ombros, desejando que essa porra da chaleira já fervesse. "Eu ameacei fazer isso."
Finnian arqueia as sobrancelhas. "Ele nunca mencionou isso."
Não são muitos os homens que admitiriam estar à beira do vômito enquanto estavam presos a uma parede. "Foi depois que Elowen e eu voltamos da Prisão de Kallistar. Eu disse a ele que quebraria o pescoço dele e faria parecer um acidente de cavalo se ele não começasse a tratá-la com mais gentileza."
"Isso explica a mudança de comportamento dele", murmura Finnian. "Eu deveria ter feito isso anos atrás."
Contenho minha resposta, sabendo que Elowen odiaria se eu perturbasse Finnian. Se ele quer conforto, prefiro acordar Ryder. Ele é de longe o mais simpático de nós dois e lidaria com a situação muito melhor do que eu. "Ela está no quarto dela, se você quiser ir até ela."
"Não é de mim que ela precisa." Ele me lança um olhar penetrante. "Elowen não é vingativa por natureza. Ela não nasceu com a escuridão, ela foi criada. Um dos corações mais gentis bate em seu peito, e quando esta guerra acabar, anseio por viver em um mundo que lhe permita ser ela mesma. Acho que ela jamais teria pegado numa faca se não tivesse sido forçada."
A chaleira apita e eu molho as folhas de chá na água fervente. As pessoas mais perigosas não são aquelas que nascem com raiva, mas sim aquelas que se tornaram letais para vingar algo ou alguém. A motivação se torna a pedra de amolar que te afia contra o mundo. "Quero que você seja o comandante das forças estilianas. Elowen é a única com autoridade para te conceder essa posição,

mas você sabe que ela concordará."
Já estou caminhando em direção ao corredor quando ouço seu sussurro rouco. "Por quê?"
"Elowen sempre me diz que não teria sobrevivido ao exílio sem você." Paro de repente e olho por cima do ombro. "Se alguém merece ser nomeado Comandante de Aestilian, é você."
Finnian pisca lentamente e eu o deixo digerir a notícia. Elowen pode falar com ele sobre isso, mas a lealdade de Finnian é inquestionável. Isso me lembra do vínculo que compartilho com Ryder e Saskia. Cresci ao lado deles, lutei com eles, aprendi seus pontos fortes. Foi por isso que os promovi quando me tornei Comandante de Vareveth.
Já machuquei mais pessoas do que consigo me lembrar, deixando seus rostos desaparecerem na escuridão dentro de mim, mas o de Elowen permanece. Abro a porta e sinto uma pontada no peito ao ver seus olhos vermelhos e seus cachos escuros caindo em cascata ao redor dela, sentada contra a cabeceira da cama.
"Eu sou-"
"A mulher mais linda que existe?" Entrego a caneca a ela, interrompendo-a. "Nunca me peça desculpas."
Ela leva a caneca ao nariz, fechando os olhos enquanto inala o aroma floral antes de tomar um gole. Tiro as botas e jogo a camisa de lado, sentando-me na cama para encará-la. Ela traça a borda com o dedo, olhando para a água como se estivesse em busca de uma resposta.
"Ele guardava alguns dos meus pertences de infância no mesmo compartimento onde escondia os perdões. Eu os queimei junto com as coisas dele." Ela funga. "Ele não me amava, mesmo que tentasse."
"A incapacidade dele de te amar é um reflexo dele, não seu. Não baseie seu valor em alguém que não seria nem metade tão bom quanto você se tivesse tentado", eu digo. "Ele foi um tolo por não te amar."
Ela toma outro gole, engolindo em seco e lambendo os lábios. "A ironia é que ele me puniu quando eu não consegui matar ninguém uma vez. Eu era criança, não tinha mais de doze anos, e Ailliard organizou uma caçada onde vi uma corça e seu filhote. Ele ficou furioso comigo quando larguei minhas facas e disse a todos que tropecei quando ele bateu minha cabeça em uma pedra. Ele até me convenceu. Finnian teve que me carregar para casa." Minhas mãos coçam para pegar uma espada, mas não há alvo. "Ele rastreou os cervos pela floresta depois disso e sangrou os dois na minha frente antes de me forçar a comê-los, não que eu tenha mantido a carne no estômago." Ela arrasta os olhos para os meus. "Sinto mais remorso por aqueles cervos do que pelo meu próprio tio, e quando penso em tudo o que ele me fez, tudo o que ele me disse, minha mente parece uma bagunça. Minhas próprias memórias nem são uma fonte confiável, porque não sei o que ele manipulou."
"Ele merecia morrer." Quando eu saudar a morte, farei questão de encontrar Ailliard no inferno e torturá-lo por tudo o que ele fez. Deslizo para a cama ao lado de Elowen, puxando-a contra o meu peito e entrelaçando meus dedos em seus cabelos. Ela deve estar cansada porque não oferece resistência, mas a cama é pequena demais para compartilharmos sem nos tocarmos. Ela coloca a perna sobre a minha, e minha pele queima em cada lugar onde ela se pressiona. Não fiz

nada na vida para merecê-la, e ainda assim não consigo parar de desejá-la com uma devoção que rivaliza com religiões. "Elowen, eu juro para você, todos neste mundo que te machucaram morrerão gritando."
Ela levanta a cabeça para me olhar, traçando distraidamente uma das minhas cicatrizes. Deuses, aqueles olhos. É como se ela estivesse enfiando uma faca no meu coração, e ainda assim não sinto alívio em sua ausência. "Não me traia."
“Minha lealdade a você nunca cessará.”

Capítulo
QUINZE

Elowen

EU ESTOU ARRANCADO DAS GARRAS do sono por um estrondo de trovão. Meus olhos se abrem de repente e eu gemo no travesseiro quando noto a luz do sol espreitando através das cortinas e percebo que não é um trovão, mas Saskia. "Levanta!"

Seu punho continua batendo na porta e, se continuar assim, provavelmente vai arrombar a maldita porta. Não durmo tão bem desde que derrubamos Eagor, e

meu cansaço continua me arrastando para baixo como correntes me acorrentando aos meus sonhos. Tenho sido atormentado por pesadelos a ponto de evitar o sono escasso que consigo ter, mas não acordei nenhuma vez ontem à noite.
"Vai se foder, Sas", Cayden resmunga enquanto aperta o braço em volta de mim. Sua voz é ainda mais grave e rouca pela manhã, e lembranças dele beijando meu pescoço enquanto murmurava promessas sensuais contra minha pele me vêm à mente. Eu deveria sair da cama; essa é definitivamente a coisa inteligente a se fazer, mas também é algo que eu não quero fazer. Cayden não deixa passar nada, e embora eu não esteja de frente para ele, ele sabe que estou acordada e que não me mexi. Devemos ter trocado de posição em algum momento da noite.
Inspiro profundamente e me arqueio contra ele, fingindo me espreguiçar inocentemente.
Um gemido delicioso vibra contra minhas costas. "Elowen", ele avisa.
“Hmm?” Eu pressiono meus quadris para trás novamente, e seu comprimento duro crava em eu. Agarro os cobertores e tento me concentrar em manter minha respiração estável.
"Que inferno!", ele sibila contra meus cabelos e estende a mão sobre minha barriga. Nunca desejei o toque de outra pessoa, e é impossível resistir a ele quando está por perto. Um dos únicos momentos em que minha mente se acalma é quando seus braços estão em volta de mim. Cayden me toca como se lamentasse o momento em que nos separaremos e lutaria por mais alguns segundos. Ele aperta minha combinação, arrastando-a involuntariamente para cima das minhas pernas. Minhas coxas se pressionam com a leveza de uma pena, e a antecipação faz um gemido carente subir pela minha garganta enquanto alguém bate na porta novamente.
Ele usa a outra mão para cobrir minha boca enquanto roça os lábios na coluna do meu pescoço. Inclino a cabeça para lhe dar mais acesso, e ele afrouxa o aperto na minha combinação para desenhar círculos lentos na minha pele. "Fique quieta por mim, querida", ele sussurra, e morde o ponto mais sensível, passando a língua sobre ele enquanto deixa sua marca. Sua mão abafa outro gemido, e meu desespero por mais se torna impossivelmente mais forte.
As batidas na porta recomeçam, seguidas por um rosnado de frustração. "Eu já volto", Saskia afirma antes de sair pelo corredor.
Cayden solta minha boca e mordisca o lóbulo da minha orelha. "Por favor." Mantenho a voz baixa para que os outros não ouçam através das paredes finas como papel. "Talvez seja mais fácil ficarmos juntos se pararmos de nos negar."
Sua mão viaja da minha barriga para o meu seio, e os calos em seus dedos me fazem estremecer. Seus movimentos são lânguidos enquanto ele massageia e roça o polegar no meu mamilo. Sua risada é quente e rica como uma porção de chocolate derretendo na minha língua. "Você acha que vai ser tão simples?"
Não, mas admitir isso em voz alta soa humilhante. "Sim."
"Elowen." Meu nome é acariciado por sua voz, fazendo com que cada sílaba soe como um segredo que ele deseja guardar inteiramente para si. "Eu não teria caído na loucura desejando mais de você do que mereço se minha sentimentos poderiam ter sido apagados com um simples toque, mas não concordamos com o que queremos.”
Seu calor se dissipa quando ele se senta e balança as pernas sobre a cama. A luz

da manhã ilumina as cicatrizes vermelhas em relevo em suas costas e o brilho de estrelas que percorre suas costelas. Os músculos das costas se flexionam enquanto ele se espreguiça e passa a mão pelos cachos bagunçados.
Pigarreio e pressiono as costas contra a cabeceira da cama, tentando ignorar a dor da rejeição. Só quero esquecer tudo o que aconteceu por alguns instantes. "O-como assim? O que você quer?"
"Eu entendo por que você duvida de mim. Você deixou claro ontem à noite que eu feri sua confiança e consertar isso é minha prioridade." Ele olha por cima do ombro. "Porque eu quero tudo com você, El, e não aceitarei nada menos do que isso, mesmo que leve anos para chegarmos lá."
"Anos?", ecoo, piscando lentamente, mas seu rosto não muda da expressão inabalavelmente séria, enquanto ele acena apenas uma vez. "Você fala sério."
Ele lambe os lábios e estende a mão para pousá-la na minha bochecha. "Tudo o que peço é que, quando sua mente começar a declarar guerra contra você, você me dê um lugar na linha de frente."
Um sorriso repuxa meus lábios e meus olhos suavizam. Acho que a maioria dos homens desejaria que eu mantivesse meus pensamentos presos atrás dos lábios, mas Cayden nunca. Ele se apega a cada palavra e emoção minhas como se pertencessem somente a ele. "Ok, soldado."
Uma covinha se aprofunda em sua bochecha enquanto sua boca se curva em um canto, e ele se inclina para beijar minha testa antes de se levantar da cama. O chão range sob seu peso, e uma cadeira raspa no chão da sala de jantar, seguido pelo som de passos pesados novamente.
"Vocês já passaram tempo suficiente se olhando com desejo?", Ryder grita, e Cayden inclina a cabeça para o teto e suspira.
“Vou encontrar um espelho para que você não se sinta excluído”, responde Cayden.
As sombras dançam enquanto Ryder para atrás da porta, mas ele abaixa a cabeça. voz sussurrando através da floresta. "Por favor, saiam. Finnian não está acordado e Saskia é assustadora quando tem uma lista de tarefas que a deixa atrasada."
Cayden me lança um olhar seco enquanto amarra o cordão da calça. "Podemos sair pela janela."
Reviro os olhos enquanto tiro as cobertas. "Ah, hoje vai ser tão divertido."

Capítulo

DEZESSEIS

Elowen

UM VENTO GELADO SOPRA DE Os picos das montanhas, salpicando-nos com uma fina camada de neve. As copas das árvores balançam, seus galhos se roçando em um labirinto sinuoso e sem fim. Sorin ruge, e o som solitário ecoa pelo vale.

"Você acha que ele sente falta dos outros?", pergunta Finnian enquanto caminhamos de braços dados pela rua.

"Provavelmente. Ele não se separou deles desde que nasceu." Lembro-me das palavras de Saskia ontem, enquanto observava Sorin voar em círculos inquietos. "Dragões nascem de magia antiga; talvez ele consiga sentir qualquer magia divina que ainda reste na terra."
“Eu não pensei que você acreditasse em deuses.”
"Eu não os adoro, mas existe magia no mundo." Antes de eu nascer, tenho certeza de que as pessoas diziam a mesma coisa sobre dragões. Eram mitos perdidos em lendas e contos, criaturas sobre as quais os pais contavam aos filhos enquanto os colocavam para dormir. "O mundo muda a cada dia, criando novas possibilidades que outros consideravam impossíveis. Basta uma pessoa transformar a realidade em algo irreconhecível, para melhor ou para pior."
Finnian estremece. "Vivi em terras divinas a vida toda, mas pelo menos tive uma folga de todos os rituais enquanto estive aqui."
“Achei que você se escondia no celeiro durante as cerimônias.”
“Quando eu tinha idade suficiente para deixar o lado da minha mãe.” Seus olhos examinam as árvores ao redor. "Antes disso, eu ficava ouvindo cânticos por horas."
Aperto a mão em seu braço, sabendo que é difícil para ele falar sobre o passado. A família que perdeu quando um clã incendiou sua casa. "Vou tentar limitar os cânticos de Asena e Ophir."
"Obrigado", ele suspira, soando sincero. "Blade vem conosco. Eu o ajudei a empacotar a forja ontem e ele mencionou que gostaria de trabalhar em Ladislava. Imagino que precisaremos do máximo de armas possível."
Blade acolheu Finnian quando ele tinha pouco mais de treze anos, e imagino que ele eventualmente teria assumido a forja se não estivéssemos evacuando. "Ele estará nadando em síndrils antes do fim do mês."
Paramos no campo de tiro onde passamos a vida treinando. Observei Finnian atirar com vários arcos, todos de tamanhos diferentes para se adaptarem à sua forma física em desenvolvimento. Passamos quase todos os dias juntos desde que nos conhecemos há mais de uma década, e eu enfrentei o mundo porque isso significava ficar entre ele e tudo o que surgisse no nosso caminho.
Aestilian foi onde eu cresci, mas Finnian foi meu lar.
Ele fica sério, e me pergunto se ele está vendo uma versão mais jovem de mim no meu lugar. "A traição de Ailliard envenenou Aestilian para você?"
Nunca me senti verdadeiramente satisfeito aqui. Minha necessidade de vingança sempre superou a segurança que este lugar oferecia. Finnian prepara uma flecha em seu arco enquanto eu desembainho uma faca pendurada no meu cinto. Alvos pintados de vermelho se destacam contra os fardos de feno, e eu lanço minha primeira lâmina. "Fiz as pazes com este lugar, mas não posso ficar aqui agora que sei como é fazer parte do mundo que observei por trás de uma barreira."
"Você sente falta dele?"
"Não." Eu precisava me permitir lamentar a morte de Ailliard para acabar com aquilo. Era como se eu estivesse tentando segurar um vaso quebrado com as próprias mãos, me cortando constantemente enquanto assumia uma tarefa impossível. Eu precisava deixá-lo quebrar completamente e aceitar que nunca mais ficaria inteiro. “Suas ações levaram à sua morte, e eu nunca o teria mantido em uma cela depois que uma faca foi colocada em seu pescoço.”

A segunda faca se transforma em um redemoinho prateado, brilhando ao sol enquanto afunda no centro do alvo. Finnian e eu caminhamos em direção aos fardos de feno para recuperar nossas armas, e ele me cutuca com o cotovelo. "Eu sempre adorei quando você fica assassino por mim. É como um gatinho furioso sibilando."
“Sabe, você não precisa verbalizar todos os pensamentos que lhe vêm à cabeça.”
Envolvo meus dedos em volta do cabo, mas uma sensação gelada percorre minha espinha. É a mesma sensação que tenho quando estou sendo observada. Um farfalhar na floresta chama nossa atenção, e mantemos nossas armas em punho. O barulho é alto demais para ser vento, e não há patrulhas guardando o perímetro, já que partiremos em breve. Eu não queria correr o risco de deixar alguém para trás quando o portal se abrir.
Rachadura.
Rachadura.
Rachadura.
Finnian e eu trocamos um olhar enquanto Sorin solta um rugido poderoso, diminuindo bruscamente sua altitude e voando direto em minha direção.
"Ataquem!", grito por cima do ombro. Algo está errado, sinto nos ossos. "Saquem as armas!"
Os sinos começam a tocar para avisar os soldados para se prepararem para uma emboscada, e ordeno que Basilius queime a pira ao lado do castelo. Eu me preparo, preparando-me para enfrentar o exército de Imirath. Ailliard deve ter revelado a localização. Garrick deve ter um espião em Vareveth que o informou sobre meus movimentos. Meus nervos estão firmes, e não arrisco um único piscar. Recuso-me a morrer aqui.
“Todos os deuses,” Finnian murmura.
Não é Imirath que irrompe por entre as árvores — são espectros do submundo. Seus pelos brancos se misturam à neve, mas seus olhos vermelhos se destacam como gotas gêmeas de sangue. Veneno escorre de suas presas expostas enquanto seus rosnados selvagens se misturam aos gritos das pessoas a metros de distância.
“Eles estão na cidade”, diz Finnian, sua cabeça girando rapidamente a direção das casas atrás de nós. Ordeno a Sorin que queime a fileira de árvores à nossa frente enquanto jogo minha faca. Ela penetra em seu crânio enquanto Finnian atira uma flecha no segundo, mas ele continua atacando enquanto a erupção das chamas de Sorin sacode o chão. Uma muralha de fogo se ergue enquanto ele engole as árvores que estão ali há séculos, junto com mais feras. Jogo outra faca, mas a criatura se esquiva, a lâmina conseguindo apenas cortar sua orelha.
Finnian prepara outra flecha em seu arco, mas não há tempo suficiente.
Eu me levanto e o agarro enquanto o espectro do submundo salta em nossa direção, nos jogando na neve quando a flecha erra o alvo. A fera não se vira para nós e continua correndo em direção à cidade.
“Eu consegui!”, exclama Finnian.
“E você teria morrido no processo.”
Finnian me abraça e chuta outro espectro do submundo na lateral da cabeça. Meus pulmões queimam de inalar o ar gelado e a fumaça, mas consigo me livrar dele rápido o suficiente para cortar seu pescoço. Gritos ecoam por todo o reino, e

ordeno a Sorin que continue queimando quaisquer partes da floresta de onde as feras estejam vindo. Meu peito aperta enquanto ele se rebela contra a ordem, querendo ficar ao meu lado, mas eu me mantenho firme, dando a ordem até que ele obedeça. Sangue mancha a neve. Os gritos aumentam e aumentam até se misturarem, tornando-se um grito de pânico por socorro enquanto meus ouvidos zumbiam.
Cayden.
Preciso encontrar Cayden.
"Saskia ainda está na casa. Você precisa levá-la para as carroças. É lá que o portal estará, assim como Cayden e Ryder", digo apressadamente. Não temos tempo para discutir — Saskia e o soldado Vareveth encarregado de guardar a casa não conhecem aestilianos como nós. Seu desconforto se iguala ao meu enquanto ele pressiona nossas testas. "Direto."
“Jogue com precisão.”
Com o fogo nas costas, corremos em direção à cidade. Uma fileira de pequenas casas salpicadas de sangue está aninhada bem perto umas das outras, e Finnian e eu corremos para um beco. Salto sobre um cadáver sangrando. no centro, e o caos irrompe assim que conseguimos passar. Lanço um último olhar para Finnian antes que alguém me esmurre. Mal tenho tempo de registrar a pulsação no meu ombro antes de ser cercado por uma multidão histérica me pressionando por todos os lados. Basilius acendeu a pira com sucesso porque o portal tênue brilha como um farol a vários metros de distância, e as pessoas praticamente se arrastam até a frente para passar.
Gritam-se nomes, derramam-se lágrimas e ouvem-se gritos de dor por toda parte. A rua principal da cidade está tão lotada com a multidão que eles não conseguem se mover, pois as feras começam a correr pelos prédios para abater as pessoas imóveis. Agarro com os cotovelos aqueles que me cercam, abrindo caminho por entre eles como se estivesse caminhando por lama espessa, e me concentro em manter os pés no chão. Rainha ou plebeia, quem tropeçar certamente será pisoteado.
Não consigo respirar.
Não importa para onde eu me vire, não há trégua.
Não há escapatória.
Nós nos jogamos para a frente como um só, e sou forçado a pisar em alguém abaixo de mim. Deuses, espero que estejam mortos. Não consigo nem mover meu braço o suficiente para acabar com o sofrimento deles se ainda estiverem respirando.
O suor escorre pela minha pele, e eu forço a bile garganta abaixo com a sensação de tanta gente me tocando. Sorin voa direto em minha direção, gritando enquanto seus olhos verdes se fixam nos meus, e eu consigo levantar a mão bem alto enquanto ele mergulha. Ele paira sobre mim, estendendo a garra enquanto as pessoas começam a se agarrar aos meus ombros, braços, qualquer parte de mim para se libertarem disso. Elas tentam subir em mim, mas eu consigo me manter em pé. Ele usa a outra garra para me libertar delas e envolve meu torso com as garras, me carregando acima da multidão.
Respiro fundo pela primeira vez, esfregando as costelas agora que estou em segurança com meu dragão. "Obrigada, meu doce menino."

Meus olhos lacrimejam enquanto suas chamas engolfam mais cem árvores, e deste ponto de vista, consigo ver quantas feras nos cercam. Demais para contar. Mais do que eu já vi juntas. Ele mergulha de volta para o chão assim que avisto Cayden lutando lado a lado com Ryder. Os soldados Vareveth que nos acompanhavam lutam com eles como uma unidade, mas os dois são formidáveis. Imagino quantas vezes eles lutaram assim. Cayden e Ryder se movem como se controlados pela mesma mente, não apenas confiando um no outro completamente, mas sabendo quando ajudar o outro sem olhar.
Sorin pousa na neve, me colocando no chão delicadamente enquanto eu saco a espada da cintura e outra faca. Em um breve alívio das criaturas, Cayden se vira e corre em minha direção, envolvendo um braço em volta da minha cintura e segurando sua espada com firmeza.
"Você está machucado?", ele pergunta, me examinando em busca de ferimentos que eu não tenha.
Ryder corre em nossa direção antes que eu tenha a chance de responder. "Onde está minha irmã?", pergunta ele freneticamente. "Onde está Finnian?"
“Tivemos que nos separar, mas ele está trazendo ela para cá.”
Casas ao longo do perímetro pegaram fogo, e espectros do submundo, engolidos pelas chamas, correm freneticamente pela vila até desabar. Há morte e sangue coagulado para onde quer que eu olhe. Marcas de garras marcam os caídos, sangue e cinzas decorando sua ruína. Sorin alça voo novamente para continuar queimando hordas deles.
Cayden corta outra fera, respingando suas botas e adicionando mais pedaços ao campo carmesim coberto de entranhas. Jogo minha faca em um que salta em direção a Ryder, dando-lhe tempo para se desviar e esfaquear outro.
"São muitos", ofego. "Precisamos fazer com que todos passem pelo portal e segui-los antes que sejamos mortos. Isso não vai acabar até chegarmos em casa."
Cayden me olha de relance, e eu já sei o que ele vai dizer. "Eu não vou te abandonar."
Eu defendo meu reino porque é meu dever, mas há uma necessidade selvagem de proteger meus amigos, de proteger Cayden.
"Eu vou te jogar pelo portal se for preciso", ele diz.
“E eu retornarei nas costas de um dragão.”
Agachei-me, cortando os tornozelos de um espectro do submundo a tempo de Cayden enfiar a espada em seu crânio. Ele levantou a voz para se dirigir aos nossos soldados, mantendo os olhos em mim. "Eu mesmo matarei todos vocês se algo acontecer à rainha."
"Que gentileza sua!" Uma flecha atravessa a barriga de uma fera e o alívio me invade. Cayden gira para o próximo golpe, decapitando outro que estava saltando em sua direção. Desvio por pouco da cabeça e a chuto para longe quando a língua sai da boca. "Deuses, que nojo!"
"Sas!", grita Ryder quando ela e Finnian aparecem. Eles estão tão ensanguentados quanto nós, mas isso não impede Ryder de abraçá-la brevemente quando ela está perto o suficiente.
"Um espectro do submundo nunca conseguiu atravessar a névoa", digo a Cayden. "Você acha que Thirwen pode ser o responsável por isso?"
Thirwen se aliou a Imirath, e os magos nascidos lá aprimoram seu poder por

meio de familiares animais. Os magos mais habilidosos conseguem se infiltrar na mente de seus animais e controlá-los, mas e se eles encontrassem uma maneira de controlar feras? Meu sangue gela. Será que eles conseguiriam controlar mentes humanas? Dragões?
"Vamos resolver isso quando chegarmos em casa", responde Cayden. "Entram!"
Os soldados Vareveth respondem imediatamente, assim como pelo menos quinze soldados de Aestilian, prontos para receber ordens e seguir Cayden para onde ele mandar. "Precisamos proteger o perímetro ao redor da multidão enquanto eles escapam. Aproveitem a primeira chance que tiverem para entrar no portal."
“Sim, Majestade”, eles respondem em uníssono.
“Fique por perto”, Ryder diz para Saskia.
Nós lutamos para passar, abrindo caminho até o fundo da multidão. Espectros do Nether fluem entre os prédios como vários riachos que desembocam em um rio. Será que Sorin sentiu algo errado? É por isso que ele está inquieto esse tempo todo?
Balanço a cabeça, clareando meus pensamentos por enquanto.
Cayden tira algo do bolso de trás e arranca um alfinete de uma esfera preta e prateada enquanto corta uma fera. Ele o arremessa o mais longe que consegue, e fogo irrompe, engolindo pelo menos cinquenta espectros do inferno nas chamas enquanto o chão treme.
Então, com sangue escorrendo pelo rosto e no meio da batalha, Cayden *sorri.*
Eu ordeno a Sorin que traga as chamas para mais perto, observando o que Os restos mortais de Aestilian estão banhados em fogo. Não posso construir uma pira para cada cidadão caído, mas posso oferecer-lhes isto. Este é o meu povo, e Ailliard pode ter se referido a mim como a princesa descartada de Imirath, mas este é o reino que me escolheu, que me seguirá na guerra.
Continuamos lutando e recuamos lentamente em direção ao portal enquanto mais cidadãos entram em fila. As chamas de Sorin fazem meus olhos lacrimejarem e cinzas grudam no sangue que me cobre. Uma criatura arranha minha perna com suas garras, e eu a atravesso com minha faca, ignorando o sangue e a dor.
A magia pulsa em minhas costas, me fazendo tremer. As feras entram em frenesi para escapar das chamas, mas Sorin as queima. Ryder envolve um braço em volta da cintura de Saskia, lançando um último olhar para Cayden antes de conduzi-la através do portal. Finnian dispara sua última flecha, mas eu o empurro antes que ele tenha a chance de sacar sua espada, uma arma que ele nunca usou.
Cayden arremessa um machado com tanta força que a fera que ele atinge colide com outra que se aproxima rapidamente. Ela grita quando o fogo de Sorin se aproxima, derretendo lentamente a carne do osso. Tudo o que consigo ver é fogo e sangue. O portal começa a se encolher, e os braços de Cayden me envolvem antes que eu tenha a chance de avisá-lo, e juntos caímos em um poço de fios de luz rodopiantes da meia-noite com Sorin.

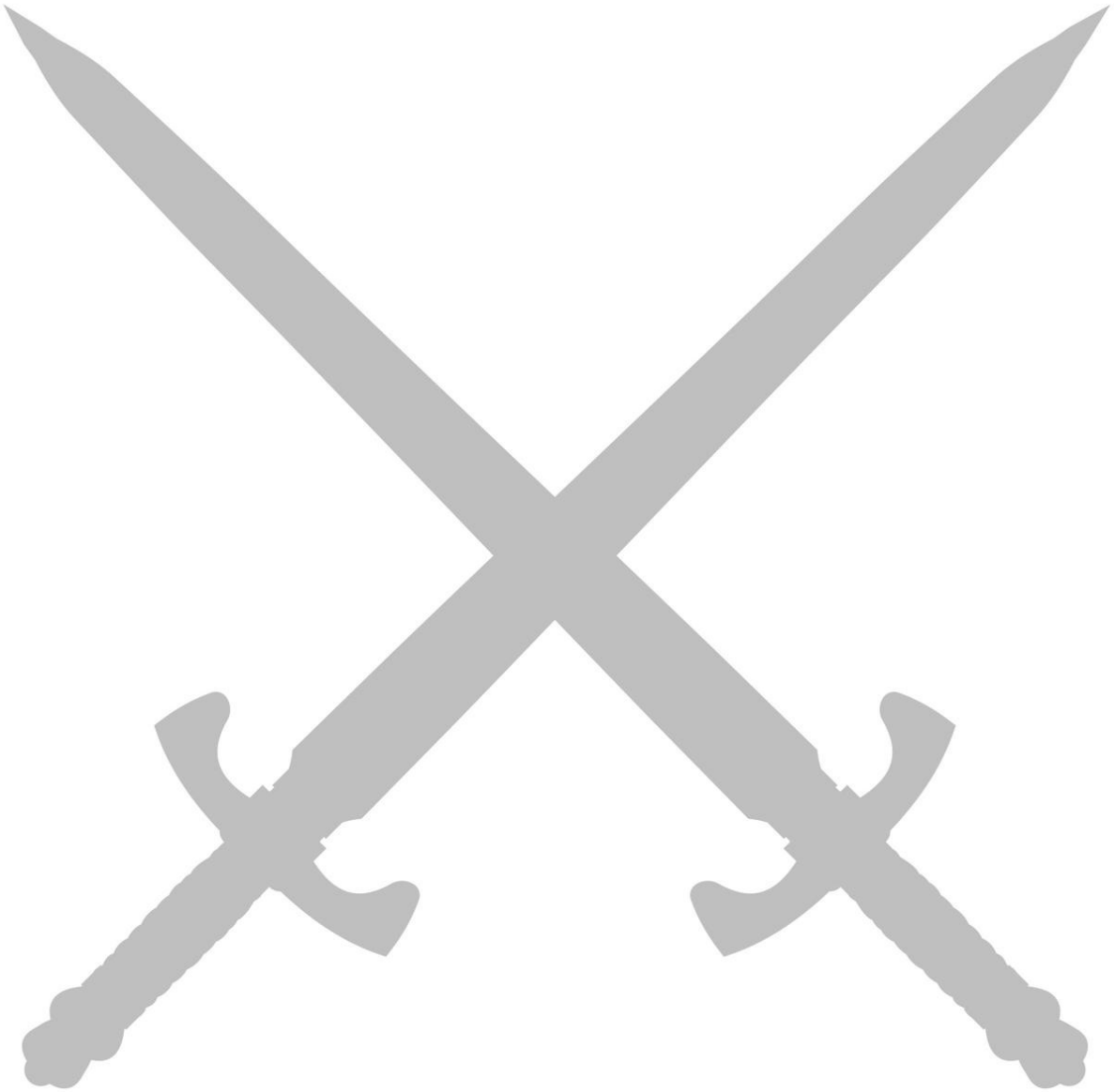
Parte II

Um herdeiro para ascender

Capítulo

DEZESSETE

Cayden



EU ENFIAR MINHA MÃO EMBAIXO DA DE ELOWEN cabeça para evitar que batesse no chão, raspando os nós dos dedos em uma raiz de árvore que se projetava do solo. Nossos peitos se apertam enquanto recuperamos o fôlego, ouvindo entes queridos gritando nomes ou

gritando por curandeiros. Foi um massacre. Já vi minha cota de sangue e tragédia, lutei inúmeras batalhas, honrosas ou não, mas nunca vi feras atacarem com tamanho frenesi.
Apoio os cotovelos na terra para dar espaço para Elowen respirar. "Sua perna."
"Seu peito." Um espectro do submundo conseguiu cravar suas garras em mim durante o caos dos nossos momentos finais, mas não é fatal, e pelo menos não foi uma mordida venenosa. O sangue vermelho vivo do ferimento que a pressionou arruína ainda mais o traje azul e dourado de Elowen. Ajoelho-me e a puxo para sentar para inspecionar o ferimento, mas ela me distrai puxando minha camisa rasgada.
"Estou bem", insisto. "Depois que eu lavar o sangue, você verá que o ferimento não é tão profundo."
Ela baixa o olhar para a perna. "Eu também, já está coagulando. Mas as duas vão ficar com cicatriz."
“Ah, que horror”, murmuro.
“Alguém foi mordido?” Elowen se vira para nossos outros companheiros caídos na grama, todos sem fôlego para formar palavras, mas eles tremem suas cabeças.
"Não tenho suprimentos de cura para estancar o veneno, caso alguém tenha."
"E a Nyrinn?" Eu estava carregando os baús dela quando as feras chegaram, e empurrei a mulher pelo portal antes que ela pudesse protestar. Elowen teria ficado devastada com a morte dela.
A cabeça de Elowen gira freneticamente até que ela vê Nyrinn em meio aos seus baús, enchendo o cinto com ervas e tônicos e dando ordens aos soldados estilianos ao seu redor. "Eu deveria ajudá-la."
O som de vômito nos faz virar na direção oposta. Finnian está curvado e tremendo violentamente enquanto agarra a barriga. Elowen corre em sua direção, esfregando suas costas e afastando os cabelos suados da testa.
"Ele foi mordido?" Ryder se ajoelha.
"Era como antes", Finnian murmura com os lábios pálidos, limpando a boca com a manga. "Tantas famílias perdidas. Tantas crianças agora órfãs. Eu não consegui salvá-las." Percebo que Finnian não está conosco. Ele está perdido em algum lugar da mente.
Sangue seco escorre de suas bochechas quando Elowen os enquadra, o amor incondicional estampado em suas feições. "Sua mãe, seu pai e sua irmã, onde quer que estejam, estão gratos por você não estar em casa naquela noite. O que aconteceu com eles foi uma tragédia terrível, mas acredito que eles encontram consolo em seu coração ainda batendo."
Os olhos de Finnian se enchem de lágrimas, e ele aperta Elowen contra si, enterrando o rosto em seu pescoço enquanto seu corpo é dilacerado por soluços silenciosos. Estamos todos cobertos de sangue, mas Finnian a segura como se ela fosse a única coisa capaz de aliviar sua dor. Ofereço a mão para Saskia, e depois para Ryder, que me dá um tapinha no ombro.
Enquanto os olhos de Finnian são lacrimejantes, os de Elowen são puro fogo enquanto sua raiva arde. "Se este foi um ataque orquestrado por Imirath ou Thirwen, quero os responsáveis mortos antes do anoitecer e com suas cabeças em estacas."
“Mago!”, grito, sem lembrar do seu nome.

"Não quero uma lição sobre os deuses de Ophir. Quero montar num dragão e queimar o acampamento deles", ela rosna enquanto Finnian a solta. "Se este foi o primeiro ato de guerra deles, responderei com prazer."
Elowen é capaz de fazer o que for preciso para vencer, mas não massacrará inocentes. Famílias visitando soldados na frente de batalha, curandeiros trabalhando na fronteira, essas pessoas a impediriam de seguir adiante. Sempre achei o destino uma vadia rancorosa, mas Elowen ser a pessoa a compartilhar um vínculo com cinco dragões é uma rara misericórdia.
Toda magia tem uma assinatura que outros magos conseguem sentir. É como assinar uma carta. Em casos raros, essa assinatura pode ser escondida, mas é altamente incomum. Se Thirwen estava controlando aquelas feras, o mago poderá confirmar.
Ainda assim, algo está errado. Se isso fosse um ato de guerra, e nossos inimigos estivessem nos atacando sabendo que não estávamos protegidos por nosso exército, eles teriam se manifestado. Teriam nos atacado diretamente ou fugido da floresta para escapar do fogo do dragão.
“Alteza, bem-vindos, ho—”
“Você conseguiu ver através do portal?” pergunto.
"Sim, senhor. O portal é transparente para Asena e para mim porque nós o conjuramos."
"Então você testemunhou o ataque?" Ele assente em resposta. "Você conseguiu sentir alguma magia quando abriu o portal?"
Ophir franze a testa. "Não, senhor. A terra divina tem se mostrado mais volátil desde que os dragões foram libertados, mas todos acreditamos que essa é a causa do desequilíbrio. Dragões não existem desde que os deuses nos deixaram."
Elowen bufa e olha para o céu. "Então você não acredita que alguém estava controlando os espectros do submundo?"
"Não, Alteza, mas sabe-se que eles vivem nas florestas de Sweven e Terrwyn. Devem ter seguido o cheiro de sangue direto para o seu reino."
"Eles não viajam através do..." Ela tamborila os dedos contra os lábios. "Seria possível você abrir um portal onde o Rio Caleum serpenteia pelas montanhas? Não precisa ser grande, apenas o suficiente para eu ver."
Ophir assente, fechando os olhos e murmurando um feitiço em ravariano. Faíscas e fios se acumulam em torno de seus dedos, girando por entre eles. como cobras, ele abre o ar e cria um portal do tamanho da minha espada. Ele continua seu encantamento, e o preto e o roxo desaparecem, revelando a imagem nítida de uma floresta.
"Luz do sol." A mão de Elowen agarra a minha. "A névoa se foi."
“Você não sente nenhuma magia com essa mudança na névoa?”
"Não, senhor. Nenhuma pessoa viva seria capaz de levantá-la. As barreiras foram feitas pelos deuses e não podem ser desfeitas."
"Por que agora?" Elowen murmura, mais para si mesma do que para qualquer outra pessoa.
"A magia deixada pelos deuses enfraquece a cada ano", responde Ophir de qualquer maneira. "Isso pode ser resultado disso."
"Pode fechar, obrigada", diz Elowen, ainda imersa em pensamentos. Aceno para o mago, que se curva antes de se virar e encontrar Asena em meio às fileiras de

pessoas aguardando atendimento. Curandeiros do castelo também se juntaram a eles, e servos distribuem pão e água.
"Você está bem, anjo?"
"Não gosto de como falam dos acontecimentos da nossa vida como se fossem determinados por deuses em que não acredito", murmura ela. "Ailliard jurou que a névoa jamais desapareceria, então acho que estou feliz por estar certa, mas Sorin ficou inquieto o tempo todo em que estivemos na terra dos deuses. Ele mal conseguia tolerar o pouso."
"Eles são fanáticos. Pode chover e eles vão dizer que é porque um deus está chorando ou mijando." O sangue seco em suas bochechas estala quando ela ri, cansada. "Mas pelo menos não foi um ato de guerra."
Ela assente, ainda sem parecer totalmente convencida. "Vou escrever para a rainha de Galakin amanhã e pedir para Asena enviar com magia para que chegue instantaneamente. Pode não ter sido feito pelas mãos de Thirwen ou Imirath, mas cada dia que passa é mais um que nos empurra para mais perto da inevitabilidade."

Capítulo

DEZOITO

Elowen

Me dragões tecem através do
Nuvens de tempestade se aproximam, suas escamas vibrantes contrastando fortemente com o domínio cinzento e espumoso, mas nunca se afastam o suficiente para cruzar a fronteira de Imirath. Apesar da guerra iminente, o acampamento de guerra de Vareveth continua tão tranquilo quanto sempre. Soldados se reúnem ao redor de fogueiras enquanto mexem panelas de

ensopado, afiam suas armas e riem enquanto trocam histórias e bebidas.
"Recebi um... relatório preocupante hoje de uma espiã", diz Saskia, o vento trazendo o aroma de seu sabonete com aroma de jasmim enquanto ela entrelaça seu braço no meu, o que provavelmente é o melhor, considerando o quão exausta estou. A maior parte das estradas que atravessam o acampamento de guerra está seca, mas há algumas poças de lama nas quais prefiro não pisar. Passei quase a noite toda cuidando dos feridos com Nyrinn, enquanto os outros supervisionavam a instalação do meu povo em seus novos lares. As imagens do ataque me assombravam enquanto eu tentava dormir. Nem todos que conseguiram atravessar o portal sobreviveram. O antídoto para o veneno do espectro do inferno nem sempre funciona, dependendo do estado de saúde da pessoa. Não importa o quanto as pessoas me implorassem enquanto desapareciam diante dos meus olhos, eu não posso fazer milagres, por mais que eu desejasse.
“Onde eles estão estacionados?”
"Imirath", ela sussurra, seus olhos escuros examinando a área. Meus passos Lentamente, e eu me aconchego mais perto dela. "Um batedor da fronteira relatou ter visto grandes gaiolas sendo transportadas por todo o reino."
"Gaiolas?" Franzo a testa. "De que tamanho? O que havia nelas?"
Ela não conseguia chegar perto o suficiente. Estão cobertos por lonas, mas não havia sons que revelassem o que havia lá dentro. Se escondem feras ou monstros, imagino que usaram runas silenciadoras, como fizeram na câmara do dragão. As jaulas estão sob forte guarda e são empurradas por dez soldados cada uma. Ela olha ao redor novamente. "Eles estão vindo atrás de você, Elowen. Esta guerra é pessoal."
Garrick sabe que jamais conseguirá me derrotar com espadas comuns. Quaisquer que sejam as feras que ele tenha, elas jamais superarão o poder de um dragão. Esta guerra tem sido pessoal desde o momento em que ele me arrastou para longe delas e me obrigou a ouvir seus gritos. "Ótimo. Isso me poupa da tarefa de procurá-los se forem corajosos o suficiente para me enfrentar em campo."
"E se houvesse um jeito de ver o interior das gaiolas?", ela pergunta. "Você estaria disposto a tentar?"
"Claro." Coloco a mão sob a capa para puxar meu pingente pela corrente. "Mas você sabe que não posso me esgueirar de novo. As defesas deles serão fortalecidas, assim como as nossas."
"Não estou falando disso." Ela olha ao redor novamente antes de me puxar para uma tenda cheia de fileiras de escudos e armas diversas, mas, felizmente, sem ninguém. "Quantos anos você tinha quando fugiu de Imirath?"
"Onze."
Seus olhos escuros brilham. "A magia se manifesta em uma pessoa aos doze anos. E se houver mais no vínculo de vocês do que sabemos? Magos em Galakin empunham fogo, mas não estão ligados a cinco dragões. Eles não têm a mesma conexão com o elemento que vocês. E há aqueles em Thirwen que conseguem ver através dos olhos de seus companheiros animais *com quem compartilham um vínculo.* "
"Você...", hesito. "Você acredita que eu tenho magia? Eu já não saberia? Sabe... acidentalmente atear fogo em algo quando estou com raiva, o que é bem

frequente."
“Acho que seu vínculo ficou adormecido devido à separação - não "Quebrado, simplesmente sem graça. Só estou dizendo que talvez você consiga fazer mais do que só pedalar."
Seguro o braço de Saskia, arrastando-a para mais longe da abertura, aninhando-nos em um canto escuro cheio de barris de lanças. "Sejam armas ou criaturas nessas jaulas, eles estarão mirando nos meus dragões e eu prefiro estar preparada. Asena pode saber de alguma coisa. Tenho lido sobre dragões, mas faltam detalhes nos textos, e não sei nada sobre magia de despertar."
“Conversaremos com ela juntos, mas manteremos os detalhes o mais limitados possível.”
Concordo com a cabeça. "Você já contou para o Cayden?"
"Só sobre as gaiolas, não sobre minhas suspeitas quanto às suas habilidades. Achei melhor vocês conversarem sobre isso juntos."
"Obrigada." Não é que eu planejasse esconder isso de Cayden, mas gosto de me sentir importante o suficiente para Saskia a ponto de ela trazer isso diretamente para mim.
"De nada." Ela sorri. "Vou pesquisar mais hoje. Tenho uma biblioteca enorme em casa; Cayden também. Entre nós dois, tenho certeza de que há algo a ser descoberto." Suas tranças balançam enquanto ela balança a cabeça. "Deuses, eu queria ter acesso à biblioteca do meu pai, embora ele provavelmente me expulsasse antes mesmo de eu cruzar a porta."
Nunca entendi por que as pessoas têm filhos se seus corações estão tão cheios de si mesmas que não têm espaço para outra pessoa. "Ele foi cruel com você?"
Ela ri, mas é amargo e nada típico dela. "Ele me vendeu para casar com um homem com o dobro da minha idade quando eu tinha quinze anos. Ryder fugiu comigo antes que a tinta do acordo de noivado secasse."
Uma criança.
"Se você me der o endereço dele, eu lhe repassarei sua retribuição." Saskia se aventurou em território inimigo por mim, e eu faria o mesmo por ela sem hesitar. Montarei um dragão agora mesmo se ela me pedir.
Ela suspira. "Para um homem como ele, o pior castigo é deixá-lo viver em sua casa vazia, sem um herdeiro para dar continuidade ao nome Neredras."
Há tantas meninas que não têm a chance de ser exatamente isso. De aproveitar a infância antes que alguém tente tirá-la delas e transformá-la em algo feio e fraco.
"Existe uma força inegável que vem de existir em um mundo que não foi feito para você, e acho que é hora de mudarmos a maneira como as coisas são."
Ela se aproxima para apertar a minha mão, mas um dragão pousando sacode o chão sob nós, interrompendo o que ela estava prestes a dizer. Várias espadas batem no chão, e a sombra de suas asas se espalha na tela como uma invenção conjurada da escuridão.
"O rei voltou!", grita um soldado. Provavelmente é Venatrix quem pousou ao lado da tenda naquele momento. Ela se enfeita sob a atenção dele.
Eu não sabia que Cayden tinha deixado o acampamento. Ele e Ryder deveriam estar revisando os planos de batalha antes de nos encontrarmos com os generais Vareveth para discutir estratégias. Saímos e, mesmo à distância, consigo sentir a tensão que emana dele. Ele parece estar pronto para a batalha neste exato

momento.
"Onde está Elowen?" As palavras saem roucas e apressadas.
"Estou aqui!", avancei, com pena do soldado que segurava as rédeas do cavalo de Cayden, olhando-o boquiaberto de medo. "Só achei que encontraríamos os generais mais tarde." Suas mãos agarram meus ombros e deslizam pelos meus braços enquanto seu olhar me percorre, quase como se estivesse procurando por algo errado. "O que foi? De onde você veio?"
Ele balança a cabeça e passa o braço em volta das minhas costas, me aconchegando enquanto nos guia em direção à nossa barraca. A mesma que compartilhamos desde a noite em que rastreei Cayden até a fronteira enquanto ele executava o soldado que planejou meu assassinato.
Ele para antes da entrada para se dirigir a um dos soldados que guardavam o local: "Ninguém deve nos interromper, a menos que seja absolutamente necessário."
Deslizo entre as abas da tenda enquanto desamarro minha capa. Não vínhamos aqui desde antes do assalto, e devo admitir que senti falta. O castelo é lindo, mas este lugar é muito mais aconchegante. É muito mais espaçoso agora que a cama de Cayden foi removida da sala da frente e sua escrivaninha foi adicionada de volta ao quarto que antes era... pertencia a mim. Bem, suponho que tenha sido o primeiro, considerando que ele o desocupou para me dar um lugar seguro para dormir.
Ele não mudou nada na decoração feminina, e quando comentei sobre como seus soldados o provocavam quando descobriam que seu líder dormia em um canteiro de flores, ele apenas deu de ombros e disse: *Se eles pudessem dormir em uma cama ao lado de uma mulher tão bonita quanto você, duvido muito que eles sequer notassem as flores.*
Afundo no sofá ao lado da fogueira e aqueço as mãos. "Se for sobre as gaiolas, Saskia já conversou comigo."
"Malditas gaiolas!" Ele solta uma risada sem graça. "Aquele relatório não valia nada. Já estávamos prevendo que o Imirath encontraria um jeito de te atingir. Se eles não tinham nada de importante a dizer, deveriam ter ficado em silêncio em vez de colocar em risco toda uma cadeia de comunicação."
Sua mão mergulha no casaco antes de tirar o tecido grosso, pendurando-o sobre uma cadeira e deixando cair dois pedaços de pergaminho dobrado no meu colo. "Queria ter certeza de que você ouviria de mim primeiro."
Engulo em seco. "Então são de um dos seus espiões?"
Ele assente, pegando a cadeira à minha frente. "Tenho uma rede de espiões estacionada em Imirath. Um relatório estava para ser entregue, então fui até minha taverna buscá-lo."
Desdobro lentamente o primeiro para absorver o conteúdo e leio duas vezes para garantir que não cometi nenhum erro. "Meu pai vai se casar nas próximas semanas." Garrick nunca se casou novamente depois que meus dragões queimaram minha mãe, e nunca houve sequer rumores de amantes. Ele é paranoico e deixa o medo do desconhecido dominá-lo. Ele pode parecer formidável aos olhos de Ravaryn, mas para mim sempre será um homem adulto que temeu uma garotinha o suficiente para prendê-la.
“Leia o próximo.”

Faço o que ele diz, me preparando para o que quer que o tenha deixado em alerta máximo. Gelo desliza pelas minhas veias, me congelando de cima a baixo. Eu deveria saber que algo assim aconteceria, e não sei por quê. A primeira coisa que sinto é... raiva. Não alívio como eu pensava que sentiria.
"Ele prometeu a filha primogênita ao herdeiro de Thirwen. É assim que eles estão solidificando a aliança."
"E ele pretende substituí-la como herdeira por seu filho primogênito", diz Cayden com o maxilar cerrado.
"Ele vai ter mais filhos", ecoo, atordoada. Terei irmãos em potencial. Inocentes nascendo em um reino devastado pela guerra. "Ai, deuses."
Os herdeiros homens são favorecidos, mas em certos casos, como no caso da mãe de Eagor, uma mulher pode ascender.
Você é a princesa de Imirath. Herdeira legítima do trono , com um vínculo com cinco dragões e um casamento garantido com o rei do reino inimigo. As pessoas se comprometerão com o seu nome, não importa o que seu pai diga.
"Estaremos lutando uma guerra sem fim se ele tiver um filho antes de matá-lo."
Rasgo os papéis ao meio e os jogo no fogo, observando as chamas curvarem suas bordas até que não passem de pó.
"Quem quer que assuma o trono depois de Garrick sempre será ameaçado pela sua existência. Eles nunca deixarão de caçá-lo. Mesmo que retire sua reivindicação, você ainda será o herdeiro legítimo, reinando no reino vizinho."
Apoio os cotovelos nos joelhos que balançam. "De onde vem o conflito entre Imirath e Vareveth? Sei que tem a ver com disputas por magia e terras, mas deve haver algo mais para colocar dois povos um contra o outro."
Tecnicamente, Imirath aceita a magia da água; não é difícil de entender, visto que sua capital é construída sobre uma série de ilhas, mas a maioria dos magos se limita a terras divinas. O uso da magia era limitado em Imirath, o que gerou tensão com os governantes de Vareveth, que antecederam Eagor e deixaram a magia da terra se espalhar desenfreadamente pelo reino. Ao ler os mitos de Ravaryn, vi ilustrações de sereias tomando sol nas praias negras de Imirath, brilhando com folhas de ouro ao lado do extenso texto.
“O ódio pode ser herdado. Ele passa através das linhagens, assim como as características físicas e a religião”, diz Cayden. “Muitos Imirath e Vareveth as pessoas perderam entes queridos no conflito em curso e guardam rancor ao longo do tempo”.
"Mas a Guerra da Maré Carmesim teve uma *causa*, mesmo que seja contestada por ambos os lados. Se eu quiser unir dois reinos com um ódio forte e compartilhado, preciso saber as verdadeiras origens."
“Houve 'O Massacre dos Sete'”, começa Cayden. “Cerca de trezentos anos atrás, um grupo de princesas e príncipes de Atarah viajava para um palácio de verão perto da fronteira de Vareveth. A rainha na época tinha um total de dez filhos, e os três herdeiros mais próximos na linha de sucessão ao trono permaneceram na capital para estudar política e esgrima em vez de comparecer ao feriado. No entanto, os sete nunca chegaram ao palácio. Todas as praias e florestas foram vasculhadas, mas não havia vestígios deles. Muitos atribuíram o sequestro ou assassinato a soldados de Vareveth que cruzaram a fronteira sorrateiramente, porque um pedaço de um manto verde rasgado foi encontrado em um galho não

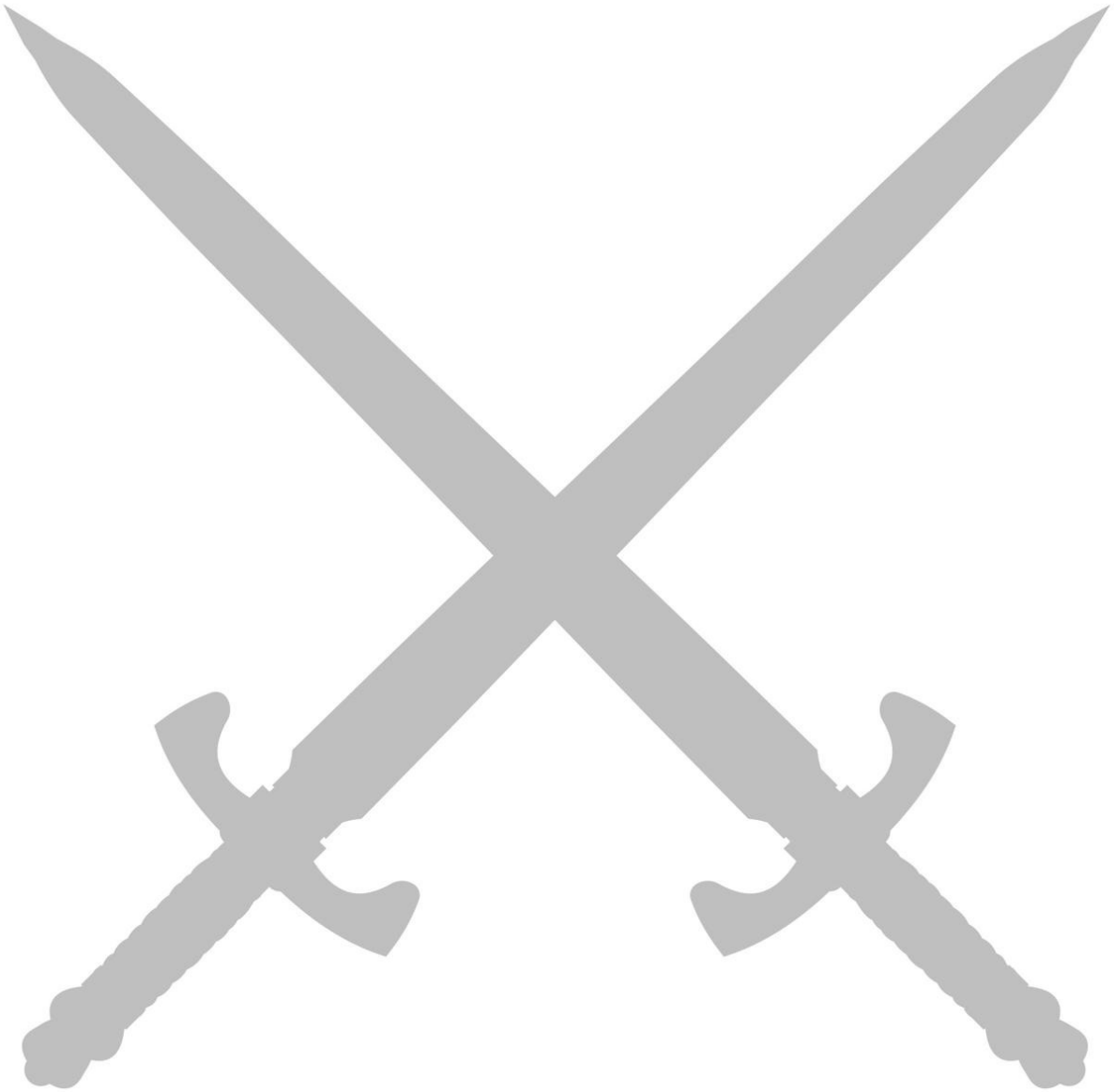
muito longe da estrada.”
"Deuses", murmuro. "Isso é horrível."
Cayden concorda. “Também havia motivos para Vareveth difamar Imirath. Após o início das batalhas entre os dois reinos, um príncipe herdeiro dasteriano foi capturado e se apaixonou por uma mulher de origem humilde de Imirath, que o curou. Ele era valioso demais para Imirath deixá-lo morrer. Certa noite, ela o libertou de sua cela e lhe contrabandeou um pedaço de pergaminho. Ele prendeu uma carta em sua cela afirmando que não queria nada com a guerra e que estava fugindo com aquela mulher. Imirath enviou cães de caça atrás deles, preferindo sua morte a perdê-lo completamente. Ambos foram despedaçados, e partes do príncipe foram entregues ao castelo de Vareveth. A história deles se chama 'O Mendigo e Príncipe das Partes'.”
"Bem, quem quer que tenha inventado isso certamente sabe usar as palavras. Estou começando a achar que não há finais felizes neste mundo." Balanço a cabeça. "E você acha que eu deveria assumir o trono de Imirath? Acha que posso apagar anos e anos de hostilidade?"
"Quero fazer seu pai se arrepender de cada erro que lhe causou e retribuir mil vezes mais." Ele lambe os lábios e se aproxima, sem parar até se ajoelhar diante de mim e segurar minhas mãos. Odeio que estejam tremendo. Isso me faz sentir tão fraca quanto pareço. Sempre quis ser forte ao enfrentar Imirath, mas às vezes é como se a simples menção disso me revertesse à garotinha que abre os pulsos nas algemas enquanto tenta, sem sucesso, agarrar seus dragões.
Meus dragões.
Eles também seriam caçados, não apenas eu.
Você não é a falha na linhagem familiar, como ele tenta fazer todos acreditarem; você é o ápice. Você é o único governante em quem sempre acreditei, e não deposito fé em nada. É verdade que Imirath e Vareveth são inimigos há séculos, mas você é a primeira pessoa a reivindicar ambos. Você nunca conseguirá erradicar o passado, mas pode prometer um futuro a essas pessoas.
"Imirath." Eu praticamente consigo sentir o gosto do sangue na minha boca, consigo cheirá-lo, consigo senti-lo. Meus pensamentos continuam vindo, me jogando no chão e fazendo meus membros parecerem desossados. Estou leve e pesada ao mesmo tempo. Suada e congelante. Sinto que preciso correr, como se já tivesse corrido um quilômetro. "Eles me humilharam naquele castelo."
"As pessoas que foram cúmplices da sua tortura morrerão." Sua voz é áspera e rouca. "Matarei qualquer inimigo e farei o que for preciso para mantê-lo vivo. Se não quiser governar Imirath, eu entendo, mas quero que pense bem antes de recusar. Quando o levei para a aldeia onde nasci, isso... aliviou algo em mim. A dor ainda está lá, mas também há felicidade. Você fez isso por mim e, se me der a chance, gostaria de fazer o mesmo por você."
É quase impossível pensar com a mente lúcida quando se trata de Imirath. Quero sair desta tenda e passar vários dias na floresta, sem pensar, sem falar, apenas existindo. Minhas palavras estão presas na garganta como milhares de abelhas zumbindo dentro de uma colmeia, mas não tenho energia para soltá-las. Não consigo viver com a ameaça constante de Imirath, e não é só pela minha vida que estou lutando.
Quando eu estava no exílio, disseram-me que eu nunca teria um exército grande

o suficiente para enfrentar Imirath, mas agora tenho. Disseram-me que nunca mais veria meus dragões, mas eu os libertei do castelo onde meu pai se esconde. Eu estava Profetizado como a salvação ou a ruína de Imirath, mas talvez esses dois caminhos sejam, na verdade, um só. Talvez a única maneira de ser a salvação de Imirath seja condenar a linhagem de Atarah. Estou cansada de ser vista como uma princesa descartada, indesejada pelo próprio pai, apesar de ser sua única herdeira viva. Impor limites a mim mesma nunca parece funcionar a favor de ninguém, e talvez eu devesse provar isso a Garrick uma última vez, tomando o que me é devido.
"E se..." Eu me levanto e começo a andar de um lado para o outro, minhas botas silenciadas pelo tapete. Meus dedos pressionam minha testa e, em seguida, deslizam lentamente para aliviar a dor na têmpora. "E se *eu* quiser mais?"
“O que você quiser, nós faremos.”
Mergulho as mãos sob meus cachos para apoiá-las na nuca. "E quanto a Feynadra e Urasos? Ambas ficam na nossa fronteira norte e duvido que gostem da ideia de Imirath e Vareveth se tornarem um só reino. Não haveria barreira entre elas e o maior exército de Ravaryn."
Negar sua reivindicação a Imirath seria contradizer a deles, e eles gostariam muito menos que Garrick ultrapassasse Vareveth. Você não tem a reputação de tirano, mas Garrick tem. Ele continua a oprimir as ilhas do sul, que já foram um reino independente antes de seu bisavô conquistá-las. Tanto Feynadra quanto Urasos são notoriamente neutras. A paisagem de Urasos torna quase impossível a invasão, e Feynadra tem um bom relacionamento com Galakin — que você sabe que odeia Imirath — porque suas rainhas são irmãs. Embora Nasha seja a rainha de Feynadra e odeie Thirwen por causa da irmã que perdeu, ela não tem tanto poder quanto Cordelia porque se casou com ela; Cordelia nasceu para a sua.
"Seja como for", começo, "nenhum governante em Ravaryn apoiará a forma como conquistamos as coroas de Vareveth. Até uma faísca pode incendiar o mundo deles."
"É melhor ignorar os murmúrios de uma multidão irracional construída sobre a tradição", afirma Cayden, apoiando as mãos no cabo da lâmina enquanto me observa. "Você e eu não fomos criados como essas pessoas. O mundo é controlado por pessoas que acreditam que são importantes e "Quebrado por aqueles que sabem que não são. Meu valor não foi dado, eu o criei com minha lâmina, e se eles se opuserem a nós, logo perceberão seu erro."
Enrolo as mãos nos meus cachos novamente. "O povo de Imirath foi condicionado a me odiar por anos. Duvido que estejam costurando estandartes secretamente com o nosso símbolo, esperando meu retorno."
Seu olhar assume aquele brilho calculista. "Há outro assunto que preciso discutir com você."
“Bem, não é como se isso estivesse resolvido.”
"Não." Ele coloca minha capa sobre meus ombros. "Mas isso pode influenciar."

Capítulo

DEZENOVE

Cayden



Apresentando Elowen formalmente ao

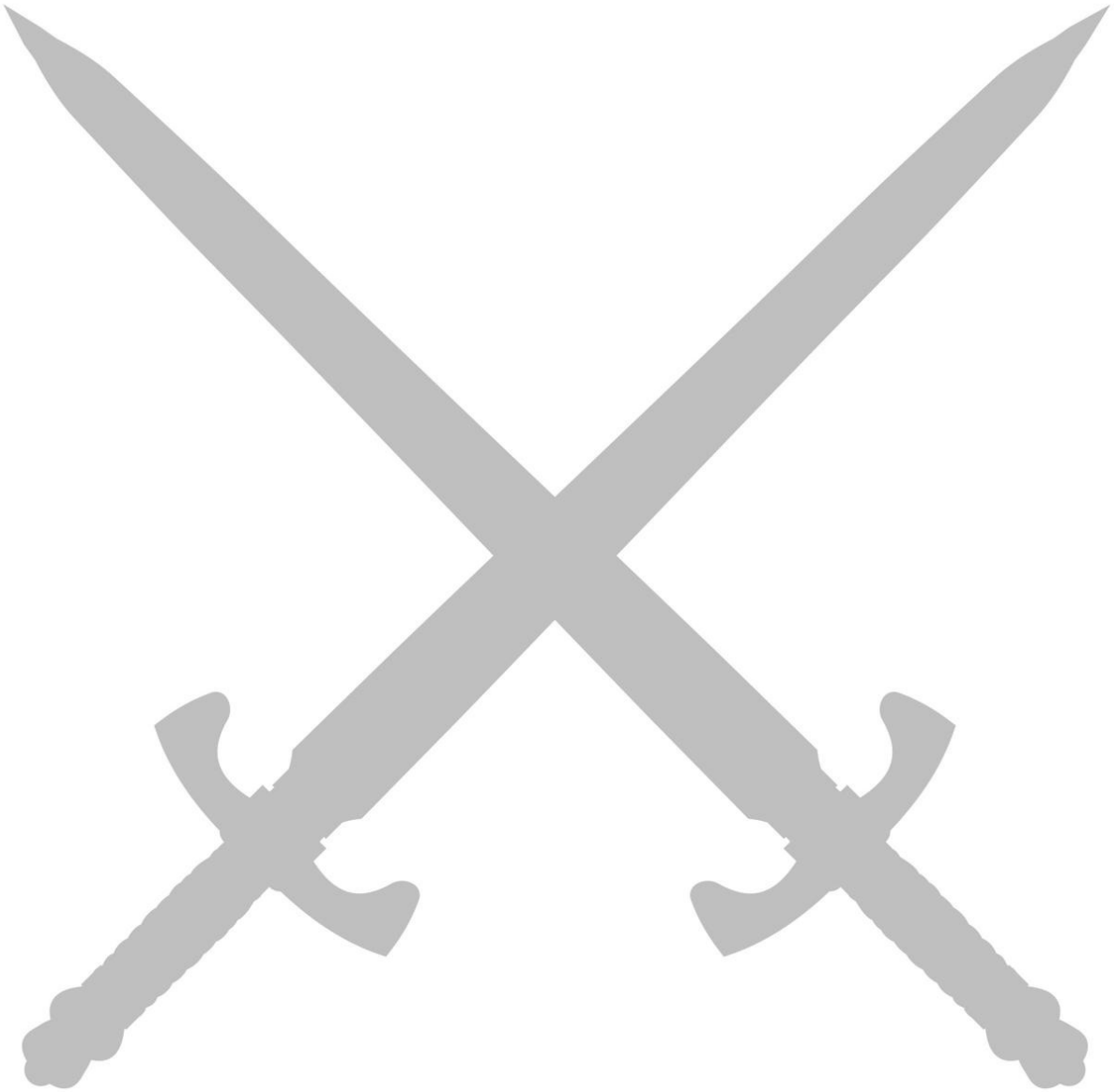
Os generais não eram a única razão pela qual eu queria que Elowen viesse para cá. Ontem à noite, um grupo de quatro soldados de Imirath tentou cruzar a fronteira sorrateiramente. Foi relatado que eles nunca tiveram resistência.

Passei a maior parte dos últimos anos em um campo de guerra, e a maioria dos prisioneiros que encontrei revida qualquer insulto na esperança de obter uma morte rápida. Em alguns casos, eles permanecem em silêncio, mas nunca conheci um culpado que largasse a espada no momento em que era encontrado.
Ponho a mão nas costas de Elowen enquanto uma série de celas independentes que servem como prisão se aproxima. Minha expressão é sombria, meu olhar penetrante, garantindo que nenhum dos prisioneiros que passamos zombe de Elowen enquanto a acompanho. Minhas botas afundam na lama quando paramos no destino pretendido. O soldado que guarda a entrada se curva e coloca o cigarro entre os lábios antes de destrancar a porta. Os cheiros de dejetos humanos e odor corporal ardem em meu nariz, mas não são nem de longe tão pungentes quanto o da masmorra fechada sob o castelo.
Os cativos se ajoelham rapidamente quando entramos, embora seus pulsos estejam acorrentados a postes individuais, tornando seus movimentos desajeitados e desleixados. Interrogar prisioneiros não é exatamente o que eu quero fazer agora, mas Elowen precisa ouvir isso. O trono de Imirath é dela, e eu não deixarei alguém que continua a enviar assassinos atrás dela tomá-lo.
"Presumo que você sabia das consequências de invadir nossa terra quando assumiu esta missão?"
“Misericórdia, senhor.”
Não respondo ao seu apelo, usando meu silêncio para aumentar seu medo. Uma sombra toma conta da jaula quando Venatrix pousa atrás dela, um estalo sinistro vibrando em sua garganta enquanto ela abaixa o rosto em direção às barras que se estendem por cima. Os prisioneiros choramingam, e meus lábios se curvam quando o forte odor de urina se soma ao aroma já abismal.
"Não vamos perder tempo arrancando informações de soldados de infantaria", diz Elowen, seus olhos dançando sobre suas armaduras simples enquanto Venatrix rosna. Seu olhar carmesim está fixo nas barras que a separam de Elowen, e não ficarei surpreso se ela as destruir com suas presas. "Fale agora ou morra no próximo."
"Houve agitação no acampamento de Imirath desde que os dragões foram libertados. Muitos de nós acreditamos que a libertação deles seja um sinal de favor dos deuses. Lutar contra você seria declarar guerra a eles."
Nunca pensei que dependeria de fanáticos religiosos para estabelecer um ponto para Elowen, mas vou aceitar. " *Diga* sua missão. Não perguntarei de novo."
"Para—" O soldado hesita, e eu apoio a mão no punho da espada. "Para matar a rainha."
Elowen fecha os olhos brevemente, aceitando a realidade da nossa posição. Seu pai jamais parará. Quem quer que ele nomeie como sucessor jamais parará.
Sempre a protegi, mas a raiva que me invade sempre que alguém a insulta ou ameaça sempre me pega desprevenido. É algo vivo dentro de mim. Uma necessidade insaciável de eliminar o perigo antes que ele a encontre.
Eu me ponho na frente de Elowen, bloqueando sua visão dos cativos, e me abaixo para sussurrar em seu ouvido: "Vá até a estrada. Chego aí em alguns instantes."
Ela franze a testa. "O que você está planejando?"
"Confie em mim?"

Ela franze os lábios e cantarola enquanto estreita os olhos, mas gira nos calcanhares e sai da cela. Gesticulo para o soldado que guarda a cela. Abro a entrada para libertar os prisioneiros de seus postos, mantendo o olhar fixo em Elowen. Sua presença já está formando uma multidão. As correntes frias me ferem a carne quando aperto mais forte e acompanho os prisioneiros até a estrada, forçando-os a se ajoelharem na lama congelante.
Mais soldados param o que estão fazendo para assistir, formando um círculo ao redor da cena. Ryder abre caminho pela multidão para ficar ao lado de Elowen, examinando a área para garantir que ela esteja segura.
"Eu permitirei que vocês mantenham suas vidas se renunciarem à sua lealdade a Garrick Atarah." Se eu os matar agora, eles serão mártires, suas mortes inspirarão ainda mais ódio, e se Elowen quiser assumir o trono, precisamos ser mais estratégicos.
Há mais de uma maneira de lutar uma guerra, e ainda assim a manipulação é muitas vezes negligenciada em favor de lâminas e sangue.
“Nós denunciamos toda lealdade a Garrick Atarah”, dizem os prisioneiros em uníssono.
Desembainho uma faca da minha coxa e corto as palmas das mãos uma de cada vez. "Jurem lealdade por um juramento de sangue. Se quebrarem a palavra, a morte os seguirá."
"Juramos a você, meu rei, e à nossa rainha. O legítimo herdeiro de Imirath", diz um dos prisioneiros, e os outros três pressionam as mãos atadas no chão para que seu sangue penetre na terra, repetindo o mesmo juramento enquanto a magia se instala.
"Transportem-nos para mais interrogatórios e vigilância", ordeno a dois soldados. Duvido muito que saibam de algo digno de nota, mas é desperdício não perguntar. "Certifiquem-se de que qualquer parte da armadura deles com o símbolo de Atarah seja jogada para o outro lado da fronteira. Deixem seus soldados verem com que rapidez aqueles em seu exército trairão o Rei Garrick."
“Sim, meu rei.”
Os prisioneiros se retiram sem lutar, e os soldados ao nosso redor começam a aplaudir. A notícia se espalhará; é por isso que eu queria que eles prestassem seus juramentos em público. Garrick provavelmente reforçará a segurança em sua fronteira, não querendo deixar outros passarem, mas isso só inspirará ódio. Ele prendeu Elowen quando criança e em breve será forçado a prender seus cidadãos. Isso o fará parecer fraco e em pânico. O povo de Imirath se identificará com ela através das ações de Garrick. Isso fará com que a favoreçam.
Aproveitarei todas as vantagens oferecidas e removerei eu mesmo a coroa da cabeça de Garrick. Ele pagará por tudo o que fez e se arrependerá do dia em que me tornou inimigo.
Venatrix grita, parecendo impaciente, e Elowen aponta o queixo para o dragão, com uma pergunta nos olhos. Embora eu queira que ela fique para que possamos continuar nossa conversa, ela precisa formar suas próprias ideias sobre como recuperar seu direito de nascença, então eu aceno e observo enquanto ela desaparece na multidão.

Capítulo
VINTE

Cayden



UMA MÁSCARA COBRE A METADE INFERIOR do meu rosto enquanto atravesso as ruas de Verendus. Uma energia inquieta me percorre e só se intensifica enquanto aguardo o retorno de Elowen, sabendo que ela está ponderando a sucessão de Imirath. Eu teria

enlouquecido se tivesse permanecido na tenda ou retornado ao castelo. No passado, eu pegava trabalhos extras quando a escuridão cobria o céu, muitas vezes realizando vários assassinatos em uma noite, mas não faço isso desde que me tornei comandante. Bem, pelo menos não por lucro.
O vento uiva pelas ruas estreitas, trazendo consigo um cheiro podre. É muito pior no verão, mas ainda não é agradável no inverno. Os prédios em ruínas se apoiam uns nos outros para se manterem de pé, apenas aumentando a aura hostil que este lugar emana. Ninguém que mora aqui quer ir. Viro pelo beco ao lado da taverna e pego o chaveiro preso ao meu cinto, folheando-os até encontrar o pequeno de latão.
A entrada dos fundos do Covil do Demônio se abre com um rangido, e minhas botas vibram com os aplausos que ecoam no teto do porão. Giro o pescoço e estalo os nós dos dedos antes de me forçar a virar na direção oposta.
O lugar está mergulhado na escuridão, considerando que nenhum trabalhador tem acesso ao andar superior, então tiro os fósforos da prateleira onde os guardo e acendo as lanternas ao redor do meu escritório. As venezianas ainda estão fechadas. aberto de quando estive aqui mais cedo hoje, e paro apenas brevemente quando um dragão grita à distância.
Uma batida forte e padronizada me traz de volta à sala. "Entre", digo, desviando o olhar do céu e me sentando atrás da minha mesa. Alexus entra sorrateiramente, com uma bolsa pendurada no ombro, provavelmente contendo seu uniforme de criado. Ele pode ter trocado de roupa, mas ainda exala alho e vinho. "Que cargo você conseguiu desta vez?"
"Mordomo." Ele joga a sacola no chão e se senta à minha frente. "Os nobres facilitam tanto. Tudo o que eu preciso fazer é ficar parado no canto com uma jarra de vinho enquanto eles reclamam e gemem."
"Então eles têm falado?"
"Ah, eles são teimosos, como todas as pessoas arrogantes." Ele gesticula em direção ao uísque que guardo na minha mesa, servindo-se de um copo depois que aceno com a cabeça. "Mas eles têm medo de se mobilizar. Contrataram guardas, mas todo mundo sabe que a lealdade de um mercenário é para com suas moedas em primeiro lugar."
"A arrogância deles vencerá a batalha contra a lógica, como acontece com frequência com os lordes." Recosto-me na cadeira. "Quando se encontrarem, será toda a prova de que preciso para executar aqueles que se recusarem a se ajoelhar sem arriscar uma rebelião."
Alexus assente. "Avisarei você assim que souber que eles estão se reunindo. Imagino que será em breve; o ódio deles cresce a cada hora."
Então, minha meta pessoal é aumentar isso a cada minuto que passa. "Se você não tiver mais nada a relatar, pode retornar ao seu cargo."
Alexus vira o uísque e eu jogo um dos meus cigarros para ele. Ele o acende na lanterna antes de guardá-lo entre os lábios e deslizar silenciosamente para o salão. Uma espada não acaba com os homens; são suas bocas. Os nobres cometeram o erro de se achar inestimáveis para o reino, mas eu acabarei com todos eles se for conveniente para mim.
Antes de ser rei de Vareveth, eu era rei dos bastardos.
Vou até a janela, passando a mão pelo cabelo e pelo rosto. *Porra.* Ainda sinto o

cheiro dela na ponta dos dedos de quando toquei no cabelo dela mais cedo. No meio das favelas, do suor e da fumaça, ela está lá. A única vida em um mar infinito de morte. Uma flor crescendo. num cemitério. O cheiro dela é suficiente para despertar a necessidade de encontrá-la, de puxá-la para perto até que ela entregue sua raiva e me dê *tudo.*
Agarro-me ao corrimão, inspirando fundo na tentativa de acalmar a dor de cabeça. Minha paciência é praticamente inexistente e sei que preciso me recompor antes de vê-la novamente. Sou torturado pela lembrança dela embaixo de mim, seus cachos se espalhando pelos travesseiros e meu peito depois. Seu gosto.
Deuses, o gosto dela.
A porta se abre com força atrás de mim, e o aço da minha espada chia contra a bainha enquanto a desembainho. Um grito agudo preenche o ar quando Ryder se aproxima da ponta, parando a poucos centímetros do seu rosto. Reviro os olhos, embainhando a lâmina mais uma vez. "Bata na próxima vez."
"É assim que você atende a porta da sua casa? Não é de se espantar que você não receba visitas."
“Você precisa de alguma coisa?”
"Por que você está mais bravo do que o normal?", ele pergunta, apoiando os membros na cadeira da minha mesa e se deliciando com o uísque. "Será que tem algo a ver com uma mulher de cabelos negros que voou para longe?"
"O cabelo dela não é negro." Quando ela sai para o sol, fica claro que é do tom mais escuro de castanho.
"Certo, bem, não posso dizer que prestei muita atenção nas feições de Elowen." Ele suspira. "Não vou embora até você me contar o que aconteceu."
"Você nunca vai embora." Cerro o maxilar e enfio a língua na lateral da bochecha. "Garrick vai se casar novamente e pretende substituir Elowen como seu herdeiro."
O rosto de Ryder se torna sério ao ouvir isso, sentando-se ereto e apoiando os pés no chão. Acho que ter uma irmã mais nova o torna naturalmente protetor de Elowen, especialmente considerando que ela e Saskia se aproximaram. "A única opção dela é tomar Imirath. Ela nunca estará segura se não o fizer, nem nenhum dos seus herdeiros, considerando que eles também teriam direito ao trono."
Deuses, não quero pensar em herdeiros. Minhas preocupações começam e terminam com Elowen. Não precisa complicar as coisas. Sem mencionar que tenho a capacidade de cuidar de uma rocha. Não posso arriscar uma criança — nossa criança, aliás — sendo vítima da minha incapacidade de amar adequadamente. "Ela sabe disso."
O exército de Vareveth é inabalavelmente leal a você, e a Elowen por extensão. Você se ergueu em fileiras ao lado deles, sangrou nos mesmos campos que eles. Dê o comando e o trono será tomado.
Batalhas serão travadas, e muitos morrerão, independentemente da decisão de Elowen. Não é uma questão de sucessão.
"Você pode assumir o trono, por direito de nascença ou não." Ryder se levanta da cadeira para ficar ao meu lado, e seus olhos, que geralmente dançam de alegria, estão inabalavelmente sérios. "Nós o escolhemos como nosso líder muito antes de você assumir o trono de Eagor. Não porque você nasceu nele, mas porque

você era uma pessoa que valia a pena seguir. Você nunca precisou dizer a ninguém de onde veio para que soubéssemos que era diferente. Você é o primeiro comandante a trazer a guerra para Imirath e o primeiro rei em nossa história a tomar sua coroa por meio de um ato de rebelião. Os soldados — todos os bastardos calejados pela batalha — o adoram como se você fosse algum tipo de deus quando você lidera um ataque que todos os outros reis assistiriam por trás de seus exércitos, se estivessem presentes."

Volto a encarar a cidade, contemplando os telhados inclinados enquanto a fumaça sobe das chaminés, misturando-se à neve e desaparecendo. Quando menino, lembro-me de contemplar a mesma cena: as fogueiras que jamais me aqueceriam, enquanto eu não sabia se sobreviveria a mais uma noite, desejando me tornar apenas uma sombra. Na escuridão, minha necessidade de vingança crescia e inflamava como uma ferida não tratada. Na ausência de misericórdia, tornei-me alguém que jamais precisaria dela.

Estalo os dedos e vou abrir o porta-malas no canto para pegar uma máscara, uma bandana e um tônico. A declaração de Ryder paira no ar, mas não serei mais um homem a usar Elowen em seu benefício, e não tramarei os eventos desta guerra sem ela. Sei que Ryder não tem más intenções ao me encorajar a assumir o trono, mas as coisas são diferentes agora. Tenho alguém a perder se agir apenas por egoísmo, e não quero que Elowen seja vítima do meu engano. Levo o pequeno frasco aos lábios e o jogo de volta, deixando as evidências do meu passado gravadas em minha carne desaparecerem. Violência é tudo o que já conheci, e antes de Elowen... era tudo o que eu tinha. A presença da dor tornou-se normal, e não sei como viver sem ela.

Quando penso em Garrick, isso traz à tona velhas lembranças nas quais não quero pensar. Dou uma última olhada pela janela na direção de Imirath. Ao fim desta guerra, erguerei a filha do meu inimigo sobre as ruínas do seu reinado e o farei sentir-se tão impotente quanto ele um dia me fez sentir.

Capítulo

VINTE E UM

Elowen

O spray de água sanitária pontilha minhas bochechas
Enquanto outra onda imponente quebra nos penhascos negros sob as garras de Delmira. O luar dança na superfície rebelde do oceano, e meus dragões voam entre as ondas, arrastando suas garras pelas cristas espumosas antes de rodopiarem sob as estrelas.

Voamos tanto que nem sei se ainda estou em Vareveth ou se me aventurei em

Imirath, e mesmo assim não me sinto diferente. Houve um tempo em que só de pensar em Imirath me fazia entrar numa espiral descendente. Ainda não penso nisso com alegria ou tranquilidade, mas viajar para Zinambra amoleceu algo dentro de mim. Fecho os olhos e me imagino sentada num café à beira de um dos canais enquanto o sol de verão brilha. Meus dragões adoram estar perto da água, e acho que adorariam estar numa cidade com tanta água. Cayden passou parte da infância lá, e me pergunto se ele sente alguma falta.

Suponho que nunca tive a chance de amá-lo, ou de me orgulhar do reino onde nasci. As pessoas não são minhas inimigas, apenas aqueles que tiveram participação na tortura que meus dragões e eu sofremos. Garrick tentou me matar em inúmeras ocasiões. Eu nem me lembro de todas. Não há nada mais importante para ele do que sua coroa, tanto que ele abusou de sua única filha por causa de uma profecia. Sua nova esposa pode lhe dar um filho, mas não importa quantos filhos que ela lhe dá, não vou deixar que ele me apague. Não vou deixar que ele tire de mim mais do que já tirou.

Imirath é meu direito de nascença. Ele pode fazer planos para o futuro, mas eu também posso, porque o trono é meu.

Além da costa arenosa, árvores se estendem por quilômetros e quilômetros, e a mesma cadeia de montanhas nevadas que vejo através das janelas do meu quarto perfura o céu. Tudo isso poderia ser meu. Não quero ser a condenação de Imirath, mas nunca pensei que poderia ser sua salvação. Se eu voasse com meus dragões sobre o reino deles e o queimasse até o chão, não seria melhor que meu pai. Os órfãos me considerariam como Cayden considera Garrick, um tirano que matou seus pais e os fez enfrentar o mundo cruel antes que estivessem prontos.

Agora sou a rainha de Vareveth, prometida ao seu rei, e quero que Garrick entenda as consequências da minha ascensão ao poder. Isso significa a queda do dele.

As asas de Delmira batem impacientemente, provavelmente sentindo minha mudança de emoção através do vínculo, e eu estalo a língua. O vento uiva em meus ouvidos e corta minhas bochechas enquanto ela mergulha do penhasco, virando para a esquerda para voar logo acima da superfície. Meus olhos se fecham enquanto ordeno que ela me leve para casa, deixando o céu me abraçar como um velho amigo, apesar da temperatura congelante.

O medo e a tragédia nos moldam tanto quanto o amor e a felicidade, quer queiramos ou não. Eles nos forçam a ficar cautelosos e cansados de um mundo que antes víamos com olhos inocentes. O mundo é lindo. São as pessoas que o habitam que o tornam insuportável às vezes. Encontrar a luz na escuridão é algo que faço há anos, buscando o lado bom, por menor que seja.

Delmira aterrissa, mas antes que eu abra os olhos, o cheiro por si só já denuncia que não estamos no castelo. Não reconheço esta parte de Verendus. É mais escura, apertada e cheira a bebida, lixo e coisas que prefiro não identificar. O som de garrafas de vidro quebrando ecoa pelas ruas sinuosas, assim como a fala arrastada de bêbados e gritos ininteligíveis.

"Delmira, minha querida, você perdeu suas habilidades de navegação? Talvez sua sanidade?" Suas escamas azuis, tão claras quanto um dia de verão, tornaram-se pretas. Provavelmente é a única razão pela qual as pessoas não gritaram quando ela desceu do céu, mas é apenas uma questão de tempo até que alguém a

veja no beco escuro. "Para casa. Me leve para casa."
Ela bufa impacientemente e arqueia as costas, fazendo com que as correias da minha sela se estiquem enquanto sou brevemente arremessada para o ar. "Delmira! Não vou te dar carne fresca, só cenouras."
Ela empina novamente, com muito mais força, e abaixa a asa até o chão para que eu possa descer. Reviro os olhos e me desprendo, deslizando até minhas botas baterem no calçamento.
"Só para você saber, não estou vestida para isso." Aponto para minha roupa. É como a que usei em Aestilian, feita de tecido azul-escuro, mas adornada com uma mistura de contas brancas e azul-claras, e com acabamento em pele branca para combinar com minha capa. Ela flui atrás das minhas panturrilhas como um vestido, mas ainda me dá acesso às minhas pernas cobertas por facas e calças pretas para combinar com minhas botas e cinto.
Suspirando, puxo meu capuz e avalio o ambiente, apontando para uma poça por onde um rato corre. "É meu novo banheiro? Você realmente tem um olho para a decadência, Delly."
Ela bate os pés e me empurra em direção à entrada dos fundos do prédio. Aceitando a tarefa que meu dragão insistente me impõe, pego as gazuas na minha bota. Canto baixinho enquanto as enfio no buraco da fechadura, utilizando a técnica que Cayden me mostrou. Minha respiração ofegante se agita diante dos meus lábios enquanto tento girar as gazuas, mas encontro resistência a cada tentativa.
Delmira bufa novamente e me empurra com o focinho antes de cravar as presas na madeira, arrancando um pedaço enorme e engolindo — maçaneta incluída. O rangido soa mais como um grito quando a porta meio comida se abre, me fazendo estremecer.
“Sutil… e altamente nutritivo.”
Tiro uma das minhas adagas de dragão da bainha na coxa e coloco uma máscara preta sobre as orelhas enquanto entro na escada escura. A porta se abre novamente enquanto tento fechá-la, mas, felizmente, Delmira... Não comi a fechadura, então a coloquei no lugar e ignorei o fato de que mais da metade da madeira estava faltando. O problema é de outra pessoa.
Ela voa para longe enquanto o barulho pulsa contra a sola das minhas botas, então me viro naquela direção para procurar a fonte. Não consigo ver o pé da escada através da escuridão, mas mantenho minha mão na parede para firmar meu pé. Um raio de luz se infiltra nas sombras opacas ao longo do chão, e continuo deslizando minha mão pela madeira lisa. Meus olhos se adaptam à luz escassa, e envolvo meus dedos em uma alavanca, puxando-a para cima para abrir a porta escondida.
A energia da sala me engole como uma onda que se aproxima, da qual não tenho esperança de escapar. Os aromas mistos de sangue e suor pairam pesados no ar, acompanhados pela fumaça que lança uma névoa sobre o porão e sobe até as vigas de madeira rachadas acima. Ninguém me nota quando fecho a porta atrás de mim; todos mantêm a atenção totalmente voltada para os dois homens que se socam em um único círculo fechado.
Adentrei mais o cômodo, e minhas botas grudaram no chão, no que *espero* ser cerveja derramada. Se eu estiver errado, não quero saber.

"Eu estava me perguntando quando você chegaria aqui." Uma mão envolve meu pulso e eu enfio a ponta da minha faca entre as costelas da pessoa. "Faça-me um favor, raio de sol, e não deixe que ele veja você apontando essa coisa para mim. Tenho medo que ele me jogue no ringue, e eu gosto bastante do meu rosto como ele está."
Levanto o olhar e encontro um par desconhecido de olhos azuis sombreados pela aba de um boné. O homem também usa uma máscara, o que abafa sua voz, mas é tão... familiar. Recolho a faca. "Ryder?"
Ele leva um dedo à boca. "Sem nomes. Por que vocês estão aqui? Aconteceu alguma coisa?"
Uma sensação de puxão me faz olhar de volta para o ringue, e meus ombros se enrijecem ainda mais quando percebo que não são apenas dois lutadores ali... um deles é Cayden. Este deve ser o negócio dele. O tônico que ele me contou o deixa quase irreconhecível à primeira vista. Seu cabelo e a maior parte do rosto estão cobertos, mas ele continua alto e musculoso. Sua pele está livre das cicatrizes e tatuagens com as quais me familiarizei, as marcas que o tornam o homem que eu sei que ele é.
Lar.
Delmira me levou *para casa.*
“Não, está tudo bem.”
O oponente dá um soco nas costelas de Cayden, e eu respiro fundo como se fosse eu quem estivesse levando o golpe. Ele poderia facilmente ter se esquivado. Já o vi enfrentar vários soldados de uma vez e sair ileso. Cayden se esquiva do próximo golpe, mas deixa o ombro machucado exposto, permitindo que o oponente se aproveite da vulnerabilidade.
"Por que ele está fazendo isso?", pinga sangue sob minhas unhas, cravadas nas palmas das mãos. "Você sabe que ele poderia facilmente vencer esse homem."
"Ele poderia facilmente derrotar qualquer um que pisasse naquele ringue." Ryder envolve seu braço em volta do meu tronco para me impedir de lutar para chegar ao ringue.
“Vocês dois já ganharam dinheiro suficiente.”
“Não se trata mais apenas de dinheiro”, diz ele.
"O que você quer dizer?"
Ryder balança a cabeça enquanto se vira para Cayden. "Ele poderia ter parado de lutar quando se tornou comandante. Eu até mencionei a possibilidade de vender este lugar para protegê-lo daqueles que iriam bisbilhotar seu passado quando ele ascendesse na hierarquia, mas a violência é a forma como ele lida com a situação. Cayden está sempre sofrendo e não é do tipo que fala sobre o que se passa em sua cabeça."
Estremeço quando Cayden leva outro golpe nas costelas. "Mas por que ele leva tantos golpes?"
"Lidar com a situação nem sempre é bonito." Ele me empurra um pouco, fraternalmente, me puxando para mais perto dele enquanto a multidão fica mais barulhenta. "Ele está bem. Está muito melhor desde que te conheceu. Ele provavelmente vai adorar que você esteja assistindo quando perceber, então respire fundo e deixe-o fazer mais algumas sindrils para pagar pelo anel que ele vai colocar no seu dedo."

Respiro fundo, apesar do ar ter um cheiro amargo, e rio baixinho. As bandagens brancas em seus dedos estão salpicadas de sangue, e o suor escorre por seu torso esculpido, fazendo meu corpo esquentar. Algo mais me percorre quando percebo que não sou a única. alguém que percebe. Ele é lindo no ringue, movendo-se com uma graça que poucos dominam.
Quase todas as mulheres na multidão o observam com desejo estampado no rosto. Será que elas se demoram quando ele termina? Será que o tocam enquanto ele caminha pela multidão? Ele já esteve com alguma delas antes? Não conheço essa parte da vida dele. Não conheço essa versão dele. Mas eu quero conhecer.
Dou um passo para longe de Ryder, cedendo à atração que me atraiu para Cayden desde que o conheci, e é como se aquele único movimento tivesse despertado algo nele, porque seu olhar colide com o meu. Seus olhos estão desorientados e cheios de tanta malícia que me arrepiam. Quem quer que esteja lutando não é quem ele vê em sua mente. Ele pode apagar temporariamente as cicatrizes de sua pele, mas não consegue extrair as memórias que fazem feridas curadas sangrarem. Ele olha duas vezes, suas sobrancelhas se juntando como se ele realmente não acreditasse que eu estivesse aqui enquanto empurra seu oponente pelos ombros.
Ele faz o próximo movimento mais rápido do que eu consigo piscar, socando o rosto do homem com o punho, fazendo-o cair no chão, onde permanece enquanto Cayden se abaixa para passar pelas cordas. O rugido da multidão é ensurdecedor, mas em vez de se aglomerarem em sua direção, como eu suspeitava, eles fazem o oposto. Seu olhar sombrio nunca deixa o meu enquanto ele avança em minha direção como se nenhuma força neste mundo pudesse alterar seu curso.
"São cinco vitórias para a Víbora! Retirem seus ganhos na janela e façam suas apostas para a próxima luta", anuncia o locutor.
Meu estômago afunda.
Cinco lutas.
Falar sobre o trono de Imirath desencadeou isso?
Mal tenho tempo para absorvê-lo quando ele se aproxima o suficiente. Ele me joga por cima do ombro e mal consigo ouvir Ryder rindo por cima do sangue correndo para os meus ouvidos enquanto Cayden me carrega. Ele passa pela porta escondida e me põe de pé antes de arrancar a máscara. Ele invade meu espaço logo em seguida, e minhas costas pressionam a madeira.
“Por que você está aqui? Aconteceu alguma coisa?” Sua respiração está "Trabalhei duro, e ele cuidadosamente se estica para soltar minha máscara, não que isso realmente faça diferença. O máximo que consigo ver é a silhueta dele, mas prefiro assim, considerando que ele tomou o tônico que altera o rosto.
"Não estou machucada." Cravo as unhas na porta, inclinando a cabeça para trás enquanto sua respiração sopra em meus lábios. "Por que você veio aqui?"
“Eu tive que me encontrar com Alexus.”
"Você sabe que não é isso que estou perguntando." Ryder e eu já conversamos sobre isso, mas preciso ouvir dele. "Por que vocês estavam brigando?"
Quando ele fala, sua voz é um estrondo profundo que sinto na medula dos meus ossos. "Acalma minha mente."
Engulo em seco. "Alguma outra coisa acalma sua mente?"

Ele move um braço acima da minha cabeça, desfazendo o fecho da minha capa com a outra mão, deixando-a deslizar pelos meus ombros antes de envolver meu pescoço com os dedos. "Está tudo quieto agora." Seu polegar pousa sobre meu ponto de pulsação.
Tento encontrar alívio baixando o olhar, mas não encontro. Não consigo ver seus olhos, e mesmo assim eles ainda queimam nos meus. Ele sempre foi capaz de fazer isso. De me ver quando ninguém mais consegue. Cayden está ligado a mim da mesma forma que a lua e as estrelas estão ligadas à noite: permanecemos juntos, não importa quanta escuridão nos cerque.
“Eu—” Minha garganta está tão seca que é quase doloroso falar.
"Você está tremendo." Sua mão sai do meu pescoço e desliza pelo meu braço. Sempre odiei a visibilidade da minha ansiedade. "Você está com medo?"
"Acho que sim", sussurro, e sua mão para de se mover enquanto ele se enrijece. "Não de você, mas do que eu preciso te dizer."
Ele aconchega meu rosto, mantendo-me perto como se fosse impossível me soltar. Seu polegar roça meu lábio inferior e meus olhos se fecham. Percebo que sua boca está tão perto, e estou tão tentada a diminuir a distância, mas seu calor é subitamente arrancado de mim quando ele entrelaça nossas mãos e me puxa para longe da parede.
"Conversaremos no meu escritório", grito enquanto ele me pega nos braços e começa a subir os degraus. "Alguém te viu sem máscara?"
“Não. Eu o mantive ligado durante todo o tempo em que estive aqui.”
"Ótimo. Ninguém esqueceria um rosto como o seu se o visse. Acredite, eu sei." Fico feliz que ele ainda não consiga ver o rubor subindo pelo meu pescoço.
Oh, deuses.
Delmira comeu a porta *dele* .
Os passos de Cayden diminuem quando chegamos ao primeiro andar, e eu inspeciono minhas unhas depois de olhar de soslaio para a porta e soltar um suspiro. "Você deveria cuidar melhor dos seus investimentos. Este lugar está caindo aos pedaços."
“Há marcas de mordidas na madeira”, ele afirma categoricamente.
“Escute, não vou te julgar se você ficar com um pouco de fome, mas talvez da próxima vez você possa experimentar algo com açúcar.”
Ele suspira enquanto continuamos a subir. "O que foi que eu disse há tantos meses sobre aquela atitude real e afetada?"
Que eu dominei. "Algo sobre ser uma das suas coisas favoritas em mim."
“Então você não deve ter muitas qualidades boas para escolher.”
Ele ri da minha bufada irritada e abre uma porta bem no topo. O corredor estreito tem algumas outras portas, mas ele me guia pela primeira. É pequeno, mas prático, com poucos móveis de escritório em vários tons de madeira e alguns livros-razão empilhados ordenadamente atrás da mesa. O tapete vermelho e preto sob os pés já viu dias melhores, mas consigo entender por que ele projetou este lugar daquela forma. Nada ali, além do uísque, me lembra dele.
Ele me coloca no chão e eu me viro para encará-lo, mas respiro fundo ao tropeçar em uma cadeira. Percebo imediatamente que suas sobrancelhas se franzem acima de um par de olhos *castanhos* . Ele se move para colocar a mão no meu ombro, mas não consigo me conter e estremeço. Nunca imaginei como

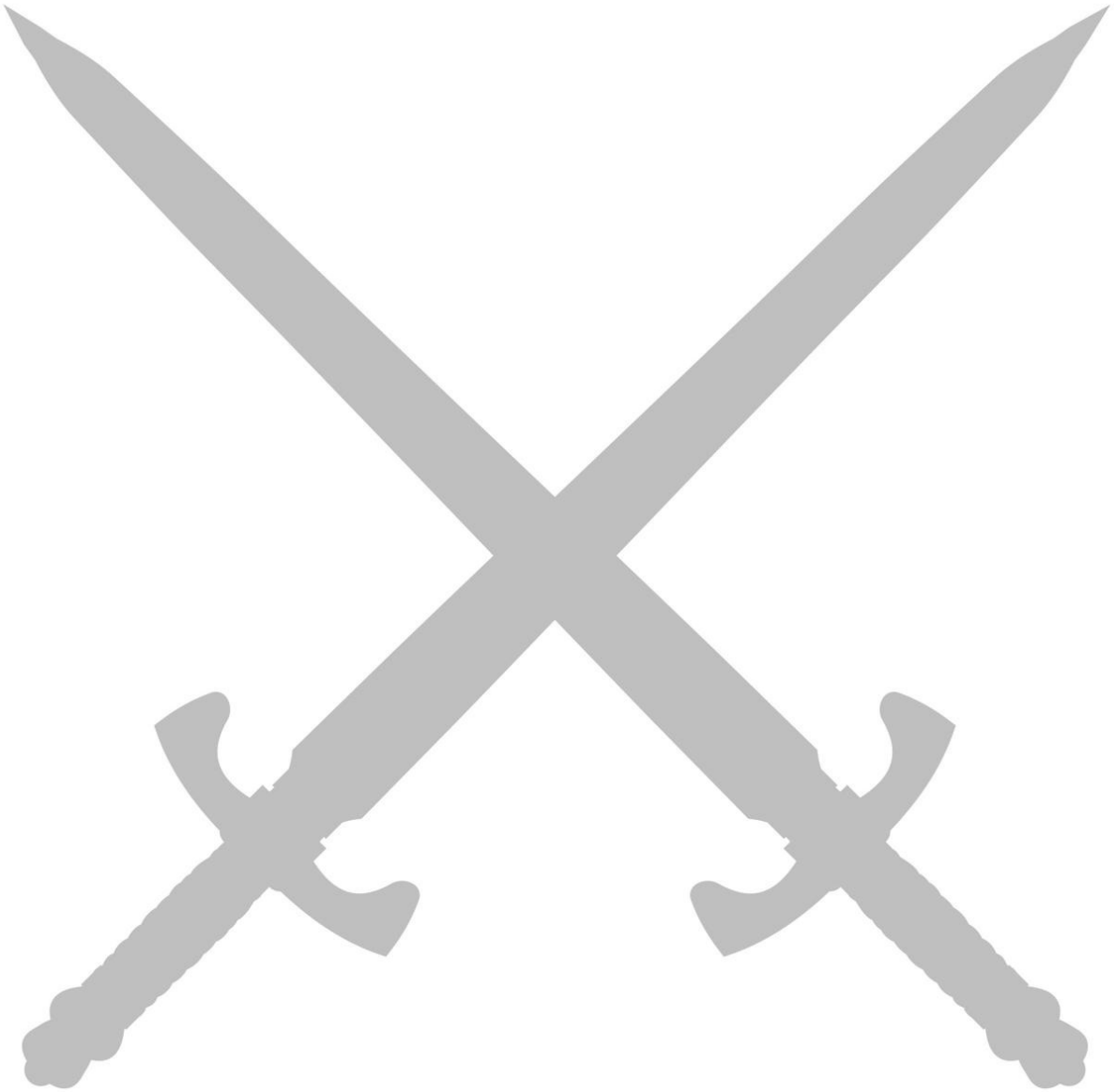
seria o rosto dele sem a cicatriz. Suponho que ela o deixa com uma beleza mais clássica, mas ele sempre foi bonito para mim, e eu o prefiro assim.
"O que é?"
"Você..." Balanço a cabeça. "Você não parece..." *meu Cayden.*
Sua confusão se dissipa e ele se vira para pegar um frasco do porta-malas no canto, engolindo o líquido efervescente alaranjado contido nele. Meus lábios se abrem enquanto as cicatrizes em suas costas se refazem lentamente, e quando ele se vira novamente, meus ombros se soltam. Ele joga uma camisa pela cabeça enquanto eu lhe sirvo um copo d'água da jarra sobre uma pequena mesa.
Ele me olha com curiosidade. "Sobre o que você queria conversar?"
Olho em volta, mas não há muitos lugares para sentar, e prefiro não ter essa conversa sentada em cadeiras rígidas. Pego o copo da mão dele e tomo alguns goles antes de devolvê-lo. Seus lábios se curvam de uma forma familiar que me acalma um pouco, e puxo a manga de pele enquanto caminho até a janela aberta.
“Então esse é o seu negócio?”
Ele ergue as sobrancelhas e enfia a mão no bolso enquanto se aproxima para ficar ao meu lado. "O Covil do Demônio."
Eu rio baixinho, virando o olhar para ele antes de contemplar a cidade. "Sutil."
Ele dá de ombros. "Mais sutil do que a forma como você está tentando enrolar."
Meus dentes cravam no lábio inferior e me forço a engolir em seco. "Passei a maior parte da minha vida buscando amor em meio à dor, então acho que parei de esperar que ele fosse uma forma de lidar com a situação. Mas quanto mais dor eu sentia, mais ansiava por amor e mais desesperada eu ficava. Eu não percebi o quanto eu estava perdida. Era como se eu estivesse constantemente estendendo a mão e só percebesse a dor que sentia quando todos os meus dedos estavam quebrados, minha pele manchada de sangue e eu não tinha mais nada para dar."
Tudo começou antes de Ailliard. Lembro-me de me agarrar às grades da minha cela enquanto clamava por uma mãe que nunca veio. "Então, quando você me machucou, pensei que te deixar de fora era a melhor maneira de me proteger. Sempre me disseram que a profundidade com que sinto as coisas é uma fraqueza e que é melhor manter as fraquezas escondidas."
"Não quero que você esconda nada de si mesma de mim", diz Cayden, curvando as mãos sobre o parapeito da janela. Ele inclina a cabeça para que eu possa olhar em seus olhos. "Eu adoro tudo em você, até as características que você despreza."
Concordo com a cabeça, agarrando-me à sua garantia como a uma tábua de salvação. "Sinto sua falta."
Suas feições se contorcem de dor enquanto seu olhar se fixa nos meus lábios. "Eu sempre estive aqui."
"Mas preciso de mais." Fecho os olhos brevemente para conter a ardência dentro deles. "Se eu quiser ser vulnerável com você novamente, preciso que faça o mesmo. Se eu quiser assumir o trono de Imirath com você ao meu lado, preciso poder confiar plenamente em você. Se você sempre usar uma peça de armadura quando estiver sozinho comigo, então sempre esperarei uma batalha."
"Eu nunca tive a intenção de fazer você se sentir assim", ele responde gentilmente, com o olhar se suavizando. "Só vivi sem vulnerabilidade por tanto tempo que nem me lembro mais como é não ser sobrecarregado pela cautela."

"Você sabe o que aconteceu comigo quando eu era criança. Você torturou um dos guardas de Garrick, ouviu as histórias da princesa torturada e me ajudou a superar o pânico." Respiro fundo, me incentivando a continuar. "Você continua me implorando para me comunicar com você, mas não conseguirei até que você escale o muro que mantém entre nós e me encontre do outro lado. Eu quero te conhecer, Cayden. Quero saber se você confia em mim o suficiente para me contar as coisas que o moldaram no homem que você é hoje. Nunca mais quero ser pego de surpresa por nada que se refira a você."
"Você quer que eu te conte sobre o meu passado?", ele afirma sem emoção. "Você quer saber por que eu odeio o Garrick, além da cicatriz no meu rosto e do assassinato da minha mãe."
"Sim."
Um músculo se contrai em seu maxilar, e ele esconde a língua na lateral da bochecha enquanto pondera minhas palavras. Ele me olha como se eu fosse seu quebra-cabeça favorito a ser resolvido, olhos verdes brilhantes percorrendo meu rosto e os dedos envolvendo meu pingente. Ele acena mais para si mesmo do que para mim, como se tivesse chegado a uma conclusão dentro dos limites de sua mente.
Vários segundos se passaram e, embora seu rosto não mude, seus dedos se entrelaçam aos meus.

Capítulo

VINTE E DOIS

Cayden



EU Nunca esqueci quem eu sou sou, ou os eventos que ocorreram e que me moldaram no homem que sou hoje. Se você sempre se lembrar de quem você é, ninguém poderá usar isso contra você. Sujeira e sangue estão incrustados sob minhas unhas quebradas

de tanto lutar para chegar ao topo, para me elevar acima daqueles que me desprezam, e o tempo os ensinou a temer meu nome.
Depois de vestir minha capa e uma máscara nova, levo Elowen escada abaixo e pego a dela. Puxo o capuz enquanto ela coloca a máscara sobre as orelhas e saímos do prédio pela porta meio comida.
"Suba no cavalo", digo, apontando o queixo para onde Koa está amarrado a um poste. Meus músculos estão cansados da picape, mas iço as pesadas caixas para tapar o buraco. Ryder vai consertar antes de ir embora, mas não quero deixar assim. Sinto uma vontade louca de fumar enquanto as lembranças ressurgem, mas afasto a vontade e me penduro atrás de Elowen. É tarde, então as ruas estão vazias, exceto por alguns vagabundos que se balançam enquanto caminham, bêbados demais para perceber quem somos. "O que exatamente você quer saber?"
“Por que seus pais estavam fugindo de Garrick?”
Gritos.
Elas explodem no meu crânio sempre que penso na minha mãe.
Não me lembro do tom de loiro que era o cabelo dela nem dos vestidos que ela usava. Só sei a cor dos olhos dela porque são exatamente o mesmo que o meu, e às vezes quando olho meus olhos no espelho, tudo que consigo lembrar é de ver a luz deixar os dela.
Todas as outras características que tenho são inteiramente do meu pai — e isso me deixa doente. Fui criado para me odiar.
"Eu", digo sem emoção. "Minha mãe era dama de companhia da sua, e meu pai era guarda do palácio designado para ela. Eles não podiam ficar juntos em público; seria visto como uma traição a Garrick e Isira, porque meu pai estava bem abaixo da posição dela. Minha mãe era de uma família nobre de Imirath, mas eles se recusaram a acolhê-la depois que ela fugiu do castelo grávida do bastardo de um bastardo das ilhas do sul, sem terras ou título."
"Você tentou entrar em contato com sua família quando estava sozinha? De algum dos lados?", pergunta Elowen baixinho.
Não. Não importava o quanto eu estivesse com frio ou fome, eu era firme na minha decisão. Minha mãe era a única pessoa neste mundo que me amava, e eu preferia ter morrido a trair sua memória. Ela teria querido que eu fosse até eles se isso significasse sair das ruas e não sucumbir a uma vida de crimes, mas mesmo sabendo disso, eu não conseguia. A ideia de sentar à mesa daqueles que a rejeitavam parecia pior do que matar alguém por dinheiro. Isso é algo que eu deveria ter te contado antes. Garrick não se importaria com quem eu era quando era comandante, porque subi de patente por mérito, mas a realeza odeia bastardos porque isso abala os alicerces sobre os quais eles se apoiam. Ele reconhecerá meu sobrenome e tentará virar as pessoas contra nós.
"Bem, eu sempre achei a maioria das pessoas completamente sem graça ou completamente idiotas, então é melhor ignorar o que elas pensam", diz ela, e aperta meu braço com mais força quando eu rio. "Garrick não vai se lembrar do nome de nenhum guarda do castelo..."
"Eu adotei o sobrenome da minha mãe, não o do meu pai." Ela me deu à luz e me criou, e eu nunca mais quis ser associada ao meu pai depois que me afastei dele. "Acho que meu verdadeiro nome é Cayden..."

"Veles", ela me interrompe. "Você é Cayden Veles. É quem você sempre será."
Eu reprimi sentimentos e memórias por tanto tempo que eles Nem sinto mais que me pertencem. É como se eu estivesse contando a história da vida de outra pessoa. Mas algo em meu peito se aperta quando a firmeza contida em seu tom de voz pronuncia palavras que eu nunca pensei que ouviria.
"Posso ser uma Atarah se adotar um nome real facilitar isso. A linhagem Atarah governa Imirath há séculos."
Ela estica o pescoço para me encarar, embora eu só consiga ver seus olhos, considerando o capuz e a máscara que usa. "Tudo o que você estaria fazendo seria adotar o nome de um homem que despreza depois de abandonar o do seu próprio pai."
Cerro os dentes. "Meu orgulho não vale a sua dor."
Seus olhos se suavizam e eu aperto as rédeas com mais força. O pai de Eagor não era um Dasteriano, assim como o Rei Erix de Galakin não era um Ilaria; eles adotaram os nomes de suas rainhas para prolongar o legado. Cayden Atarah. Isso me dá vontade de voltar ao ringue e socar alguém até meus dedos doerem até os ossos. Mas eu faria isso... por Elowen, eu faria.
Ela acaricia meu pulso com o polegar. "Nunca fui filha do meu pai, nunca pertenci a lugar nenhum nem a ninguém, e sei que nunca conhecerei sua mãe, mas gostaria de manter o nome dela vivo para agradecê-la."
Franzo as sobrancelhas. "Agradecer a ela?"
“Se não fosse por ela, eu nunca teria conhecido você.”
Não percebo o quanto puxo as rédeas com força até que o cavalo para no meio da estrada ladeada por árvores perenes cobertas de neve enquanto cruzamos para Ladislava. Se Elowen notou que nosso caminho se afastava do castelo, ela não deixou claro. Ela tira a máscara agora que estamos sozinhos e meus olhos pousam em seus lábios como se tivessem sussurrado um feitiço para sempre comandar meu olhar.
"O que foi? Achei que você ficaria feliz."
"Sou sim." Puxo as rédeas para ordenar que meu cavalo trote novamente. Não entendo como quase ninguém em sua vida a segurou. Sua presença por si só é suficiente para me fazer, um homem que eu considerava irrecuperável, agarrar-me à moralidade só para ter pelo menos uma lasca da minha alma boa o suficiente para ela. "Você nunca vai escapar de mim, *Elowen." Veles.* ”
Deuses.
Nunca vou superar o quão bom isso soa.
Ela sorri enquanto olha para frente novamente, respirando fundo enquanto relaxa contra mim. Lambo os lábios, incitando o cavalo a acelerar enquanto continuo a vadear minhas memórias, observando pequenos flocos de neve caírem lentamente. "Meu pai ficou lá enquanto os soldados de Imirath arrastavam minha mãe para fora de casa pelos cabelos. Ela me implorou para ficar escondido quando os ouviu chegando, mas eu me lembrei de onde meu pai escondeu sua espada." A lâmina era muito mais pesada do que todos os bastões com os quais eu havia praticado, mas eu estava desesperado. "Desarmei o homem que segurava a espada em seu pescoço, mas outro tomou o lugar dele. Ela morreu, engasgando com o próprio sangue, assistindo enquanto eles cortavam meu rosto.
"Meu pai implorou de joelhos pela própria vida enquanto eu matava o soldado

que me cortou." Havia tanto sangue que me lembro de pensar que tinham me cegado. Lembro-me de sentir a ponta da lâmina cravando nas gengivas. "Todos se voltaram contra mim, mas eu continuei segurando aquela espada. Foi quando meu pai barganhou com os assassinos da minha mãe e disse a eles que eu valeria mais vivo."
Elowen treme contra mim, mas continuo porque prefiro acabar logo com isso. "Meu pai me acorrentou e começou a me introduzir em arenas de luta em Imirath como aquela que você viu, só que eu não permito crianças na minha. Comecei a jogar as lutas por despeito, e os soldados ameaçaram matá-lo se eu não parasse, então ele começou a chicotear minhas costas como punição sempre que eu perdia." As palavras têm gosto de ácido na minha boca, e giro o pulso, afastando momentaneamente a mão de Elowen. "Ele ficou mais criativo e me colocou em lutas até a morte, sabendo que eu ardia de necessidade de vingar minha mãe e a mim mesma."
“Por favor, me diga que você o matou”, sussurra Elowen.
"Ele roubou uma gaiola que pertencia a um cão de caça quando tudo isso começou. Foi assim que ele me impediu de fugir. Ele só me tirava do picadeiro quando eu estava tão espancada ou exausta que mal conseguia andar." Elowen se encolhe, mas não diz nada, provavelmente percebendo que nossas infâncias têm muito mais coisas em comum do que ela esperava. Eu estive à mercê do meu pai dos 11 aos 14 anos, e ela... esteve à mercê dela dos quatro aos dez anos. É por isso que não suporto ser tocado — fui condicionado a matar qualquer um que se aproximasse demais. "Depois de uma série de vitórias ao longo de dois anos, meu pai começou a ficar descuidado. Eu guardava a chave da minha jaula no bolso quando ele estava bêbado e me soltava quando ele desmaiava." Dou uma risada sem humor, sombria e perigosa enquanto rompemos a linha das árvores e galopamos morro abaixo que leva a Ladislava. "Eu o acordei antes de cortar sua garganta exatamente como cortaram minha mãe."
Elowen tenta disfarçar o resfriado pigarreando, mas mesmo que conseguisse, os tremores que sacudiam seu corpo esguio teriam denunciado suas emoções. "Você conseguiu sacar algum dinheiro dos seus ganhos? Foi assim que conseguiu seu primeiro apartamento?"
Sempre que eu ganhava, meu pai gastava tudo em mulheres, bebida e drogas. Pelos deuses, não quero falar sobre isso. "Tudo o que eu peguei foi o casaco dele antes de atravessar para Vareveth."
"Sua existência não é um erro porque alguém queria que você acreditasse que era." Elowen balança a cabeça antes de passar a perna por cima do cavalo, sentando-se de lado para lançar os braços em volta dos meus ombros.
Aperto as rédeas com mais força para desacelerar o cavalo. "Você ao menos sabe montar de lado?"
Seu corpo vibra com os soluços que ela tenta conter enquanto me puxa para mais perto, como se estivesse tentando abraçar a versão de mim mesma que eu era quando fui forçada a lutar naqueles ringues, e não tenho coragem de lhe dizer que ele se foi. Talvez ele esteja em algum lugar com o fantasma de quem ela costumava ser; talvez eles estejam tendo a infância que lhes foi roubada.
O rugido em meus ouvidos se acalma quanto mais ela está comigo. Um rio ao longe cria uma melodia suave, e a suavidade de Elowen consegue amenizar as

lembranças brutais. Continuo respirando seu leve aroma floral e de baunilha para substituir o forte odor de sangue. Há certos aspectos em que ela e eu, sem dúvida, combinamos, mas são momentos como este, quando encontro força em sua gentileza, que percebo como somos diferentes. Ela é a vida que brota da morte que me assolou, e a luz que rompe a escuridão que me invade. É preciso um tipo diferente de força para permanecer gentil em um mundo que lhe deu todos os motivos para se tornar entediante. Elowen tem um lado vingativo e sua sede de sangue é evidente, mas ela ama com todas as suas forças.
"Eu lutei." Pigarreio. "Porque eu sabia que você existia. Continuei me dizendo para sobreviver até te encontrar. A princesa com um vínculo com cinco dragões que foi injustiçada pelo mesmo homem que arruinou a minha vida. Pensei em você nas minhas piores noites, e você me manteve viva."
Inclino-me para a frente para beijar as lágrimas de Elowen e enxugar, passando o polegar sobre o anel de safira que ela só tira para tomar banho e dormir. "Isto pertenceu à minha mãe. Foi passado para as mulheres da minha família. Eu nunca poderia me separar dele, não importa o quão faminta ou com frio eu estivesse." Tirei-o do dedo dela enquanto os soldados me puxavam. Estava coberto de tanto sangue que eles não o viram na minha mão antes de eu guardá-lo no bolso. "Ela teria te amado."
"Você deveria ficar com ele", ela sussurra, com tanta emoção na voz que faz meu coração doer.
"Eu não quero." Levo a mão dela aos meus lábios, beijando a joia. "Quero que você use."
Ela lambe os lábios, a determinação brilhando nos olhos. “Você é Cayden Veles. Você não é um bastardo. Você é filho de Asterin. A maior bênção na vida dela. Você é um sobrevivente. Você é o homem mais corajoso e forte que eu conheço. Você é o rei de Vareveth e o único conquistador em nosso mundo.”
Meu coração está batendo forte, e tudo o que consigo fazer é olhar para ela. Procurei-a em todos os cantos de Ravaryn. Já estive em todos os reinos, nas ilhas do sul e nas ilhas não marcadas, e ela valeu a pena. Ela vale *tudo.*
"Não me importa o que você fez para sobreviver", ela sussurra. "Só me importa que você tenha feito."
“Obrigado por ser a razão pela qual eu fiz isso.”
Mesmo quando eu não tinha nada.
Pensei nela.
“Vamos tirar tudo de Garrick”, ela diz com um ferocidade como nenhuma outra. "Vamos tomar o seu trono e apagar o seu nome deste mundo. O seu legado termina conosco."
"Você assumirá o trono de Imirath?"
Os portões de ferro da Mansão Veles rangem ao se abrir, mas Elowen não se vira, nem desvia o olhar dos meus, mesmo quando um guarda nos cumprimenta e acende uma tocha para alertar os empregados da casa sobre a minha presença. "A Rainha Cordélia de Galakin não respondeu à minha carta, então há uma chance de lutarmos entre dois reinos por um trono que a maioria não quer que eu assuma, mas será nosso. Sou a Princesa de Imirath e lutarei pelo meu direito de nascença."

Capítulo

VINTE E TRÊS

Elowen

EU TRAÇAR MEU POLEGAR SOBRE MEU anel.

O anel de Asterin.

Nada que ele já me comprou poderia significar tanto. Meu coração parece que vai saltar do peito enquanto faço um voto silencioso à mãe de Cayden, prometendo que manterei este anel e seu filho em segurança.

Meus ombros relaxam quando a longa estrada margeada por uma floresta invernal repleta de riachos congelados termina, e a Mansão Veles se ergue em toda a sua glória. A madeira escura e as pedras que compõem o exterior são banhadas pelo luar, e os vitrais são iluminados pela luz bruxuleante de velas em seu interior. Torres pontiagudas cortam a noite, encimadas por estátuas de dragões que combinam com as que estão no topo da fonte no centro do círculo em frente à entrada principal, moldadas para parecer que os cinco estão alçando voo com suas caudas enroladas em um par de espadas cruzadas. Percebo que aquela fonte está lá desde antes de nos casarmos. As estátuas no topo das torres são novas, mas, de alguma forma, eu sempre existi aqui, mesmo antes de nos conhecermos.
"Por que você mandou fazer isso?", pergunto enquanto suas mãos seguram meus quadris e ele me ajuda a descer do cavalo. "Parece com o nosso símbolo, mas eu me lembro de estar lá quando cheguei aqui."
“Serviu como um lembrete”, diz ele, atraindo meus olhos de volta para os dele. “De que você estava em algum lugar do mundo, e eu não toleraria uma realidade onde não te encontrei. Também percebi que os dragões eram um símbolo da fraqueza de Garrick. Homens corajosos não acorrentam coisas que têm a coragem de enfrentar ou domar.
Ele acena para o cavalariço que toma as rédeas, mas continuo olhando para ele enquanto as estrelas brilham o suficiente para enfatizar as linhas ásperas de seu rosto. Sua raiva é como o mar; seu poder é evidente mesmo quando parece adormecido, e quando uma tempestade chega, só ele decide quando a destruição cessará.
“Você tem certeza de que o trono de Imirath é o que você quer?” ele pergunta.
Reivindicar o trono de Imirath não é uma questão de desejo, mas sim de até onde estou disposto a ir para proteger a mim mesmo e àqueles que amo, e *isso* não tem limites. "Minha vida tem sido uma série de homens me colocando em gaiolas ou me mantendo no escuro. Eles só terão a si mesmos para culpar quando eu incendiar o mundo deles e construir um novo sobre as cinzas. Nossos inimigos garantiram que a paz nunca será uma opção, então precisamos fazê-los perceber que todos os anos que viveram foram uma misericórdia nossa quando chegarmos para acabar com a existência deles."
"Você nunca foi capaz de viver no mundo deles, e por isso eles morrerão no nosso. Não vou parar de lutar até que todos que abusaram de você estejam mortos", diz ele, com os olhos verdes brilhando intensamente. "Garrick não sobreviverá ao inferno que lançarmos sobre ele, nem ninguém que estiver ao seu lado." Seus dedos envolvem minha nuca e não consigo olhar para outro lugar além dele. "Estou com você, Elowen. Esta não é mais uma tarefa que você precisa realizar sozinha. Descarregue todas as suas preocupações em mim para que não tenha que suportar o peso delas sozinha."
Agarro-me à firmeza que sua presença oferece, afiando-a como uma lâmina e embainhando-a na minha coxa. O trono de Imirath me pertence, e eu o reivindicarei com o inimigo do meu pai ao meu lado e dragões voando acima.
A luz se derrama pelos degraus da frente como água derramada enquanto um criado abre a entrada principal, mas seguro o braço de Cayden enquanto ele tenta se aproximar. Ficando na ponta dos pés, pressiono os lábios em sua bochecha

marcada, precisando que ele saiba que o vejo, por inteiro, e que não vou embora. Suas pupilas dilatam enquanto ele percorre meus olhos com os olhos. feições, e meu grito ecoa nas paredes enquanto ele desliza um braço por baixo dos meus joelhos e pelas minhas costas e me levanta em seus braços.
"Você sabia que minhas pernas funcionam? Porque parece que você esquece com frequência."
"Estou exercendo meus privilégios maritais." Aceno para o criado quando entramos, e o calor é sublime depois de várias horas de voo. "Carregando minha esposa até a porta da nossa casa."
Revirei os olhos. "Você não é meu marido."
Ele dá de ombros, e eu sei que ele está fazendo isso para esquecer o assunto do passado, mas eu concordo se é disso que ele precisa. "Semântica, Lady Veles."
Imagino como seria ser uma dama, não uma rainha. "Até eu ter um anel no dedo tão grande e pesado que me deixasse desequilibrada, *não seríamos* casados."
"Realeza", ele murmura, e eu dou um tapa na parte de trás da sua cabeça.
A área de estar da entrada é banhada pelos tons das cores da nossa casa, com uma réplica dourada do nosso símbolo pendurada acima da ampla lareira feita de pedras que combinam com o exterior da casa. Ele ri em resposta e me carrega pelo corredor. Um tapete azul ornamentado percorre toda a extensão, e as paredes são revestidas com uma mistura das mesmas pedras e madeira escura, iluminadas por arandelas douradas.
Cada cômodo por onde passamos é elegante e de bom gosto, mas ainda assim me faz sentir em casa. Quando cheguei aqui, tudo era só tons escuros: couro marrom; tapetes ornamentados em tons de esmeralda, azul e vermelho com toques de preto... mas, à medida que ele diminui o passo, noto tons mais claros que nunca estiveram aqui antes, brilhando através de novas pinturas de prados primaveris, paredes exibindo murais de trepadeiras retorcidas e céus estrelados, tapetes novos que agora incluem tons de lavanda e sálvia, e vários vasos de flores no centro de uma sala de estar, sobre a mesa de jantar e aninhados perto das janelas do chão ao teto. Até a madeira é esculpida para refletir os menores traços de delicada decadência.
Meu coração se enche de alegria enquanto Cayden me carrega pela escada dupla curva, e estendo a mão para acariciar os buracos no corrimão. Passamos por várias portas fechadas com a mesma quantidade de detalhes que o resto. da casa, e ele me coloca de pé para destrancar uma especialmente deslumbrante.
Minha mão sufoca um suspiro quando a porta se abre, e entro em outra sala de estar repleta de móveis de madeira escura, estofados nas cores da nossa casa, dispostos ao redor de uma lareira dupla face. Acima dela, há uma cena de cinco dragões voando sobre uma cadeia de montanhas, com a assinatura de Ryder no canto. Cortinas ricas com sobreposição de renda e borlas douradas estão abertas em ambos os lados de uma janela saliente, revelando um jogo de chá com vários livros empilhados na bandeja.
Tiro as botas e atravesso o arco que leva ao quarto, e meus olhos se enchem de lágrimas quando olho para cima e vejo uma réplica do céu noturno pintada no teto abobadado. Meu peito sobe e desce descompassadamente ao ver... *meu lar.* Tenho sentido saudades de um lugar que eu nem sabia que existia.
Só percebo que alguma lágrima escorreu quando Cayden se aproxima de mim e

esfrega delicadamente o nó dos dedos na minha bochecha. "Quando você teve tempo de fazer tudo isso?"
"Quando eu não conseguia dormir à noite." Minha respiração sai ofegante, sem prever o alívio que sentiria ao ver onde ele estava. "Onde você achou que eu estava?" Não quero responder, mas ele deve ter notado algo no meu rosto, porque seus ombros caem. "Elowen."
Balanço a cabeça e entro mais na sala. "Você não precisa dizer nada."
"Sim, eu quero." Sua mão agarra meu pulso e ele se senta no banco aos pés da cama, passando o braço em volta da minha cintura para me manter entre suas pernas. "Desde que nos conhecemos, você já me viu olhar para outra mulher?"
"Eu os vi olhando para você", respondo, odiando como minha insegurança aguça meu tom. "Acho que alguns podem ter desmaiado enquanto vocês lutavam."
“Todo homem com um par de olhos olha para você”, ele responde categoricamente.
“Só quem tem bom gosto.” Nunca me importei o suficiente com alguém para me sentir assim, mas a ideia de Cayden estar com alguém além de mim faz meu estômago revirar dolorosamente e a violência correr em minhas veias.
"Nunca precisei de um anel para ser leal a você. Você ocupa cada canto da minha mente a ponto de eu nem conseguir pensar na possibilidade de outra mulher. Você é tudo o que eu quero, e eu seria um idiota se abrisse mão da coisa mais importante da minha vida."
Olho para o colo dele, mas ele está tão perto que não consigo esconder meu sorriso crescente. Ele segura meu queixo para que meus olhos voltem a encará-lo.
"Deixe-me ser bem claro. Nunca haverá outro para nenhum de nós, entendeu? Conquistei um reino para ter você, e meus sentimentos nunca mudarão."
"Entendido."
Ele se levanta do banco e me leva até a sala de banho, onde há uma banheira gigante no centro do cômodo e a neve cai suavemente nas três janelas em arco que dão para o lago onde meus dragões descansam.
"Vou pegar uma roupa para você trocar de roupa", ele diz, beijando minha testa antes de ir embora. Coloco a mão no peito depois que ele sai, enquanto giro no mesmo lugar, absorvendo tudo. Se eu tivesse dito a mim mesma um ano atrás que era ali que eu estaria, jamais teria acreditado.
Giro a torneira da banheira antes de tirar a roupa e pular na banheira, ensaboando-me e mergulhando na água. Bolhas flutuam na superfície e passo os dedos por elas enquanto observo meus dragões através do vidro embaçado. Ouço Cayden voltar para pendurar as roupas no gancho, mas ele me deixa em paz. Meus dedos parecem passas quando termino, e solto um suspiro de satisfação enquanto amasso a água dos meus cachos. A camisola azul-clara é tão macia que parece uma carícia.
"Há algo em que você não tenha pensado?", pergunto, sentando-me no colchão que deve estar cheio de nuvens.
"Não." Cayden se afasta da janela, seus olhos escurecendo enquanto me examinam da cabeça aos pés. Será que ele sonhou em me ter? na cama dele. Minha respiração se aprofunda enquanto ele caminha lentamente em minha direção, sem esconder o desejo e a luxúria que emanavam dele, preenchendo

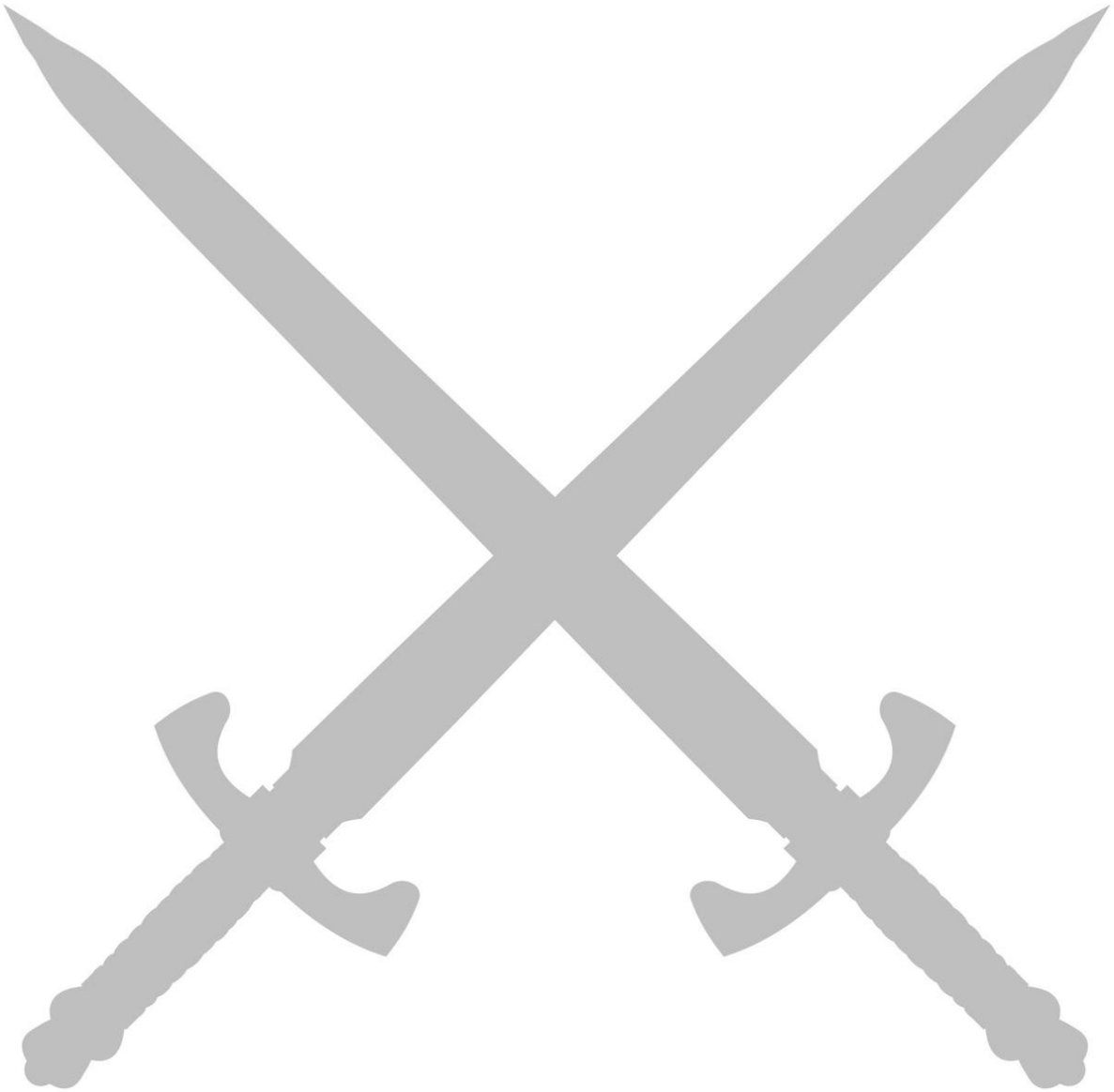
cada fenda e canto do quarto. "Porque eu sei do que você precisa." Ele segura meus quadris com as mãos, e minha cabeça pressiona os travesseiros enquanto me inclino para trás, mas ele continua se aproximando até ficar a um suspiro de distância dos meus lábios, com os bíceps salientes contra as mangas da camisa. "E eu adoro ser eu quem te dá isso."
Ele se foi no instante seguinte, deixando-me perturbada e carente enquanto ele desaparece no banheiro. Pressiono as mãos nas bochechas quentes e me jogo para fora da cama em busca de um pedaço de pergaminho para escrever rapidamente uma carta para Finnian, para que ele não se preocupe. Fui vê-lo esta manhã, mas ele já estava passeando com Ryder.
"Cayden?", eu grito.
“Sim, anjo.”
"Podemos ficar aqui? Não só esta noite." O castelo é lindo... mas não é meu. O fantasma de Ailliard me assombra em cada esquina, assim como minhas lembranças do castelo de Imirath.
"Esta é a sua casa. Não precisa me perguntar isso."
Meus olhos se fecham brevemente enquanto o alívio me invade, e eu me aprofundo nos detalhes do quarto novamente quando os abro. *É perfeito.* Termino de escrever minha carta para Finnian antes de procurar na mesa o selo com nosso sigilo.
O corpo de Cayden pressiona o meu por trás enquanto me endireito, e meu pulso pulsa em cada centímetro do meu corpo. Sinto o calor do seu peito nu através da fina camisola, e as calças largas que ele usa não escondem a protuberância que ele contém. "Para o Finnian, presumo?"
O ronco grave da sua voz me faz arrepiar. "Mhmm."
"Vou levar lá embaixo para você." Ele tira a carta, agora um pouco amassada, dos meus dedos e sai do quarto a passos largos. Apago as lanternas e volto para a cama, suspirando enquanto meu corpo dolorido e cansado encontra alívio. Deuses, até os lençóis têm o cheiro dele.
"Sem fila de travesseiros dessa vez?", ele pergunta ao retornar, tirando uma adaga da gaveta do criado-mudo e colocando-a em cima.
"É totalmente desnecessário. Já me acostumei com a sua presença imponente."
Ele flexiona os músculos, sorrindo para mim enquanto se reclina e coloca um braço sob a cabeça. Eu me viro para esconder o rosto, me aconchegando nos travesseiros e puxando as cobertas macias até o queixo. Os pelos da minha nuca se arrepiam, e a vontade de me virar para ele é tão forte que me puxa como a ressaca do mar.
Fecho os olhos, tentando deixar o sono me acolher, mas não é a escuridão por trás das minhas pálpebras. É Cayden em diferentes idades da vida, enfrentando coisas horríveis nas mãos dos nossos pais. Não me importa se o mundo pensa que ele é um demônio. Ele tem sido melhor para mim do que eles jamais foram.
Giro-me abruptamente, passando o braço em volta do seu tronco e entrelaçando nossas pernas. Ele não diz nada enquanto suas mãos me envolvem, uma pousando nas minhas costas e a outra deslizando pelos meus cabelos. Apoio o ouvido sobre o seu coração, reconfortando-me com a batida constante que tantos tentaram silenciar, deixando-a me embalar para dormir como uma canção de ninar que nunca me foi cantada.

“Boa noite, demônio.”
Seus lábios pressionam minha testa. "Boa noite, mia sirantia."

Capítulo

VINTE E QUATRO

Cayden



EU Eu vi Elowen folheando
Cento e quarenta e sete páginas de um livro que a deixou claramente encantada. O fato de seus olhos semicerrados permanecerem em mim pelos últimos cinquenta é um sinal claro de prazer. Não tenho intenção de parar,

e sua natureza teimosa a impede de recuar. Aqui permanecemos, presos em uma disputa silenciosa, como se não tivéssemos outros assuntos importantes para tratar.
“Como foi seu passeio matinal?”
"Multar."
“E como está o livro, sirantia?”
Ela vira outra página dramaticamente. "Fascinante."
“Você vai continuar me respondendo com apenas uma palavra?”
"Talvez."
Seus dragões estavam inquietos pouco antes do amanhecer, e ela nem se deu ao trabalho de tirar a combinação antes de vestir *meu* casaco e um par de botas. Eles circularam pela propriedade a maior parte do tempo, e eu os observava pelas janelas enquanto lia os relatórios diários que recebo para garantir que nada desse errado durante a noite. Os criados trouxeram o café da manhã para a sala de estar em frente ao quarto, e Elowen tirou o casaco assim que viu os doces e o café, desabando no sofá.
Ela parece algo que saiu de um sonho inundado de desejo, enviado à realidade para ser minha ruína. É uma perdição que eu terei prazer em aceitar, seja ela entregue pelos seus lábios ou pela ponta da sua faca. Ela é a única forma de tortura que jamais suportarei. Não tive chance durante meses, longe demais para sequer tentar negar a magnitude do desejo que pulsa em minhas veias.
Apoio os cotovelos nos joelhos e me inclino para a frente, deixando de lado a espada que estava afiando. "Me conte sobre isso."
Ela pensa por um instante antes de jogar os cachos desgrenhados por cima do ombro, puxando a bainha já curta para cima das coxas. *Meu Deus.* "Não tomei café suficiente para merecer uma conversa longa com você."
Eu não deveria amar a atitude dela, mas adoro. Se ela me encarasse com pena depois que eu revelasse os detalhes do meu passado, eu encontraria qualquer desculpa para sair da sala, mas isso é emocionante. Sua provocação, a sensação de desafio, tudo o que faz é me fazer desejá-la ainda mais. Cruzo os dedos diante dos lábios para esconder o sorriso, apesar das minhas covinhas o denunciarem, e descuidadamente arrasto os olhos por seu corpo reclinado.
Ela fecha o livro com um estalo e estende a mão para pegar outro bombom de morango, gemendo ao mordê-lo. Meu olhar se fixa em seus lábios enquanto ela lambe um pouco de geleia e açúcar de confeiteiro dos dedos, arrastando-os pela superfície macia. Ela afunda as bochechas e a imagem dela de joelhos me tomando na boca faz meu desejo aumentar. Ela sabe exatamente o que está fazendo e sorri triunfante. Sei que sou miserável nesta vida, mas devo ter sido um babaca abismal em uma vida anterior para merecer isso.
"Case comigo", afirmo. "Daqui a uma semana. Ou antes."
"Diga por favor."
"Por favor, case-se comigo."
Ela tira a mão da bochecha e franze o nariz. "Não é bom o suficiente."
Já estamos noivos, pelo amor de Deus.
"Elowen Atarah, minha doce aflição, o objeto da minha obsessão." Levanto-me da cadeira e dou a volta na mesa de centro, cheia de bandejas a mais do que o necessário para duas pessoas, e me ajoelho enquanto um rubor sobe por seu

pescoço. "Quando eu for levada deste mundo, ficarei feliz Entro no inferno sabendo que experimentei a divindade em sua presença e provei a salvação dos seus lábios. Por favor, você pode me tirar da minha miséria e se tornar minha esposa dentro de uma semana? Eu sempre te escolherei em qualquer vida e em todos os mundos, então, por favor, permita-me proclamar isso publicamente neste.
Mantenho o tom baixo, o sussurro de desejo e honestidade a fazendo estremecer. Ela morde o lábio inferior, e eu curvo os dedos para me impedir de estender a mão. A vontade de beijá-la é tão forte, mas por algum milagre me obrigo a não ceder. Preciso da resposta dela.
"Sim." Ela aperta os lábios para tentar esconder o sorriso, mas o sorriso é evidente através dos olhos brilhantes. "Acho que não adianta adiar. Vou mandar chamar uma costureira para vir aqui em casa amanhã de manhã."
“Pague mais para que isso seja feito o mais rápido possível.”
“Para um vestido de noiva real, a taxa será substancial.”
"Não me importo", respondo. "Me manda a conta e eu pago."
Ela franze os lábios. "Tenho um gosto caro."
Chego mais perto, até minha boca ficar a alguns centímetros da dela. "Eu também."
Acumulei meu dinheiro ao longo dos anos, para que ela possa gastar o quanto quiser. Elowen tem um gosto caro, mas eu tenho bolsos fundos e uma propensão a querer que ela seja feliz.
"Deveríamos convidar os governantes de Feynadra e Urasos para começar a cultivar um relacionamento. Você acha que há alguma chance de eles se alinharem conosco na guerra?", ela pergunta.
Acho que o melhor que podemos esperar é a neutralidade. Garantir que eles não unam forças com Imirath deve ser nosso foco principal, porque travar uma guerra em duas frentes é infernal. Nós nos colocamos entre eles e Imirath. Eles não vão querer desperdiçar soldados em nossa guerra se não tiverem nada a ganhar e tudo a perder se Imirath invadir Vareveth e avançar para o norte. A princesa casada com o príncipe herdeiro de Urasos é filha de uma das casas nobres de Thirwen, então duvido que eles estejam dispostos a romper essa paz.
"Galakin é a aliança mais essencial de qualquer maneira", ela responde. A marinha deles é o que precisamos, não mais soldados de dois reinos menores.
“Talvez a rainha de Feynadra possa falar bem de nós para sua irmã, a rainha Cordélia.”
"Vou descobrir o que puder sobre os governantes e enviar os convites hoje mesmo. Se houver algo útil, com certeza te contarei."
"Você deveria estar agradecida por nos casarmos tão cedo." Ela ri enquanto apoia a bochecha na mão. "Se convocássemos uma reunião real antes dos nossos votos, os governantes estariam me implorando para casar seus filhos. A Rainha Cordélia não foi sutil no baile da aliança."
Levanto-me e retomo o assento em frente a ela, tomando um gole do meu café morno. "Um príncipe pomposo jamais te daria a vida."
"Não?" Ela se endireita, sentando-se recatadamente em um sofá, fazendo-o parecer mais um trono. "Se nossas vidas fossem diferentes, como você teria lidado com meus muitos pretendentes em Imirath?"

“Cortaram-nos e atiraram-nos ao canal.”
“Você acha que seríamos amigos?”
"Eu nunca poderia ser só sua amiga." Ela ri, *e, deuses,* o riso dela. Se eu pudesse engarrafar o som e ouvi-lo repetidamente, eu o faria. É descomplicado, como se fosse só para mim. Guardo essa memória para guardá-la com todas as outras que guardo dela, separada das outras partes da minha vida, para que esses momentos permaneçam imaculados. "Primeiro, eu teria te roubado antes que você tivesse a chance de se casar com outra pessoa. Segundo, mesmo que você sorrisse para a realeza oferecendo seus filhos como presentes a uma deusa, você ainda estaria rastejando para a minha cama no fim da noite, e eu te lembraria o quão profundamente você me pertence."
"E se você for alguém que eu possa tirar do meu sistema com algumas quedas nos lençóis?"
"Hmm." Eu arqueio uma sobrancelha. "Sou mesmo?"
Ela sorri ainda mais. "Completamente."
"Vem cá." Abro as pernas, sabendo que ela está mentindo descaradamente. Ela aperta os lábios, endireitando a coluna, e sei que a tenho sob sete chaves. Ela nunca recusará um desafio. Seus quadris balançam sedutoramente enquanto ela lentamente diminui a distância entre nós e se joga no meu colo. Seu cheiro me envolve enquanto ela se inclina para perto, e seus seios pressionam meu peito. Minha mão aperta o braço da cadeira enquanto ela... Ela passa os dedos pela minha camisa, traçando minhas cicatrizes através do tecido. Imagino quantas vezes ela me estudou sem camisa para saber a localização exata delas.
"Totalmente inalterada", ela diz com um suspiro trêmulo.
"É o que parece." Disfarço o sorriso, soltando lentamente o aperto mortal na cadeira e deslizando a mão pelas suas costas. Suas coxas se pressionam enquanto ela treme, e ela tenta disfarçar se mexendo. "Me conta a verdade, linda."
Sua garganta se move e as mãos apertam meus ombros. Ela se mexe novamente quando eu estendo a outra mão e enrolo seus cachos em volta do meu punho. Sempre adorei como eles são escuros e como fazem seus olhos brilharem com calor. Eu a puxo para mais perto de mim e ela respira fundo quando inclino sua cabeça para o lado e deslizo meus lábios por seu pescoço. Uma risada ronca fundo no meu peito quando ela estremece. "Serei tão bom para você, Elowen."
Abaixo a boca sobre o ponto que ela ama, logo abaixo da orelha, passando a língua, fazendo-a gritar e se arquear contra mim. Ela solta meus ombros e envolve meus braços em volta do pescoço, apoiando-se na minha mão e expondo mais do seu pescoço para mim. A luxúria se mistura com a necessidade de marcá-la como minha e me percorre como uma droga.
Continuo lambendo e mordiscando todos os lugares que sei que a farão gemer, descendo até o decote da sua camisola e puxando-a para baixo com os dentes para expor a parte superior dos seus seios. *Puta merda,* essa mulher.
“Dê-me a verdade, amor.”
"Sim", ela geme enquanto entrelaça os dedos no meu cabelo e me guia em direção ao seu mamilo, visível através do tecido. Meu anjo desafiador.
Envolvo meus lábios em volta do seu peito, e ela geme, arrastando os quadris sobre a protuberância da minha calça. "A verdade é que se eu abrisse essas coxas lindas, você estaria pingando por mim."

"Você está delirando", ela suspira.
Eu sorrio contra ela, lambendo meu caminho de volta até seu queixo e segurando-a no lugar enquanto ela se contorce, querendo-a mais perto, querendo possuí-la. Meus dedos acariciam suas costas e coxas até que eu possa mergulhá-los sob a bainha para abrir suas pernas com o punho. Ela geme novamente, um nó se formando entre suas sobrancelhas, e ela inclina os quadris para a frente, em busca do alívio que eu não concedo.
"A verdade..." Seus olhos se fecham brevemente quando passo um dedo pela lateral da calcinha dela. Suas calças pintam meus lábios, misturando-se aos meus enquanto nossos pulsos batem juntos. Mantenho meu dedo onde está, esfregando para frente e para trás para dar a ela uma pista do que farei quando ela me der o que peço. Tudo o que ela precisa fazer é dizer que me quer, mas foda-se se eu não amar a briga.
O sino toca ao pé da escada, os criados sinalizando a chegada de um visitante. "Ignore-os. Não estou esperando ninguém."
“N-nós não queremos ser rudes.”
"Sim, queremos. Queremos ser extremamente rudes."
Ela se levanta abruptamente, mas permanece entre minhas coxas abertas com um sorriso diabólico nos lábios. Ela enfia os dedos nas alças finas dos ombros e desliza *lentamente* o tecido pelo corpo até ficar apenas com a luz da manhã que banha sua pele.
"Porra", gemo, retomando meu aperto mortal na cadeira. "Vou matar quem estiver na porta." Ela ri, virando-se de costas para mim e entrando no quarto, com os peitos e a bunda balançando enquanto faz isso. Quero me enterrar dentro dela e extrair cada gota de prazer dela até que ela fique mole. Quero capturar seus gemidos na minha boca e enterrar meu rosto entre suas coxas. "Não estou brincando."
Passo as mãos pelos cabelos e as arrasto pelo rosto antes de encostar a cabeça na cadeira. Se é esse o jogo que ela quer jogar, que seja. Ela pode me provocar o quanto quiser; tudo o que isso faz é me fazer querer retribuir o tormento. Ela entra pela porta novamente com olhos inocentes, deslumbrante em um vestido de veludo lilás em seu estilo favorito, com bordados delicados.
"Vamos cumprimentar nossos convidados." Ela coloca a mão na minha e me puxa para fora do quarto.
“Vamos assassiná-los.”

Capítulo

VINTE E CINCO

Elowen

"Não", afirma Cayden por meio de saudação enquanto olho para as torres de baús empilhados ao longo da entrada, com mais ainda presos à carroça do outro lado da porta. Sou a culpada pela maior parte da bagunça, considerando que solicitei que várias joias, vestidos, sapatos e outros itens fossem transferidos para cá, mas os baús de Finnian, Ryder e Saskia se juntam ao caos. Dobradiças rangem quando abro uma

e passo os dedos sobre um livro encadernado em tecido bordado com rosas cor-de-rosa.
"Elowen nos convidou", responde Ryder. "Quem sou eu para negar o pedido da minha rainha?" Ele passa o braço em volta dos meus ombros, e eu me esforço para não enrijecer com o toque espontâneo. Estou me adaptando melhor a isso na presença de todos, mas acho que sempre haverá uma parte de mim que se rebelará contra ter uma pessoa por perto no início. Cayden me puxa do abraço do seu melhor amigo, envolvendo os dois braços em volta da minha cintura e pressionando minhas costas contra o seu peito.
"Ir para casa."
Finnian levanta a mão. "Eu não tenho casa."
"Eu compro uma para você", responde Cayden. "Os outros dois têm casas próprias para onde voltar."
Estendo a mão e tampo a boca de Cayden. "Estou feliz que vocês estejam todos aqui."
Cayden afasta minha mão. "Não vou te julgar pelo seu lapso de julgamento."
"Cayden nasceu com um pau no cu..." Eu dou um tapa em suas mãos quando ele belisca meus lados para me fazer cócegas e me viro para encará-lo.
"Continue falando demais e eu encontrarei um uso muito melhor para isso", ele sussurra antes de se endireitar. Meu desejo de antes não se dissipou, e ele sorri ironicamente enquanto observa minhas feições. Ele pega o relógio de bolso e o olha. "Tenho um compromisso em Ladislava em breve, mas espero que seus pertences já tenham sido retirados da minha casa quando eu voltar."
Ele beija minha testa e me contorna sem olhar para trás. Estreito os olhos para ele que se afasta. "Cayden."
“Hm?” Ele tira o casaco e as botas do armário perto da entrada principal e os calça.
“Olhe para mim.”
"Te vejo mais tarde, querida." Ele corta caminho direto até a porta, desviando dos baús com facilidade. Corro para alcançá-lo, me colocando no caminho e emoldurando seu rosto para atrair seu olhar para o meu.
"Não quero deixar Finnian sozinho depois de perder Aestilian, e ter Saskia aqui me ajudará a planejar o casamento com mais eficiência. Fico feliz em ter os outros por perto."
Ele geme enquanto olha nos meus olhos e resmunga a resposta. "Tudo bem."
A risada de Ryder ecoa pelas paredes. "Deuses, isso é bom demais. Deveríamos ter tido Elowen por perto há muito tempo."
Um largo sorriso se abre em meus lábios enquanto Finnian grita triunfantemente e o exterior de Cayden se quebra levemente. "Como funcionam as proteções aqui? Lembro que você mencionou que a mansão é protegida, mas gostaria de convidar Asena para fazer algumas perguntas sobre os dragões."
"Contanto que ela não queira te fazer mal, ela vai conseguir passar. As proteções incluíam você, depois que coloquei seu nome na escritura." Ele se dirige à porta, olhando por cima do ombro enquanto a abre. "Não vou demorar. Não saia da propriedade sem mim ou um dragão."
“O que você tem que fazer em Ladislava?”
Sua única resposta é um sorriso irônico antes de desaparecer de vista, deixando-

me sozinha com nossos amigos e alguns criados carregando suas malas pelo corredor. Presumo que Finnian reivindicará o quarto que ocupou quando estivemos aqui pela última vez, e Saskia e Ryder farão o mesmo. Não só os quero por perto por motivos pessoais, como cada um tem um papel a desempenhar nas batalhas que virão, e morar juntos impedirá o envio de informações confidenciais por cartas.
"Passei em seus aposentos para garantir que tudo o que você pediu na carta para Finnian estivesse embalado", diz Saskia, aproximando-se e abaixando a voz. "E já avisei Asena para vir aqui ao meio-dia. Ela não sabe o porquê. Deixo isso com você, mas é melhor resolvermos isso o mais rápido possível."
"Concordo." Mas não digo mais nada quando um servo se aproxima com um sorriso satisfeito no rosto, aprofundando as rugas da idade ao redor da boca. "Bem-vindo ao lar, Majestade. Meu nome é Cyrus, o chefe da equipe. Eles estão muito felizes que você e o rei estejam se estabelecendo aqui."
Ele tem um rosto redondo e gentil e é baixo. É o tipo de homem que eu encontraria na rua e não suspeitaria, o que é uma raridade. "Eu adoraria me apresentar, se você me acompanhasse. Ainda estou me acostumando."
"Claro." Seu sorriso se alarga enquanto os outros seguem pelo corredor para se acomodar. "Sua Alteza nos informou sobre seu amor por jardinagem e encomendou alguns equipamentos. Nós os guardamos no galpão de pedra nos fundos da casa. A estufa também está quase pronta."
Meu coração dispara no peito, e sinto a mesma vontade que senti ontem à noite de me beliscar para ter certeza de que isso é real. Não achei que ele se lembraria da nossa conversa na pousada. A maioria das promessas que recebi foram vazias, mas Cayden encontra um jeito de preencher cada juramento até a borda e transbordar.
A manhã passou rápido com Cyrus me apresentando à equipe e me mostrando as diferentes alas da casa. igualmente belo, misturado com claro e escuro, madeira e pedra, gótico e delicado.
Termino no escritório de Cayden, no andar superior. Ele guarda a chave na mesa de cabeceira porque é o único cômodo da mansão ao qual os criados não têm acesso. É tanto para a privacidade dele quanto para a segurança deles, para que não vejam algo que não lhes foi destinado. Ao contrário dos nossos aposentos compartilhados no castelo, estar neste cômodo me faz sentir como se estivesse cercada por Cayden para onde quer que eu me vire. Móveis de couro escuro são complementados por tons profundos de azul e preto, combinando com a imagem do céu noturno nos vitrais no centro de várias janelas com painéis, com vista para o rio que corre atrás da propriedade.
Um retrato para o qual me sentei está pendurado acima da lareira, e a única graça de ficar ali por várias horas foi que Ryder me fez rir durante todo o processo de pintura. Eu não sabia que era para o escritório de Cayden; pensei que fosse para a galeria real. Meu vestido ornamentado, confeccionado nas cores da Casa Veles, combina com a coroa igualmente decadente em minha cabeça, e a silhueta de um dragão abre suas asas atrás de mim. Incapaz de resistir à curiosidade, caminho em direção à grande escrivaninha que dá para a sala e me pergunto com que frequência os olhos de Cayden se voltam para mim enquanto ele trabalha. Meus dedos adornam a superfície polida e abro a gaveta de cima, recuando como se

tivesse sido atingida por um raio.
Um tremor percorre minha mão quando estendo a mão, sem me importar se Cayden nunca quis que eu visse isso. A primeira coisa que pego é um maço de cartas que escrevi para ele enquanto ele estava na fronteira. Está amarrado com uma fita que eu havia descartado depois de desamarrar meu cabelo — sem pensar muito — e no centro está a flor agora seca que ele colocou atrás da minha orelha na padaria. A flor que eu senti falta. Pensei que um dos empregados a tivesse jogado fora ao limpar meu quarto. A tinta nas cartas está borrada e amassada de um jeito que me faz acreditar que ele dobrou e carregou o pergaminho no bolso.
Ao lado deles, há uma faca afiada e limpa que nunca pensei que veria novamente depois de jogá-la em um espectro do submundo por ele. Um arrepio percorre meu corpo ao pensar nele na escuridão, aqueles olhos gélidos fixos na minha lâmina, entrelaçados com a promessa implacável de me encontrar.
Ele guardou.
Não acredito que ele guardou isso.
Continuo vasculhando, incapaz de resistir à curiosidade, e pego uma segunda pilha de papéis crivados de tinta borrada. *São partituras.* Várias notas estão riscadas e escritas nas margens, como se ele não quisesse perder tempo procurando um novo pedaço de pergaminho.
A porta se abre abruptamente, e eu enfio os itens de volta lá dentro antes de fechar a gaveta e alisar as mãos no meu vestido. Asena entra com Saskia, olhando ao redor com admiração enquanto para na minha frente para fazer uma reverência. "Majestade. É uma honra ser convidada para sua casa."
"Sacerdotisa." Sorrio, acompanhando-a até a área de estar. Ela se senta na cadeira mais próxima da lareira, e Saskia e eu nos sentamos no sofá em frente a ela. "Gostaria de alguma coisa? Chá ou comida?"
"Não, obrigada, Alteza." Ela sorri timidamente e ajeita os cachos encaracolados atrás dos ombros. "Lady Saskia me disse que a senhora tem algumas perguntas sobre os deuses."
“Posso contar com sua discrição?”
"Não te trairei, com juramento de sangue ou não. Você nasceu do fogo dos deuses, e minha lealdade é para com você."
Troco um olhar com Saskia, que assente sutilmente. "O que você sabe sobre dragões na época dos deuses?"
Minha educação foi bastante limitada enquanto eu crescia, e essa é uma das minhas maiores inseguranças. É também algo que Ailliard nunca deixou de me impor, lembrando-me de que eu não podia me aventurar em um mundo que eu desconhecia. Mas talvez fosse ele quem deveria ter permanecido trancado em sua gaiola de covardia. Talvez assim ele ainda estivesse vivo.
Sempre soube que existem dez deuses nas Lendas de Ravaryn, mas desconhecia a vastidão de seus poderes. Nenhum deles presidia apenas uma coisa. Cinco deles eram dedicados aos elementos, entre outras coisas: o Deus do Sol e da Luz, o Deus da Terra e da Colheita, a Deusa do Ar e das Tempestades, o Deus da Água, da Morte e da Lua, e a Deusa das Chamas, da Vida e das Estrelas. Os dois últimos são os deuses que Asena e Ophir acreditam ter abençoado Cayden. e eu. Os outros cinco deuses são a Deusa das Almas, da Misericórdia e do Destino,

Padroeira dos Videntes; a Deusa do Amor, do Casamento e da Fertilidade; a Deusa da Dor e da Tristeza; o Deus da Guerra e da Estratégia; e o Deus da Ilusão, da Mente e da Memória.
Dizem que os primeiros dragões nasceram das estrelas para iluminar o mundo quando a noite se tornava escura demais. Eu adoro a Deusa das Chamas, mas não o Deus do Sol, embora seu poder seja o fogo. Existem quatro formas de fogo: fogo solar, fogo estelar, fogo de dragão e fogo terrestre. O Deus do Sol exerce seu poder a partir do sol, obviamente, e a Deusa das Chamas pode exercer os outros três, daí o símbolo da chama tripla que uso no pescoço. Somente deuses podem conjurar elementos do nada, enquanto magos e sacerdotisas como eu podem simplesmente exercer o que está ao nosso redor.
"Por que eles não podiam manejar todas as formas de fogo se eram deuses do fogo?", pergunta Saskia.
"Porque são elementos completamente diferentes. É como perguntar por que o deus da terra não consegue manejar a água. Todo fogo é único e incomparável." Os olhos escuros de Asena se fixam nas chamas quando uma tora estala. "As pessoas acham que os deuses desapareceram."
“Mas você não acha isso?” pergunto.
Nada que existe nesta Terra jamais se perde de fato. Vida e morte são inseparáveis. Quando um corpo é enterrado, é absorvido pelo solo de onde brota a vida. O Deus do Sol foi cruel com os dragões, e a Deusa das Chamas o desafiou a renunciar à sua pretensão de deus do fogo. A rivalidade entre eles foi o que condenou os deuses. Não há vencedores na guerra, apenas sobreviventes.
"Se ninguém ganhou, qual foi o resultado?" Minhas palmas ficam úmidas enquanto olho pela janela para onde alguns dos meus dragões pairam acima das árvores e outros estão esparramados na neve, suas escamas coloridas criando um contraste gritante. Ninguém os tirará de mim. Nem um deus nem um mortal. Eu despedaçarei qualquer um que me desafiar com minhas próprias mãos, se for preciso.
“Nós especulamos, mas ninguém sabe.”
"Mas o que você acha?" Saskia insiste.
"Não acho que o fim tenha chegado. Acho que vem se formando há séculos."
Estremeço ao ouvir o trovão ecoar ao longe e engulo a ridícula sensação de destruição iminente, concentrando-me na tarefa em questão. "Você diz que sou abençoado pela sua deusa. Acha que isso pode me dar habilidades além do vínculo que compartilho com meus dragões? Para que eu possa fazer mais do que simplesmente montá-los e exigir sua lealdade?"
Asena pondera minhas palavras, franzindo os lábios e lançando um olhar para o fogo novamente, como se buscasse uma resposta interior. "Acho que há muitas possibilidades que podem surgir ao ser abençoado por um deus, e não acho que você deva descartar nenhuma."
Olho para Saskia novamente e balanço a cabeça. Prefiro não revelar informações desnecessárias, apesar de ela ter jurado que não o fará. Eu estaria morto há muito tempo se confiasse em cada pessoa que me deu sua palavra. Despertar magia adormecida é um assunto que podemos encontrar em um livro; a sabedoria divina é muito mais limitada. "Quando você abriu o portal para nós, você estava falando ravariano."

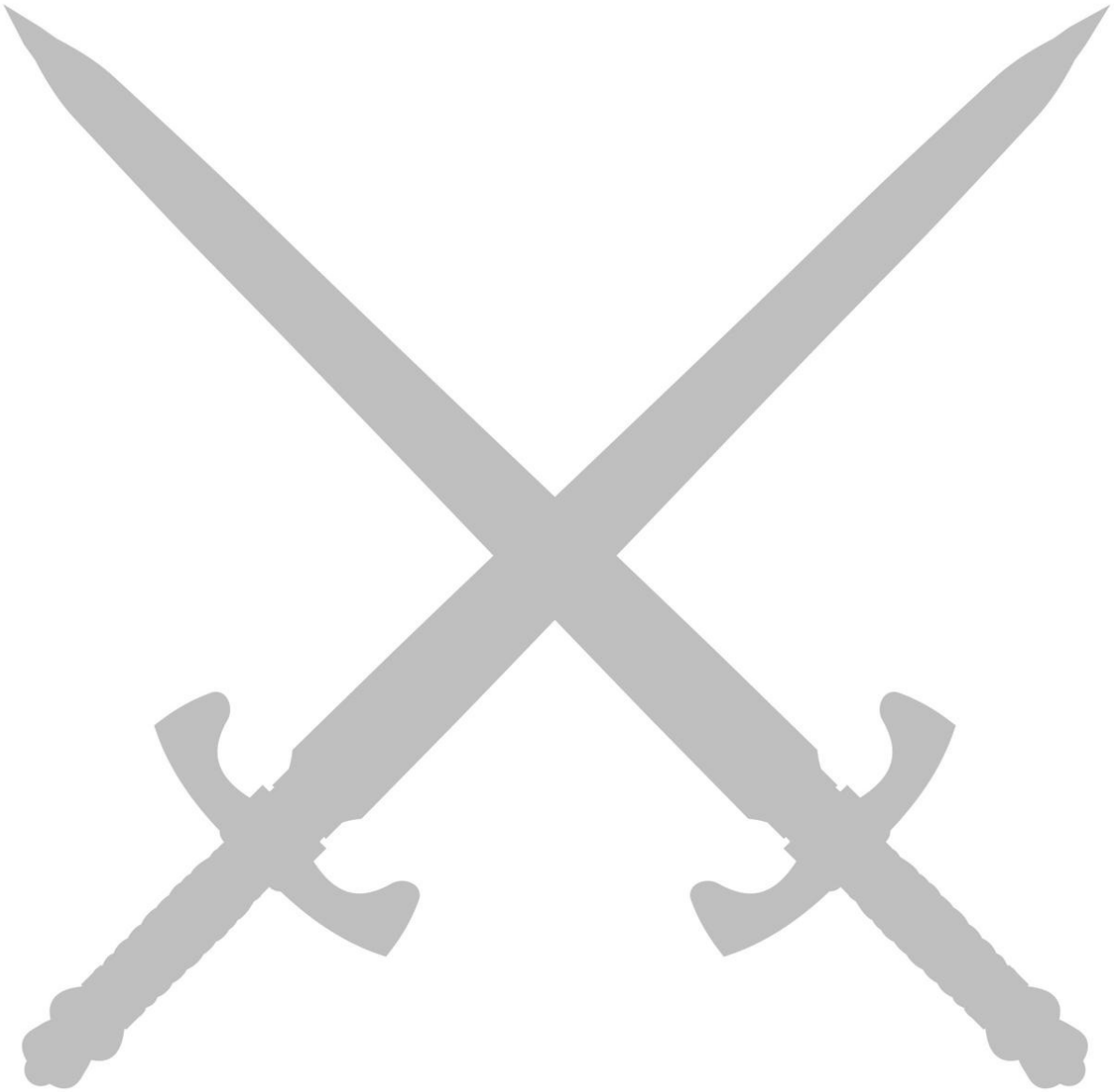
"A língua esquecida dos deuses." Ela concorda. "É transmitida entre os membros dos cultos, mas relatos escritos são raros."
Uma sensação de garras arranha minha mente, incitando-me a fazer a minha pergunta. "Como se diz fogo de dragão?"
“Zayèra.”
"Zayèra", respondo, rolando o R como ela fez, e um sorriso satisfeito se forma em seu rosto quando pronuncio corretamente. "Obrigada, Asena, você foi muito prestativa hoje."
"Claro, Majestade. Terei prazer em ajudá-lo no que for possível."
"Para retribuir", começo, levantando-me do sofá para acompanhá-la para fora do escritório. "Adoraria que você e Ophir celebrassem o casamento real. Seus parentes também são bem-vindos."
Seus olhos se arregalam e seus lábios se abrem antes de se abrirem num sorriso largo. "S-sim, Majestade. Ficaremos honrados."
“Asena, se você pudesse esperar lá fora por um momento, eu te acompanho”, diz Saskia em um tom gentil, e não continua até que A sacerdotisa se despede e fecha a porta atrás de si. "Os nobres ficarão em polvorosa se você deixar um mago e uma sacerdotisa oficiarem a cerimônia. Você acabou de suspender as proibições à magia."
"Ah, estou contando com isso." Tamborilo os dedos nos lábios. "Às vezes, quando uma cobra entra sorrateiramente no seu jardim, você tem que procurá-la antes que ela te morda."
As sobrancelhas de Saskia se erguem, e um sorriso irônico surge em seus lábios carnudos. "Gosto do seu jeito de pensar."
“Temos uma semana para nos preparar.”
"Uma semana?", ela grita. "Me diz isso agora! Você nem tem vestido." Ela coloca as duas mãos na testa, gemendo enquanto olha para o teto. "O casamento do século e você me dá uma semana para planejá-lo."
“A costureira vem amanhã!”
"Ah, sim, ela é." Ela abre a porta com força e entra pisando duro no corredor.
Deslizo meu pingente pela corrente, ainda rindo baixinho enquanto olho para meus dragões novamente. Nascidos das estrelas. Talvez seja por isso que sempre me senti tão atraído por eles.
Passos se aproximam, mas não vêm do corredor, vêm... de trás da parede. Minhas palmas formigam de nervosismo. Sei que a casa está protegida, mas isso não me impede de sacar uma faca da bainha da minha coxa e deslizar pelo cômodo sem fazer barulho. Minhas costas pressionam a parede. Sigo-a e prendo a respiração quando a pintura em moldura dourada de um oceano agitado com um céu tempestuoso se abre, e um homem loiro vestido de servo entra.
A ponta da minha faca está apontada para o pescoço dele antes que ele se afaste, e sua garganta se move enquanto ele engole em seco. Ele é mais alto do que eu, mas eu seguro seu ombro com a mão, pressionando a lâmina com mais força contra sua pele. "Se eu te cortar bem aqui, você vai sangrar até a morte em segundos."
"Você se move como um assassino." Ele parece muito mais impressionado do que um homem em sua posição deveria ficar.
“Talvez eu seja.”

A porta do escritório é aberta e Cayden entra quarto. Meu coração se enche ao vê-lo. "Não me deixe com ciúmes, meu anjo. Alexus é um bom espião, e você sabe que eu não ajo racionalmente quando estou tomado por essa emoção."
“Sou seu *melhor* espião”, responde o homem… Alexus.
Recolho a faca e levanto a saia para embainhá-la na coxa novamente antes de contornar Alexus para vê-lo melhor: cabelos loiros na cabeça e no maxilar, e olhos verde-claros. Não um tom escuro como o de Cayden, mais próximo de uma folha de nenúfar flutuando sobre um lago. "Você entrou aqui de fininho, então não vou me desculpar."
Seus olhos me examinam da cabeça aos pés, arregalando-se ligeiramente ao retornarem ao meu rosto. Não de um jeito que me arrepie. Ele é muito sério em sua análise. "Chega", diz Cayden, me aconchegando ao seu lado. "Presumo que você não esteja aqui para ficar de boca aberta com a minha noiva."
Alexus pigarreia, com as bochechas corando. "Sim, senhor." Ele tira uma pequena chave prateada do bolso e a gira no dedo. "Lorde Xantheus está oferecendo um jantar na Casa Baelyn, para o qual vários lordes estão convidados. Roubei a chave reserva do escritório de Lorde Xantheus do quarto do mordomo-chefe, e o senhor vai querer vir comigo esta noite."

Capítulo

VINTE E SEIS

Cayden



"EU AINDA NÃO TENHO IDEIA DO PORQUÊ
você está usando isso", Ryder resmunga.
"Porque é bonito."
"Vamos numa missão furtiva. Você não precisa se vestir *bem.* "

O sorriso doce transparece na voz de Elowen. "Não precisa me dizer. Sua escolha de traje deixa suas crenças evidentes."
"Cayden", Ryder rosna. "Você pode entrar aqui, por favor?"
Apoio a cabeça no encosto de uma árvore, olhando para o céu em busca de um pouco de força. "Ignorei toda essa conversa e continuarei ignorando."
“Seu noivo está vestindo azul claro!”, exclama Ryder.
"Você poderia se acalmar? Tem bordado e miçangas *pretas* ."
"E ela está linda", respondo sem olhar para nenhum dos dois, observando os fundos da propriedade Baelyn, onde nos infiltraremos assim que Alexus der o sinal. Pelo canto do olho, vejo Ryder olhar para Finnian em busca de apoio, mas ele sabiamente levanta as mãos e balança a cabeça, também sem querer se envolver na discussão. *Boa jogada, Finnian.*
"Alguma coisa?", pergunta Elowen enquanto se aproxima de mim, e eu passo o braço em volta da sua cintura para puxá-la de volta para o meu peito. É como um reflexo neste momento.
Elowen poderia usar o tom mais brilhante possível e ainda manter as sombras melhor do que alguém vestido todo de preto. Suas habilidades seriam enervantes se não fôssemos aliados. Ela pode se mover sem fazer barulho e ficar diretamente atrás de alguém sem que eles percebam. Ela se trocou antes de partirmos para que fosse mais fácil se mover durante a missão, mas Elowen está sempre vestida com algo feminino e elegante. Duvido que eu a veja em algo que não a complemente. A túnica azul-clara com detalhes em pele preta para combinar com sua capa abraça seu corpo perfeitamente. Um painel de tecido se estende logo abaixo dos joelhos e outro nas costas, deixando suas pernas cobertas por facas totalmente à mostra e o cinto adicionando mais definição.
"Não." Não desvio o olhar da entrada dos criados. "Alexus provavelmente está esperando até que eles estejam completamente bêbados antes de sair do quarto."
“Acho que deveríamos nos separar quando estivermos lá dentro.”
que não vai acontecer , e mesmo que ela provavelmente consiga sentir para onde meus pensamentos foram quando meus braços a apertam, ela não diz nada. "Por quê?"
"Porque se os nobres estiverem reunidos e bêbados, eles podem expressar algumas ideias sobre nós. Talvez revelem algo útil. Você não precisa que eu me infiltre no escritório, e saberá o que procurar melhor do que eu." Ela estica o pescoço, mas eu não olho para baixo. "Já estivemos em lugares piores do que a casa de um lorde, e você sabe que eu sei me virar."
Ela sabe fazer mais do que se virar sozinha. O problema sou eu. Não tê-la ao meu lado é enervante e divide minha atenção, algo que nunca foi um problema antes. Minhas missões sempre foram as coisas mais importantes da minha vida, e claramente isso mudou. Todo mundo tem pontos fortes e fracos, e ela me disse que prefere espionar e abater um alvo à distância. A ideia de não estar lá se ela for dominada me faz acordar suando frio algumas noites.
"Mantenha Ryder e Finnian com você." As palavras têm gosto de ácido. "Será mais fácil para mim navegar pelos corredores sem eles."
Todos os que trabalham na casa estarão focados em manter a os lordes ficarão felizes e não ficarão tão movimentados pelos corredores quanto normalmente fariam, mas ainda é melhor limitar nossa exposição.

A porta dos fundos se abre, e eu monitoro a cena como um falcão, soltando Elowen assim que vejo o pano branco balançando na pequena fresta. "Encontro você lá dentro assim que terminar minha busca."
Ela se curva. "Você não faz isso sempre?"
"Com certeza."
Depois de nos certificarmos de que ninguém estava olhando de nenhuma das janelas, nós quatro saímos da fileira de árvores e entramos na sala de jantar reservada aos empregados. Alexus leva um dedo aos lábios, apontando o queixo em direção ao arco que leva à cozinha. O tilintar das panelas e frigideiras, acompanhado de ordens dadas em voz alta, é um sinal claro. Permanecemos em silêncio, seguindo-o por uma escada no final do corredor, e paramos no patamar.
"O escritório fica no último andar, mas abri três janelas da sala de jantar. Se quiser espiar, terá mais sorte se escondendo no cômodo logo acima", murmura Alexus.
Elowen olha para Finnian, que se aproxima dela. "Vá com eles", eu digo.
Ryder assente, sem parecer satisfeito, mas sabendo que assumi tarefas muito mais perigosas do que examinar a correspondência de um lorde.
Alexus coloca a cabeça para dentro do corredor antes de segurar a porta para eles. "É a primeira porta à sua esquerda."
Mantenho o olhar fixo nas costas de Elowen, cerrando os dentes enquanto a porta se fecha atrás dela, e me viro para subir a segunda escada que leva a um corredor bem mais curto, com um tema carmesim e preto escuro, como no resto da casa. Poderia ter sido um lugar decente se não fosse tão chamativo. Alexus rapidamente destranca o escritório e me deixa entrar.
"É aqui que eu te deixo." Ele me joga a chave. "Eles vão notar a minha ausência quando precisarem de mais vinho, e prefiro que a missão não desmorone enquanto estivermos todos lá dentro."
"Pegue suas coisas hoje à noite, se tiver alguma coisa aqui", digo enquanto examino o quarto. "Se não encontrarmos nada agora, lidarei com isso de outra maneira."
“Você não está mais preocupado com uma rebelião interna?”
"Eu sempre tenho outro plano." É melhor controlá-los e mantê-los no bolso de trás, mas ou eles vão entortar, ou eu vou quebrá-los.
Caminho em direção à grande escrivaninha de carvalho em frente a uma lareira ampla. Xantheus deve ter acabado de entrar, porque o calor está sufocante. Não perco tempo tirando o casaco, mas abaixo o capuz. O tapete felpudo absorve meus passos, mas ainda assim piso com leveza suficiente para garantir que ninguém no cômodo abaixo ouça. As gazuas estão frias em minhas mãos quando tiro a menor do bolso e me ajoelho, abrindo rapidamente a primeira gaveta.
Examino o pergaminho, certificando-me de manter tudo em ordem ao devolver a pilha inútil e trancar a gaveta antes de passar para a próxima. Cheira a bergamota aqui, e eu não ficaria surpreso se Xanteus queimasse o incenso por achar que cheira a riqueza. Há algum tipo de vaso ou peça de ouro para onde quer que eu olhe. Parece que cada centímetro da casa está abarrotado de bugigangas.
A próxima gaveta se abre e repito meus passos anteriores, folheando página após página até parar. Deixando a pilha de registros financeiros sobre a mesa, leio uma carta de um senhor de Thirwen informando Xantheus de que não há navios

suficientes em seu reino para continuar negociando durante a guerra. Thirwen sem navios não faz sentido. Eles são um reino insular, assim como Galakin — sua marinha é muito superior aos seus exércitos.
Porra.
Eu sabia que Thirwen ofereceria reforços a Imirath por mar, mas não previ a magnitude. É uma jogada arriscada, considerando que deixa seu próprio reino desprotegido... mas deve haver um motivo. Algo mais do que apenas um casamento entre futuros herdeiros para garantir sua aliança. Encontro um pedaço de pergaminho em branco e o coloco sobre a carta para traçar as palavras e a assinatura. Dobro a carta e gravo o sigilo do selo na memória — o leme de um navio. Ryder poderá recriar o desenho simples em cera quente antes que seque. Há anos falsificamos documentos.
Antes de entrar no corredor, certifico-me de que nada está fora do lugar. A última coisa que quero é Xantheus fugindo do reino antes que eu tenha a chance de derrubá-lo como o canalha que ele é só pelo que disse sobre Elowen. Prefiro não perder meu tempo atrás dele. Adoro uma perseguição, mas só quando a recompensa vale a pena.
"Você encontrou alguma coisa?" Aquela voz. Aquela voz doce pra caralho. Sempre valerá a pena.
A sala de estar é tão desagradável quanto eu esperava. O luar reflete nos móveis folheados a ouro, bem como em cada vaso e relíquia apoiados em vários pódios. Joias em tons variados salpicam as paredes como as saias de um vestido horrível, e minhas narinas ardem com todo aquele maldito incenso. Os três poderiam ter ouvido o que os lordes estavam dizendo lá embaixo se tivessem ficado nos sofás, mas eu não ficaria surpreso se eles decidissem se sentar sob as janelas para tomar um pouco de ar fresco.
"Sim." Agachei-me diante de Elowen, que estava com as costas encostadas na parede e um pastel meio comido erguido à boca. "O que você ouviu?"
"Um monte de besteira", Finnian rosna, mordendo o pão macio em sua mão.
"Homens tolos falando besteira", acrescenta Elowen. "Eu teria parado de ouvir se não estivesse em missão." Levanto uma sobrancelha, apontando o queixo para a comida. "Às vezes, espiar demora um pouco, então o Chef Leonardo fez uns doces." Leonardo, o chef da Mansão Veles, ficou muito animado quando lhe informei que a dona da casa adora doces e bolos. Inclino-me para a frente antes que ela tenha a chance de reagir e dar uma mordida. "Ei!"
"Obrigada, meu anjo." Ela estreita os olhos. Elowen entregaria a refeição se soubesse que eu não tinha comido, mas essa mulher não divide seus doces. Ela poderia estar empanturrada depois de quatro pratos e ainda conseguiria abrir espaço para a sobremesa. "Você vai me contar o que eles disseram? Porque eu vou lá e me pergunto com prazer."
"Ah, tenho certeza", ela murmura. "Se eu passasse a vida chorando pelo que os homens dizem sobre mim, nunca sairia do meu quarto."
“Sim, você faria isso porque eu os mataria.”
"Eles são um bando de babacas ricos que não levaram uma surra o suficiente", resmunga Ryder.
Elowen dá um tapinha no meu peito e se levanta, terminando o doce e indo até a porta para espiar o corredor. "Não vou te contar aqui porque não fizemos todo

esse esforço espionando só para você revelar nossa presença, perdendo a cabeça e indo até lá com as lâminas em punho."
Minha raiva pulsa sob a pele. Que eles percam *a* cabeça, não me importo. "Foi tão ruim assim?"
"O ódio deles pode se transformar em uma arma se esperarmos o momento certo para usá-lo." Ela se afasta da porta, apontando o dedo para nós três, prontos para invadir. "Os homens dizem coisas maldosas sobre as mulheres, e mesmo assim o mundo continua girando. Não confundam minha calma com complacência. Vou silenciá-los, mas vocês todos vão me seguir e me deixar fazer o que faço de melhor." Ela abre a porta e entra no corredor quando nos aproximamos. "Superando aqueles que constantemente me subestimam."

Capítulo

VINTE E SETE

Elowen

Cayden mal disse uma palavra para mim desde que deixamos a propriedade, provavelmente mantendo seu temperamento controlado por uma rédea fina. Insultos feitos por homens covardes que tremeriam de medo se forçados a dizê-los na minha cara não me incomodam. É fácil para eles seguirem as opiniões uns dos outros como ovelhas irracionais, se verem como deuses intocáveis. O difícil é saber como cravar suas

garras nas mentes das massas para controlar sua percepção. A tragédia da linguagem é como poucas pessoas têm a capacidade de juntar palavras que realmente signifiquem alguma coisa. Os lordes podem cuspir o vitríolo que quiserem. Tudo o que isso faz é me fornecer mais munição para usar contra eles.
Ladislava está lotada de pessoas saindo das tavernas e se reunindo ao longo das ruas. Verendus também estava, mas os cidadãos que vivem no centro da cidade não idolatram Cayden como os soldados em Ladislava. Aplausos ecoam pelos prédios enquanto Cayden desacelera o cavalo em que ambos cavalgamos, e canecas são erguidas em homenagem ao rei e à rainha. Cerveja respinga nos paralelepípedos e transforma a neve fresca em granizo enquanto canecas batem umas nas outras. Eles reverenciam Cayden porque, ao contrário da maioria dos reis de Ravaryn, ele luta ao lado deles e, ao contrário de todos os reis de Ravaryn, ele foi um deles.
Eu puxo meu pingente ao longo da corrente, sabendo que Cayden irá reconhecer Isso é um dos meus tiques de ansiedade. O temperamento dele está fervendo como uma tempestade iminente, e pretendo usá-lo.
"O que disseram sobre você?", as palavras saem forçadas por entre os dentes. Ele provavelmente está pensando que as coisas vis que os lordes disseram começaram a se encaixar, mas eles me odeiam porque tenho mais poder do que eles. A insegurança deles é transparente, e eles não são dignos de influenciar minhas emoções ou autopercepção.
"Não foi nada, Cayden", suspiro. "Não significa nada para mim."
Ele solta minha cintura e inclina meu queixo em sua direção. "Significa algo para mim." *Ah, estou contando com isso.* Eu me sentiria mal por manipulá-lo se não fosse para o nosso benefício. Ele é inteligente o suficiente para saber o que estou fazendo, mas sua raiva supera o raciocínio lógico.
Ele se vira para Ryder quando percebe que eu não vou falar. "Me conta o que eles disseram."
Ele é forçado a levantar a voz, fazendo com que vários soldados curiosos olhem em nossa direção. Faço questão de me aproximar dele quando o fazem. Fazendo o papel da mulher ferida, mesmo que isso não pudesse estar mais longe da verdade.
"Demais", Ryder zomba, com o rosto distorcido em genuíno desgosto. "Não vou repetir as coisas que disseram que fariam com o corpo dela. Elowen pode te contar se quiser, mas tenho certeza de que você pode adivinhar."
O arrepio que me faz tremer não é fingido. A violência contra as mulheres é tão normalizada entre os homens que eles podem sentar-se à mesa e brincar sobre isso como se nós valêssemos menos do que lixo nas ruas. Nunca entenderei como eles conseguem olhar para os rostos de suas mães, filhas, irmãs, esposas ou estranhos comuns que merecem viver suas vidas ilesos da malícia misógina e proclamar felicidade diante do sofrimento feminino.
Também não consigo entender por que alguns homens se sentem tão ameaçados por mulheres fortes. Quando não conseguem compreender o poder feminino, demonstram as mais vis intenções de desfigurá-la, de diminuí-la, enquanto as mulheres são frequentemente ensinadas que nossa força vem do que sobrevivemos às suas mãos. E eu odeio isso. Desprezo que nosso poder esteja ligado à forma como elas... nos contaminam. A força vem de muitos lugares,

mas para as mulheres, ela vem de dentro de nós.
Não somos definidos pelo que nos fazem e somos feitos de mais do que o abuso que sofremos.
"Além dessas, eles fizeram várias declarações de traição. Um lorde até revelou que eles estão procurando por filhos bastardos de Eagor para apoiar sua reivindicação ao trono."
Um soldado que nos encara descaradamente enquanto passamos ouve a declaração de Ryder.
"Eles não vão tocar em você", Cayden jura ameaçadoramente. "Eu corto todos os dedos das malditas mãos deles se eles sequer tentarem te pegar."
Os lábios do soldado se curvam para baixo, e eu o observo falar acaloradamente com os outros ao seu redor, apontando em nossa direção enquanto dobramos a esquina. Basta uma gota para criar uma onda por todo o lago. Poucas pessoas amam mais do que fofocas, e a notícia da traição dos lordes se espalhará por Ladislava como fogo em pó.
"Não que eu discorde da sua tática, Elowen, mas não estamos tentando evitar uma rebelião?", Ryder pergunta quando estamos longe o suficiente da confusão.
"Estamos evitando uma rebelião contra a coroa", respondo. "Mas se o exército decidir se revoltar contra os lordes por suas declarações de traição, Cayden e eu podemos nos livrar disso até intervirmos para acalmar a situação."
“Eles serão retratados como vilões, e a coroa pode mostrar poder”, acrescenta Finnian.
"Exatamente." E duvido muito que seus herdeiros e esposas apoiem traidores enquanto eles são condenados à morte. "Eu acendi o fogo, mas também o apagarei quando chegar a hora."
Dois guardas abrem os altos portões de ferro forjado da Mansão Veles e continuamos pela estrada. Sinto-me mais em paz só de ter cruzado os limites da propriedade. "Eu sei por que você demorou para me contar", diz Cayden. "Você precisava que os soldados vissem minha raiva, e agiu com maestria, mas eu falei sério."
"Eu sei", respondo suavemente. Não ficarei à mercê de outro homem novamente, e eles implorarão por clemência antes que eu termine com eles. "Vamos acabar com eles juntos."
"Nós faremos isso."
Nós quatro subimos correndo os degraus da frente e atravessamos a entrada principal, tirando nossas capas e botas para os criados pendurarem no armário. Alguém correndo pelo corredor chama minha atenção, e eu estico o pescoço bem a tempo de ver Saskia dobrar a esquina e fixar seus olhos escuros nos meus.
"Encontrei algo!", exclama ela, carregando um livro de centenas de páginas nos braços. "Acho que é possível!"
"Você sabe?" Eu a encontro no meio do caminho, ignorando a confusão murmurada atrás de mim.
“Podemos testar a teoria hoje à noite, se você estiver disposto.”
"O que estamos fazendo agora?", geme Finnian.
Saskia entrelaça a mão na minha e me leva para a sala de estar, enquanto os outros três nos seguem de perto. Cayden se senta no sofá mais perto de mim, Finnian e Ryder afundam nas cadeiras à nossa frente, mas Saskia caminha em

frente à lareira, arrastando atrás de si seu vestido roxo-escuro. "Elowen e eu conversamos com Asena hoje mais cedo para discutir a potencial habilidade de Elowen de possuir magia."
“Ah, sim, vamos confiar na mulher que canta em círculo ao redor do fogo”, murmura Ryder.
Saskia o encara, mas continua falando: "Eu vasculhei todas as histórias que encontrei sobre magia em Thirwen, considerando os laços que eles compartilham com os animais familiares. Há famílias proeminentes mencionadas ali, cuja magia remonta a séculos, mas quando alguém nascido nessa família perde as habilidades aos doze anos, eles realizam cerimônias para despertar a magia adormecida."
Cayden se inclina para a frente e apoia os cotovelos nos joelhos. "Que magia dela estamos tentando despertar?"
"A habilidade de entrar na mente dos meus dragões", eu digo. "De ver através dos olhos deles."
“Com que propósito?” pergunta Finnian.
"As jaulas na fronteira", responde Ryder, e o rosto de Finnian empalidece. "Houve um relatório de um dos nossos espiões em Imirath, e todos nós acreditamos que o que quer que esteja naquelas jaulas terá como alvo Elowen e os dragões."
"Para dar ao ritual uma chance maior de sucesso, Elowen terá que privar seus sentidos", diz Saskia. "Ela precisa se concentrar inteiramente em seu vínculo com os dragões e se entregar a ele, mas não tem prática em magia. Em muitos casos, usa-se uma âncora, que é uma pessoa profundamente atada ao mago em potencial, que manterá as mãos sobre ela durante toda a cerimônia."
"Jovens magos em Thirwen às vezes são transportados para os fiordes de gelo para despertar sua magia. Alguns acreditam que tem algo a ver com a magia da água, outros acham que tem a ver com as temperaturas congelantes", acrescenta Cayden. "Já ouvi falar dessa tática antes, mas não sei nada sobre âncoras."
Eles fornecem um caminho de volta quando ela se descontrola. Se Elowen não conseguir encontrar o caminho de volta para o corpo, ela pode ficar... presa. Asena retornará em breve com Ophir para ajudar na cerimônia, já que elas saberão mais sobre o assunto.
" *Presos?* ", Ryder questiona. "Temos uma guerra para lutar e minha rainha pode estar *presa* dentro de um dragão?"
“Ela não pode se arriscar desse jeito!”, exclama Finnian.
"Elowen vai tirar suas próprias conclusões", Cayden interrompe a histeria com uma voz severa e se vira para mim enquanto os outros três discutem entre si em vez de projetar suas dúvidas em mim. "Quando você começou a especular sobre suas habilidades?"
"Saskia e eu estávamos discutindo o assunto quando você voltou ao acampamento para dar a notícia da sucessão de Imirath. Eu ia te contar", insisto. "Tudo aconteceu tão rápido."
"Tudo bem. O que você quer fazer?"
Engulo em seco. A ideia de não poder retornar ao meu corpo é enervante, mas tenho um dever para com meus dragões e não posso decepcioná-los novamente. "Preciso tentar. Sei que é um risco, mas não conseguirei conviver comigo mesmo

se minha inação esta noite prejudicar meus dragões."
Ele acena como se esperasse que eu dissesse isso e desvia o olhar para o lado, encarando os outros. A discussão deles ainda toma conta da sala. "Não dê ouvidos às dúvidas deles. Tudo o que você precisa para sobreviver a isso vive dentro de você."
Estendo a mão para apertar a dele e abro a boca para agradecer pela confiança, mas algo completamente diferente toma conta dos meus pensamentos quando olho para baixo. "É esse o meu nome?"
“Sim”, ele afirma calmamente.
Olho para ele boquiaberta, sem saber se devo beijá-lo ou questionar seus pensamentos. "Como você consegue ficar tão calmo com isso?"
Ele ergue uma sobrancelha. "Porque fui eu quem os colocou lá."
" *Eles?* " Levanto a mão dele para poder vê-la melhor e, de fato, a mesma tatuagem está espelhada nos dois lados. "Você tatuou meu nome no seu dedo para sempre, Cayden! *Duas vezes* !"
"Tive que fazer isso duas vezes. Não consigo ver seu nome na parte externa do meu dedo. Esta é para mim." Ele segura a parte interna do dedo anelar na frente do meu rosto para mostrar *Elowen* escrito com minha letra delicada. "Pode haver momentos em que eu precise tirar minha aliança para não danificá-la, mas fiz isso para que você saiba que meus votos serão sempre cumpridos."
Escondo o rosto nas mãos. "Você é louco."
"Pare de agir como se não gostasse." Ele puxa meus pulsos até poder me ver novamente, e um sorriso malicioso desliza por seus lábios quando não consigo mais esconder o sorriso. Este deve ter sido o compromisso dele em Ladislava algumas horas atrás. Mas sua tranquilidade desaparece quando ele se vira para o grupo, elevando a voz acima da deles. "Elowen realizará a cerimônia, e se vocês três não pararem de brigar como crianças, eu os tirarei da minha casa à força e os impedirei de entrar por um tempo previsível." O silêncio toma conta da sala imediatamente, e Cayden encosta a cabeça no encosto do sofá, fechando os olhos enquanto um suspiro escapa de seus lábios. "Finalmente, porra."

Capítulo

VINTE E OITO

Elowen

EU TIRE MINHAS BOTAS ao lado do rio que serpenteia pela propriedade, encolhendo-me quando meu pé descalço toca o chão congelado. Uma pequena cachoeira deságua em uma piscina na base antes de diminuir e continuar seu caminho por entre as árvores.

"Elowen", diz Asena, pronunciando meu nome timidamente, apesar de eu

garantir que seus títulos só complicariam as coisas desnecessariamente. "Saskia me disse que te informou sobre o conceito de âncora."
"Ela fez."
“Devido aos deuses abençoarem sua união, acreditamos que Cayden seja sua opção mais forte.”
Levanto as sobrancelhas enquanto desamarro minha capa. "E se eu não acreditar nos deuses?"
"As marés fluem para ele enquanto as chamas ardem para você. Você sente a atração entre vocês dois. Não negue isso quando se trata da sua segurança." E rapidamente acrescenta: "Minha rainha".
Eu rio baixinho, meu olhar se voltando para Calithea enquanto ela sobrevoa. Mesmo se eu montasse em um dragão e voasse sobre a fronteira, a visão deles seria muito mais aguçada que a minha. O que parece um pontinho para mim é totalmente visível para eles. Minha presença só os colocaria em perigo, pois teriam que voar mais perto do chão para que eu pudesse ver o que há dentro das gaiolas.
Cayden silenciosamente chuta a árvore em que estava encostado e começa a se desarmar. Tenho certeza de que Finnian teria sido um sucesso âncora, mas não sei o suficiente sobre magia para ignorar o conselho de Asena. O lugar que Finnian ocupa em meu coração é quente e brilhante como um dia de verão, e estar com ele me faz sentir como a criança que nunca tive a chance de ser. Finnian refresca minha alma, mas Cayden a chama. Há algo incomum e familiar em minha conexão com Cayden. Sinto isso nos meus ossos quando ele está por perto e uso seu olhar como um vestido. Nós nos envolvemos tão naturalmente, como um jardim exuberante em plena floração, onde as flores crescem dentro e ao redor umas das outras.
Olho para Finnian para me desculpar, mas ele balança a cabeça e levanta a mão. "Estou aliviado por não ter que congelar naquela água, Ellie, e agradeço aos deuses por se preocuparem com o meu conforto."
Coloco as mãos na cintura. "Não vou ficar com você da próxima vez que beber demais na taverna e vomitar o conteúdo do estômago."
“Aquela foi *uma* vez.”
Dou-lhe um olhar inexpressivo.
"Foi muito mais do que uma vez", ele corrige, apertando a capa com mais força enquanto uma rajada de vento sacode a floresta. As copas das árvores balançam e nos salpicam de neve. Cruzo os braços sobre o peito, já congelando na minha camisola fina enquanto Cayden está ao meu lado. Ele acena apenas uma vez, e é toda a segurança de que preciso para encarar Asena e Ophir do outro lado da piscina.
“Vocês dois precisarão adicionar algumas gotas de sangue na poça”, instrui Ophir.
"É sempre um pagamento de sangue", murmuro. Saskia me entrega minha adaga de dragão, e eu esfrego o polegar sobre o desenho antes de furar a ponta do dedo, deixando as gotas vermelhas desaparecerem nas profundezas rasas. O gelo cobre a superfície das rochas ao lado da cachoeira, assim como várias outras espalhadas ao longo da costa e rio abaixo.
Basilius aparece quando o invoco, circulando acima das imponentes árvores

perenes. Ele é mais gentil que os outros, apesar de ser o maior. Ele tem dois lados, e a troca de poderes se dá sem esforço. Basilius pode ir de dilacerar um inimigo a rodopiar através de nuvens espumosas com garras manchadas de sangue em questão de segundos.
Embora os dragões me ouçam, eu não os controlo. Se Sorin ou Venatrix sobrevoassem a fronteira, não confio que eles não se envolveriam com o inimigo. Os dragões sofreram por anos, e quando as memórias de seus gritos torturados na noite ressurgem, é como esfregar sal em uma ferida que nunca vai cicatrizar. As escamas lilás de Basilius se transformam em preto, camuflando-o contra o céu noturno, e eu envio uma carícia amorosa pelo elo até ele.
"E agora?", pergunta Cayden.
"Você precisa entrar na piscina com Elowen. Mantenha as mãos sobre ela enquanto ela flutua na água. Isso lhe dará uma ligação física com o corpo", diz Ophir.
Sinto como se tivesse pisado em uma cama de pregos em vez das pedras lisas que compõem o leito do rio. Meus dentes batem, não importa o quanto eu os cerre, mas eu me arrasto para dentro da água até chegarmos ao centro e me deito. Cayden coloca os braços sob minhas coxas e costas, mantendo-me o mais perto possível dele. Chamo Basilius através do elo, puxando o fio dentro de mim que nos conecta.
"Você precisa encontrar uma maneira de desacelerar seu coração e deixar a magia te dominar. Deixe a água trazer o que está dentro de você à tona", diz Asena, acendendo algumas velas e espalhando-as ao longo da margem. Ela cantarola uma canção baixa e Ophir desliza os dedos pela água.
"Quanto tempo ela tem que ficar aqui?", pergunta Cayden, com o desconforto misturado ao nosso, tornando seu tom mais áspero do que o normal... o que já diz alguma coisa. "Posso carregá-la para fora quando a magia fizer efeito?"
"Ela não pode romper a conexão com a água, mas faremos uma fogueira assim que ela fizer o passeio mental. Você pode guiá-la até a beira do rio, mas ela não poderá sair até voltar ao seu corpo", responde Asena.
Suas vozes ficam mais fracas, e meu corpo fica entorpecido pelo frio. As sensações agudas cessam de cutucar cada centímetro da minha pele, e meus ouvidos param de latejar. Fixo meus olhos em Basilius, observando seus círculos rítmicos enquanto seus olhos lilás encontram os meus.
Somos só nós dois, querida. Você não tem nada a temer de mim, digo eu através do vínculo.
As chamas da minha alma rugem dentro de mim, aquecendo minha pele e desacelerando meus batimentos cardíacos. Basilius traz conforto à nossa conexão com cada bater de asas e cada olhar.
Pressiono minha cabeça no peito de Cayden para ouvir seu pulso e abro meus dedos, deixando a água fluir por eles, fingindo que são meus pensamentos sendo levados embora até que só reste a casca de mim.
Basilius voa como se não passasse de uma pena. Imagino a liberdade que seria voar pelos céus à vontade, para o reino que nenhum mortal pode reivindicar, pois é governado pelos dragões.
Cayden acaricia meus cabelos delicadamente. "Você nasceu para cavalgar dragões, agora deixe-se tornar um."

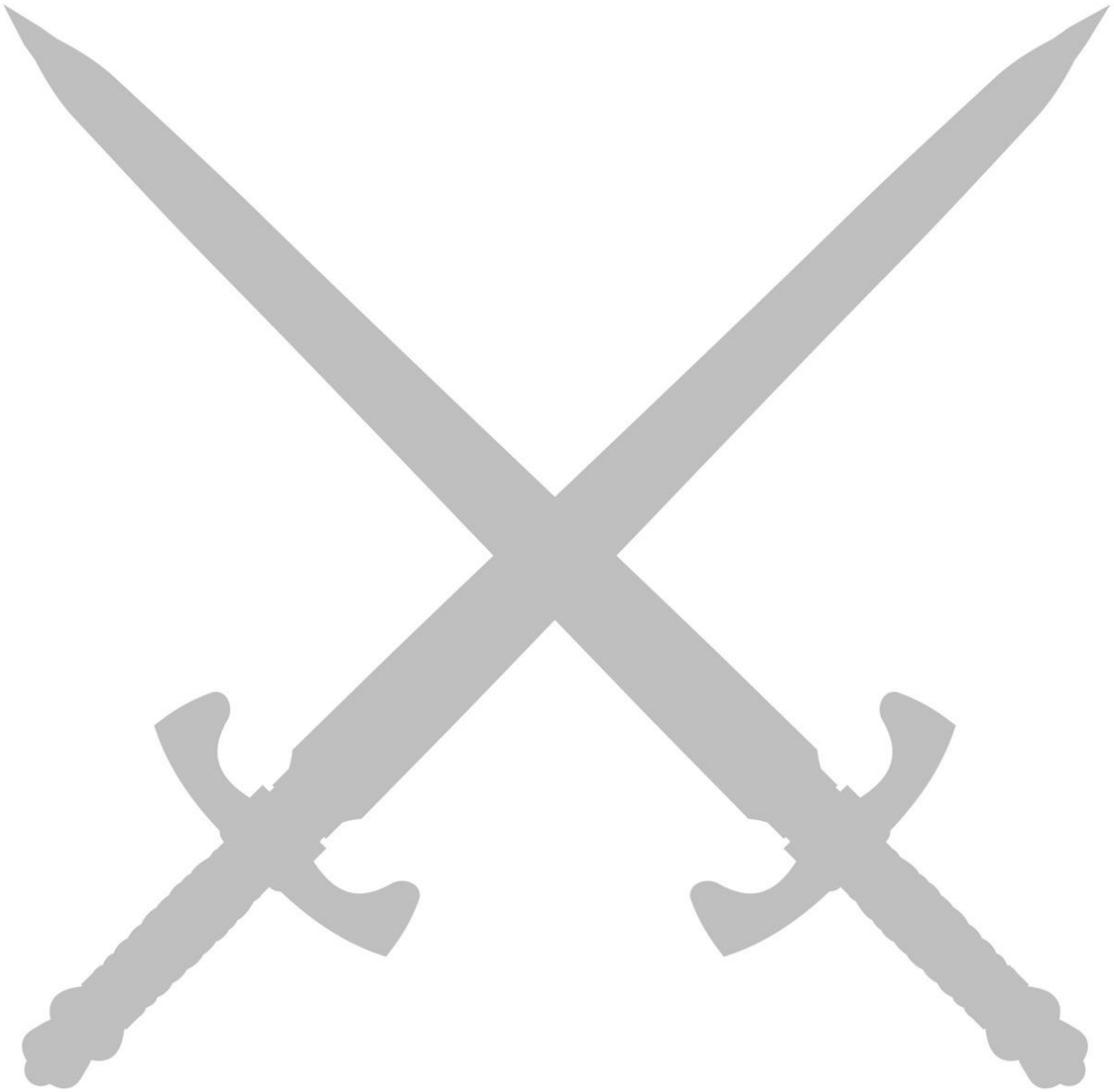
Baque.
Baque.
Baque.
As chamas dos dragões ungiram minha existência. Através delas, sou imortal. Sou ilimitado. Sou o poder das feras que ninguém pode domar.
Um estalo atravessa meu corpo e todo o som desaparece.
Não sou nada mais do que um fio de fumaça subindo pelo ar até virar fogo envolto em carne.
A cena diante de mim é feita inteiramente de fios lilás. Uma ponte curva se estende sobre um rio, e eu espio pela lateral enquanto tons de dourado, azul-claro e prateado se somam à correnteza. Nossas auras se entrelaçam como se centenas de estrelas tivessem caído do céu roxo, mas pairassem ao meu redor. Elas se estendem até onde a minha vista alcança, em vez de se chocarem contra o chão. Não somos nada mais do que almas até que eu seja lançada para a vanguarda de sua mente, observando o mundo através dos olhos de um dragão.
Basilius se vira em direção à fronteira, batendo as asas com força suficiente para nos levar acima das nuvens, onde ninguém poderá nos ver. Daquela altura, eu jamais conseguiria ver nada além de pontinhos, principalmente à noite, mas para Basilius o mundo é uma paisagem vívida.
Nós sobrevoamos Ladislava - sons familiares de canções, cânticos e aço tilintando vindo de baixo — e continuamos em frente. Tudo se esvai à medida que cruzamos Imirath. Algo inquieto se apodera de Basilius, mas eu o acalmo com a minha presença, mantendo o controle sobre sua mente sem machucá-lo.
"Fiquem chapados", ordeno, embora não saiba como. "Eles não podem saber que estamos aqui."
Basilius não emite um som e diminui o passo, diminuindo nossa altitude em quantidades minúsculas enquanto vigiamos uma jaula. Pelo menos quinze soldados Imirath a guardam, todos com lanças ou espadas nas mãos. Não avisto mais ninguém, mas imagino que estejam espalhados. Continuamos monitorando de nosso ponto de observação, sem querer correr o risco de aterrissar dentro do território. O tempo se esvai enquanto Basilius corta círculos suaves através das nuvens tênues, uma sensação de pura satisfação me envolve.
Sinto um puxão, fazendo-me sentir como se estivesse atrasado para alguma coisa, mas me afasto quando uma cauda pontiaguda atravessa uma das lonas. A runa silenciadora deve ter se tornado inútil assim que a fera lá dentro rompeu o aço, porque um grito agudo se segue, seguido de garras arranhando as paredes da prisão. Basilius fica imediatamente alerta, com todos os sentidos aguçados na ameaça potencial. Um soldado de Imirath grita quando a cauda se enrola em seu pescoço, mas seus apelos de dor se extinguem rapidamente quando sua cabeça é removida de seus ombros. Soldados avançam com lanças, gritando por socorro enquanto cravam as pontas afiadas na carne escamosa para domá-la, mas a fera não reage docilmente. Ela continua balançando a cauda, fazendo os soldados voarem pelo ar e perfurando seus estômagos com a ponta pontiaguda.
Já vi uma cauda assim, eu sei. Wyverns. Um primo distante do dragão. Li sobre eles em um dos livros sobre feras que adquiri recentemente e vi sua semelhança desenhada nas páginas. Na maioria dos casos, eles não conseguem soltar fogo. As caudas pontiagudas e venenosas são suas principais armas contra os inimigos.

São menores e não tão ferozes quanto um dragão, mas algo volátil se agita dentro de Basilius enquanto observamos a cena.
“Ainda não”, ordeno. Seu temperamento continua aumentando agora que Identificámos o que enfrentaremos no campo de batalha. "Terão a vossa oportunidade, mas não hoje. Não podemos enfrentá-los sozinhos."
Basilius rosna, mas há tanta comoção no chão que ninguém consegue ouvir. Ele se vira a contragosto, nos carregando de volta para Vareveth, quando algo me puxa o peito novamente.
Um farol a seguir para retornar para casa.

Capítulo

VINTE E NOVE

Cayden



A floresta é silenciosa, Elowen's
Respirando ainda mais. Passei as últimas duas horas neste rio congelante, agarrando o corpo dela ao meu e contando suas respirações. Ophir disse que eu provavelmente conseguiria sair do rio contanto que mantivesse minhas mãos

em Elowen, mas não posso deixá-la sofrer sozinha. Mandei os outros de volta para casa depois que Asena disse que talvez ajudasse se eu falasse com Elowen enquanto ela estivesse nesse estado. Ela não consegue me ouvir, mas talvez consiga me sentir. Eu nunca conseguiria falar com Elowen sobre algo mais profundo do que o tempo se outros estivessem ouvindo.
Ela está mortalmente imóvel em meus braços, com apenas o branco dos olhos visível e o cabelo esvoaçando ao redor. É enervante. O fogo que Asena acendeu está se apagando, e não vou arriscar tirar as mãos. Preciso levar Elowen para dentro. Levanto a cabeça bruscamente quando ouço Basilius rugir ao longe, perto o suficiente para cruzar a fronteira.
"Elowen", murmuro, com a voz tensa pelo frio. "Acorde."
Nada.
Nem um movimento dos dedos dela.
"Elowen." Eu a sacudo um pouco nos meus braços. " *Acorde.* "
O pânico começa a subir pela minha garganta como uma fera ameaçando romper a superfície e me dominar. Ela parece morta. Não há calor nela, nenhuma vibração. Fixo meus olhos em seu pulso constante, embora lento. Deuses, mal consigo olhar para ela. Este ritual está me fodendo... cabeça, jogando na minha cara a imagem do que me tira o sono na maioria das noites.
“Elowen!”
Sibilo quando seus membros se debatem, molhando meus braços e peito. Seus olhos castanhos estão de volta, absorvendo a paisagem ao redor enquanto ela leva a mão à testa. "Você está bem?"
Ela olha para mim, pressionando o rosto, os ombros e o peito arfante com as mãos, enquanto seus tremores provocam ondas na água. "S-sim."
Eu a ergo em meus braços antes mesmo que ela termine de dizer a palavra. Ela continua olhando ao redor como se estivesse vendo o mundo pela primeira vez. A neve estala sob meus pés descalços, mas não consigo sentir mais frio do que já sinto. Pego sua capa de onde Finnian a pendurou em um galho e a enrolo em seus ombros, usando meu casaco para cobrir sua frente e corro em direção a Koa. Montá-lo enquanto a mantenho equilibrada em meus braços é uma tarefa difícil, mas consigo. Mantenho-a pressionada contra meu peito enquanto puxo as rédeas, incitando Koa a correr para a casa.
Minha mente está transbordando de perguntas, mas me obrigo a guardá-las para mais tarde. Preciso levá-la para dentro e fazer sua temperatura corporal subir novamente. O vento corta minhas bochechas e bíceps enquanto cavalgamos, e eu enfio o rosto dela na curva do meu pescoço.
Desmonto assim que voltamos, e a porta dos fundos bate contra a parede quando abro caminho. Um suspiro de alívio me escapa enquanto o calor que flutua pela casa me envolve. Os criados devem estar com todas as lareiras acesas.
"Precisa de alguma coisa, Alteza?", pergunta Cyrus, correndo para o corredor e praticamente correndo para me acompanhar. "Já acendi a lareira em seus aposentos."
"Mandem sopa e chá", respondo sem me virar. "Obrigada."
Saskia, Ryder e Finnian saltam dos degraus quando nos veem, e Asena e Ophir se afastam da janela.
“O que ela viu?” Saskia pergunta.

“Agora não.” Meu tom é definitivo, e embora Ryder e Saskia tenham me pressionado em algumas ocasiões ao longo dos anos, eles sabem quando não cruzar essa linha. "Eu a peguei, e ela vai te dar um relatório quando estiver pronta."
"Ela está bem?" Finnian pergunta.
“Ela ficará assim quando descansar.”
Chuto a porta dos nossos aposentos para fechá-la e a coloco em frente à lareira, puxando a camisola encharcada por cima do seu corpo e jogando-a de lado. Faço o mesmo com as minhas calças e volto para ela com vários cobertores grossos. Ela se aperta contra mim, sentando-se entre as minhas pernas cobertas enquanto enrolo outro em volta dos seus ombros. Prendo seus cabelos desordenadamente no topo da cabeça para tirá-los das costas e prendo-os com a tira de couro que sempre uso no pulso, caso ela precise.
Ela continua olhando ao redor da sala como se estivesse tentando se reorientar com a realidade, ainda não totalmente em sua mente. Tenho certeza de que ficará mais fácil quanto mais ela usar suas habilidades, mas a primeira vez deve ser a pior. Eu ficaria impressionado com ela se a imagem de seus olhos brancos e seu corpo inerte em meus braços não tivesse trazido meu pior medo à realidade.
Seus olhos arregalados estão fixos no meu rosto, me observando como se eu fosse a única coisa real no mundo. Há um desespero que eu nunca vi estampado em seu olhar.
"Você voltou para mim, sirantia. Você está em casa", murmuro, esfregando as mãos em seus braços.
Seus tremores começam a diminuir, mas ela ainda treme um pouco enquanto se estica para frente, pressionando a ponta do dedo no topo da cicatriz no meu rosto, arrastando-a lentamente para baixo antes de repetir o movimento três vezes. Ninguém nunca me tocou como ela. Eu cortaria a mão deles se tentassem.
Ela se afunda contra mim e pressiona a testa no meu ombro, aninhando-se no meu pescoço.
Coloco meus dedos em seu pulso, mantendo um braço em volta dela enquanto observo as chamas consumirem a tora. Elowen possui magia. Não estou surpreso, considerando que ela compartilha um vínculo com cinco dragões, mas estou curioso para saber que outras habilidades ela pode ter.
"Como está meu cabelo?" ela murmura.
Eu rio. " *É com isso* que você está preocupado?"
“Meu cabelo é muito importante para mim.”
“Parece que você jogou seu pente fora há cinco anos e nunca comprou um novo.”
Ela geme. "Vou cancelar o casamento."
"Boa sorte com isso."
Voltamos ao silêncio enquanto observamos a lareira. Cyrus e outro criado trazem bandejas cheias do que pedi, além de várias opções doces para a sobremesa. Eles estão tentando encantar Elowen, e pelo jeito como ela sorri suavemente enquanto observa a comida, eu diria que está funcionando. Terminamos tudo e, quando tenho certeza de que sua temperatura corporal subiu o suficiente para entrar no banho, eu a coloco em meus braços.
Não deixo a água muito quente, caso a temperatura normal de ebulição em que

ela toma banho seja demais para ela aguentar agora, e a acomodo entre as minhas pernas. "O que você viu?"
Seu peito pressiona o meu enquanto ela continua apoiando a cabeça no meu ombro, ainda percorrendo as cicatrizes no meu peito e braços. Ela me toca como se cada detalhe meu merecesse ser lembrado. Estou privado do seu corpo há semanas, e tê-la pressionada contra mim é uma espécie de tortura viciante. Pensamentos sobre ela atormentam minha mente como uma maldição da qual nunca desejo me livrar.
"Wyverns." Ela imita meu tom baixo. "Parece que eles vão levar a batalha para os céus."
Minhas mãos apertam seus quadris. "Treinar com arco e flecha pode ser benéfico. Não sabemos se eles terão cavaleiros."
Ela bufa. "Odeio essa arma. Vou ficar bem com as minhas facas."
Enfio a língua na bochecha, sem responder à sua afirmação, optando por desamarrar seus cachos e começar a lavá-los. Ela geme quando meus dedos ensaboados massageiam suas raízes, enviando uma onda de desejo por mim. Respiro fundo, forçando-me a pensar em uma estratégia e não em como ela está embaixo de mim.
Finnian é um arqueiro habilidoso, e não duvido que ele tenha tentado treiná-la ao longo dos anos. Preciso pensar em algo diferente, mas ela precisará de algo com mais poder do que apenas um arremesso. Graças aos deuses que dragões não cospem fogo, senão teríamos uma conversa muito mais acalorada.
"Como eles têm dragões?", ela pergunta. "De onde eles vieram?"
Certa vez, li sobre uma maga de Thirwen que viveu há cerca de cem anos. Alguns dizem que ela usou necromancia para ressuscitar dois dragões, mas outros dizem que ela os capturou na natureza, embora se acreditasse que estivessem extintos na época. Ela os mantinha em gaiolas, forçando-os a procriar, e depois forçava os filhotes a procriar quando atingiam a maioridade. Era uma prática deplorável e cruel, e os dragões eram controlados por magia mental. Eles nunca eram soltos de suas gaiolas enquanto tinham livre-arbítrio. É por isso que o mundo prendeu a respiração quando foi revelado que você tem um vínculo de alma com seus dragões. Ninguém jamais possuiu seu poder.
"Isso é terrível." Quando Elowen montar seus dragões e matar os wyverns que enfrentar, a morte deles será uma misericórdia para as feras. "Eu só... não consigo pensar nisso agora, sabendo o que terei que fazer durante as batalhas. O que você encontrou mais cedo no escritório de Xantheus?"
"Thirwen está enviando mais reforços navais do que eu esperava", digo. "Enviei ordens para uma cadeia de batedores vigiar a costa. Seremos alertados quando cada um deles acender seus faróis."
"Espero que tenhamos notícias de Galakin em breve." Cerro o maxilar. Vou dar um jeito de manipular Galakin para essa guerra se eles não vierem de bom grado. Ela se afasta do meu peito para me encarar. "Presumo que você tenha um plano de ataque?"
"Sempre. Também falsifiquei a carta para que possamos usá-la para acusar Xantheus de traição, já que ele não relatou os movimentos de um inimigo aos seus governantes."
"Vou ficar feliz quando ele morrer." Suas pálpebras estão pesadas de exaustão

enquanto ela cai para a frente novamente, e eu respiro fundo entre os dentes quando sua mão desliza sobre a cabeça do meu pau. Ela ri baixinho. "Não vou para a cama com você antes do meu casamento. Sou uma dama."
"Ah, sim", murmuro. "Uma dama da noite."
Ela dá um tapinha de leve na minha nuca e sai da banheira enrolada numa toalha, balançando os quadris enquanto entra no quarto. Eu rio baixinho enquanto termino o banho. antes de seguir seu caminho. Fico surpreso ao encontrá-la já dormindo profundamente quando me deito na cama.
O fogo da lareira dança sobre suas feições, tornando impossível desviar o olhar enquanto me deito de lado para encará-la. Quando olho para ela, é como se eu soubesse o que é ver meu coração batendo fora do meu corpo. Enrolo um de seus cachos úmidos no dedo que agora tem seu nome tatuado.
Depois de viver nas ruas, nem mesmo estar em uma casa conseguia eliminar completamente o frio que sentia dentro de mim. Não até conhecer Elowen e tê-la em meus braços. O amor deveria ser algo leve, belo e puro, mas o que sinto pela mulher que dorme ao meu lado pode devastar exércitos e acabar com mundos.
Nunca me importei com ninguém assim, nunca quis ou tive vontade de me importar. Parece que nunca vi ninguém de verdade, agora que a vejo em todos os lugares. Sei que esse caminho é perigoso, mas não consigo parar de segui-lo. Ela faz um barulho de irritação, franzindo o nariz um pouco enquanto pisca os olhos turvos, abrindo-os, e se enrola em mim sem dizer uma palavra.
Deuses, estou ferrado.
Estou bem e verdadeiramente ferrado.

Capítulo
TRINTA

Elowen

"EU "Não precisa de mais detalhes", Saskia
"O que você quer?", diz ela antes de tomar um gole da delicada xícara em sua mão. "Um casamento real é mais do que uma cerimônia, é uma declaração para toda Ravaryn. Elowen tem uma queda por apreciar o refinamento, dada a extravagância de seus trajes cotidianos, então não podemos economizar em adornos."

"Eu não chamaria isso de *inclinação* . Simplesmente tenho um gosto particular, e meu olhar gravita em direção a itens mais caros por pura coincidência."
Saskia ri enquanto ajeita os pés no sofá ao lado. "Claro."
Olhando-me no espelho triplo, examino o tecido branco preso ao meu corpo. Uma equipe de três costureiras circula ao meu redor como abelhas atarefadas, seus vários alfinetes servindo de ferrões. Fui cutucada e cutucada mais do que nunca nesta única sessão. A mulher atrás de mim aperta abruptamente o tecido ao longo da minha coluna, endireitando minhas costas e empurrando meus seios para cima ao mesmo tempo.
"Muito melhor", digo com a respiração ofegante.
A costureira que alfineta a bainha sorri para mim da base da caixa em que estou. "O corpete será adornado com milhares de pequenas contas douradas que descerão pelas suas saias."
“Sabemos que você prefere mangas esvoaçantes, então que tal fazermos uma divisão Mangas logo abaixo dos cotovelos com uma camada transparente de tecido azul como mais uma ode à sua união?” A costureira atrás de mim acrescenta. “Também poderíamos bordar pequenas flores azuis ao longo das videiras das suas saias. Miosótis são uma opção, dado o seu tom azul profundo.”
“E dragões azuis nas costas dos braços!”
Concordo com a cabeça. "Isso parece..."
Minha cabeça se ergue bruscamente ao som da porta se abrindo. Todos na sala suspiram. Saskia se levanta abruptamente, e as mulheres correm em direção ao biombo para me esconder, mas tudo em vão.
"Acredito que os irmãos têm permissão para ver o vestido antes do casamento", diz Finnian, com a voz ficando mais grave à medida que ele me olha.
Todos, exceto eu, soltam um suspiro coletivo de alívio. Finnian fecha a porta atrás de si e caminha lentamente em minha direção. Sua garganta se contrai enquanto ele observa os painéis e painéis de tecido marfim. "Ellie."
"Finny." Meus lábios se curvam para um lado enquanto meus olhos se enchem de calor. "Você pode nos dar um momento?", pergunto à mulher que puxou meu corpete mais apertado. Ela é a líder dos três, apesar de trabalharem em equipe.
"Poderíamos ajudá-la a tirar o vestido, se for mais fácil, Majestade. Fizemos o máximo que podíamos aqui, e quanto mais cedo o levarmos à loja, mais cedo poderemos começar a costurar."
"Termino em um minuto", digo a Finnian enquanto ele me oferece a mão para descer da plataforma, assentindo silenciosamente enquanto continua me olhando.
"Não chore." Minha voz está tão rouca e trêmula quanto a dele.
"Vou olhar pela janela." Ele anda como se houvesse fogo sob seus calcanhares, e eu me forço a secar os olhos enquanto as mulheres me ajudam a tirar o vestido sem me cortarem mais. Sinto-me como a almofada de alfinetes pessoal delas. Elas me deixam atrás do biombo, e eu tiro a combinação que deixei, incapaz de suportar a ideia de ficar completamente nua com estranhos, e visto o vestido lilás que usei ontem. O tecido grosso e aveludado não é uma defesa infalível contra o frio, mas ajuda.
A túnica vermelha de Finnian está amarrotada da cavalgada, e suas bochechas estão queimadas pelo vento devido ao frio. "Como foram as coisas com os soldados estilianos, Comandante?"

“Eles estão preparados para lutar por sua rainha”, diz ele, finalmente rasgando desviando o olhar da propriedade e me dando toda a atenção. "Agora, me diga, o que posso fazer pela *minha* rainha?"
"Me acompanhe até o altar?"
Seus braços caem ao lado do corpo e seus olhos se arregalam. Sou uma filha com o coração de uma órfã, mas sempre tive um irmão desde o momento em que Finnian entrou na minha vida. Formamos nossa própria família.
"Preciso que saiba que sempre teria sido você quem eu pediria para fazer isso, mesmo que Ailliard ainda estivesse aqui. Você é a pessoa que eu amei por mais tempo."
Ele perde a batalha contra as emoções, murmurando um palavrão enquanto as lágrimas escorrem pelo rosto. Seus braços me envolvem, me fazendo levantar enquanto ele me gira em círculos. Eu rio na curva do seu pescoço, molhada pelas minhas próprias lágrimas, antes que ele me coloque de pé.
"Claro, Ellie. Ficarei honrado."
A reação dele acalma algo dentro de mim. Estou nervosa desde que acordei, sabendo que meu vestido de noiva seria provado. Não me lembro de ter sonhado com casamento, mesmo quando era pequena. Quando você não acredita que está destinada ou que não merece amor, parece inútil sonhar com isso. Saskia me segue para fora da sala de estar, aceitando um maço de cartas amarradas com uma fita de um criado que estava no corredor. Finnian não fica conosco. Ele deve se encontrar com Cayden e Ryder para lhes dar uma ideia da quantidade e das habilidades de seus soldados. Eu poderia ter feito isso, mas estou feliz que seja Finnian. Nomeá-lo comandante foi uma das decisões mais fáceis que já tomei.
Fui informada de que o Chef Leonardo tira uma soneca entre o café da manhã e o almoço, e fico aliviada em descobrir que isso é verdade. A cozinha está vazia. Vigas de madeira que combinam com os balcões e a ilha no centro correm ao longo das paredes de pedra e do teto. Coloco um avental amarelo-claro sobre o meu vestido e ajoelho-me para acender o fogo sob o forno para aquecê-lo à temperatura desejada enquanto trabalho. É pitoresco, mas tem tudo o que se pode precisar para assar ou cozinhar. Panelas de cobre penduradas em prateleiras cheias de ervas e especiarias em vasos, e sacos de farinha e açúcar enfeitam a parede abaixo de uma grande janela. Saskia se acomoda no cantinho do café da manhã no canto, e eu coloco a chaleira no fogo para ela.
Apesar de amar assar tanto quanto eu, não tenho feito muito. Aprendi principalmente observando padeiros pelas janelas da cozinha, enquanto eu estava empoleirado em uma árvore, jurando a mim mesmo que um dia conseguiria ter a comida que eu quisesse, não apenas a comida que eu comia porque estava disponível. Ficar sentado quieto nunca foi uma habilidade que eu dominei, e com o meu estado mental atual, eu provavelmente criaria uma trincheira no chão com todo esse andar de um lado para o outro.
Gosto de cozinhar porque é uma das únicas coisas em que posso controlar o resultado. Cuido do jardim porque quero saber que minhas mãos podem criar vida, não apenas tirá-la. Leio porque às vezes os limites deste mundo tentam me estrangular, e as palavras me oferecem um refúgio.
"Urasos e Feynadra responderam", diz Saskia quando coloco a xícara de chá à

sua frente. "O rei e a rainha de Feynadra comparecerão, mas o príncipe herdeiro e a princesa de Urasos virão no lugar do rei. Ele está gravemente doente e não pode arriscar a viagem."
Sopro um cacho rebelde do meu rosto enquanto despejo farinha numa tigela. "Me conta o que você sabe sobre eles."
Ela põe a carta de lado, fixando seus olhos escuros em mim enquanto eu me apresso pelo espaço. Sei informações básicas por ter me ensinado, mas preciso de mais. "A Rainha Nasha de Feynadra é irmã da Rainha Cordélia de Galakin e há rumores de que elas são bem próximas. Ela pode conseguir uma boa conversa com Cordélia, já que ela não estará presente. O rei de Feynadra, Lycidias, é extremamente reservado e conhecido como o rei do gelo. Não acredito que será difícil fazer com que qualquer um deles reconheça sua reivindicação como herdeiro de Imirath ou garanta neutralidade. Eles são extremamente tradicionais. A Rainha Nasha ganhou o título de loba devido à sua natureza protetora com os filhos; eles são sua única felicidade no casamento. Lycidias não se preocupa com questões em outros reinos e vai querer manter seus soldados por perto caso Vareveth caia."
"Minha carta para Cordelia ainda não foi respondida, então vamos torcer para que Nasha tenha alguma influência sobre a irmã." Termino de misturar os ingredientes secos e começo a amassar as framboesas em uma tigela separada. "E quanto a Urasos?"
“Eles são um pouco mais complicados.” Saskia suspira, deslizando a mão pela saia carmesim e tomando um gole de chá. “A Princesa Lethia é uma Uma nobre mulher originária de Thirwen, e não sei quão próxima ela é da família. Seu pai é o mais rico do reino e a casou com o Príncipe Hale com um dote substancial. Aparentemente, ela odiava o Príncipe Hale no início, mas eles parecem ter resolvido seus problemas. Ele a adora agora. Urasos tem a mesma reputação de Feynadra por se manter neutro, mas não sei se o envolvimento de Thirwen com Imirath influenciará isso.
Uma ruga se forma entre minhas sobrancelhas. "Se eles não conseguirem garantir sua neutralidade e se recusarem a apoiar minha legítima reivindicação ao trono de Imirath, seremos forçados a considerá-los inimigos. Suponho que veremos quão profunda será a admiração do Príncipe Hale pela princesa quando dragões sobrevoarem seu reino."
Saskia assente. "Deixe-os falar primeiro. Nós duas sabemos em primeira mão como as mulheres em nosso mundo não são valorizadas por seus pais."
"Vou." Coloco a mistura de framboesa nas minhas tortinhas de biscoito amanteigado e as coloco na caverna de pedra. O aroma de canela me envolve quando começo a próxima receita, sem me dar ao trabalho de limpar a ilha, pois outra bagunça será criada. "Algo digno de nota nos seus relatórios?"
"Ainda não tenho notícias dos lordes, mas você plantou a semente ontem à noite", ela responde, adicionando a carta aberta à sua pilha e abrindo outra. Ela pisca lentamente, seus olhos percorrendo as palavras várias vezes enquanto seus lábios se abrem. "Houve uma revolta nas ilhas do sul."
Minha coluna se endireita. "As ilhas do sul?"
"Sim." Ela me olha, incrédula. "Foi rapidamente acalmada, mas meu espião relata que a tensão é palpável nas ruas. Um grupo de pescadores jogou suas

redes em volta dos soldados de Imirath que patrulhavam as docas. Pelo menos quatro se afogaram, mas dizem que chamaram o rei legítimo." Ela balança a cabeça. "Não entendo. A Casa Vellgrave foi massacrada anos atrás. Nenhum dos herdeiros sobreviveu ao seu bisavô."
"Cayden", sussurro, percebendo o que estava acontecendo.
"Cayden? Por que estariam chamando o Cayden?"
Saskia não sabe a ascendência de Cayden. "O pai dele era das ilhas do sul. Cayden pode não ter sangue real, mas é o único rei vivo com sangue deles."
"Perfeito!" Ela bate as mãos abruptamente na mesa, e torrões de açúcar mascavo voam pelo ar enquanto eu grito. "Isso reforça sua afirmação. Por que ele não mencionou isso antes?"
Cayden odeia o pai — isso é bem claro. Provavelmente não quer ter nada a ver com ele, mesmo que isso facilite sua vida agora. Ele encararia isso como um favor dele. "Falarei com ele quando chegar em casa."
"Eu imaginei que ele fosse meio sulista anos atrás, e ele mentiu." Ela zomba. "Ele provavelmente não queria que Ryder e eu tivéssemos outra vitória contra ele depois que Ryder descobriu seu aniversário."
“Como Ryder conseguiu isso?”
Ela ri enquanto olha pela janela para a floresta nevada. "Ele desejava feliz aniversário a Cayden todos os dias, até que ele o irritou o suficiente para revelar."
Eu rio baixinho, mas a insegurança me sufoca. "Quando é o aniversário dele?"
"Nove de novembro." Passaram-se semanas. Estaríamos em Imirath naquela data... mas eu nem sabia. O nó na minha garganta não desaparece quando engulo. Permanece preso ali como uma pedra. O rolo de massa cai no chão, e o barulho abrupto faz Saskia sacudir a cabeça. "El? O que houve?"
“Eu simplesmente não esperava conhecê-lo na data que você mencionou.”
"Ele odeia o aniversário dele mesmo. Não se sinta mal."
Balanço a cabeça, limpando o rolo de massa com o avental e colocando-o no balcão enquanto Saskia se aproxima. "Vamos nos casar, e eu nem sabia disso sobre ele. É algo tão básico."
Saskia lê minhas emoções facilmente. "Você já conversou com ele sobre o que está sentindo? Não tem problema ficar nervosa."
Começamos a vida completamente indefesos, mas o tempo desembainha suas lâminas contra nós, e somente aqueles que vestem armaduras sobrevivem para travar outra batalha. "Pense em quantas pessoas se casam e acordam um dia sem reconhecer a pessoa a quem uniram suas vidas."
Não sei por que minha mente funciona desse jeito, fazendo com que as palavras que ouço se distorçam como espinhos espinhosos em uma floresta escura. As emoções lutam contra a lógica, mas nunca há um vencedor, tornando meus pensamentos um deserto de baixas. Não quero questionar Cayden, mas sinto que é minha última defesa contra ele.
"Estou bem", garanto-lhe rapidamente enquanto tiro as tortas de framboesa do forno, sem querer dissecar meus medos de verdade. "Talvez eu tenha transado com ele no aniversário dele e, sem querer, lhe dei o melhor presente que ele já recebeu."
"Acho que você pode ter feito a vida dele." Jogo uma pitada de farinha nela, e a

farinha pinta suas bochechas escuras, que ficam mais arredondadas enquanto ela ri. "Ele não é como todo mundo. Eu disse a Cayden que ele deveria se casar com você para solidificar a aliança antes de te conhecer, e ele foi terminantemente contra. Disse que nunca se submeteria ao inferno do casamento." Estremeço antes de conseguir me conter. "O homem que você conhece é alguém que ninguém jamais conheceu, nem mesmo eu ou Ryder. Ele rompeu a linhagem dasteriana não porque queria a coroa, mas porque estava com medo de te perder. Há escuridão em Cayden, e isso fez com que tantas pessoas fugissem dele, mas eu sempre achei que era por isso que ele correu para você a vida toda. Você é a luz dele."
Aperto os lábios, arrastando meu pingente pela corrente. "Você realmente quer dizer isso?"
"Eu sei." Ela aperta meu pulso antes de me soltar e roubar uma torta de onde elas estão esfriando.
"Quando é o seu e o do Ryder?", pergunto, sem querer perder o de mais ninguém. O do Finnian é no dia 14 de julho, e sempre fazemos algo para comemorar, assim como o meu.
Os olhos de Saskia se suavizam. "Eu sou o dia 4 de setembro e Ryder é o dia 10 de dezembro. E o seu?"
“Quinze de janeiro.”
Seu sorriso se alarga. "Vou começar a planejar."
Passamos o tempo em um silêncio confortável, e percebo como é bom estar com alguém sem ter que estar presente o tempo todo. Perco-me nas receitas — sovando a massa, polvilhando açúcar de confeiteiro, fazendo glacê. Não paro até que as bancadas estejam cobertas de diversos assados e passos pesados ecoem pelo corredor.
"Você me deve uma dívida, meu anjo." A voz profunda de Cayden ecoa pelo corredor, e meu coração estúpido e desesperado dispara ao ouvir isso.
"Você deve estar pensando em outra pessoa", eu digo. "Não lhe devo nada."
Cayden vira a esquina, preenchendo a porta com seu corpo corpulento, vestido com sua túnica preta familiar e calças largas, com uma espada presa às costas... mas é o que está por cima de suas roupas que faz a lata escorregar dos meus dedos e bater ruidosamente no balcão. "Vim cobrar."
Ele se lança sobre mim e, por reflexo, corro pela ilha, mas isso só parece encorajá-lo. Minha língua parece um peso morto na boca enquanto pisco lentamente. Sem absorver de fato a visão à minha frente. Devo estar sonhando. "Ai, meus deuses."
"Você não se lembra", ele diz como se estivesse me acusando de um crime. "No seu primeiro jantar em Vareveth, você me disse que me beijaria se eu usasse o avental mais rosa e cheio de babados."
O riso borbulha na minha garganta, transbordando até meu estômago doer. "Como diabos você se lembra disso?"
"Eu me lembro de tudo sobre você." Ele aponta o dedo em sua direção. "Pague, princesa."
Torço o nariz, mantendo a ilha entre nós enquanto me movo lentamente em sincronia com ele, querendo forçá-lo a me segurar. "Você está tão desesperado assim?"

"Determinado." Ele se lança ao redor do balcão, e eu grito enquanto viro rapidamente a esquina para mantê-lo à minha frente. Seus olhos verdes examinam os balcões lotados de rolinhos de canela, pãezinhos de mel, pães de forma e tortas de framboesa. "Você está assando para o exército inteiro?"
"Estiliano", corrijo. "Eu queria fazer algo para as crianças antes que a guerra me leve embora."
Ele ergue uma sobrancelha. "Acho que nada disso vai passar da porta da frente."
“Nem para crianças?”
“Eu já fui criança.”
Jogo meu avental na cara dele e corro em direção à porta, movimentando os braços enquanto minhas pernas me carregam pelo corredor. Meu coração dispara no peito quando os passos largos de Cayden logo me alcançam e ele me agarra pela cintura, me girando em seus braços antes de pressionar minhas costas contra a parede. Seu coração bate em sincronia com o meu, batendo contra suas costelas enquanto ele me puxa para perto de si.
"Calma, demônio", sussurro, pressionando meus dedos em sua boca, a centímetros da minha. É um castigo para mim e para ele, mas sua determinação é viciante.
“Você está jogando um jogo muito perigoso, meu anjo”, ele afirma em tom baixo.
"Esse é o melhor tipo." Adoro ter esse poder sobre ele e adoro fazê-lo sentir saudades de mim. Ele encosta a testa na minha e me olha com tanto desejo que sinto como se houvesse um elo entre nós. "Acho que rosa é a sua cor."
"Não se acostume." Seu olhar permanece fixo nos meus lábios como se fossem a única coisa que ele pudesse ver enquanto tira o tecido rosa. "Tenho uma coisa para você. Já está quase terminando?"
"Porra, isso é bom", Ryder geme da cozinha, e eu me afasto de Cayden e corro de volta de onde vim, encontrando Ryder no pequeno cantinho de café da manhã perto da janela com um prato empilhado. "Elowen, se não der certo entre você e Cayden, então eu..."
"Sas, pegue suas cartas", avisa Cayden. A água voa por cima do meu ombro, encharcando Ryder e sua farta colheita. Cayden joga ruidosamente no chão o balde que eu estava usando para lavar a louça. "Eu queria verificar esse vazamento."
Cubro a boca com a mão para tentar conter o riso enquanto Ryder gagueja e enxuga os olhos e Saskia se agarra à parede como se fosse uma tábua de salvação. "Isso foi totalmente desnecessário!"
"O que você achou que ia acontecer depois de dizer isso?", Finnian consegue perguntar em meio às suas risadas estrondosas. "Ele ameaçou pessoas por olharem para ela."
"Isso não!" Ryder grita.
Cayden dá de ombros, destranca a janela e joga um pão de mel para Delmira. Meu coração aperta no peito, sabendo que anos atrás ele me viu fazer a mesma coisa. Jogo uma capa sobre os ombros antes de calçar as botas.
Cayden enfia um pãozinho de mel na boca enquanto espera e pega um pãozinho de canela para a breve caminhada lá fora. O vento bate forte no meu rosto quando ele destranca a porta de madeira, levando embora a farinha e o açúcar

que salpicam minhas bochechas. Minhas botas afundam na neve quando paro abruptamente, avistando uma aljava cheia de flechas e uma série de alvos vermelhos à distância.
“Eu disse que odeio atirar com arco.”
"É por isso que eu trouxe algo diferente para você", ele responde, pressionando a mão nas minhas costas para me ajudar a andar, e pega uma arma elegante e polida da mesa que ele deve ter arrumado. "Uma besta."
Pego-o das mãos dele, surpresa com o peso, e invejo Cayden por fazer parecer tão fácil segurá-lo. "Nunca usei um desses."
"Você tem essa coisa maravilhosa chamada marido, que é versado em muitas armas." Reviro os olhos, sem me dar ao trabalho de corrigi-lo novamente — isso não vai penetrar sua cabeça dura. Ele me puxa para a frente, cobrindo suas mãos com as minhas para me mostrar como segurar a arma corretamente. "Lembre-se disso se seus olhos divagarem." Ele beija minha bochecha. "Agora, você vai manter este dedo no gatilho e mirar na altura dos olhos. É melhor manter os dois olhos abertos para um tiro preciso."
Ele mantém os lábios perto do meu ouvido, manobrando a besta para a posição correta e pressionando meu dedo, deixando a flecha voar e absorvendo o coice ao atingir o centro do alvo. Ele me solta para pegar uma flecha da aljava presa na neve e a gira entre os dedos enquanto me mostra como recarregá-la. "Foi por isso que você não conseguiu dormir ontem à noite? Estava pensando em mim lutando contra os wyverns?"
Seus lábios permanecem fechados, e seu rosto não demonstra nada enquanto ele projeta o queixo em direção ao alvo. Giro o pescoço, mantendo os pés afastados na largura dos ombros, e atiro. A flecha zumbe no ar, aterrissando a vários centímetros do centro.
"Quando você a usa em batalha, sente quando a mira está correta. Quanto mais você a usa, mais fácil fica." Ele se move para trás de mim novamente, corrigindo minha postura com os braços em volta de mim. Ele atira novamente, partindo a flecha anterior ao meio quando a outra acerta o mesmo lugar. Abaixo a besta, inclinando a cabeça para trás enquanto ele se endireita em toda a sua altura. "Mostre a cada bastardo naquele campo o que você sabe fazer, El. Mostre a eles o que significa ser seu inimigo."
"Tem uma coisa que você precisa saber", eu digo. Ele franze a testa, mas não me solta. É melhor que ele ouça isso da minha boca. "Há revoltas nas ilhas do sul. O povo está clamando pelo rei legítimo. Você é o único governante em Ravaryn com o sangue das ilhas do sul com direito ao trono de Imirath. Acho que estão clamando por você."
Seus olhos se estreitam enquanto ele passa a língua pelos dentes. "Ok."
Largo a besta ao meu lado, virando-me para encará-lo enquanto ele enrola um dos meus cachos no dedo. "Ok?"
Ele dá de ombros. "Os soldados de Imirath sabiam quem eu era quando meu pai me inscreveu em lutas, e ele tinha a pele bronzeada da maioria das pessoas nas ilhas do sul, assim como eu. Não tenho sangue real, então, se estão chamando um bastardo para ser seu rei, que assim seja."
"Você não está incomodado?"
"Claro que estou incomodado", diz ele. "Não quero porra nenhuma daquele

homem." Ele arranca a besta da minha mão e a aponta para o alvo mais distante, que não passa de um pontinho à distância. "Mas isso nos dará uma vantagem, porque se estão chamando por mim, estão chamando por você. Isso enfraquece ainda mais Garrick se as pessoas em seu território estiverem chamando por um bastardo e um herdeiro deslocado para tomar seu trono. Que gritem nossos nomes alto o suficiente para alcançar Garrick na torre mais alta de seu castelo como um presságio do que está por vir."
Ele aperta o gatilho, acertando o alvo bem no centro.

Capítulo

TRINTA E UM

Elowen

Calithea sofre quedas bruscas ao longo de um das torres do castelo, girando em torno da torre sem esforço. Em vez de segurar os chifres da sela, abro os braços, deleitando-me com a sensação de leveza enquanto as correias da sela me mantêm preso a ela. É uma sensação que nunca experimentei e sei que nunca encontrarei em nenhum outro lugar.

Ela se acalma, subindo rapidamente e me carregando para onde sou necessária.

Eu me desprendo e deslizo pela ala dela até a sala de reuniões, que é aberta por todos os lados, com apenas alguns pilares cobertos de hera para oferecer uma espécie de barreira contra a queda vertiginosa até o fundo. A magia dentro do castelo deve manter as plantas vivas, considerando que os Dasterianos já foram ligados à magia da terra.
Basilius enfia a cabeça entre os pilares que Calithea deixou, acariciando minha barriga com o focinho enquanto eu tiro a luva com os dentes. Beijo-o entre os olhos antes que ele se vire, alçando voo com os outros para me proteger.
"Como é que você demora mais para chegar aqui montado num dragão do que nós, montados em cavalos?", pergunta Ryder enquanto caminho em direção à longa mesa.
Deslizo meu casaco pelos braços e o entrego a um criado. O quarto está encantado para permanecer aquecido, apesar do conceito aberto, mas o frio aperta meus ombros expostos e gruda no topo da minha testa. Uma safira azul-escura brilha no centro e Combina com meu top espartilho tomara que caia, adornado com brocado dourado ao longo do corpete, mangas drapeadas e painéis de tecido que chegam logo abaixo dos joelhos. "Se você pudesse montar em um dragão, nunca ia querer ter os pés no chão."
“Ponto justo”, ele responde.
Sento-me ao lado de Cayden em uma das cadeiras estofadas, à cabeceira da mesa de madeira escura polida, e seguro com os dedos uma xícara de chá que me aguarda. Duas garrafas de cristal com vinho repousam de cada lado da mesa, e a luz das velas do lustre pendurado no centro do teto elaborado dança como se as chamas estivessem presas ali. Dedico um momento para admirar o ambiente.
Quando cheguei, o castelo de Vareveth parecia uma floresta encantada e, embora retenha certos elementos, agora é beijado pela noite. A Casa Veles é a única casa na história de Ravaryn que possui a capacidade de tocar o céu, e a realeza que envolve nosso castelo certamente reflete esse fato. Dragões estão esculpidos nos pilares que cercam o perímetro da sala, sempre servindo como um lembrete do poder que possuo.
Estou ao lado de Cayden enquanto, à nossa frente, Braxton e quatro generais exaustos pela batalha passam pelas portas duplas orladas de estandartes com nosso símbolo. A coroa dourada de Cayden cintila enquanto ele se move, e o tecido grosso e aveludado de sua túnica acolchoada abraça seus bíceps e ombros. Ele parece forte, imponente. Não entendo como Eagor olhou para ele e viu apenas um comandante. Cayden é um rei, não porque esteja em seu sangue, mas porque está em sua alma.
"Generais", diz Cayden. "Permitam-me apresentar minha rainha, Elowen Atarah."
"A mulher que trouxe dragões ao mundo. É uma honra", diz um homem com cabelos castanho-avermelhados na altura dos ombros. Ele não é particularmente alto, mas tem o porte de uma montanha. Sorrio para ele, grata por a menção da minha ascendência não parecer inspirar qualquer animosidade nos presentes. "General Killian."
"É um prazer conhecê-lo", respondo enquanto ele se senta ao lado de Finnian. Cayden me contou detalhes sobre eles durante o café da manhã esta manhã. Todos eram soldados de infantaria que Cayden promoveu depois de se tornar...

comandante. Todos lutaram ao seu lado em diversas batalhas. Suas posições foram conquistadas com muito esforço.
A loira se apresenta em seguida, com um sorriso suave iluminando a cicatriz que corta seus lábios. "Ren." Uma mulher com cabelo cortado abaixo do queixo, de um tom de ruivo tão profundo que chega a ser roxo, senta-se ao lado dela e se apresenta como Autumn, um nome realmente apropriado. Ambas são altas e musculosas, mas Autumn tem a pele quente e dourada, enquanto Ren é mais clara.
Braxton sorri calorosamente para mim antes de se aproximar e ficar ao meu lado, com a mão apoiada na espada. Só há um homem que ainda não conheço. Seu cabelo é loiro-dourado e cai sobre seus ombros largos. "Gryffin", diz ele.
Repito os nomes várias vezes mentalmente, forçando-me a não esquecê-los. Um mal-estar me invade quando penso nos guardas do passado: Ailliard, Zander, Nessa, Esme... Lycus, que não consegui salvar, os outros que matei. Mas eu o ignoro, forçando-me a seguir em frente.
"Posso apresentar Finnian Eira", digo. "Comandante das forças estilianas."
Assim como Cayden, nenhuma das indumentárias que eles usam consegue mascarar o perigo que emana deles como um sinal de fumaça. Serve como um aviso. Sei que Cayden jamais teria se tornado o comandante demônio de Ravaryn se não tivesse aqueles leais a ele prontos para obedecer às suas ordens.
"Antes que os lordes cheguem, há algo que todos vocês precisam saber: não saiam desta sala", começa Cayden. "Thirwen mobilizou sua frota naval, e eu estacionei batedores ao longo da fronteira para nos alertar quando forem avistados." Ele se levanta, puxando o mapa de Ravaryn para mais perto de si. "Eles não passarão pelo centro do Mar Dolent e correrão o risco de serem avistados pelas patrulhas navais de Galakin, então estarão mais perto de nós." Os anéis em seus dedos brilham enquanto ele alisa a superfície do mapa. "General Ren e General Killian, preparem suas forças para marchar a qualquer momento. Estaremos atacando quando eles atracarem."
"Quando atracarem em Imirath?", pergunta Killian. "E se atracarem na ponta sul da península? Teríamos que atravessar o reino inteiro para alcançá-los."
"Eles levarão provisões para o exército estacionado na fronteira e presumivelmente desembarcarão soldados de infantaria. O único porto profundo o suficiente para navios como esse se aproximarem da costa é Porto Celestria. Nos moveremos sob o manto da escuridão e embarcaremos em nossos navios depois que Thirwen passar para acompanhá-los. O exército terá que terminar a jornada marchando, mas atracamos em uma enseada próxima." Ele aponta o queixo para mim. "Elowen incendiará os navios e nós cuidaremos do exército."
Port Celestria é considerada uma das praias mais bonitas de Imirath. Ela recebe esse nome porque as estrelas brilham tanto que se refletem perfeitamente na água. Ondas e mais ondas de estrelas quebram nas praias cercadas por pedras de obsidiana, tornando-as totalmente banhadas pela noite.
“Sim, senhor”, ambos respondem em uníssono.
“Assim que reivindicarmos o porto, seremos capazes de mantê-lo, considerando que ele fica na nossa fronteira.”
"Isso fará com que Imirath pareça fraco e, embora não corte totalmente a rota comercial deles, complicará as coisas", Ryder supõe.

Cayden assente em resposta e ergue o olhar para a porta enquanto mais passos se aproximam. "Nem mais uma palavra sobre isso."
Sentamo-nos enquanto três lordes, escoltados por guardas do castelo, atravessam as portas duplas. Todos parecem ter cerca de cinquenta anos, e seus trajes ricamente coloridos, carregados de joias, criam um contraste interessante com os generais de armadura, couro e mantos. Os três homens se curvam e ocupam os assentos restantes.
"Majestades", diz o primeiro homem. Ele veste um casaco roxo e dourado com pele na gola. Observo suas feições, cabelos negros salpicados de cinza e olhos igualmente escuros. "Meu nome é Lorde Xantheus. Quem me acompanha é Lorde Caspian." Ele gesticula para o homem de pele escura vestido de vermelho. "E Lorde Drystan." Ele termina apontando para o homem magro de cabelos loiro-claros.
O olhar severo de Cayden permanece fixo em Lorde Xantheus, e reconheço sua voz. Ele era o que mais expressava seu ódio por mim... e minha pele se arrepia ao me lembrar das ameaças vis disfarçadas de riso.
Saskia pigarreia. "Como tenho certeza de que todos vocês já ouviram, o Rei Garrick está tomando uma nova esposa com a intenção de ser pai de mais filhos para desbancar a Rainha Elowen como herdeira. Isso agora se tornou uma guerra de sucessão. Elowen é sua primogênita, e o trono é dela por direito.
"Mas Sua Majestade não é um filho. Se o Rei Garrick conseguir ter um filho antes do fim da guerra, muitos apoiarão sua reivindicação, mesmo sendo um bebê", diz Drystan com a voz anasalada. "Quais são os planos para a criança ou crianças se nascerem antes do fim da guerra?"
“Eles serão bem-vindos em nossa casa”, afirmo.
Drystan não deve entender meu tom, pois continua: "Eles seriam descendentes de Garrick Atarah. Todos os seus descendentes deveriam ser massacrados."
Meus dedos apertam o braço da cadeira. Não tenho dúvidas de que ele me inclui nessa declaração, e a ideia de crianças — *inocentes* — sendo assassinadas por ganho político me enoja. Se não consigo manter um trono sem recorrer a uma carnificina irracional, então não mereço estar nele.
"Cuidado com a língua, Drystan", Cayden diz em voz baixa, sem se dirigir ao homem pelo seu título próprio. "Da próxima vez que você falar do sangue que corre nas veias da Rainha Elowen, eu o jogarei desta torre. Se ela estiver se sentindo misericordiosa, pode enviar um dragão para resgatá-lo antes que você caia no chão, mas deixo isso por conta dela."
As bochechas de Drystan ficam vermelhas, e ele acena para um criado servir seu vinho. "Não tive a intenção de ofender Sua Majestade."
Xantheus fala em seguida, interrompendo em um tom muito mais animado. "Muitos especulam que há um motivo alternativo para o casamento apressado. Podemos esperar que um herdeiro nasça nos próximos meses?"
"Você pode ter esperança, mas isso não se realizará", respondo. "Tenho batalhas para travar e não trarei uma criança para um reino devastado pela guerra."
"Os dragões não foram testados. O que Vareveth precisa é de um herdeiro, não de uma rainha partindo para a batalha e potencialmente morrendo no processo."
"Eu não sabia que você era tão a par das necessidades de Vareveth." Eu o encaro, incitando-o a se encolher em seu assento. "Eu terei o trono de Imirath e a cabeça

de Garrick Atarah, e não conseguirei nenhum dos dois sentado em um castelo. A próxima pessoa a insinuar meu lugar está no no chão ou na cama de parto vão se arrepender. Mas eu deveria agradecer pela preocupação. Se algum de vocês estiver realmente preocupado com as capacidades dos meus dragões, eu os encorajo a enfrentá-los pessoalmente e ver como aço e carne derretem rapidamente.
"Não duvido de sua capacidade, Alteza", ele praticamente rosna, suas bochechas assumindo uma cor feia. "Sabe-se apenas que o sexo frágil é melhor mantido dentro de casa."
"E, no entanto, você demonstrou tanta bravura ao deixar a sua hoje. Eu o aplaudo." Levanto-me da cadeira, pressionando as palmas das mãos na mesa à minha frente, movendo-me sem a pressa ou a raiva que ele exala. "Seja bem-vindo para tentar tirar a coroa da minha cabeça caso sucumba à estupidez que corre em suas veias como uma doença. Saque sua espada e veja qual de nós sai vitorioso do duelo."
Seus olhos brilham para todos os presentes, exceto seus companheiros lordes. Mãos repousam nos punhos das espadas, prontas para cortá-lo caso ele faça algum movimento contra mim. "Os outros lordes sabem onde estou e saberão quem culpar se você me matar."
"Uma das decisões mais sábias que tomei foi matar alguém que tentou me controlar." Levanto uma sobrancelha. "Fiquei muito bom nisso."
"Você não tem ideia do que te espera nesta guerra", zomba Xantheus.
"Estou preparado", afirmo calmamente, o que só o enfurece ainda mais.
"Não, não vai!" Ele se levanta tão rápido que a cadeira cai para trás e faz barulho no chão. Cayden aperta a parte de trás da minha coxa em um encorajamento silencioso.
“Eu venho me preparando para enfrentar Imirath a vida toda, e alguns navios de Thirwen não vão me deter.”
"Alguns?" Ele ri, incrédulo, cuspe voando de sua boca enquanto a veia em sua testa lateja. "Você enfrentará muito mais do que alguns."
Permaneço em silêncio, sem dizer nada, enquanto um sorriso irônico surge em meus lábios e Cayden lentamente se levanta ao meu lado. "Como você sabe disso?"
Xantheus pisca, olhando para o chão antes de lançar um olhar entre nós. "A aliança de Imirath com Thirwen é de conhecimento público."
"A magnitude da ajuda deles não é." Cayden coloca a mão nas minhas costas. "Não relatar qualquer conhecimento que você tenha sobre os movimentos de um inimigo é traição."
“Não tenho nenhum conhecimento.”
“Você negocia com vários nobres de Thirwen e escreve para eles regularmente.”
"Você está me seguindo?", ele rosna. "Sou leal a Vareveth! Sempre fui leal a Vareveth!"
"Você é leal ao seu lucro", responde Cayden enquanto enfia a mão no bolso para tirar a carta que traçou no escritório de Xantheus, observando o horror tomar conta do rosto do homem enquanto ele balança a cabeça em descrença. "Eu lhe concedi a cortesia de uma advertência, um privilégio que não distribuo regularmente, e você o desperdiçou."

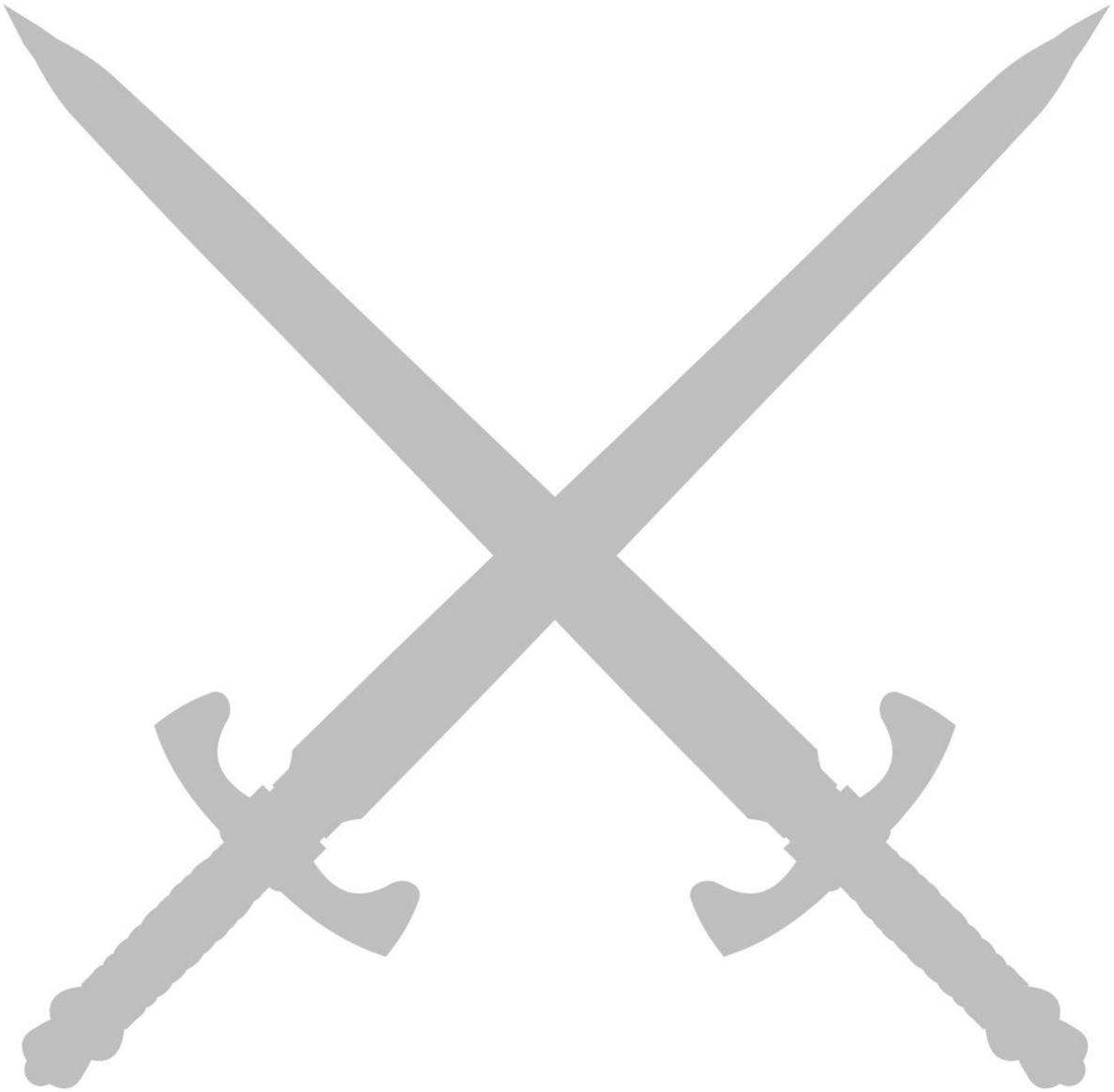
"Não", ele murmura, cambaleando desleixadamente em direção à porta para escapar, mas os guardas do castelo cruzam suas lanças. "Não! Você me roubou! Ninguém na minha casa me trairia. Você não passa de um ladrãozinho de favela!"
"Melhor um ladrão da favela do que um lorde com poucos minutos de vida", diz Cayden enquanto gesticula para que os guardas devolvam Xantheus ao seu lugar. Ele se vira para mim. "Aso es tesis tasuri nunti cytore vos?" *Quem é o homem que te ameaçou?*
"O que ele está dizendo?", pergunta Xantheus, enquanto os outros dois lordes parecem igualmente assustados. Cayden é imprevisível e implacável. Ele tem a mesma probabilidade de esfaquear alguém pelas costas quanto de olhar nos olhos da pessoa. Embora todos estivessem presentes durante o banquete, é da voz de Lorde Drystan que me lembro.
Dou um sorriso irônico enquanto respondo a Cayden na língua antiga, só para deixá-los ainda mais nervosos. "Tesis sosta addi." *O pequeno.*
"Por vos, mia sirantia", diz Cayden enquanto empurra a cadeira para trás e enfia as mãos nos bolsos enquanto caminha ao redor da mesa. *"Por vos"* se traduz em " *para você"*, mas, para minha consternação, ainda não sei o que *sirantia* significa. Tenho certeza de que poderia perguntar à Asena, mas quero descobrir sozinha. Seja lá o que for, ele adicionou " *meu"* antes.
Nenhum deles ousa se mover. Eles mal respiram enquanto Cayden Botas batem lentamente no chão. Gemidos escapam de seus lábios selados. Recupero meu lugar, recostando-me e apoiando o queixo na mão enquanto assisto ao espetáculo.
"Seus servos são muito mais acessíveis quando se trata de relatar traição." Ele para atrás deles e lentamente desembainha a espada, deixando o aço cantar até que a sala fique em silêncio novamente. E então ele se move, atacando com a rapidez de uma víbora enquanto agarra os cabelos loiros de Drystan e bate sua cabeça contra a mesa, colocando o punho da espada sob seu olho. Seu grito ecoa pelo ar enquanto Cayden puxa a cabeça para cima. Sangue escorre de sua órbita ocular, respingando na mesa e se misturando às suas lágrimas. Xantheus e Caspian tentam fugir novamente, mas são contidos pelos guardas na porta enquanto imploram e imploram. "Você achou que não haveria retribuição depois que disse que dobraria minha mulher sobre uma mesa enquanto seus amigos assistiam você profaná-la?"
Ele aperta a mão no cabelo de Drystan, fazendo-o gritar ainda mais alto. "Agora eles vão assistir enquanto eu demonstro o que acontece com aqueles que ameaçam minha rainha."
Ele o atinge com força suficiente entre as omoplatas para que um estalo ecoe pelo espaço, misturando-se às chamas que estalam na lareira e inspirando o mesmo calor em mim. Drystan cai para a frente. Sua bochecha pressiona a mesa, inteiramente à mercê de Cayden, enquanto ele lentamente enfia a espada entre as costelas de Drystan. O homem se debate e cospe sangue. O rosto de Cayden está tomado pela vingança e sem um pingo de piedade enquanto ele olha para o lorde morto, seu corpo na mesma posição em que ele brincou sobre me colocar.
Ele limpa a lâmina nas roupas caras de Drystan antes de embainhá-la e olhar para os dois restantes. "Peguem-nos e prendam uma gaiola ao cavalo do General

Braxton. Vamos cavalgar juntos."

Capítulo

TRINTA E DOIS

Cayden



E o tempo que fazemos

Para a parte mais rica de Vareveth, uma multidão de cidadãos e soldados segue nas sombras dos dragões de Elowen. Todos os lordes vivem em grandes propriedades fora dos limites da cidade, mas enviei um batalhão de

soldados à frente para escoltar os lordes restantes e seus herdeiros até um campo aberto ao longo da estrada principal que serpenteia por quilômetros pelo interior. O plano de Elowen funcionou. Parece que os cidadãos são mais sanguinários do que qualquer um de nós, gritando insultos e pedindo cabeças enquanto desço do cavalo e destranco a jaula de Xantheus. Agarro suas pesadas correntes com o punho, desviando de sua saliva, e o puxo para frente para que todos os outros lordes vejam.
"Não, espere!", ele grita, perdendo todo o traço da breve centelha de rebelião. "Eu não pensei em nada sobre a carta. Eu a teria entregue a você se soubesse."
Continuo arrastando-o atrás de mim enquanto ele desaba, sujando suas roupas finas e entrando em histeria. O cheiro forte de urina invade meus sentidos, e não escondo minha repulsa ao olhar para ele. Sorin pousa e se inclina perto do chão para que Elowen consiga deslizar, mas não retorna aos céus onde os outros circulam. Mantém a cabeça baixa enquanto mostra as presas, posicionando as garras dianteiras de cada lado de Elowen.
Levanto a mão para silenciar a multidão antes de falar. "Senhores de Vareveth, trago um traidor para o meio de vocês. Ele havia escrito informações de um inimigo que ele não revelou. Se eu não tivesse sido avisado, inúmeras vidas de Vareveth poderiam ter sido perdidas. A multidão está em alvoroço novamente, clamando por sua morte enquanto Xantheus implora por ajuda aos amigos. "Quem é o herdeiro dele?"
"Sim, senhor." Um homem que parece ter mais ou menos a minha idade se aproxima e se ajoelha. Suas roupas são mais simples que as do pai, mas ainda assim extravagantes. "Renovo meu juramento à coroa e denuncio meu pai por seus crimes. O senhor é o único e verdadeiro rei de Vareveth por direito de conquista."
“Você não é meu filho”, zomba Xantheus.
O filho ergue os olhos lentamente, com o desgosto estampado no rosto. "Graças aos deuses por isso."
Concordo com a cabeça, aceitando seu juramento renovado. Ele se levanta, oferece uma reverência a Elowen antes de tomar seu lugar ao lado de uma mulher grávida que presumo ser sua esposa, apoiando a mão em sua barriga para acalmá-la. Ela parece à beira das lágrimas enquanto agarra as lapelas de seu casaco. Não me importa se ele renovou seu juramento por verdadeira lealdade a Vareveth ou por ódio ao pai. Suas emoções importam pouco, desde que sua promessa seja cumprida, mas eu o respeitaria mais se ele renovasse o juramento para ver seu filho crescer.
“Leve-a para casa, Senhor…”
"Sillas, meu rei." Ele me dá um aceno agradecido, e sua esposa sorri timidamente. Observo enquanto ele pressiona a mão em suas costas e a acompanha até uma carruagem. Uma pequena parte de mim inveja o fato de que eles voltarão para suas vidas normais. Que Sillas não terá que levar sua esposa para a guerra. Meu caminho foi determinado anos antes de conhecer Elowen, quando eu não tinha nada a perder, e agora devo lutar por uma vida que não estou disposto a sacrificar.
"Condeno Lorde Xantheus à morte por seus crimes, juntamente com Lorde Caspian por sua cumplicidade. Lorde Drystan encontrou seu fim em meu castelo

por ameaças feitas à sua rainha." Ryder conduz Caspian para a frente enquanto Finnian arrasta o cadáver de Drystan, descartando-o na grama sem se importar.
Os senhores à minha frente sabiamente permanecem em silêncio enquanto eu desembainho a faca da minha coxa e me viro para Xantheus, forçando sua boca a abrir Pressiono meus dedos em suas bochechas. "Eu te disse para manter o nome da minha mulher fora da sua boca, porra." Corto sua língua para fora, deixando o pedaço de carne bater na grama e uso seu cabelo para mantê-lo no lugar enquanto ele se debate e grita. Aperto meu abraço, imaginando as coisas que ele disse sobre Elowen que Ryder não repetiria. Ela me disse o suficiente, mas não conseguia terminar tudo sem que o desgosto a dominasse. Eu não preciso saber de tudo; só preciso removê-lo deste mundo como punição. "Os deuses já deixaram você viver o suficiente, e estou aqui para remediar o erro deles."
Corto seu pescoço, salpicando minhas botas de sangue e me afasto para derrubá-lo enquanto ele se engasga. O corte não foi profundo o suficiente para matá-lo instantaneamente. Seria fácil demais. Quero que ele sofra. Mantendo minha faca ensanguentada na mão, executo Caspian enquanto passo por ele.
Elowen passa por cima do corpo de Lorde Xantheus como se ele não passasse de um galho caído e se dirige à nobreza que o observa: "Renovem seus juramentos à coroa ou recusem e morram."
Seis dos nove lordes e herdeiros restantes caem de joelhos, alguns parecendo mais felizes do que outros. Continuarei monitorando a situação, mas não faz sentido matar todos eles. O filho de Lorde Caspian dobra o joelho, declarando sua lealdade, mas o filho de Drystan permanece de pé, apesar de tremer mais do que o pai.
"Prendam-nos", ordena Elowen a alguns de nossos soldados. Eles reagem instantaneamente, separando os traidores de suas famílias. A maioria deles permanece impassível enquanto dobra os joelhos, observando seus patriarcas serem escoltados até uma parte vazia do campo. Os olhos de Elowen brilham dourados enquanto as chamas de Sorin os engolfam. Gritos lancinantes ecoam por toda a área até que se silenciem, deixando para trás grama queimada e o cheiro de carne queimada.
Sorin vira a cabeça na direção daqueles ajoelhados diante de nós, soltando um rugido que faz com que se encolham e puxem seus entes queridos para mais perto. Uma vez satisfeito com o terror, ele olha para Elowen uma vez e se junta aos outros no céu.
“É um resultado melhor do que eu esperava”, comenta Elowen.
“Um dragão grande certamente ajuda.”
Os olhos de Elowen brilham sempre que ela olha para eles, como se fossem as coisas mais preciosas do mundo. "É isso mesmo."
A imagem de Lorde Sillas e sua esposa conseguindo fugir e viver uma vida normal ainda está gravada em minha mente, e uma sensação de queimação inunda meu peito. Eu jamais poderia deixar os crimes cometidos contra Elowen impunes. Terei minha vingança pelas cicatrizes esculpidas em sua mente e pulsos. O inevitável nos cercou desde o momento em que nos conhecemos, mas preciso assumir o controle desta narrativa antes que outros reinos tentem fazer dela uma fraqueza.
Viro-me para a multidão de cidadãos e soldados que nos seguiu desde Verendus,

pronto para lhes dirigir a palavra, apesar de não ser muito dado a discursos. Minhas vitórias sempre falaram por si, mas, como rei, preciso fazer mais.
Tudo o que eu precisava dizer foi comunicado através de sangue e lâminas, mas naquela época eu só me preocupava comigo mesma. Não porque eu tivesse uma vida grandiosa planejada ou a visão de um futuro, mas porque eu me alimentava de ódio e o usava como fonte de vida. As coisas são diferentes agora... pela primeira vez na minha vida, eu quero um futuro. Eu realmente não sei como ele é, mas Elowen está lá e eu não me interesso por nenhuma versão da realidade sem ela.
Viro-me para a multidão, elevando a voz acima da exigência por mais sangue. "Querem sangue? Voltem suas espadas contra Imirath, não contra aqueles dentro do nosso reino. Enfraquecer Vareveth não fará nada além de dar a Garrick Atarah o que ele quer." Espadas são desembainhadas e erguidas acima da multidão. "Vocês não cedem! Vocês não vacilam! Não demonstrem misericórdia e coloquem sua rainha no trono de Imirath!" Desembainho minha lâmina para imitar suas ações. "À guerra!"
“À guerra!”, a multidão ecoa em um volume ensurdecedor.

Capítulo

TRINTA E TRÊS

Elowen

"S "topo brilhando," eu sibilo.

"Este é apenas o meu rosto."

"Você está fazendo questão de encarar qualquer homem que esteja por perto."

"Quando, por favor, você me viu não fazer isso?" Cayden equilibra um cigarro entre os lábios, e eu ignoro suas palavras e o choque que elas me causam quando

ele levanta meu capuz para me proteger do vento.
Finnian pega outro pãozinho de mel na cesta presa no meu braço, come metade de uma só vez e joga a cabeça para trás enquanto geme. "Ainda acho que você deveria abrir uma padaria quando a guerra acabar."
"Você será meu provador em troca de novas facas quando assumir o lugar de Blade."
"Combinado." Ele passa o braço por cima dos meus ombros, aconchegando-me ao seu lado enquanto subimos a colina que leva ao local onde a maioria dos habitantes de Aestilian se instalou. Casas de pedra cobertas de neve ladeiam a estrada, com as persianas abertas e a fumaça saindo das chaminés. Crianças jogam bolas de neve, algumas chegando a subir em árvores para ter uma vista mais alta, enquanto adultos, enterrados em cobertores, tomam canecas fumegantes nas varandas.
"Rainha Elowen!", grita um garotinho, saltando em minha direção com suas perninhas. Ele está envolto em um casaco duas vezes maior que ele. Eu me agacho e abro os braços para ele pouco antes de ele se chocar contra o meu corpo.
“Olá, Ollie.”
Há dois anos, eu estava viajando pela Floresta Terrwyn durante uma tempestade terrível quando o encontrei. A chuva estava tão forte que eu mal conseguia ver minha mão na frente do rosto e procurei abrigo no que pensei ser uma casa vazia dentro de uma das vilas sem nome. Mas Ollie estava lá, faminto, congelando e chorando em frente a uma lareira que ele não sabia como acender. Seus pais o abandonaram, alegando vários dias antes que voltariam do mercado em algumas horas. Eu o trouxe para minha casa para fazer sopa e chá antes de levá-lo ao orfanato. Ele se adaptou às outras crianças rapidamente, e seu sorriso é algo pelo qual sempre serei grato. Ele provavelmente tem uns seis anos agora, mas não sabia sua data de nascimento, então isso é apenas um palpite.
“Você cresceu desde a última vez que te vi.”
"Três centímetros", ele afirma com orgulho, passando os dedos pelos meus cachos como fazia quando eu o carregava no cavalo. Ele tem sardas na ponta do nariz afilado e cabelos loiros cacheados. Seus olhos castanhos se voltam para Cayden, e ele inclina a cabeça. "Ele é seu marido? Todo mundo fica dizendo que você é casada agora."
"Sim", diz Cayden, ao mesmo tempo em que eu digo: "Não". Olho para ele por cima do ombro. "Vamos nos casar em alguns dias, e você é mais do que bem-vindo para comparecer com Lady Marigold e as outras crianças."
Ele sorri como se eu tivesse acabado de dizer que o sol nunca vai parar de brilhar. "Vai ter muita comida?"
"Mais do que você imagina", sussurro como se fosse um segredo, e seus olhos brilham quando pego minha cesta. "E eu fiz o seu favorito."
Ele grita, pulando no lugar quando lhe entrego o pãozinho de canela, amassando-o um pouco quando o segura contra o peito. Seu pequeno ataque de dança o coloca bem na frente de Cayden, que olha para Ollie como se fosse de outra espécie, enquanto Ollie o encara com os olhos arregalados.
"É verdade que você bebe sangue?" ele pergunta inocentemente, e a risada de Finnian voa livremente.

"Sim."
"Não!", exclamo enquanto outras crianças começam a me cercar, e abaixo a cesta para que elas escolham o doce que quiserem. Ollie continua olhando fixamente, e Finnian continua a vibrar com risadinhas mal contidas.
"Sim?" Cayden ergue uma sobrancelha e se dirige a Finnian por cima da minha cabeça. "O que eu faço com isso?"
"Ah, Ryder vai se arrepender de ter perdido isso", murmura Finnian, dando um passo à frente para cumprimentar as crianças.
"Quantas pessoas você matou?", pergunta Ollie.
"Até que ponto você consegue contar?", responde Cayden.
Ollie franze as sobrancelhas, contando nos dedos em silêncio. "Cento e sete."
"Vamos nessa." Cayden me olha em busca de ajuda, parecendo mais desconfortável do que nunca. Olho para Finnian, incapaz de controlar o riso. Há meses, Ollie diz que quer ser soldado, e as vitórias de Cayden não são segredo.
"Eu nunca gostei dos homens que andavam com Elowen. Bom, alguns eram legais, eu acho." Ele mexe no botão do paletó. "Finnian é o melhor. Todo mundo sabe que ela ama Finnian."
“Você está certo, homenzinho”, Finnian grita.
Os olhos de Cayden brilham ao ouvir isso, e ele se abaixa até a altura de Ollie. "Você se lembra dos nomes deles?"
"Certo!", exclamo, e me coloco entre os dois, tirando a cesta do meu braço. "Ollie, posso confiar em você para levar isso para Lady Marigold para garantir que todas as crianças ganhem uma?"
Ele estufa o peito o máximo que pode. "Claro."
"Você é o soldadinho mais corajoso." Bagunço seus cabelos, deslizando-os em seu braço enquanto ele se vira de volta para o orfanato. Ele dá apenas alguns passos antes que Cayden o chame, passando por mim enquanto enfia a mão no bolso para pegar algumas moedas.
"Tem uma loja de doces ali na rua. Não vá sem um adulto", Cayden fala sem emoção, como se estivesse dando ordens a um soldado, mas acho que Ollie gosta. Ele assente, erguendo o queixo e, em vez de correr, marcha. Cayden se vira para mim, a confusão ainda evidente em seu rosto. "Ele é uma criança estranha."
"Mhmm." Seguro seu braço estendido. "Está planejando incluí-lo na sua rede de espionagem?"
"Ele fala demais para ser um espião." Ele revira os olhos. "E, além disso, não me importa quem está no seu passado; eu sou o único no seu futuro." Levanto as sobrancelhas antes que ele continue: "Contanto que não respirem perto de você ou pensem em você."
"Cayden, eu queria te contar uma coisa", diz Finnian, nos alcançando enquanto eu paro em algumas barracas de vendedores ambulantes, entregando algumas moedas em troca de uma lata de biscoitos que acho que Ryder vai gostar, e algumas contas de ouro para Saskia trançar no cabelo. "O exército estiliano é treinado para pegar os inimigos de surpresa, e acho que eles podem ser úteis na batalha que se aproxima."
"A decisão é sua", responde Cayden enquanto entramos na loja de Blade. Armas habilmente trabalhadas decoram as paredes: martelos de guerra, machados,

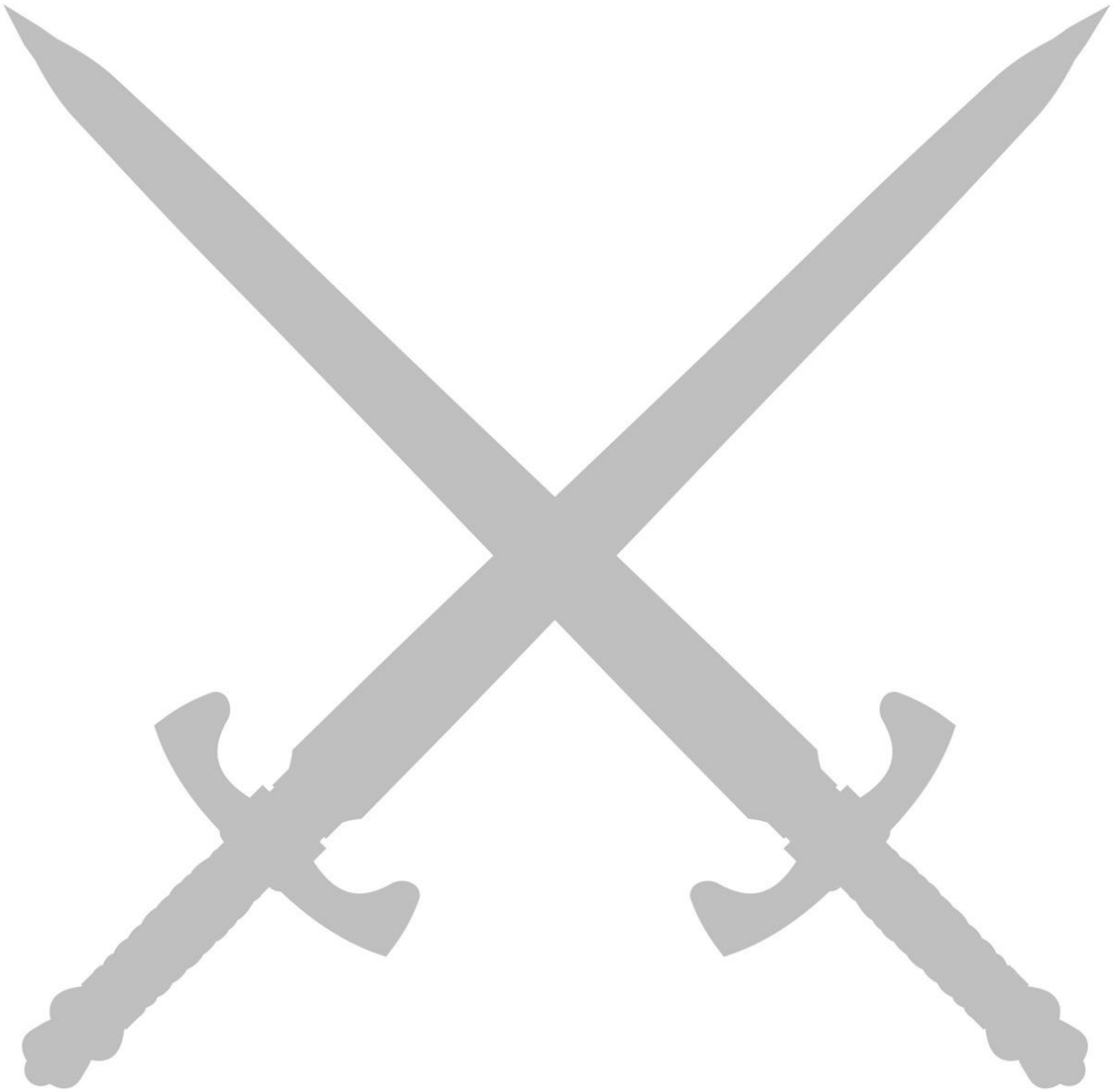
foices, espadas e muito mais. O cheiro é de fumaça e aço, mas me traz conforto.
"Se você me der uma lista de soldados, posso providenciar um navio para eles."
Finnian parece surpreso. "Essa foi fácil."
Cayden o examina atentamente. Finjo estar absorto em uma seleção de facas enquanto Blade recupera meu pedido, tendo notado minha presença no momento em que cruzei a porta. "Tome uma decisão, não peça permissão. Um exército é tão firme quanto seu comandante. Você sempre estará à beira do caos e do controle com seu exército. Nunca perca este último e saiba quando utilizar o primeiro."
Finnian assente, ficando um pouco mais alto do que antes, e meu coração dispara. Finnian não se dá o devido crédito por sua inteligência. Compro uma nova proteção de pulso para ele se proteger quando atira, que ele veste com entusiasmo antes de se aproximar de mim para falar com Blade. Cayden me acompanha até o beco ao lado da loja e coloco duas pequenas bolsas em sua mão.
"Quem são esses?"
“Presentes.”
"Para o casamento? Já estou ganhando tudo o que quero."
"Não." Fecho os dedos dele em volta do anel. "Você não me contou que seu aniversário já tinha passado, então o vermelho é para compensar, e o azul é só porque sim."
Suas sobrancelhas se franzem enquanto ele as olha, e me pergunto se alguém já lhe comprou algo só porque o lembrou dele. Percebendo que ele mesmo não fará isso, desdobro seus dedos e abro a primeira bolsa, tirando um anel de sinete de ouro com o brasão da Casa Veles no centro. Depois de tudo o que ele me revelou sobre seu passado, eu queria que ele tivesse algo que pudesse usar todos os dias para se lembrar de que tem um lar onde é querido. Ele continua imóvel, então abro a segunda e a coloco na palma da mão dele. O pingente de ponta de flecha de obsidiana e a corrente de ouro brilham ao sol, assim como o pequeno brinco de argola de ouro para combinar.
“Você me compra presentes o tempo todo”, eu digo, tentando acordá-lo do seu transe.
"Isso é diferente."
“Não, não é.”
"Você merece coisas boas, e eu quero te dar." É a maneira como ele diz as palavras que me faz parar. São totalmente sinceras, como se ele não considerasse que também merece coisas boas.
Ele pisca lentamente, e meu pulso acelera. "Obsidiana é uma pedra associada à proteção, e ainda me lembro da flecha que você atirou para mim quando me encontrou na floresta, antes de viajarmos para o templo." Seus olhos se voltam para os meus quando destravo o fecho da corrente e a prendo em seu pescoço, de modo que fique um pouco mais abaixo do que a outra corrente que ele sempre usa. "E a argola é porque notei que sua orelha direita é furada, mas você nunca usa nada nela."
Ele sorri, seus olhos ficando mais claros. "Já te contei por que minha orelha é furada?" Balanço a cabeça. "Perdi uma aposta para o Ryder quando éramos adolescentes. Estávamos bêbados pra caramba e apostei com ele que conseguiria

roubar uma faca de um guarda sem ser notado."
"Ai, deuses." Cubro a boca com a mão. "O que aconteceu?"
“Eu roubei a faca e fugi, mas chutar o pobre coitado nas bolas definitivamente me fez ser notado.” Ele pressiona seus lábios contra meus testa enquanto apoio as mãos em seu peito para rir, imaginando uma versão mais jovem dele caminhando em direção a um guarda com uma confiança avassaladora. "Obrigada, querida."
Ele o enfia na orelha, e eu me forço a desviar o olhar de quão bonito ele é. Eu o desvio enquanto Finnian sai da loja, precisando usar o ar frio para molhar minhas bochechas queimadas enquanto seu olhar perfura a parte de trás da minha cabeça. As placas brilhantes ao longo da rua balançam ao vento nevado, e fogueiras são acesas a cada poucos metros para dar aos cidadãos a chance de aquecer as mãos nas covas de pedra. Paramos em uma barraca de rua para comprar chocolate quente com gosto de mágica, e o aroma de nozes caramelizadas torradas me faz respirar fundo.
"Nyrinn!", grito, avistando a mulher que eu procurava. Ela para no mesmo instante e seu rosto se abre num sorriso encantador ao me ver. Ela me encontra no meio da rua. "Como você está se adaptando?"
"Melhor do que eu esperava. Já estive na sua casa na Healer's Row, e é linda. Voltarei mais tarde, mas tive que terminar algumas visitas."
Fico feliz que ela esteja usando a residência. Eu adoraria voltar para lá, mas há muitas coisas para resolver agora. Quando as coisas se acalmarem, talvez ela me aceite como aprendiz novamente. "Se tiver tempo, quero convidá-la para o meu banquete de casamento. Posso enviar o General Braxton para escoltá-la até o castelo."
Suas bochechas coram um pouco, e ela agarra a frente da capa. "General Braxton? Ele é o alto com os olhos âmbar?"
Torço os lábios para esconder o sorriso irônico. "É esse mesmo."
Nyrinn não olhou para um homem desde que chegou a Aestilian. Aliás, ela não olhou para ninguém, mas eu vi seus olhos escuros o seguindo enquanto ele me protegia. Braxton é um homem de boa aparência, com um queixo afilado e ombros largos, afiados por anos empunhando uma espada.
"Claro que sim." Ela olha para Cayden por cima do meu ombro. "Seja bom com a minha garota."
"Eu juro", Cayden responde calmamente.

Capítulo

TRINTA E QUATRO

Cayden



BSINOS NA TORRE

Enquanto carruagens douradas deslizam pela estrada que leva ao círculo em frente ao castelo. Os convidados sobem os degraus, enfeitados com trajes elaborados de tons ricos e tecidos esvoaçantes. Enfio as mãos nos bolsos e me

encosto na janela com vista para Verendus. Até onde a vista alcança, as ruas estão cobertas por fileiras de flores azuis claras e escuras. Suas pétalas caídas salpicam os paralelepípedos. A cidade está cheia de gente se deleitando com a alegria do casamento real.
Um grupo de seis soldados montados em cavalos brancos lidera o caminho de uma decadente carruagem prateada e branca. Os dois primeiros cavaleiros carregam os estandartes da Casa Duskbane: um lobo prateado rosnando, bordado em tecido cinza-escuro. Um escudeiro anuncia a realeza e abre a porta para o Rei Lycidias e a Rainha Nasha. Ela se parece com Cordélia. As irmãs compartilham a mesma pele morena escura, mas o cabelo de Nasha é tão preto que absorve a luz do sol ao seu redor. Lycidias contrasta fortemente com a pele pálida e o cabelo branco curto preso na nuca.
"Eu sabia que te encontraria escondido da multidão", diz Ryder, caminhando pelo corredor e imitando minha posição do outro lado da janela. "Você acha que eles vão ser um problema?"
“Não com cinco dragões voando acima e meu exército os cercando.”
Como se tivesse sido convocado, Sorin mergulha na frente do castelo e dos convidados Eles erguem a cabeça em direção ao céu para ver suas escamas verdes em plena exibição e suas asas abertas. Uma mistura de admiração, admiração e medo cobre seus rostos. Soldados se reúnem em torno da realeza, apesar de saberem que aço não é nada comparado ao fogo de dragão. É uma prova de sua lealdade, eu admito.
"O fato de eles estarem aqui é um sinal positivo." Ryder tira um cantil do bolso interno do paletó e toma um gole antes de me entregar. "Eles estão reconhecendo publicamente a transferência de poder em Vareveth, apesar de ter sido resultado de um ato de traição. Isso fortalece sua reivindicação ao trono aos olhos de outros reinos."
Tomo um gole, sabendo que o veneno escolhido por Ryder também é uísque, e giro o anel de sinete em meu dedo.
"Não faz mal que ele tenha a aparência ideal", diz Saskia, deslizando pelo corredor em seu vestido azul-escuro e dourado, completo com saias e mangas dramáticas que envolvem seus dedos médios. Ela entrelaçou as contas que Elowen comprou no mercado no cabelo e afastou a maior parte do rosto, deixando duas tranças para emoldurar suas feições. Seus olhos se voltam para a coroa dourada no topo da minha cabeça com o símbolo da Casa Veles no centro, brilhando de orgulho.
Ryder e Saskia são a coisa mais próxima que tenho de uma família. Antes deles, eu não tinha absolutamente nada neste mundo e ninguém para se importar se eu morresse. Ryder amava a vida o suficiente para me lembrar que eu era humano, e Saskia estava sempre lá para nos controlar quando éramos muito imprudentes. Nos tornamos uma unidade, unidos por nada mais do que a necessidade de sobreviver, e percebemos que em algum momento começamos a nos oferecer costas uns aos outros para enfrentar o mundo.
Eles começaram a me chamar de irmão antes que eu os visse como algo mais do que um fardo e esperasse que eu me entendesse. Graças a Deus que consegui.
"Seja feliz hoje, Cayden. Pelo bem de vocês dois", sussurra Saskia.
Ryder assente, pigarreando. Uma emoção silenciosa transparece em seus olhos

enquanto estende a mão, um gesto que fazemos antes de cada batalha, um símbolo de que enfrentaremos qualquer coisa que vier ao lado um do outro. Agarro seu antebraço, e ele se aproxima para me dar um tapinha nas costas enquanto aperto o braço de Saskia. ombro com a outra mão. É o meu limite quando se trata de demonstrar afeto.
“Ela está perto do lago”, diz Saskia.
Arqueio uma sobrancelha em resposta. Tentei ver Elowen mais cedo e Saskia ameaçou arrancar meus olhos com uma colher se eu a visse antes da cerimônia. "Apesar dos meus comentários anteriores, acho que seria benéfico para ela te ver."
Estou correndo pelo corredor antes mesmo que ela termine a frase, e a risada de Ryder me segue escadaria de pedra em espiral. Meu coração bate forte contra as costelas e a expectativa faz meu peito ficar tão apertado que estalaria se eu o tocasse. Os servos que circulam pelo castelo me dão um amplo espaço enquanto preparam os aposentos para os convidados e o banquete. Ajeito minha capa antes de abrir a porta de vidro que dá para o lago.
O sol brilha na superfície e banha as montanhas e a floresta cobertas de neve. Elowen está parada na beira da costa gelada, observando seus dragões girarem no ar. A ideia de salvação no submundo é uma zombaria agora que a tenho à vista, sabendo que não há nada mais doce do que esta mulher, nada que venha depois disso que possa se comparar.
O vento traz seu perfume floral em minha direção, e eu o inalo como uma droga, deixando a euforia de sua presença me envolver. Seus cachos são perfeitamente estruturados e adornados com joias azuis brilhantes, e seu vestido deixa seus ombros nus e é feito de uma mistura de renda e seda tão delicada que é como água fluindo ao seu redor. Ele brilha como se a luz das estrelas estivesse entrelaçada nele. A cauda e a bainha dramáticas são bordadas com delicadas videiras douradas pontilhadas com pequenas flores azuis, e dois dragões bordados decoram a parte de trás de seus braços, combinando com as flores em suas saias amplas.
Seus ombros se enrijecem ao ser alertada da minha presença, mas ela ainda não me encara. "Acredita-se que ver a noiva antes do casamento dá azar."
Meu pulso acelera a ponto de não conseguir formar palavras enquanto ela se vira. Uma onda de adoração me atinge com tanta força que meu Os joelhos fraquejam. É um milagre eu continuar de pé. Elowen é a hera que me consome. Suas videiras são fortes e se agarram a mim, como fazem há anos, mas agora ela não está apenas envolvida em minha mente, mas também incrustada na alma que eu não sabia que tinha até conhecê-la.
Deus, estou tão apaixonado por ela.
" *Você.* " Balanço a cabeça, meus dedos alcançando sua bochecha, mas sem nunca tocá-la. "Não há palavras, Elowen, para descrever o quão linda você é."
Não reconheço minha voz, esse tom gutural e ofegante.
Seus olhos castanhos, levemente delineados em preto, brilham de emoção enquanto ela me absorve. A frente do vestido é ainda mais bonita que as costas, com renda aparecendo acima do corpete para embelezar os seios, com uma safira estrela entre eles. Seu vestido é uma mistura de elementos dracônicos e celestiais, todos confeccionados nas cores da nossa casa. As contas douradas em

seu corpete e quadris são tão pequenas que me surpreende que o sangue não manche o tecido, considerando o tempo e o trabalho que deve ter levado para criá-lo. Um tecido azul-escuro transparente escorre pelas mangas divididas e cai elegantemente nas laterais, pontilhado com mais contas douradas que lembram estrelas.
Em vez da coroa tradicional, ela usa o diadema dourado que lhe enviei esta manhã. Ele repousa sobre sua testa, com várias safiras em forma de lágrima e pedras da lua azuis brilhantes ao longo da elaborada faixa. Cinco correntes finas pendem da parte de trás, todas com um dragão no centro. As mechas da frente de seu cabelo estão trançadas para trás com pequenas flores entrelaçadas, e fico feliz que um véu não cubra seu rosto; em vez disso, um tecido dourado translúcido pende de duas correntes na parte de trás de sua cabeça, adornadas com as mesmas joias azuis que decoram seu cabelo.
"Estou convencida de que você não é real." Balanço a cabeça, erguendo o queixo dela para encostar minha testa na dela. "Você deve ser fruto da minha imaginação, porque nada tão perfeito quanto você poderia existir em um lugar tão miserável quanto este mundo." Ela me dá uma risada lacrimosa e pisca rapidamente. Afasto os cachos dos seus ombros e desço os dedos pela coluna do seu pescoço. É um sacrilégio para a minha mão, manchada além da redenção, tocar algo tão divino quanto ela. "E se eu estiver... morto, e esta é a vida após a morte, então matarei qualquer criatura que vier me arrastar para longe de você quando o universo perceber que não fiz nada na vida para merecer isso."
"Você encontrou", ela sussurra, erguendo a mão trêmula para acariciar minha bochecha. "Você me encontrou. Você me procurou desde os sete anos de idade e conquistou um lugar para mim neste *mundo miserável*. Um dia você vai perceber que merece a felicidade."
Xinguei novamente. A distância entre nós é a menor possível sem amassar o vestido dela, e ainda assim é longe demais. Apontando com o queixo para o lugar abaixo do penhasco onde nossos convidados aguardam, pergunto: "Está pronta para isso?"
"Estou sim." Ela solta um suspiro trêmulo, acenando com a cabeça para mim. "Estou melhor agora. Era só o nervosismo de pensar na multidão."
Aperto a mão na base do seu pescoço. "Fique com esses olhos lindos em mim. Essas pessoas não significam nada. Somos só nós dois, meu anjo."
Meu amor.
Minha esposa.
Meu Elowen.

Capítulo

TRINTA E CINCO

Elowen

UMA MISTURA ANGELICAL DE CORDAS

A música me carrega pela floresta montanhosa, sinalizando que é hora de começar a procissão até a clareira. O castelo no topo da montanha parece ainda mais impressionante visto da base. As torres são tão altas que beijam as nuvens. Aperto o braço de Finnian com mais força enquanto passamos sob um arco de pedra branca coberto por trepadeiras de hera. Sua presença ao

meu lado me mantém calma enquanto centenas de olhares se fixam em mim, mas me forço a ignorá-los e manter os ombros retos, flutuando pelo corredor com elegância e graça. Pétalas azul-escuras são esmagadas sob meus chinelos cravejados de joias e levadas pela minha cauda dramática.

A cada passo, aproximo-me de um futuro que escolhi para mim, de uma vida que finalmente assumi o controle. Meus dragões voam acima e dançam sobre a floresta ao longe, nunca muito longe e sempre à minha vista. Como disse Saskia, este casamento não é apenas uma cerimônia, é uma declaração que soará como sinos por toda Ravaryn, uma mensagem gritada das ilhas do sul até a ponta norte de Thirwen.

Cayden é o homem mais perigoso de Ravaryn, sem possuir nenhuma magia, e inimigo do homem que me gerou. Todos aqui já ouviram as histórias da crueldade de Cayden no campo de batalha e de suas inúmeras vitórias. Não me surpreende que ele não seja abençoado pelo Deus da Guerra, mas pelo Deus da Morte, porque para onde quer que Cayden aponte sua espada, A morte o segue. Não há guerreiro como ele, ninguém nas Lendas de Ravaryn que se compare ao rei que surgiu do nada e conquistou tudo.

Se meus inimigos não quisessem enfrentar o monstro que criaram ou me ver aliar-me a outro, deveriam ter apertado minhas correntes. Fui derrotado por homens que me enfrentarão no campo de batalha, e eles se encolherão diante do poder da Casa Veles. Nasci das cinzas das fogueiras com as quais tentaram me queimar e construí um reino com minhas próprias mãos. Sou tudo o que eles nunca imaginaram que eu seria, e espero que ouçam meu nome — Elowen Veles — e olhem para o céu com um medo tão avassalador que o sintam nos ossos.

Velas pingam cera sobre a pedra negra salpicada de neve ao longo do corredor e das rochas que cercam o pequeno lago na base da cachoeira impressionante, lançando sobre Cayden um brilho dourado. Ele está com Asena e Ophir; mas tudo o que consigo ver é ele. Almas não se encontram por acaso, e quando encontrei a dele, foi como se eu tivesse encontrado algo que eu não sabia que estava faltando. Um erro havia sido corrigido. Estar com ele é como uma luz se derramando nas rachaduras escuras do meu coração, como se as próprias estrelas tivessem sido destinadas a viver em meu corpo.

Para qualquer outra pessoa, Cayden pareceria impassível onde está, em meio às chamas, e cai às suas costas, mas vejo a reverência que envolve seu olhar inabalável. Sua túnica negra é feita para parecer escamas de dragão ao longo do peito e dos braços, em homenagem a mim, e o restante de suas vestes é do mesmo rico tecido fiado à noite. O único toque de cor vem do anel de sinete em seu dedo e da coroa dourada entre suas ondas de chocolate desgrenhadas. O orgulho brilha dentro de mim enquanto nosso símbolo cintila ao sol.

Finnian para no final da nossa jornada enquanto a música atinge um crescendo e Cayden caminha em nossa direção. Os dois trocam um olhar pesado enquanto Cayden estende a mão, e Finnian a aperta antes de se inclinar para beijar minha bochecha. "Você é a noiva mais linda."

Meus olhos marejam ainda mais quando encontro seu olhar. "Eu te amo."

Ele pigarreia e acena com a cabeça, lançando um último olhar para mim enquanto entrego meu buquê para Saskia. Eles se sentam ao lado de Ryder no frente, toda enfeitada em azul, preto e dourado. A multidão reunida prende a

respiração enquanto Cayden coloca os lábios nos meus dedos, me encarando com devoção inabalável, e um frio na barriga me invade. Ele é a imagem perfeita de um homem que roubou a coroa para me ter e roubaria a deles se tentassem me levar embora. Ele me leva para mais perto da água e nos posiciona de frente um para o outro enquanto Asena inicia a cerimônia.
Bem-vindos, estimados convidados, ao Reino do Dragão e do Demônio. Estamos aqui hoje para celebrar a união de Cayden Veles, o Conquistador, o demônio de Ravaryn, destruidor de reis e criador de rainhas; e Elowen Atarah, a Rainha Dragão, a tempestade de fogo encarnada, a rainha do fogo e filha da chama, princesa e legítima herdeira do trono de Imirath.
Ophir ergue os braços, fazendo com que as grossas vestes azuis se amontoem em volta de seus cotovelos. "Os deuses estão conosco e nos concederam seu favor."
Asena esfrega as mãos antes de atirá-las em direção às velas aninhadas sob as faixas de nossas casas penduradas em ambos os lados da cachoeira, puxando o elemento das várias velas ao redor, mas nunca o suficiente para extinguir qualquer chama.
Os instrumentos de corda são substituídos por batidas graves de tambor enquanto os cultos começam a cantarolar e cantar em ravariano. Ophir se curva sobre uma laje de pedra, murmurando sobre uma tigela enquanto joga ervas nela. Olho para Cayden, sem mais conter o sorriso quando um pequeno sorriso se abre em seus lábios.
Ophir saca uma lâmina tão negra que absorve a luz do sol e a entrega a Cayden. "Com esta faca forjada nas chamas da deusa, corte a palma da sua mão esquerda como oferenda ao Deus da Água, da Morte e da Lua, e entregue voluntariamente seu sangue à tigela abençoada." Cayden obedece, e eu observo gotas carmesim despencarem na água. Então, pego a faca e faço o mesmo.
“Agora repita com a mão direita, em oferenda à Deusa das Chamas, da Vida e das Estrelas”, diz Asena, trazendo uma tigela feita de pedra vulcânica e cheia de fogo. As brasas na base chiam e os dois encaram seus elementos individuais como se fossem revelar Um grande segredo. "Por fim, vocês dois devem cortar a ponta do dedo anelar e traçar uma linha nos lábios um do outro. Esta é uma oferenda um ao outro, para selar a união."
Cayden ergue meu queixo com a outra mão, tomando cuidado para não sujar meu vestido de sangue e mantendo a voz baixa enquanto desliza o dedo pela minha boca. "Juro que minha alma jamais se separará da sua nesta vida e que a encontrarei em todas as vidas que se seguirem, não importa o mundo ou a distância, porque uma vida com você não é nem de longe suficiente. No entanto, se eu tiver a misericórdia de morrer antes de você, simplesmente segure a mão do meu cadáver e encontrarei um jeito de retornar a você, pois somente você comanda meu coração. Você tem meu nome para nos unir, minha espada para matar qualquer um que lhe deseje mal e meu corpo para protegê-la."
Pego a faca com a mão trêmula, piscando para conter as lágrimas. Mal sinto quando furo o dedo e estendo a mão para adicionar meu sangue aos seus lábios. "Juro ser sua em todas as vidas e esperar por você em todas elas. Quando minha alma entrar no submundo, não cruzarei o rio até que você me encontre novamente, porque só então conhecerei a paz. Cada parte de mim pertence a você, até os cacos quebrados, e eu nunca os quero de volta."

Afasto minha mão, sem tirar os olhos da dele enquanto Asena pede os anéis. Ryder e Saskia se aproximam, cada um entregando-nos as alianças que encomendamos um para o outro. "Estamos aqui para testemunhar a união do homem e da mulher na luz dos deuses. Olhem um para o outro e declarem os votos de Ravaryn, sabendo que estes os unirão agora e para sempre."
Cayden desliza uma aliança de ouro no meu dedo, moldada para parecer hera crescendo ao redor de uma ametista oval com pequenos diamantes. É o anel mais lindo que já vi, e a única razão pela qual consigo me controlar é saber que há centenas de pessoas nos encarando. Ele não olha para baixo enquanto deslizo sua aliança de obsidiana com safiras trituradas sobre sua tatuagem e em seu dedo. Apertamos as mãos enquanto Asena instrui e Ophir despeja a tigela abençoada na vulcânica, apagando as chamas.
“Eu me comprometo com você em um juramento que nunca poderá ser quebrado”, dizemos Em uníssono. "Eu sou seu, e você é meu, deste dia até o meu último dia. Amito evidani." *Eu sou seu.*
Um poder que nunca senti florescer em meu sangue, desabrochando como as primeiras flores da primavera. Percebo que Cayden também sente isso pelo leve traço de surpresa em seu rosto. As chamas ao nosso redor queimam mais alto, e a água corrente fica mais alta. A sensação dentro de mim fica mais forte, percorrendo-me como um raio, mas não dói. Me faz sentir *viva.*
A terra treme sob nossos pés e a atração que sinto por Cayden fica mais forte.
O canto dos cultos se torna mais poderoso.
Meu coração parece que vai explodir no peito.
Minhas palmas queimam onde nossos cortes se pressionam e o mundo ao nosso redor fica escuro.
Asena se aproxima para separar nossas mãos. Nossos cortes estão curados e não há mais sangue em nossa pele, mas em seu lugar há marcas. Redemoinhos finos e dourados percorrem meus dedos e se encontram no centro da palma como uma estrela. O mesmo desenho se reflete no dorso da minha mão e para logo acima do meu pulso. As minhas são mais delicadas que as grossas marcas pretas de Cayden, com um desenho idêntico, e as dele parecem percorrer meu nome tatuado em seu dedo.
"Você não me disse que a cerimônia nos marcaria", digo, sem reclamar. Eles são lindos.
"Não era para ser", murmura Asena, olhando para Ophir incrédula antes de soltar minha mão e se dirigir à multidão. "Uma união divina!"
“Um eclipse!” alguém grita.
"Os deuses falaram", grita Ophir. "Ser inimigo da Casa Veles é ser inimigo dos deuses."
Lembro-me do que Asena me contou sobre o Deus do Sol e da Luz — sua possessividade com dragões e seu ódio pela deusa que ela acredita ter me abençoado, e Ophir acredita que Cayden é abençoado pelo Deus da Morte, da Água e da Lua. Uma sensação de desconforto se instala em mim enquanto a luz do sol se espalha ao nosso redor novamente. Posso não adorar os deuses, mas as marcas... e o eclipse... me perturbam.
Deixo esse sentimento de lado, precisando completar a tarefa em questão com os olhos de Ravaryn em mim. Não há espaço para erros.

“Você pode beijar a noiva”, diz Ophir.
Cayden coloca as mãos nas minhas bochechas para inclinar minha cabeça para cima e pressiona seus lábios nos meus.
Deuses, como eu senti falta disso.
Ele embala meu rosto como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo e me beija como se ansiasse por provar minha alma. A multidão aplaude freneticamente, jogando pétalas de flores enquanto Cayden me segura firme. Quando seus lábios estão nos meus, eu sei o que é ser desejada por uma pessoa. É como se ele estivesse faminto pelo meu toque sempre que estamos separados e saboreasse cada segundo que me tem como se fosse o último. Ele separa meus lábios lentamente, me beijando como se tivéssemos todo o tempo do mundo, mas se afasta rápido demais. Nossos olhares se encontram, e fica claro para mim que, embora as pessoas já tenham me olhado antes, elas nunca me *viram* . Ele vê tudo o que eu sou e tudo o que posso me tornar, e quer tudo isso.
"É uma honra apresentar o Rei Cayden e a Rainha Elowen Veles de Vareveth! Que eles reinem por muito tempo", comemora Asena.
“Que eles reinem por muito tempo”, ecoa a multidão.

Capítulo

TRINTA E SEIS

Elowen

Meu vestido brilha e flui ao meu redor enquanto Cayden nos conduz pelos passos da nossa primeira dança. Ele se move como sempre, praticado e controlado, e me levanta do chão com tanta facilidade que me sinto leve. Nossas mãos se entrelaçam diante do meu rosto quando a nota final é tocada, e ele as abaixa lentamente para encontrar meu olhar enquanto casais inundam a pista. Meu coração dispara

dentro do peito, não pela dança, mas pela intensidade em seus olhos e pelo domínio que o envolve desde que ele colocou o anel em meu dedo.
O poder que pulsava dentro de mim durante a cerimônia desapareceu, mas as marcas não. As minhas brilham à luz da lanterna, enquanto as de Cayden a absorvem. Assim como a lâmina que usamos para cortar as palmas das mãos, agora embainhada na coxa de Cayden.
"Elowen Veles", ele murmura em tom grave, com uma covinha se aprofundando quando seus lábios se curvam para um lado. Ele passa a língua pelo lábio como se adorasse o gosto dele.
“O título da sua maior realização.”
"Com certeza."
"Com quem devemos lidar primeiro?" Todos os senhores e senhoras de Vareveth estão presentes com toda a horda de suas casas, bem como vários que acompanharam a realeza de Urasos e Feynadra, mas não temos motivo para conversar com eles além de uma saudação educada. Depois de fazer isso Investigando mais, descobri que, nos últimos dois anos, o Príncipe Hale de Urasos tomou a maioria das decisões do reino. Suponho que ele precise encontrar um equilíbrio entre governar no lugar do pai e permanecer fiel aos seus desejos.
"Feynadra", responde Cayden. "Eles não têm nenhum vínculo com Imirath ou Thirwen."
Deslizo meu braço pelo dele, virando-me na direção do grupo de Feynadra. Eles estão reunidos na base da plataforma onde nossos tronos estão, criados por uma equipe de pedreiros sob a orientação de Asena e Ophir. Uma janela com painéis se estende atrás deles com vista para as Montanhas Seren nevadas. O meu é esculpido em pedra da lua com estrelas esculpidas, e cinco dragões esculpidos na mesma pedra se ramificam da cadeira. Um alça voo acima da minha cabeça, e os outros quatro estão espelhados em ambos os lados. O de Cayden é feito de obsidiana com espadas douradas cruzando-se no topo e uma lua crescente no centro. Eles são impressionantes por si só e tornam-se ainda mais impressionantes pelas duas enormes cabeças de dragão de pedra montadas em cada lado, derramando água de suas bocas abertas, forradas com presas, que se acumulam em uma poça abaixo delas.
Um escudeiro se coloca diante da realeza antes que tenhamos a chance de nos apresentar. "Permitam-me apresentar o Rei Lycidias Duskbane e a Rainha Nasha Duskbane de Feynadra."
"Receio que não nos preocupemos com títulos adicionais como vocês", diz o Rei Lycidias, e embora ele tente rir no final, a provocação é clara.
"Sempre há tempo para adquirir alguns", responde Cayden no mesmo tom. "Permita-me apresentar minha esposa, a Rainha Elowen Veles."
Nasha dá um passo à frente e entrelaça o braço no do rei. A cauda do seu vestido, feito de pele prateada e veludo cinza, arrasta-se atrás dela. Ela exala uma realeza que reconheci em sua irmã. "Oferecemos nossos mais sinceros parabéns pela união de vocês."
“E agradecemos por terem feito a viagem para comparecer”, respondo.
"Não é todo dia que um rei conquista um reino na sua fronteira sul." Lycidias fixa seus olhos azuis arrepiantes em Cayden. Seus cabelos brancos estão

salpicados de cinza, e sua estrutura óssea é tão áspera quanto o inverno. noites. O sorriso de Nasha se contrai ao olhar para o marido pelo canto do olho, e o tecido na dobra do braço dele ondula quando ela aperta o aperto, talvez em advertência.
"Não é todo dia que as decisões de um rei levam à sua própria ruína", Cayden afirma categoricamente, desafiando Lycidias a dizer algo em favor de Eagor, mas o rei frio apenas sorri, parecendo apreciar a resposta de Cayden.
"Minha irmã pede desculpas por não poder comparecer", começa Nasha, mudando de assunto, feliz. "No entanto, ela deve enviar os convites para o Baile do Solstício de Inverno hoje e mencionou seu nome na lista. Com todas as festividades, duvido que você tenha tido tempo de acompanhar sua correspondência."
Aperto Cayden com mais força, mas mantenho a ansiedade que cresce dentro de mim escondida. Ela pode ter ignorado minha carta anterior, mas um convite para o reino dela deve ser um sinal positivo. Teremos que enfrentar a frota de Thirwen antes de partirmos e enfraquecer nosso inimigo o suficiente para atrasar um contra-ataque. Se partirmos antes, pode ser prejudicial.
Será que a Nasha sente falta de Galakin? Deve ser de partir o coração deixar um lugar que você ama sabendo que sempre sentirá saudades dele.
“Tenho certeza de que poderemos comparecer, desde que a tensão no sul não aumente.”
"Sim." Ela me oferece um breve aceno de cabeça. "Embora estivéssemos gratos por termos sido incluídos no seu dia, presumimos que havia um motivo alternativo para solicitar nossa presença."
"Não enviaremos ajuda", interrompe Lycidias. "Feynadra é muito menor que Vareveth e precisará de todas as espadas para lutar por nossas terras se vocês perderem a guerra e o Rei Garrick avançar para o norte. Embora reconheçamos que a Rainha Elowen é a herdeira do trono de Imirath — negar sua reivindicação desacreditaria a minha —, não lutaremos por ele."
Nunca fiquei tão feliz por um homem abrir a boca.
"Não me lembro de ter pedido sua ajuda", diz Cayden. "E nem planejava fazer isso."
Licídias e Nasha trocam um olhar. "Se não querem nada de nós, por que nos chamaram aqui?"
"Para fomentar um relacionamento entre nossos reinos, já que compartilhamos uma fronteira." Sorrio facilmente, sentindo-me como uma aranha observando uma mosca se enredar em sua teia. A reputação de neutralidade deles os precede. Eles me fizeram o jogo.
Lycidias assente, o ar de superioridade se dissipando um pouco, mas é Nasha quem fala em seguida. "Se o que você diz é verdade, tudo o que peço é que não volte seus dragões para o norte."
Olho para o grupo com quem viajaram, notando a ausência dos filhos dela. Ela veio aqui querendo algo de mim: uma promessa de que não conquistarei seu reino e massacrarei seus herdeiros no processo. Imagino se eles percebem a sorte que têm de ser amados pela mãe, de ter alguém disposto a se interpor entre eles e qualquer ameaça.
“Não intervenha em minhas batalhas, e não trarei ninguém à sua porta a menos

que eu lhe dê um motivo.”
"Então, temos um acordo." Lycidias abaixa o queixo e se afasta de Nasha antes de mergulhar na companhia de seus lordes. Seus olhos doloridos o seguem, e não consigo deixar de sentir pena dela. Casamentos reais são frequentemente arranjados e insensíveis. Mulheres são vendidas ao maior lance para garantir uma aliança ou promover os interesses dos homens. Tudo o que isso faz é levar a uma vida de infelicidade. Eu me forço a desviar o olhar quando Nasha retorna para suas damas.
Cayden acena para um criado. "Algum de nós recebeu uma carta de Galakin hoje?"
"Sim, Majestade", ele responde, e o alívio é tão forte que meus joelhos fraquejam. "A Rainha Cordélia enviou a Sua Majestade um convite para o Baile do Solstício de Inverno."
“Não houve resposta à minha carta anterior?” pergunto.
“Tudo o que recebemos foi o convite, Alteza.”
"Obrigado." O servo se curva e retorna à sua posição anterior, junto à mesa repleta de taças de vinho espumante. "Tanto a Rainha Nasha quanto o servo disseram que Cordélia falava apenas de mim."
“Então suponho que serei uma surpresa feliz.” Cayden se encosta em um dos pilares que revestem a sala, envolto em trepadeiras de glicínia que também são pendurados no teto, ao lado das bandeiras da Casa Veles. "Tenho certeza de que é algo parecido com o que meu pai disse quando soube da minha concepção." Rio antes de conseguir me conter, mas me sinto menos culpado quando Cayden me acompanha. "Prevejo que a frota de Thirwen não estará longe. Vamos nos preparar para partir para Galakin depois da batalha, já que estaremos ao longo da costa."

Capítulo
TRINTA E SETE

Elowen

Tos pelos nas costas
Os meus olhos se erguem, e quando olho por cima do ombro, a princesa de Urasos está com os olhos castanhos fixos em mim. As sobrancelhas de Lethia se erguem ao notar meu olhar, e ela precisa apertar ainda mais o abraço do príncipe, pois Hale interrompe a conversa para lhe dar atenção.
Deslizo meu braço pelo de Cayden novamente e tomo um gole de vinho que um

criado me oferece. "Urasos está se aproximando."
“A partir de hoje, daremos uma pausa na organização e participação em reuniões.”
“Fomos apenas convidados para um baile”, afirmo categoricamente.
“Nós garantiremos a aliança antes que ela aconteça e então ficarei feliz em mantê-lo ocupado em um canto escuro após uma breve aparição.”
Belisco seu bíceps e pressiono sutilmente o cálice frio em meu pescoço para acalmar o rubor que sobe.
"Acho que não tive o prazer — o Príncipe Hale Warthorne e minha esposa, a Princesa Lethia", diz Hale, mas Lethia permanece em silêncio ao seu lado. Sua atenção inabalável está fixada em mim como se estivesse vendo um fantasma. Seu vestido verde-esmeralda, adornado com bordados marrons, combina com a túnica de Hale, adornada com uma corrente no peito para representar seu símbolo: chifres de veado emoldurando uma montanha.
“Rainha Elowen Veles.” Estendo a mão para Lethia, e isso parece tirá-la do transe. Sua mão pálida está escorregadia e tremendo levemente quando ela entrelaça seus dedos nos meus.
Ela pigarreia, afastando uma mecha de cabelo loiro e liso do rosto. "Peço desculpas. Normalmente não sou tão..."
Ela limpa a garganta novamente.
"Gostaria de tomar um ar?", pergunto, apontando o queixo para as portas duplas que levam a um pavilhão. Não estou pedindo apenas para o bem dela, mas também gostaria de dar uma pausa nas festividades — e isso nos dará a oportunidade de conversar em particular.
"Seria adorável." Seus ombros abaixam um pouco, e nós quatro saímos. Embora esteja congelante, a brisa que sopra do topo das montanhas nevadas acaricia minha pele aquecida. Meus dragões me sentem agora que me aventurei para fora e alteram seu curso para voar acima da floresta que se estende por quilômetros. Hale para imediatamente ao avistá-los e passa a mão pelos cabelos ondulados e negros que chegam logo abaixo do queixo. Estão raspados do lado esquerdo, e sua cabeça tem uma tatuagem de um veado.
"Você não se lembra de mim, né?", pergunta Lethia. Cayden se aproxima um passo ao notar meu desconforto. Inclino a cabeça, tentando analisar suas feições. Ela tem uma faixa de sardas na ponta do nariz, que tem uma pequena protuberância, e é bem alta para uma mulher.
“Quando nos teríamos conhecido?”
Ela sorri suavemente. "Não me ofendo. Você era tão jovem."
Tomo outro gole de vinho para molhar a garganta seca. "Imirath. Antes da minha prisão."
"Eu viajava com a minha família para visitar Zinambra no verão", diz ela. "Meu pai é amigo do Rei Fallon, que obviamente é próximo do seu pai, dada a aliança que eles têm."
A amargura me azeda o estômago, e olho para os meus dragões. Cayden desliza os dedos pela minha espinha para me acalmar, assumindo o controle da conversa. "Se você veio ao meu reino para falar com carinho dos meus inimigos, então deveria ter permanecido no seu."
"Não tenho lealdade nem a Imirath nem a Thirwen, apesar da herança da minha

esposa", afirma o Príncipe Hale. "Nem ela."
A união deles sugere que isso não é verdade. Se o pai de Lethia for próximo do rei de Thirwen, ele espera que o genro os apoie na guerra. Ando em direção a uma mesa e cadeiras posicionadas ao lado de uma vegetação densa e cercadas por tochas, como as que ladeiam as ruas do reino, moldadas para parecerem dragões cuspindo fogo. Os outros nos seguem e nos sentamos frente a frente.
"Então por que você está aqui? É claro que você tem algo a dizer", continua Cayden.
Hale passa o polegar pelo maxilar coberto de barba por fazer. Os anéis dourados em seus dedos realçam sua tez morena. "Ainda não sou o rei de Urasos, então preciso agir dentro dos limites, mas estou aqui para oferecer informações."
“Por que deveríamos confiar nisso?”
"Porque eu quero me vingar daqueles que machucaram minha esposa. Tenho certeza de que você entende como é." Hale estreita os olhos azuis.
A mão de Cayden repousa na minha nuca. "Se fosse minha esposa, eu pressionaria um travesseiro sobre o rosto do meu pai moribundo para me juntar à guerra e vingá-la eu mesmo."
"Ele é meu pai", Hale sibila.
"Foi só uma sugestão. Todos nós temos nossas prioridades." Ele retoma os movimentos, deslizando os dedos pela minha pele. "Me conta o que você sabe."
"Urasos permaneceu neutro por séculos e, com minha herança Thirwen, não podemos nos juntar à sua guerra, mas não agiremos contra vocês. Se o pai de Hale estivesse morto, isso simplificaria as coisas, mas precisamos trabalhar dentro dos nossos limites", diz Lethia, seu olhar se voltando para o meu novamente. "Eu lamentei vocês. Disseram-me que vocês morreram de febre, mas, à medida que fui crescendo, percebi que isso não podia ser verdade. Nunca mais se ouviu falar dos dragões e não houve funeral. Vocês todos desapareceram como se nunca tivessem existido."
"Sinto muito por qualquer tristeza que possa ter causado a você." Estou com dificuldade em encontrar palavras além dessas. O que você diz a alguém que se lembra de uma versão sua que você não lembra? Que não existe mais? A garota de quem ela se lembra morreu naquelas masmorras, e eu sou tudo o que restou.
Os dois continuam falando, mas não dizem nada, e minha paciência está se esgotando. Olho para a esquerda, notando a presença de Finnian e Ryder, além de dois soldados de Urasos. Eles estão por perto, mas longe o suficiente para que nossa conversa permaneça privada.
"O que você quer em troca da informação?", arqueio as sobrancelhas. "Minha garantia de que os dragões não devastarão seu reino?"
"É tão absurdo pedir isso?", pergunta Hale.
"Previsível", corrijo. "Eu não ajo sem motivo. Não me dê um motivo para torná-lo meu inimigo e você não terá o mesmo destino que eu." Faço um gesto com a mão para que prossigam.
Não compareceremos ao próximo baile em Galakin, então não poderei apresentá-los pessoalmente, mas acredita-se que o Príncipe Zarius Liluria de Thirwen frequenta as casas de jogo do reino. Há rumores de que Fallon assassinou sua primeira esposa, a mãe de Zarius, e depois tentou matá-lo. Ele não volta para casa desde os dez anos. Embora tenha sido deserdado pelo pai, o

povo de Thirwen não se esqueceu da falecida rainha e de como ela amava seu filho.
Nunca ouvi falar do Príncipe Zarius. Pensei que todos os herdeiros de Thirwen tivessem menos de três anos. *Essa é* a motivação de Thirwen nesta guerra. Eu sabia que devia haver um motivo oculto. Não importa quão próximos Garrick e Fallon sejam, camaradagem não vem antes de um reino. Tanto Garrick quanto Fallon têm filhos que estão tentando apagar de sua linhagem. Isso os une da mesma forma que o ódio compartilhado por Garrick une Cayden e eu.
Isso também poderia influenciar Galakin a nosso favor. Galakin tem relações ruins com Thirwen e Imirath. Eles pararam de negociar com Imirath depois que Garrick se recusou a enviar-lhes uma planta nativa vital para a produção de medicamentos durante uma praga. Aqueles com magia de cura não conseguiam salvar a todos devido à natureza altamente contagiosa da doença.
A rivalidade deles com Thirwen foi desencadeada pelos eventos que levaram à Guerra da Maré Carmesim.
Se eu reivindicar o trono de Imirath e Zarius reivindicar o trono de Thirwen, Galakin poderá ter um aliado em ambos os reinos em vez de inimigos.
"Obrigada", eu digo. "Não vou esquecer essa gentileza."
Lethia sorri e eu passo as mãos pelas saias, levantando-me da cadeira e gesticulando para que ela me acompanhe. Nossos saltos batem na pedra enquanto voltamos para a festa, com Cayden e Hale a poucos passos atrás.
"Adorei seu vestido", digo. "Combina perfeitamente com seu cabelo."
"O seu é incrível", ela responde antes de torcer o nariz e olhar para si mesma. "Não sinto falta de Thirwen, mas sinto falta de usar vermelho em festas."
"Roxo é minha cor favorita, então acho que nós duas não tivemos sorte com o lugar que ocupamos no mundo." Ela ri, e eu me junto a ela, grata pela tensão que lentamente se dissipava dentro de mim. "Sinto muito... que você tenha ficado de luto por mim."
Ela balança a cabeça. "Só estou feliz que tenha sido em vão. É difícil para as mulheres encontrarem felicidade em um mundo projetado por homens, e segurança em um mundo onde parece que eles fazem de tudo para torná-lo traiçoeiro. E eu sei que você não se lembra de mim, mas fico feliz em vê-la feliz."
"Também é difícil encontrar pessoas boas neste mundo, como você deve saber, mas Urasos não fica longe daqui." Mordo o lábio. "Talvez Cayden e eu possamos visitá-los quando a guerra acabar, ou podemos trocar cartas?"
Ela sorri para mim. "Eu adoraria."

Capítulo

TRINTA E OITO

Elowen

Minha voz está rouca de rindo e meus pés doendo de tanto dançar enquanto Finnian e Ryder me guiavam. Até dancei com Braxton, que corou durante toda a música, e girei em volta de algumas crianças do orfanato que puxavam minhas saias.

Ao sair cambaleando da pista de dança, inclino a cabeça para o outro lado da sala, onde Cayden me observa das sombras. Os pelos dos meus braços se

arrepiam ao notar o calor em seus olhos. Dou um passo para a esquerda para me abaixar atrás de uma coluna, espiando ao redor para vê-lo chutar a parede e dar um passo para a direita. Ele sempre carregou uma aura de perigo e mistério, afastando todos os outros, mas isso me atrai em sua direção. Talvez seja porque experimentei dor onde o amor deveria estar, e amor onde ele nunca deveria ter existido.

Deslizo para trás de outro pilar, mas quando espio pela lateral, ele não está em lugar nenhum. A euforia me invade, sabendo que ele está observando, mesmo que eu não consiga vê-lo. Continuo andando até sair da sala do trono e encontrar a saída mais próxima do castelo. Não consigo vê-lo nem ouvi-lo, mas sinto sua presença. Meus lábios ainda ardem do nosso breve beijo durante a cerimônia, e a promessa de mais me faz perder a força.

Apressando-me pelo caminho que percorri algumas horas antes, sigo o rastro de velas apagadas em direção à floresta que leva à base do castelo. As mangas do meu vestido esvoaçam entre as árvores como espíritos da floresta. Dançando para a lua enquanto pulo sobre um riacho e acelero o passo. Meus cachos me envolvem enquanto viro a cabeça em todas as direções, sem ver nada além de pinheiros cobertos de neve e rochas congeladas. Meu coração dispara quando chego à base da montanha onde a cerimônia foi realizada. Aperto meu vestido enquanto corro pelo corredor abandonado, pisoteando as pétalas das flores enquanto a neve estala por perto.

Ele não me deixava ouvi-lo, a menos que fosse sua intenção. Como um predador se aproximando da presa e querendo que ela saiba que uma colisão é iminente.

Uma pequena saliência curva-se ao redor da borda da piscina, e eu olho para a escuridão enquanto o vento sopra, levando consigo parte da cachoeira. Há uma caverna escura atrás da base da cachoeira. Sempre obedeci à minha curiosidade, incapaz de ignorar a voz incômoda que me diz para explorar um lugar desconhecido. É estranho porque quase nunca tenho curiosidade sobre as pessoas. Elas costumam ser decepcionantes quando você descasca suas camadas, mas a natureza tem um jeito de surpreender até mesmo nos mínimos detalhes.

A pedra está escorregadia sob meus pés, e agarro mais minhas saias para evitar que caiam da saliência e se arrastem pela superfície. O gelo estala sob mim, criando rachaduras como teias de aranha conforme piso. Picos afiados pressionam minha palma enquanto me apoio na parede ao meu lado e subo a ladeira, mantendo o equilíbrio enquanto me agacho atrás das quedas d'água jorrando e viro a esquina. Estou submersa na escuridão e ouço o que me cerca para pintar uma imagem em minha mente. É óbvio que há um rio se dividindo no centro do caminho, com base no som ecoante da água corrente. A saliência em que estou fica mais espessa à medida que continuo na curva e avisto um tênue brilho azul no final da caverna estreita.

Meu cabelo fica mais pesado à medida que o ar fica mais denso e úmido. Tiro o vestido e estendo a mão para trás para afastar as mechas do pescoço, mas isso não me alivia muito, considerando que meu desconforto aumenta a cada passo.

Mas meu aperto nos meus cachos afrouxa quando passo pelo arco em transe, meu olhar percorrendo a vista encantadora. Poças e mais poças de água cristalina se derramam umas sobre as outras, impressionantes em tamanho e altura, com vapor emanando de suas superfícies. Estão embutidos na rocha, e sou forçado a

esticar o pescoço para ver o topo. O teto deformado é salpicado de manchas azuis brilhantes, mais vibrantes do que qualquer céu noturno que já vi, com fragmentos de rochas perfurando entre os aglomerados.
"Olá, esposa." As mãos de Cayden me envolvem. "Seguir você sempre me leva aos lugares mais estranhos."
"Bem, pelo menos você nunca vai ficar entediado", respondo. "Você sabia que isso existia?"
“Não. Não creio que seja de conhecimento geral.”
Eu me desvencilho dele e me viro para encará-lo, desamarrando meu espartilho lentamente enquanto chuto os sapatos. "Então talvez devêssemos aproveitar a nossa descoberta."
"Deixe isso", ele ordena, com um olhar de pura fome atravessando seu rosto. Ele caminha em minha direção e pressiona minhas costas contra a parede. A umidade escorre pelo meu vestido, e seus lábios roçam os meus enquanto ele inclina a cabeça para baixo.
Uma ruga se forma entre suas sobrancelhas e sua garganta se move. "Eu não te persegui esperando nada além da sua companhia. Não importa que seja nossa noite de núpcias. Não quero fazer isso se você não tiver certeza."
Eu estendo a mão, apoiando-a trêmula na nuca dele. Por mais horrível que o mundo o considere, Cayden nunca me pressionou por nada, por mais flagrante que seja seu desejo.
"Eu quero isso." Sorrio levemente, e ele traça o contorno com o dedo. "Eu quero você."
Sua boca desce sobre a minha no segundo seguinte.
Fico na ponta dos pés para me aproximar dele enquanto ele envolve um braço em volta da minha cintura e passa a mão pelos meus cabelos. Ele abre meus lábios e me aperta contra si como se eu fosse uma flor entre as páginas de um livro, mas a única palavra transcrita no romance é o nome dele. Estou completa e completamente consumida. Ele é tudo em que consigo pensar enquanto o mundo se esvai ao meu redor. Ele me beija como se o mundo estivesse acabando e estivesse desesperado para memorizar o meu gosto antes que sejamos arrancados um do outro.
Estou sem fôlego quando ele se afasta, e suas calças se misturam às minhas. "Meu Deus, que saudades", ele murmura.
Meu coração dispara no peito, e ele me olha por um longo momento antes de entrelaçar nossos dedos para me guiar ladeira acima, sem parar até estarmos aninhados ao lado de uma pequena piscina em algum lugar no meio. O que quer que esteja fazendo o teto brilhar se reflete em algumas das pedras que margeiam a trilha. Cayden se vira para mim, e meus olhos se fecham enquanto ele desliza os dedos pelo meu pescoço e pela minha clavícula. Eu me inclino em seu toque, desejando mais do que um toque suave. Faz tanto tempo que não estamos juntos. Quero que ele me faça sentir como se eu fosse dele novamente.
"Eu te observei o dia todo, sem conseguir desviar o olhar, imaginando o momento em que finalmente conseguiria tirar este vestido", ele sussurra, e eu me obrigo a encará-lo novamente. "Desejá-la é a tortura mais doce que já experimentei. Nem o sono me dá misericórdia. Você está sempre lá quando fecho os olhos, na minha mente, sempre que não está na minha frente."

Achei que ele estaria pronto para arrancar meu vestido assim que me pegasse, mas ele me trata com reverência, acariciando o bordado do meu corpete e passando os olhos pelo meu corpo como se estivesse se certificando de que sou realmente sua noiva. Ele dá um passo à frente, e eu lambo os lábios quando nossos peitos se pressionam enquanto ele afrouxa meu espartilho. Ele não desvia o olhar quando os ossos se afrouxam e ele enfia os dedos no decote em forma de coração para deslizar o vestido pelo meu corpo, afundando-se de joelhos ao fazer isso. Seu maxilar se aperta enquanto ele me encara. Mordo o lábio quando ele segura a parte de trás das minhas coxas, mergulhando os polegares sob a alça rendada presa à minha cinta-liga.
Sua respiração dança em meu torso quando ele se inclina para me beijar. "Você usou isso para mim, linda?" O timbre grave de sua voz faz minhas coxas se pressionarem. Concordo com a cabeça, sem confiar na minha voz enquanto ele se levanta e anda lentamente ao meu redor. Uma respiração ofegante escapa quando ele olha para o meu rosto novamente, e ele joga a coroa e a túnica para o lado. "Devo ter sido um maldito mártir em uma vida passada."
Eu sorrio suavemente e saio da poça de saias aos meus pés para desfazer os cadarços de suas calças, embora ele não remova minha coroa ou a véu preso a ele. Seus olhos ardem de desejo desenfreado enquanto ele os abandona, me fazendo tremer de antecipação do que sei que ele pode fazer. Isso é diferente de qualquer outro momento em que estivemos juntos, porque Cayden não é mais apenas meu aliado, ele é meu marido. Um sorriso malicioso cobre suas feições enquanto ele me levanta em seus braços, e um gemido carente sobe pela minha garganta quando seu membro duro me pressiona.
Meu pulso acelera no pescoço e eu giro os quadris para frente para deslizar contra a protuberância.
Ele geme, e eu encosto a testa em seu ombro enquanto repito o mesmo movimento, mas suas mãos agarram meus quadris antes que eu possa repetir. "Que tipo de homem eu seria se não me demorasse com você depois que você vestisse isso?"
Aperto as pernas. "Um homem inteligente."
Ele ri baixinho enquanto nos leva para a piscina, e um zumbido de prazer vibra em meu peito enquanto a água morna sobe pelos meus quadris. Deslizo meus lábios pelo seu pescoço, precisando dele mais perto, precisando senti-lo. Ele caminha até a frente da piscina e me coloca na borda. O medo me enrijece quando observo a queda íngreme para a próxima piscina abaixo, e a borda é tão fina que nem estou totalmente sobre ela.
"O que você claramente não é! Me põe no chão."
"Eu nunca escondi meu desejo por você, e não vou deixar você me apressar, Elowen. Se eu quiser ficar aqui admirando minha esposa, eu vou. Se eu quiser envolver suas pernas em volta da minha cabeça enquanto te fodo com a minha língua, eu vou. E se eu quiser me enterrar bem fundo em você e fazer você gritar meu nome como uma prece, eu vou. Na verdade, eu anseio por isso." Suas palavras me envolvem com tanta força que sinto que vou me romper ao mais simples toque. "Entendido?"
“Sim”, eu digo sem fôlego.
Ele mantém um braço em volta dos meus quadris enquanto estende o outro para

segurar meu seio, e, apesar da trepidação da nossa posição, abro mais as pernas. "Sempre tão receptivo para mim." Ele enrola o pedaço de renda que cobre meu centro dolorido em volta do dedo, cada roçar do tecido enviando choques de prazer por mim, mas não é o suficiente. Ele o estala, me deixando nua, exceto pelas faixas rendadas nas minhas coxas. Preso à minha cinta-liga e a uma faixa combinando nos meus seios, que deixa pouco espaço para a imaginação. "Faz muito tempo que não te provo." Ele pressiona os lábios logo abaixo da minha orelha, e eu passo os dedos pelos seus cabelos enquanto ele continua a deslizar a boca pelo meu corpo, levando-me ao desespero quando ele se concentra nos meus seios em seguida. Meus mamilos estão visíveis através da renda, e eu me arqueio ao seu toque quando ele envolve um deles com os lábios.
“Cayden”, eu imploro.
"Você finalmente vai me deixar cuidar do que é meu?" Ele pressiona o pau contra meu clitóris, e meus dedos dos pés se encolhem sob a água. "Você vai manter essas coxas lindas abertas para que eu possa venerar minha esposa como deve ser?"
Bons deuses.
Consigo me afastar o suficiente para me levantar e estender a perna até meu tornozelo encostar no ombro dele, e o abaixo de joelhos. "Muito melhor."
"Se você tirar os olhos de mim, eu paro. Você vai se lembrar exatamente de como eu sei te dar o que você precisa, e eu falei sério antes. Quero ouvir seus gritos ecoando por esta caverna." Ele lambe minha fenda, gemendo ao sentir o primeiro gosto, e meus olhos reviram antes de eu os forçar a voltar para ele. "Porra", ele geme, jogando minha outra coxa sobre seu ombro. Meu Deus, já faz tanto tempo. "Você fica mais perfeita a cada vez."
Ele suga meu clitóris com a boca, passando a língua sobre ele enquanto mergulha em um frenesi voraz. Não consigo recuperar o fôlego, mal consigo dizer qualquer coisa além do nome dele enquanto meu corpo esquenta. Cachos úmidos grudam na minha testa e fazem cócegas nos meus quadris quando minha cabeça cai para trás, e Cayden ri contra o meu núcleo enquanto me aperta mais. Estou tão absorta no que ele está fazendo com o meu corpo que não me importo com a possibilidade de cair. Ele levanta a outra mão, deslizando-a por baixo da faixa de renda e passando o polegar pelo meu mamilo.
Movo meus quadris contra ele, e ele rosna em aprovação. "É isso aí, meu anjo. Fode minha língua e me dá o que eu quero."
"Estou tão..." Meu tremor piora. "Ai, céus."
"Eu poderia fazer isso todo dia se você deixasse." Ele desliza dois dedos em mim e os curva, e eu juro que vejo estrelas. "Quando você fica brava comigo, você balança os quadris enquanto sai furiosa, e tudo o que eu consigo pensar é em levantar sua saia, te curvar e te foder com a minha língua até a atitude passar."
"Faça isso." A ideia dele vindo em minha direção com um olhar determinado depois de uma discussão quase me deixa louca.
Ele ri de novo, lambendo a umidade das minhas coxas enquanto continua a me dedilhar. "E o meu pau? Você me deixa abafar seus gritos se eu quiser te levar para um canto escuro durante o dia?"
"Sim!" Engasgo com um soluço enquanto ele me leva ao limite, a mistura dele entre minhas pernas e a imagem que ele pintou em minha mente me dominando.

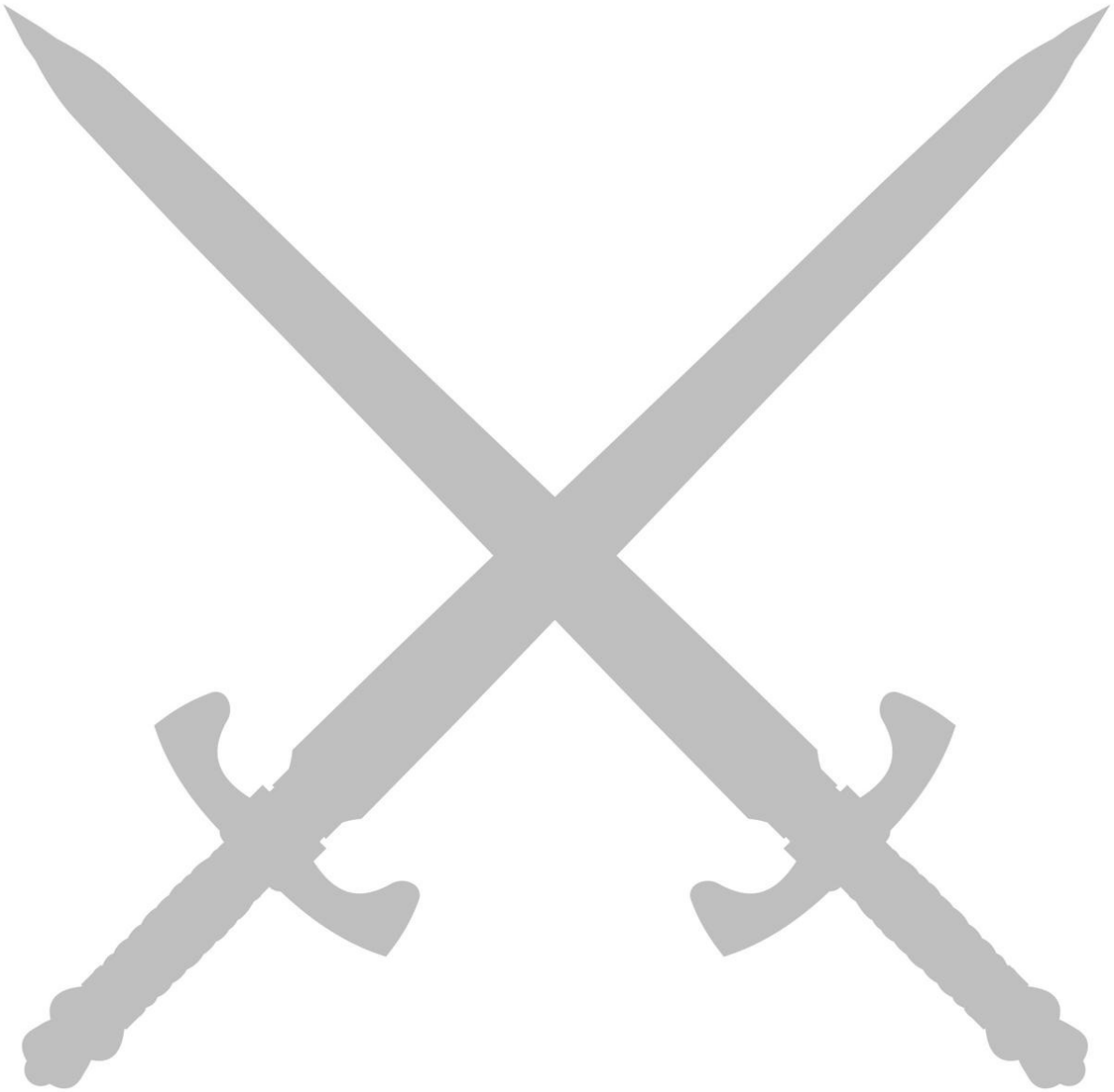
Onda após onda de prazer me invade enquanto ele continua, arrancando cada gota de êxtase de mim antes de me segurar quando meu corpo cai para a frente.
Ele mal me dá tempo de me recuperar antes de me virar de bruços, com os joelhos apoiados na plataforma de pedra sob a água. Olho por cima do ombro, passando os dedos pelos seus cabelos e aproximando seus lábios dos meus. Sua língua mergulha na minha boca enquanto ele abre minhas pernas com o joelho e desfaz os botões de cetim que prendem minha blusa.
Ele começa a deslizar para dentro de mim e nossos lábios se separam em uníssono. "O que eu sou?"
Abro os olhos enquanto ele me dá tempo para me acostumar, enquanto dedilha meu clitóris super sensível. Ele geme quando me aperto em volta dele. "Mmm."
Arqueio as costas, sentindo a sensação familiar de um desafio crescendo dentro de mim. "Uma pica?"
Ele pressiona mais, mas ainda não me preenche, e sua mão agarra meu maxilar para manter meu queixo erguido e nossos olhares fixos. O aperto exala a mesma dominância e possessividade que ele. "Tente de novo."
Balanço a cabeça, sem lhe dar o que ele quer, já que está fazendo o mesmo comigo. Ele empurra os quadris para trás e os enfia em mim. "Cayden!", grito quando ele me solta, e meus seios pressionam a saliência de pedra sobre a qual estou praticamente pendurada.
"É quem eu sou." Que inferno, *sua voz.* Ele me segura aqui por um instante, colocando a mão na minha barriga para senti-lo profundamente dentro de mim antes de deslizar para fora e penetrar novamente. "Diga-me *o que eu sou* ."
Ele me estica como fez semanas atrás, e estou tão imersa nele que não me importo com mais nada. "Meu marido."
"Foi tão difícil assim?" Ele me recompensa acelerando o passo enquanto me mantém presa sob ele. O prazer me percorre, e não ouso me mexer, não querendo estragar esse ritmo lindamente torturante. "Você foi feita para mim", ele geme, se afastando o suficiente para me virar e envolver minhas pernas em volta da sua cintura. Estou praticamente sem ossos em seus braços, e ele pressiona seus lábios nos meus novamente enquanto me carrega pela água. Não me importa para onde ele esteja me levando, contanto que ele não pare. Minhas costas pressionam a pedra e a água escorre entre meus seios e sobre meus mamilos, intensificando meu prazer enquanto Cayden encontra seu ritmo novamente, me fodendo implacavelmente a cada estocada.
"Você é minha, Elowen." Ele inclina os quadris para a frente para pressionar meu clitóris enquanto me penetra. "Quero ouvir você dizer isso."
"Eu sou seu."
"Uma esposa tão perfeita." Ele aperta meus cachos com força para puxar minha cabeça para trás, passando a língua pelo meu pescoço. "Tomando cada centímetro do meu pau, implorando por ele."
"Porra, você é tão gostosa", eu gemo.
Seu olhar escurece enquanto suas estocadas se tornam frenéticas, frenéticas, e eu seguro seus ombros com as mãos. A pequena cachoeira que escorre da piscina acima desliza por seus bíceps, e ondas molhadas grudam em sua testa. "Eu sei que você está perto, linda." Concordo freneticamente com a cabeça, desesperada pelo êxtase iminente. "Grite meu nome de novo quando você gozar."

A onda familiar de êxtase me percorre, e eu desmorono com o nome dele nos lábios. Ele rebola os quadris enquanto se derrama em mim, mantendo-nos nessa posição enquanto diminui o ritmo e pressiona a testa na minha. Nossas respirações rápidas se misturam enquanto ele me olha, e um pequeno sorriso curva meus lábios no mesmo ritmo que ele. Ele sai de mim e nos coloca de volta na água, acariciando minhas costas com as mãos.
Finjo tristeza. "Não podemos voltar para a festa; você molhou meu cabelo."
Ele nos mergulha na água e bolhas saem da minha boca enquanto eu rio sob a superfície, e continuo rindo quando subimos à superfície. Ele alisa o cabelo para trás e um sorriso bonito se abre em sua boca, com gotas de água se curvando em suas covinhas. "Que pena."
Nosso riso se esvai, e ele me olha com uma ternura que jamais mostrará ao mundo. Não sei por que isso faz meus olhos arderem. Aperto meus braços em volta dele e enterro o rosto em seu pescoço. "Eu te peguei, El."
"Eu só..." Engulo em seco. "Eu sabia que sentia sua falta, mas não percebi o quanto. Sentiria sua falta enquanto dormíssemos um ao lado do outro."
“Temos tempo para descobrir tudo.”
Balanço a cabeça. "Não vivemos o tipo de vida em que posso ficar bravo com você hoje e não saber se amanhã será meu maior arrependimento. Não quero tomar nada como garantido. Quero *viver,* não importa quão terríveis sejam as circunstâncias."
"Então é uma honra morar com você." Ele me abraça mais forte. "Elowen Veles."
“Se você continuar dizendo isso, vai se cansar de ouvir.”
"Nem pensar."
Mergulho meus dedos na água e os acaricio no rosto dele, mexendo-os enquanto as marcas douradas que circulam minha mão brilham. "Você quer resolver isso?"
"O que há para dizer?" Ele tira um braço de mim e examina as marcas em sua mão esquerda.
"Você sabe tão bem quanto eu que não foi um truque conjurado por Asena ou Ophir. Você sentiu. Não só absorveu nosso sangue, como curou nossos cortes."
Ele suspira. "Por favor, não fuja e se junte a um culto." Estreito os olhos em resposta. "Você provou que tem algum tipo de magia no sangue quando se infiltrou na mente de Basilius. Pode ser resultado dessa magia que selou nossos votos quando nossos sangues se encontraram."
“Isso é lógico.”
"Obrigada por perceber que não sou uma completa imbecil." Jogo mais água nele, desprendendo as pernas da cintura dele e nadando para longe. As joias do meu cabelo brilham e ficam presas nos fios molhados. "Você parece uma sereia enviada para me atrair para a morte."
Nado entre os pequenos riachos, mantendo-me na escuridão da enseada. "Talvez eu esteja."
“Enquanto eu morrer com o seu gosto nos meus lábios, considerarei essa uma vida bem vivida e um final melhor do que mereço.”

Capítulo

TRINTA E NOVE

Cayden



EU VOLTAR PARA A CAMA ENQUANTO A luz dourada ilumina o quarto, e afasto os cachos desgrenhados de Elowen das costas para beijar sua espinha. Sei que ela odeia quando o cabelo fica assim, todo desestruturado e bagunçado. Ela provavelmente vai fazer

beicinho no espelho quando se vir, mas eu adoro. Provavelmente porque sei que foram meus dedos passando por ele, e a parte possessiva de mim adora isso. Ela cantarola dormindo, arqueando-se ao meu toque enquanto seus lindos olhos castanhos se abrem.
"Bom dia, querida", murmuro, a aspereza da minha voz fazendo-a arquear-se novamente. Seu vestido de noiva está pendurado em uma das cadeiras, e de alguma forma conseguimos chegar em casa, na mansão, com ela vestindo minha túnica e eu, minhas calças, enquanto cambaleávamos para dentro de uma carruagem. Os convidados do casamento certamente nos viram, mas eu não estava nem aí. Ela subiu no meu colo assim que as portas se fecharam, cavalgando-me com o rosto enterrado no meu pescoço. Passamos a noite reivindicando-a de todas as maneiras possíveis, em todos os móveis dos nossos aposentos.
Ela boceja, passando o dedo pela corrente em volta do meu pescoço e me puxando de volta para si, fazendo os pratos na cama fazerem barulho. Ela se levanta, agarrando o lençol contra o peito enquanto seu olhar percorre o quarto. "C-como? Quando?" Eu a puxo entre as pernas, aconchegando-a contra o meu peito e despejando um pouco de café em uma xícara delicada na bandeja, adoçando-a do jeito que ela gosta. "São tantos buquês que mal consigo ver o chão."
Dou um beijo demorado em seu pescoço em resposta. Ela não está errada. O cheiro é de floricultura, com buquês em vários tons das escamas de seus dragões, tanto as cores dominantes quanto as marcas. Ela se vira para mim, percorrendo meu rosto com os olhos. Não sou estranha a pessoas me encarando, mas é diferente quando Elowen me encara — não é com um pingo de medo ou ódio. Não, quando ela me olha, é como se estivesse tentando ver a minha alma.
"Obrigada." Ela beija minha bochecha e, por reflexo, meus braços a apertam ainda mais. "Eu também tenho um presente para você."
Ela desliza para fora dos meus braços e sibila enquanto manca até o camarim. "Nem pense em transar comigo hoje."
"Desculpa, querida." Eu rio. "Não vou chegar perto de você, mas não prometo nada sobre o que minha mente vai inventar."
Evito o desconforto inicial com a ideia de ela me comprar algo. É a mesma sensação que tive quando ela me comprou as joias. Não é que eu nunca tenha ganhado presentes — minha mãe costumava fazer o melhor que podia com o pouco que tínhamos, e Ryder e Saskia me deram coisas ao longo dos anos —, mas, como tudo o mais, Elowen é diferente.
Ela retorna com uma caixa quadrada nos braços, parecendo muito mais hesitante enquanto assume sua posição anterior e puxa os cobertores sobre nossas pernas. "Se você odiar, pode jogar no fogo, e nunca mais precisaremos falar sobre isso."
Minhas sobrancelhas se erguem. O que ela poderia ter...
Mas minha mente fica em silêncio quando abro a tampa, olhando para o bolo que não como desde os onze anos. O aroma de mirtilos e açúcar me invade, lembranças de folhas de outono caindo no chão e minha mãe reclamando que eu estava crescendo rápido demais. Elowen respira fundo. "Sei que não vai ser exato, já que não tenho a receita, mas tentei várias antes de achar que consegui chegar perto da que você descreveu." Algo se quebra no meu peito com seu tom

ansioso, mas é como se eu estivesse paralisada. "Eu não queria me exceder."
Despertando do meu transe, coloco a caixa na cama e puxo seu rosto para perto do meu, acalmando seus devaneios e pensamentos em um só movimento. Mantenho o beijo lento, querendo despejar cada gota do que sinto por ela em mim. porque dizer isso em voz alta vai parecer muito com uma despedida. Viver o amor nada mais é do que esperar que a tragédia aconteça, e dizer a ela que a amo será como chegar ao topo da montanha que escalamos e esperar que alguém nos empurre para o alto.
"Eu adoro", murmuro, encostando minha testa na dela e passando o polegar em seus lábios. "Tenho pena daqueles que nunca conhecerão esse seu lado, mas sou grata por eles nunca conhecerem."
Ela sorri para mim, e aquela mesma sensação de apreensão e destruição profunda em minhas entranhas não se dissipa, pelo contrário, se intensifica. Nunca senti medo antes de uma batalha, mas agora estou apavorado. Consigo disfarçar enquanto ela corta o bolo e me entrega uma fatia. Ela come alguns doces da bandeja e toma um gole de café, servindo um para mim também.
" *Puta merda* ", gemo em volta do garfo e seus olhos se voltam para os meus novamente. "Detesto dizer que concordo com qualquer coisa que Finnian diga, mas você acabaria com todas as outras padarias de Ravaryn." Ela ri, jogando um morango na minha cara. "Não estou brincando. Eu ficaria com medo de provocar a rainha dragão."
"Vou adicionar isso à sua lista de mentiras." Ela acena com a mão no ar. "Fico feliz em assar para as pessoas com quem me importo e fico por aqui."
Termino a fatia que ela me deu e abro a gaveta do meu criado-mudo, tirando uma caixa de veludo. "Tenho mais uma coisa para você."
"Não." Ela balança a cabeça, segurando meu pulso e o empurrando de volta para o criado-mudo. "Você já me deu demais."
“É uma questão de perspectiva e estou mais do que feliz em informar que você está errado.”
"Eu nunca me engano", afirma ela, mergulhando um morango no chantili e me olhando por entre os cílios enquanto lambe o restante dos dedos. "Talvez eu não queira outro presente. Talvez eu queira outra coisa."
Um suspiro áspero escapa do meu peito enquanto empurro a caixa para ela, passando os dedos por suas coxas enquanto ela a abre. Seu rosto se ilumina enquanto ela olha com carinho para o que há dentro. "Ainda quer mais alguma coisa?"
Ela puxa uma das duas algemas de pulso idênticas e intrincadamente feitas para mais perto do rosto: um dragão com suas asas abertas o suficiente para encontrá-lo. na parte inferior do pulso, com uma longa cauda que se enrola em volta do dedo médio. A peça é reforçada por uma segunda faixa que se prende ao redor do pulso na posição perfeita para esconder as cicatrizes deixadas por suas algemas.
"Él." Seus olhos se voltam para os meus novamente. "Você é perfeita aos meus olhos, e não precisa esconder nenhuma cicatriz, seja interna ou externa, mas eu sei como é desejar escondê-las às vezes."
Mal se passa um instante antes que ela feche a distância entre nós, e eu a giro até que ela fique deitada de costas embaixo de mim, se contorcendo e ofegando

exatamente como eu a quero. Minha língua pressiona seu pescoço, descendo pelo vale dos seus seios enquanto ela geme, e, meu Deus, como eu amo esse som.
Alguém bate forte na porta enquanto beijo sua barriga, e ela fica rígida.
“Achei que você tivesse dito que não seríamos incomodados.”
"Sim." Saskia, Ryder e Finnian disseram que ficariam no castelo enquanto Elowen e eu celebrávamos nosso casamento como quiséssemos, e os servos foram instruídos a nos deixar em paz. Desço de cima dela, vesti meu manto negro e me inclino para beijar sua testa. "Tenho certeza de que não é nada."
Quando chego à porta da sala de estar, a mesma sensação familiar de pavor me invade novamente. Meus instintos me dizem para não abri-la, ignorar o mundo e manter Elowen aqui, mas isso é só um sonho. Manhãs tranquilas, intocadas pela guerra, ainda não são a nossa vida, mas podem ser. *Serão* ...
Braxton está do outro lado, com um pedido de desculpas que não diz em voz alta transparecendo em seus olhos âmbar. "Thirwen foi avistado. Ainda temos tempo, mas se quisermos seguir com o plano..."
"Teremos que partir ao anoitecer", afirmo sem emoção. "Convoquem os outros. Nos encontraremos em meia hora para discutir a estratégia."
Ele abaixa a cabeça antes de recuar pelo corredor, e eu fecho a porta suavemente. Sinto o olhar de Elowen nas minhas costas, sabendo que ela ouviu toda a interação, e me viro para encará-la, encostada na porta, vestida com uma das minhas camisas. "E assim começa."
Concordo com a cabeça. "À guerra, meu amor."

Parte III

A Guerra dos Quatro Reinos

Capítulo

QUARENTA

Elowen

Eu recoste-se no peito de Venatrix,

Mantendo uma bota cruzada sobre a outra, observo a água escura batendo na costa. Nossos navios ancorados balançam na enseada rochosa, e soldados continuam inundando a praia com armaduras pretas e azuis. Eles empurram seus barcos a remo longe o suficiente na areia para evitar que sejam levados pela maré. Com a cobertura da escuridão e a distância entre nós e

nosso alvo, não seremos vistos, mas precisamos atacar rapidamente.
Esta é a primeira batalha na guerra que venho travando desde o dia em que meus dragões e eu fomos acorrentados. Não estou lutando esta guerra por validação. Quando a história é escrita, raramente favorece as mulheres. Não me importa como sou percebida; tudo o que me importa é a sobrevivência e a retribuição. Quero um mundo melhor, e a única maneira de alcançá-lo é ungindo a terra com o sangue dos meus inimigos.
Duas bestas estão presas à minha sela, com aljavas cobertas com flechas extras ao lado. Sempre preferirei facas, mas aprendi a apreciar a sensação de disparar as armas. Finnian se aproxima primeiro, e eu paro um momento para percorrer meus olhos sobre ele, em armadura completa. Como o resto do exército, veludo azul acolchoado cobre o aço em seu peito, e o símbolo da Casa Veles está impresso na placa que prende suas ombreiras. Já vi muitas versões dele ao longo dos anos, mas nunca um comandante, e acho que combina com ele. Seus ombros são mais rígidos, seu queixo... mais alto, e ganhou um pouco de músculos por causa do treinamento com Cayden e Ryder.
“Os batalhões estão prontos para marchar”, diz ele.
Sinto meus dedos formigarem, não por mim, mas por ele. "Você vai liderar o ataque?"
"Não." Ele olha para baixo por um momento. "Cayden me aconselhou a não fazer isso, já que nunca estive em uma batalha dessa magnitude. Ele me disse para me firmar no campo antes de correr para a frente."
O alívio é evidente, mas não o suficiente, sabendo que Cayden tem experiência e que estará na linha de frente. Semelhante à minha abordagem em relação aos meus dragões, Cayden não enviará soldados para uma batalha que não lidera — especialmente quando a vingança que busca há anos finalmente está ao seu alcance. A vontade de perguntar a Finnian se ele está pronto para isso me invade, mas a reprimo por ele. "Você recebeu esta posição porque merece. Você é um lutador temível, Finnian. Eu também não estaria liderando um ataque se estivesse lutando em terra. Não tenho experiência."
Ele assente, parecendo aliviado pela minha fé, mas sem responder enquanto Cayden se aproxima com uma armadura inteiramente negra, exceto pelo símbolo da Casa Veles no peito. Cayden já é maior do que a maioria dos homens, e a armadura enfatiza esse fato e o torna ainda mais alto. Escamas de dragão cobrem seu peito e a parte superior das coxas em dois painéis curtos e brilham acima da cota de malha que separa suas ombreiras das manoplas pontiagudas que cobrem seus pulsos e mãos. Ele usa um elmo que lembra um dragão, com asas que se estendem para longe do rosto e dois chifres curvos projetando-se do topo. Ele esconde suas feições completamente, exceto pelos olhos, e a visão sinistra é suficiente para inspirar medo em qualquer inimigo.
Finnian olha rapidamente por cima do ombro. "Vou para o meu posto."
Jogo meus braços em volta dele e murmuro em seu peito: "Atire direto".
Seus braços me apertam, me pressionando para mais perto dele. "Acho que devo te dizer a mesma coisa agora."
Eu rio baixinho, dando tapinhas nas minhas coxas cobertas de facas. "Ainda posso conseguir alguns arremessos."
"Você sempre faz isso." Ele acena para Cayden enquanto recua, retornando até

os soldados estilianos.
Cayden para a poucos metros de distância e tira o capacete, absorvendo cada detalhe como sempre faz antes de uma batalha. Ele começa abaixado, arrastando os olhos pelo meu casaco de couro, também coberto de escamas de dragão, com fendas duplas altas para facilitar o acesso às minhas lâminas. O forro de pele no interior me mantém aquecido, e dois painéis de tecido azul-escuro pendem das cabeças de dragão em meus ombros. Eu não queria usar armadura completa, sabendo que precisaria me mover com Venatrix. Meu cabelo está penteado como sempre quando voo, com várias tranças pequenas ao longo do meu crânio, levando a uma grande que vai até a minha cintura, e um símbolo dourado da Casa Veles repousa em uma faixa dourada no centro da minha testa.
"Nenhuma flor?", ele pergunta, e em resposta ofereço a ele a parte de trás da minha cabeça, onde guardei algumas das flores que ele me presenteou. É difícil acreditar que há poucas horas acordamos na cama, comendo doces e trocando presentes. Um leve sorriso floresce em seus lábios, mas há uma intensidade em seus olhos que não pode ser abafada enquanto ele se aproxima, agarrando minha nuca. "Acerte-os com força e rapidez. Não demore. Não ceda. Não mostre misericórdia. Faça o que for preciso e volte para casa, para mim. Não importa se os dragões têm cavaleiros, você é melhor do que qualquer um deles. O fogo queima em seu sangue. Seus dragões são mais rápidos e ferozes, mas você é o mais temível de todos."
Concordo com a cabeça, absorvendo suas palavras, deixando-as ressoar em mim como um tambor de guerra. Mergulho os dedos sob o decote para retirar os dois anéis que adicionei ao meu colar, ao lado do meu pingente de pedra da lua. "Contra a minha vontade, parece que estou gostando bastante da sua presença." Coloco-os de volta onde estavam. "Mantenha os olhos no campo, não no céu, soldado."
Ele me beija antes de recuar, apoiando as mãos no cabo da lâmina. "Eu aprendi a ficar de olho em você enquanto tentam me matar. É uma habilidade invejável e da qual me orgulho."
Ele recoloca o capacete, transformando-se num demônio de quase dois metros de altura, e encontra Ryder à distância. Viro-me para Venatrix, pressionando minha testa na dela enquanto ela se abaixa, e deslizo meus dedos sobre suas escamas. Abro o vínculo, deixando-o fluir através de mim, me consumir. Uma luz dourada ilumina minha alma enquanto me torno um com meu dragão. Respiro quando ela respira, e nossos corações batem como um só.
“Vamos para a guerra, meu querido.”
Suas escamas carmesim se transformam em preto, e os outros dragões seguem o exemplo, espelhando a escuridão que cobre o céu. A única vibração vem de seus olhos. Eles estão inquietos e ansiosos para começar sua busca por sangue, suas garras pisando no chão a cada poucos segundos. Eu me pergunto se eles conseguem sentir a selvageria me martelando, se estamos conectados mesmo em nossa vingança.
"Solka", digo enquanto monto nela, apertando as mãos nos chifres da sela enquanto ela crava as garras na areia para começar a correr. É o comando para *voar* em ravariano. Um a um, todos os olhares na praia se voltam para contemplar uma visão que ninguém imaginava possível. O ar crepita com o meu

poder enquanto uma melodia de poder ilimitado é criada pelo vento que sopra através das asas dos dragões. Eu os guio silenciosamente para o céu, alto o suficiente para que a noite nos esconda. A tempestade de fogo se fez carne, sentada sobre suas sombras de morte e cinzas.

Seguindo o plano que discutimos, voo para longe da costa, em direção à retaguarda da frota de Thirwen. É enorme. Centenas de navios ostentam o símbolo da Casa Liluria, diferenciando sua força dos navios Imirath mais próximos da costa. Um kraken negro com seus tentáculos envolvendo um navio adorna suas velas vermelho-escuras, sem que nenhum navio suspeite que eles encontrarão seu fim esta noite.

A água bate nos cascos e tochas tremulam nos conveses, iluminando as provisões que Thirwen trouxe consigo. Soldados vasculham caixas de comida e armas. Se houvesse uma maneira de atacar os navios, eu atacaria, mas a vitória é mais importante.

Gritos de guerra quebram o silêncio na praia, e eu fecho meus olhos, murmurando uma prece para meus dragões, meus amigos e meu marido, apesar de minhas preces não terem sido respondidas durante toda a minha vida.

Deixo que o flashback do meu passado me domine, empurre tudo para a frente da minha mente. Penso nos dias frios e sufocantes no Masmorra; penso no meu sangue cobrindo o chão enquanto jorrava do meu corpo. Penso nas mãos que me tocaram sem o meu consentimento, quando eu era jovem demais para sequer fazê-lo. Penso na humilhação, na vergonha, no olhar do meu pai enquanto eu era espancado diante do seu trono. *Meu trono.* Penso nos meus dragões sendo acorrentados e arrancados de mim, e na dor avassaladora que me consumiu quando Garrick tentou quebrar meu vínculo.

“Zayèra.” *Fogo de dragão.*

Embora os dragões respondam aos meus comandos quando falo a língua comum, há algo que parece certo quando falo com eles em ravariano. Venatrix balança a cabeça como se estivesse acordando de um longo sono.

Venatrix mergulha bruscamente, e um grito de guerra forjado em voo e fúria escapa da minha garganta enquanto o vento uiva em meus ouvidos, sem fazer nada para abafar os rugidos ecoantes dos meus dragões. Eles revelam suas escamas vibrantes enquanto chamas ardentes engolem dez navios de uma só vez. Os cascos racham e se estilhaçam, e soldados com armaduras completas pulam na água, a menos que sejam pegos no fogo cruzado. O aço os arrastará para as profundezas do Dolent, fugindo das chamas apenas para serem engolidos pela maré.

Meus lábios se abrem enquanto olho ao meu redor. As chamas dos meus dragões são diferentes daquelas que já os vi soprar antes — seu fogo reflete a cor de suas escamas. Chamas vermelhas como a cereja mais madura jorram da boca de Venatrix, com listras rosa e douradas. O calor que as acompanha é avassalador, muito mais quente que o fogo terrestre. Sorin corta uma nave com chamas esmeraldas enquanto o negro dança em seu interior, e Basilius faz o mesmo com lavanda. As chamas prateadas de Calithea, que derretem a carne, brilham como estrelas, e as de Delmira queimam como um céu azul com o sol no centro.

Lembro-me de Asena me dizendo que fogo de dragão e fogo terrestre eram dois elementos completamente diferentes, mas eu não esperava que fossem tão

diferentes. O fogo de dragão é tão belo que qualquer um que o visse se queimaria tentando guardá-lo em uma garrafa como lembrança.
Gritos chegam até mim, entrelaçando-se com a essência de seus A morte enquanto a fumaça arde em meus olhos. Venatrix explode outro navio, cuspindo fogo enquanto plana sobre a água, incendiando ainda mais ao virar a cabeça de um lado para o outro. Gritos agudos e estridentes se elevam à distância, e avisto corpos curtidos e escamosos se debatendo no ar.
Wyverns.
" *Não tenha piedade* ", a voz de Cayden ecoa em minha mente. São eles ou nós, então endureço meu coração e sigo em frente .
“Venatrix, Sorin, Calithea,” eu ordeno. “Vetàs tesis wyverns!” *Ataque os wyverns.*
Venatrix ergue as asas, e um rugido em resposta ecoa pelos outros dois, enquanto Basilius e Delmira ficam para trás para continuar queimando a frota. Imirath passará séculos removendo o cemitério de navios destroçados e estilhaçados. Ninguém poderá navegar até este porto depois que acabarmos com eles.
Viramos bruscamente, e eu me sobressalto na sela quando a mandíbula de Venatrix se abre e se fecha em volta do pescoço de uma serpente. Ela pega a fera de surpresa enquanto suas presas cortam a carne como manteiga quente, salpicando nós dois de sangue. Os olhos da cavaleira estão completamente brancos enquanto ela tenta manter a conexão mental com a serpente, mas eles clareiam quando a fera fica mole nos braços de Venatrix. Seu rosto se contorce de puro terror quando Venatrix solta os dentes e eu disparo minha besta, atingindo a cavaleira direto no peito antes que Venatrix deixe os dois caírem no mar.
Encaixo a besta na sela novamente, olhando para a praia arenosa encharcada de sangue e coberta de corpos. Sorin mata dois wyverns voando perto do chão, esfolando vários soldados inimigos com a explosão. Calithea não está muito atrás, disparando por baixo de um wyvern que se aproxima de mim e o decapitando.
A batalha continua enquanto entranhas e chamas descem, e o barulho das espadas aumenta.
Mostro os dentes, continuando a disparar comandos pelo vínculo e deixando que todos em Imirath e seus aliados vejam o que acontece quando você prejudica alguém mais poderoso do que você.

CAYDEN

Deixo um rastro de cadáveres por onde passo, desviando das entranhas que Elowen joga do céu e das flechas apontadas para mim. Sangue escorre pela minha armadura e, embora eu nunca tenha tido problema em incutir medo no inimigo, o elmo de dragão certamente ajuda. Tudo o que faz é solidificar a imagem que Ravaryn tem de mim: não inteiramente humano, mas uma espécie de monstro governado por um demônio à espreita.
Alguém me ataca, e eu giro para longe do golpe, empalando a parte de trás do crânio dele com uma das minhas espadas. Sangue jorra de sua boca aberta enquanto eu a puxo de volta com minha lâmina, imortalizando seu grito de

guerra final. Sou um artista, mas não da maneira como Ryder passa horas misturando tintas para obter o tom perfeito. Minha lâmina é meu pincel e a única cor que vejo é vermelho.
Preciso de mais.
Eu anseio por mais.
Um lampejo prateado capta o canto do meu olho, e enfio uma das minhas espadas na areia, puxando uma faca da bainha na minha coxa e perfurando o inimigo que avança em direção a Ryder, atravessando-o na lateral do pescoço. Ele não se tornou meu segundo em comando por ser meu melhor amigo. Ele conquistou sua posição, mas é instintivo cuidar dele. Às vezes, quando olho para ele, vejo o garoto magro implorando para que eu ajude sua irmã, que não sabia segurar uma espada. Ele não é meu irmão por nenhum sangue que compartilhamos, mas pelo sangue que derramamos.
"Eu tive isso!" ele grita, cortando o estômago do soldado com quem estava lutando.
"Ah, tenho certeza", digo arrastando as palavras só para irritá-lo.
Oito homens formam um círculo ao meu redor, e eu seguro o cabo da minha lâmina descartada, girando-a enquanto eles se aproximam. Minha risada é abafada pelo capacete. Imirath pode enviar oito ou oitenta homens — eu os abaterei. Quando eu tinha quatorze anos, certa vez arranquei a garganta de um homem com os dentes nas arenas de luta; depois disso, a maioria dos confrontos parece inofensiva.
Eu corto a armadura deles, girando e manobrando em torno de suas lâminas enquanto eles tentam, sem sucesso, me derrubar. Um deles mira na minha perna, e eu piso a lâmina na areia e quebro seu maxilar com a outra bota. Seus corpos se juntam aos cadáveres ao meu redor, servindo de aviso para qualquer um que decida ser corajoso o suficiente para lutar comigo.
Não sou rei nem comandante em campo.
Eu sou um deus.
Chamas ardem à minha esquerda, e o calor atinge meu rosto enquanto o cheiro de carne queimada me arde no nariz. Isso atrai os olhares de todos na praia. Elowen é um farol no campo de batalha, assombrando a mente de cada soldado enquanto ela se senta em cima de Venatrix, garantindo que todos possam ver que a rainha dragão está aqui para tomar o que foi roubado dela. A explosão de chamas vermelhas puras engole todos os soldados de Imirath e Thirwen disparando flechas das muralhas do forte. Os estandartes roxos que emolduram a entrada com um tridente dourado cravando uma coroa são vítimas da ira de Elowen, assim como as docas que se projetam no oceano. A visão de Elowen destruindo o símbolo da Casa Atarah depois de tomar meu nome é algo que nunca esquecerei.
Dou um passo para o lado, desviando rapidamente de uma espada que me atinge o rosto. O soldado rosna, e embora sua armadura indique que são de Thirwen, não sinto nenhuma magia. Parece que todos os esforços mágicos de Thirwen estão concentrados nos wyverns, mas eu esperava mais. Isso me deixa nervoso. Ele mira em mim novamente, mas eu agarro seu pulso, torcendo-o para trás e o fazendo cair de joelhos.
"Você não devia ter tentado acertar o rosto. Minha esposa gosta de mim bonito."

Abro seu pescoço, empurrando-o para baixo junto com os outros enquanto continuo a lutar contra o inimigo. Meu pai me disse uma vez que eu destruo tudo que toco e, em vez de lutar contra isso, me transformei em destruição. Aço se choca e se separa enquanto botas chapinham na areia molhada.
Outro soldado se aproxima e range os dentes enquanto aperta a mão no cabo da lâmina como se isso fosse salvá-lo. Giro minhas lâminas gêmeas, alargando minha postura e esperando que ele avance, não por nenhuma outra razão além do fato de que prefiro a defesa. Quando sigo o caminho ofensivo muito rápido, a luta termina antes mesmo que meus músculos tenham a força necessária. chance de queimar. Ele estica a lâmina para trás enquanto o chão treme sob nossos pés. O soldado olha para baixo, e eu o acabo por sua hesitação. O chão treme novamente, e o sangue ondula nas poças ao longo da praia.
"Recuem!", ouço ao longe. "RECUEM!"
Ao meu redor, os soldados de Vareveth começam a aplaudir enquanto uma mistura de forças de Imirath e Thirwen corre de volta para a cidade portuária. Ryder olha para mim, mas eu balanço a cabeça negativamente. Algo está errado. Eles não entregariam o forte tão facilmente.
"Fiquem firmes!", ordeno. "Não fazemos prisioneiros!"
Rochas ao longo dos penhascos que emolduram a baía despencam na água e, embora o forte não tenha desabado completamente, em breve desabará. Poeira e pedras chovem do topo. Asena e seu culto nos acompanharam, enquanto Ophir ficou para trás, precisando se preparar para a jornada até Galakin, mas eu sei que esta não é ela. Sua tarefa tem sido manejar o fogo para cortar os inimigos, nada digno dessa reação da paisagem.
Uma luz ofuscante surge atrás de mim, e faíscas irrompem pelo ar à medida que ela se dissolve. Todos prendem a respiração enquanto o ar ao nosso redor fica mais pesado, como se estivesse carregado de umidade e sendo puxado para longe de nós. Gritos fazem meus ouvidos zumbirem enquanto um arco transparente — *uma proteção* — se forma bem atrás de nós, ainda mais alto do que Elowen, de onde ela voa do outro lado. É mais longo que a praia e começa a se fechar. Ryder e eu estamos bem no fundo do território deles, tendo liderado o ataque.
"Que se dane", murmuro. "Malditos magos."
Uma debandada de soldados avança pela areia, mergulhando em um frenesi sem direção enquanto lutam para alcançar seus respectivos lados. Qualquer um que esteja do lado errado da barreira, uma vez fechada, será executado ou levado como prisioneiro. Alguém bate no meu ombro machucado, e eu cerro os dentes, me endireitando rapidamente enquanto luto para chegar a Ryder, sem me importar com quem estou derrubando. Mal vejo o que me cerca enquanto balanço minhas lâminas, desviando tanto do inimigo quanto dos meus soldados que tentam correr para a segurança. O céu acima de mim está coberto pela cúpula. Ela está se aprofundando em seu território à medida que a brecha para sairmos diminui a cada segundo.
"Ryder!", grito, conseguindo vê-lo de relance em meio ao caos.
"Saia daqui!" ele grita, mais para dentro do território de Imirath do que eu, mas continuo abrindo caminho até ele.
Eles nos cercam como moscas negras em busca de sangue, mas eu sigo em

direção a ele, matando o último soldado entre nós. Ele me olha, salpicado de sangue e com o peito arfando, o alívio claramente estampado em suas feições. Não nos damos ao trabalho de dizer nada enquanto nos viramos e abrimos caminho através da massa, pintando nosso caminho com entranhas e cadáveres. Quanto mais nos aproximamos da brecha que diminui, mais apertado o espaço se torna. Espadas não servem mais, e usamos nossa altura e tamanho como vantagem, abrindo caminho com cotoveladas e empurrões, mantendo o equilíbrio enquanto pisamos em corpos, vivos e mortos.

Não há bem ou mal na guerra, apenas aqueles que sobrevivem e aqueles que morrem.

Eu não vou morrer hoje.

Mantenho meus olhos fixos em Elowen voando em direção à abertura no campo de força, lutando para sair do inferno, finalmente tendo uma razão para fazer isso além do egoísmo.

Capítulo

QUARENTA E UM

Elowen

Venatrix rasga outro wyvern,

E eu ordeno que ela voe pela praia e se dirija para a brecha que se fecha.

Cayden e Ryder lideram os ataques, então não há como eles estarem do nosso lado. Preciso encontrar um jeito de pelo menos desacelerar a magia para dar a eles uma chance maior de escapar. Os soldados estão tão próximos que a massa deles mal se move. A maioria será esmagada até a morte antes mesmo que

a brecha se feche. A única pequena misericórdia é saber que Finnian não está com eles.
As correias da minha sela se esticam enquanto ela se vira, oferecendo as costas ao chão enquanto as paredes brilhantes se aproximam. "Zayèra!"
Venatrix sopra suas chamas em direção às proteções com renovado vigor, enviando a magia de volta para conceder aos soldados abaixo um pouco mais de tempo. Viro-me para dar aos meus olhos um alívio do calor e observo Sorin cravar as garras em uma serpente. Ela bate a cauda nele, mas suas escamas resistem firmemente contra os espinhos venenosos. Ele a banha em chamas verdes, derretendo a carne de seu cavaleiro e jogando-a no mar. Ele mostra suas presas ensanguentadas e solta um rugido cruel, chamando quaisquer outros que possam estar à espreita à distância. Desafiando-os a encontrá-lo e enfrentar seu destino.
Basilius vem até nós, espelhando Venatrix e banhando as proteções às minhas costas com fogo de dragão. Posso sentir o poder delas, sentir algo despertando. em mim através deles. É como lembrar daquilo que você esqueceu momentos atrás, quando estava na ponta da língua.
Mas as proteções ficam mais fortes, continuam vindo em nossa direção, e os dragões são forçados a continuar descendo. Venatrix se sobressalta quando flechas são disparadas contra mim, fazendo-as ricochetear em suas escamas. Meu sangue gela à medida que descemos. O cheiro de enxofre é forte aqui embaixo. Ele evoca memórias do dia em que meu pai tentou romper meu vínculo com meus dragões. Olho por cima do ombro, tentando encontrar Cayden quando estou perto o suficiente do chão para distinguir rostos, mas é impossível avistá-lo.
Venatrix e Basilius são forçados a abandonar seus esforços. Seus corpos são grandes demais para continuar lutando naquele pequeno espaço. O calor me atinge enquanto um grande estrondo ressoa pelo ar. Venatrix se inclina para cima, bloqueando o impacto das chamas ondulantes que não foram conjuradas por nenhum dos meus dragões. Membros decepados e corpos escaldados voam para longe da abertura restante. O domo se estende até Imirath, até onde a vista alcança, e procuro do nosso lado qualquer sinal de Cayden.
Se ele estiver preso em Imirath, não há nada que eu não faça para quebrar essa barreira.
Com os soldados sobreviventes se esvaindo e os cadáveres se alinhando na praia como grãos de areia — próximos uns dos outros e impossíveis de diferenciar —, vejo Cayden. Como uma fênix renascendo das cinzas, ou um monstro ascendendo de um oceano feito de sangue, Cayden se levanta de onde cobriu o corpo de Ryder com o seu. Seus olhos flamejam com um ódio que seiscentos homens não conseguiriam possuir mesmo se tentassem. Ele joga o capacete para o lado, mostrando os dentes, cobertos de sangue, e ergue duas espadas contra os inimigos que o cercam.
Oh, deuses.
Sangue escorre do canto de sua boca e, enquanto voo em sua direção, noto os pedaços de metal brilhante projetando-se de sua armadura. Seu esforço só vai piorar a situação, mas, felizmente, ele acaba com os soldados feridos rapidamente. Ryder se levanta do chão ileso, mas um pouco instável. Desaperto

as correias da minha sela antes que Venatrix pouse e deslizo por sua asa, em queda livre. para a praia quando ela está perto o suficiente e corre até os dois.
Cayden cospe sangue, limpando a boca com as costas da mão antes de apoiá-la na minha bochecha. "Você está machucada?"
"Estou bem." Fragmentos do que quer que tenha sido a bomba continuam a brilhar com uma cor verde doentia, projetando-se do lado direito do peito e do braço em pedaços ásperos. "Cayden—"
Foi forjado a partir de magia.
Não sei como curar feridas causadas por magia.
Meu pânico começa a crescer.
"Não se preocupe comigo", Cayden insiste, mas Ryder o interrompe enquanto tira seu capacete.
A bomba era venenosa. Há um mago em Thirwen que as cria, e ele deve estar aqui. O nome dele é Nykeem. Sua assinatura é o metal verde.
"Que tipo de veneno?", pergunto. "Nyrinn está no acampamento com os outros curandeiros..."
"Ele não vai sobreviver tanto tempo", interrompe Ryder. "Ele mesmo fabrica o veneno e faz experiências com magia negra."
"Pare de ser tão dramático", Cayden diz lentamente. "É um arranhão do caralho."
"Há vários pedaços de metal saindo de você", Ryder rosna.
Cayden dá de ombros, olhando para Ryder com olhos vidrados. "Muitos arranhões."
Meu estômago embrulha e a respiração acelera. Giro a cabeça em todas as direções em busca da única pessoa que possa me ajudar. "Asena!" Minha voz sai estridente e minhas emoções apertam minha garganta. Faço o possível para reprimi-las, mas é quase impossível. "Asena!"
Ela possui magia de fogo, assim como muitos em Galakin, e os magos de lá são conhecidos por canalizar sua magia em habilidades de cura.
Ela deve ser capaz de ajudar.
Alguém tem que fazer alguma coisa.
Cayden pousa a outra mão no meu rosto, trazendo meu olhar de volta para o dele enquanto Asena aparece em roupas de couro manchadas de sangue e uma camiseta vermelha em homenagem à sua deusa. "Estou aqui, minha rainha."
“Você tem magia de fogo, isso também significa que você tem magia de cura?”
"Estou bem, querida. Só preciso tirar os pedaços e tomar um tônico calmante."
"Seu idiota", grita Ryder. "Seu idiota de merda!"
“Obrigado também seria suficiente.”
"Não consigo curar um veneno que não consigo identificar", ela diz, com o rosto sério enquanto olha para Cayden.
“Quem pode?”
"A deusa", ela diz, e eu balanço a cabeça, recusando-me a acreditar. Suas sobrancelhas se franzem e ela aperta os lábios enquanto observa as marcas em nossas mãos. "Há limites para a magia mortal, mas talvez haja outro jeito."
Ela começa a entoar um cântico em ravariano enquanto abre um portal. As pernas de Cayden cedem, fazendo-o cair de joelhos, e eu caio junto com ele. Venatrix assume uma postura protetora sobre nós, arranhando os cadáveres para abrir espaço em meio ao sangue. Ryder força Cayden a se deitar de costas, e eu

consigo encontrar uma parte limpa das minhas roupas para limpar as mãos.
“Posso começar a remover os cacos?”
"Não sei!" Ryder levanta as mãos.
"Sim. Volto já", responde Asena antes de correr pelo portal.
"Certo." Coloco as mechas soltas do meu cabelo atrás das orelhas e respiro fundo. Já curei inúmeras feridas. Eu consigo. Não posso deixá-lo morrer.
"Cayden, isso vai doer."
“Faça o que for preciso”, ele diz.
Não perco tempo antes de envolver minha mão em volta do primeiro fragmento, tomando cuidado para não me cortar, e puxá-lo para fora. Cayden nem pisca, e estou preocupada que seu corpo esteja dormente até que olho para baixo, para onde sua mão agarra o cabo da lâmina. Arranco outro fragmento que desce pelo seu lado direito, e mais uma vez, *nada*. Imagino quanta dor ele já experimentou na vida para disfarçá-la perfeitamente quando qualquer outra pessoa estaria gritando. Se eu pudesse matar o pai dele eu mesma, eu mataria, e faria isso devagar. Só anos de treinamento me impedem de... perdendo a cabeça. Sei que não posso curá-lo, mas posso pelo menos prepará-lo para quem Asena está trazendo para nós.
Ele me olha nos olhos. "Você não pode me machucar."
“Nós dois sabemos que isso é mentira”, eu sussurro.
Engulo em seco, continuo minhas ações até que todos os cacos se soltem e começo a desfazer sua armadura. Por que o amor não consegue encontrar uma maneira de se desvencilhar da tragédia?
Oh, deuses.
Estou apaixonada por ele.
Acho que já faz um tempo, mas como pude ser tão cega? Amor é a sensação que incha no meu peito sempre que ele está por perto, como se eu fosse explodir se ele não me abraçasse. Amor é como ele beija minhas lágrimas e cicatrizes para substituir minha dor por adoração. É a minha respiração presa entre toques íntimos e simples, e a fraqueza nos meus joelhos quando ele me encara com olhos intensos.
O amor está tão presente em nossa vida diária que não percebemos quando ele está bem na nossa frente, porque ele está sempre presente.
Cayden vem escalando os muros da fortaleza onde mantenho meu coração trancado há meses. Sou inteiramente dele. Tentar não amá-lo é como tentar sobreviver sem respirar.
Abro a armadura dele e corto sua camiseta até seu peito ficar nu. Aperto os lábios para não gritar. Ryder desvia o olhar, pressionando o punho na frente da boca enquanto suas narinas se dilatam. Ele está coberto de sangue e hematomas da fuga.
"Lembre-me de me machucar com mais frequência se isso resultar em você rasgando minhas roupas", Cayden diz com indiferença.
Forço uma risada por ele, sabendo que ele me manteria calma se os papéis fossem invertidos. "É a única vez que te acho tolerável."
"Posso me lembrar de outros momentos." Mais sangue escorre do canto da boca. "Alguns momentos muito bons."
"ASENA!", grito em direção ao portal giratório, incapaz de esconder meu medo.

Sou totalmente incapaz de tratá-lo. Minha inutilidade é tão potente que eu poderia me engasgar.
As veias do pescoço, peito e braços do lado direito estão ficando pretas, como teias de aranha atravessando sua pele. Uma maga vestida com vestes roxas atravessa o portal com Asena. As duas correm em nossa direção e se ajoelham do outro lado de Cayden.
"Majestade", diz a mulher, com um tom grave enquanto olha para os ferimentos.
"Não." Não consigo ouvir esse tom. Não consigo ouvir a pena dela. Não posso perdê-lo.
"Um veneno dessa natureza é extremamente mortal. Ele polui o sangue até que só reste o veneno."
"Eu não perguntei o que era", sibilo. "Estou ordenando que você o cure."
Finnian nos encontra, com os olhos grudados em Cayden enquanto ele permanece imóvel. Acho estranho para todos nós vermos Cayden assim; de todos nós, ele é o que parece inquebrável. Asena e a mulher se envolvem em uma discussão acalorada, mas meu coração está batendo forte demais para absorver mais do que qualquer outra palavra. *Por favor, não o levem. Por favor, não o levem. Por favor, não o levem.*
"Deixe-me ver esses lindos olhos, Sirantia." Cayden estende a mão para acariciar meu rosto. "A cláusula do casamento foi cumprida. Ninguém tem o direito de contestar sua reivindicação ao trono de Vareveth, mesmo que eu não esteja governando ao seu lado."
Finnian se ajoelha ao meu lado, mas não estende a mão, apenas me avisa que está aqui para o que eu precisar, enquanto balanço a cabeça. "Pare de falar."
"Essa palavra. Significa—"
"Não."
“ Luz das estrelas. ”
Eu respiro fundo.
Sirse é *estrela,* e *veantia* é *luz* . *Eu te chamo assim não apenas porque você ama as estrelas, mas* porque você me guiou para um lar que eu não sabia que existia e brilhou como um farol através da escuridão que me atormenta há anos. Eu reviveria cada momento da minha vida, toda a dor e sofrimento, sabendo que isso me levaria até você. Eu não pertenço à morte, sou sua e te encontrarei em cada vida.
"Não ouse se despedir de mim. Não ouse quebrar a promessa que me fez." A dor que me atravessa o coração é insondável. Se Cayden for tirado de mim, não há proteção forte o suficiente que me impeça de entrar em Imirath.
Ele aperta meus cabelos com mais força. "Estar casado com você, mesmo que por um dia, me trouxe mais felicidade do que qualquer bastardo como eu merece."
Lágrimas escorrem pelo meu rosto. "Quero mais."
"Valeu a pena, El. Tudo. Nunca se esqueça disso."
Olho para a mulher novamente. "O que você sabe fazer? Eu te dou qualquer coisa. Eu faço qualquer coisa."
"Há um ritual que só pode ser feito *uma vez"*, diz o mago. "Mas não posso deixar de enfatizar o perigo dele, e também a dor que você sentirá."
"Eu não ligo."

"Elowen, não", ordena Cayden, mas eu o ignoro. Esta é a minha escolha. Tudo o que preciso é de uma chance. Um minúsculo resquício de fé, e me agarrarei a ela como a uma tábua de salvação.
“Corte as palmas das suas mãos, e a dele também. Precisaremos acessar a magia divina contida nas marcas. A magia extrairá algumas das toxinas do sangue dele e as colocará no seu, e vocês terão que lutar contra o veneno juntos. Ele se sentirá melhor, mas você se sentirá...”
Já estou cortando as palmas das mãos antes que ela termine e passe para a de Cayden, apesar de ele tentar arrancar a mão da minha mão. O veneno o deixou fraco demais para lutar comigo, e ele, principalmente, não consegue escapar do aperto que Ryder exerce sobre seus ombros.
"Deixe-me fazer isso. Ele é meu irmão", implora Ryder. "Não a faça sofrer tanto."
"Vocês podem estar presos, mas suas almas não", responde o mago. "A única razão pela qual um ritual como este funciona é por causa de quem eles representam um para o outro, mas a rainha ainda pode morrer se o veneno for forte demais para ela."
"Faça isso." Ignoro suas palavras estranhas, só querendo terminar logo. Ela começa a murmurar orações em ravariano ao Deus da Morte, à Deusa da Vida e à Deusa das Almas.
"Tire-a de perto de mim", exige Cayden, com os olhos vidrados marcando Finnian. "Se ela morrer, será um peso na sua consciência."
"Cale a boca", ordeno, e Cayden volta sua atenção para mim.
A pele da minha palma já queima com o sangue dele enquanto ele tenta se afastar, mas eu sei que isso é só o começo. "Não se arrisque por mim. Me solte, meu amor. Meu corpo pode lutar contra isso."
Minhas mãos começam a tremer, mas não de dor. "Não me peça para fazer algo que você jamais faria. Você prometeu morrer ao meu lado muitas vezes; agora eu prometo fazer o mesmo."
"Elowen", ele balbucia, piscando mais lentamente enquanto a maga termina sua oração, e eu me inclino para pressionar meus lábios nos dele enquanto ele murmura meu nome uma última vez antes de cair inconsciente. "Meu Elowen."
Seu pulso ainda bate, mas está fraco.
Fios dourados circundam o ponto onde Cayden e eu nos unimos, criando uma barreira inquebrável enquanto observo seu peito subir e descer desigualmente. Mantenho nossos dedos entrelaçados com força, por precaução, para não correr o risco de romper a conexão.
"Não há como voltar atrás em sua escolha depois que o veneno entrar em seu sangue, Alteza. Você estará enganando a morte, e sempre há um preço a pagar", diz o mago. "Este é meu último aviso."
Seja qual for o preço, não se compara a perder Cayden. Concordo com a cabeça, apenas uma vez, e uma dor como nunca senti crava suas garras em mim. É como andar no fogo. Ter mil facas perfurando minha pele ao mesmo tempo. É como se minha carne estivesse sendo lentamente arrancada dos meus ossos. Cerro os dentes e abaixo a cabeça, não querendo que ninguém veja a agonia que isso está me causando.
Eu não vou morrer aqui.

Não deixarei Cayden morrer aqui.
Engasgo com o gosto de cobre na minha boca.
Meu corpo inteiro está tremendo como se houvesse um terremoto dentro de mim.
Redemoinhos vermelhos começam a subir pelos meus braços, como se o veneno estivesse me queimando por dentro e tentando forçar a saída. Mais respingos vermelhos nos meus braços, escorrendo pelas minhas bochechas, e percebo que estou chorando lágrimas de sangue. Meu peito está arfando, minha garganta queima como se o próprio ar estivesse... veneno. Jogo a cabeça para trás e grito, incapaz de conter a dor.
Finnian me envolve com um braço para me manter de pé enquanto sou queimado vivo sem fogo à vista. O suor escorre pelas minhas costas e ele corta minhas mangas para me ajudar a me refrescar. Os dragões restantes pousam na grama ao nosso redor, Sorin se aproxima para cutucar minha perna com o focinho, e os outros três abaixam a cabeça e fecham os olhos.
Imirath não tirará mais nada de mim.
Eu sou feito de fogo e nada me queimará.
A magia canta em meu sangue, e eu ordeno que ela consuma o veneno em vez da minha pele. Eu a ligo contra a substância estranha que me permeia como uma lâmina. Construo uma represa contra a dor e a forço a se transformar em poder.
Abro os olhos e observo as marcas vermelhas em espiral que param logo acima dos meus cotovelos se transformarem em lilás, azul-claro, prateado e dourado. Elas se entrelaçam como videiras e se estendem até onde terminam minhas marcas douradas. O mesmo padrão espiral se reflete em Cayden, mas ele está marcado em preto e com uma faixa azul-escura. Suas marcas sobem pelas costelas do lado direito, mas deixam sua barriga nua, serpenteiam pelo peito, até a metade da garganta e descem pelo braço.
Os fios dourados desaparecem junto com a dor, e finalmente consigo respirar sem a sensação de agulhas nos pulmões. Quando elas desaparecem completamente, desabo no peito de Cayden, ouvindo o som fraco de seu batimento cardíaco, que se tornou minha música favorita. Nossas mãos estão curadas e, embora as feridas em seu peito não estejam, elas pararam de sangrar. Só as solto quando tenho certeza de que Cayden ficará bem. Posso limpar suas feridas mais tarde. A única coisa que importa é que o veneno se foi.
A maga olha de um lado para o outro e para as nossas marcas como se tivesse acabado de testemunhar um milagre. "Nunca vi marcas assim."
Pego o odre que Finnian me oferece enquanto ele afasta meu cabelo da testa suada e o passa na boca para cuspir o sangue. "Isso nunca aconteceu quando você já fez o ritual?"
“Ninguém jamais sobreviveu a isso”, ela responde, olhando entre Cayden e eu somos como um quebra-cabeça que precisa desesperadamente ser resolvido, mas não tenho tempo para a curiosidade dela. Qualquer magia que tenha percorrido meu corpo durante o ritual não se dissolve, ela se intensifica, pressionando minha pele como se precisasse ser eliminada. "Seus *olhos* ..."
Finnian agarra meu queixo e seus lábios se abrem em surpresa. "Eles estão girando. É como se fossem ouro derretido."
A raiva me percorre como uma droga e me perco em êxtase ao me levantar,

ainda coberto de sangue e cinzas da batalha. Soldados de Vareveth que testemunharam o ritual estão ajoelhados entre os cadáveres na areia ao nosso redor; até mesmo alguns soldados de Thirwen e Imirath acompanham suas ações.
"Onde está o mago que criou a bomba?", pergunto, caminhando em direção às proteções. "Tragam-me Nykeem!"
Eu paro a alguns centímetros da parede brilhante enquanto os soldados do outro lado começam a se separar.
"Eu me abstive de queimar seu reino até o chão, mas minha misericórdia só vai até certo ponto", começo, com a voz rouca e rouca de tanto gritar. "Zayèra."
Ao meu redor, o fogo dos meus dragões arde, colidindo com as proteções enquanto observo quem deve ser Nykeem romper a multidão e lutar para combatê-los. Seu cabelo preto está cortado logo abaixo do queixo, e sua armadura não tem uma gota de sangue. É evidente que ele não participou da batalha. Outros magos de Thirwen se juntam a Nykeem, com os olhos arregalados enquanto me observam. Meu sorriso é feito de dentes manchados de sangue enquanto encaro o homem, apontando diretamente para ele para que saiba o que o espera.
Morte.
“Diga ao Garrick que o pesadelo dele voltou com um demônio ao seu lado.”
Vários soldados de Imirath atrás das proteções caem de joelhos, e o caos se instala rapidamente quando aqueles leais a Garrick os avistam. Brigas começam, soldados empurram os magos que tentam segurar as proteções, e eu rio.
“Encolha-se atrás de suas proteções o quanto quiser, mas chegará o dia em que você não poderá correr e não haverá ninguém para protegê-lo. você quando for massacrado por mim ou pelo meu rei, que você não conseguiu matar.”
Outra onda de poder me percorre, e eu cerro o maxilar enquanto estendo as mãos para os lados, encarando o fogo do dragão enquanto o puxo em minha direção. *Empunhe-o.* Uma mistura das chamas de todos os meus dragões cintila em minhas mãos e serpenteia pelos meus braços em círculos, respondendo a mim.
Eu me torno as chamas. Cedendo ao meu poder e assumindo-o para que ninguém possa tirá-lo de mim.
Mais além, as proteções caem de joelhos quando abro o elo em meu peito, comandando o fogo como comando meus dragões, e então me junto a elas, atirando fogo nas proteções enquanto a luta dos magos piora. As chamas se transformam em garras nas pontas dos meus dedos, uma cor para cada dragão em ambas as mãos. Começo a abrir a proteção como argila molhada, arrancando tiras dela enquanto os gritos preocupados dos magos inundam meus ouvidos. Cravo minhas garras nela, pensando em rasgá-los. Seus corações poderiam bater em minhas palmas depois que eu os arrancasse de seus peitos e os enfiasse goela abaixo.
Ainda não, digo a mim mesmo.
As proteções não só nos impedem de entrar, como também os impedem de sair até que estejam submersos. Combinamos de partir para Galakin amanhã de manhã assim que soubemos dos movimentos de Thirwen, e eles acabaram de se fechar em Imirath.
Ordeno que os dragões parem, mas eles permanecem por perto. Sorin e Venatrix

pairam acima, Basilius protege minhas costas e Delmira e Calithea ficam de cada lado.
"Você nunca mais estará seguro. Estarei sempre à espreita nas sombras com minhas lâminas em punho e chamas prontas."
As chamas envolvem meus braços e, no meu reflexo, vejo-as formar uma coroa em volta da minha cabeça. Lentamente, solto o poder, observando as garras desaparecerem, mas forçando a coroa a permanecer enquanto me mantenho firme com meus dragões e enfrento nosso inimigo.
“Eu sou Elowen Veles e estou vindo para o meu trono.”

Capítulo

QUARENTA E DOIS

Elowen

EU PERMANECER DE PÉ POR ALGUM MILAGRE, Mesmo com minhas pernas queimando enquanto ando pela areia ensanguentada. As proteções não incluíam o forte destruído sobre a água, e pedras carbonizadas continuam caindo nas ondas enquanto as muralhas desmoronam. O mundo se turva nas bordas da minha visão turva enquanto a magia abandona meu corpo, a fadiga me atingindo com tanta força que é como

se eu tivesse caído na superfície de um lago congelado, incapaz de me mover enquanto afundo nas profundezas escuras.
Eu empunhava fogo de dragão.
Meu cérebro não está se movendo tão rápido quanto meu corpo, e não tenho energia para teorizar.
Os soldados permanecem ajoelhados enquanto volto para Finnian e Ryder para que possam dar ordens. Eles se levantam, ambos com os olhos cheios de perguntas que não sei como responder. Toda vez que experimentei magia, ela me fez sentir intocável e invencível, mas nunca consigo me agarrar a ela. Ela sempre escapa, me deixando vazio e exausto.
"Preciso de suprimentos de cura." Venatrix volta a ficar de guarda sobre o corpo de Cayden, e eu mordo a parte interna da bochecha ao ver todo o sangue e sujeira que o cobrem. Ryder acena para alguém e me entrega a bolsa que carregam. "Reúna os soldados e prepare-os para retornar a Vareveth. Não faz sentido deixar ninguém para trás. O fogo do dragão destruiu o porto o suficiente para torná-lo inútil e..." Seus suprimentos estão enterrados sob os escombros. Pendurem nossas bandeiras nas muralhas. Eles não correrão o risco de derrubar as proteções, então serão forçados a se lembrar do que aconteceu hoje e temer as batalhas que virão.
"Seremos rápidos e faremos com que Asena nos transporte para a estalagem. A Sas já deve estar ficando louca e o Cayden precisa ir para um lugar seguro enquanto seu corpo se recupera", diz Ryder. "O que devemos fazer com os soldados inimigos do nosso lado das proteções?"
Algo pesado pesa no meu peito, mas mantenho os ombros rígidos, sem querer que ninguém me veja fraquejar. "Dê a eles a opção de fazer um juramento de sangue. Se jurarem lutar por nós, deixem-nos viver, mas executem-nos se se recusarem. A perda de Imirath e Thirwen pode ser o nosso ganho."
Ryder assente, franzindo a testa. " *Como?* "
Uma palavra pode ter tanto peso, dependendo de como é formulada. A pergunta dele não se refere aos prisioneiros, mas a todo o resto.
"Não sei." Balanço a cabeça. "Vou falar com o mago que realizou o ritual antes de partir."
“Seja rápido.”
"Você também. Vou ordenar que três dragões fiquem até você estar segura."
Ryder lança outro olhar para Cayden e sua garganta se contrai depois que ele respira fundo. Sua culpa é tão aparente que irradia, mas ele já está caminhando pela praia antes que eu tenha a chance de dizer alguma coisa. Finnian aperta minha mão antes de seguir Ryder, e o sangue que forma crostas em nossa pele se enruga, me fazendo desejar um banho. Detesto a sensação de sangue seco.
Ficar aqui me deixa nervoso, então deixo minha preocupação de lado por enquanto e encontro Asena parada na praia com o outro mago. A fumaça subindo para o céu é tão espessa que me deixa com a garganta áspera. Madeira queimada se projeta da água como um mar de ossos quebrados que se estende até onde a minha vista alcança.
Asena percebe minha perseguição e se aproxima rapidamente. "Majestade, o que o senhor acabou de fazer..." Os cachos que ela prendeu no alto da cabeça balançam enquanto ela balança a cabeça, me encarando com olhos arregalados e

atônitos. "Nenhum mago jamais empunhou fogo de dragão."
"Nenhum mago jamais foi vinculado a cinco dragões", respondo. É a única explicação possível que consigo pensar. Até a própria Asena disse para não impor limites aos meus poderes. "Pode me apresentar ao seu amigo?"
"Claro." Ela estende a mão para trás para puxar a mulher para a frente. "Esta é Sage. Ela é uma maga de almas que dedicou sua vida à Deusa das Almas. Seu culto reside na Floresta de Etril."
Um arrepio percorre minha espinha ao pensar na floresta sinistra pela qual Cayden e eu viajamos enquanto fugíamos de Imirath. As árvores perfeitamente simétricas... o silêncio, além do vento sibilante e dos galhos batendo uns nos outros.
Sage me oferece um sorriso tímido e uma reverência. "Majestade."
"Obrigada pelo que você fez por mim", eu digo. "Não sei como retribuir."
"Nenhum pagamento é necessário. Você sobreviveu porque os deuses assim o desejaram, e minha vida é dedicada a servi-los."
Pigarreio. "O que você quis dizer quando disse que Cayden e eu estamos ligados?"
Ela morde o lábio inferior e enfia as mãos nos bolsos. Suas vestes se movem, e noto as cicatrizes de queimadura na coluna de seu pescoço. "Antes de realizar a cerimônia, meus poderes sentiram um vínculo entre você e o Rei Cayden. Eu jamais a teria realizado se não existisse; não haveria chance de sobrevivência. É um elo invisível entre vocês dois que só a Deusa das Almas pode criar."
“Cayden e eu estamos ligados?”
"Sim", afirma Sage. "Um laço de alma. Ele entrelaça seus destinos, faz com que seus caminhos se cruzem, mas o que vocês sentem um pelo outro depende inteiramente de vocês. Alguns laços de alma levam as pessoas aos seus inimigos."
Pisco lentamente enquanto absorvo a informação. Sempre me senti atraído por Cayden, mas qualquer menção à influência dos deuses sobre nossas vidas me faz querer me rebelar contra esse fato. "E as novas marcas?", olho novamente para as linhas sinuosas que percorrem meus braços.
“Eles são a evidência do vínculo. Nós nos referimos a eles como marcas de aura porque suas cores refletem suas almas. Como eu disse, um ritual dessa magnitude só pode ser realizado uma vez. Ele alerta outros magos de almas de que eles não poderão acessar essa magia caso algum de vocês se machuque gravemente novamente.
Eu cambaleio, e Asena estende a mão para me firmar. "Deve ir embora, Majestade. Precisa descansar."
"Te vejo quando voltar para Vareveth", digo a ela, e ela sorri em resposta. "E obrigada, Sage. Estou em dívida com você. Se mudar de ideia sobre receber o pagamento, por favor, não hesite em me procurar."
Seus lábios se curvam. "Não sou eu quem vai receber o pagamento pelo ritual, Alteza."
Meu sorriso se contorce, mas consigo mantê-lo no rosto enquanto me viro. Outra onda de fadiga me invade enquanto caminho em direção a Venatrix. Ela levanta Cayden com mais ternura do que eu já a vi segurar qualquer coisa e o coloca delicadamente sobre Calithea, que se curva o máximo que pode para que eu

possa subir nela. Enrolo as correias da sela em volta de mim e de Cayden antes de prendê-las ao meu arreio. Não tenho como suportar o peso dele, mas mantenho seu corpo reclinado pressionado entre meus joelhos e os chifres da sela. Calithea está atenta aos meus sentidos e sabe que este não é um voo comum. Não acho que os dragões aceitariam tão calmamente outra pessoa em suas costas, a menos que a situação fosse terrível.
Ela sobe um penhasco a alguns metros de distância e abre as asas para uma decolagem uniforme, ganhando altitude lentamente, mas nunca se inclinando o suficiente para nos empurrar. Os ferimentos de Cayden precisam ser enfaixados. Deslizo a mochila do meu ombro e pego um pano limpo e um odre, precisando limpar seu torso primeiro. Sempre foi mais fácil para mim curar estranhos — curar até mesmo um pequeno arranhão em um ente querido me enche de emoções indesejadas. Cayden respira fundo, gemendo quando pressiono o pano sobre o maior corte em seu flanco. Seus olhos piscam, abrindo-se e focando em meu rosto o melhor que podem. Ordeno a Calithea que plane. Isso nos deixará consideravelmente mais lentos, mas não posso costurá-lo a menos que ela nos mantenha firmes. Ryder e Finnian provavelmente acabarão com os soldados e o portal para Avaloria, a cidade costeira em Vareveth, antes de nós. Não havia sentido em nós. viajando de volta para a mansão quando teríamos que viajar para as docas antes do amanhecer, mas parte de mim ainda deseja que pudéssemos fazer isso.
Enfio a linha na agulha e começo a trabalhar. "Um dia você vai parar de se machucar para ganhar a minha atenção."
Seus lábios se curvam em um sorriso bobo que eu nunca vi nele. Ele ainda não está totalmente consciente, mas sei que está lutando para recuperá-lo. "Funcionou como mágica desde a primeira noite em que te beijei, e não pretendo parar."
Ele adormece novamente e eu termino de costurar. Calithea ganha velocidade cada vez que termino um corte, cobrindo mais distância enquanto enfio a linha na agulha. Felizmente, nem todos os seus ferimentos são tão profundos, e assim que o sangue seca, paro um momento para admirar suas marcas e contorná-las com o dedo.
As árvores desaparecem e Avaloria toma seu lugar. É uma pequena cidade dentro de Vareveth, feita de estradas sinuosas e antigos bangalôs de pedra ao longo da costa. Navios ancoram ao longe e barcos menores balançam ao longo das docas com pescadores puxando redes com suas capturas diárias. Calithea e Venatrix atracam em frente à pousada. Cada casa pitoresca ao longo da rua tem guirlandas feitas de vidro marinho colorido e conchas. É evidente que são feitas à mão, o que só aumenta o charme, assim como as persianas pintadas com tintas desgastadas em tons de azul, verde e coral.
Aproveito a calmaria das ondas quebrando na praia para abafar os gritos de dor que me cercaram momentos atrás. Nossas acomodações ficam na água, e espero que ainda possamos ouvir as ondas através das janelas fechadas. Adoraria voltar aqui no verão, mas estou ansiosa para escapar do frio.
Saskia irrompe da entrada com Finnian e Ryder logo atrás. Ryder ainda está coberto de sangue e rapidamente ultrapassa Saskia em sua perseguição. "Por que demorou tanto?"

Soltei as correias que nos prendiam à sela e desci. "Eu não conseguiria costurá-lo nem se Calithea voasse a toda velocidade."
“Cayden!” Saskia grita.
“Não está morto. Odeio decepcionar.” Cayden se senta e espelha meu ações, usando Calithea para se firmar e acariciando suas escamas. "Obrigado pela carona, linda moça."
"Deixe-me ajudá-lo a entrar." Ryder dá um passo à frente, mas Cayden pressiona a mão em seu peito para detê-lo enquanto ele avança sem ajuda. Ele nem deveria estar acordado agora, muito menos andando, e minha raiva se exalta com sua teimosia. Ele empurra a porta feita de vidro marinho verde e azul dentro de um arco coberto de conchas. A estalajadeira na recepção grita e deixa cair a pilha de lençóis nos braços.
"Eu causo esse efeito nas pessoas." Cayden se encosta em um dos pilares brancos que sustentam o teto. "Sala?"
"Suba as escadas e vire à direita, Majestade. É a nossa melhor escada."
"Obrigada", digo, abaixando-me sob o braço dele. Pelo menos vai ajudá-lo a manter o equilíbrio. Ele não olha para mim, e o sorriso bobo desaparece. Sei que fiz a coisa certa. Não fiz nada que ele não faria por mim.

Capítulo

QUARENTA E TRÊS

Elowen

Meu cabelo ainda está úmido do banho quando Ryder me encontra na pequena mesa de jantar.

Semelhante à entrada, o tampo da mesa é feito de cacos de vidro marinho lixados pelas ondas, provando mais uma vez que mesmo coisas quebradas ainda podem criar algo belo. Seus olhos escuros estão sombreados de arrependimento ao encontrar o corpo adormecido de Cayden esparramado na cama.

"Está com fome?", pergunto, gesticulando para as bandejas de comida que um servo trouxe. Tudo o que consegui fazer foi beliscar um pedaço de pão enquanto observava as ondas através das janelas arqueadas e o subir e descer do peito de Cayden através da copa de espuma do mar. Posso estar fisicamente na estalagem, mas mentalmente ainda estou na batalha. Não consigo parar de pensar nos dragões e nos olhos brancos dos magos enquanto controlavam as criaturas. Sempre escolherei meus dragões, não importa o inimigo, mas assistir às feras caírem do céu me parte o coração depois.
"Comi um pouco antes de tomar banho", diz ele, sentando-se à minha frente. Seu olhar permanece em Cayden enquanto ele passa a mão pelo rosto. "Tudo bem se eu sentar aqui? Eu deveria ter perguntado."
Dou-lhe um meio sorriso enquanto pisco para afastar a umidade dos olhos. "Você é o melhor amigo dele, Ryder. Claro que pode."
"Vão ficar mais fáceis." Ele me lança um olhar cúmplice. "As batalhas."
Concordo, pigarreio e tomo um gole de chá.
"Eu não sabia o que ele estava fazendo quando me derrubou." Um músculo se contrai em seu maxilar. "Tudo aconteceu tão rápido. Finalmente conseguimos passar pela brecha por algum milagre. Ainda estávamos amontoados quando a bomba explodiu, mas ele me agarrou para me proteger antes que a explosão nos lançasse pelo ar."
“Nada disso é culpa sua, e ele não gostaria que você se culpasse.”
"Ele teria morrido se você não tivesse se torturado", ele retruca, antes de fechar os olhos com força. "Desculpe. Não quero perder a paciência."
"Entendo." Se Ryder acha *que isso* é perder a paciência, deveria ter assistido a um episódio de Ailliard. Quando eu tinha quatorze anos, ele destruiu a estante que eu mesma fiz num acesso de raiva.
"Ele fazia a mesma coisa quando éramos mais novos, porque eu tinha a Saskia e ele não tinha ninguém. Só quero que ele pare de se ver como dispensável e invencível."
Olho para as ondas novamente, lembrando-me de Cayden me contando como elas o acalmavam. "Como vocês dois eram quando eram mais novos?"
Sempre tive dificuldade em imaginar como eles se tornaram amigos, mas talvez relembrar ajude Ryder a lidar com suas emoções. Ryder é o tipo de pessoa que poderia se tornar amiga de uma pedra, e Cayden é o tipo de pessoa que jogaria uma pedra em alguém.
"A primeira coisa que Cayden me disse foi: " *Vá embora antes que eu te mate por interromper meu jantar.* " Ryder finalmente dá uma risada fraca. "Deuses, se você acha que ele é mau agora, deveria tê-lo visto naquela época. Ele estava tão *bravo.* Eu nunca tinha visto ninguém com tanta raiva. Então, naturalmente, tentei fazer amizade com ele e acabei com um olho roxo e um lábio arrebentado."
“Eu lhe dou crédito por ter abordado ele.”
"Fiz isso pela Sas. Não podíamos levar dinheiro quando saímos de casa porque meu pai teria prestado queixa, e eu não podia ser um mercenário porque nunca tinha usado um. Eu era um ladrão de merda, tendo nascido rico. Ela adoeceu logo depois que saímos de casa, e eu a carreguei para a taverna mais suja que já vi durante uma noite de tempestade e me aproximei da pessoa mais feia que estava lá."

"Ele te rejeitou então?"
"Ah, ele tentou, mas eu era um irmão mais velho protetor que precisava da irmã para sobreviver à noite. Quando a trouxe para cá, Cayden entregou as chaves e nos disse para irmos embora em três dias. Ainda não sei onde ele ficou enquanto ocupávamos o quarto dele, mas sopa quente e remédios eram entregues na porta todas as noites."
Meu coração se derrete pelo garoto cansado do passado. Sabendo o que sei sobre o pai dele, me pergunto se ele os ajudou porque não queria ser o catalisador para alguém perder um ente querido. Cayden matou muitas pessoas sem remorso e até foi pago para cometer assassinatos, mas talvez ele se tenha visto no desespero de Ryder.
“Então vocês ficaram amigos depois disso?”
"De jeito nenhum." Ele ri baixinho. "Continuei rondando a taverna, e em algum momento ele parou de me socar por persegui-lo, depois parou de me ameaçar por irritá-lo. Só nos tornamos amigos uma noite, completamente bêbado, quando ele voltou e me perguntou se eu queria ajudá-lo a esconder um corpo, e mesmo assim, uso o termo com leviandade. Ele me chamou de Rykus por um ano inteiro."
Os ombros de Ryder tremem junto com os meus enquanto eu rio. Ele continua me contando como ele e Saskia foram morar com Cayden logo depois, como começaram a enriquecer nas arenas de luta e no contrabando, e como Cayden ensinou Ryder a empunhar uma lâmina e a furtar.
“Ele soa exatamente como eu imaginei”, eu digo.
"Por mais canalha que ele fosse, eu me sentia mais vivo morando na favela do que na propriedade da minha família", diz Ryder. "Eu fui para Saskia, mas também fui por mim mesmo. Eu teria morrido naquele estilo de vida — era muito sem alma."
Eu entendo muito bem esse sentimento. "Estamos todos com o tempo contado, e pretendo saber que realmente vivi quando fechar os olhos pela última vez."
"Parece um plano decente, querida." Ryder se levanta, olhando de Cayden para mim. "Volto amanhã de manhã, mas você deveria tentar dormir um pouco."
"Ah, espera!" Meus chinelos pressionam o chão frio de madeira enquanto caminho até o meu porta-malas e o abro. O que preciso está bem em cima, e volto para Ryder, entregando-lhe a lata verde com um laço branco. "Sei que você tomou uma cerveja com o Cayden antes da batalha, mas queria te desejar um feliz aniversário."
Um largo sorriso se abre em seus lábios enquanto ele levanta a tampa. "Você fez isso?"
Ele devorou os biscoitos que comprei para ele enquanto visitava o bairro estiliano em Verendus, e eu percebi que comida é sempre um bom presente.
"Comi sim. É uma mistura de limão, açúcar e biscoitos amanteigados."
Tenho tendência a assar quando estou estressado.
E estou muito estressado.
"Obrigada." Seus olhos calorosos pousam em mim. "Não conte aos outros que eu tenho isso. Eles vão roubá-los quando eu não estiver olhando."
"Eles farejam assados como cães farejadores, então te desejo sorte", digo, e ele ri baixinho enquanto caminha até a porta. "Boa noite, Rykus."

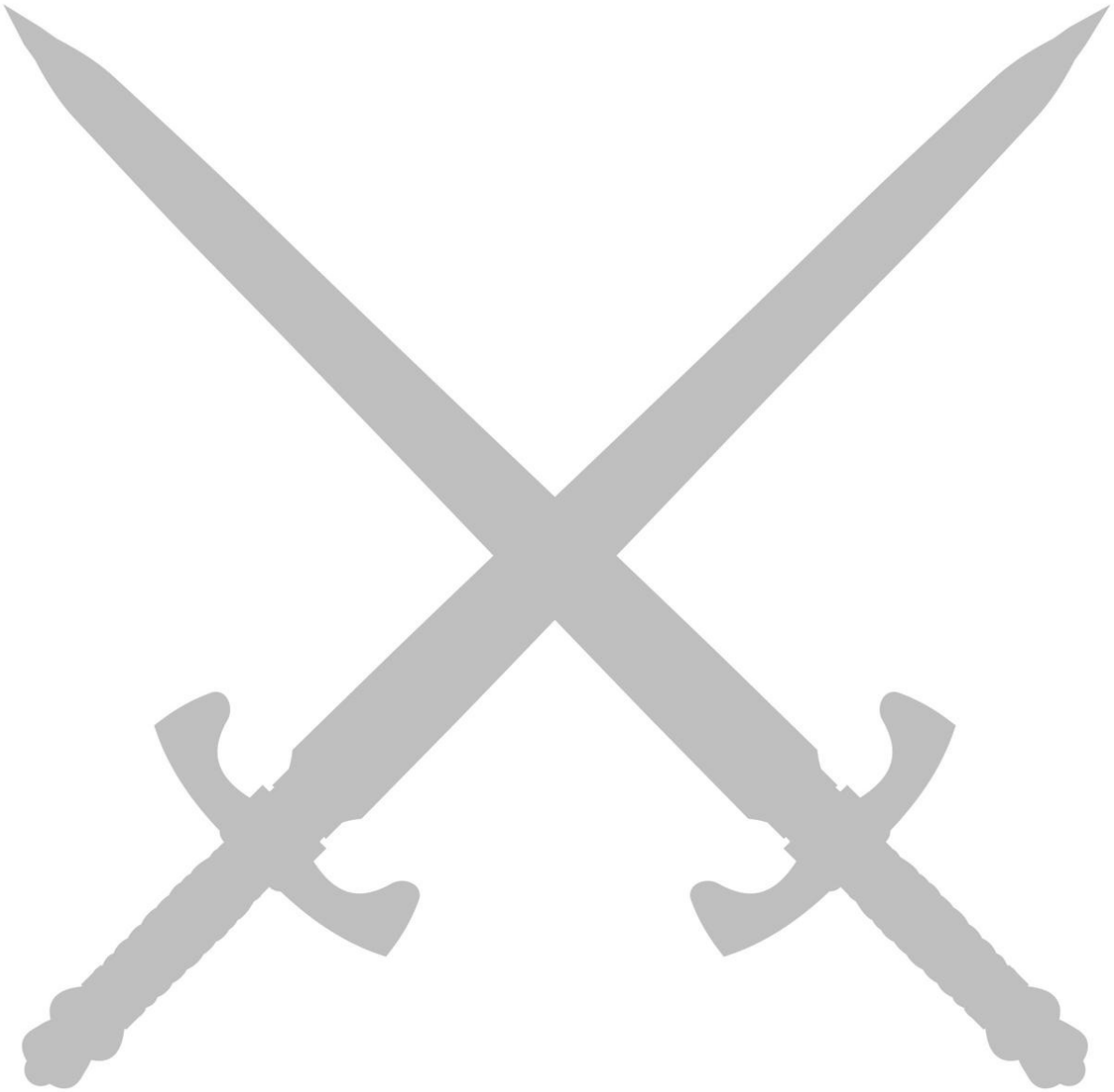
Ele olha por cima do ombro, tamborilando os dedos no batente da porta enquanto me observa caminhar de volta para o meu porta-malas. "Bem-vinda à família, Elowen Veles."
A porta se fecha suavemente atrás dele, e eu vasculho meus pertences em busca do frasco de óleo que comprei há algumas semanas. Em dado momento, Cayden se virou e deitou-se de bruços, deixando as cicatrizes em suas costas expostas à tênue luz das velas no quarto. A raiva me invade ao ver aquilo, especialmente sabendo que foi seu pai quem as colocou ali.
Subo na cama, montando nos quadris de Cayden enquanto puxo as mangas do suéter que roubei dele até os cotovelos e despejo um pouco de óleo nas mãos. Mesmo exausta, duvido que consiga dormir até que ele acorde. Duvido que ele se lembre de ter chegado aqui. Mesmo que ele estivesse de pé, acho que foi mais por anos de autopreservação do que por ele ter se curado de fato.
Deslizo meus dedos pelas marcas vermelhas de cílios esculpidas em suas costas, algumas salientes e outras profundas, antes de cravar as palmas das mãos em seus músculos para aliviar as dores inevitáveis. Sua pele brilha enquanto trabalho, tentando ao máximo desfazer décadas de nós, mas justamente quando penso que estou... Chegando a algum lugar, o mundo gira, e eu estou de costas no chão com uma faca apontada para minha garganta. Os olhos de Cayden estão abertos e alertas, me encarando com uma emoção que nunca sentiram. Ela se foi num piscar de olhos, desaparecendo mais rápido do que meu medo tem a chance de aparecer.
"El." Seu peito arfa, e ele joga a faca no chão. "Porra, me desculpe. Me desculpe mesmo."
"Está tudo bem", digo com o coração disparado, e seus olhos se voltam para minhas palmas brilhantes. "Eu só estava tentando aliviar suas dores amanhã de manhã." Seus olhos se voltam para a janela antes de olhar ao redor da sala, confuso. "Estamos de volta a Vareveth. Estamos em Avaloria. A batalha acabou. Partiremos para Galakin amanhã de manhã, como planejado. Consegui trazer você de volta para Calithea."
Ele me envolve com um braço e me aperta contra ele, enterrando o rosto no meu pescoço e inspirando fundo. Seu coração dispara enquanto eu o abraço. Ele inverte nossas posições, pressionando as costas contra a cabeceira da cama e me deitando em seu peito. "Você deveria estar dormindo", murmura.
"Eu precisava saber que você estava bem." Minha garganta aperta agora que ele acordou. Sua voz. Eu sabia que ansiava por seus braços, mas não percebi o quanto estava desesperada para ouvi-lo falar. "Havia tanto sangue."
"Eu sei, mas preciso que você descanse, querida." Ele passa a mão pelos meus cabelos e massageia minha nuca com os dedos quando começo a tremer. "Estou bem, El. Você não vai se livrar de mim depois de apenas um dia de casamento."
Não digo nada, apenas o abraço com mais força enquanto a mistura de fadiga e alívio me invade. Quero ficar acordada, absorver sua presença, conversar com ele sobre tudo, mas é impossível manter os olhos abertos. A culpa queima minha garganta quando penso nos wyverns novamente. É muito mais simples matar humanos. Eles estão participando da batalha conscientemente, mas os wyverns estão presos sob um feitiço. Eles não devem nem saber o que está acontecendo com eles até que o mago morra e perca o controle sobre suas mentes. A ganância

da humanidade prejudicando criaturas inocentes é uma história atemporal e miserável. "Como você consegue dormir sabendo que o que você fez vai te encontrar em seus sonhos?"
"Ao seu lado", ele responde. "Você é um lembrete de que tudo o que fiz valeu a pena." Ele beija minha testa e passa as mãos pelo meu corpo como se estivesse se certificando de que estou ilesa.
"Nunca", ele sussurra. " *Nunca* me escolha em vez de você."
“Eu me escolhi quando escolhi você.”

Capítulo

QUARENTA E QUATRO

Cayden



O VENTO CHICOTEANDO O
As ondas não são altas o suficiente para abafar a voz do meu pai ecoando no meu crânio.

Você estraga tudo que toca, garoto. Minha vida era muito melhor antes de você

vir ao mundo, e eu queria que você tivesse morrido no ventre da sua mãe. Ela teria lamentado sua morte, mas ainda estaria aqui.
Estou com a cabeça fodida de um jeito que não tem volta. Tenho certeza de que o velho está sorrindo para mim em triunfo depois de ter sido provado certo mais uma vez. Odeio que ele fique feliz por eu ser rei. Odeio que ele fique feliz por o povo das ilhas do sul estar me chamando para ascender ao trono conquistado. Odeio que ele tenha dito que utilizar a cláusula do casamento foi sensato.
Odeio quando sinto como se estivesse olhando no espelho e vendo meu pai.
Temos o mesmo tom de pele, o mesmo cabelo ondulado, a mesma estrutura larga, os mesmos traços faciais. Graças aos deuses não herdei os olhos dele, mesmo que isso o tenha feito me dar uma piscada extra quando viu minha mãe no meu olhar.
A única coisa que nos separa é que eu jamais ficaria de braços cruzados enquanto Elowen fosse machucada.
Nunca consegui dormir depois de segurar uma faca no pescoço de Elowen. Era uma visão assustadora demais; eu sabia que estaria me esperando em meus pesadelos. A última coisa de que me lembrei antes de desmaiar por causa do veneno foi Os gritos de Elowen, e eu ainda estava em meu estado de espírito de batalha quando acordei de bruços com alguém tocando minhas costas. Eu não sabia que era ela, mas se houve um momento em que eu quis lhe conceder o favor de me retirar da vida dela, foi aquele.
"Levantem as velas!", grita o capitão do navio, e a tripulação corre pelo convés em resposta. Vários magos aquáticos, junto com Ophir, se juntam às suas fileiras e conseguem manejar a água para nos levar a Galakin mais rápido.
As ondas quebram contra os penhascos íngremes que margeiam a enseada, e a espuma se dissolve no ar repleto de gaivotas grasnando. Não podemos usar o portal para Galakin porque a distância é muito grande e correríamos o risco de queimar os magos, mas se algo der errado em Vareveth, é um risco que teremos que correr. O navio balança sob meus pés enquanto o vento sopra as velas azul-escuras. Transfiro meu peso para não tropeçar, algo que Elowen e Finnian não dominam, a julgar pelas batidas e risadas que vêm de algum lugar do convés.
Meus olhos permanecem fixos no horizonte infinito salpicado de nuvens enquanto os dragões voam em sua direção. Saskia se aproxima de mim, suas mãos enluvadas agarrando o corrimão. "Nós cinco precisamos ter uma reunião agora que deixamos o porto."
Ophir corta uma onda em duas, permitindo que a atravessemos. "O Ryder está na cabine?"
Ela hesita por um instante. "Ele é."
Estalo o pescoço e encho os pulmões com o ar salgado, sabendo que a discussão inevitável que se aproxima só aumentará minha exaustão. "Te vejo lá embaixo."
Dou uma última olhada para Elowen pelo canto do olho antes de subir os degraus para o convés superior e abrir a porta da sala de reuniões. Decoração com tema náutico adorna as paredes, mas nada muito extravagante. O navio inteiro é feito de madeira escura, incluindo os móveis pregados no chão — com exceção das cadeiras.
Ryder me olha de relance quando entro, seus lábios se curvando para baixo enquanto me observa. "Vamos lá", suspiro, sentando-me à sua frente. "Você

sempre demonstrou suas emoções."
Ele balança a cabeça, com um sorriso de escárnio contorcendo suas feições. "O que há para dizer, Cayden? Você salvou minha vida, e eu me sinto um fardo novamente, assim como me sentia quando éramos mais jovens."
“Você me defendeu em diversas ocasiões.”
“Eu nunca levei uma bomba por você.”
"Sempre há outro dia, se foi isso que deixou seu humor tão ruim." Dou de ombros. "Não fazia sentido nós dois morrermos. Eu sabia o que estava por vir, então te dei cobertura."
"Você tem uma esposa!" Ele bate as mãos na mesa, fazendo a lanterna no centro chacoalhar. " *Uma esposa!* Eu tive que ouvir aquela mulher gritar enquanto lágrimas de sangue escorriam pelo seu rosto enquanto eu rezava a todos os deuses que já ouvi para poupar a vida de vocês dois. Você estava morrendo bem na minha frente, e ela também."
Teria sido menos doloroso se ele tivesse me forçado a engolir vidro. Deuses, os gritos dela. Vou me lembrar deles pelo resto da minha vida. O desamparo que senti naquele momento me enojou, e nunca me odiei tanto, sabendo que não conseguiria tirar minhas mãos dela.
“Você deveria tê-la tirado de mim.”
"Não, eu não devia." Ele balança a cabeça. "O que ela fez foi um milagre."
"O que ela fez foi suicídio", rosno, levantando-me.
"Então vocês são perfeitos um para o outro." Ele imita minha posição. "Onde a sua morte a teria deixado? Pense em Elowen. Ela pode ter se casado com você, mas não há herdeiro para garantir a linha de sucessão."
Minhas veias ardem ao ouvir a menção da paternidade, algo que sempre rejeitei completamente. "Tudo o que fiz desde o momento em que Elowen entrou na minha vida foi pensar nela! Dragões garantem um trono muito mais do que um filho, então sugiro que pare de falar da *minha esposa* como se o valor dela dependesse inteiramente do que sai entre as pernas dela. Pode me insultar o quanto quiser, mas não envolva Elowen nisso. Você está agindo como um idiota imaturo, me repreendendo como se eu tivesse corrido em direção à bomba quando tudo o que fiz foi limitar o número de mortos de um ataque inevitável."
Seu rosto se contrai enquanto ele desaba na cadeira. As paredes parecem estar se fechando sobre mim, mas eu cerro o maxilar e reivindico meu assento. Bem. Saskia estará aqui com Finnian e Elowen em breve, e é inteligente termos uma reunião agora que estamos a caminho de Galakin para uma aliança.
Arregaço as mangas e encaro as novas marcas no meu braço. Odeio não conseguir parar de amá-la, mas, desesperadamente, nunca quero me livrar desse tormento amaldiçoado. Seus gritos continuam ecoando em minha mente, e eu já estaria a meio caminho do poço sob o Covil do Demônio se estivéssemos de volta a Vareveth, precisando descontar minha raiva em alguma coisa. Medo é uma emoção lamentável, mas eu praticamente pude senti-lo quando Elowen abriu as palmas das mãos. Era a única coisa mais forte do que minha autoaversão.
Sou profundamente egoísta, e minhas ações ao longo da vida refletem isso. Eu mato quando necessário. Eu roubo quando necessário. Eu minto quando necessário. Consigo gerar algum grau de sentimento se solicitado, mas não

navego pela vida com emoções.
Elowen sempre foi a maior falha na minha lógica.
No começo, fiquei perplexo. Eu ficava acordado tentando descobrir o motivo pelo qual a felicidade e a segurança dela passaram a ser mais importantes para mim do que libertar seus dragões. Eu saía do campo de batalha ou do ringue de luta e colhia flores com as mãos sujas de sangue, imaginando o sorriso dela ao chegarem ao seu quarto. Ela é a única parte boa de mim, mas quando penso na dor que lhe causei, sinto vontade de enterrar minhas emoções para que ela nunca saiba a verdadeira profundidade delas. Durante toda a minha vida, me ensinaram que o amor é uma fraqueza, que tudo o que faz é gerar miséria, e eu queria ser diferente, mas não sou.
Elowen irrompe na sala como uma tempestade enquanto o navio avança sobre um trecho de águas agitadas, e eu consigo me levantar e abraçá-la antes que ela se choque contra a mesa. "Você vai se acostumar com o mar eventualmente."
"Eu prefiro muito mais minhas pernas terrestres", ela bufa.
“Meu colo ainda está disponível se você estiver com medo dos monstros marinhos nadando abaixo.”
Ela geme, olhando para mim por cima do ombro. "Eu te mando até eles se você continuar me lembrando da existência deles."
Eu a puxo para perto de mim apesar das emoções sombrias agitando por dentro, ou talvez seja por causa deles. A presença dela sempre teve um jeito de tornar a escuridão suportável. Ela é o centro do meu universo e todo o resto gira em torno dela. Envolvo minha mão em volta da sua nuca, esfregando meu polegar sobre seu ponto de pulsação várias vezes, e se ela percebe o que estou fazendo, não comenta.
"Primeira coisa", diz Saskia, tirando sua grossa capa de pele e jogando-a sobre uma cadeira enquanto Finnian se senta ao lado de Elowen. "Já que estamos a caminho de Galakin, vamos discutir como faremos para que o Príncipe Zarius se junte a nós."
“Sequestro.”
“Chantagem”, diz Elowen.
“Ameaças”, acrescenta Ryder.
Saskia apoia a cabeça nas mãos enquanto Finnian ri. "Vocês são a família real de Vareveth. Vocês devem ser capazes de negociar com os governantes de forma adequada, sem chantagem. Mesmo que ele seja um príncipe deserdado."
"Conseguir a vantagem por qualquer meio necessário *é* negociar direito", digo. O navio balança novamente e Elowen fecha os olhos com força e estende a mão para mim. Puxo a cadeira dela para mais perto da minha e a abraço pela cintura, beijando sua testa. Ela pega a garrafa de vinho ao lado da lanterna e vira vários goles antes que eu a arranque dela. "Você não comeu."
“Vou ficar bêbado mais rápido e o tempo passará mais rápido.”
"Não quando você está vomitando em um barril." Eu me esforço bastante até que ela mude de tom e se apaixone pela vela. "Lidaremos com o príncipe quando chegar a hora. De qualquer forma, os melhores planos nascem da improvisação."
"Você planejou por vários anos antes de encontrar Elowen", Saskia ressalta em tom afetado.
“Aquilo foi diferente.”

“Ela também era uma realeza deserdada.”
“Com um vínculo com cinco dragões, a filha do meu inimigo, e extremamente bonita.”
“Você não sabia da última parte.”
“Minha esperança foi realizada.”
Um rubor percorre o pescoço de Elowen enquanto ela pigarreia. "Colocar o Príncipe Zarius no trono de Thirwen beneficiará tanto a nós quanto a Galakin. Não só nos dará mais um aliado no mundo, como Cordelia deve ansiar por respostas sobre sua irmã, que desapareceu e desencadeou a guerra entre seus reinos."
"Não importa o quanto ele queira se esconder, um membro da realeza não pode permanecer um fantasma para sempre." Finnian gesticula para Elowen como prova.
"Zario é conhecida por seus antros de jogo. Fica nos arredores da cidade real. Vamos dar uma olhada lá antes de seguirmos para o castelo", digo.
"Não seria visto como um insulto se não formos diretamente à realeza?", pergunta Saskia.
"Já fizemos missões furtivas antes", responde Ryder. "Vamos baixar as velas com o símbolo de Veles. Elowen pode ordenar que os dragões fiquem fora de vista, e podemos entrar e sair da cidade antes que a realeza perceba. Não é como se Elowen e Cayden já tivessem visitado aqui como rei e rainha antes. Ninguém reconhecerá seus rostos."
Quando os outros não estão olhando, Ryder me lança um olhar de desculpas, e eu aceno em resposta. Sei que ele se arrepende das palavras anteriores, mas não sou de me desculpar com sentimentalismo.
Um criado traz uma bandeja de ensopado de carne, recheado com batata-doce, cenoura, cebola e outros vegetais. O aroma intenso preenche a cabine enquanto ele a coloca sobre a mesa. Finnian fica ainda mais verde do que antes, mas não perco tempo antes de rasgar um pedaço de pão quentinho e mergulhá-lo na minha tigela.
"Como você está comendo agora?", Finnian resmunga.
"Com a minha boca", afirmo categoricamente.
"Galakin tem grande consideração pelos deuses, especialmente pela Deusa das Chamas. A sociedade deles é construída em torno da magia do fogo e da luz", começa Ryder. "Vocês dois foram marcados durante o casamento, o ritual, e com a recém-descoberta habilidade de Elowen de manejar o fogo do dragão..."
"Por que nenhum de vocês começou com isso? Quem se importa com o príncipe?" Viro-me para encarar Elowen. "Você empunhava fogo de dragão?"
A boca de Elowen abre e fecha várias vezes, e uma risada nervosa escapa enquanto ela olha ao redor da sala. "Mais ou menos?"
"Como você *maneja* o fogo?"
Escuta, não sei como fiz isso. Sentei-me ao lado de uma vela por várias horas ontem à noite e tentei puxar as chamas para mim, mas não senti nada. Pode ter sido um acaso ou resultado do ritual. Lembro-me da minha raiva aumentando depois que soube que você estava curada, e o poder parecia que faria meu corpo queimar se eu não o expulsasse.
"Tente de novo." Ryder empurra a lanterna em sua direção, onde uma única

chama tremula através do vidro. "Ou podemos subir para o convés, se você quiser usar fogo de dragão, e nós vamos torcer por você enquanto você faz isso."
"Que ideia brilhante", Elowen diz lentamente. "Deixe-me atrair fogo mágico para mim enquanto estou em um navio de madeira no meio do oceano."
Ele estala os dedos. "Anotado. Não é meu melhor plano, admito."
"O que aconteceu depois que você a empunhou?" Puta merda, não acredito que perdi isso.
"Consegui bisbilhotar as proteções e teria continuado se não estivéssemos planejando deixar Vareveth, mas as proteções ajudarão a mantê-los fora do nosso território. Mas não consegui me segurar. Espero poder observar alguns dos magos Galakin e praticar suas técnicas. Enquanto isso, continuarei fortalecendo a conexão com meus dragões. Ver através dos olhos deles não pode incendiar o navio, e quanto mais eu fizer isso, mais fácil se tornará." Ela inala profundamente. "Soldados de ambos os lados se ajoelharam diante de mim. Isso causou caos nas fileiras de Imirath e Thirwen. Eu declarei que estou vindo para o meu trono."
"Você é... incrível", digo, sem conseguir desviar o olhar do seu rosto. Seu rubor se intensifica, e ela se inclina para a frente na cadeira para escapar do meu olhar intenso. Um dia a verei empunhar isso. Ela pode achar que foi um acaso, mas estou convencido de que essa mulher é feita de magia.
"Houve alguma notícia das ilhas do sul desde a rebelião inicial?", pergunta Finnian.
"Não", responde Saskia. "Está tudo quieto por enquanto, mas o silêncio pode se estilhaçar em um segundo."

Capítulo

QUARENTA E CINCO

Elowen

Delmira espirala e desliza para baixo das nuvens, arrastando suas garras pelo mar cintilante ao lado do navio.

Velejar me deu uma desculpa para escapar a qualquer hora do dia e voar. Passo mais tempo no dorso do dragão do que a bordo do navio. Parte da razão para isso é o quão estranho Cayden tem estado nos últimos dias, mas não preciso de muita convicção antes de montar em uma das minhas feras flamejantes.

Ele não está exatamente me evitando. Ele nunca está muito longe, e dividimos uma cabine a bordo, mas ele está visivelmente quieto. Volátil. Como um vulcão adormecido ou uma tempestade se formando no horizonte. Percebo que ele está trabalhando em algo em sua mente, e quero lhe conceder a mesma paciência que ele me deu, mas sinto como se estivesse na ponta dos pés à beira de um penhasco.

Ainda não perguntei a Cayden sobre as partituras que estão em sua mesa, mas, considerando o quão reservado ele tem sido, acho que não é hora de admitir que bisbilhotei seus pertences.

Delmira corta acima de Sorin, camuflando-se no céu para emboscá-lo, mas a ameaça em si nunca recusa um desafio. Ele ruge ao vê-la, travando suas garras com as dela enquanto caem e se contorcem em direção à água abaixo. Eu rio enquanto borboletas explodem em meu estômago, e elas se separam a poucos centímetros da superfície. Elas voam em um arco amplo e esfregam seus focinhos quando se encontram no meio, muito mais calmos do que antes.

Pisco para afastar a tontura enquanto Delmira se acalma, acompanhando o ritmo da nave enquanto tiro um livro da mochila que joguei por cima do ombro e me deito de bruços. Contorno a sereia folheada a ouro na capa enquanto ela brilha antes de mergulhar na história. As luvas cobrindo minhas mãos dificultam um pouco virar as páginas, mas o tempo está começando a esquentar lentamente à medida que avançamos em nossa jornada. Os dois primeiros dias foram só chuva. Ainda consegui voar acima das nuvens para evitar a tempestade, mas também passei um tempo dentro de casa brincando de beber com Finnian e Ryder enquanto Cayden tocava, a contragosto, o piano instável e desafinado para Saskia e eu balançarmos uma à outra pela pequena cabine.

✣ ✣ ✣

Repito os mesmos passos no dia seguinte, mas preciso apenas de um suéter e, no sexto dia de viagem, estou usando um vestido rosa-claro de chiffon fluido com recortes nas laterais e tecido solto que deixa meus braços nus, mas com punhos em volta dos pulsos. Traço uma das linhas lilás que serpenteiam em volta do meu braço enquanto me bronzeio nas escamas de Sorin. O céu está pintado em tons de fogo enquanto seus últimos raios queimam o dia. Se eu pudesse jantar aqui, jantaria, mas considerando que levei café da manhã e almoço, além de vários lanches, acho que é melhor dar as caras em algum momento.

Ordeno a Sorin que me deixe no convés, mas ele faz o oposto e aumenta a altitude. "Sorin." Pronuncio seu nome como se estivesse repreendendo uma criança culpada, e ele bufa antes de obedecer. "Boa noite, meu doce menino."

Deslizo por sua asa estendida e meus pés calçados com chinelos batem no convés enquanto me equilibro. Meus olhos estão voltados para o céu quando o ouço. "Você está me evitando."

Cayden está encostado na grade ao lado da proa, vestindo uma camisa de linho branco que esvoaça ao vento. O colar com ponta de flecha que ele nunca tirou repousa no profundo decote em V da camisa, e o Marcas serpenteando por seus músculos são visíveis através do tecido semitranslúcido. Suas calças pretas largas estão enfiadas em botas, o mesmo estilo que ele usa todos os dias desde

que o conheci, e uma bandana prende seu cabelo longe do rosto. O mar lhe cai bem.
“Você já pensou que talvez eu esteja ocupado?”
"No meio do oceano?", ele chuta a madeira, seus passos pesados diminuindo a distância entre nós. "Você leu três livros e faz duas das três refeições no céu, e é uma péssima atriz porque ri *no* travesseiro enquanto finge dormir."
"Sou uma atriz fenomenal." Jogo meus cachos por cima do ombro e inclino o quadril. "E é mal visto perseguir pessoas."
Ele cruza os braços. "Você é minha esposa."
"Parabéns, foi quase uma observação inteligente." Ele esconde a língua na bochecha para não rir. "Há algo em particular que te fez me procurar ou você estava apenas desejando o prazer da minha presença?"
“Mais como uma punição.”
Eu o empurro contra o peito, que vibra com sua risada, e me viro na direção da cabine de jantar. Seus olhos pousam pesadamente em minhas costas a cada passo, e sei que cada segundo que passa nos aproxima de uma conversa inevitável.

✣ ✣ ✣

Depois de um jantar tenso e de uma noite ainda mais tensa, pulo da cama. Embora saiba que meus dragões querem que eu os monte, fico no navio e me empoleiro em um barril enquanto bebo limonada gelada e encaro Cayden, teimosamente, que não hesita em me olhar nos olhos do outro lado do convés. É mais um dia escaldante sob o sol, e Finnian está escondido à sombra das velas enquanto passa loção na pele avermelhada.
“Eu nunca vou sobreviver neste reino”, ele resmunga.
"Você vai ficar bem." Sorrio enquanto afio outra faca. "Se você encontrar alguém que se sinta atraído por morangos, terá um admirador fervoroso."
Ele me mostra a língua em resposta, e eu rio enquanto coloco outra framboesa na boca. Cayden e Ryder descartam Suas camisas e erguem os punhos enquanto vários soldados os aplaudem. Os dois se circulam, e eu provavelmente conseguiria ouvir as provocações que trocam se não estivesse tão focado no torso esculpido de Cayden. *Meu Deus.* Suco de fruta escorre pelo meu cotovelo, e eu nem percebo que espremi a framboesa que estou segurando até Cayden piscar para mim, quebrando meu transe.
Saskia zomba, enquanto se refresca com um leque de cetim vermelho que combina com seu conjunto de duas peças tomara que caia. É parecido com o meu, com um tecido transparente e fluido envolvendo nossos tornozelos e pulsos, mas o meu é lilás e incrustado de pérolas em vez de joias, e destaca mais a minha barriga. "Você pensaria que eles usariam o tempo livre para se comportar como algo diferente de brutos."
“Acho que você criou expectativas muito altas.”
"Minha vez!" Finnian grita, saltando da sombra e cruzando o convés enquanto os soldados comemoram quando Cayden prende Ryder de bruços na madeira.
"Pega ele, Finny!" Finnian é claramente o azarão da luta, mas minha torcida aumenta à medida que Cayden me encara. Há um desafio em seus olhos, e até

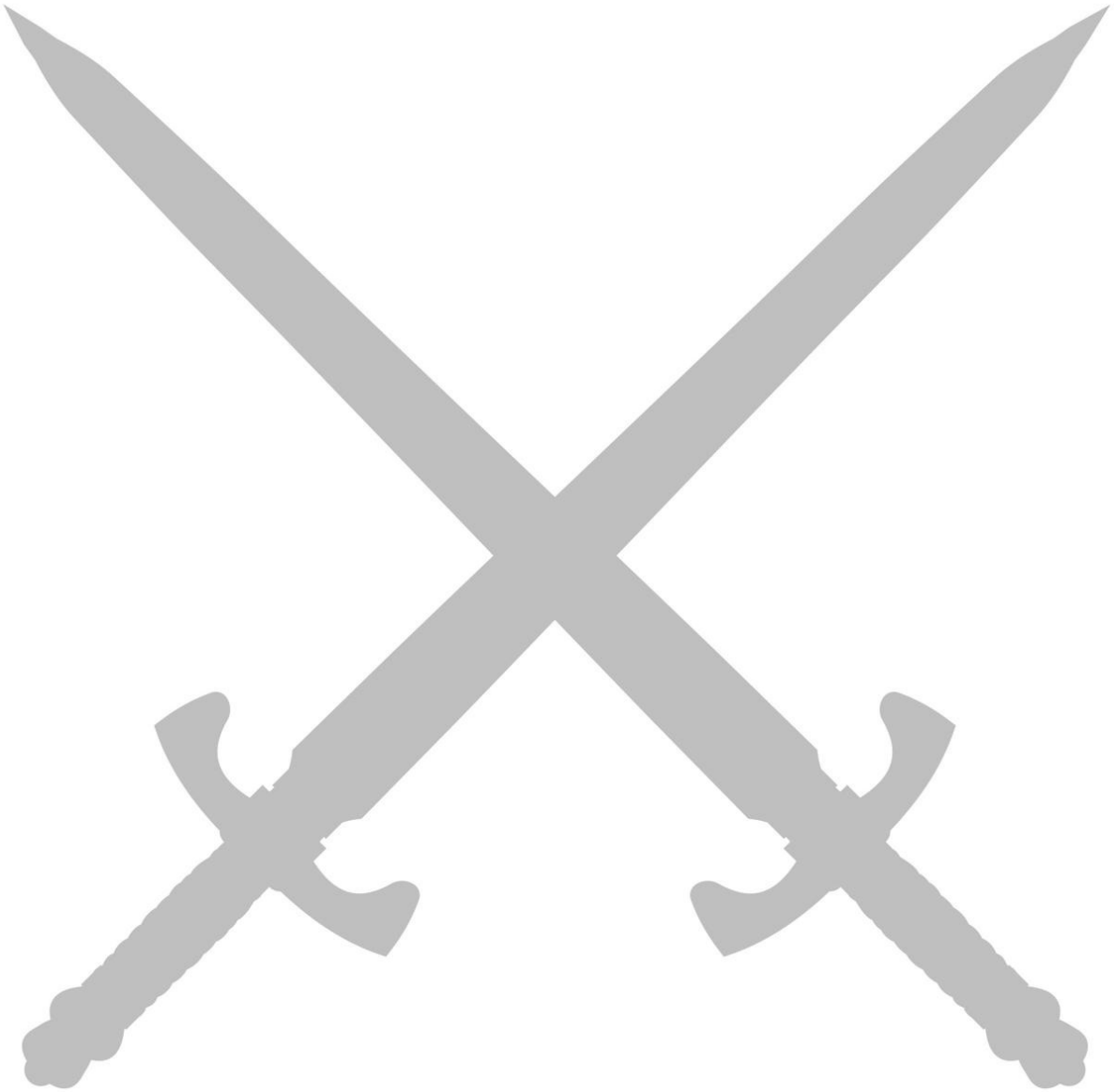
Saskia se junta a mim. Finnian tira a camisa e eu tento não me encolher ao olhar para sua pele queimada de sol. Como ele conseguiu se queimar *por baixo* das roupas? Cayden desvia facilmente do soco de Finnian e torce o braço atrás das costas antes de envolvê-lo em seu pescoço. "Ah, Finny."
"Elowen, seu marido está tentando me matar!", grita Finnian, agarrando o braço de Cayden, apesar de ele não usar nem metade da sua força. Finnian sobrevive apenas com drama.
Cayden revira os olhos. "Você pediu para treinar comigo."
“Estrangular não significa estrangular.”
"Você me irritou."
"Isso é surpreendentemente fácil", Finnian bufa enquanto Cayden o solta e pega uma caneca de cerveja gelada de um Ryder sorridente.
Desço do barril e caminho em direção ao círculo de treino, passando pelos soldados e ficando cara a cara com Cayden. Seu peito reluzente sobe e desce, quase pressionando o meu a cada respiração. Ele Parece mais leve do que nos últimos dias, mas a escuridão que espreita sob a superfície — que não estava lá antes do ritual — ainda está presente. Imagino se um poder estranho pulsa em suas veias, crescendo e sufocando-o por dentro, já que ele não foi capaz de expulsá-lo. Se ele também for abençoado pelos deuses, imagino de que maneiras isso se manifestará.
"Você quer lutar comigo?" ele pergunta.
De perto, é ainda mais difícil ignorar a atração que sinto por ele. Ele é todo linhas duras e tatuagens escuras, e a lembrança dele pressionado contra mim... me penetrando... minha boca fica seca. O que eu realmente quero é guiá-lo de volta para nossa cabana e trancar a porta.
"Sim." Ele lambe os lábios, pedindo duas espadas de treino sem fio, e eu envolvo meus dedos no cabo, testando o peso enquanto o circulo lentamente. "Mas eu quero tornar isso mais interessante."
"Uma aposta?"
Dou de ombros, olhando para ele por baixo dos cílios, a imagem da inocência que ele sabe que nunca serei. "Essa é a sua área de especialização, não é?"
Não menciono a taverna, já que estamos cercados de pessoas atentas a cada palavra nossa, mas Cayden entende o que quero dizer e parece ainda mais intrigado. "O que você quer?"
“Um favor para mais tarde.”
"Tudo bem." Ele ri baixinho, aproximando-se de mim para que só eu consiga ouvir seu prêmio. "Se eu ganhar, quero que você use outro daqueles conjuntos rendados para mim."
"Fechado", sussurro, meu corpo esquentando com seu tom rouco. "Vence quem desarmar o outro primeiro."
Cayden não vai me bater, e é por isso que pediu as espadas, e provavelmente não lutará com toda a sua força por medo de me machucar. Mesmo quando o conheci, meses atrás, ele apenas me desarmou e conteve. Ele vai querer fazer o mesmo, assim como fez com Finnian. Cayden é um dos maiores lutadores que Ravaryn já viu, e quando os livros de história recontarem sua vida, não serão as histórias de sua coroa que virão primeiro, mas sim sua espada. Ele luta como um deus e tem a mente da própria morte.

Nem um segundo depois, ele corta a distância entre nós e ataca. Eu atiro minha espada para cima para bloqueá-lo, e nossos olhares se encontram sobre as lâminas. O clangor do aço faz meus ossos vibrarem. Usando toda a minha força, eu o empurro para trás, sem perder tempo em avançar. Golpeio uma, duas, três vezes — ele bloqueia todas. Finjo frustração, mostrando os dentes, querendo fazê-lo pagar pelo seu comentário de atriz da noite passada. Os soldados ao nosso redor riem enquanto repetimos os mesmos movimentos.
Ele me força a recuar com a lâmina, e tropeço no pé que ele prende atrás do meu, jogando meu peso para o lado para não cair. Sua lâmina gira em sua mão enquanto ele me persegue como um predador, e sei que já fiz o suficiente para fazê-lo acreditar que não tenho segundas intenções. Sua espada corta o ar e finjo estar mais cansada do que realmente estou, deixando o conjunto de lâminas cegas me atingir. Franzo as sobrancelhas e caio de joelhos, me forçando a não sorrir quando sua espada cai no chão com um estrondo.
“Porra, anjo, você está—”
Mantenho minha espada firme enquanto giro sobre os joelhos, passando a perna por baixo dos tornozelos dele e o jogando no chão. Subo nele e aponto minha lâmina para sua garganta. Os aplausos ensurdecedores fazem as tábuas vibrarem abaixo de nós.
"Seu pequeno trapaceiro", ele diz, mas suas covinhas estão profundas em suas bochechas enquanto ele olha para mim.
"Acredito que foi você quem me disse para nunca lutar de forma justa." Largo a espada ao meu lado e me inclino em direção ao seu ouvido. "Mas se você se comportar, ainda assim darei o que pediu."
E com isso, saio de cima dele e mando um beijo por cima do ombro enquanto ele passa a mão pelo rosto e se levanta. Olhos verdes me encaram enquanto caminho de volta para uma Saskia em êxtase.

Capítulo

QUARENTA E SEIS

Cayden



O UÍSQUE QUEIMA MINHA GARGANTA

Enquanto viro a garrafa e encosto a cabeça no sofá, ouvindo o vai e vem dos passos de Elowen. Nossa cabine fica na parte de trás do navio e é dividida por um conjunto de cortinas azul-escuras que geralmente estão abertas, mas

permanecem fechadas esta noite. Uma janela com painéis se estende por toda a parede oposta, um detalhe que fiz questão de adicionar, considerando o medo de Elowen de confinamento.
"Você está sem prática, pequena sombra", digo, pondo fim ao tagarelar constante. Ela resmunga um palavrão baixinho e atravessa as cortinas, vestida apenas com uma camisola. Minha mão aperta a garrafa com força, e eu a solto lentamente, um dedo de cada vez, para evitar que se estilhace.
Ela se senta entre minhas pernas abertas, e eu cerro os dentes para não gemer quando o cheiro do seu perfume me envolve. O pedaço de tecido roça a parte superior de suas coxas e não deixa quase nada para a imaginação. "Quanto você bebeu?"
"Não o suficiente."
“Eu posso vestir um robe.”
“Eu posso queimar um manto.”
Ela ri, e, porra, é uma das coisas mais lindas que já ouvi. Em sua mão repousa uma pequena tigela contendo algum tipo de óleo. com ervas flutuando no topo. "Achei que poderia tentar aliviar a dor no seu ombro novamente, agora que você acordou."
Engulo em seco e molho a garganta com outro gole. "Você não precisa fazer isso."
"Eu sei." Ela mergulha os dedos e esfrega as palmas antes de colocar as mãos no meu ombro esquerdo e se aprofundar em anos de dores. Deixo a cabeça cair em seu ombro enquanto agarro seus quadris. Seu pulso acelera e arrepios percorrem seus braços. Seu toque dói no começo, mas logo me sinto *tão bem*. Ela continua seu padrão tortuosamente prazeroso, e eu me sinto como massa de modelar em suas mãos mágicas.
"O que você está fazendo comigo, anjo?" Meus lábios roçam sua pele enquanto falo, e ela estremece novamente. É uma pergunta carregada de significado, porque o que sinto por ela ameaça minha própria existência. Não me resta nada neste mundo se ela o deixar. Nunca percebi o quão pouco eu tinha até que a magnitude de sua presença se tornou aparente. Ela é tudo. Ela é tanto a faca que perfura meu coração quanto a curandeira que cura a ferida mortal.
“Cuidando de você, já que você se recusa.”
“Você não está me inspirando a começar.”
Jogo a cabeça para trás, mas meus olhos se fixam em suas novas marcas, os delicados redemoinhos prateados, dourados, lilás e azul-claros. Marcas que solidificarão para sempre o que ela fez por mim e como eu a coloquei em perigo. A escuridão que sempre se escondeu dentro de mim se tornou mais forte desde o ritual. Quero mantê-la longe dela, mas ela a chama, canta para ela, dança ao som de sua voz.
Culpa.
Ela me marca e queima em meu sangue.
Aperto minhas mãos sobre ela, querendo estar ali, não na minha cabeça, mas ela me mantém refém. Ela crava os polegares novamente, e neste momento, se ela me dissesse que era uma feiticeira, eu acreditaria. "Se você aprendeu isso com Nyrinn, quero uma lista de em quem você usou este óleo."
"Por que?"

"Eu só quero conversar." Vou matar todo desgraçado que colocou as mãos nelas assim. Sinceramente, eu mataria quem quer que tivesse colocado as mãos nelas. eles em geral. Ela termina a massagem, mas nenhum de nós se move enquanto ela continua a deslizar os dedos pelo meu ombro e pelas minhas costas. Ela está a centímetros de distância, mas em vez de sentir a paz habitual que acompanha sua proximidade, sinto como se não conseguisse respirar o suficiente.
Um nó se forma entre suas sobrancelhas e meu coração bate dolorosamente contra minhas costelas. *Você estraga tudo em que toca, garoto.* Solto seus quadris.
“Cayden?”
Que inferno, tudo o que sinto por ela me envolve a garganta e me corta o ar. Estou me afogando nela, mas parei de tentar voltar à superfície. Sei que isso vai me matar e aceitei meu destino. Estar cercado por ela é exatamente como eu quero morrer.
"Volto já, querida." Inclino-me para beijar sua testa e visto a camisa de linho preta pendurada no braço do sofá. "Só preciso de um pouco de ar."
Entro no corredor estreito e desço uma escada, localizando o pequeno convés privativo na popa do navio, que fica abaixo da nossa cabine. A porta se fecha atrás de mim enquanto corro em direção à amurada. Coloco a mão no bolso para pegar um cigarro enquanto esfrego a dor incessante no peito. Acendo o cigarro rapidamente, inalo profundamente e apoio os cotovelos na amurada, abaixando a cabeça para olhar a água. No entanto, nem mesmo a sinfonia do mar consegue me acalmar.
Estou perdendo a cabeça.
A porta se abre com estrondo, e se o temperamento de Elowen pudesse causar um incêndio, o navio seria incinerado. Nem preciso me virar para saber que é ela, e aposto que ela está balançando os quadris enquanto pisa forte, como sempre faz quando está bêbada.
"Pare de fugir de mim", ela afirma. "Não posso continuar vivendo assim. Temos que resolver isso como sempre fizemos, sem rodeios como crianças. Eu sei o que você está pensando e não é justo."
"Ah, é?" Viro a cabeça na direção dela, apagando a fumaça dada a proximidade dela. "O que estou pensando?"
"Eu sabia dos riscos quando concordei com o ritual." Ela teimosamente empina o queixo. "Sei que se eu morresse não conseguiria cumprir o nosso acordo, mas..."
“Entre.”
"Não."
“Continue pensando nesses seus pensamentos se você acha que estou lamentando por causa de um acordo.”
"Você tentou manipular o Finnian para me arrastar para longe de você. Acha que eu conseguiria superar a sua morte sabendo que havia algo que eu poderia ter feito?" Ela empurra meu peito antes de agarrar minha camisa.
Minhas narinas se dilatam ao notar seus anéis brilhando ao luar, mas mantenho as mãos ao lado do corpo. "Você teria vivido uma vida muito longa e celibatária."
Ela me solta e joga as mãos para cima. "Você estava pronto para aceitar a morte!"

“É isso que você pensa?”
"Você disse adeus." Sua voz falha, mas seus olhos ainda estão cheios de raiva.
"O que você queria que eu dissesse, Elowen?", pergunto incrédula, inclinando a cabeça para as estrelas antes de olhá-la novamente. "Você preferiria que eu tivesse dito exatamente o que estava pensando naqueles que eu pensava serem meus últimos momentos?"
Sua garganta se move quando dou um passo mais perto, forçando-a a levantar o queixo enquanto me elevo sobre ela.
"Você queria que eu lhe dissesse o quanto eu estava amargurada de arrependimento por saber que te procurei por mais tempo do que te conheço? Que há uma ironia doentia em sobreviver a todos os anos em que desejei morrer e morrer quando finalmente tinha algo pelo qual viver além da vingança? Porque eu não me permitia desviar o olhar da minha razão, Elowen. Você é isso. Nem tudo abrange o que você é para mim; você é infinita. Você era tudo o que eu me permitia ver enquanto morria, porque queria guardar a lembrança do seu rosto comigo. Você queria que eu lhe contasse como rezei ao Deus da Morte para deixar minha alma com você se ele realmente me desse sua bênção?"
"Então por que você está me afastando?", ela grita, impotente. "Você disse que eu estava te evitando, mas é óbvio que você precisava de espaço. Eu consegui o tempo que você disse que queria e você está agindo como se quisesse que eu te deixasse morrer.”
"Você deveria ter."
"Não diga isso."
"Seus gritos ecoam no meu crânio a cada segundo de cada dia. Se alguma vez houver uma escolha entre você e eu, eu sempre quero que você escolha a si mesmo, mesmo que isso me mate."
“Eu sei que Ryder estava bravo com você por fazer exatamente o que eu fiz, e isso faz de você um hipócrita.”
“As situações são completamente diferentes”, eu rosno.
"Então você não é apenas um hipócrita, mas também um tolo! Sua vida não vale menos que a minha, mesmo que você acredite que sim."
"É isso que você não entende! É isso mesmo!", retruco, com a voz rouca e enfurecida. "Não porque você é a rainha dragão, ou a herdeira de Imirath, ou qualquer outro título que você tenha adquirido. Minha vida vale menos que a sua porque *você é* a minha vida. Sou um homem morto caminhando sem você."
Seu rosto se desfaz e algumas lágrimas escorrem de seus olhos, que ela enxuga com raiva. Eu teria me casado com ela se ela não tivesse nada em seu nome, se os dragões não existissem e tudo o que ela tivesse fossem as roupas do corpo.
Não consigo fazer isso.
Não consigo olhar para ela.
Ela ficará melhor se eu ficar de boca fechada, uma habilidade que nunca dominei perto dela. Nunca esperei que ela amasse alguém como eu. Não é culpa dela que eu não possa ser digno dela; isso levou anos para acontecer.
"Pare de me empurrar. Pare de se afastar. Pare!" Ela segura meu pulso, mas eu não me viro e continuo andando mesmo enquanto ela me puxa. Minha sanidade está por um fio, e minha paciência está tão perdida que tenho certeza de que ela nunca existiu. "Por que você não consegue olhar para mim?"

Todos os infernos.
“Porque eu te amo!” Eu rugo enquanto me forço a olhar para ela, a declaração pingando na raiva acompanhada por um indesejado Confissão. "Sinto como se tivesse dito essas palavras de mil maneiras, mas se você precisa ouvi-las com clareza, aí estão elas. Eu te amo. Estou apaixonado por você. Não me pergunte quando comecei, porque não tenho a resposta. Tudo o que sei é que em algum momento entre te conhecer e me casar com você, percebi que não consigo viver sem você."
As palavras saem correndo da minha língua, rasgando as grades da gaiola em que os tranquei por meses. Elowen cambaleia diante delas, cambaleando para trás.
Por um momento não há som algum além das ondas abaixo, cantando uma sinfonia com meu coração batendo forte.
"Eu te amo", repito, mais suavemente, já que ela nunca reagiu bem a gritos, "e não estou brava com você. Nunca consigo ficar brava com você, mas você quase morreu por mim, e eu não sei como viver com isso."
Meu sangue corre tão forte que mal a ouço ofegar. Seus olhos castanhos me encaram como se eu não fosse real. É claro que sua primeira reação é de descrença, o que não é surpreendente. Ela passou a vida inteira se sentindo rejeitada, mas eu a lembrarei disso todos os dias, se necessário.
Mesmo que eu não faça mais nada certo na minha vida, eu a amarei como ela merece.
"E... e eu não valho a pena, Elowen." Um nó se forma na minha garganta, mas eu luto para superá-lo. "Eu nem sou digna de você. Passei a vida caminhando na escuridão, sem amar nada, sem nem me acreditar capaz, mas aí você apareceu. Essa brasa de esperança, de luz. Eu estava condenada antes mesmo de perceber e tenho sofrido por meses, amando você em silêncio. Se isso te assusta, então você terá que encontrar um jeito de conviver com isso, porque eu sou egoísta até a medula e nunca serei capaz de te deixar ir. Eu preferiria abandonar este mundo e reduzi-lo a cinzas do que viver um dia sem você."
"Você..." Ela dá um passo à frente e suas mãos voltam a agarrar minha blusa bem acima do meu coração. "Você me ama."
"Meus sentimentos nunca foram estipulados. Mesmo que você não sinta o mesmo, ou sinta metade do que eu sinto, eu nunca vou parar." Aceito qualquer coisa dela, até migalhas. Prefiro passar fome pelo resto da vida a ficar sem ela.
"Você me ama", ela repete atordoada, olhando para mim com os olhos arregalados.
"A única vez que me permito sentir alguma coisa é quando estou com você. Nunca deixe ninguém lhe dizer que sou incapaz de amar, porque você é a prova viva de que algo bate dentro do meu peito, e bate por você."
Sinto que não consigo respirar. Coloco as mãos em seus quadris, me assegurando de que ela está realmente aqui. Em meus braços. Às vezes, sinto que vou acordar, que tudo isso será um sonho e que terei que voltar a procurá-la. Nunca me considerei um homem gentil. Não me preocupo com os sentimentos dos outros... mas Elowen é a exceção a todas as minhas regras. Quando estou com ela, me sinto uma pessoa diferente. Uma pessoa melhor.
Deslizo meus dedos levemente pela sua bochecha, saboreando a sensação dela

enquanto seguro firme a seda que ela veste, com medo de que ela escape. Nunca fiz isso, nunca senti isso. Não tenho a mínima ideia do que estou fazendo. "Não há nada que eu queira mais do que você. Não há nada que eu não faria por você. Não há nada que eu ame mais do que você."
"E se eu mudar com o tempo?" Ela lambe os lábios. "E se você acordar um dia e ficar ressentido comigo porque eu não sou mais a pessoa que era quando você tomou essa decisão?"
“Se você mudar, passarei o resto da minha vida encontrando novos motivos para te amar.”
Ela assente e aperta minha camisa com mais força. "Eu te amo, Cayden."
Respiro fundo como se ela tivesse me dado um soco no estômago — porque é essa a sensação. "Não diga isso se não for verdade."
"Eu faço."
Balanço a cabeça. "Elowen, eu não estou bem da cabeça. Não se pode dizer uma coisa dessas levianamente. Só serve para alimentar o meu vício."
“Eu te amo, Cayden Veles.”
“Eu não mereço isso.”
Você não precisa ser uma pessoa perfeita para ser amada. Você tem meu coração e o guarda com a mesma ferocidade com que guarda meu corpo. Eu nunca vou "Ame qualquer um como eu te amo." Suas mãos se entrelaçam em meus cabelos e ela me puxa para baixo para que nossos lábios se encontrem. Eu aperto seus quadris com mais força e a coloco no corrimão, me colocando entre suas pernas enquanto ela as envolve em mim. Ela me beija com uma paixão que incendeia minha pele. Deslizo minhas mãos por seu corpo, fazendo qualquer coisa para trazê-la para mais perto.
Isso não é real.
Devo estar sonhando.
"Eu te amo", ela murmura contra meus lábios, e eu me agarro a cada sílaba. "Mesmo quando nossas almas forem esquecidas como fios ao vento e o mundo deixar de existir, eu te amarei. Amito evidani."
“Amito evidani, mia sirantia.”
“Você é tão fácil de amar, Cayden Veles, e passarei o resto da minha vida tentando fazer você acreditar nisso.”
"Então eu mesmo vou garantir que você tenha uma bem longa."
Ela sorri suavemente para mim enquanto o ar do mar dança entre seus cachos e, se eu pudesse viver neste momento para sempre, eu viveria. Beijo-a novamente e a mantenho pressionada contra mim enquanto abro seus lábios. *Ela me ama.* Parece bom demais para ser verdade, e odeio que a suspeita apareça. Eu a reprimo, forçando-me a confiar nela nesta terra desconhecida que estamos navegando juntos, e aprofundo o beijo enquanto a levanto do corrimão.
Ela cantarola contra meus lábios e desliza os dedos pelos meus cabelos. Meus passos vacilam quando ela move os quadris contra os meus enquanto caminho. Eu a pressiono contra a parede do corredor escuro e me estico contra ela, incapaz de voltar para a cabine sem lhe dar uma pista do que ela quer. Cubro sua boca quando seus lábios se abrem contra os meus enquanto ela geme.
"Isso é tudo para mim, meu anjo." Ela assente, revirando os olhos quando repito meus movimentos. Ela não tem ideia de como vou piorar agora que sei que ela

me ama. Ela nunca vai se livrar de mim. Outro gemido suave escapa de seus lábios, e eu rio contra seu pescoço, chupando o ponto ideal logo abaixo do maxilar para torturá-la um pouco mais. Ela se arqueia contra a parede, pressionando os seios contra mim, e eu a mordo para abafar um gemido.
Suas mãos percorrem meus ombros enquanto subo as escadas e entro na nossa cabine, trancando a porta atrás de mim. "Você está sempre tão carente de mim, linda."
"Então me dê o que eu quero", ela responde enquanto eu a coloco na mesa ao lado da porta e sento na cadeira.
“Paciência é uma virtude.”
“Quando foi que eu lhe dei a impressão de que sou virtuoso?”
Enfio o dedo no decote da sua combinação antes de levar a outra mão para a frente e rasgar a peça ao meio. Lambo os lábios enquanto admiro seus seios arfantes e suas pernas abertas, e me inclino para beijar seu peito. Ela se arqueia em minha boca enquanto eu beijo sua pele macia e levo um mamilo à boca enquanto uso meus dedos para brincar com o outro.
Qualquer móvel com ela sobre ele é um altar.
Empurro a calcinha dela para o lado e deslizo dois dedos em seu centro gotejante. Ela geme meu nome como se fosse a resposta para qualquer coisa que ela precise enquanto começo a bombear meus dedos lentamente. Cada vez que a toco, a vontade incontrolável de fazê-la se sentir tão bem que ela se esqueça de todos os outros que vieram antes de mim se fortalece. Quero ser o único homem em sua mente. O único nome a adornar sua língua.
Pressiono o anel de sinete que ela me deu de presente em seu clitóris, e ela joga a cabeça para trás contra a parede em resposta. Algo primitivo surge dentro de mim, sabendo que nosso sigilo está pressionando a parte mais íntima dela. Sempre dedico meu tempo a ela, querendo saborear cada momento e cada gemido, sabendo que poderia passar horas entre suas coxas. Suas pernas escorregam dos braços da cadeira quando giro meus dedos, e ela me olha com olhos suplicantes quando deslizo meus dedos para fora dela e os chupo até limpá-los.
"Por que você parou?" ela suspira, um de seus cachos balançando na frente de seus lábios.
Mas não respondo enquanto pego o que sobrou da camisola dela, rasgando-a pelas costas e usando os pedaços que caem pelos braços para amarrar seus pés à cadeira. Seus olhos se arregalam e sua garganta se contrai enquanto ela engole em seco.
"Está tudo bem?"
Ela assente lentamente. "Acho que sim."
"Se alguma coisa mudar, me avise." Deslizo meus dedos para dentro dela novamente e os enrolo. Um gemido desesperado escapa de seus lábios, e ela abre as coxas. "Você confia em mim para cuidar de você?" Ela assente. "Você está me fazendo uma bagunça, meu amor."
Estou dolorosamente duro, o que não é incomum quando estou perto de Elowen, mesmo quando ela não está fazendo nada sensual, mas vê-la esparramada diante de mim me deixa faminto. A necessidade de reivindicá-la, possuí-la, me invade. Sempre viveu como uma fera insaciável sob minha pele, mas piorou depois do

ritual. Pressiono minha língua em seu clitóris, sugando-o para dentro da boca enquanto ela agarra meus cabelos e suas coxas tremem.
Ela é minha, sussurra a escuridão dentro de mim, e eu a envolvo com o braço e a puxo para mais perto quando alguém bate na porta. Ignoro, mantendo a cabeça entre as pernas de Elowen, sem me importar com nada além dela — o que também não é incomum. O gosto dela é como uma droga que me deixa inconsciente. Ela tenta se soltar, mas eu não deixo, e aperta os lábios para abafar um gemido enquanto treme mais.
A batida soa novamente, e eu me afasto dela o suficiente para dizer com a voz áspera: "A menos que você esteja morrendo de vontade, sugiro que se afaste da porta." Pressiono meu anel em seu clitóris novamente, e ela tapa a boca com a mão enquanto eu o movo em círculos rápidos. Ela implora com os olhos, e eu sei que está a segundos de terminar. O rubor familiar percorre seus seios e se enrola em seu pescoço. "Você gosta quando eu uso nosso sigilo para te fazer gozar?", murmuro, baixo o suficiente para que apenas ela ouça. "Isso te lembra a quem você pertence?"
"Z-zario está no horizonte. Começaremos a procurar um lugar desabitado para atracar", alguém sai correndo pela porta antes de correr pelo corredor.
Como se eu desse a mínima.
Eu a puxo para longe da mesa e a lambo como um homem drogado pelo seu gosto até que ela fique sem fôlego e se desfaça completamente. não pare enquanto ela cobre a boca para gritar meu nome, surfando nas ondas de prazer até ficar mole, ainda sem vontade de me soltar e querendo até a última gota para mim.
Lambo meus dedos para limpá-los novamente e levo o anel brilhante aos lábios dela. "Beije-o."
Ela faz o que eu peço, mantendo os olhos nos meus enquanto desamarro seus tornozelos. Ela cai no meu colo, seu centro molhado encharcando minhas calças enquanto ela se inclina para lamber um rastro no meu pescoço. Minha cabeça cai para trás contra a cadeira, dando a ela acesso para fazer o que quiser comigo. Ela se esfrega no meu pau, e todos os infernos, eu nunca vou sobreviver a ela. Choques de prazer me percorrem enquanto ela dança em mim como fez no bordel, e a lembrança daquela noite quase me faz derramar nas minhas calças. Eu nunca a despiria em uma sala cheia de pessoas, mas saber que todos ali estavam de olho nela, que só tinham olhos para mim enquanto imploravam para que eu a tocasse, foi a coisa mais erótica que eu já vi.
Tudo nela é avassalador — seu cheiro, sua pele, ela. Só ela. Seus dedos percorrem lentamente meu peito enquanto ela continua se balançando contra mim e desfaz os cadarços da minha calça. Eu agarro sua calcinha atrás de sua bunda e a tiro, sem querer nada entre nós. Meu comprimento se solta e eu gemo contra seus lábios enquanto ela me cobre com sua umidade, deslizando contra mim até que eu me alinhe com sua entrada e ela lentamente abaixa. Ela desce, gemendo contra meus lábios enquanto se ajusta a cada centímetro, e para quando estou totalmente enfiado lá dentro. Seus olhos se fecham com força enquanto ela descansa a cabeça no meu ombro. Eu assumo o controle e empurro para dentro dela, e seus dentes cravam em meu pescoço. Eu prefiro estar no controle. Adoro me concentrar em seu prazer.

Ela rasga minha camisa até rasgá-la em duas e desliza as mãos sobre meu torso marcado enquanto a coloco novamente sobre a mesa, investindo nela em um ritmo implacável que a faz cravar as unhas nas minhas costas e entrelaçar as pernas em volta da minha cintura. Capturo seus lábios com os meus quando ela se aperta em volta de mim e a fodo até um segundo orgasmo. Ela grita contra meus lábios e me encara com olhos turvos após seu ápice de prazer.
"Você vai me dar outro", digo, diminuindo o ritmo das estocadas, mas sem parar. Ela assente preguiçosamente, balançando os quadris contra os meus ao mesmo tempo. promessa de outra euforia. "Você vai me deixar encher essa boceta perfeita?"
"Sim." Acelero o passo novamente, encharcando nossa pele aquecida de suor. Outra batida na porta e Elowen interrompe nosso beijo para sussurrar: "Mande-os embora. Não importa o que aconteça, por favor, não pare."
"Se você acha que eu pararia de te foder por quem quer que esteja além daquela porta, você não me conhece muito bem."
Tiro as botas e descarto o resto da roupa enquanto ela continua se movendo em mim, e a ergo nos braços. A cômoda ao lado da nossa cama tem um pequeno espelho, e eu a coloco na beirada da cama e a viro de bruços, puxando seus quadris para cima. Ela geme quando coloco seu clitóris inchado na boca novamente, lambendo-o por alguns instantes e sentindo-a ficar mais molhada ao olhar para o nosso reflexo. Dou-lhe uma última lambida e pisco para ela antes de me levantar, arrastando meu pau por seu centro enquanto ela cruza os olhos com os meus novamente. Enrolo seus cachos em volta do meu punho e me balanço contra ela, febril e frenético, fazendo a cabeceira da cama bater na parede e enviar uma mensagem muito alta.
Um sorriso arrogante se forma em meus lábios. "Você gosta de me ver te fodendo, meu anjo?"
"Hum."
"Me diz como somos." Beijo sua espinha. "Porque eu acho você tão bonita quando me toma por inteiro."
"Parece que você nunca vai se cansar de mim", ela suspira.
A cabeceira da cama bate ainda mais forte contra a parede, e minhas estocadas ficam mais ásperas com suas palavras. "Você é minha para sempre e ainda não é tempo suficiente."
Ela perde o controle embaixo de mim, gritando e suspirando meu nome, sem se importar com quem possa ouvir. Perdida demais no prazer que estou lhe proporcionando.
"É isso. Certifique-se de que o desgraçado que estiver do outro lado da porta saiba que você é minha." Viro-a de costas, beijando seus seios, pescoço, lábios e querendo vê-la terminar. "Fala de novo."
“Cayden”, ela geme.
"Não isso."
Seus olhos estão pesados de desejo, mas brilham de consciência. "Eu te amo."
Diminuo a velocidade das estocadas, e ela geme. "Fala de novo."
"Eu te amo."
Paro de me mover, mas permaneço impassível. "De novo."
"Eu te amo", ela implora. "Eu te amo, Cayden."

Deuses, isso é inebriante. "Você realmente nunca deveria ter me contado", repito minha declaração anterior. "Sou viciada em você há mais tempo do que você pode imaginar e agora nunca vou te deixar ir."
Dou-nos o que ambos queremos enquanto busco a euforia. Tento segurar, mas ela geme meu nome e me agarra como um torno enquanto se desfaz. Aumento minhas estocadas para prolongar seu prazer, e uma euforia que só encontrei nela percorre meu corpo. Diminuo meus movimentos conforme a névoa se dissipa, pressionando suavemente meus lábios nos dela. Beijo suas bochechas, sua testa, a ponta do seu nariz. Ela é a coisa mais preciosa do mundo para mim.
"Eu te amo, Cayden", ela repete, com a voz carregada de emoção em vez de prazer. Algo na tranquilidade do seu tom, na gentileza, aperta meu peito.
Pressiono meus lábios nos dela novamente. "Eu também te amo. Sempre."

Capítulo

QUARENTA E SETE

Elowen

Apesar de ser inverno em Galakin, o reino, é a personificação do verão. As docas estão agitadas e os aromas de especiarias e frutas tropicais doces criam uma combinação inebriante. Entrelaço meus dedos nos de Cayden enquanto nós cinco corremos para a cidade. Zario está vibrante com os foliões do solstício de inverno dançando ao som de músicos de rua.

Conseguimos encontrar uma caverna coberta para atracar o navio depois de navegar ao longo da costa de uma praia sem patrulha. Achei que os dragões ficariam chateados quando eu os ordenasse a ficar para trás, mas eles mergulharam na água rasa, batendo as asas nas pequenas ondas enquanto relaxavam. Não demonstraram sinais de fadiga durante a viagem, mas tenho certeza de que estão aproveitando o descanso.
Zario é construída ao longo de uma colina íngreme com ruas curvas emolduradas por casas de pedra branca, com não mais de dois andares de altura e telhados abobadados em cores variadas. Meus cabelos roçam na parte de trás dos meus braços enquanto inclino a cabeça, olhando para as palmeiras imponentes, carregadas de cocos. Aonde quer que vamos, o oceano é visível, e sua água cristalina à noite é a mesma. Cayden puxa minha mão, parando-nos em um dos vendedores ambulantes que vendem fatias de uma fruta que eu nunca vi, enquanto Finnian e Ryder experimentam máscaras extravagantes adornadas com penas e joias.
"O que é isso?"
“Experimente”, Cayden responde acima da música e segura uma das fatias polvilhadas com pó vermelho até a minha boca. É doce, saboroso e um pouco picante ao mesmo tempo. Ele ri quando meus olhos brilham e eu pego outro pedaço. "A fruta é uma manga, e ela é polvilhada com uma mistura de limão, pimenta e sal."
“Por que não temos isso em casa?”, pergunto incrédula.
Mangas só crescem nas ilhas do sul e em Galakin, e são caras para importar. Este prato vem das ilhas do sul. Muitas pessoas fugiram para cá quando Imirath as conquistou, porque era o que mais combinava com seu estilo de vida. Os invernos nas ilhas são frios, não tão rigorosos quanto no continente, mas em Galakin as pessoas poderiam sobreviver no oceano e não precisariam se preocupar com o frio ao puxar as redes.
É bom ouvi-lo falar positivamente sobre as ilhas. Ele raramente o faz, e não posso culpá-lo. "Quando vencermos a guerra, prometo comer mangas com você até odiá-las."
"Claro, princesa." Ele passa o braço em volta dos meus ombros enquanto uma brisa morna agita minha saia e viramos em outra rua.
A fileira inteira é composta por casas de jogos de azar, todas próximas umas das outras, permitindo que pessoas com muito dinheiro pulem de uma para a outra. As portas de todos os estabelecimentos estão abertas, e o som de aplausos, acompanhado de cartas sendo batidas e fichas caindo, ecoa pela rua.
“Sim, eu diria que estamos no lugar certo”, reflete Ryder.
"Por onde começamos?", pergunta Finnian.
"Na pior das hipóteses", respondo. "São as pessoas que ninguém percebe que sabem mais sobre todos."
Pego uma garrafa de rum de uma mesa cercada por clientes desavisados e tomo um gole antes de passá-la adiante. Embora eu já tenha visto portadores de chamas em ação em casa, é diferente estar aqui, onde eles veneram o fogo há séculos. Eles extraem o elemento das lanternas que margeiam a estrada e lançam faíscas pelo ar. Alguns chegam a criar um bando de pássaros esvoaçantes ou uma serpente serpenteante se enrolando ao redor do sol. Nem as minhas marcas

divinas nem as de Cayden chamam atenção indesejada, apesar de nossos brasões estarem totalmente expostos, pois vários cidadãos cobriram seus corpos com tinta colorida e vibrante. Tigelas de sombras descartadas se espalham pela estrada de pedra branca, e pegadas criam caminhos desbotados, pois quem correu por elas encontrou algo que captou sua atenção.
Uma gritaria profunda desvia minha atenção das lanternas de papel penduradas acima. Um homem visivelmente bêbado é jogado escada abaixo, levando a um dos salões de jogos, por um mercenário muito maior do que ele, ainda mais ameaçador pelas cicatrizes de queimadura que cobrem metade de seu rosto.
"Este lugar parece perfeito." Pego o rum da mão de Finnian antes que ele tenha a chance de virar, enquanto levo o grupo para um beco ao lado do pequeno prédio. "Vocês quatro esperem aqui e volto em alguns minutos."
"Por que eu tenho que esperar aqui fora?", reclama Finnian.
"Porque você fica vermelho quando mente." Tomo outro gole antes de despejar um pouco na mão e passar no pescoço e na parte superior dos meus seios, que são empurrados para cima pelo meu top branco com uma safira estrela no centro. A saia combinando fica baixa nos meus quadris, junto com uma corrente de joias, e passo mais álcool na barriga para garantir que estou cheirando como se tivesse entrado rastejando em uma taverna.
Cayden se inclina para lamber um pouco do meu peito e eu empurro seus ombros. "Sem interferir na apresentação."
"Posso ter uma privada?"
“Sou muito caro.”
Ele dá de ombros, encostando as costas na parede à minha frente e me devorando com o olhar. "Diga o seu preço."
“Você não pode dizer nada sarcástico durante um dia inteiro em resposta a nenhum de nós.”
“Eu disse preço, não milagre.”
"E ele já falhou", diz Ryder, reivindicando o lugar ao lado de Cayden. "Aposto que ela consegue o que precisamos em vinte minutos."
"Dez", responde Cayden, apertando a mão estendida de Ryder e apontando o queixo em direção à entrada. Orgulho me invade o peito e altero um pouco meu andar quando chego aos degraus da frente, sem querer parecer obviamente bêbado. Sutileza é o que vende uma apresentação. Se eu fosse... realmente bêbado, eu faria tudo o que estivesse ao meu alcance para fazer as pessoas acreditarem que eu não estava.
Os dragões se opõem ao vínculo, querendo desobedecer à minha ordem de se esconderem e me encontrarem, mas eu me mantenho firme e dou a ordem novamente, fechando os olhos para que ninguém os veja brilhar dourados na penumbra. Eu sabia que a complacência deles duraria pouco, mas não imaginei que acabaria tão rápido.
Não há quase nada digno de nota aqui, além do mosaico lascado do mar batendo no teto abobadado, mas está desbotado, assim como as mesas descombinadas espalhadas desordenadamente. O ar está quente e denso com fumaça de cachimbo e suor, e eu me arrasto até o bar, me apoiando na superfície de madeira. Rio sozinho enquanto pulo em um banquinho e sorrio para duas mulheres que fazem um breve contato visual antes de retribuir o gesto, rindo em

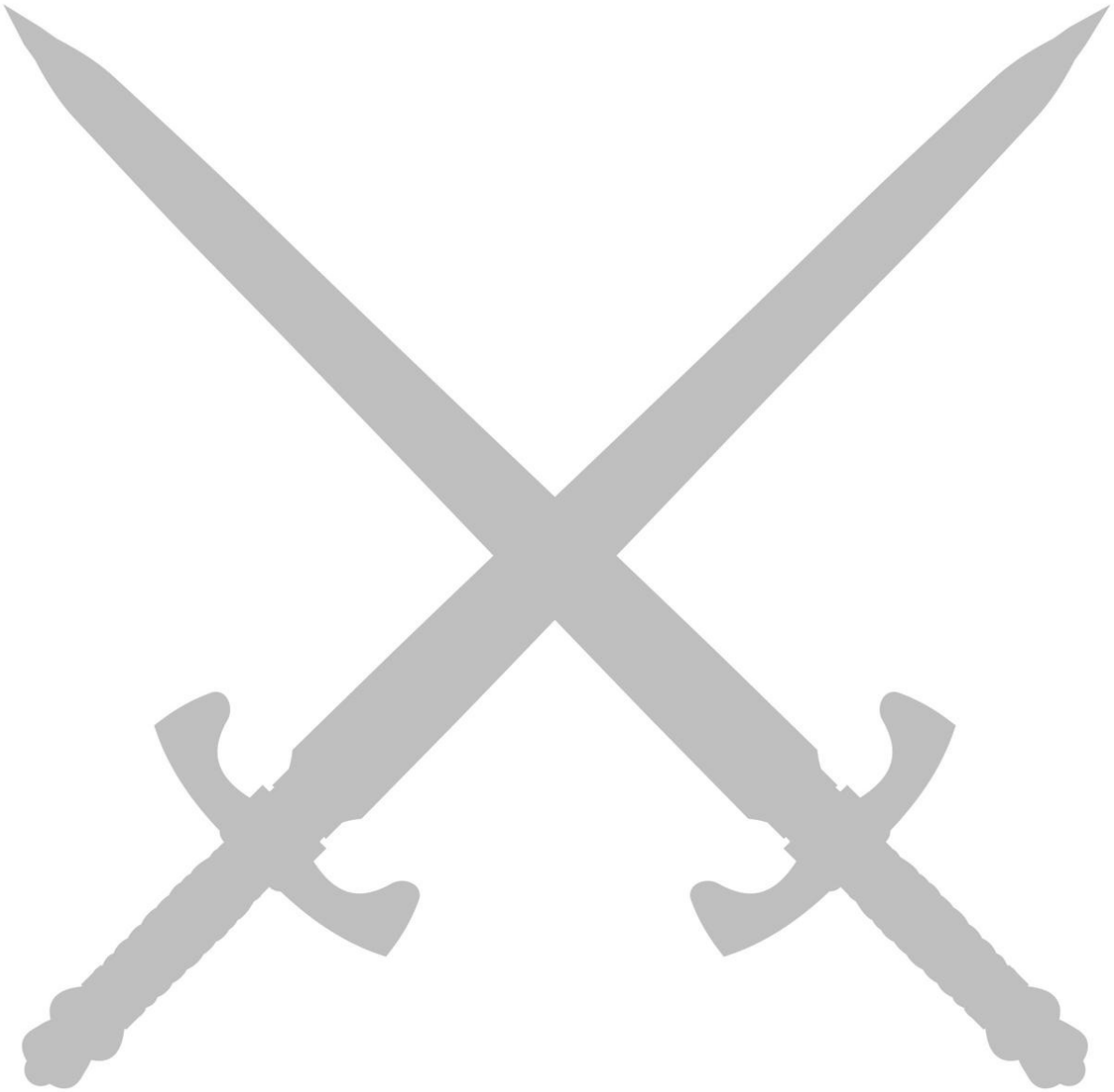
seus copos.
"O que você está bebendo?", pergunto, apoiando a cabeça no punho e chutando as pernas.
"Rum e água de coco", diz o mais próximo de mim. "Quer experimentar?"
"Por que não?", pergunto à mulher atrás do balcão e agradeço quando ela o coloca na minha frente. Não gosto muito, mas não é a pior coisa que já provei.
“Você é daqui?”
"Ah, não", eu rio. "Estou só de passagem no navio mercante do meu pai."
"Bem, certamente há entretenimento suficiente para uma jovem neste reino, caso você não tenha notado." Ela olha por cima do ombro, onde não duvido que vários homens olhem em nossa direção, não apenas para mim, mas também para eles. Eles podem não estar usando vestidos ornamentados, mas a ausência de calos nas mãos me faz acreditar que são damas de alta linhagem em busca de uma fuga. Pessoas de alta linhagem geralmente se concentram na parte mais cara da cidade, o Distrito da Luz, para que tenham mais chances de não encontrar ninguém que conheçam por aqui.
Abaixo do balcão, transfiro minha aliança para outro dedo. Talvez eu devesse aproveitar. Meu pai planeja me casar com o maior lance assim que atracarmos em casa. Receio que não conseguirei me livrar de nenhum acordo a menos que volte a bordo do barco dele com um príncipe no braço.
A mulher à esquerda ri, com compaixão transparecendo nos olhos. "Bem, qualquer príncipe de Galakin ficará trancado no palácio. Eles nunca entram na cidade. O Príncipe Zale entra de vez em quando, mas nunca fora de seus lugares favoritos — principalmente praças de artistas ou o teatro."
"Que pena", digo arrastando os lábios e termino minha bebida. "Ouvi dizer que o príncipe de Thirwen está aqui? É verdade? Sempre quis conhecer um príncipe."
Os dois riem enquanto estalo os lábios e me aproximo para ouvir suas vozes mais baixas. "Há rumores de que o Príncipe Zarius frequenta o Oráculo . É uma casa de jogos a alguns quarteirões daqui e muito mais cara do que esta."
Meus olhos brilham. "Conte-me mais."
A que está mais perto de mim se aproxima novamente, com os olhos castanhos brilhando de malícia. "Ele supostamente é um bêbado terrível, e pior ainda quando está sóbrio. Não tem herança, mas, de alguma forma, tem dinheiro, apesar de seu pai tê-lo renegado. Eu me manteria longe se fosse você. Ele não é conhecido por sua gentileza e dizem que seus olhos vermelhos são bastante enervantes. É como olhar para poças de sangue."
"Então me desejem sorte tentando encontrar um homem rico diferente que agrade meu pai." Suspiro e desço do banco, estendendo a mão para dar um tapinha nas mãos deles que estão apoiadas no balcão.
Eles erguem os copos para mim, e eu tropeço na perna de uma cadeira enquanto aceno por cima do ombro. O segurança assustador na porta me encara como se estivesse pronto para me expulsar se eu me demorar muito e o irritar. Puxo minha saia com força enquanto desço os degraus e viro a esquina para cumprimentar meus amigos novamente.
Os olhos de Cayden se iluminam ao me ver, e Ryder geme enquanto joga um saco de síndricas na palma da mão estendida. Faço uma reverência, compartilho a informação que adquiri e nós cinco seguimos em direção ao príncipe

desavisado.

Capítulo

QUARENTA E OITO

Cayden



Ryder e Finnian poliram da garrafa de rum roubada de Elowen quando chegamos ao Oráculo. As ruas estão um pouco menos movimentadas, mas ainda lotadas. Ando atrás de Elowen, encarando cada homem cuja cabeça ela vira, o que torna meu sorriso de

escárnio quase constante. Não só faço isso por meus próprios motivos egoístas, mas Elowen também está se divertindo, e ela ficaria na defensiva e desconfiada do que acontece ao seu redor assim que um homem se aproximasse dela. Quero que a ansiedade dela a deixe em paz por apenas uma maldita noite.
Pegamos uma mesa alta vazia do outro lado da rua do cassino, mas um pouco longe da entrada principal para podermos observar também a porta lateral, a única outra saída.
"Qual é o plano?", pergunta Finnian. " Fiquei *humildemente* de fora enquanto Elowen coletava informações, apesar de minhas bochechas *não* ficarem vermelhas quando minto, então me ofereci para entrar."
"Vá em frente, Finny", responde Elowen, acenando com a mão em direção ao prédio.
"Saskia e eu também iremos", acrescenta Ryder. "Vocês dois podem ficar de olho nas saídas, mas como estamos em uma parte mais cara da cidade, você e Elowen devem ficar fora de vista o máximo possível. Conseguimos passar despercebidos, mas não vamos forçar a barra."
Levanto as sobrancelhas. " *Você* não quer abusar da sorte?"
“Talvez eu esteja amadurecendo.”
"Você deu uma cambalhota e bateu em uma barraca de melão quando estávamos vindo para cá."
“Eu disse amadurecer, não mudar.”
"Talvez um dia eu seja abençoada por você vivenciar as duas coisas", resmunga Saskia enquanto o segue, as contas douradas que Elowen trançou em seus cabelos escuros brilhando enquanto balançam. Todos estão vestidos com os trajes de verão usados pelos moradores locais e, com sorte, se misturarão... Mas não tenho muitas esperanças para Finnian.
Toco um dedo entre as sobrancelhas franzidas de Elowen enquanto me sento no banco ao lado dela, puxando-a entre as minhas pernas para ficar de olho na casa de jogos. "O que está se passando nessa sua cabeça?"
Seus lábios se curvam para o lado. "Pensamentos sujos demais para seus ouvidos."
"Se você não consegue verbalizá-los, pode me mostrar. De qualquer forma, eu aprendo mais na prática."
"Mmm." Ela torce o nariz e balança a cabeça antes de olhar para baixo para girar a aliança. "Não consigo fazer o fogo da tocha se mover. Eu estava tentando puxá-lo em minha direção como fiz com o fogo do dragão. É como se o poder tivesse me inundado e depois ficado adormecido no meu corpo."
Deuses, o que eu teria dado para vê-la derretendo as proteções de Imirath, invocando todo aquele fogo de dragão como uma deusa renascida. Eu a forcei a recontar os eventos várias vezes, mas nunca canso. Adoro vê-la incutir medo em nossos inimigos; é realmente uma visão linda.
"Entre na mente de Sorin", ordeno, querendo mostrar a ela que nem todas as suas habilidades estão adormecidas.
Ela estala os dedos, olhando de um lado para o outro para garantir que ninguém esteja olhando para o seu rosto. Estou de costas para um paredão curvo com vista para o oceano, e as outras mesas brancas com azulejos pintados de laranja e amarelo estão cheias de bêbados barulhentos, tão bêbados que nem percebem se

alguém lhes deu um tapa na cara.
Suas íris desaparecem e sua mão aperta minha coxa enquanto ela passa um tempo com Sorin. Ele é de longe o mais travesso, mas eu sei que ela adora. Ela retorna depois de alguns instantes, seus olhos castanhos mais claros do que antes. "Eu pratiquei entrar na mente deles enquanto viajávamos, então..." "É muito mais fácil para mim andar mentalmente, mas essa habilidade nunca me abandonou, ao contrário de usar o fogo. Você se sentiu diferente quando acordou depois do ritual?"
Passo o polegar pelo meu maxilar barbeado. "Não sei."
"O que você quer dizer com isso?"
Minha faca brilha enquanto a giro nos dedos, pensando na melhor maneira de responder à sua pergunta. "A morte e a escuridão moldaram minha vida, e sempre as senti me seguindo como uma sombra. As marcas que adquiri durante o ritual provam o quanto a escuridão se infiltrou em mim." Aponto para o meu braço e pescoço, onde linhas predominantemente pretas serpenteiam pela minha pele, mas a única linha azul é tão escura que poderia muito bem ser preta. "Sempre viveu dentro de mim, sempre foi parte de mim, mas sinto como se algo dentro de mim me puxasse em sua direção. Sempre me senti assim, mas agora é mais forte. Uma atração mais volátil. Eu mataria por você sem questionar desde o momento em que nos conhecemos, mas agora é como se eu não conseguisse dormir, porque tirar os olhos de você, mesmo que por um instante, me deixa nervosa. Algo no meu sangue pressiona minha pele e meus ossos para me manter vigilante, e não é uma força pacífica. Sua presença sempre silenciou as vozes na minha cabeça, mas agora é como se algo tivesse despertado e te chamasse, mas eu não sei o quê."
"Ah." Ela abaixa a cabeça.
"Não é uma coisa ruim", acrescento, atraindo seus olhos de volta para mim. "Só..."
"Diferente?"
"Sim."
"Tem uma coisa que eu não te contei sobre o ritual." Ela engole em seco, e eu giro um de seus cachos adornados com as mesmas contas de ouro que os de Saskia para acalmá-la. "Falei com a maga das almas que o realizou depois que derreti as proteções de Thirwen porque queria respostas. Ela me disse que nossas almas estão unidas. Fomos destinados pela Deusa das Almas a nos cruzarmos. Sem ela, o ritual não teria sido bem-sucedido."
“E você acredita nisso?”
"Não sei mais no que acredito." Ela pisca os olhos e trava o maxilar enquanto olha para o oceano. "Mas eu sei que você teria morrido sem esse ritual."
"Sirantia." Inclino seu rosto de volta para o meu. "Eu te procurei porque você era filha do meu inimigo e estava ligada a cinco dragões. A atração por você não era tão forte naquela época, não era desesperada."
"Você está deixando seus sentimentos nublarem seus pensamentos", ela sussurra. "Nossas vidas são muito maiores do que apenas nós dois. Você já se perguntou se tem poderes? Algum tipo de habilidade mágica? Se eu consigo andar mentalmente, montar em dragões e manejar fogo *ocasionalmente* — e se você também conseguir fazer algo?"

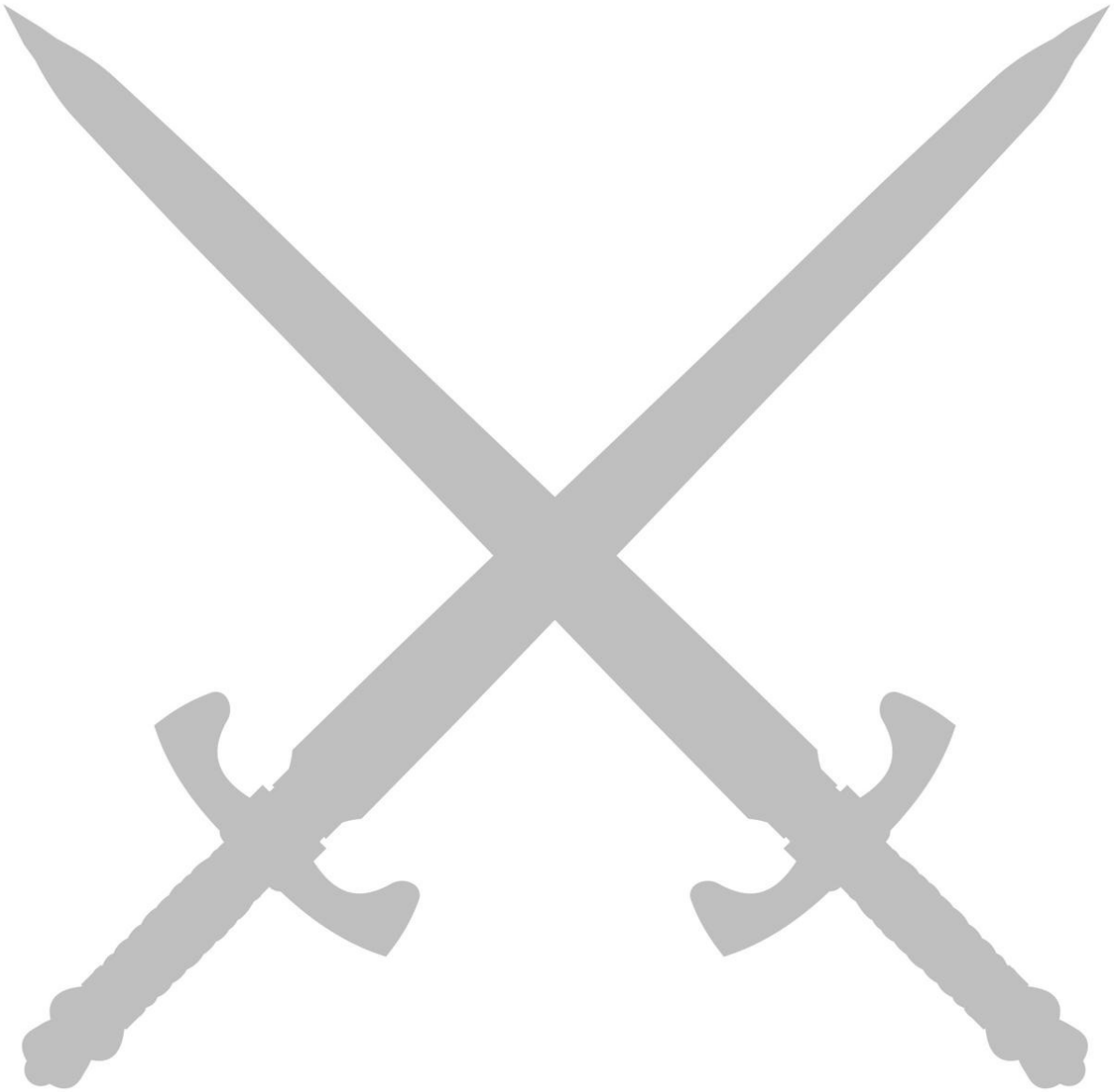
Balanço a cabeça. "Além de ser excepcionalmente boa com a língua e uma lâmina..." Ela zomba da minha arrogância. "Receio que eu seja completamente comum."
"Eu não acredito nisso." Ela me olha por um longo momento enquanto puxa o pingente pela corrente. "Algo se esconde dentro de você, Cayden, e sempre que se manifestar, faça com que seja sentido no mundo todo."
Não quero decepcioná-la, então fico de boca fechada. A magia se manifesta nas pessoas aos doze anos. Elowen é uma exceção — quer suas habilidades tenham sido sufocadas por um trauma ou por estar separada de seus dragões, ela foi capaz de despertá-los. Não estou vinculado a nenhuma criatura e meu pai me envolveu em várias lutas, nas quais fui espancado o suficiente para que algum tipo de habilidade mágica se revelasse... mas tudo o que eu tinha eram meus punhos — e garrafas quebradas se algum vidro fosse atirado no ringue. Quando ele chicoteou minhas costas, e a vontade de matá-lo era mais forte do que qualquer força neste mundo, algo teria acontecido.
Sou tirado dos meus pensamentos quando a porta lateral se abre com força e um homem sai cambaleando, mantido em pé por quem o acompanha.
"Essa não é maneira de lidar com seu príncipe", diz o magro.
Elowen e eu trocamos um olhar.
"As pessoas lá dentro estão farejando você como cães farejadores", rosna o guarda, o cabo da espada larga presa às costas brilhando enquanto ele mantém o homem em pé pela camisa. "Você acha que seu pai parou de te procurar? A menos que queira ser massacrado, sugiro que continue andando."
"Vocês, cavaleiros, são sempre tão dramáticos. Se revogassem o voto de celibato, tenho certeza de que seriam muito mais agradáveis."
"Um cavaleiro?", sussurra Elowen. "Um cavaleiro de Thirwen está com o príncipe? Pensei que o rei tivesse feito todos eles fazerem juramentos de sangue."
"Isso foi um acontecimento recente", murmuro, e me pergunto o que provocou a mudança. Foi mais ou menos na época em que Sor Rhys Froydin desapareceu. Ele era uma lenda na Guerra da Maré Carmesim, conhecido como o abutre por sua crueldade quando lutou na marinha de Thirwen, e mais tarde foi nomeado cavaleiro por sua bravura. Foi assim que ele perdeu o olho esquerdo; ele cobre a evidência com um tapa-olho. Há rumores de que ele teve um caso com a ex-rainha de Thirwen e que é o verdadeiro pai de Zarius. O Rei Fallon tentou matá-lo, mas aqui está ele: cabelos grisalhos, linhas marcadas no rosto, mas ainda um guerreiro.
"Chame os outros", murmuro. "Eu os seguirei."
"Não faça nenhuma besteira." Ela salta do banco e se afasta de mim quando atravessamos a rua. A rua se inclina acentuadamente depois que passo pela casa de jogos, e eu me mantenho nas sombras que os prédios oferecem. Achei que o cabelo de Zarius fosse loiro quando o vi pela primeira vez... mas de repente parece branco. Os fios se misturam aos prédios, mas sua camisa vermelha é fácil de identificar em meio à multidão. Eles param na rua, e Sor Rhys olha por cima do ombro. Entro em um beco e pressiono as costas contra a parede enquanto os observo na esquina, esperando que continuem se movendo.
A multidão diminui enquanto continuo a segui-los. Enfio as mãos nos bolsos,

sem me dar ao trabalho de manter o silêncio quando restamos apenas nós três. O príncipe está tão bêbado que não parece se abalar quando Rhys saca sua lâmina e se vira para mim.
"Não use sua lâmina prematuramente", afirmo. "Isso me dará um incentivo para te matar."
"Eu gostaria de ver você tentar." Ele segura firme o colarinho do príncipe enquanto aperta os olhos na escuridão, tentando distinguir minhas feições enquanto levanto a cabeça. E lá está. O reconhecimento quando seus olhos percorrem a cicatriz no lado direito do meu rosto.
Dou mais um passo à frente. "Ainda acredita que não vou acabar com você?"
"Demônio."
"Abutre." Ele aperta o homem e o cabo com mais força. "Embora eu não saiba o nome do seu companheiro."
"Príncipe Zarius." Ele soluça. "É um prazer conhecê-lo, demônio."
É claro que ele não faz ideia de quem eu sou, e isso quase me dá vontade de rir. Rhys rosna, puxando Zarius de volta, e eu tenho que respeitar sua paciência. Nenhuma lealdade me faria tomar conta de um homem bêbado como se ele fosse uma criança. "O que você quer?"
Saskia e Ryder se movem para ficar de cada lado de mim enquanto Elowen e Finnian saltam dos prédios que margeiam a rua, cercando Rhys e Zarius. Finnian prepara uma flecha no arco para garantir, enquanto Elowen circula para enfrentá-los.
"Ah, merda", murmura Zarius, olhando de mim para Elowen. "Eles vieram atrás da minha coroa."
“Você não tem uma coroa”, suspira Rhys.
Zarius suspira. "Eles já levaram?"
Elowen o examina. "Devo dizer que o exílio me caiu muito melhor. Você não tem água para o principezinho?"
“Sou mais velha que você, rainha dragão.”
"Poderia ter me enganado." Ela dá um passo à frente, ignorando a lâmina desembainhada do lendário cavaleiro. "Não há necessidade de derramamento de sangue se você cooperar."
"Somos seus prisioneiros?", pergunta Rhys, dirigindo suas palavras a mim.
Inclino a cabeça enquanto observo a dupla. O silêncio é igualmente eficaz para enervar alguém, às vezes até mais, especialmente quando sabem quem eu sou. "Isso ainda está para ser visto." O cavaleiro observa cada um de nós e aceita o fato de estar em menor número. Se não tivesse um príncipe bêbado para cuidar, talvez lutasse, mas joga a espada no chão, arreganhando os dentes em um rosnado selvagem. "Pegue-a, abutre. Não sou seu escudeiro e não temo a ponta de uma lâmina."

Capítulo

QUARENTA E NOVE

Cayden



EU EMPOLEIRAR-SE EM UMA GRADE E Encosto as costas na escada que leva ao convés superior, girando uma faca no joelho dobrado enquanto ouço as ondas batendo no navio. O sal na água tem um cheiro mais forte na caverna, tão denso que quase consigo sentir

o gosto.
"Isso é ridículo", Saskia bufa. "Estamos sentados aqui como se estivéssemos esperando um bebê acordar da soneca."
"Bem, está claro que ele mamava", responde Elowen, virando-se de onde acariciava o focinho de Venatrix. O dragão retorna à água, distraído, afundando tão fundo que só sua cabeça emerge da superfície.
"O que a gente ia fazer?", Ryder joga uma carta no barril entre ele e Finnian. "Negociar com um bêbado?"
"Ele já dormiu o suficiente", responde Saskia. "Estamos perdendo tempo. O assunto precisa ser resolvido antes de navegarmos para o castelo."
Finnian se levanta do caixote de madeira e mergulha duas canecas na bacia de água doce, caminhando até onde Zarius desmaiou em uma pilha de sacos cheios de grãos. Rhys apoia a mão no cabo da lâmina.
"Pare com isso", Elowen avisa, e rosnados ecoam pela caverna, criando uma sinfonia de retaliação prometida e crueldade.
Os dedos trêmulos de Rhys se afrouxam, e Finnian joga o conteúdo da primeira caneca no príncipe. Zarius engasga e tosse, sobressaltando-se ao afastar o cabelo que grudava no rosto.
"Bem-vindo de volta", diz Finnian em tom alegre, colocando a outra caneca ao lado de Zarius e dando um tapinha no ombro do príncipe. Nem Rhys consegue esconder um sorrisinho irônico. "Problema resolvido."
Os rosnados graves dos dragões continuam ecoando pela caverna, mas eles permanecem fora de vista. Imagino se eles sentem o medo em Zarius e Rhys e desejam explorá-lo. Elowen se move para encostar as costas na minha coxa e cruza os braços à sua frente enquanto Rhys oferece a mão para Zarius se levantar. Os dois vêm em nossa direção, empoleirados em duas caixas perto da nossa seção do convés.
"Mande suas feras embora, rainha", diz Zarius. "Estou acordado."
Elowen não demonstra nenhum sinal aparente de aborrecimento, mas, um por um, os dragões emergem da escuridão às nossas costas com as presas à mostra, cercando-nos com suas cabeças enquanto gotas de água chiam em suas escamas.
"Sugiro que você nunca me aconselhe sobre como comandar meus dragões."
Um tripulante entrega um pãozinho a Zarius para absorver um pouco do álcool que se acumula em seu estômago, mas ele mal percebe, incapaz de desviar o olhar vermelho dos dragões. "Não quis ofender."
"Para você me ofender, eu teria que me importar com o que você pensa." Elowen dá de ombros, desembainha a faca na cintura e aponta para o pão com a ponta. "Coma."
“Por que eu deveria confiar em você o suficiente para comer o que você serve?”
“Porque você não vale nada no momento”, respondo.
Suas narinas se dilatam, mas ele aceita, mordendo um pedaço e engolindo com água enquanto olha de um para o outro. "O desgraçado ama a princesa e o mundo sangra por causa disso." Ele ri secamente. "Ah, já ouvi falar muito de vocês dois."
"O que mais você ouviu?", pergunta Ryder.
“Acredita-se que a adorável Elowen seja a mulher mais bonita de Ravaryn, com um rosto que pôs um reino de joelhos. Uma mulher abençoada pela Deusa da

Vida, casada com um homem abençoado pelo Deus da Morte — é tudo bastante poético, se quer saber. Vida e morte, fogo e água, estrelas e lua. Alguns dizem que você é amaldiçoada, não abençoada, e outros dizem que Elowen é uma bruxa ou feiticeira que enfeitiçou Cayden.” Ele se vira para onde Saskia está ao lado de Ryder. “Embora eu adorasse chegar “Te conheço melhor para poder entender por que exatamente você está me encarando como se me odiasse.”
Seus lábios se curvam e Ryder pega a espada, rosnando em advertência. "Cuidado."
Ele sempre foi protetor com Sas. Não que eu possa culpá-lo, mas Saskia provou inúmeras vezes que é capaz de se defender contra os homens. Eu a vi derrubá-los com nada além de palavras e um sorriso condescendente. "Prefiro me jogar do navio do que descobrir qualquer coisa sobre você além do que precisamos."
Zarius levanta as mãos e puxa a metade superior de seus cabelos brancos e ondulados para trás com uma tira de couro. Ele se mexe, inquieto, sob meu olhar, mas tenta disfarçar com humor. "Ainda estou esperando para descobrir o que exatamente é isso."
"Para você assumir o trono de Thirwen", digo, sem me dar ao trabalho de introduzi-lo ao assunto. Rhys se endireita, com o interesse claramente despertado, embora a suspeita marque seus olhos castanhos. Agora que consigo ver melhor seus rostos sob a luz das tochas, tento encontrar semelhanças entre os dois. Embora ambos tenham cabelos brancos, claramente por razões diferentes, não há uma única característica em comum além dos olhos angulosos. Rhys é pálido, enquanto Zarius é levemente bronzeado. Até seus corpos são diferentes — Rhys tem a constituição musculosa de um soldado, enquanto Zarius é magro, não esquelético, mas também não corpulento.
"O trono?", ecoa Zarius. "Não sei se você percebeu, demônio, mas não estamos exatamente em Thirwen, e embora Rhys seja bom com a espada, ele não é um exército."
"Vamos declarar guerra ao seu pai, a menos que você não tenha ouvido isso entre as histórias sobre a beleza da minha esposa", afirmo o óbvio.
"Não vejo o que isso tem a ver comigo. Não quero parte do trono. Tudo o que isso me trouxe foi morte e desespero."
"O trono não trouxe isso para você. É um objeto inanimado", interrompe Elowen. "É a pessoa que se senta nele que lhe dá vida."
“A ganância tecida nas próprias pedras que a constroem me trouxe sofrimento suficiente para durar uma vida inteira.”
“Então resista”, eu afirmo.
“Foi isso que você fez quando conquistou Vareveth?” ele cospe. “Eu "Vi minha mãe morrer bem na minha frente porque ela deixou de ser útil para *a coroa.* Você não tem ideia do que isso faz com uma pessoa."
A autopiedade dele me irrita. Sim, eu sei o que isso faz com uma pessoa, e embora eu tenha alimentado meus demônios com álcool e violência, não me deixei desmoronar como ele claramente fez. A raiva me mantinha unida como argamassa, me fortalecendo contra o mundo. Dou uma risada seca. "Eu não sabia que isso te transformava em um babaca sem coragem."
Elowen se afasta da parede e afunda em um caixote em frente a Zarius, deslizando suas adagas de dragão uma contra a outra. "Já que você sabe quem

somos, tenho certeza de que sabe que não hesitamos em fazer o que precisamos para conseguir o que queremos. Você não precisa de todos os seus dedos para sentar em uma cadeira bonita, principezinho."
Rhys pega a espada, mas Finnian se adianta. "Sugiro que reconsidere sacar uma arma contra a minha rainha. Vocês estão em grande desvantagem numérica e não conseguirão proteger seu príncipe na morte."
O cavaleiro rosna enquanto guarda a lâmina na bainha, e eu troco um olhar com Ryder. Finnian certamente se destacou desde que se tornou Comandante de Aestilian. Ele ganhou mais músculos e há uma dureza em sua voz que não existia há alguns meses.
“Ela ameaçou meu príncipe.”
"Um príncipe que — como ele nos lembrou — não tem exército nem apoio para reivindicar o trono. No momento, ele não vale mais do que qualquer indivíduo que anda por aí", digo. "Não queremos lhe fazer mal neste momento..."
“Isso é reconfortante”, resmunga Zarius.
"Mas nós o levaremos ao palácio amanhã, e você terá que se comportar da melhor maneira possível e se preparar para assumir o trono do seu pai quando o matarmos."
Zarius e Rhys trocam um longo olhar imerso em uma conversa silenciosa, mas é o primeiro quem fala primeiro. "Você planeja matar meu pai?"
Eu arqueio uma sobrancelha. "É assim que as guerras geralmente terminam."
"Então você me quer no trono de Thirwen porque acha que será mais fácil me manipular do que meu pai?"
"Não é manipulação se você sabe do nosso plano", Saskia zomba, atraindo a atenção de Zarius novamente. Ela ergue o queixo sob o olhar perscrutador dele.
"Você não é nosso inimigo, apesar de ter nascido de um. Acredito que nós dois podemos entender isso", começa Elowen, e Zarius assente lentamente, um músculo tremendo em seu maxilar enquanto ele cerra os dentes. "Responda-me uma coisa: você quer definhar em casas de jogo em um reino estrangeiro pelo resto da sua vida enquanto seu pai te caça?"
Ele balança a cabeça, parecendo odiar admitir, mas Rhys parece aliviado.
“Você já pensou em vingar sua mãe?”
Suas narinas se dilatam e seus olhos sombreados olham para as botas. "Sim."
"Nossos termos são simples: comércio aberto entre meu reino, Galakin, e Thirwen. Lute conosco no campo de batalha para que seu povo possa vê-lo ainda vivo." Ela embainha suas facas e se levanta, acenando para um tripulante se aproximar. "Você será levado para uma cabine. Pense na minha oferta, pois garanto que não surgirá outra melhor."
Saskia encara o oceano enquanto Zarius e Rhys são escoltados para baixo do convés, assim como Zarius até o momento antes da porta se fechar atrás dele e seus olhos vermelhos encontrá-la uma última vez.
Cinco.
Quatro.
Três.
Dois—
Ryder vem em minha direção furioso. "Eu odeio aquele desgraçado."
"Tecnicamente, ele é legítimo. Posso sugerir que você altere seu insulto para

torná-lo factualmente correto?"
“Eu não quero ouvir isso.”
"Saskia é uma mulher adulta que vai cortar as bolas dele se ele a irritar", eu digo, sabendo que a raiz de sua raiva está na atenção de Zarius voltada para Saskia mais de uma vez.
"Bebidas na praia", diz Elowen alegremente, passando o braço pelo de Saskia e gesticulando para Finnian pegar o outro. Saskia parece sinceramente aliviada por estar saindo do navio enquanto a dupla a carrega com uma garrafa de bebida em cada mão.
Houve um momento, anos atrás, em que Ryder entrou em parafuso depois que sua amante foi morta. Foi ele quem a encontrou depois de procurá-la a noite toda. Nunca o vi chorar como naquela ocasião, nunca vi seus olhos tão quebrados e opacos. Ele começou a beber mais e, eventualmente, passou a ter amantes noite após noite. Eu passava mais tempo dormindo no chão do que na cama e aceitava trabalhos quase todas as noites para deixar Saskia ficar com meu quarto só para ela. Sempre que alguém se interessa minimamente por Saskia, Ryder os afasta. Ele nunca disse isso em voz alta, mas acho que está sempre tentando poupá-la de qualquer dor que este mundo possa oferecer. Ele assumiu o papel de pai de certa forma, e às vezes acho que ele ainda a vê como a garotinha com laços nas pontas das tranças.
"Você precisa se recompor", digo assim que os outros desaparecem de vista. "Precisamos do Zarius como aliado."
"Eu sei", ele diz, respirando fundo para se acalmar enquanto aperta as mãos. "Eu sei."
"Ele é um babaca." Dou de ombros. "Eu não gosto dele..."
“Você não gosta de ninguém.”
"E eu continuo defendendo essa filosofia como a mais sábia", acrescento. "Você não precisa tornar as coisas agradáveis para ele. Você nem precisa falar com ele. Apenas fique parado enquanto fechamos o acordo para garantir Galakin."
Ele passa a mão pelo rosto e acena com a cabeça. "Elowen mencionou bebidas?"
Dou-lhe um tapa no ombro. "Vou te entregar a garrafa."
Ele ri baixinho enquanto descemos a prancha e atravessamos a enseada rochosa. O riso paira no ar assim que saímos da caverna. Palmeiras nos escondem neste oásis, e eu tiro minhas botas onde Elowen descartou suas sandálias. Ela está com os tornozelos na água cristalina, colhendo conchas da areia e jogando-as em sua saia amassada.
Seus olhos se iluminam ao me ver chegando mais perto, balançando levemente quando uma onda quebra em seus tornozelos. Olho para Finnian e arqueio uma sobrancelha. Ele segura uma garrafa de rum pela metade e aponta para o melhor amigo com um sorriso orgulhoso. *Meu Deus.*
"Cayden, olha só! São como pequenos tesouros", ela diz, arrastando os lábios.
"Muito bom, querida." Eu a afasto delicadamente da água, e ela se senta ao lado de Finnian. Eles trocam sorrisos atrevidos enquanto entrelaçam os braços e bebem de garrafas individuais antes de entregá-las para mim e Ryder. Saskia bate palmas, parecendo muito mais leve do que no navio.
"Não vou chegar tão perto de você para tomar uma bebida", diz Ryder.
"Como você me magoou", afirmo categoricamente, fazendo-o rir.

A hora seguinte passa rápido, todos nós nos revezando com as garrafas enquanto Elowen e Finnian nos ensinam os jogos de bebida que eles jogavam quando crianças. Temos que adivinhar qual das três afirmações é mentira, e quem errar tem que beber. Fica mais difícil conforme o jogo avança, e parece que todos, menos eu, não conseguem manter a cara séria quando mentem.
"Eu nunca nadei no oceano", Elowen diz arrastando a cabeça, apoiando-a no meu ombro.
Eu rio, levando a garrafa aos lábios novamente. "Você precisa beber água primeiro, e eu não vou ficar pelada com nenhuma dessas pessoas, então..."
“Verdade!” Saskia grita.
“Mentira!”, acrescenta Ryder.
"Isso não fazia parte do jogo", respondo. "E essa é a pura verdade." Elowen surge de entre as minhas pernas e começa a correr em direção à água como fogo lambendo seus calcanhares. "Por que o álcool dá a ela mais energia do que o normal?"
"Vai, Ellie! Você consegue!", grita Finnian enquanto me levanto.
Seus cabelos e saia chicoteiam atrás dela enquanto eu me aproximo, jogando-a por cima do meu ombro enquanto os outros três comemoram embriagados. Seus punhos batem levemente nas minhas costas. "Você não correu tão rápido quando estávamos fugindo de Imirath."
"Estou aberta a debater isso", afirma ela, apontando para o oceano. "Você acabou de me dizer que preciso beber água."
"Não é água salgada." Dou um tapa na bunda dela, e ela ri de novo enquanto me viro para os outros. "Não nos sigam."
Ryder engasga em resposta e Finnian faz uma série de barulhos de beijo. *Que diabos, como isso virou a minha vida?* Levo-nos para um trecho de praia escondido por uma floresta exuberante repleta de palmeiras e hibiscos e coloco Elowen no chão. Puxo a saia dela para baixo das pernas e me inclino para frente para morder sua coxa de brincadeira. Ela grita e me dá um tapa no ombro enquanto tira a blusa pela cabeça.
"Sou uma mulher casada, senhor." Ela suspira, balançando os quadris enquanto caminha em direção ao mar.
"Com certeza, você é." Tiro a calça e a alcanço, envolvendo suas pernas em volta da minha cintura enquanto uma onda quente nos atinge. Ela grita, apertando os braços e as pernas em volta de mim enquanto a onda passa em alta velocidade, e eu nado para além da arrebentação, longe o suficiente para que ela consiga aproveitar as ondas sem ser golpeada por elas.
"Você sente falta do oceano quando estamos em Vareveth?", ela pergunta, deslizando os braços pela superfície cristalina.
“Às vezes”, respondo com sinceridade.
“Como é Imirath no verão?”
Lembro-me de memórias confusas da infância. "Quando eu me aventurava em Zinambra, o oceano tinha um azul mais claro do que no inverno e era muito mais quente. Algumas praias tinham ondas imponentes e outras, pequenas. As pessoas fritavam peixe nas docas por apenas alguns syndrils, e outras sentavam-se nas ruas comendo pratos de frutos do mar variados com arroz, acompanhados de vinho frutado. Era mais fresco nas montanhas, mas flores silvestres cresciam por

toda a floresta e, em alguns lugares, a cobertura de árvores era tão densa que não dava para ver o céu."
Elowen suspira, olhando para o horizonte. "Tenho pensado no que vem depois de tudo isso, e sei que você ama o mar... então pensei que poderíamos passar os meses mais quentes em Imirath. Eu... acho que nunca mais poderei morar no castelo, mas podemos construir um novo bem na beira da água."
Eu sei que ela está bêbada, mas a sinceridade é real. "Eu gostaria disso."
Ela sorri suavemente, apoiando a mão na minha bochecha marcada e pressionando os lábios nos meus. Eu nos afundo, mantendo-nos unidos enquanto a maré bloqueia o mundo ao nosso redor.

Capítulo

CINQUENTA

Elowen

EU FICAR NA PROA DE o navio, deixando a brisa do mar acariciar minhas bochechas e jogar meus cachos para trás. Há algo tão relaxante em estar na água, e quando olho para Cayden afiando sua espada enquanto contempla a costa, me pergunto se ele sente a mesma sensação de liberdade a bordo de um navio que eu sinto a bordo de um dragão.

Deixamos Zario para trás e atravessamos o rio que a separa de Zraka e deságua no oceano por penhascos íngremes. Minha pele se arrepia com a consciência, e os pelos da minha nuca se arrepiam. Sinto como se estivesse sendo observada. Olho por cima do ombro, mas nada está fora do comum. Finnian, Ryder, Saskia e alguns tripulantes empilham o café da manhã em seus pratos. O olhar de Cayden ainda não encontrou o meu, mas meus olhos se desviam para o rio e as montanhas ao longe. Algo me aperta o peito como se alguém tivesse amarrado uma corda em uma das minhas costelas, e os olhos de Cayden se voltam para os meus.
"Você sentiu isso?" Ele assente enquanto coloca a pedra de amolar de lado, me dando toda a sua atenção. "O que tem nessas montanhas?"
“Pelo que sei, eles são desabitados, infestados de cobras venenosas e outros répteis, sem mencionar os monstros nativos deste reino.”
Venatrix grita enquanto plana mais perto do rio, abrindo suas asas apenas para alterar seu curso quando eu me afasto demais para meu conforto. "Hmm." Mantenho meus olhos nas cachoeiras enquanto continuamos navegando, sem me mover até que elas desapareçam de vista.
Sor Rhys acompanha o Príncipe Zarius até o convés, e eu afundo os dedos nas têmporas latejantes, tentando aliviar a dor de cabeça antes que ele me dê outra. Um mago da água se aventurou pela cidade para buscar o restante das coisas de Zario esta manhã, então pelo menos o príncipe parece mais apresentável do que no dia anterior. Nada extravagante, mas sua camisa de linho vermelho não está amassada nem cheirando a rum, e ele usou algumas joias de prata para adicionar um toque de realeza.
"Rainha." Zarius acena para mim, parecendo muito mais formal do que na noite passada. "Rei."
“Você já pensou na nossa oferta?”
“Eu tenho escolha?”
"Cada um tem uma escolha. Depende apenas de você conseguir arcar com as consequências", respondo.
"Tenho condições", declara Zarius, e Cayden gesticula para que ele prossiga. "Como mencionei ontem, não tenho um exército, e meu pai tem outros herdeiros de sua nova esposa que os cidadãos podem favorecer. Depois que isso for resolvido, você assinará um tratado entre nossos reinos, abrindo o comércio para Galakin e Vareveth, como solicitou, mas exijo que lute comigo, pois eu me juntarei a você. Se houver rebelião em meu reino depois que eu retomar o trono, preciso que o rei demônio e a rainha dragão ajudem a reprimi-la."
Troco um olhar com Cayden, mas é um acordo justo. Procurar Zarius para colocá-lo no trono e garantir uma aliança com Thirwen será em vão se ele não conseguir mantê-la. "Ontem você disse que não queria o trono. Por que a mudança repentina?"
Ele revira os lábios, inclinando a cabeça para o lado enquanto contempla. "Perspectiva."
Olho para Sor Rhys, parado com o rosto impassível ao seu lado, e me pergunto quanta influência ele tem sobre o príncipe. Seja qual for a sua influência, sou grato por ela enquanto cruzo as mãos atrás das costas para evitar um aperto de mão. "Muito bem."

Fios de cabelo branco roçam suas maçãs do rosto salientes enquanto ele acena e inclina a cabeça levemente para olhar as marcas na minha pele e na de Cayden.
"O que foi?", pergunto, e Cayden estreita os olhos, desconfiado.
"Nunca vi marcas divinas, só ouvi histórias sobre elas", diz ele, aproximando-se da mesa para se servir de uma xícara de café. "A tragédia acompanha o envolvimento dos deuses na vida dos mortais. A notícia da sua habilidade de manejar o fogo do dragão se espalhou por Dolent, mas devo dizer que não acreditei até ver as marcas. As pessoas não sobrevivem ao ritual que você realizou."
“Como você sabe de tudo isso?”, pergunta Saskia.
Ele a olha, mas sua expressão impassível não muda. "Só porque sou um príncipe descartado não significa que não tenha recebido educação em meus anos de formação."
Não importa o que eu sinta pelos deuses, e quantas preces não atendidas eu tenha murmurado ao longo dos anos, as marcas no meu casamento... o ritual... devem significar *alguma coisa.* Não penso na presença deles por piedade, mas seria tolo se negasse a sombra sob a qual tenho caminhado desde o eclipse.
O navio corta o mar, contornando mansões imponentes em extensas propriedades tropicais, enquanto a ilha onde o castelo foi construído se aproxima. Membros da tripulação se apressam no convés para diminuir o ritmo enquanto deslizamos sob um extravagante arco dourado, que lembra duas serpentes surgindo do mar e cravando suas presas em um sol escaldante entre elas. O porto é vasto e profundo o suficiente para atracar embarcações como a nossa.
Os raios brilhantes que se derramam do céu acariciam as torres de pedra branca, e eu pisco, forçando meus olhos a se ajustarem. Uma mistura de cúpulas azuis, vermelhas, laranjas e amarelas coroa cada torre, e todas são conectadas por pontes, com cachoeiras que descem a colina íngreme e deságuam no oceano. Palmeiras se erguem altas nos espaços abertos, assim como diversos tipos de flores tropicais, cujos aromas doces são levados pelo vento.
Meus dragões voam para frente, circulando os vários edifícios que compõem a estrutura, e uma mistura de servos, damas e senhores se aglomeram nas escadas em espiral abertas dentro das torres com vista para a baía para pegar Ao vê-los, aliso as mãos no chiffon azul-escuro que me envolve como ondas da meia-noite. Minhas costas estão nuas, exceto pelas finas correntes drapeadas que conectam o tecido. Duas algemas douradas, modeladas para parecer dois dragões voando em direção à estrela do norte, adornam meus braços, e as algemas de dragão da Cayden envolvem meus pulsos. Uma safira no corpete fica entre meus seios, logo acima de um pequeno recorte triangular, e combina com a tiara que ganhei de presente no dia do meu casamento e que repousa na minha testa.
Cayden se aproxima de mim, enfia seu aço na bainha presa às costas e me oferece o braço. Ele também está usando a mesma coroa que usou no nosso casamento, mas não posso culpá-lo por não ter paciência para adornos além disso com este calor. Seu cabelo ondulado está indomável por causa do vento, e ele veste outra camisa de linho preta com calças largas combinando, enfiadas nas botas, mas acho que ele parece um sonho perigoso.
"Rei Cayden e Rainha Elowen Veles de Vareveth!", anuncia Ophir enquanto

descemos a prancha e encontramos um mordomo na base do calçadão que leva ao castelo.
"Bem-vindos a Galakin, Majestades", diz o homem, vestindo uma túnica vermelha bordada em amarelo e laranja que complementa sua tez morena e cabelos ainda mais escuros. Seus olhos se fixam no Príncipe Zarius, mas ele, felizmente, não diz nada. Achamos melhor apresentá-lo nós mesmos à realeza antes que sua identidade seja confirmada à corte. "Estou aqui para escoltá-los até a família real."
Começamos a subir a colina ladeada por riachos e flores enquanto os dragões voam sobre nossas cabeças. Minhas coxas queimam quando chegamos ao topo, e meus olhos são poupados do sol ofuscante quando passamos por um conjunto de cortinas laranja entreabertas que leva a uma sala aberta para o ar por todos os lados, repleta de móveis majestosos e palmeiras.
Somos conduzidos por corredores curvos decorados com azulejos pintados e por várias pontes ladeadas por árvores com borboletas e pássaros coloridos voando ao redor. O sol aquece meus ombros quando entramos em um pátio com uma longa piscina retangular repleta de flores de lótus e nenúfares, que se estende em frente a um pavilhão emoldurado pela Casa Ilaria. estandartes. Os criados se afastam da realeza quando notam nossa presença, levando consigo tigelas de melão e bandejas de limonada gelada.
"Posso apresentar o Rei Erix, a Rainha Cordelia e o Príncipe Herdeiro Zale da Casa Ilaria", declara seu escudeiro de seu lugar ao lado dos degraus que levam à plataforma.
A Rainha Cordélia nos percorre com seus olhos castanhos enquanto toma um gole de sua bebida. Seu vestido vermelho cobre a chaise em que se reclina e, como todos os móveis, combina com as cores da Casa Ilaria. "Agradeço por fazerem essa viagem para comparecer ao nosso baile." Ela se levanta do seu poleiro e pega o braço do marido para descer os degraus e beijar minhas duas bochechas. Meu peito se aperta, mas me esforço para não enrijecer.
"Obrigado por nos convidar, Majestade. Sempre quis visitar Galakin, embora as histórias que ouvi sejam insignificantes em comparação com sua beleza."
Suas mãos permanecem em meus ombros enquanto ela encara Cayden, seu sorriso se contraindo quando o Rei Erix estende a mão para cumprimentá-lo e diz: "Acredito que meus parabéns sejam merecidos por libertar os dragões, adquirir sua coroa e sua nova noiva."
Cayden aperta a mão de Erix, mas não retribui o sorriso quando Cordelia interrompe novamente: "Sim, minha irmã me escreveu contando como a cerimônia foi linda. Foi uma pena termos perdido."
“Com a guerra se aproximando, acreditamos que seria melhor solidificar nossa união o mais rápido possível.”
"Claro", responde Cordelia, com seus cachos ruivos caindo pelas costas como vinho derramado, enquanto se vira para gesticular para que o filho se aproxime. "Não vamos demorar muito — tenho certeza de que você quer se acomodar depois de uma viagem tão longa —, mas permita-me apresentar o príncipe herdeiro." Um homem que parece ter mais ou menos a minha idade se inclina para beijar minha mão, aumentando meu desconforto.
"O rei conquistador", diz Zale, olhando para Cayden. Ele é apenas alguns

centímetros mais alto que eu, tem os mesmos olhos da mãe e cabelos cacheados como os do pai, embora sejam castanhos em vez de grisalhos.
"Príncipe", responde Cayden. "Também há outro presente." Ele gesticula para trás de nós, e nosso novo amigo se aproxima. "Príncipe Zarius Liluria de Thirwen."
Erix levanta uma sobrancelha e a mão de Cordelia aperta seu braço.
“Achei que o príncipe Zarius tivesse morrido com a mãe”, diz o rei.
Zarius dá um sorriso irônico. "Desculpe-me pela decepção."
Os olhos de Cordelia perfuram Zarius, mas ela permanece em silêncio, o peito subindo e descendo descompassadamente. Erix assente lentamente, observando o príncipe como se não soubesse o que fazer com ele. "Você se voluntaria para apoiar os inimigos do seu pai?"
"Não devo nada ao meu pai." Zarius aponta o queixo na minha direção. "O inimigo do meu inimigo é meu amigo."
"É o que parece." Cordelia franze os lábios antes de disfarçar o rosto. "Falaremos sobre sua presença no meu reino mais tarde."
Calithea voa acima de nós, gritando enquanto pousa em uma das cúpulas mais altas, mantendo seus olhos prateados fixos em mim.
"Eu sempre quis ver um dragão." O tom de Zale é cheio de admiração enquanto ele olha para ela.
“O nome dela é Calithea.”
"Incrível." Ele sorri. "Se quiser ver mais do castelo, posso levá-la para um passeio pelos jardins antes do jantar."
Estamos aqui por uma aliança, lembro a mim mesma. Cordelia ama o filho, e eu rejeitei a proposta informal de casamento deles no baile da aliança. Há tanta coisa que se pode esconder por trás de um sorriso, e estou percebendo que ele pode ser minha arma mais afiada diante de um tribunal. Nem toda batalha pode ser travada com uma lâmina; algumas exigem tecer as palavras certas para formar uma teia e capturar a presa. "Isso seria adorável."
Cordelia parece satisfeita enquanto gesticula para que um criado nos leve aos nossos aposentos. Cada cômodo e corredor do castelo é banhado por tons quentes e toques majestosos, e eu olho para o rio que corre abaixo da ponte que leva aos nossos aposentos enquanto o criado destranca a porta. Assim como o resto da estrutura, as janelas não têm vidro e cortinas laranja transparentes esvoaçam ao vento. A sala de estar é circular, levando a uma varanda com vista para o oceano, e nosso quarto fica atrás de portas douradas.
Eu avisto Delmira voando no céu bem em frente à sacada E eu passo pela abertura para cumprimentá-la. Gaivotas grasnam ao longe, e ondas quebram contra a base da torre.
"Olá, Delly." Inclino-me para a frente, apoiando os braços no corrimão, e observo enquanto ela se vira para mim. Suas asas azul-celeste deveriam se misturar com todos os tons ao nosso redor, mas ela se destaca mesmo assim. Cayden pressiona o quadril contra o corrimão e enfia as mãos nos bolsos. Os dragões devem senti-lo, porque num piscar de olhos mais quatro são adicionados ao espetáculo.
“Você dá a eles muitas guloseimas.”
Ele dá de ombros. "Eu precisava cair nas graças deles de alguma forma."

“Não, você simplesmente adora mimar a mim e a eles também.”
“Não peço desculpas.”
"Mhmm." Eu me endireito para encará-lo porque ele claramente tem algo a me dizer.
“Não gosto do jeito que olham para você”, ele diz, mas não precisa especificar quem.
"Você não gosta do jeito que as pessoas olham para mim. Acho que você ficaria feliz em considerar isso um crime." Ele estreita os olhos, mas não nega. "Eu também não gostei do jeito que a Cordelia olhou para você."
"Por que?"
Ela te encarou como se você não merecesse estar aqui, usar a coroa, ficar ao meu lado. Você é mais merecedora do que qualquer um deles. Você conquistou a sua coroa; as deles foram dadas a eles. Eu—
"El." Ele emoldura meu rosto com as mãos, passando os polegares pelas minhas maçãs do rosto. "Sou um canalha — o que não duvido que eles saibam —, um criminoso, e chamado de demônio. Não estou desacostumado com as pessoas me encarando ou se incomodando com a minha presença. Na verdade, prefiro assim porque não preciso fingir que me importo com quem elas são ou com o que estão dizendo."
"Eu me importo", sussurro, pigarreando. "Eu me importo com a forma como te tratam."
Ele levanta meu queixo quando tento soltá-lo, e meu coração bate tão forte que tenho certeza de que ele consegue sentir. Não sei por que isso me deixa nervosa. admitir coisas assim. Eu disse a ele que o amava, e ainda assim sinto como se estivesse me destruindo de novo, por mais simples que seja a confissão. Talvez porque meus sentimentos tenham sido usados como armas contra mim ao longo da vida, nunca senti que eles realmente me pertencessem. "O que você pensa de mim é a única opinião com a qual me importo", ele responde.
Seja como for, não quero que o menosprezem só por causa de onde ele vem. Lambo os lábios antes de pressioná-los rapidamente contra os dele e me aconchego em seus braços para observar meus dragões. Ele se enrijece no início, mas depois relaxa e aperta o abraço. Não há um único lugar no mundo que já tenha sido mais um lar para mim do que seus braços. Estive perdida por tanto tempo, mas quando ele olha para mim, é como se eu finalmente tivesse sido encontrada.

Capítulo

CINQUENTA E UM

Elowen

"EU DEVO ADMITIR, PARTE DE MIM "Não achei que os dragões fossem reais", diz Zale enquanto me inclino para cheirar uma das flores. Elas pintam a terra em tons que vão do rosa mais profundo ao amarelo mais claro. O jardim é denso e exuberante, sem dúvida devido à quantidade de chuva que este reino recebe. "Eu estava lá quando a vidente emitiu a profecia e eles eclodiram em volta do seu berço, mas eu era

jovem demais para me lembrar de qualquer coisa."
Eu me endireito para encará-lo. "Você conhece o vidente que o emitiu?"
"Sim." Ele sorri levemente, e o vento sopra através de seu colete leve e elegante. Suas calças são feitas do mesmo tecido mostarda, bordadas em uma mistura de vermelho e laranja. "Mae é como uma avó para mim. Ela é reservada na maior parte do tempo, e há dias em que está indisposta, mas posso levá-la para vê-la se ela estiver bem o suficiente para receber visitas."
"Seria maravilhoso." Talvez eu finalmente consiga algumas respostas para as perguntas que me faço há anos. "Obrigado, Príncipe..."
“Só o Zale”, ele interrompe.
"Zale", termino. "Pode me chamar de Elowen. Você conhece algum dos sintomas da Mae? Posso tentar ajudar."
Ele suspira, enfiando as mãos nos bolsos. "São as visões. Elas deterioraram a mente dela ao longo dos anos e, às vezes, ela não sabe o que é real e o que está na sua cabeça."
"Desculpe." Meus lábios se curvam para baixo. Não há nada que eu possa fazer. "Isso não deve ser fácil de assistir."
Ele me oferece outro pequeno sorriso enquanto continuamos caminhando por uma fileira de palmeiras verdes e densas. O salão de banquetes fica a poucos passos de distância e está aberto por todos os lados, agora que as cortinas estão abertas e presas com grossas cordas douradas. Sinto os olhos de Cordelia me perfurando como uma faca enquanto interajo com seu filho. Os irmãos mais novos de Zale correm pela grama enquanto os criados os perseguem para evitar que sujem suas roupas, e os adolescentes descansam sob as palmeiras com leques de papel. Ele tem oito irmãos no total, seis irmãs e dois irmãos. Não consigo imaginar como é fazer parte de uma família tão grande.
"Ouvi rumores de que você era capaz de manejar fogo de dragão", diz Zale, invocando uma pequena chama enquanto passamos por uma tocha. Ela cintila a poucos centímetros do seu dedo indicador, movendo-se enquanto ele a balança para frente e para trás na mão. "Quer demonstrar?"
Engulo a sensação de fracasso que me arranha a garganta enquanto Zale faz com que manejar chamas pareça tão fácil quanto respirar. "Talvez outra hora."
Ele me olha com desconfiança, mas não diz o que quer que esteja pensando. Não sei se isso é melhor ou pior. "Vamos ao banquete?"
Ele me oferece o braço, e hesito apenas um instante antes de aceitá-lo. Tenho a sensação de que ofender Zale me colocará no pior lado de Cordelia. Já é ruim o suficiente eu ter trazido o filho da inimiga dela para cá. Nossos dois braços estão nus, e a sensação da pele de alguém roçando na minha me dá vontade de correr para o outro lado até que meu peito pare de apertar, mas mantenho o sorriso no rosto enquanto passamos pelo arco.

CAYDEN

Tiro Elowen do braço do príncipe assim que ela se aproxima o suficiente. Precisei de todo o meu autocontrole para não sucumbir à minha possessividade no momento em que Zale veio escoltá-la. Ela solta um suspiro trêmulo que só eu consigo ouvir, mantendo-o... sorriso impenetrável no rosto enquanto ela aceita

uma bebida feita de rum e romãs de um criado.
"Sua esposa é muito adorável, rei", Zale me diz. "Obrigado pela caminhada, Elowen."
Ele se vira e caminha em direção à mãe, que o aguarda sob um dos muitos arcos pintados com pequenos sóis amarelos. "Elowen? Que informal."
"Não comece."
Eu dou uma risadinha. "Ele fez alguma coisa para te incomodar?"
"Não, ele foi um perfeito cavalheiro." Ela toma um gole da bebida antes de se abaixar perto do meu peito para esconder o desgosto. Pego o copo dela e olho ao redor para ter certeza de que ninguém está olhando antes de jogá-lo em uma palmeira em um vaso. "Acho que isso pode matá-lo."
"Melhor assim do que você", comento. "Por que você parece tão nervoso?"
“Eu simplesmente não sei por que essa família é tão sensível.”
Passo a mão pelo outro braço dela. "Fique perto de mim. Eu vou afastá-los." Ela deve estar desesperada, pois não faz nenhuma piada sobre conseguir se cuidar, apenas concorda. "E eu vou te dar uma bebida melhor."
"Zale disse que me levará até o vidente que proferiu a profecia quando eu era bebê", diz ela enquanto a acompanho até uma mesa posta diante de uma maior, onde os outros membros do nosso grupo, juntamente com o restante da família Ilaria, comerão. Não acredito em videntes, mas se conversar com o vidente acalmar algo dentro dela, que assim seja.
Aceno para um criado que corre para puxar a cadeira de Elowen e tomar meu lugar ao lado dela, na cabeceira da mesa com pernas que lembram serpentes marinhas. Cordelia e Zale sentam-se em frente a Elowen e Zarius, e Erix está à minha frente. Os criados se aproximam novamente, colocando pequenas tigelas de cristal repletas de bolas de melão e melão à nossa frente e enchendo as taças correspondentes com vinho.
"Nenhum dos outros reinos se juntará a nós?", pergunta Elowen.
"Feynadra deve chegar amanhã", diz Cordelia. "Acho que é melhor falarmos de negócios antes que minha irmã chegue. Está claro que você veio aqui." com segundas intenções, considerando que um príncipe do *nosso* reino inimigo está sentado à minha mesa.”
Zarius toma um longo gole de vinho, encarando Cordelia por cima da borda da taça. "Acho que fui chamado de príncipe mais vezes nas últimas vinte e quatro horas do que desde que fui exilado. Que reviravolta interessante."
Erix ignora o tom de Zarius e fixa o olhar em mim. "Presumo que esteja buscando nossa aliança? Uso da nossa marinha? Thirwen se aliou ao pai da sua esposa, então você acha que vamos querer participar desta guerra devido à nossa antiga animosidade com eles."
Ainda bem que estamos indo direto ao assunto. Não sou um cortesão e não sei como manter uma conversa agradável para preencher o silêncio. Também não tenho a capacidade de fingir interesse em nada que me digam, e tenho certeza de que isso fica evidente no meu rosto. Isso jogou a meu favor no passado — eu nunca quis conversar com ninguém e preferia ficar sozinho —, mas Elowen me fez prometer que tentaria uma aliança cordial antes de recorrermos a ameaçá-los... algo sobre como ela nunca teria recebido seus ovos de dragão se não fosse pelo rei e pela rainha.

"Acho que você vai querer um lugar nesta guerra quando lhe dissermos o que vai ganhar com ela", respondo. "Nosso objetivo é restaurar a reivindicação do Príncipe Zarius a Thirwen, e ele concordou em retirar a marinha da sua fronteira e reabrir o comércio com o seu reino. O comércio com Imirath também será uma opção, já que minha esposa é a única herdeira viva de Garrick Atarah."
Erix passa a mão pelo queixo levemente barbeado, mas Cordelia interrompe para se dirigir a Elowen. "Você sabia o que queríamos", sibila ela. "Você poderia ter conseguido sua aliança por meio do casamento. Você não é uma mulher estúpida, e acredito que deixei minhas intenções bem claras quando a vi pela última vez, mas, em vez disso, você não só insulta minha oferta, como traz a prole do meu inimigo para comer à minha mesa."
"Você tem razão", afirma Elowen calmamente. "Eu não sou uma mulher estúpida, e Zarius não é pai dele, assim como eu não sou o meu."
“E ainda assim você escolheu um bastardo em vez de um príncipe!”
"Eu escolhi um rei." O tom de Elowen muda. "Eu escolhi um homem."
É incomum ver outra pessoa lutar por mim quando passei a maior parte da minha vida travando minhas próprias batalhas.
"Eu estaria disposto a ignorar suas indiscrições e teria feito vista grossa até que um herdeiro precisasse ser produzido se você tivesse se casado com meu filho."
“Que generoso da sua parte.”
Meu temperamento se exalta, batendo contra a gaiola em que prometi a Elowen que o trancaria, mas Cordelia fala com Elowen como se tivesse algum direito sobre seus fãs, as chamas da raiva dentro de mim. Se Elowen não tivesse concordado em ser minha rainha, eu teria massacrado quem fosse necessário para mantê-la segura, mesmo que ela não passasse de minha aliada. "Pode me chamar de bastardo o quanto quiser; tenho certeza de que te assusta ver o quão alto alguém pode chegar. Mas tome cuidado com o tom ao falar com minha esposa." Inclino-me para a frente e observo a maneira como os guardas se aproximam de seus governantes. "Se você estava tão interessado em Elowen, talvez devesse ter mobilizado sua marinha quando ela foi trancada em uma masmorra depois que *sua vidente* transmitiu uma profecia a um tirano."
"Não poderíamos saber o que Garrick faria", argumenta Erix. "E não poderíamos arriscar inúmeras vidas por uma garota."
“Então você não a merece.”
"E aquele desgraçado que você insultou não arriscou inúmeras vidas, ele arriscou a própria", dispara Elowen. "Viemos pela sua aliança, mas eu o aviso para não nos tornar inimigos. A maioria não sobrevive."
"Você ameaçaria meus pais no próprio castelo deles?", pergunta Zale, incrédulo, olhando para o guarda atrás de Elowen. Saco minha espada quando ele se aproxima. Para fazer o quê, não sei, mas sua mão congela no cabo quando aponto a ponta da minha para baixo do queixo de Zale. Cadeiras raspam atrás de mim e mais aço é sacado.
"Elowen não fez uma ameaça; ela fez uma declaração, mas eu não sou tão gentil quanto ela. Se sua guarda der mais um passo em direção à minha esposa, seu príncipe vai sangrar por isso."
"Derramar sangue aqui seria um ato de guerra", declara Erix. "Seu exército está do outro lado do mar."

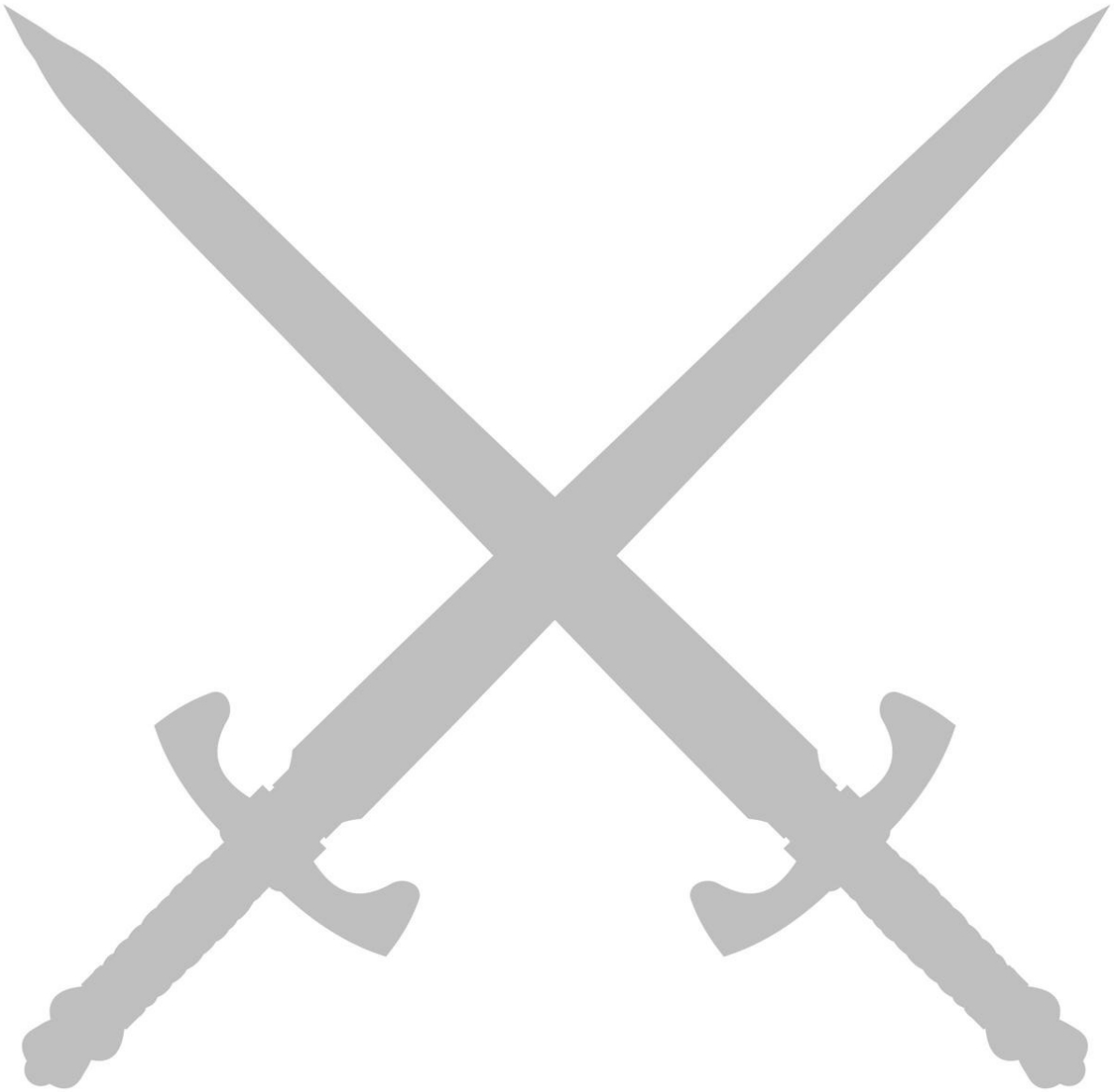
“Que esclarecedor.”
“Você nunca sairia vivo deste salão de banquetes.”
Deixo meu aço apontado para a garganta do príncipe enquanto desvio o olhar para Erix. "Nem você nem seu precioso príncipe."
Um corpo de escamas esmeraldas se choca contra a terra, visível através de um dos arcos. Sorin é seu protetor, como todos os dragões, mas ele acima de tudo. Elowen me contou uma vez que a prisão deles começou no dia em que Sorin arrancou o dedo mindinho de Garrick com uma mordida depois que ele levantou a mão para ela. Venatrix a segue um segundo depois, esmagando as fileiras perfeitamente esculpidas de flores sob suas garras. Os dois enfiam a cabeça pelas duas aberturas atrás de Elowen, rugindo alto o suficiente para acordar um deus adormecido. Vários soldados Galakin largam suas armas e murmuram uma prece.
No silêncio, Elowen fala: “Sugiro que todos embainhem seu aço. Meus dragões não recuarão até saberem que vocês não me querem mal, e embora me ouçam, eu não os controlo. Eu os monto, mas não atrapalho suas presas.”
Os olhos de Erix se voltam para Elowen, que toma um gole de vinho, parecendo completamente relaxada enquanto se espreguiça na cadeira. "Abaixem-se", ele ordena, e os dragões param de rosnar enquanto todos guardam suas armas e voltam aos seus lugares. Os guardas recuam. As feras permanecem no jardim, sempre vigilantes de Elowen. Ela me dá um aceno sutil, e eu embainho minha espada antes de puxar sua cadeira para mais perto da minha e voltar a ocupar meu lugar.
Para minha surpresa, é Zarius quem fala primeiro. “Galakin é um reino divino, assim como Thirwen. O Rei Cayden e a Rainha Elowen foram declarados uma união divina quando o Deus da Morte, da Água e da Lua demonstrou seu favor no dia do casamento deles, ultrapassando o sol. Isso é evidenciado por suas marcas. Este é o sinal mais forte que recebemos dos deuses em séculos. Estou ciente da rixa entre nossos reinos e de quanto foi derramado no mar, mas a animosidade precisa dar lugar à paz se quisermos seguir em frente.”
"Seguir em frente?", ecoa Cordelia, incrédula. Erix coloca a mão no ombro da esposa, mas ela dá de ombros. "Minha irmã está perdida para mim." para sempre. Não posso seguir em frente quando um pedaço de mim vive dentro do cadáver dela.”
"Então vingue-a", declara Elowen. "Em vez de culpar o Príncipe Zarius pelos eventos que ocorreram antes de ele nascer, enfrente seu inimigo no campo de batalha conosco e vença."
O silêncio paira pesado no ar e Elowen se levanta da mesa. É evidente que nenhum de nós pode se sentar para uma refeição depois de tudo o que aconteceu; a tensão está alta demais. Nosso grupo segue o exemplo, aguardando a ordem de Elowen. "Podemos discutir sua decisão depois que tiverem tempo para conversar entre si, mas não ficarei aqui ouvindo vocês insultarem meu rei e meu casamento. Cayden provou que a vida de um bastardo vale mil reis, e ele merece respeito. A maioria dos governantes não estaria em seus tronos se tivesse que lutar por eles em vez de receber uma coroa ao nascer."
Elowen pega meu braço e eu começo a conduzi-la para fora do salão de banquetes, olhando por cima do ombro para observar o rei e a rainha uma última

vez. "Viemos pela sua aliança, mas fale com a minha rainha novamente dessa maneira e você não terá tempo para fazer as pazes com seus deuses."
Os guardas não protestam enquanto atravessamos o castelo e descemos a colina sinuosa que leva às docas. Não há a mínima chance de dormirmos no castelo. Navios escuros balançam no porto ao redor do nosso quando pisamos no convés e Elowen me solta para caminhar em direção à proa. Desvio o olhar de sua figura em retirada para encarar o príncipe de Thirwen.
“Você nos apoiou.”
"Somos aliados", ele responde, com os olhos vermelhos brilhando ainda mais com a noite. "Tenho algo a ganhar com o sucesso desta guerra, e posso não gostar de Galakin, mas a marinha deles é necessária."
"É muito mais fácil lidar com você quando está sóbrio", comento antes de caminhar em direção a Elowen, que encara o castelo Galakin como se quisesse incendiá-lo.
“Preciso ir”, ela diz quando estou perto o suficiente, e interrompo uma insinuação provavelmente inoportuna quando ela estende a mão para mim e Basílio está empoleirado numa rocha. Ele é tão grande que é mais alto que os mastros do navio.
Não me lembro muito do que aconteceu com Elowen entre o ritual em Porto Celestria e o despertar na estalagem, mas quando ela me solta para subir na asa lilás do dragão e se acomoda em suas costas, a excitação cresce dentro de mim enquanto ela me chama para subir. Eu jamais lhe pediria para me deixar montar em um dragão — ela teve tão pouco para guardar para si na vida —, mas se ela estiver disposta a compartilhar, não me negarei.
Ela dobra as pernas para o lado, e a fera rosna enquanto eu subo atrás dela, envolvendo-a com meus braços enquanto ela arrulha e acaricia suas escamas. Não demora muito para acalmá-lo, e ele se afasta da rocha. Suas asas se abrem e ele desliza pela superfície do oceano, mergulhando as garras traseiras nas ondas que se quebram antes de se inclinar para cima e nos levar para mais perto das estrelas pintando o céu. Meu coração bate forte como se eu estivesse entrando em uma batalha, mas minha mente se acalma enquanto ele se inclina para o lado, mergulhando por penhascos cobertos de musgo salpicados de flores tropicais.
A cabeça de Elowen cai para trás, encostada no meu peito, e ela solta um longo suspiro, os lábios se curvando. É como se estar no céu aliviasse o peso dos seus ombros, e eu entendo o porquê. Voar é uma sensação que eu jamais conseguiria descrever para quem nunca a vivenciou. É... é... libertador. Elowen abre um olho, e o momento fica ainda mais doce com sua risada.
Agarro seu queixo, erguendo-o e levando meus lábios aos dela. É um beijo lento, e ela o aprofunda, entrelaçando a mão no meu cabelo e deslizando a língua na minha boca. Movo minha mão, deslizando os nós dos dedos por sua bochecha e puxando-a para mais perto, me separando apenas para pressionar minha testa na dela.
Ela sorri para mim com estrelas nos olhos e me beija novamente.

Capítulo

CINQUENTA E DOIS

Cayden



Dawn acaricia suavemente a cabine
Enquanto pisco, abro os olhos. A julgar pela ausência de batidas, quase ninguém, além dos guardas posicionados no convés, está acordado. Limpo a aspereza da garganta enquanto Elowen passa a ponta do dedo pela minha

bochecha. A última vez que ela fez isso foi quando ficou bêbada depois do baile da aliança e eu a carreguei para a cama. Duvido que ela se lembre de alguma coisa, mas ela traçou meu rosto com uma das mãos e usou a outra para entrelaçar nossos dedos. Ela até segurou minha mão enquanto dormia, e passei a noite sentada ao lado da cama dela para segurá-la, como prometi.
“Como posso ser útil, esposa?”
"Você pode me soltar do seu aperto mortal para que eu possa pegar a carta que passou por baixo da nossa porta", ela responde, e eu aperto meus braços para garantir, fazendo-a rir antes de soltá-la a contragosto. Sento-me, apoiando as costas na cabeceira da cama enquanto Elowen se junta a mim e ajeita o lençol sobre a cintura. "Tem o selo da Ilaria."
Pego meus óculos de leitura do criado-mudo e os arranco das mãos dela, quebrando a serpente de cera que se enrolava ao redor do sol para desdobrar a carta. Que... interessante. O Príncipe Zale solicita nossa presença em um café em Zraka para o café da manhã sem guardas, afirmando que amigos não precisam de soldados entre eles. Eu sabia que ouviríamos o rei e a rainha sobre nossa oferta, mas não achei que Zale voltaria a falar conosco depois que eu encostasse minha lâmina em sua garganta.
Pena.
Acho que terei que fazer algo pior da próxima vez.
“Querido Cayden, vá para casa, seu bastardo, e deixe sua esposa promíscua para trás para que meu filho possa fazer dela uma mulher honesta. Com todo meu amor, Cordelia. Que oferta generosa de uma mulher tão inteligente.”
Elowen revira os olhos e a rouba, erguendo as sobrancelhas enquanto lê as palavras. "Eu não sabia que segurar alguém na ponta da espada era sinal de uma amizade em desenvolvimento."
"Você já apontou suas facas para mim várias vezes e eu sou seu marido." Dou de ombros. "Isso constrói o caráter."
"Eu também não esperava que ele se desculpasse em nome dos pais. Ele não arriscaria colocar isso por escrito se não fosse sincero."
“Estou interessado em ver o que ele vai dizer quando não estiver agindo como um cachorrinho de colo na frente dos pais.”
“Como aqueles ratinhos que vi no tribunal.”
Eu rio, passando o braço em volta da cintura dela para puxá-la para o meu peito. "Ele pediu a presença do Zarius também, então acho que a oferta dele é sincera."
Ela suspira, afastando-se de mim sem relaxar, e se levanta da cama. Para meu desânimo, veste o robe que rasguei dela na noite passada. Não importa quantas vezes ela me deixe entrar em seu corpo, a necessidade de tocá-la nunca é saciada. Esse desespero vive dentro de mim como uma chama crescente, e a presença de Elowen é o oxigênio que lhe dá vida. A água espirra na tigela de porcelana enquanto ela começa a molhar os cachos desgrenhados para dar início à sua rotina matinal. "Devemos sair em uma hora para não nos atrasarmos. Posso confiar em você para avisar Zarius?"
"Sim, querida, acredito que sou capaz de transmitir uma mensagem." Meus pés pressionam o tapete felpudo embaixo da cama, e eu tiro uma calça limpa e uma camisa de linho branca do meu baú, vestindo ambas antes de fechá-lo e amarrar minhas botas.

“Eu sei que você é capaz de transmitir uma mensagem, só não sei de forma amigável.”
"Depende dele." Beijo sua bochecha e saio da cabine, pedindo a um criado que traga café para que ela não se transforme num monstro quando chegarmos ao café da manhã. O quarto de Rhys e Zarius fica no mesmo corredor que Nosso e eu batemos na porta, sem nos importar com a hora tão cedo. Rhys a abre com um puxão, revelando o príncipe de Thirwen esparramado em sua pequena cama, roncando alto e de boca aberta.
“Bem, entendo por que você já está acordado.”
Rhys dá um meio sorriso, o primeiro que vejo em sua presença. "O príncipe não dorme muito bem. Presumo que você tenha um recado para ele, já que chegou tão cedo?"
"Zarius precisa estar acordado e pronto para partir em uma hora. Ele foi convocado, junto com Elowen e eu, para encontrar o Príncipe Zale na cidade para o café da manhã."
"Não está no palácio?"
Passo a língua pelos dentes. "Duvido que ele queira que a mãe e o pai testemunhem esta reunião."
Rhys estava lá ontem à noite, sentado à longa mesa com nossos soldados e membros do culto da água. Mesmo que não estivesse, não tenho dúvidas de que Zarius o teria informado de todos os detalhes assim que retornasse ao navio. Os dois costumam sussurrar um para o outro e, apesar da instabilidade entre eles quando nossos caminhos se cruzaram pela primeira vez, quando sóbrio o príncipe frequentemente busca o conselho e a companhia do cavaleiro.
"Você precisa do apoio de Galakin se ele quiser ascender ao trono de Thirwen. Os inimigos dele não conseguirão derrotar os seus reinos e aqueles em Thirwen que apoiam a reivindicação dele."
"Fale claramente", começo. "Você acha mesmo que muitos em Thirwen apoiarão a afirmação dele?"
Rhys revira os lábios, olhando para baixo para esconder a rara demonstração de emoção, e pigarreia. Quando ele encontra meus olhos novamente, os anos que passou nesta Terra parecem pesar sobre ele. "Muitos amavam Ruella. Eles o apoiarão porque ele é filho dela."
Franzo a testa diante da informalidade com que ele se referiu à falecida rainha de Thirwen, mas ele não hesita. "Então os rumores são verdadeiros."
Rhys sustenta meu olhar, as rugas ao redor de sua boca se estreitando enquanto ele olha por cima do ombro para garantir que o príncipe ainda esteja dormindo. "Nem todos nós temos o poder de derrubar um reino por aqueles que amamos, Demônio. Às vezes, nós os amamos em segredo, mas mesmo os segredos têm o costume de nunca nos pertencerem de verdade. — Seus olhos endurecem e seus punhos se fecham. — O príncipe não é meu filho, se é isso que você está insinuando, mas isso nunca me impediu de vê-lo como tal. Sua reivindicação é legítima, assim como ele.
Ele está mentindo.
E é por isso que ele ficou com ele no exílio. Não como um cavaleiro, mas como um pai protegendo a única coisa que resta neste mundo que o conecta à sua amada. Duvido que Zarius saiba; se soubesse, provavelmente não estaria tão

ansioso para assumir o trono, especialmente considerando que o Rei Fallon tem outros filhos.
"Você não precisa me tranquilizar com nada. O sangue que corre nas veias dele não me preocupa, contanto que não complique meus planos." Eu sabia que nunca venceria o jogo até trapacear todos os jogadores que se opuseram a mim. Zarius precisa descobrir como fazer isso em Thirwen. Não há nada que ameace mais alguém que herdou o poder do que alguém que o conquistou. "Prepare o príncipe para partir."
Estou na metade do corredor quando Rhys fala novamente: "Nós dois sabemos o que é sofrer por desejar uma mulher que nunca deveria ter sido nossa."
Olho por cima do ombro, esperando o homem terminar.
"Segure o seu. De um bastardo para outro, rezo para que você nunca conheça a dor do destino quando se trata de tomar o que você roubou."

Capítulo

CINQUENTA E TRÊS

Elowen

O café Zale nos convidou fica bem na beira da água. Um garçom nos conduz a uma varanda com vista para a areia branca e o mar, entre pilares cobertos de flores alaranjadas e rosa-claro. Ao longe, um grupo de golfinhos nada pelas águas cristalinas, desaparecendo apenas quando as sombras dos meus dragões os alcançam. Parece que Zale cumpriu sua palavra; não há guardas dentro ou na estrada.

Zale está de pé ao lado de uma mesa, com as mãos cruzadas atrás das costas, a postura rígida, embora tente desviar a atenção do nervosismo sorrindo para nós. Ele está com uma roupa semelhante à da noite passada, o linho vermelho complementando sua pele e cabelos castanho-escuros.
Sento-me em frente ao príncipe herdeiro e, embora a mesa seja redonda, fica claro que Zarius e Cayden se sentam deliberadamente mais perto de mim. Zarius não o faz por lealdade e tem dificuldade em esconder o desdém ao olhar para Zale. Uma mulher coloca uma jarra de suco de laranja no centro da mesa, junto com uma bandeja de café cheia de adoçantes, leite e uma pequena tigela de chocolate.
Zale pigarreia, coloca um dos chocolates na xícara e o molha com café. Ele percebe minha curiosidade e diz: "É a maneira preferida de tomar café em Galakin, já que chocolate e café são as culturas das quais mais nos orgulhamos." Ele vira uma xícara. "Experimente."
Olho fixamente para ele, levantando uma sobrancelha e esperando que ele fale. Se ele acha que eu vou entretê-lo antes de reconhecer como ele ficou sentado enquanto sua mãe praticamente me chamava de "par de pernas abertas" e usava a palavra " *bastardo"* como se fosse um palavrão, então ele está enganado.
Sua garganta se contrai, e ele olha para baixo brevemente antes de endireitar os ombros. "Como afirmei na minha carta, gostaria de me desculpar pela conduta dos meus pais ontem à noite. Foi totalmente inapropriado, e eu jamais me intrometeria no casamento de vocês."
Oh, doces deuses.
Troco um olhar com Cayden, que não faz questão de esconder sua paciência minguante ao dizer: "O vento assobia pelo espaço vazio entre suas orelhas como um templo abandonado?" Zarius engasga com o suco de laranja, e eu aperto os lábios para não rir. "Diga-nos por que você quis nos encontrar, porque presumo que não foi para nos informar como você toma seu café."
Como uma oferenda de paz, inclino-me para a frente. As marcas nos meus braços brilham quando pego um dos chocolates. O café fumegante o derrete, e mexo com a colherzinha presa no cabo para garantir que não reste nenhum pedacinho. Só o aroma já me dá água na boca, e o sabor é ainda melhor.
Ele parece satisfeito com a minha reação e fala com uma confiança renovada: "Quero treinar você."
"Eu?", rio novamente. "Eu não tive tutores que usassem espadas cegas, príncipe. Aprendi a lutar para sobreviver."
“Em magia.”
Coloquei a xícara de volta no pires e coloquei as mãos sobre a mesa. "Manejar o fogo?"
"Eu não consigo manejar o fogo do dragão, mas te ensinar a manejar o fogo terreno pode te ajudar a aprimorar suas habilidades. Você empunhou seu fogo em um momento repleto de emoção. Você precisa ser capaz de invocar o fogo enquanto está sentado aqui." Ele faz exatamente isso, puxando a chama de algum lugar do restaurante. "Você precisa senti-la mesmo quando não consegue vê-la e deixá-la se tornar parte de você."
“O que você ganha em troca?” Eu pergunto, sabendo que tudo tem um preço. Preço, mas a oferta é tão tentadora que eu estaria disposto a pagar qualquer

coisa. O fogo inunda minhas veias, mas não tem para onde ir. Ele vive dentro de mim como uma chama eterna, e eu posso queimar por dentro ou conquistá-lo.
Ele olha para nós três enquanto outro garçom coloca uma bandeja de três andares com opções de café da manhã doces e salgadas na mesa. "Vou convencer meus pais a se juntarem à sua guerra. A luta não é só sua." Seu olhar se fixa em Zarius, que parece incrivelmente impassível, tirando um fiapo invisível da camisa. "Nosso povo lutou antes de nascermos e ainda guarda seu ódio, mas isso não resolverá nada. Tudo o que fará é inspirar a mesma maldade nas gerações futuras, e inúmeras vidas serão perdidas porque os governantes não conseguiram encontrar uma maneira de conduzir seu povo a um mundo melhor."
"Não tenho certeza se seus pais terão uma perspectiva tão progressista sobre os eventos que deram início à guerra entre nossos povos", diz Zarius. "Preciso lembrar que nunca foi provado que meu tio sequestrou sua tia. Ela pode ter ido embora por vontade própria."
Zale suspira. "E talvez nunca saibamos a resposta, mas..."
“Não podemos criar um futuro melhor se vivermos no passado”, finalizo por ele. “Os líderes devem ter como objetivo aliviar o sofrimento, não perpetuá-lo.”
"Sim", Zale concorda. "Exatamente isso."
"Isso tudo é muito reconfortante", afirma Cayden secamente, tamborilando os dedos na mesa e apoiando o outro braço na minha cadeira. "Mas quero saber quantos navios você pode prometer."
"Quinhentos."
“Oito”, responde Cayden.
"Seis."
"Oito."
Zale suspira, estendendo a mão. "Oitocentos navios."
Eles apertam a mão. "Vocês serão informados dos planos de batalha assim que o tratado for assinado e eu vir os navios com meus próprios olhos."
“Tenho grandes expectativas, tendo ouvido planos anteriores conjurados pelo demônio de Ravaryn.”
O rosto de Cayden permanece neutro, não revelando nada sobre o que está acontecendo. acontecendo em sua mente. É uma tática que ele usa para enervar os outros, e certamente está funcionando com Zale, que pigarreia novamente e encara Zarius.
“Você tem algum termo referente à nossa aliança?”
Os lábios de Zarius se contraem firmemente enquanto ele avalia o príncipe que deve ter sido condicionado a odiar desde o nascimento. "Recuem seus navios no Dolent quando isso terminar. Navegaremos para uma guerra; duvido que qualquer um de nós queira retornar para outra, se suas promessas de paz forem verdadeiras."
Zale concorda. "Faça o mesmo com seus navios e não teremos problemas."
"Como você consegue falar como se fosse o rei?", pergunto, atraindo seus olhos de volta para mim. "Você faz acordos conosco em um café, não em um castelo. Seus pais — os donos da marinha que você nos prometeu — sabem que você está aqui?"
"Meus pais vão entender a razão", diz ele, terminando o café e se levantando. "Embora você e eu tenhamos assuntos mais urgentes para tratar, rainha."

✣ ✣ ✣

Desamarro as tiras das minhas sandálias, que sobem pelas panturrilhas enquanto a areia se espalha pelas solas de couro. Finnian passa os dedos pelo arco pendurado no ombro enquanto observa a praia isolada em busca de qualquer sinal de armadilha, mas apenas Zale está a alguns passos das marcas das ondas na praia, enquanto estende vários troncos secos.

Braxton insistiu em nos acompanhar a esta aula de treinamento, mas Zale não tinha guardas no restaurante, e eu preferia manter a paz frágil. Zarius ficou para trás para conversar com Sor Rhys, e Ryder não deixou Saskia sozinha com ele — apesar de haver vários guardas a bordo. Só espero que o navio não esteja completamente queimado quando retornarmos, já que Cayden não está lá para mediar. Assim que soube que Finnian me acompanharia, desceu a prancha, alegando que tinha uma tarefa rápida para fazer. Para Cayden, uma tarefa rápida pode variar desde matar alguém até colher flores para mim, mas ele foi embora antes que eu tivesse a chance de interrogá-lo.

Ajoelho-me em frente a Zale, com meu vestido azul com um grande recorte de diamantes na barriga se espalhando ao meu redor. Finnian senta-se em um pedaço de madeira flutuante um pouco mais atrás, observando atentamente enquanto Zale acende a tora entre nós com um pouco de sílex. Começa pequeno, mas cresce à medida que Zale move as mãos ao redor dele.

“O fogo precisa de oxigênio para crescer, mas, como portador, você sopra vida nele”, diz ele.

"Quando você soube que era um portador?"

Ele ri baixinho. "Acidentalmente, ateei fogo a uma cortina quando era criança. Foi também um momento carregado de emoção, como a primeira experiência. No entanto, o meu não foi tão complexo quanto quase perder alguém que eu amava. Meu irmão mais novo roubou o macaco de pelúcia que minha avó fez para mim e que eu guardava debaixo do travesseiro. Ele correu pelos corredores, mostrando a todas as outras crianças o meu bem mais precioso, e eu me senti humilhada."

“Você ainda tem o macaco?”

“ *Esse* não é o objetivo da aula de hoje”, ele responde, e eu rio quando ele não nega.

“Qual era o nome dele?”

Ele me lança um olhar inexpressivo. "Pascal."

"Ah, isso é precioso", eu murmuro, e ele geme enquanto aperta a ponta do nariz, gesticulando para o fogo novamente.

Estendo a mão para frente, colocando-a em cada lado dos troncos reunidos e me concentro no formato deles, no calor, no cheiro das brasas brilhando na base da caixa de areia, mas meu corpo trava quando Zale envolve seus dedos em meus pulsos, e Finnian se levanta.

"Solte-me", ordeno baixinho antes de me virar para Finnian. "Estou bem. Pode se abster de nos enviar para outra guerra."

Ele sorri enquanto solta o arco e se senta novamente. "Tudo por você, Ellie."

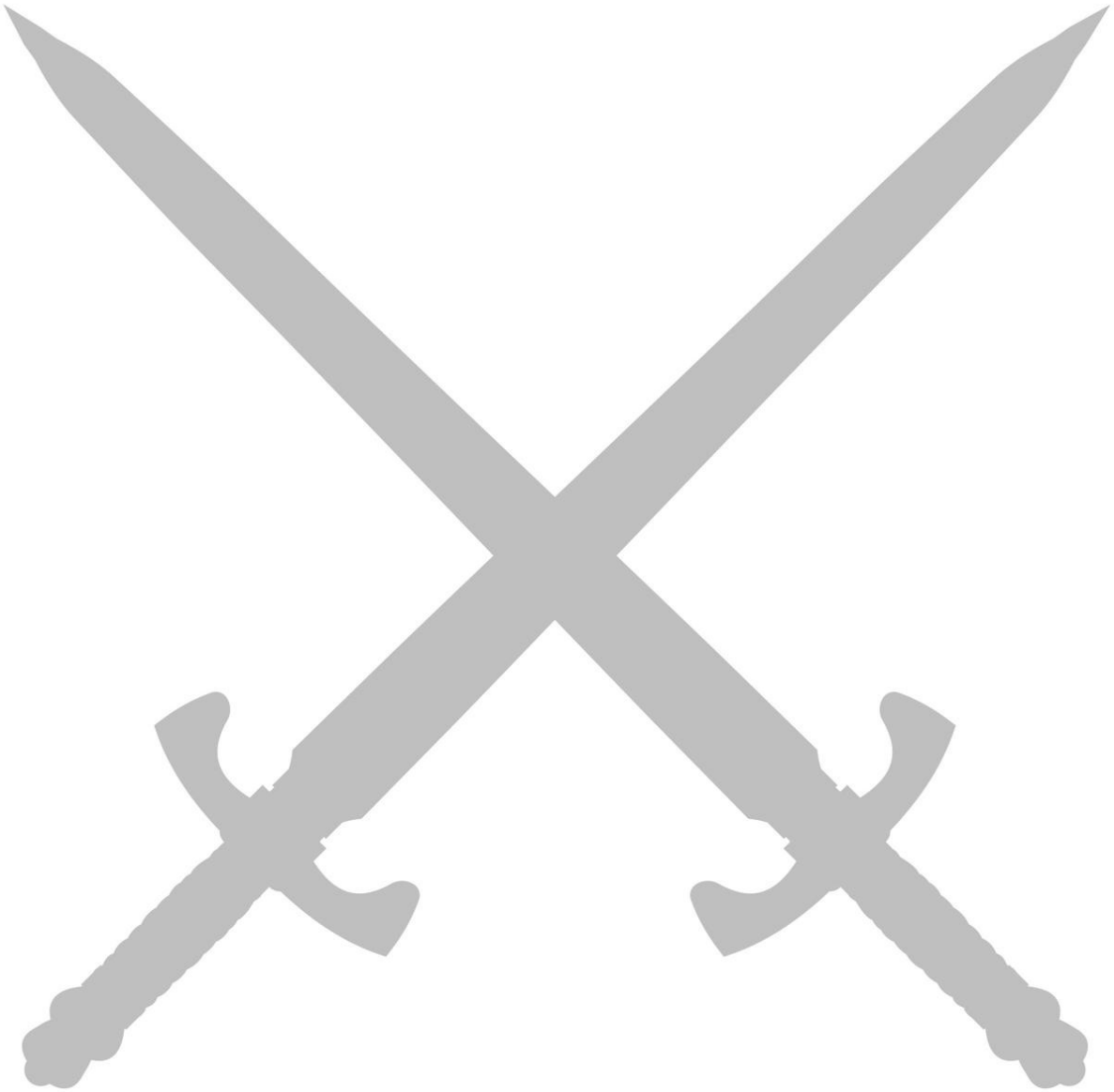
Eu rio suavemente e me viro para Zale, que tem os olhos fixos em Finnian.

"Amigo?"
"Mais como um irmão." Quando as pessoas descrevem grandes amores, frequentemente falam de conexões românticas, mas a amizade pode ser igualmente épica. "Se você pudesse se abster de me tocar durante a aula, eu agradeceria muito."
Ele franze as sobrancelhas escuras e acena com a cabeça, enquanto a compreensão se espalha por suas feições. "Peço desculpas se te deixei desconfortável. Não vai acontecer de novo."
Inclino a cabeça, encarando o príncipe sob uma nova luz. "Obrigada."
Ele acena com a cabeça e imita minha posição, chamando o fogo em sua direção, embalando-o e enrolando-o nas palmas das mãos. "Concentre-se na sua respiração. Muitos pensam que o fogo é destruição, mas também é vida e equilíbrio. Ele tem o poder de curar. Sem o sol, não seríamos capazes de viver, e sem as estrelas, nunca encontraríamos o caminho de casa."
Ele segura uma pequena chama nas mãos e a deposita na minha, mas ela desaparece num piscar de olhos, deixando apenas fumaça flutuando em direção ao céu.
Suspiro, tentando conter a frustração crescente dentro de mim, mas é inútil. Estendo as mãos novamente, invocando as chamas e esperando meu poder despertar, mas não sinto nada. Fecho os olhos com força, forçando tudo ao meu redor a desaparecer, e inalo a fumaça pelas narinas. Na escuridão das minhas pálpebras, deixo uma chama singular tremeluzir até que se alargue e se transforme em um incêndio.
Um dragão não teme o fogo, nem eu. Chamas estão envoltas em suas escamas, assim como estão incrustadas em minha alma. A única maneira de derrotar meus inimigos é não deixar que a dúvida que eles incutiram em minha mente seja mais forte do que minhas capacidades. Eles tentaram me limitar, me sufocar, e eu os queimarei até o chão por isso. Minha vingança será um reino de cinzas e sangue.
Eu sou a rainha das chamas, e o fogo me responde.
"A única lição que vamos aprender hoje é segurar o fogo. Você não pode empunhá-lo se não conseguir segurá-lo." Abro os olhos enquanto ele segura o fogo novamente. "Você sabia que não se tornou um fantasma em Galakin como em Érebo? Aqui você se tornou uma lenda. A princesa dragão perdida que traria os dragões de volta aos nossos céus." Ele segura as chamas acima dos meus braços em concha. palmas das mãos, e respiro profundamente, mantendo minha mente em silêncio e chamando as chamas que vivem dentro de mim à superfície.
"O fogo é quem você é. Não o tema."
Ele coloca a chama na minha mão e eu a seguro.

Capítulo

CINQUENTA E QUATRO

Cayden



EU SE HÁ UMA LIÇÃO QUE EU TENHO Aprendi, nunca se deve confiar em nada nem em ninguém. Uma pessoa pode fazer promessas vazias parecerem tão boas quanto ouro antes que você perceba que seus bolsos estão tão vazios quanto suas palavras. Um príncipe

não é um rei, e Zale pode pregar sobre o futuro que deseja, mas nunca teve que lutar para ver o dia seguinte. Ele é esperançoso porque nunca teve que enfrentar a crueldade do mundo sem uma rede de segurança.
Puxo a corrente do meu relógio para verificar as horas antes de recolocá-lo na mão, com o gancho preso ao cinto. O metal curvo voa pelo ar enquanto o giro em círculos amplos, mantendo os olhos nos guardas que monitoram as muralhas acima, a partir das densas palmeiras que me cercam.
Conto mentalmente os segundos antes que um estrondo faça o chão tremer e um sino estridente soe no ar. "Fogo! Tragam água! Fogo!"
Os guardas que patrulham acima correm ao redor da torre para dar uma olhada no que está acontecendo. A tragédia atrai os humanos como moscas atraem o mel. As pessoas adoram assistir à morte dos outros porque, por um breve momento, a natureza rancorosa do universo se volta contra outra pessoa. Elas podem relaxar porque sabem que, enquanto o destino morder a jugular do outro, suas garras não se cravarão nelas.
O gancho voa pelo ar antes de se prender ao corrimão, o som abafado pelos sinos e pelo rio que corre. corre por baixo da ponte. Puxando-a algumas vezes antes de determinar se ela aguentaria, pressiono minha bota contra a muralha do castelo, usando a sombra que a ponte oferece a meu favor, e me puxo para cima. O suor forma gotas na minha testa e escorre pela espinha, mas mantenho o ritmo acelerado. Prefiro não matar guardas em um reino com o qual estou tentando forjar uma aliança, mas se eles causarem comoção, darei um jeito de calar suas bocas e fazê-los desaparecer. É só mais uma tarefa que não preciso adicionar à minha lista, e embora eu use preto, sangue é sempre difícil de tirar debaixo das unhas.
Jogo a perna para o lado e me agacho atrás da borda enquanto enrolo a corda e a prendo novamente ao cinto. Se eu tivesse ido até os portões da frente, tenho certeza de que me deixariam entrar — afinal, sou um rei visitante —, mas provavelmente teria que esperar Cordelia voltar de cumprimentar o navio Feynadra que atracou no porto. Consigo controlar meu temperamento quando ela me insulta, mas Elowen é uma linha dura que não deixo ninguém cruzar.
Atravesso apressadamente a ponte de pedra e as cortinas entreabertas que levam à ala real. Os guardas do castelo não são tão vigilantes quanto a realeza acredita. Tenho espionado a propriedade deles desde que deixei Elowen na praia. Nunca dei a conhecer minha presença para evitar suas perguntas inevitáveis e só a segui para garantir que Zale não tivesse planejado uma emboscada. Só fui embora quando a vi segurando uma chama nas mãos em concha. Eu sabia que ela aprenderia; ela já provou ser capaz depois de empunhar fogo de dragão, mas aguardo ansiosamente o dia em que poderei vê-la incinerar nossos inimigos.
Os corredores curvos, revestidos de azulejos, funcionam como um túnel sonoro para o som das ondas e das gaivotas que voam acima deles. Pinturas com temas náuticos adornam as paredes em elaboradas molduras douradas, e serpentes marinhas sibilantes ladeiam os corredores como pilares. Dois guardas dobram a esquina, e eu me aproximo de uma alcova escavada na parede entre duas serpentes, contendo apenas uma palmeira alta em vaso. Invoco as sombras que dançam ao longo da parede enquanto a planta balança na brisa do oceano, mas não sinto nada. Não há conexão.

Os guardas passam e eu retiro o pó para dormir que Elowen e eu usamos na Prisão de Kallistar, não dando aos soldados estacionados na frente o tempo de estudo do rei para entender o que está acontecendo antes que eu sopre a poeira em seus rostos. A magia os domina imediatamente, e eu recuo enquanto eles caem desordenadamente aos meus pés.
Sem bater, empurro a porta e entro no escritório. O valor de uma ideia é determinado apenas pelo resultado, então o tempo dirá se tudo isso foi em vão. Erix se levanta abruptamente de trás da mesa e rapidamente vira os papéis espalhados pela superfície. A mesa fica em frente a um semicírculo de janelas arqueadas com cortinas vermelhas transparentes que esvoaçam suavemente, e o teto é um mosaico de um pôr do sol. O escritório se assemelha ao restante do castelo, decorado com tons das cores da casa — vermelho, laranja e amarelo —, com detalhes majestosos e oceânicos expressos nas molduras de madeira entalhada e nos tecidos da sala de estar.
"Rei Cayden", ele diz. "Eu não sabia que tínhamos uma reunião."
"Não estava programado", respondo, gesticulando para o uísque sobre uma mesa alta e redonda, aliviada ao ver o conhecido álcool âmbar naquele reino infestado de rum. "Mas acredito que temos muito a discutir, então me encarreguei de encontrá-la."
“Então, em outras palavras, você não deveria estar aqui.”
"Não deveria estar em muitos lugares." Sirvo-me de dois dedos de uísque. "E, no entanto, acho que esses são os lugares mais benéficos para se estar." Seus olhos se voltam para a porta fechada. "Chame seus guardas se quiser, mas eles vão demorar um pouco para responder." Ele se move para contornar a mesa, mas eu o encaro. "Sente-se, Erix. Se eu quisesse te matar, já teria matado."
"Você é um péssimo diplomata", ele murmura, afundando-se novamente na cadeira enquanto eu me sento na cadeira à sua frente. "E, no entanto, não me detesto totalmente com você."
"Sua gentileza é invejável." Apoio o cotovelo no braço da cadeira, o gelo no meu copo tilintando enquanto o giro lentamente. "Presumo que você saiba que seu filho organizou uma reunião esta manhã?"
"De fato." Ele imita minha posição, relaxando na cadeira enquanto coloca um cigarro entre os lábios e o acende invocando uma chama da lanterna ao longo da parede. "E presumo que você esteja aqui para solidificar tudo o que meu filho prometeu a você?”
“Mil navios para mim, comércio entre nossos reinos, e tanto ele quanto Zarius concordaram em retirar seus navios de onde eles se encontraram no Mar Dolent.”
A madeira da cadeira de Erix se estica sob sua mão antes que ele a afrouxe. "Você pode confiar no Príncipe Zarius? Como posso ter certeza de que ele vai impedir que sua marinha entre em conflito com a minha?"
"Eu não confio em Zarius, e você também não deveria." Tomo um gole de uísque. "Mas sei que ele quer ser rei e que fará o que for preciso para nos colocar do seu lado. Quanto a um acordo comercial, eu assinaria um agora mesmo se você me apresentasse."
Erix tamborila os dedos na mesa, deixando o olhar vagar para o mar que se estende até o horizonte. "E se eu discordar?"

"Apesar das palavras de Cordelia no jantar, Elowen sempre terá Galakin em maior consideração do que outros reinos, porque você a presenteou com seus ovos de dragão." Passo a língua pelos lábios, tomando tempo para moldar minha próxima declaração. "No entanto, o ódio de sua esposa por bastardos me faz acreditar que você tem alguns escondidos no reino, e bem... se um bastardo com o sangue de plebeus pode assumir o trono, imagine o que um membro da realeza poderia fazer se tivesse a oportunidade certa."
As narinas de Erix se dilatam e seus olhos se estreitam em mim. "Você não tem ideia do que está falando. Eu poderia arrancar sua língua por isso."
"Você estaria morto antes mesmo de se levantar da cadeira." Tomo outro gole, colocando uma bota sobre o joelho enquanto me inclino para trás. "Não me importa onde seu pau esteve. A única razão pela qual estou aqui é para garantir que minha esposa tenha a maior chance de sobrevivência nas batalhas que virão."
Posso enfrentar os exércitos deles, mas é Elowen quem enfrentará a marinha enquanto estiver a bordo de um dragão. Galakin pode ajudá-la em seus esforços de maneiras que eu não posso em terra. Depois de quase perdê-la na última batalha, preciso tomar todas as precauções para garantir que isso nunca aconteça.
“E você pretende conseguir isso me ameaçando?”
“Pretendo conseguir isso por todos os meios possíveis e lembre-se sempre de que nenhuma ameaça minha é vazia quando se trata dela”, eu Estado. “Minha lealdade não é para com uma coroa ou um reino; sempre será para com minha esposa.”
Erix dá uma longa tragada na fumaça, olhando novamente para o mar enquanto a apaga. "Embora eu não concorde com seus métodos, eu o respeito como homem." Continuo em silêncio, sem me importar com o que ele pensa de mim. Tudo o que eu quero são seus navios. "O amor sempre teve o dom de esgotar o dever. Como rei, seu dever é para com seu reino, mesmo às custas daqueles que você ama. A coroa em sua cabeça deve sempre vir antes do anel em seu dedo."
"Você nasceu para um papel que eu reivindiquei com minha espada, e considerando que você tem bastardos, não dou muita importância a nenhum dos seus conselhos sobre como me comportar como marido."
Suas narinas dilatam. "Eu nunca admiti isso. Eu amo minha esposa."
"Você não precisava, e eu não me importo."
Erix sabe que seria um tolo se me fizesse de inimigo. Com Elowen reivindicando o trono de Imirath, nosso reino, juntamente com as ilhas do sul, se tornará o maior reino de Ravaryn. Além disso, sua rainha está ligada a cinco dragões, e os portadores das chamas de Galakin não podem empunhar o fogo de dragão se a vingança de Elowen os encontrar em seguida.
"Um tratado precisa ser elaborado", diz ele. "Mas eu ajudarei sua força naval *apenas* com a garantia de que o comércio será estabelecido e os navios de Thirwen serão retirados de onde lutam com os meus."
Termino o uísque e coloco o cristal vazio na beirada da mesa dele. "Foi um prazer negociar com você, Erix."
Abro as portas do escritório e passo por cima dos guardas que ainda dormem. Eles estão sob o comando de Erix, então ele pode lidar com eles como bem entender.

"Majestade!", alguém grita atrás de mim, mas continuo andando, ansioso para sair deste castelo. "Majestade!"
Olho por cima do ombro e, de fato, uma criada está de olho em mim. Ela para por um instante para recuperar o fôlego quando se aproxima. "Só queria perguntar se você está perdida. Sei que as torres podem ser confusas."
“Eu estava saindo.”
“Mas a rainha acabou de chegar”, ela diz.
“A rainha Cordélia está ocupada com sua irmã, e sugiro mantê-la ocupada até eu ir embora.”
"Não, senhor. *Sua* rainha. Sua majestade chegou com o Príncipe Zale e o Comandante Finnian."

Capítulo

CINQUENTA E CINCO

Elowen

EU O INCENSO QUEIMA MEU NARIZ, ENTÃO Potente, quase consigo sentir o gosto. O quarto de Mae é mais escuro que a maioria, mas a mulher não está à vista. Sinos dourados pendurados nas janelas criam uma melodia suave... então não sei por que me arrepio. É a mesma sensação que tive ao cruzar para Zraka. Parece que estou esquecendo algo, como se eu devesse estar em outro lugar, mas não consigo me lembrar para onde ir.

Tirando os sinos, tudo na suíte é vermelho. Isso me lembra as vestes de Asena, e me pergunto se Mae tem alguma ligação com o culto do fogo.
Puxo minhas saias para não tropeçar em várias almofadas no chão ao redor de uma mesa baixa e paro quando Zale levanta a mão antes de desaparecer na sacada.
"Acho que vou espirrar se ficar aqui mais um momento", sussurra Finnian.
“Eu vivi com você na sua adolescência, então isso tem um cheiro agradável em comparação.”
Ele me encara enquanto coloca um dedo embaixo do nariz. "Grude."
"Mae?", grita Zale, e eu espio através das cortinas transparentes para observá-lo em volta de uma pequena sala de estar com vista para o oceano. O dossel acima proporciona à idosa um alívio do sol, mas tento não engasgar quando outra onda de incenso me atinge. Varetas de madeira fumegantes repousam em várias tigelas douradas ao redor dela. Sua frágil Os ombros estão envoltos em um xale e se erguem quando Zale entra em seu campo de visão. "Trouxe alguém que deseja falar com você."
"Elowen Veles e o irmão dela vieram me visitar", diz ela com a voz trêmula, enquanto se aproxima para acariciar o rosto dele. "Venha cá, menina. Deixe-me te ver depois de todos esses anos."
Troco um olhar com Finnian, mas Zale não parece nem um pouco nervoso ao gesticular para que nos aproximemos. Limpo as mãos no vestido e ajeito as alças dos ombros enquanto faço o que ela diz. Linhas profundas estão marcadas em sua pele morena, e manchas da idade pontilham suas bochechas, mas seus olhos são calorosos e gentis.
"Elowen Atarah. Elowen Veles." Ela diz meu nome como se estivesse testando o peso de cada sílaba para determinar qual prefere, enquanto descansa as mãos em minhas bochechas. "Elowen Veles. Prisioneira, princesa, cavaleira de dragão, rainha."
"Prazer em conhecê-la, Mae", digo enquanto ela solta meu rosto, mas segura meu pulso para examinar as linhas da minha palma. "Sei que nos conhecemos antes, mas eu era jovem demais para me lembrar."
"Mas você se lembra dos seus dragões. Você nunca pode esquecê-los."
"Sim, é verdade. São a minha lembrança mais antiga."
"A magia em suas veias impede você de esquecer", ela murmura. "Você não consegue esquecer nada. Nem ele." Olho para Finnian novamente, mas Mae puxa meu pulso enquanto balança a cabeça. "Bastardo, criminoso, comandante, rei."
Franzo a testa. "Do que Cayden se lembra?"
“Ele saberá em breve.”
Zale se acomoda ao lado de Mae e gentilmente tira a mão dela do meu pulso. A mulher parece se acalmar com a presença dele, com um sorriso nos lábios vermelho-rubi. É a única maquiagem que ela usa. "Mae, Elowen queria te fazer algumas perguntas. Você se sente à vontade?"
"Sim." Ela dá um tapinha no outro lado do corpo, e eu não reclamo. A almofada afunda sob o meu peso, e Finnian se aproxima de mim.
"Dizem que os deuses vieram até você em um sonho e lhe disseram para me dar os ovos de dragão. Você se lembra de alguma coisa?"

Suas sobrancelhas se franzem e ela aponta para o conjunto de chá à sua frente. Zale se inclina para lhe servir uma xícara, e ela toma um gole antes de falar, abraçando a porcelana como se estivesse congelando. "Não foram os deuses, foi um só. A Deusa das Chamas, da Vida e das Estrelas disse que era hora dos dragões despertarem. Você nasceu para trazê-los ao mundo. Você os manterá seguros. A guerreira com um coração feroz e gentil."
"Mas por que não qualquer outra pessoa?", pergunto.
"O fogo na sua alma", ela insiste. "O que é para você nunca sentirá sua falta. Ele tem um jeito de te fazer perceber sua presença antes mesmo de você saber o que é." Ela bate o dedo ossudo nas minhas costelas, bem onde eu senti o puxão enquanto navegava para Zraka. "A intuição de uma mulher raramente está errada. Confie em si mesma para navegar em seu caminho. Só você pode decidir o que é certo, o que te quebra e o que te fortalece. Para encontrar as respostas que busca, você precisa deixar de lado a dúvida e aceitar quem você é."
Meus olhos se movem na direção de onde senti o puxão, e Mae assente. "Que o dragão renasça das cinzas", diz ela. "Um erro foi corrigido quando te encontraram e escolheram. Um fio rompido pela ganância foi remendado com o seu nascimento."
Quanto mais ela fala, mais confuso eu fico, mas o que eu sei é que quero investigar o que se esconde em Galakin e por que me sinto tão atraído por isso.
"O que houve?"
Os deuses lutaram entre si, e isso levou tanto à sua ruína quanto à destruição dos dragões. Os céus estão vazios sem dragões para reivindicá-los. Um reino não é nada sem um governante forte no trono.
Zale pega a mão dela delicadamente, atraindo seus olhos ternos para os dele. "Mas qual foi o fio rompido pela ganância?"
Ela pisca para ele, e fica claro que não vai responder à pergunta. Aperto minha saia entre o polegar e o indicador, já que distrai menos do que puxar meu colar. Não acho que seria inteligente. para pressioná-la — ela parece tão frágil — então enterro minha curiosidade e faço uma pergunta diferente.
"De onde vieram os ovos de dragão?" Ela abre a boca, mas recua como se alguém a tivesse esbofeteado. "Mae?"
Ela começa a balançar a cabeça, olhando para a copa das árvores que bloqueia o céu enquanto tapa os ouvidos. Um ruído vindo do fundo da sua garganta me lembra um animal ferido, e Zale a abraça pelos ombros. Eu me afasto do sofá e fico na frente de Finnian, mantendo-me por perto caso Zale precise de ajuda. Sei que ela não seria páreo para Finnian, mas protegê-lo sempre será meu primeiro instinto.
"Mae!", Zale grita quando os olhos dela reviram, e ele dá um tapinha delicado em sua bochecha. "Ela não tem uma visão há anos, não sei o que está acontecendo."
"Você quer que eu vá buscar um curandeiro?" pergunto.
“Não, não há nada que alguém possa fazer quando uma visão se concretiza.”
As cortinas que davam para o quarto dela se abrem e, para minha surpresa, Cayden entra. "Achei que você tinha alguma *coisa para fazer.* "
"Sim", ele responde enquanto abre caminho em minha direção. "Eu garanti nossa aliança. Conto os detalhes depois, mas que diabos vocês dois fizeram?"

"Tudo o que fiz foi perguntar a ela sobre os dragões e então isso aconteceu. Tínhamos acabado de chegar."
"Amada pelos deuses. Odiada pelos deuses. Amada pelos deuses. Odiada pelos deuses", ela canta baixinho. Cayden abre a boca para dizer algo, mas me empurra para trás quando Mae se aproxima e agarra sua camisa. A dor contorce suas feições, e eu gostaria de poder fazer algo para ajudá-la. "O sol será banhado em sangue e as sombras encobrirão o dia. Cinzas serão levadas pelas ondas. Olhos velhos observam e olhos novos se fecham." Sua voz sai chocantemente baixa, quase como se não fosse ela quem estivesse transmitindo a mensagem.
Zale a afasta de Cayden quando suas íris reaparecem no branco dos seus olhos. Ela desaba contra ele, tremendo e tossindo, enquanto Zale a envolve em um dos muitos cobertores. Meu coração bate tão forte que consigo senti-lo nas pontas dos pés e... dedos. *Oh, deuses.* Sou grato que a profecia não estivesse diretamente relacionada a mim como a que foi emitida anos atrás, mas ainda assim, eu poderia ter vivido feliz sem nunca ouvir outra palavra da boca de ninguém.
Eu nem sei o que isso significa. A profecia que recebi quando criança era direta; não havia nada para decifrar. Não tenho certeza se o estado de espírito dela influencia a clareza de suas visões, mas não sei como o sol pode estar banhado em sangue, ou a probabilidade de qualquer outra coisa que ela tenha dito.
"V-você disse que temos uma aliança?" Finnian pergunta, desviando o olhar da mulher.
“Falei com o Rei Erix para garantir que conseguíssemos o que queríamos.”
"Você *falou* com meu pai?", pergunta Zale enquanto os fios de sua raiva se adensam. "Ou você o ameaçou?"
"Guarde sua raiva para o campo de batalha, Príncipe. Você terá a oportunidade de manchar sua espada de sangue em mais do que apenas ringues de treino, se sua mãe tiver cuidado de você por tempo suficiente."
O rosto de Zale fica vermelho e ele se levanta do sofá, certificando-se de que Mae esteja apoiada com travesseiros suficientes. "Você ameaçou meu pai?"
"Talvez você devesse fazer essa pergunta a ele. Acho que é uma questão de perspectiva."
"Talvez eu faça isso", ele dispara.
"Chega", interrompi, me colocando entre eles. "Todos nós conseguimos o que queríamos e eu não vou ficar de babá de homens adultos enquanto tenho uma guerra para lutar. Ou aprendam a se virar ou fiquem de boca fechada."
Finnian nos rodeia para ajeitar o cobertor de Mae, e o olhar de Zale o segue. "Posso lhe servir alguma coisa, minha senhora?"
Mae olha para ele, seu corpo frágil ainda atormentado por tremores, e balança a cabeça. Ele assente, levantando-se em toda a sua altura e juntando-se ao nosso grupo enquanto nos aproximamos da grade. "Alguém tem alguma ideia do que a visão significava?"
"Mae frequentemente fica confusa e perdida", diz Zale. "Não sei se a visão era totalmente precisa."
"Ela falou claramente, mesmo que a mensagem não tenha sido", respondo, controlando meus nervos. A última vez que recebi uma profecia, isso me levou a... sendo acorrentado e arrancado dos meus dragões. "No entanto, temos

assuntos mais urgentes do que visões de deuses adormecidos."
Tento tirar isso da cabeça, tento mesmo.
Mas a sombra que me segue como uma nuvem escura no horizonte há semanas fica mais escura, e estou preocupado que a chuva comece a cair em breve.

Capítulo

CINQUENTA E SEIS

Elowen

EU DESCANSAR MINHAS MÃOS NO corrimão, olhando na direção de onde Mae me disse para investigar. Não consigo ver daqui, mas quando penso na densa floresta ao pé das montanhas, sinto um aperto nas costelas novamente. Eu deveria estar me preparando para o baile, mas toda vez que tento direcionar meus passos para baixo do convés, algo me traz de volta para cá.

Mal dormi e passei a noite deitado de lado, olhando pela janela da nossa cabana. A voz de Mae ecoou em meu crânio até altas horas da madrugada. Informamos Saskia, Ryder e Zarius sobre a profecia quando retornamos, mas o único que acredita em profecias é Zarius. Ele parecia inquieto, mas não tinha teorias sobre o que aquilo poderia significar.
Uma profecia foi o que alterou o curso da minha vida. Nasci para governar Imirath e fui derrotado diante do trono. Meu sangue se infiltrou nas pedras do castelo, e vivo dentro de suas muralhas, de suas fendas, de seus alicerces. Minha presença pulsa como um coração invisível enterrado tão fundo que a pulsação deixa meu pai louco, sabendo que um dia virei para tomar o que é meu.
Algumas profecias demoram anos para se cumprir. Outras são tão vagas que ninguém sabe se realmente se cumpriram ou se ainda aguardam o destino para cumprir as mensagens dadas aos videntes. Os dragões voam na direção que estou olhando, mas sempre alteram seu curso para retornar a mim, e eu me pergunto se eles... Sinto algo também. Algo paira lá fora, e é como se eu estivesse nadando em águas escuras, incapaz de enxergar as profundezas escuras habitadas por monstros, esperando para me arrastar para o fundo.
"Mostre o caminho, princesa", diz Cayden, caminhando até mim e apoiando o quadril no corrimão.
"O quê?", pergunto, dissipando a névoa que envolve meu cérebro.
"Está claro que você precisa ver o que está lá fora, e você não vai sem mim." Ele aponta para os dragões. "Eu também não consigo subir em um deles sem morrer, então tome sua decisão."
Mordo o lábio. "Quanto tempo temos antes do baile?" O dia foi passado discutindo possíveis planos de batalha com Zale e Zarius, e o sol já está se pondo.
Ele pega o relógio de bolso, fazendo as contas rapidamente de cabeça. "Se levarmos em conta as várias horas que você vai precisar para se vestir, não é o suficiente."
Reviro os olhos. "Descontando as várias horas que você vai passar praticando seu olhar no espelho, fica ótimo."
Ele o guarda de volta no bolso. "Temos uma hora."
Concordo com a cabeça. "Os dragões estão inquietos, então me dê um tempo para acalmar Basilius antes de continuar."
Calithea pode tê-lo carregado nas costas enquanto ele estava inconsciente, mas não creio que o aceitaria tão de bom grado enquanto estivesse consciente. Os dragões conseguem sentir minhas emoções e provavelmente sabiam o quão desesperada eu estava para tirá-lo de lá. Todos os dragões o adoram, provavelmente porque ele providencia para que suas carnes favoritas sejam trazidas e constantemente lhes dá doces escondidos, mas não quero arriscar a ira deles se ele tentar montá-los, mesmo comigo na sela. Começo a cantarolar a melodia suave que os acalma quando acordam de pesadelos e pressiono minha testa na de Basilius enquanto suas garras afundam no porto e ele se encolhe até a minha altura.
Todos os dragões são grandes, mas Basilius é enorme.
Cayden observa enquanto continuo cantarolando e passo os dedos por suas escamas enquanto me movo ao longo de seu corpo e subo na sela. Ele se eriça

embaixo de mim, rosnando baixinho quando Cayden pisa. em sua asa, mas pressiono minha mão em seu pescoço e continuo a melodia, gesticulando para Cayden avançar com a outra.
Assim que se acomoda atrás de mim, com os braços em volta do meu tronco, Basilius atravessa as ondas baixas e chuta a areia, batendo suas asas lilás para nos levar sobre o portão do porto e para o céu. O povo de Galakin para nas ruas enquanto os dragões voam acima deles, projetando as sombras de suas asas sobre a cidade. Alguns os olham com admiração e admiração, enquanto outros correm para se abrigar. Para aqueles que adoram o fogo, os dragões devem parecer deuses.
Os prédios dão lugar a palmeiras, e Basilius vira à direita quando avisto o rio que separa Zario de Zraka. As margens são ladeadas por rochas desbotadas pelo sol, onde cobras de cores vibrantes tomam sol. Estremeço. Cobras sempre me incomodaram. Sorin ultrapassa Basilius, seguido por Venatrix e Delmira, que passam zunindo, mas Calithea permanece e cutuca Basilius com o focinho, fazendo-o cantarolar alegremente.
A floresta se abre para uma clareira e um lago cristalino me chama a atenção, assim como os peixes-fita que nadam lá dentro, com suas longas caudas balançando atrás deles em tons de roxo, rosa e amarelo. Eles são lindos, mas, como a maioria das criaturas de cores vibrantes, extremamente venenosos. Duas construções de pedra erguem-se de cada lado do lago, conectadas por uma ponte de ferro forjado que brilha à luz do sol. À medida que nos aproximamos, percebo que são templos. Um tem uma lua crescente no topo e o outro, uma estrela.
Deve ser um local de adoração aos deuses que nos abençoaram.
O templo da lua fica à esquerda, esculpido em pedra tão negra que deve ser pura obsidiana, e à direita, um templo branco com veios azuis. Percebo *que me lembram nossos tronos* . Obsidiana e pedra da lua. Basilius pousa na praia, e os peixes mergulham nas profundezas. A floresta é úmida e o próprio ar é pegajoso. Agarro meus cachos enquanto deslizo para longe de Basilius, abanando a nuca antes de soltá-los.
"Vamos dar uma olhada lá primeiro", digo, gesticulando para o templo de obsidiana do qual Cayden não tira o olhar. Crânios estão esculpidos na base dos pilares que o revestem, e as fases da lua... estão expostos acima da entrada, lembrando-me da tatuagem que ele tem nas costelas. Eu não o consideraria em ruínas, mas trepadeiras se espalham pelo local esquecido, sobre pilares caídos e pedaços do teto que desabaram.
Subimos os degraus escuros como uma noite sem estrelas, desviando do musgo e das ervas daninhas que espreitam pelas frestas. O interior está completamente vazio, exceto pelo altar feito da mesma pedra negra e por uma poça seca no centro. Cayden desembainha a espada, embora pareça que nenhuma alma esteve ali há séculos, e gira lentamente em círculos enquanto se aproxima do altar. Ele passa a mão sobre a laje, limpando a poeira, a sujeira e as folhas de palmeira amareladas. Uma leve pulsação é absorvida pelas minhas sandálias, e os cabelos da minha nuca se arrepiam enquanto Cayden lê as palavras gravadas no altar.
"Ninguém pode escapar da escuridão, ela nos aguarda a todos", diz ele. "Traduzi do ravariano, então pode não ser exato."
O templo geme como se ganhasse vida com a voz de Cayden, e ele corre em

minha direção, pressionando uma das mãos nas minhas costas e mantendo a lâmina estendida à minha frente. Meu queixo se ergue bruscamente com o movimento repentino, e a água começa a cair em cascata do topo dos pilares que ainda restam. Parte dela se arqueia sobre nossas cabeças e cai na poça rasa que se estende por todo o chão. Cayden abaixa a arma quando uma rajada de vento atravessa os arcos abertos e salpica nossa pele com gotas.
É incrível.
Ele me olha enquanto levanto minha saia lilás e entro na piscina, encontrando meu equilíbrio na água até os joelhos antes de soltá-la. As finas correntes douradas penduradas no topo do meu biquíni se movem contra minha barriga conforme avanço. Os olhos escuros de Cayden acompanham meus movimentos, mas ele está inquietantemente imóvel enquanto sua pulsação martela em seu pescoço. Poder irradia dele enquanto sombras se agitam como cobras se enrolando nos cantos. As marcas em minhas mãos e braços pulsam em sincronia com meu batimento cardíaco quando ele entra na piscina e caminha lentamente em minha direção.
“Sinto como se tivesse visto isso em um sonho”, diz ele.
"Não pensei que você tivesse sonhado." Circulo uma das cachoeiras. "Você costuma ficar inquieto à noite."
"Não com frequência." Sua voz é grave e áspera. "Mas sempre que sim, você está sempre neles." A água de obsidiana ondula ao nosso redor, mas não consigo dizer se é por causa de Cayden ou da água que continua jorrando. Ele pode achar que não tem poderes mágicos, mas acreditou em mim quando ninguém acreditava, nem mesmo eu, e esta sou eu retribuindo o favor. "Acho que sonhei com você antes de nos conhecermos. Nunca vi seu rosto, mas sabia que era você."
"Como você sabia?"
"A paz que eu senti." Ele me segura antes que eu possa me esconder atrás de outra queda e me aperta contra seu peito. Seus olhos estão quase negros e sua pele está febrilmente quente. Deslizo minhas mãos por sua camisa e enrolo meu dedo na corrente de seu colar de ponta de flecha. "Só senti paz na sua presença."
"É paz o que você está sentindo agora?", pergunto. Ele envolve a minha nuca com a mão, e minhas marcas formigam quando ele roça os lábios nos meus. "Eu sei que a magia dentro do templo está te afetando. Eu sei que você consegue senti-la."
"Posso garantir que os deuses são a última coisa em que penso agora, e o que estou sentindo não tem nada a ver com eles." Balanço a cabeça, mas ele usa a outra mão para agarrar meu queixo e interromper meus movimentos. "Só você pode me fazer ajoelhar em adoração, Elowen Veles."
Estremeço, mas não tem nada a ver com outra brisa salpicando minha pele com mais gotas, e sim com a intensidade implacável que Cayden possui. A atração por ele é tão forte que chega a ser dolorosa, mas ele não me solta desse aperto imobilizador.
"Para o próximo?" ele pergunta, embora a água não tenha parado de fluir.
“Só se você quiser ir embora.”
Ele dá um passo para trás e entrelaça nossos dedos para me ajudar a sair da piscina, mas a distância entre nós não diminui a atração que sinto por ele. A

bainha encharcada da minha saia gruda nas minhas pernas enquanto cruzamos a ponte em arco, e a cada passo que aumenta a atração pelo templo de pedra da lua dedicado à Deusa das Chamas, da Vida e das Estrelas, meus sentidos são atraídos em duas direções diferentes.
"Você acha que eles formaram uma aliança porque compartilham a noite?", pergunto.
“Parece possível.”
“Você nunca leu nada sobre o relacionamento entre eles?”
"Não", ele responde com um leve aceno de cabeça, chamando minha atenção para a cicatriz vermelha em sua bochecha. "Acho que não foi transcrito em lugar nenhum. Deuses não podem se apaixonar, então, mesmo que tivessem um relacionamento, seria proibido."
Viver para a eternidade parece mais um castigo do que uma bênção se você tiver que fazê-lo sozinho. Prefiro viver uma vida mortal com o coração cheio do que passar eras vagando pela Terra, ficando insensível ao que me cerca e perdendo minha humanidade. Os dragões gritam quando calço uma sandália no primeiro degrau do templo, e um arrepio percorre minha espinha.
Semelhante ao templo dedicado ao Deus da Morte, da Água e da Lua, a Deusa das Chamas, da Vida e das Estrelas tem um altar, mas em vez de uma piscina, é um espaço vazio. Solto a mão de Cayden, e veias azuis dançam pelo chão enquanto caminho em direção à laje de pedra da lua, contornando um pilar caído e limpando as folhas de palmeira e a poeira da superfície. O suor cobre minhas mãos e leio as palavras em voz alta.
“Suportar o fogo é caminhar dentro das chamas e não temer queimar”, traduzo o Ravariano em voz alta.
O templo ressoa, como um grande fogo crepitante tomando conta de uma floresta enquanto toras se partem em brasas. Duas fileiras de chamas azul-claras avançam e se curvam ao redor do perímetro do templo, enquanto três no centro esculpem círculos no chão, criando o símbolo da chama tripla associado à deusa.
É o fogo estelar. Talvez seja por isso que me senti atraído aqui, por este elemento. Lembro-me do homem de quem comprei o perfume me dizendo que o fogo estelar em sua forma mais pura não existe mais em Ravaryn, mas ainda existe, e foi despertado pela minha presença. Meus dragões fervilham acima das ruínas, atirando fogo de dragão no centro de seu círculo, envolvendo-me em chamas tão vibrantes quanto suas escamas enquanto dou a volta no altar, submergindo-me nas chamas cintilantes listradas de prata.
Ela me alcança, mas não queima ao tocar minha pele e começa a subir pelos meus braços. O fogo estelar ao meu redor cresce até que as chamas ficam tão altas quanto os pilares e se misturam às dos dragões.
Eu entendo.
O fogo pode ser caos, mas também pode ser paz. Calor é algo que todos os humanos buscam, mas, assim como o amor, em excesso pode ser mortal. Deve haver sempre equilíbrio nos elementos e equilíbrio na maneira como você os observa.
Sento-me no centro, observando o arco de fogo acima da minha cabeça e disparando ao meu redor como vaga-lumes. O fogo se abre brevemente para deixar Cayden entrar, a única pessoa que nunca olhou para o meu poder com

medo. Ele caminha através das chamas para me alcançar, muito mais confiante do que qualquer um deveria estar ao atravessar algo que poderia matá-lo. Ele cai de joelhos enquanto a tempestade azul se alastra ao nosso redor e segura meu rosto, passando os polegares pelas minhas bochechas enquanto seu peito arfa.
“Meu amor”, ele murmura um segundo antes de pressionar seus lábios nos meus. O beijo é febril, dominador e gentil ao mesmo tempo. O poder que comecei a sentir no templo do Deus da Morte se intensifica, e eu agarro os ombros de Cayden. Eu não sabia que um amor tão poderoso podia ser delicado até conhecê-lo. Ele me deita no chão frio de pedra em meio às chamas e puxa minha saia para cima das minhas pernas. Se eu achava seu olhar sombrio antes, não é nada comparado a como ele está agora. Ele puxa meus quadris do chão e mergulha a cabeça entre minhas coxas. Meus lábios se abrem em uma prece, como se o templo fosse dedicado a ele.
O fogo estelar percorre minhas veias enquanto ele atinge o ápice do meu prazer, murmurando sua devoção contra minha pele.
Envolvo minhas pernas em volta da cintura dele assim que ele me coloca no chão, precisando dele mais perto. Ele prende meus braços de cada lado, e o calor se move para se adaptar à sua pegada. Seus quadris se esfregam nos meus, e eu gemo em sua boca.
"Você é mais radiante do que qualquer deusa que já existiu", ele sussurra contra meu pescoço, passando a língua pelos seios inchados, unidos pela blusa. "Estou convencido de que não existe uma Deusa da Beleza, porque sua existência a envergonharia."
Eu me arqueio contra ele enquanto ele se abaixa para desamarrar as calças e esfrega o pau contra meu centro úmido. O fogo que me invade fica mais forte, mais quente, mais caótico conforme ele me penetra. Seguro uma mão em seu ombro e a outra no cabo de sua espada, ainda apoiada em suas costas, enquanto ele me penetra. Nada jamais foi mais perfeito do que estar com ele. O poder pulsando dentro dos meus ossos chama o dele enquanto ele olha nos meus olhos e pressiona nossas testas. Cayden pode não entender, mas eu entendo. Eu o vejo. Ele cobre meus lábios com os seus novamente e não para até que o fogo se apague e as estrelas salpiquem o céu.

Capítulo

CINQUENTA E SETE

Elowen

UM OUTRO CONJUNTO DE CONVIDADOS DESCE Os degraus que levam ao pátio são feitos de mosaicos vermelhos e brancos. Lanternas combinando estão penduradas na festa, lançando um brilho acolhedor sobre todos os presentes, cintilando os vestidos e as taças de cristal cheias de vinho e rum. Zarius parece tão entediado quanto nós, sentado à base da árvore em que me encosto enquanto bebo sua quarta dose de rum. Saskia

torce o nariz, enojada.
"Deveríamos dançar?", pergunta Ryder.
"Obrigado pela oferta, mas vou recusar", responde Cayden, arrancando uma risada de Finnian.
Ryder o encara. "Eu não quis dizer com você."
Cayden toma outro gole de rum. "Como vou sobreviver?"
Os governantes de Galakin devem se juntar a nós em breve; eles estão em oração há quase dez horas para homenagear cada um dos dez deuses e o solstício de inverno. Estátuas dedicadas a cada deus estão espalhadas pelo jardim impecavelmente cuidado. Uma mulher sem rosto com um bebê mamando em seu peito é dedicada à Deusa do Casamento, do Amor e da Fertilidade. À sua direita está outra mulher sem rosto, mas de joelhos, com a cabeça baixa e coberta por um véu: a Deusa da Dor e da Tristeza. À sua esquerda está uma terceira mulher com fios entrelaçados nos dedos: a Deusa das Almas, da Misericórdia e do Destino.
"Vem comigo?", pergunto a Cayden, que assente em resposta. O baile nem começou e eu já preciso de uma pausa da quantidade de olhares que me observam.
Puxo minhas saias com força e caminho em direção ao caminho ladeado por tochas para observar mais de perto a obra de arte. Cayden segue silenciosamente ao meu lado, com a mão pressionando minhas costas enquanto examina a vegetação densa em busca de qualquer sinal de ameaça. Flores laranja e vermelhas envolvem o tronco de uma grande árvore atrás de duas estátuas claramente dedicadas ao Deus da Guerra e da Estratégia, dadas as espadas desembainhadas e o elmo que obscurecem seu rosto, e ao Deus da Ilusão, da Mente e da Memória, que parece mudar de cor dependendo da iluminação.
Passamos por uma ponte que se arqueia sobre um pequeno rio e leva a um pátio em forma de semicírculo com os cinco deuses restantes, todos ainda sem rosto. Primeiro, a Deusa do Ar e das Tempestades, com as mãos erguidas e raios saindo das palmas; em seguida, o Deus da Terra e da Colheita, com raízes crescendo ao longo das pernas e braços; e, por último, o Deus do Sol e da Luz, com a maioria das oferendas a seus pés. Uma coroa de ouro repousa sobre sua cabeça e uma chama arde em cada mão, uma homenagem à sua habilidade de manejar tanto o fogo terrestre quanto o solar.
"Você está olhando para a estátua como se quisesse assassiná-la", diz Cayden, desviando meu olhar para ele. "Eu realmente prefiro não sentir ciúmes de uma laje de pedra, sirantia."
Eu rio baixinho e afasto seu toque enquanto caminhamos até a parte da alcova com a vista mais clara do mar. Depois que Asena revelou que o Deus do Sol tentou acorrentar dragões como meu pai fez, eu sempre o odiarei, real ou não. O vento carrega o aroma de jasmim noturno, íris e estrelas-do-mar que crescem na base dos dois deuses que presidiam a noite. O rio serpenteia pelo chão musgoso e se mistura lindamente com a música que continua a tocar.
Aproximo-me do casal, sentindo-me atraído por eles, sabendo que supostamente abençoaram Cayden e a mim. A Deusa das Chamas, da Vida e das Estrelas tem três fogos queimando acima de sua cabeça, seus cabelos se espalham até o meio das coxas e, em suas palmas, repousam duas estrelas. Dragões gêmeos se

enrolam em volta dos seus braços e empoleirados em seus ombros. Ao lado dela está o Deus da Água, da Morte e da Lua. As cinco fases da lua estão esculpidas acima de sua cabeça e dois crânios repousam em suas palmas. Suponho que este local tenha sido escolhido para ele devido à proximidade tanto do rio quanto do oceano.
As marcas nos meus braços brilham enquanto estico o pescoço e estendo a mão para percorrer a pedra com os dedos. É lisa e fria, apesar do calor do reino. O feriado teria sido tão diferente se estivéssemos em casa. Sempre o associei a árvores enfeitadas com fitas, assados fresquinhos acompanhados de chocolate quente e a sentar em frente à lareira enquanto observava a neve cair, mas está quente demais para sequer pensar nessas coisas aqui. O povo de Galakin pode realizar suas festividades na praia, se quiser.
Passos ecoam no chão, e eu pego a adaga sob minhas saias enquanto Cayden se aproxima de mim, sua espada já desembainhada.
"Segure a carga", Saskia bufa ao atravessar a ponte e ver nossas armas. "Não posso passar mais um minuto com os outros se nenhum de vocês estiver presente. Não tenho ninguém para olhar quando eles dizem alguma besteira." Eu rio enquanto passo meu braço pelo dela e a levo de volta para a festa. "Vamos encontrar algo para comer antes que a realeza chegue e a política precise ser resolvida."
Minha ansiedade quase me roubou o apetite, mas não quero que ela se aventure sozinha. Podemos estar nos aliando a Galakin, mas precisamos permanecer vigilantes. Nossos trajes ondulam em nosso rastro enquanto nos juntamos à festa e atravessamos a multidão. Saskia está vestida com um elegante vestido azul que cai em cascata sobre um ombro, e painéis de tecido transparente pontilhados de diamantes fluem atrás dela. Estou usando uma cor semelhante, mas meu corpete e punhos são feitos inteiramente de pérolas com fios finos que se prendem ao redor do meu pescoço e sobre meus ombros. O tecido cai do meu corpete até meus pulsos, fluindo tão suavemente quanto minha saia, e combina com minha coroa de dragão de safira e pedra da lua.
Finnian nos alcança, passando o braço pelo meu braço livre e nos acompanhando até a mesa cheia de frutas vibrantes, pães achatados, e se espalha. Um criado enche um prato de cristal com uma variedade de delícias tropicais, e eu quase gemo ao experimentar uma verde de aparência estranha que me disseram ser um kiwi.
"Eu poderia repensar a proposta de casamento de Cordelia se isso significasse que eu sempre poderia ter essa fruta", eu disse depois de engolir.
"Por favor, não fale isso mais alto. Eu realmente preferiria não ter que lutar para escapar de outro golpe", murmura Saskia, olhando na direção de Cayden para se certificar de que ele não ouviu.
"Calma, Sas. Um pouco de violência deixa a noite interessante." Eu rio quando ela geme.
"Com quem estamos lutando?", pergunta Finnian enquanto se junta a nós, enfiando uma fatia de manga na boca.
"Ninguém no momento, mas a noite ainda é uma criança", respondo, liderando-nos de volta ao grupo. "Muitas oportunidades para um de nós irritar alguém."
Liras e instrumentos de corda alertam os convidados sobre a chegada iminente

da família real, e todos se aglomeram na base da grande escadaria, em antecipação. Nós fazemos o oposto, nos afastando da multidão e nos juntando ao nosso grupo. Cayden rouba minhas uvas, e eu o encaro enquanto ele as joga na boca, me puxando para mais perto para beijar a lateral da minha cabeça.
"O que você pediu?", Zarius pergunta a Saskia, sorrindo ironicamente para o copo quando ela se irrita.
“Nada que lhe interesse, considerando que não vem em forma líquida e não é servido em taverna.”
"Isso não é verdade", ele responde. "Você pode fazer suco de frutas."
Ela zomba e se move para o lado oposto do nosso grupo enquanto eu arqueio as sobrancelhas. Cayden balança a cabeça. "Não é problema nosso. Não é da nossa conta."
"Saskia é da minha conta", digo, mordendo outro kiwi antes que Cayden decida que quer roubá-lo também. "E é tão intrigante."
“Não seja tão dramático.”
Estreito os olhos. "Você acha que eu sou dramática?"
“O sol nasce ao amanhecer?”
Uma trombeta toca e eu lhe ofereço meu dedo médio enquanto me viro.
"A Casa Ilaria gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer por sua presença no baile real em comemoração ao solstício de inverno", anuncia um escudeiro antes que mais quatro trombetas soem. "O Rei Erix, a Rainha Cordélia e o Príncipe Herdeiro Zale estão acompanhados por toda a sua casa, além do Rei Lícidas e da Rainha Nasha de Feynadra, irmã da nossa querida rainha."
Erix, Cordelia e Zale aparecem primeiro, todos em trajes elaborados e incrustados de joias que refletem as cores de um pôr do sol. Serpentes marinhas feitas de chamas deslizam pelo céu como estrelas cadentes enquanto caminham. Os vários príncipes e princesas os seguem, e então Nasha, de braço dado com seu rei. Ela cruza meu olhar na multidão e sutilmente abaixa o queixo em reconhecimento.
Cayden coloca meu prato em um galho baixo, e eu seguro seu braço para que possamos cumprimentar a realeza juntos. O sorriso de Zale se alarga ao nos ver, mas seu olhar passa brevemente por nossas cabeças. Viro-me para ver o que ele encontrou e percebo que ele está olhando para um finlandês desavisado enquanto conversa com Ryder. Quando me viro novamente para Zale, seu olhar está em outro lugar.
"Rei Cayden e Rainha Elowen", diz Erix enquanto seu povo se separa e ele se aproxima de nós. "Eu redigi um tratado para vocês dois assinarem, bem como um separado para o Príncipe Zarius. Então, anunciarei publicamente nossa aliança àqueles reunidos para celebrar a noite mais longa do ano."
"Acredito que agradará aos deuses", diz Cordelia, com um tom muito mais cordial do que da última vez que conversamos. Sua boca está firme, mas o veneno já não permeia seus olhos. "Jamais negarei que esperava que você se casasse com alguém da minha família, mas os deuses tinham um plano diferente para você. Como sabe, guardei culpa pelo que aconteceu em Imirath depois que meu vidente anunciou sua profecia, e ajudar você a destroná-lo é como gostaria de oferecer minhas desculpas, caso considere nossos termos aceitáveis."
“O pedido de desculpas pelas ações do meu pai não é necessário”, respondo.

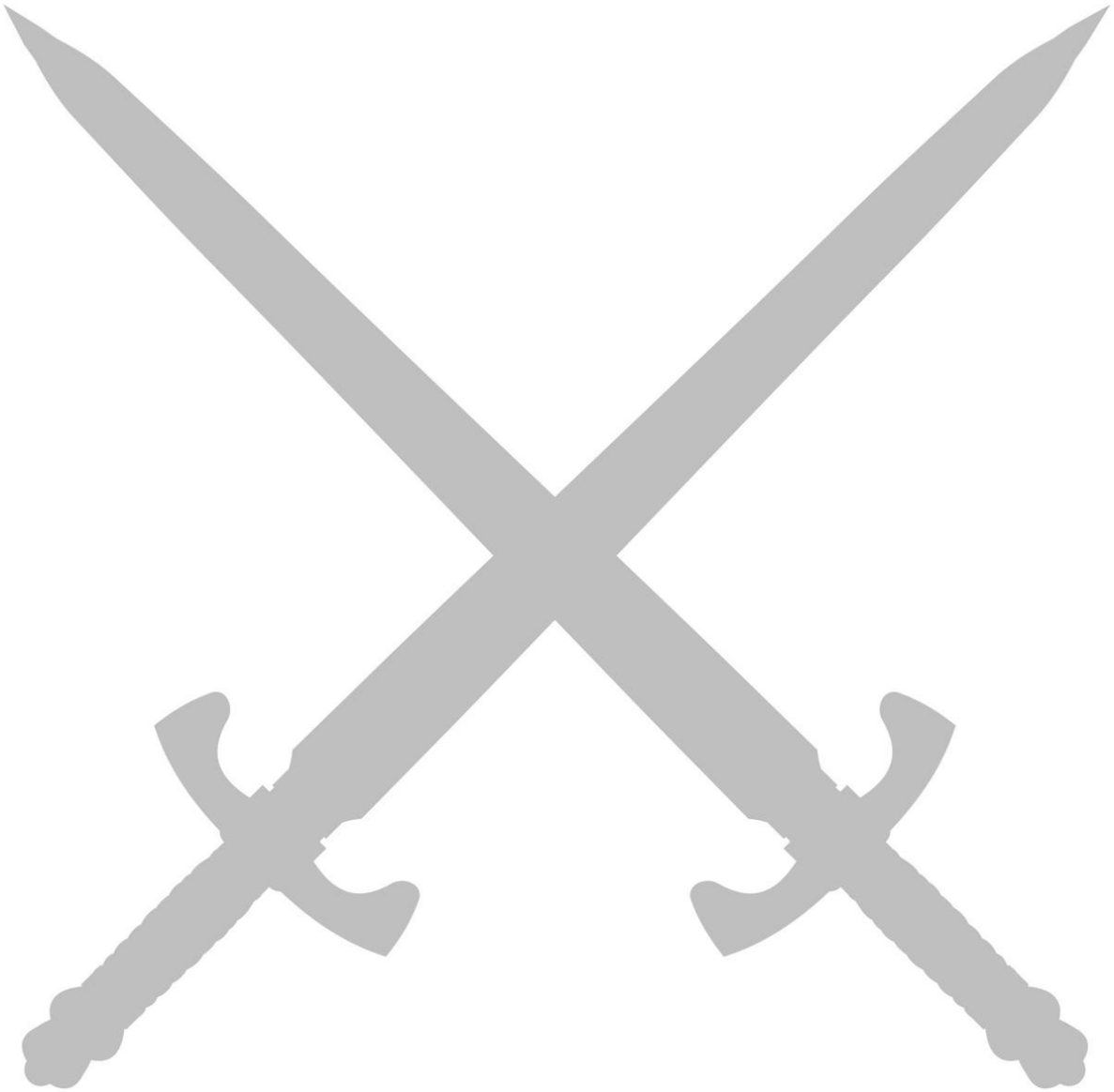
Ela acena com a cabeça enquanto acena para um servo e nos apresenta dois pedaços de pergaminho dobrados. "Você pode levá-los para dentro se preferir um lugar tranquilo para ler."
"Você terá sua resposta em breve", responde Cayden antes de me acompanhar de volta ao nosso grupo e deixar o tratado de Zarius cair em seu colo. "Você está sóbrio o suficiente para ler isso?"
"Ah, estou ótimo", responde Zarius, rasgando-o e se levantando aos tropeços para poder lê-lo ao lado de Sor Rhys, que permaneceu em silêncio durante toda a reunião. Não consigo imaginar como me sentiria se estivesse no lugar dele e fazendo as pazes com Imirath, então não me surpreende que ele tenha recorrido ao que suponho ser seu remédio favorito: rum. Os dois começam a resmungar baixinho enquanto eu me aconchego nos braços de Cayden, pressionando minhas costas contra seu peito para que possamos ler o tratado juntos.
"É uma lista básica de mercadorias e um cronograma provisório. Algumas das tarifas são um pouco mais altas do que eu gostaria, mas considerando que estamos recebendo mil navios, eu diria que está tudo bem", ele supõe.
"Mil?", pergunto. "Achei que o Zale tinha concordado com oitocentos."
"Sim, mas o rei não sabia", responde ele. "Zarius, assine o seu."
“Ainda não terminei de ler”, responde Zarius, tenso.
"Eu não me importo. Você está conquistando um trono com isso, e afastar suas naves da fronteira de Galakin fortalece o compromisso delas conosco."
Zarius abre a boca para falar, mas Saskia o interrompe. "Você não tem nada a nos oferecer além do seu nome, então assine."
Suas piscadas lentas estão claramente sobrecarregadas pelo excesso de álcool, mas ele cerra os dentes. "Vamos acabar logo com isso."
Ele rabisca seu nome embaixo e nos segue, Cayden e eu, pela borda da pista de dança, onde os foliões dançam ao som de uma melodia criada por cítaras, tanpuras e bansuris. Os dançarinos batem palmas e tilintam as joias nos braços enquanto se entrelaçam.
“ATAQUE!” Um mensageiro do palácio corre para o topo dos degraus que a realeza acabou de descer, e os dançarinos param desajeitadamente enquanto A música para. "Thirwen usou magia para passar furtivamente por nossas proteções e está atacando Zario!"
"Porra", Zarius rosna baixinho, esfregando as mãos no rosto e batendo nas bochechas.
"Fique no castelo, principezinho", ordeno. "Você não nos serve de nada morto, e não pode lutar uma batalha depois de ter bebido tanto."
“Você ficaria surpreso com o quanto eu sobrevivi embriagado.”
"Tenho certeza de que é uma história revigorante que você terá que guardar para outro dia", diz Cayden. "El tem razão."
Os dragões rugem acima, sentindo o inimigo à distância enquanto meus músculos se tensionam, preparando-me para a batalha a quilômetros de distância, em uma cidade pela qual passamos há poucos dias. Era tão cheia de vida e agora será atormentada pela morte. Cayden cruza o olhar com Erix através da multidão e ergue os dois tratados assinados.
Erix ergue a voz acima da multidão. "O Reino do Dragão luta conosco! Enfrentamos o inimigo como um só!" Aplausos e pedidos de sangue ecoam,

embora eu duvide que muitas pessoas aqui corram para a batalha. Todos são da nobreza e provavelmente enviarão soldados para lutar em seu lugar. "Os deuses concederam seu favor a Vareveth, e eles estão do nosso lado nesta batalha e nas que virão. Pela glória e por Galakin!"
Cayden entrega os tratados a um servo e pega minha mão, me levando de volta aos outros para que possamos trocar de roupa e vestir armas extras. Cerro os dentes, lembrando-me de como a última batalha terminou mal, e me forço a seguir em frente. Se Nykeem estiver aqui, arrancarei a carne dos ossos dele, e nenhum veneno me deterá.

Capítulo

CINQUENTA E OITO

Cayden



A CHUVA RESPINGA NOS PRÉDIOS BRANCOS e pinga entre as pedras da rua. A fumaça paira pesada no ar, tão densa que dá para sentir o gosto na garganta. Continuo avançando, mantendo a mão firme nas rédeas do cavalo emprestado dos estábulos reais. Rapidamente, desembainho

uma faca da coxa e a jogo, observando-a perfurar as costas de um soldado Thirwen que persegue um homem carregando seu filho em direção a Zraka, onde encontrarão refúgio.
Cadáveres se alinham nas ruas — homens, mulheres e crianças — à medida que nos aproximamos da praia. Catapultas atiram pedras em chamas na cidade, destruindo os prédios e esmagando aqueles que fogem para salvar suas vidas. Calithea ruge acima de nós enquanto prende suas garras a um dragão, empurrando-o para baixo de si enquanto o banha em chamas prateadas. Já vi magia empunhada e conheci vários guerreiros lendários, mas nunca vi nada tão poderoso quanto Elowen montando uma fera que colocaria de joelhos até a pessoa mais corajosa que existe.
"Qual é o plano?", pergunta Ryder enquanto chegamos ao topo da colina que leva à vasta praia, e pragueja ao contemplar a paisagem. Navios até onde a vista alcança, areia encharcada de sangue, e mais soldados Thirwen se espalhando pela praia enquanto descem dos barcos a remo.
“Mate o máximo que puder e tente não morrer.”
O desejo selvagem de matar e o instinto de sobreviver me inundam, aguçando meus sentidos para cada espada ao meu redor, ensanguentada e embainhado. Lidero o ataque dos Vareveth pela duna, e o aço chia no ar enquanto travo minha lâmina com um inimigo que se aproxima, desembainhando outra faca para cortar sua garganta sob o capacete. Sangue jorra da fenda, espirrando em meu rosto e escorrendo pelo meu queixo enquanto avanço.
O oceano se divide em dois quando Calithea lança uma linha na superfície, engolindo vários barcos a remo enquanto Elowen está sentado sobre ela. Uma explosão sacode o chão, e eu jogo o braço sobre os olhos para manter a areia longe do meu olhar antes de desembainhar uma segunda espada. Balanço as duas, sem olhar enquanto os corpos atingem o chão. Para onde quer que eu me vire, há outro inimigo avançando, mas eles subestimam o quanto eu gosto disso. Eu nasci para a batalha e o derramamento de sangue. Sangue cobre minhas roupas e pele até que eu pareça o monstro que este mundo me transformou.
Uma saraivada de flechas derruba meu cavalo, e eu salto de suas costas antes que a fera esmague minha perna, levantando-me rapidamente enquanto enfio minha espada na barriga de alguém. Empurro-o para trás com a bota para enfrentar o próximo.
"O rei bastardo", ele sibila por entre os dentes ensanguentados enquanto nossas lâminas se chocam contra o meu rosto. A maré bate contra minhas botas enquanto as ondas quebram na areia. Mexer com a mente do oponente é metade da diversão da batalha, então coloco a língua para fora, deslizando-a pelos meus lábios ensanguentados em vez de cuspir o sangue.
Levanto uma sobrancelha, sem me impressionar, para *o soldado irrelevante.* Tanto sangue foi derramado que borbulha na superfície da maré e da praia. Ele tropeça em um cadáver flutuando de bruços quando dá um passo para trás e desembainha uma segunda lâmina para igualar a minha, mas ela treme em sua mão. Certa vez, meu pai me entregou uma pedra depois que perdi uma luta e me deu a opção de quebrar minha mão direita eu mesmo ou deixar que ele quebrasse. Esmaguei meus próprios dedos naquela noite até que ficassem tortos e nodosos. Ele queria que eu fosse igualmente letal com ambos, e está claro que

este soldado não tinha o mesmo treinamento que eu.
Ele solta um grito de guerra desnecessário, e eu tiro a espada da sua mão fraca, usando a mesma lâmina para bloquear a outra enquanto enfio a minha na sua boca.
"Espero que na sua próxima vida você me ofereça um desafio maior." O sangue borbulha em sua garganta enquanto eu puxo minha lâmina, deixando seu corpo sangrar e balançar nas pequenas ondas.
Olho para o céu, observando Calithea se virar de cabeça para baixo e arrastar as garras pela barriga de um dragão. Não o mata, mas há muitos mais do que da última vez. Mordo a parte interna da bochecha, incapaz de desviar o olhar. Eles a cercam, e embora os dragões sejam formidáveis, meu coração quase para ao ver Elowen se abaixar sob uma cauda pontiaguda com pontas venenosas antes de recuar e cortá-la com a espada.
A fera grita, e só então percebo que ela não tem cavaleiro. Nenhum deles tem. Aperto a mão no cabo da minha lâmina e examino os arredores. Para os magos terem as feras sob seu domínio, eles precisam estar por perto, e duvido que se arrisquem a mantê-las nos navios, considerando o cemitério de madeira que Elowen deixou em Porto Celestria.
O dragão ferido voa baixo e, apesar dos ferimentos graves, quem o controla deve estar pressionando a fera até o último suspiro. Seus olhos negros me avistam na praia, onde a maré vermelha continua me batendo. Eu rio baixinho quando ele começa a voar direto para mim. O sangue continua jorrando de seu estômago enquanto ele se aproxima da superfície e retrai suas gengivas negras para expor fileiras de presas.
Eu balanço minhas lâminas e me agacho em uma posição defensiva.
Ele ruge em resposta e estala seus dentes afiados que anseiam por meu sangue.
Minhas lâminas estão firmes, assim como meu pulso, monstro contra monstro, uma luta equilibrada.
Há um clarão prateado acima e arrisco olhar para cima, mas Calithea se afasta com uma sela vazia. Elowen despenca no ar com a espada erguida e a boca aberta em um grito de guerra feroz. Ela atravessa o crânio da serpente enquanto pousa de costas, usando o cabo para se manter firme enquanto o sangue jorra do ferimento, pintando seu belo rosto com listras vermelhas. Sorin corre até ela, sempre o protetor, e golpeia a serpente por baixo dela. Elowen salta enquanto Sorin dispara para frente e a segura em suas costas.
A serpente alada se choca contra as ondas enquanto Elowen se prende a Sorin, e o corpo sem vida flutua em minha direção. El olha por cima do ombro e me manda um beijo enquanto eu embainho uma das minhas lâminas para recuperar sua espada do cadáver da serpente alada. Capto o beijo após extrair a lâmina e pressiono minha mão contra o aço, e não consigo ouvi-la rir daqui, mas consigo senti-la.
Essa é minha esposa.
Forçando minha mente a voltar à batalha, noto uma enseada sombreada ao longe. Um pequeno banco de areia coberto de pedras se projeta na arrebentação, tornando-se o único lugar para me esconder na praia. Começo a lutar para chegar até lá, submergindo em uma névoa vermelha. Chego à curva e gostaria de poder enxugar os olhos, mas minhas mãos estão tão ensanguentadas quanto meu rosto,

e não quero arriscar largar minhas armas.
Aqui é mais silencioso. Consigo distinguir o som de uma respiração irregular enquanto rastejo silenciosamente sobre as rochas. Dois soldados guardam dois magos ajoelhados na água e, embora estejam de costas para mim, imagino que seus olhos sejam tão brancos quanto os de Elowen quando ela faz uma caminhada mental. Desço o penhasco e mergulho minhas botas na água sem ser notada.
Suas almas são minhas para tomar. Seu sangue é meu para derramar.
Eu me movo com a maré, usando-a para esconder meus passos enquanto a areia suga minhas botas. Está quente demais neste maldito reino para armaduras, o que facilita a movimentação. Os olhares dos dois soldados estão fixos no céu enquanto observam Elowen se defender do enxame. Enfio minha espada nas costas do mais próximo de mim, e o golpe o mata instantaneamente. Descarto seu corpo como um pedaço de madeira flutuante e encaro o próximo.
O soldado dispara sua lâmina para a frente, e eu afasto a ponta afiada do meu torso. Ele é mais habilidoso do que os outros que enfrentei na praia, tirando uma faca da cintura e cortando-a no ar. Ele consegue raspar meu bíceps, mas não é profundo o suficiente para precisar de pontos, e uma parte doente de mim deseja que fosse, sabendo que Elowen seria a única a me costurar. Também rasgou a camisa que ela me deu de presente quando disse que eu precisava incorporar mais cor ao meu guarda-roupa. É azul-escuro, mas é o princípio.
"Seu idiota", murmuro.
Ele bate a lâmina na minha, mas eu continuo segurando e uso a segunda para cravar o punho em sua têmpora. Ele tropeça na areia, e eu o empurro para baixo, usando minha bota para mantê-lo preso sob a superfície e observo a vida escapar de seus olhos enquanto ele se debate. Enfio uma das minhas espadas no oceano e pego outra faca da minha coxa, jogando-a na maga mais distante de mim. Ela a perfura bem entre os olhos, e ela cai no cemitério que eu mesma criei, mas não tão graciosamente quanto eu esperava. Seu ombro bate no mago restante, e o azul retorna aos olhos dele enquanto o dragão que o outro devia estar controlando grita.
Enfio minha espada restante na garganta do soldado, prendendo-o para sempre sob a superfície, e me lanço contra o mago enquanto ele tenta alcançar a adaga em sua cintura. A água salgada do mar me atinge enquanto o agarro, arrancando a faca de seus dedos ossudos enquanto envolvo minha mão em seu pescoço e o puxo para cima.
"Você achou que eu não encontraria as pessoas tentando matar minha esposa?"
Ele cospe água no meu rosto, mas mal percebo em meio à tempestade de fogo que me assola. Minha sanidade anda na corda bamba na maioria dos dias, mas olhar para alguém machucando Elowen, tendo-o em minhas mãos, torna minha misericórdia inexistente. "Onde estão seus navios?"
"Foda-se."
Eu o empurro para baixo d'água novamente, mantendo-o preso ali por vários segundos antes de puxá-lo para cima novamente. Ele está engasgando e tossindo, mas eu quero algumas respostas. Pode haver uma infinidade de navios na baía, mas não é o suficiente para dar conta de todos os soldados, e Thirwen não cometeria o mesmo erro de enviar uma frota inteira para a costa sabendo que

Elowen está aqui. Cravo a ponta da faca em sua bochecha. "Você sabe quem eu sou. Posso tornar isso muito desagradável, e vou levar o meu tempo fazendo isso. Antes de morrer, vou fazer você esquecer como é desejar sobreviver. Vou fazer você ansiar pela morte."
Empurro-o para baixo da superfície novamente antes de puxá-lo para cima. "Onde estão seus navios?"
“Bloqueio.” Ele tosse uma golfada de mar.
“Imirath está com eles?”
Ele me lança um sorriso delirante, confirmando minhas suspeitas. "Você nunca mais voltará para o Érebo. Você pode ser abençoado por um deus, mas morrerá neste mar antes mesmo de voltar para casa."
Não tenho medo da morte, pois aprendi a morrer há muito tempo. "Só um dos nossos cadáveres sobrará para alimentar os peixes."
Empurro-o para baixo novamente enquanto seus olhos ficam brancos. Uma fera grita ao longe e, de fato, quando olho por cima do ombro, um corpo de escamas negras vem direto em minha direção. Minha visão fica vermelha e agarro o pescoço do mago, apertando sem parar até que suas veias saltem da testa e seus ossos se quebrem na minha mão.
A fera continua voando em minha direção, apesar do encantamento ter sido rompido com a morte do mago. Roubo o arco de um dos soldados caídos, encaixo duas flechas e mantenho as mãos firmes enquanto miro.
Segure-o.
Ele grita novamente. Está tão perto que consigo distinguir o formato de suas escamas individuais e o sangue que as cobre.
Segurar.
Acalmo minha mente, fixando os olhos no único ponto onde posso atingi-lo e fazer a diferença. Sua mandíbula se abre ainda mais, e quando está perto o suficiente para eu sentir seu hálito fétido, solto as flechas e mergulho para o lado enquanto ele despenca para a frente. Seu grito ferido perfura meus ouvidos, fazendo-os latejar e doer, e me levanto da areia, pegando minhas duas espadas novamente enquanto encaro o dragão. Sangue jorra da órbita ocular que consegui atingir, e eu me abaixo quando ele balança sua cauda com ponta de veneno em minha direção.
Tento controlar a maré enquanto Elowen brandia as chamas, mas ela permanece inerte. Cerro os dentes, aceitando que tudo o que tenho é aço. É tudo o que sempre tive. Nunca precisei dos deuses; nunca precisei de nada. Não sou abençoada pela morte. Eu sou a morte.
"Vamos lá", murmuro enquanto ele rosna. "Vamos lá!"
Ele vira a cabeça para a frente, e eu giro para longe, cortando-lhe o pescoço com uma das minhas espadas. Ele grita novamente, afastando a cabeça de mim antes que eu possa cortar sua garganta novamente, mas eu corto sua asa, adicionando mais sangue para o oceano já vermelho. Ele balança a cauda novamente, e eu sacrifico uma lâmina para enfiá-lo na carne blindada, puxando minha mão para baixo pouco antes do veneno ser injetado no meu pulso.
Num último esforço, ele lança a cabeça para a frente, roçando meu ombro com o canino enquanto enfio minha última lâmina em seu segundo olho. Eu o empurro com força e continuo empurrando até perfurar seu cérebro. O rugido final morre

em seus lábios, e ele se choca contra as ondas enquanto eu caio de joelhos para recuperar o fôlego.

Não costumo sentir pena, mas sinto agora, enquanto olho para a fera. Sei como é estar enjaulado, ser controlado, mas consegui escapar.

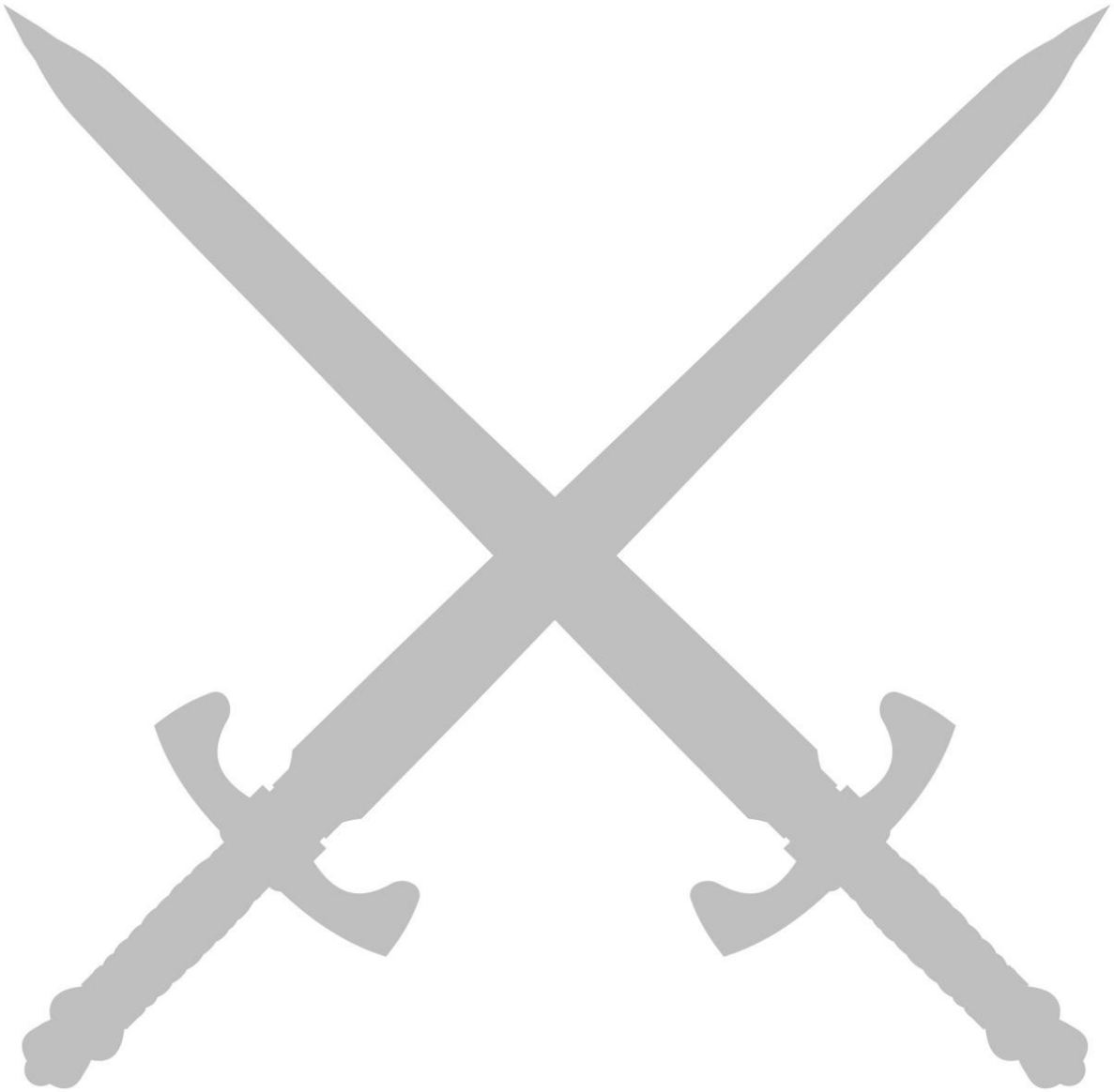
Aperto a mão em seu focinho. Não há vencedores no final de uma batalha, apenas sobreviventes assombrados. Vi Elowen chorando no navio após a primeira batalha, quando teve que matar dragões, e as lembranças a tiraram do sono em mais de uma noite. Ela teve que escolher entre a sobrevivência de seus dragões e a deles, mas os dragões não estão agindo por vontade própria; eles estão sendo controlados.

"Que sua alma atravesse o rio e encontre paz", digo enquanto retiro minhas lâminas. Me posiciono ao lado da fera e cravo minhas botas na areia, empurrando-a para dentro da maré para lhe dar o único enterro que consigo.

Capítulo

CINQUENTA E NOVE

Cayden



EU CAMINHAR POR POÇAS DE SANGUE

Enquanto passo por cima de cadáveres, ouço as pessoas clamando por seus entes queridos. A batalha acabou e, apesar de termos conseguido defender Galakin da invasão, o número de mortos de ambos os lados é

substancial, sem contar os cidadãos nas ruas.
Onde está minha esposa?
Uma sensação de facada me revira o estômago enquanto olho para o céu vazio de dragões. Eles frequentemente circulam por onde Elowen estiver. Minha mente é minha pior inimiga, evocando imagens dela morta ou capturada, e a loucura pulsa dentro de mim. Preparei-me para esta guerra a vida toda, e ainda assim sei que daria tudo por ela. Eu encontraria um jeito de conviver com o ódio que sentia por mim mesma se isso significasse que ela estaria segura.
Giro a cabeça em todas as direções, meu coração batendo tão forte que quase abafa todos os gritos. Não consigo ver seus cachos ou suas manchas coloridas em lugar nenhum. Sempre foi fácil para mim identificá-la. Meu olhar é frequentemente atraído por ela em qualquer cômodo em que ela entra e até a procuro quando ela não está lá. Não importa quantas pessoas nos separem. Fui abençoada com a capacidade de ver apenas para avistá-la; é desperdiçada em qualquer outra coisa.
Puta merda.
Sigo a curva da praia, mantendo o olhar atento. Certa vez, encontrei paz na violência e senti uma sensação de tranquilidade no final batalha. Meus músculos queimariam, e meu corpo estaria cansado demais para ouvir minha mente, mas uma tempestade se alastra dentro de mim e não será acalmada até que eu a veja.
Minha respiração sai de repente. "Elowen!"
Ela não me ouve, falando acaloradamente com Finnian, que esfrega as mãos em seus braços antes de se ajoelhar na areia, virando outro soldado de cabelos escuros com mãos trêmulas. Seus ombros caem ao observar suas feições.
Ah, anjo.
"El!", grito novamente, mais alto desta vez. Finnian me vê primeiro, e mesmo daqui percebo como a tensão abandona seu corpo. Ryder se levanta de onde estava agachado, observando os corpos, e leva a mão ao peito.
Mas é de Elowen que não consigo desviar o olhar quando ela se aproxima de mim. Suas sobrancelhas se franzem e seu rosto se reveste de uma emoção que eu nunca vi antes. É forte demais para ser alívio. Tremores percorrem seu corpo enquanto ela se levanta e começa a correr em minha direção.
Meus joelhos fraquejam sob o peso da sensação de ser amado por alguém como ela, e mesmo assim continuo de pé. Dou um passo à frente como se estivesse em transe, só me libertando quando a pego no colo e esmago seu corpo contra o meu. O coração dela batendo contra o meu é a segurança de que preciso agora, e ainda assim não parece ser o suficiente.
Ela engasga com um soluço enquanto enterra a cabeça no meu pescoço.
"Está tudo bem, meu anjo. Estamos bem." Deslizo as mãos sobre o corpo dela para me certificar de que não há feridas.
"Não consegui te encontrar. Ninguém sabia onde você estava." Ela se afasta o suficiente para me olhar e emoldura meu rosto com as mãos enquanto eu a coloco de pé e aplico pressão em sua nuca, massageando-a lentamente para aliviar sua ansiedade.
"Eu sempre encontrarei o caminho de volta para você. Não importa onde você esteja. Nunca duvide disso", digo, pressionando minha testa coberta de sangue na dela enquanto os dragões circulam o ar ao nosso redor. "Não pretendo morrer

em batalha agora que tenho alguém me esperando quando tudo acabar."
Eu passo meu polegar sobre seu lábio inferior uma, duas vezes, e então ela sorri, e sinto que tudo vai ficar bem. Ela permanece perto de mim enquanto Ryder e Finnian se aproximam, pressionando suas costas contra meu peito para encará-los.
"Há rumores de que o rei de Galakin se juntou à batalha e que está ferido", diz Ryder. "Ele ia nos acompanhar até Imirath, mas agora provavelmente será o Príncipe Zale que liderará a força."
“Será mais fácil lidar com Zale”, respondo.
Ryder assente. "Quero voltar ao castelo para ver como está Sas."
"Ela está na fortaleza e tem Sor Rhys para protegê-la", diz Elowen. "Ela ficará mais preocupada com você."
Ryder balança a cabeça. "Não confio nele nem no príncipe."
"Acho que nenhum de nós jamais conseguirá." Entrelaço meus dedos nos de Elowen e começo a guiá-la pela praia. "Mas ele sabe que seria uma sentença de morte se Saskia morresse sob sua proteção, e se algo lhe acontecer, Zarius não recuperará seu trono. Ele ganhará uma pira."
Finnian mergulha as mãos no oceano para limpar o sangue antes de nos seguir. "Havia algum soldado Imirath aqui? Eu só reconheci Thirwen, mas não havia sinal de Nykeem."
“Não avistei nenhuma nave Imirath enquanto voava, e ninguém trazia o símbolo do meu pai.”
"Era tudo Thirwen, mas Imirath está com eles." Conto-lhes o que descobri sobre o bloqueio enquanto procuramos cavalos para voltar ao castelo. Com a ajuda de Galakin e a vantagem da surpresa, bolarei um plano para nos ajudar a passar. Imirath estará focado em proteger a ponta sul, então toda a força da marinha não estará presente, mas os números de Thirwen serão vastos. Pegamos as rédeas de três cavalos sem cavaleiro na praia e montamos nas selas cobertas de sangue. Mantenho Elowen à minha frente, sem querer soltá-la ainda. Tristeza e alívio nos cercam enquanto cavalgamos, atravessando as consequências sempre confusas da guerra, enquanto alguns se reencontram com seus entes queridos e outros perdem tudo. Elowen enxuga uma lágrima da bochecha enquanto um homem ergue uma garotinha coberta de cinzas dos escombros, segurando-a contra o peito enquanto ele pisca para conter as lágrimas e ela envolve seus bracinhos em volta do pescoço dele. Eu me pergunto se Elowen está pensando em seu pai, ou talvez em Ailliard, dois homens que deixaram que o egoísmo e o medo atrapalhassem seu amor por ela.
Acompanhamos a procissão de soldados cavalgando de volta para Zraka, mantendo silêncio em respeito aos caídos. Poderíamos ter embarcado em um dos vários cais, mas os feridos precisam navegar mais do que nós. Ryder está praticamente vibrando de ansiedade quando chegamos à longa ponte de pedra em forma de serpente marinha que liga o castelo a Zraka. Somos forçados a diminuir o passo para evitar atropelar alguns feridos que estão sendo escoltados, bem como cidadãos em busca de refúgio. Curandeiros se apressam pelo pátio, sua magia brilhando como orbes douradas na noite.
Ajudo Elowen a desmontar e a guio em direção à entrada principal. Ryder corre à nossa frente, desviando-se com dificuldade daqueles que cruzam seu caminho,

mas Finnian permanece ao nosso lado. Elowen entrelaça o braço no dele e encosta a cabeça em seu ombro, e, embora não veja, ele a encara com adoração.
"Sas!", grita Ryder, sua voz ecoando pela vasta entrada ladeada por vãos do chão ao teto que oferecem uma vista para o oceano. Saskia levanta a cabeça bruscamente, ajoelhada no chão, para distribuir copos d'água. A concha cai de suas mãos enquanto ela se levanta de um salto para abraçar Ryder. Sor Rhys e Zarius se encostam em um pilar a alguns passos de distância, este último desviando o olhar, agora sóbrio, da nuca de Saskia para olhar em minha direção antes de encarar o mar.
Saskia abraça Elowen em seguida, sem se importar em manchar seu vestido enquanto pressiona as roupas de couro azul-escuro e preto de Elowen contra si. A capa transparente que termina no alto de suas coxas deve ter sido rasgada durante a batalha.
Finnian permanece ao lado dela enquanto eu caminho em direção ao príncipe de cabelos brancos. "Haverá soldados feridos do seu reino sendo levados às masmorras para interrogatório, caso sejam de patente alta o suficiente."
Seus olhos vermelhos encontram os meus. "Eu não vou matá-los se você..."
"Dê a eles a opção de fazer um juramento de sangue", interrompi-o. Matá-los só faria Thirwen se voltar contra ele. "Quando você enfrentar seu Pai, no campo de batalha, não faça isso apenas com meus soldados ao seu redor, faça isso com os seus."
"Meu pai provavelmente estará encolhido no castelo", diz ele. "Ele tem uma queda por matar aqueles que estão desarmados, não soldados."
"Mais um motivo para se diferenciar dele. Não diga ao seu povo para segui-lo, mostre a eles por que devem fazê-lo."
Ele olha ao redor da sala. "Será que os soldados de Thirwen já estão nas masmorras?"
"Sim. Nós voltamos, mas eles teriam colocado os prisioneiros em navios para evitar que escapassem."
"E você sabe onde ficam as masmorras?"
Aponto o queixo em direção ao corredor, e ele e Rhys me seguem. Conheço a planta do castelo tanto quanto um servo depois de espionar Erix. Precisamos agir rápido, antes que Galakin ordene a execução deles ou eles morram no interrogatório. O ar está úmido, fazendo o sangue seco na minha pele coçar enquanto caminhamos em direção à torre leste. Como todas as outras torres, ela é construída em pedra branca e encimada por uma cúpula laranja, só que sem janelas abertas, apenas pequenas fendas cobertas por grades. Os guardas me deixam passar, e o cheiro pútrido de dejetos humanos me faz ansiar pela fumaça e pelo sangue coagulado da batalha no momento em que cruzamos a soleira escura.
"Terei que matá-los se se opuserem a mim", diz Zarius, sua voz ecoando por todo o salão mofado.
"Você também terá que matar soldados de Thirwen no campo de batalha se eles levantarem uma espada contra você. Acostume-se."
"Concederei a eles a misericórdia de uma morte rápida. Não os deixarei apodrecendo numa cela."
"O único governante usando uma coroa sem sangue é um cadáver", respondo, ao

avistar nosso alvo à distância. Levanto o queixo, sinalizando para ele dar um passo à frente e ordenar que os guardas se afastem.
Para seu crédito, ele não recua nem se esquiva como alguém faria se estivesse assumindo um papel desconhecido.
"Afastem-se", ele ordena, mas os guardas Galakin não se movem. Os soldados Thirwen fazem o possível para dar uma olhada entre os barras de quem está falando, mas ainda não consigo entender direito. "Sou o Príncipe Zarius Liluria de Thirwen, filho primogênito do Rei Fallon e herdeiro legítimo do trono. Assinei um tratado com o seu rei e, a menos que você queira que esse acordo seja dissolvido devido à sua insolência, afaste-se dos meus soldados e nos deixe em paz. Eu serei o juiz do destino deles."
Os guardas se entreolham com cautela, e eu descanso a mão no cabo da minha lâmina por precaução, fazendo os dois saírem correndo com o rabo entre as pernas.
“Tem certeza de que o Rei de Galakin aprovará isso?”
"Peça perdão, nunca permissão", diz Elowen, saindo das sombras e assustando Zarius e Rhys.
"Deuses, de onde vocês vieram?", pergunta Zarius, colocando a mão sobre o peito.
"Um casamento sem amor." Ela gesticula para que Zarius se aproxime da porta e sussurra para mim enquanto ele obedece: "Eu te assustei?"
Não quero acabar com a esperança dela, mas eu sabia que ela estava lá o tempo todo. "Mhmm."
Seu sorriso triunfante me faz balançar a cabeça enquanto a sigo para dentro da cela lotada de oito prisioneiros. Apenas uma pequena janela gradeada fornece ar fresco na cela superlotada, com homens e mulheres feridos encostados nas paredes.
"Então é verdade", diz a mulher mais próxima. "O príncipe está vivo, assim como Sor Rhys."
"Por que você veio aqui?", pergunta Zarius. "Qual era o propósito da invasão?"
"Oficialmente, para se vingar da rainha dragão por queimar nossa frota." Ela lambe os lábios pálidos. "No entanto, houve rumores de que você estava vivo. Seu pai nos enviou para matá-lo." Apoio a mão na minha espada junto com Rhys, e Elowen se aproxima de Zarius, que ergue a mão para nos proteger enquanto se dirige a Rhys. "Pensamos que você tivesse morrido na batalha."
"Foi fabricado pelo Rei Fallon quando eu estava longe do Príncipe Zarius. A intenção dele era matar nós dois, junto com" — ele pigarreia — "a Rainha Ruella. Nós escapamos. Ela não teve tanta sorte."
“A rainha Ruella morreu de febre”, afirma um homem no canto.
"Então por que ela não recebeu uma pira como todos os monarcas de Thirwen recebem?" A voz de Rhys torna-se áspera, rígida. "Se ele quisesse lamentar a morte da esposa de forma adequada, não a teria enterrado nas criptas e se casado com outra mulher em quinze dias."
"Rainha Ruella", murmuram os soldados que cercam a cela, levando os dedos aos lábios antes de pressioná-los contra o coração. Zarius e Rhys fazem o mesmo.
Zarius continua após uma pausa significativa: "A rainha dragão estava

cumprindo seu dever e é aliada do príncipe herdeiro de Thirwen." Nenhum deles contesta sua afirmação, o que é um bom sinal. "Vocês têm a oportunidade de se juntar a mim fazendo um juramento de sangue, ou enfrentarão a espada."
Um soldado no canto fala primeiro. "Se eu tiver que jurar a você, terei que lutar contra meus parentes." Ele levanta a cabeça, com sangue escorrendo de um corte na testa. "Não posso derramar o sangue deles."
Suas algemas chacoalham enquanto ele se levanta e se ajoelha diante de Zarius, com a cabeça baixa. Rhys se adianta para aliviar o fardo, mas um sutil aceno de cabeça de Zarius o imobiliza, conquistando um pouco de respeito da minha parte. Um segundo soldado se move para se ajoelhar ao lado do outro, mas os seis restantes lhe oferecem as palmas das mãos, preparados para fazer o juramento de sangue.
"O Rei Fallon cometeu traição ao matar nossa rainha", diz a mulher que falou primeiro. "Nós vingaremos a boa rainha colocando seu filho no trono."
Zarius se aproxima de cada soldado, cortando suas palmas enquanto eles deixam o sangue encharcar as pedras abaixo e juram protegê-lo, servi-lo e jamais traí-lo, sob pena de morte. Zarius vira sua espada contra os soldados ajoelhados, colocando a lâmina no pescoço do primeiro e dizendo as palavras que falei a Elowen semanas atrás e à serpente estelar esta noite: "Que sua alma atravesse o rio e encontre a paz."

Capítulo

SESSENTA

Elowen

Todos os sinos do castelo Torres ressoam para desejar adeus ao seu príncipe, e um mar que ontem estava crivado de sangue agora está repleto de flores. O povo de Galakin se reúne ao longo de penhascos, praias e barcos para comemorar enquanto nosso navio corta o jardim flutuante com mais pétalas caindo. Não tenho dúvidas de que Zale está no convés principal, dando seu melhor sorriso e acenando para o

povo que um dia governará. Eu precisava de silêncio, ansiava por ele, depois de ser cercado pelos gritos da batalha e pelos feridos no rescaldo. Eu me curei como Nyrinn me ensinou, ainda não confiando em minhas habilidades mágicas o suficiente para tentar tratar ferimentos com qualquer coisa que não fossem os remédios que eu conhecia.
Saskia está ao meu lado no pequeno convés privativo localizado na popa do navio, com os lábios franzidos para baixo. "Não entendo por que as pessoas comemoram a guerra. Jogam flores como se estivessem comemorando quando muitos vão morrer."
Tamborilo os dedos na grade, arrastando o olhar sobre a frota Galakin que nos segue. Suas velas alaranjadas ondulam ao vento, ampliando a serpente marinha vermelha que se enrola em torno do sol amarelo. O rei e a rainha também presentearam Zarius com cinco navios para transportar os sobreviventes de Thirwen que se ajoelharam diante dele e fizeram um juramento de sangue. Zarius manteve o símbolo de sua família, mas inverteu as cores, transformando-o em um kraken vermelho envolvendo seus tentáculos em um navio correspondente com uma vela preta. "Acho que a vida se torna uma..." Uma série de tentativas de tornar os momentos insuportáveis suportáveis, e na maioria das vezes isso vem na forma de esperança, mesmo que seja uma mentira. Eles podem jogar flores no que parece ser uma celebração, mas flores também são colocadas em túmulos ou enfiadas nas mãos de um cadáver antes que sua pira seja acesa. É uma despedida, mesmo que eles não queiram dizê-la abertamente.
Seus olhos pousam pesadamente em meu perfil e, embora não estenda a mão para me tocar, ela se aproxima um passo enquanto a costa avermelhada e escaldante de Zario desaparece e começamos a jornada de volta a Érebo. Não para casa. Os soldados de Vareveth nos encontrarão em Porto Celestria para avançarmos em direção a Imirath.
A porta se abre com um rangido atrás de nós, e nós dois nos viramos em direção à repentina ruptura da paz. Zarius congela na porta enquanto seu olhar se fixa em nós. "Desculpe, pensei que o espaço estivesse vago."
Ele se move para se virar, mas eu o impeço. "Você não precisa correr, Zarius. Estamos presos neste barco por uma semana, com certeza vamos nos cruzar."
Uma de suas mãos aperta a madeira com força quando seus olhos vermelhos pousam brevemente em Saskia, mas ele a solta e caminha em nossa direção, ocupando o lugar vago do meu outro lado. Ele não diz nada, optando por ficar em silêncio enquanto observa as pequenas ondas criadas pela embarcação. Detesto pensar no que pode estar à espreita nas profundezas sombrias. Já vi minha cota de monstros em terra firme. Odiaria descobrir o que nada onde ninguém se aventurou.
"Por que o kraken está no símbolo de Thirwen?", pergunto, querendo dizer qualquer coisa para quebrar o silêncio agora desconfortável.
Os olhos de Zarius se voltam para os dragões voando logo atrás do navio, de onde consigo avistá-los. "Há vários séculos, dizia-se que a primeira rainha da minha casa estava ligada ao kraken. Era o seu familiar."
Saskia estreita os olhos. "Ouvi dizer que é um conto infantil."
Zarius não olha para ela enquanto fala. "Muitas vezes há verdade nas histórias, mesmo aquelas destinadas a crianças."

Ela zomba. "Prefiro textos factuais, não contos de fadas."
“Como sua biblioteca deve ser chata, minha senhora.”
Saskia olha para o céu no que parece ser um apelo por misericórdia antes de se dirigir a mim. "Estarei no convés superior."
Ela entra pela porta, seu vestido preto arrastando atrás de si, deixando Zarius e eu em silêncio novamente. Se ele está incomodado com a rápida dispensa dela, não demonstra, mas o silêncio entre nós ainda é irritante.
Lambo os lábios. "Você tem um familiar?"
Ele se encolhe, embora seja quase imperceptível. "Eu tive um familiar. Muitos anos atrás."
Olho para ele de soslaio novamente antes de refletir sua posição, olhando para a frente para observar os dragões cortando as nuvens cor de sorvete. O único conforto que consegui encontrar no exílio foi saber que os dragões estavam vivos. Me forcei a sobreviver porque sabia que eles precisavam de mim. Consigo simpatizar com a perda dele, e sinto pena dele neste momento. "Sinto muito, Zarius."
Não consigo imaginar meu vínculo sendo rompido. O vazio com o qual eu seria forçada a conviver... nem sei se conseguiria sobreviver. Seria como caminhar pela vida com cinco facas permanentes cravadas no peito, sempre sangrando, sem nunca sarar.
"Obrigado", ele diz, soando sincero antes de pigarrear. "Ela ainda está comigo. Aqueles que estão ligados a nós nunca nos deixam de verdade."
“Você algum dia conseguirá criar um apego a um animal diferente?”
“Não, e eu não gostaria”, ele afirma veementemente.
"Entendo." Engulo em seco. "Quando me separaram dos meus dragões, nunca falei deles porque era muito doloroso. Sei que não somos exatamente amigas, mas se quiser falar sobre ela com alguém que entenda os laços entre animais, pode falar comigo."
Ser incompreendido é uma sensação terrivelmente solitária. Você pode dizer exatamente o que pensa, mas sentir como se estivesse falando com uma parede de tijolos ao dizer isso para a pessoa errada. Zarius não tem laços com sua terra natal além de Sor Rhys, e eu também consigo me identificar com isso, já que não tenho ninguém em Imirath.
Ele se afasta dos meus dragões e, embora seu rosto impassível não mude, noto o respeito transparecendo em seus olhos enquanto ele abaixa a cabeça. "Já pensou no que vai dizer quando vir seu pai de novo?"
Cerro os dentes enquanto penso na pergunta incômoda. Depois de todos esses anos, estou pondo fim à guerra que ele começou entre nós. "Eles não merecem palavras quando tudo o que nos deram foi sangue. Deixe sua vingança e sua espada falarem por você. É a única língua que eles conhecem, então não pense no que vai dizer, pense no que fará quando chegar a hora de tomar a coroa que ele arrancou de suas mãos."
Suas ondas brancas roçam seu rosto enquanto ele me observa, mas não se move para escondê-las. "Então você é tão sanguinário quanto dizem."
"Sou uma mulher. Meu gosto por sangue vem da necessidade de repor o que foi drenado do meu corpo quando os homens decidiram que eu não era uma pessoa, eu era uma propriedade." Levanto o queixo, dando um passo em direção ao

príncipe. "A única maneira de sobreviver neste mundo é se tornando mais poderoso do que aqueles que se opõem a você. A indecisão é a morte do sucesso. Basta um momento de hesitação para que o fracasso te encontre. Use esta jornada para se conformar com o que você precisa fazer e como sua vida mudará, e veja isso acontecer."
Viro-me para a porta, deixando Zarius meditar sobre minhas palavras, mas as tábuas rangem sob meus pés quando ele grita meu nome, interrompendo meus movimentos. "Obrigada."
Olho por cima do ombro, erguendo as sobrancelhas. "Por te encorajar a matar seu pai? Isso foi completamente egoísta. Não quero ser a única governante que Ravaryn amaldiçoará como assassina de parentes quando ascendermos aos nossos tronos."
"Pela sua franqueza. Linguagem floreada parece ser a regra quando se fala de assuntos difíceis."
“Ah, bem, se é honestidade que você valoriza, então eu juro que vou colocá-lo em seu lugar sempre que necessário, principezinho.”
Ele me dá um meio sorriso — o primeiro desde que nos conhecemos. "Anotado, rainha dragão."

Capítulo

SESSENTA E UM

Elowen

O sol se põe em nosso Terceiro dia a bordo, marcando quase a metade da viagem. Finnian ronca no meu ombro enquanto absorvemos o calor que se esvai através de nossos suéteres grossos. Meu pescoço dói de ficar sentado com as costas retas contra a parede por tanto tempo, mas me sinto mal em me mover quando ele está tão tranquilo.

Ryder caminha em nossa direção, Cayden e Saskia não muito longe. Ele dá um tapinha na bochecha de Finnian, e um ronco se prende em sua garganta enquanto ele pisca lentamente os olhos para encará-lo.
“Eu estava dormindo”, ele resmunga.
"Sim, acho que todos nós ouvimos", responde Ryder antes de se dirigir a todos nós. "Precisamos começar a discutir como vamos passar pelo bloqueio de Thirwen e Imirath. Ophir conseguiu usar as marés para ter uma ideia de suas coordenadas e devemos atingi-los nas primeiras horas da manhã."
Zale também se junta ao nosso grupo, e Finnian sutilmente se esconde atrás do meu cabelo para limpar o rosto.
"Você não babou", eu sussurro.
“Eu não confio mais em você depois que você não limpou meu rosto quando o vextree me envenenou.”
“Tenho limites nessa amizade.”
"Desde quando?" ele sibila.
“Na verdade, não sei.”
Ele puxa um dos meus cachos, e eu afasto sua mão enquanto nos viramos para os outros.
Zale poderia ter navegado com qualquer embarcação de sua frota, mas optou por viajar conosco, assim como Zarius. Isso facilita o planejamento de batalhas em conjunto, mas Zale e eu também temos meditado todas as manhãs ao nascer do sol para me ajudar a localizar a fonte de poder dentro de mim.
"E se Elowen simplesmente fizesse o que tinha que fazer, voasse na frente e queimasse todos os navios?", pergunta Ryder.
"Ela não pode voar para a batalha sozinha quando não sabemos a quantidade deles", dispara Finnian.
"Os soldados que juraram lealdade a Zarius nos informaram que seus barcos são enfeitiçados contra o fogo terrestre, e o fogo de dragão é imprevisível. Ele queima mais quente e leva mais tempo para se dissipar. Mesmo com a ajuda dos magos aquáticos para aumentar nossa velocidade, a jornada será mais longa se alterarmos o curso, e não podemos arriscar navegar com a frota em meio a uma tempestade de fogo", digo.
"Será uma batalha de lâminas, não de dragões", acrescenta Cayden. Por mais que eu ame voar, senti falta de lutar em terra... bem, se é que se pode considerar uma nave terrestre.
"Você pode não conseguir usar os dragões, mas acredito que tenho uma maneira de ajudar em nossos esforços", diz Zarius, juntando as mãos atrás das costas.
"Você ao menos sabe manejar uma espada?", pergunta Ryder, com um tom cheio de condescendência, mas, para seu crédito, Zarius não se mostra disposto a atacar.
"Muito bem", ele responde calmamente. "No entanto, não estou falando de lâminas. Estou falando de magia." Franzo a testa e cruzo os braços. Eu não sabia que ele possuía magia.
Mas minha curiosidade dá lugar ao choque... porque Zarius *desaparece.*
Não há nada além de um espaço vazio onde ele estava.
"Que inferno", Saskia murmura antes de gritar abruptamente quando Zarius reaparece a vários passos de onde ele estava, segurando uma espada no pescoço

de Ryder.
“Como eu disse, sou muito proficiente”, diz ele enquanto embainha sua lâmina, recebendo olhares assassinos de Saskia e Ryder, mas estou intrigado.
“Você é um ilusionista”, diz Cayden.
Zarius concorda. "Sou capaz de manipular a percepção das pessoas ao meu redor."
"Então por que você não fez isso na noite em que nos conhecemos?", pergunta Saskia.
"Sim", interrompe Cayden. "Quando o vi pela primeira vez, seu cabelo era loiro, mas mudou logo depois que ele saiu do antro de jogos."
"Eu estava bêbado pra caramba", Zarius afirma secamente, olhando para Saskia. "Preciso me concentrar totalmente para que a ilusão seja crível. Um detalhe errado e tudo pode dar errado. É extremamente desgastante, e não vou conseguir empunhar uma lâmina enquanto trabalho."
"Então foi assim que você se escondeu em Galakin?", tamborilei os dedos no cano. "Você alterava suas feições para que ninguém soubesse quem procurar, mesmo que soubessem onde você estava."
Zarius concorda. "Escolhi Galakin porque seria o reino mais difícil para meu pai enviar assassinos, mas eu ainda era um príncipe inimigo, independentemente da minha posição com meu pai."
“Você nasceu com essa habilidade?”, pergunto.
"Desenvolveu-se com o tempo", responde ele. "Meu povo venera o Deus da Ilusão, da Mente e da Memória. Acredita-se que meus ancestrais maternos receberam uma gota de seu sangue, o que nos deu olhos vermelhos e, ocasionalmente, habilidades mágicas."
“Tem certeza de que conseguirá mascarar toda a frota?”
“Se tivermos o espaço adequado para nos prepararmos, sim.”
"Na pior das hipóteses, você falha e nós morremos." Cayden dá de ombros, inclinando-se entre minhas coxas. "Isso vai te poupar de viver com a vergonha, a menos que seu pai ordene que você seja capturado vivo."
"Que belo voto de confiança, Cayden. Fico muito feliz que você tenha participado desta conversa."
"Sempre que precisar, meu amor." Ele dá um tapinha na minha perna.
"Você ainda precisará estar preparado para lutar quando a ilusão for desmascarada. Se quisermos colocá-lo no trono, prove que sobreviverá à "Batalha", diz Ryder, trazendo a conversa de volta ao ponto de partida. "Vocês não lutaram quando os capturamos."
"Como eu disse, eu estava bêbado pra caramba", Zarius reitera. "E quem pode dizer que você é o melhor soldado que eu vou enfrentar?"
Eu rio e tusso em seguida, numa tentativa de disfarçar.
Ryder puxa a camisa pela cabeça e a joga para o lado. "Eu não sou um soldado. Sou um general."
Zarius sussurra algo que não consigo ouvir enquanto imita as ações de Ryder, tirando a camisa para expor músculos magros e uma tatuagem de um leopardo-das-neves rugindo que ocupa toda a sua coluna. A cauda se enrola em sua cintura e suas garras dianteiras se erguem enquanto ele se ergue sobre as patas. Este deve ter sido seu familiar. É um memorial do que ele perdeu para sempre

gravado em sua pele.
Rhys se aproxima enquanto Zarius pega uma espada de treino, assim como os seis guardas que juraram a Zarius na prisão. Eles eram de patente mais alta e agora são a guarda do rei, e é por isso que estão navegando conosco. Tiveram que se acomodar em beliches abaixo do convés, onde a tripulação se reveza para dormir, mas estão fazendo funcionar. Contanto que ninguém bata à minha porta e peça para dormir na minha cabine, não me importa como eles dormem.
Olho de Rhys para Zarius, o cavaleiro mais velho encarando o príncipe com orgulho descarado. É o olhar que vi inúmeros pais lançarem aos filhos. Às vezes, é fácil identificar uma emoção quando você nunca a conheceu. Ela se destaca mais, te deixa perplexo. Há uma sensação incômoda de querer identificar o que é, para que você possa decifrar por que nunca a experimentou ou se algum dia a experimentará.
O cabelo de Zarius é branco, ondulado e cortado abaixo do queixo, embora ele sempre puxe a metade superior para trás e deixe duas mechas para emoldurar seus olhos vermelhos. O cabelo de Rhys é cortado rente ao couro cabeludo, mas, desde o tom preto até as mechas grisalhas, é óbvio que ele já teve uma cabeleira escura e farta. Suponho que o formato dos olhos deles seja semelhante, profundos e angulares, mas não idênticos.
Eu simplesmente não consigo me livrar da maneira como Rhys não só olha para Zarius, mas também o trata.
Envolvo meus braços em volta dos ombros de Cayden e pressiono meu peito contra suas costas para me aproximar do seu ouvido. "Rhys e Zarius... vocês acham..."
Ele cruza os braços sobre o peito. "Eu sabia que você perceberia."
“Cayden Veles, você sabia de um segredo e não me contou?”
Ele sorri por cima do ombro. "Eu estava esperando você descobrir."
Olho feio para ele. "Vou botar fogo na lingerie lilás que você queria que eu usasse."
Ele estreita os olhos. "Vou colocá-lo numa prateleira que você não consiga alcançar."
Voltamos o olhar para frente quando o aço colide, e os dois homens começam a se cercar. A espada de Ryder avança, mas Zarius a bloqueia. Ryder tem mais poder em seus golpes, mas o príncipe é rápido. É evidente que Rhys o treinou e se aproveitou de seus pontos fortes. Se Ryder pudesse partir para o ataque, Zarius já estaria morto. Ele tem a experiência de combate que falta a Zarius, mas o combate é muito mais prolongado.
"Eu estava esperando que isso acontecesse", Zale murmura, apoiando o quadril no cano da arma de Finnian.
"Acho que todos nós estávamos", responde Finnian com uma risadinha. "Eles estão brigando desde que se conheceram."
"Por que?"
“Ele elogiou Saskia bêbado.”
"Eu tenho irmãs", Zale se encolhe. "Não posso culpar Ryder."
"Eu superei." Finnian dá um tapinha no ombro de Cayden e é rapidamente jogado para longe.
“Todos os meus elogios a Elowen foram feitos enquanto eu estava sóbrio”,

afirma Cayden.
“Você bebe uísque como se fosse água”, responde Finnian.
"Gostaria que sim. Talvez você desmaiasse e parasse de falar."
Reviro os olhos. "Vocês me fazem ansiar pela batalha só para dar uma pausa nessa discussão incessante."
Zarius trava sua lâmina com Ryder e lança o olhar para Saskia. Um sorriso irônico se forma em seus lábios enquanto ele diz algo que faz Ryder rosnar e empurrá-lo para trás. Uma espada cai no convés, e o punho de Ryder acerta a boca de Zarius.
Zarius limpa o sangue dos lábios. "Para um general tão digno, não imaginei que você fosse recorrer a uma resposta tão infantil."
"Foda-se", Ryder grita.
“Há uma eloquência brilhante.”
Finnian suspira, empurrando-se para fora do barril e se colocando entre os dois. "Chega. Vão dar uma volta."
Os dois continuam se encarando enquanto se afastam em direção a extremidades opostas do navio. Saskia suspira enquanto balança a cabeça, resmungando sobre homens estúpidos. Não posso dizer que discordo. Este navio parece muito menor do que quando zarpamos.
"Vocês dois vão para o mar para me poupar de uma dor de cabeça", grita Cayden.

Capítulo

SESSENTA E DOIS

Elowen

Zário está na proa do navio, as pontas dos dedos se contraindo enquanto ele encara o horizonte negro. Deslizo mais facas no cinto, observando a neblina começar a se espalhar pela superfície do mar. Toda a frota apaga silenciosamente todas as lanternas enquanto ele trabalha, sem querer que Thirwen ou Imirath nos vejam no horizonte.

O suor encharca a camisa de Zarius enquanto ele trabalha, tornando a tatuagem de leopardo-das-neves visível através do tecido à medida que a névoa se adensa. Ela se agarra ao ar ao nosso redor e me lembra da névoa que outrora cercava Aestilian, mas consigo ver através dela. Deve ter algo a ver com a magia de Zarius. Seria inútil se não pudéssemos ver o inimigo, nos deixando tão cegos quanto eles. Ordeno aos dragões que permaneçam quietos e camufle suas escamas, como Zarius instruiu anteriormente.
Um por um, um manto se abate sobre mil navios, engolindo-nos por inteiro. Thirwen e Imirath verão uma tempestade se aproximando, mas não saberão que sangue e fogo cairão sobre eles. Os dragões voam logo acima dos mastros dos cinco primeiros navios, enquanto Venatrix permanece sobre o nosso, enquanto as tochas do bloqueio tremulam ao longe. Limpo os dedos novamente com as facas enquanto as silhuetas dos navios ancorados aparecem.
Cayden acena para Ophir parado ao lado da grade, que responde estalando os nós dos dedos e juntando as mãos antes atirando neles de ambos os lados. O navio balança sob nossos pés enquanto Ophir manipula a maré para navegar com nossos navios através das fileiras do bloqueio inimigo. A bordo do convés, o aço começa a se desfazer lentamente à medida que nos aprofundamos no território protegido. Soldados relaxam nos conveses por onde flutuamos, bebendo e brincando enquanto a neblina os envolve, completamente alheios à nossa presença. Estamos cercados por velas roxas e vermelhas por todos os lados, e não me arrisco a fazer um único som.
As mãos de Zarius tremem enquanto ele tenta manter o feitiço, mas ele não pode durar para sempre.
"Eles queriam guerra, que se danem", Cayden sussurra antes de beijar o topo da minha cabeça e dar um passo à frente enquanto Zarius vacila sob o peso de seu feitiço que se esvai. "Disparem todos os canhões!" A ilusão se desvanece num piscar de olhos enquanto rajadas vibram o convés sob minhas botas. "Mantenha-a firme, Ophir."
Os sinos tocam enquanto os dois navios de cada lado de nós começam a encher de água rapidamente, seus conveses afundando no abismo enquanto meus dragões descem, rasgando vários navios com suas garras e empurrando-os para baixo da superfície.
Tiro duas facas da bainha, beijando as lâminas em um adeus silencioso enquanto Finnian enfia uma flecha em seu arco. "Atire com precisão."
"Jogue a bola com precisão", ele responde com um sorriso irônico.
Giro minhas lâminas contra o inimigo, atingindo dois soldados que corriam para municiar seus canhões, e lanço mais dois contra um par que balançava em nosso convés com as cordas presas aos seus navios. Eles perdem o controle e caem nas águas escuras abaixo, levando minhas lâminas para seus túmulos. Finnian abate vários outros, e eu pego minha besta que estava aos meus pés para atirar ao lado dele.
Saskia corre até um canhão sem tripulação em nosso convés, agachando-se atrás dele para mirar depois que o homem ao seu lado o carrega. O estrondo ressoa como um trovão quando uma bola de ferro é disparada e estilhaça a madeira bem onde o navio encontra a água. Os dois repetem rapidamente seus movimentos e lançam água jorrando para dentro da embarcação.

"Sas!", grito em advertência, mas não tenho mais flechas. Jogo minha besta de lado e desembainho outra faca, mirando no soldado. correndo em suas costas, de onde ele caiu no nosso convés. Eu inclino meu braço para trás, mas uma flecha perfura seu pescoço antes que eu tenha a chance de arremessá-la. Ela grita enquanto o sangue espirra em suas bochechas e olha por cima do ombro para o convés superior, e embora ninguém esteja nos encarando com um arco em riste, alguém descansa aos pés de Zarius enquanto ele puxa uma lâmina da bainha.
Zale rouba minha atenção enquanto corre até a grade e balança os braços em um amplo arco, disparando uma longa lâmina feita de chamas para frente, e embora os navios não peguem fogo devido aos encantamentos, ela corta quinze soldados ao meio.
"Você me fez segurar o fogo quando poderia ter me ensinado isso?", grito depois de desarmar um inimigo e cortá-lo ao meio.
“Tudo a seu tempo”, responde Zale.
Os dois navios seguintes que cruzamos nos anteciparam enquanto nos defendíamos do anterior, e soldados surgem em nosso convés de ambos os lados. Cayden e Ryder chegam imediatamente, liderando uma combinação de soldados de Thirwen, Galakin e Vareveth para a batalha. Sangue cobre as tábuas enquanto o aço ressoa no ar. Eu me jogo no caos, me tornando um com minha lâmina, como tenho feito desde a primeira vez que matei.
Uma soldada corre em minha direção, e eu desvio da faca que ela atira em meu rosto, cravando minha lâmina em sua barriga quando ela está perto o suficiente. Cerrando os dentes, empurro-a em direção à grade e a chuto para o lado. Navios afundam ao nosso redor com os esforços de nossos soldados e meus dragões os destroçando com suas garras. Seus focinhos estão cobertos de sangue por dilacerar pessoas, às vezes engolindo-as inteiras.
Uma sinfonia de guerra ganha vida através dos gritos daqueles que queimam, sangram ou se debatem na água enquanto tubarões e monstros os arrastam para o fundo.
"Princesa", canta um soldado Imirath enquanto entra no meu caminho junto com outro que reflete sua grande estatura.
"Puta merda." Desembainho uma faca e caio de joelhos, girando antes que quem falou perceba o que está acontecendo, e a enfio na coxa. Uma das lições mais valiosas que Ailliard me ensinou foi que não importa o tamanho de uma pessoa, até uma pequena serpente pode derrubar Uma montanha de homem se atacarem rápido e com força. Minha letalidade vem de golpes rápidos e precisos. Não preciso de muito tempo para derrubar um inimigo, apenas uma lâmina.
Ele grita e agarra meu cabelo com força, quase doendo, enquanto uma faca corta direto no meu pescoço. Envolvo seu pulso com a mão livre enquanto chuto a perna para me defender do parceiro. Jogo minha espada para o alto, lançando-a no ar para agarrar o cabo e prendê-la atrás de mim. O sangue escorre pelos meus ombros e costas, e deixo seu corpo cair no chão enquanto puxo minha lâmina.
Minha cabeça vira de repente para o lado, mas consigo me manter firme enquanto minha bochecha lateja. Sangue escorre pelo meu rosto, e eu o lambo para tirar dos lábios. "Essa é a maneira certa de tratar sua princesa?"
"A ruína de Imirath não é minha princesa", ele cospe, agachando-se em uma posição ofensiva enquanto golpeia sua espada para frente.

Resmungo, sorrindo para ele entre nossas armas travadas. "Alguém devia ter te ensinado boas maneiras."
Dou-lhe uma joelhada na barriga e, em seguida, um chute no queixo. Consigo acertá-lo no estômago enquanto ele se recupera, mas não é fundo o suficiente para matá-lo.
"Sangue por sangue", digo com um sorriso. "É justo."
Ele investe contra mim e o aço ressoa enquanto ele força minhas costas contra o mastro largo no centro do navio. Lascas cravam-se em meus braços enquanto me defendo, e sua espada cintila quando ele a ergue e mira em meu rosto. Eu me livro o suficiente para me abaixar, e um baque surdo faz minhas costas vibrarem quando ele crava a arma na madeira. Aproveitando sua péssima habilidade com a espada, eu me levanto e enfio minha lâmina em seu peito, arrancando-a e agarrando seus cabelos para dobrá-lo em seus momentos finais.
“É protocolo apropriado se curvar diante de sua princesa.”
Dei um tapinha no símbolo de Atarah gravado no couro do seu braço antes de deixá-lo cair no convés.
Uma bala de canhão atinge nosso convés, e eu caio de bruços ao lado do cadáver enquanto a madeira cai sobre mim. O sangue encharca minhas roupas, e mal posso esperar que tudo isso acabe para poder tomar banho.
"Você está bem, querida?", Cayden grita, e embora eu não o veja no meio do caos, não estou surpresa que ele esteja de olho em mim.
"Nunca estive melhor." Faço uma careta enquanto tiro uma mecha de cabelo do meu braço pegajoso e me levanto, pegando minhas armas novamente.
Em seu desespero, uma mistura de soldados de Imirath e Thirwen atiram tochas em nosso navio, sabendo que vão morrer e querendo nos levar junto. Zale ordena aos portadores de fogo sob seu comando que enviem o fogo terrestre de volta ao nosso inimigo. Seus navios não pegam fogo, mas suas velas sim, o que envia brasas e camadas de tecido ondulante sobre aqueles nos conveses. Sinto meu poder surgir dentro de mim enquanto observo seus movimentos, imaginando-o como a maré empurrando e puxando enquanto deixo a magia fluir através de mim.
Os pelos da minha nuca se arrepiam e deixo meus instintos me guiarem até que meu olhar se depara com chamas azul-claras salpicadas de prata ondulando em uma tocha em nosso caminho. Estamos quase atravessando o bloqueio e, embora tenhamos perdido alguns navios, o elemento surpresa nos ajudou de forma inestimável. A batalha está quase no fim, mas preciso garantir que não estejamos perdidos nela nos momentos finais.
Deuses do caralho.
Zale não consegue manejar fogo estelar — nem sei como conseguiram — e é tão imprevisível quanto fogo de dragão. Não estou disposto a correr o risco de falhar e corro para a borda da nave enquanto Zale e Finnian gritam meu nome, mas eu os ignoro, criando a aparência de um plano provavelmente horrível enquanto apunhalo e desvio.
Honestamente, os melhores planos nascem do absurdo e só são considerados bons se derem certo.
"Preciso que você mire naquele navio exatamente como fez", grito acima da batalha enquanto enrolo uma corda em volta do meu punho e subo no corrimão.

"Elowen." Saskia diz meu nome como se estivesse tentando persuadir um animal selvagem a não morder. "Que diabos você está fazendo?"
“Talvez criando uma distração, possivelmente morrendo, veremos.”
"Elowen!" ela grita, tentando agarrar meus tornozelos, mas eu salto para frente com a espada em punho. Flechas voam por todos os lados, mas não conseguem me atingir. me atinge enquanto salto sobre o vão entre os navios. Minha bota bate no rosto de uma mulher, e a tocha de fogo estelar cai de sua mão enquanto ela desaba no convés com meus pés de cada lado. Cravo o salto da minha bota em sua têmpora para derrubá-la, murmurando um palavrão enquanto outro soldado recupera a tocha antes que ela atinja o convés deles.
Sou cercado em um instante, brandindo minha lâmina sem olhar, só para manter os inimigos longe de mim. Alguém voa por cima da grade, avançando em direção aos três soldados à minha esquerda enquanto flechas são disparadas por trás.
"Sempre me surpreendendo, meu anjo." Cayden me oferece as costas para que possamos lutar juntos.
"Isso mantém o nosso casamento interessante." Eu esfaqueio alguém na garganta e tiro um cacho ensanguentado do meu rosto. "Não preciso agradecer pelo meu serviço e devoção."
Cadáveres se acumulam ao nosso redor enquanto lutamos sujo, observando com o canto do olho nosso navio passar em segurança e as flechas de Finnian não me atingirem mais. Meus membros queimam quase tanto quanto meus pulmões, e um machado voa acima da minha cabeça, partindo o rosto de um soldado em investida ao meio.
"Eu o peguei!" eu grito.
“Não é necessário agradecer”, responde Cayden.
O fogo estelar flamejante captura minha atenção novamente enquanto o soldado que agora segura a tocha corre em direção à grade. Estamos longe demais para arrancá-la de suas mãos e apagá-la. Chamo as chamas, acenando para que se aproximem de mim enquanto o homem as carrega para mais longe.
Você é meu.
Você pertence a mim.
Você me responde.
As chamas tremulam, aproximando-se lentamente de mim, mas a conexão é cortada quando o braço de Cayden envolve minha cintura e ele enfia uma faca no pescoço da pessoa. Starfire engole a nave em um instante e queima a parte de trás do meu braço enquanto Cayden nos joga para o lado, nos jogando nas águas infestadas de tubarões.
O frio me engole por inteiro, e meus ouvidos zumbem com o silêncio repentino. Ele nos mantém sob a superfície, os cadáveres e os navios afundados. Iluminada pelos canhões disparando e pelo fogo estelar flamejante. Mesmo sob as ondas, sinto o calor. O sal queima meus olhos, mas não arrisco fechá-los. Tubarões fervilham sob meus tornozelos e me forço a soltar lentamente o último suspiro, precisando saborear o oxigênio.
Agarro-me a Cayden e forço o grito que borbulha na minha garganta a ficar preso atrás dos meus lábios quando um tentáculo dispara e envolve um cadáver, e depois mais dois, arrastando-os para baixo, onde não consigo mais ver. Dois

olhos que parecem rubis piscam e nos encaram. Um olho sozinho é tão alto quanto Cayden, e está tão escuro que não consigo ver o tamanho total do corpo do monstro. Embora talvez isso seja uma bênção, considerando que pelo menos cinquenta tentáculos se espalham ao redor de sua cabeça arredondada. Cayden me empurra para trás dele, mantendo uma mão pressionada nas minhas costas, me deixando imóvel enquanto a criatura ancestral se aproxima. Meus pulmões imploram por ar, mas o fogo ainda está muito denso, e não acho inteligente oferecer as costas a qualquer monstro que seja este.

Pontos negros dançam na minha visão e um grito silencioso escapa dos meus lábios quando outro tentáculo avança, envolvendo a bota de Cayden, mas ele não o apunhala com a espada ainda na mão. Puxo sua camisa para me libertar e poder apunhalá-lo. Não sou orgulhoso o suficiente para acreditar que posso derrotar um monstro marinho em seu domínio, mas não vou vê-lo arrastar Cayden para baixo sem lutar. Seu polegar esfrega minhas costas, mas ele não me deixa me afastar.

O monstro estala seus dentes afiados como navalhas, e o som sinistro vibra e ecoa por todo o espaço, fazendo os tubarões se afastarem rapidamente. Ele retrai seu tentáculo viscoso enquanto se aproxima das sombras, e Cayden me puxa para a superfície a tempo de vê-lo envolver com seus tentáculos um punhado de navios de Thirwen e Imirath. Ele arrasta alguns para o fundo do mar, mas engole outros inteiros, devorando os soldados que nadam até a superfície.

"Que inferno", digo, atordoada. "O que você fez?"

Ele balança a cabeça, ainda mantendo o braço em volta de mim enquanto nadamos pela madeira e pelos corpos em chamas. "Eu não falei com ele nem lhe dei ordens como você faz com seus dragões."

"Você fez alguma coisa", gaguejo. "Você nunca me disse que falava peixe."

Ele para de remar e me encara. "Não comece."

“Já comecei e não vou parar.”

Seu suspiro ecoa na água enquanto ele recomeça a nadar. "Tudo o que fez foi olhar para mim."

"Talvez ele tenha pensado que você era bonita." Ele geme em resposta, como se estivesse pensando em me deixar para trás, para me defender sozinha no mar, mas aperta o abraço com mais força, sorrindo apesar de tudo. "Você sabe que monstro é esse?"

Seus olhos pousam nas velas de Thirwen, muitas delas queimando devido aos esforços de Zale. "Eu acho... que é o kraken."

“Nunca mais vou nadar nesse oceano esquecido pelos deuses.”

Cayden consegue nos levar de volta ao nosso navio e me empurra para a escada. Os dragões cravam suas garras nos navios da última fila, afundando-os enquanto entramos em mar aberto novamente. Eu me levanto e caio no convés, amontoado, e Cayden não está muito atrás. Estou exausto demais para me importar que a madeira esteja coberta de sangue ou que vibre enquanto as pessoas nos cercam. Abro os olhos e Saskia, Finnian, Ryder, Zale e Zarius estão todos nos encarando.

"Este é o meu inferno pessoal", afirma Cayden enquanto se senta para evitar os olhares deles, mas eu permaneço reclinado.

Zale balança a cabeça e é o primeiro a quebrar o silêncio. "Sua vadia louca."

Eu ficaria ofendido se suas palavras não estivessem impregnadas de uma mistura de espanto e respeito, e em vez disso, eu rio.

Capítulo

SESSENTA E TRÊS

Elowen

Mfãs de casacos espalhados
o convés superior enquanto me deito de costas e olho para as estrelas. Elas estão tão brilhantes esta noite que as escamas dos meus dragões brilham enquanto voam. Não consegui dormir, o que não é incomum, mas é nossa última noite a bordo. Tirando a batalha, parece que escapamos para o nosso próprio mundo quando estamos no oceano. Gostaria de ver mais de Ravaryn quando a

guerra acabar e, embora os desafios sempre venham, aguardo ansiosamente o dia em que poderei acordar e aproveitar a vida.
Nunca lutei por glória ou para ser conhecido como um dos maiores guerreiros da história de Ravaryn quando os estudiosos simplificam minha vida em poucos parágrafos. Luto porque fui ferido, assim como as pessoas e criaturas que amo, mas anseio pelo dia em que não terei que me preocupar se eles sobreviverão ao próximo. Quero manhãs no meu jardim, tardes à beira do lago e noites perto da lareira. Quero ler todos os livros que guardo consistentemente para outro dia e experimentar as receitas que escrevi em pergaminho.
Quero viver, não apenas sobreviver. Se a guerra fosse preferível, não ansiaríamos pela paz em meio a ela.
Puxo o tecido forrado de pele com mais força ao meu redor quando uma brisa sopra do mar, e fico grata por ter me lembrado das luvas antes de sair da cabana. Cayden teve que apresentar um plano a Zarius, e eu sei que poderia ter ido com ele, mas não estava com vontade de falar. Às vezes, anseio por silêncio. como o ar. Mas, além disso, ouvir os planos de batalha de Cayden me lembra do que enfrentaremos quando atracarmos, e é como se uma mão invisível envolvesse meu pescoço. Minha respiração sempre acelera, assim como meu pulso, e as paredes parecem estar se fechando sobre mim.
Eu não conseguia ficar deitada na cama, naquele silêncio sufocante, e precisava encontrar um lugar tranquilo que me acalmasse. Cayden pode me contar seus planos quando atracarmos, mas eu só quero mais uma noite fingindo que vivemos o tipo de vida em que eu não precise temer que ele morra por causa de uma lâmina. Em outra vida, eu realmente gostaria de ser comum com ele.
A porta abaixo de mim range nas dobradiças, e eu sei que é Cayden quando seu cheiro chega até mim.
"Esposa", ele diz em tom de cumprimento, sentando-se ao meu lado e colocando uma caixa embrulhada entre nós. Ele apoia um braço sobre o joelho dobrado e coloca a outra mão na minha cabeça. "Antes que você diga que eu te compro coisas demais, eu não me importo, e este é o seu presente de solstício de inverno. Então, é só abrir."
"Você tem um jeito tão doce com as palavras", digo enquanto me sento. "Seu presente está embrulhado e debaixo da cama."
“É lingerie?” ele pergunta.
"Por quê? Quer usar algo bonito para mim?" Ele puxa um dos meus cachos, e eu afasto sua mão com um tapa. Ele ri, e não sei por que me surpreendo com o som. Talvez porque seja tão raro ver um sorriso em seu rosto... mas ver alguém tão completamente descontraído é ainda mais. Guardo-os como pequenos tesouros em minha mente, mantendo uma galeria de retratos de todos os momentos que rezo para nunca esquecer. "Comporte-se e eu te darei o que você quer. *Depois que* eu te der seu presente de verdade."
Mandei Blade forjar uma espada com aço de obsidiana encontrado nas cavernas nas profundezas das Montanhas Seren, no sul. O punho tem uma safira oval emoldurada por duas asas de dragão. Ele coça a nuca e seu sorriso se estreita. Talvez um dia seja mais fácil para ele receber presentes, mas duvido que isso aconteça tão cedo.
Ele observa avidamente meus dedos desamarrando o laço lilás e desdobrando o

tecido combinando, mantendo o que quer que esteja lá dentro escondido de mim. Ele engole em seco e passa a mão pelos cabelos novamente, arrancando uma faca da coxa e girando-a entre os dedos.
Deuses, o que tem aqui?
Levanto a tampa, revelando um livro grosso com capa de couro, com cinco dragões gravados no centro e trepadeiras nas bordas. Minha curiosidade aumenta enquanto retiro o pesado presente da caixa e traço os sulcos. Abro a capa, revelando uma única palavra escrita em letra delicada: *Filhotes.*
Eu olho para ele, mas ele desvia o olhar para a faca enquanto cerra o maxilar.
Quando viro a página, perco o fôlego como se tivesse levado um soco no estômago. Passo o dedo trêmulo pelos pequenos dragões que me encaram. São tão pequenos que caberiam na palma da minha mão se tivessem eclodido hoje, em vez de quando eu era bebê. Viro outra página e uma descrição detalhada de Sorin se segue: sua raça, seu tamanho, como seu ovo foi incubado, seus pontos fortes, fracos e traços de personalidade. São todos detalhes que compartilhei com Cayden de passagem, sem pensar muito nisso enquanto divagava sobre minhas memórias ou coisas que aprendi.
Vários desenhos de Sorin em várias posições e ângulos preenchem o pergaminho, seguidos por mais páginas dedicadas aos outros quatro. A julgar pelo peso e tamanho do livro, acho que todos os vinte e quatro anos foram ilustrados, e não ficaria surpreso se o vigésimo quinto ano também estivesse lá, considerando que nosso aniversário está a apenas algumas semanas de distância. Sou um ano mais velho, o que é muito estranho, considerando que os considero bebês enormes.
Continuo folheando enquanto meu coração se enche até a borda e transborda, abraçando o livro contra o peito depois de olhar para uma Venatrix de sete anos para que minhas lágrimas não vazem pela página. Cayden se aproxima para enxugá-las do meu rosto, como se eu o tivesse esfaqueado.
"Eu não queria te chatear", ele murmura. "Se você odiar, pode jogá-lo no mar, e nunca mais precisaremos falar sobre isso."
Balanço a cabeça. "C-como?"
Ele lambe os lábios. "Não foi nada, não se preocupe."
"Isso não é *nada* ", afirmo, categoricamente. "Deve ter custado uma fortuna."
"Você mencionou o quanto lhe doeu não saber como eles eram enquanto cresciam." Ele dá de ombros. "Eu só queria tentar te devolver um pedaço do que o Garrick roubou. Eu sei que não é a mesma coisa que..."
Eu o calo com um beijo, subindo entre suas pernas com o livro ainda pressionado firmemente contra o meu peito. Sua pulsação acelera, e ele entrelaça as mãos no meu cabelo. Despejo nele todas as preocupações e ansiedades que me trouxeram até aqui, deixando seu amor queimá-las. Quero estar aqui com ele, não perdida em meus pensamentos ou preocupada com um futuro que ainda não aconteceu. Mas até as frutas mais doces amadurecem e apodrecem; nada dura para sempre, mas me apegar a ele me faz sentir que posso alterar esse caminho inevitável.
"Você não odeia isso?" ele pergunta, se afastando.
"Adorei." Pisco para afastar o resto das lágrimas. "Você não tem ideia do quanto isso significa para mim."

"Porra", ele suspira, a tensão se dissipando completamente de seus ombros largos enquanto me abraça com mais força e me puxa para perto do peito. "Graças aos deuses. Por um segundo, pensei em pular o corrimão com o livro."
Torço o nariz. "Acho que vou te manter por aqui um pouco, Veles."
"Mmmm", ele murmura. "Que generosidade."
Ele me beija novamente, entrelaçando os dedos no meu cabelo e me segurando contra ele enquanto folheio o livro. Às vezes, a dor é insuportável e preciso deixá-la de lado, mas ele continua me abraçando enquanto o amanhecer surge no horizonte e eu já li tudo.

Capítulo

SESSENTA E QUATRO

Elowen

UM MUITO CEDO, O CEMITÉRIO

Um grupo de navios que deixei para trás em Porto Celestria se projeta do oceano, e eu envio os dragões para a frente. Suas chamas queimam o que resta, e içamos a âncora para navegar pelas cinzas, chegando o mais perto possível da costa antes de embarcarmos em barcos a remo. Soldados Vareveth lotam a praia e começam a aplaudir ao avistarem seu rei e sua rainha chegando à

costa com uma armada às nossas costas. Estou enterrado em minhas roupas de couro e peles azul-escuras e pretas, com minha coroa de safira e pedra-da-lua repousando sobre a testa. O frio parece ainda mais forte depois de passar tanto tempo sob o sol de Galakin.
"Como você está, príncipe?" Finnian pergunta a Zale.
"Eu te aviso se minhas bolas congelarem", ele murmura com a respiração trêmula.
“Aguardo ansiosamente a atualização.”
Zale ri baixinho em resposta enquanto nosso barco afunda na areia molhada, e eu saio para a minha terra, para a minha casa. Ajoelho-me e cubro a palma da mão com a areia grossa, esfregando-a entre os dedos. Terei a vida que quero depois de derramar o sangue daqueles que tentam tirá-la de mim.
"As proteções se foram", eu digo. "Assim como o exército deles."
"Garrick e Fallon devem ter ordenado que o exército recuasse para Zinambra. Eles terão mais chances de enfrentar nosso exército como um só, considerando que temos nossa força total", responde Cayden.
“Então tudo se resume a uma batalha.”
Uma batalha para determinar o destino de milhares.
O destino do trono de Imirath.
O destino de todos que amo.
Finnian se aproxima de mim. "Eles se esconderão atrás de suas muralhas enquanto enviam seus soldados para cumprir suas ordens."
“Ninguém ficará para proteger seus muros quando a batalha terminar”, diz Cayden.
"E eu vou expulsá-los como os roedores que são se tentarem se esconder", acrescento.
"Fallon é minha", declara Zarius enquanto desce de seu barco a remo, seguido por Sor Rhys e a guarda real. Ele não bebeu uma gota de álcool durante a viagem de volta e treinava no convés diariamente. Pode não ser o guerreiro mais habilidoso, mas sabe se virar. A ilusão que ele criou nos poupou de baixas substanciais e danos à frota, então qualquer um que negasse sua força ou seu pedido seria um tolo.
"Ele é seu para fazer o que quiser."
Ele concorda, mas seus ombros não relaxam.
"Devemos avançar", diz Ryder. "Tenho certeza de que há espiões na floresta e não devemos arriscar uma emboscada. Levaremos pelo menos dois dias para chegar a Zinambra se seguirmos as estradas principais e cavalgarmos com afinco. Os soldados poderão descansar quando chegarmos aos arredores da cidade."
Cayden acena com a cabeça, gesticulando para que o General Autumn se aproxime.
Ela se curva. "Meu rei."
"Certifiquem-se de que o exército esteja pronto para marchar dentro de uma hora. Cavalgamos para a batalha."
"Eu vou cuidar disso." Ela bate o punho no peito duas vezes enquanto se vira para começar sua tarefa. Zale estreita os olhos na escuridão da cidade, composta por pequenas casas de pedra ao longo de estradas sinuosas. Isso me lembra

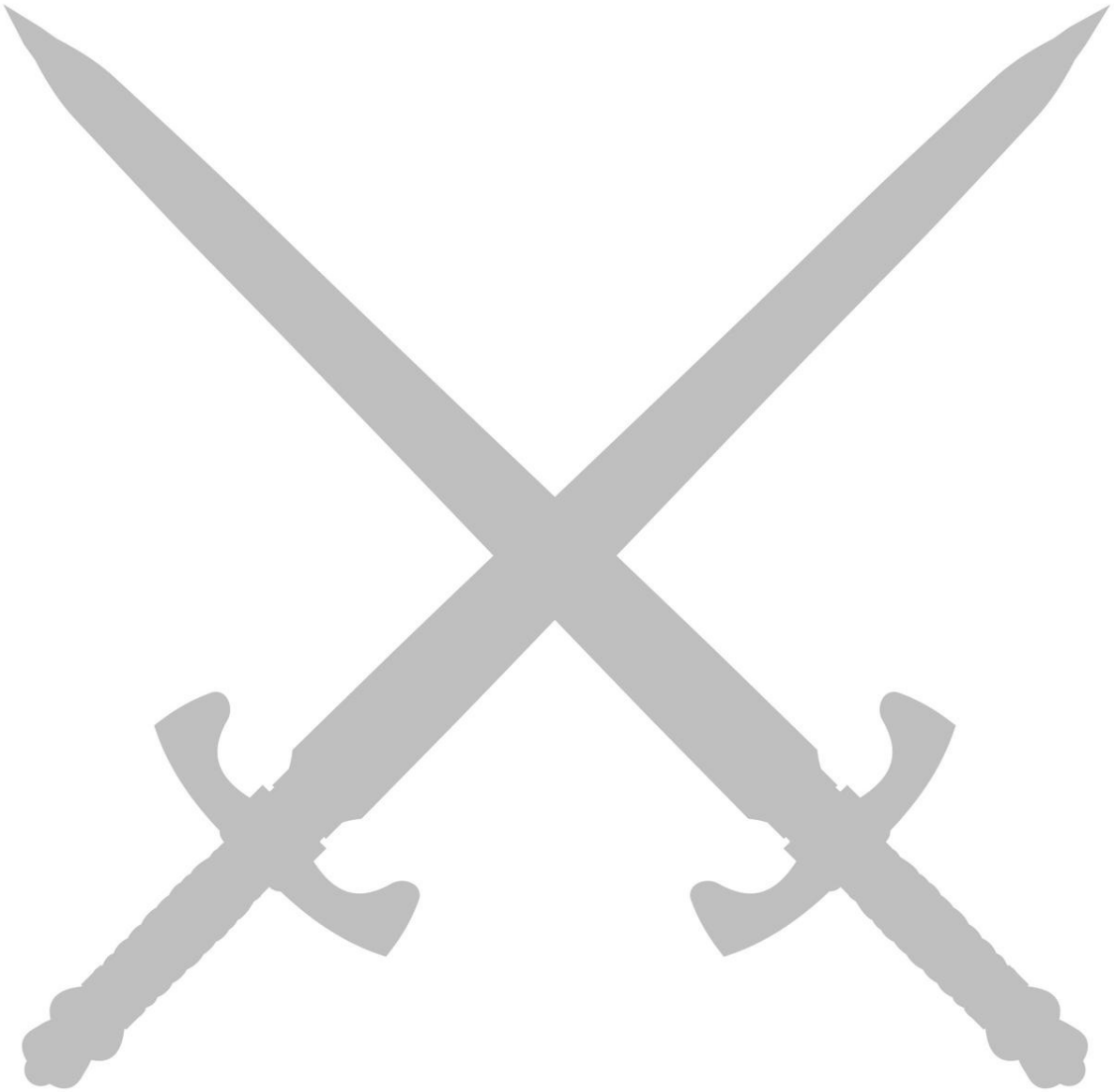
Avaloria, a cidade costeira em Vareveth para onde voamos depois do fim da batalha. Eles não são tão diferentes, e são as pessoas que habitam cidades como esta que são esmagadas pelo peso da arrogância e do ódio de seus governantes. A luz de velas tremula nas janelas, adicionando uma sensação de de vida para a vila fantasmagórica. A neve cai do céu e cobre telhados e barcos virados enquanto a fumaça sobe das chaminés.
"Você vê isso?", pergunta Zale.
"Ver o quê?"
Ele projeta o queixo para a frente, caminhando comigo até a areia dar lugar a pedras, e começamos a subir uma colina íngreme. Cayden, Ryder, Finnian, Saskia e Zarius o seguem, mas eu não esperava que eles ficassem para trás. Não só estamos em território perigoso, como eles são todos insuportavelmente curiosos.
“As cores de Atarah são roxo e dourado, certo?”, pergunta Zale.
"Sim", respondo. "Uma bandeira roxa com um tridente dourado cravando uma coroa."
Minha respiração ofegante se eleva diante dos meus lábios enquanto desacelero o passo e observo a paisagem ao meu redor. Tiras de tecido azul-escuro estão amarradas em maçanetas, e lençóis bordados com o símbolo de Veles pendem em varais que se estendem sobre as ruas, ondulando na brisa invernal. Uma a uma, as cortinas são abertas e vários olhares pousam em mim, parada na rua deles. Consigo sentir o medo deles através do vidro, e talvez estejam se perguntando se estamos aqui para machucá-los. Tenho certeza de que meu pai espalhou histórias sobre minha natureza implacável, me transformando em um monstro que, com sua ira, machucaria os inocentes.
Caminho em direção à porta mais próxima, desembrulhando o tecido azul da maçaneta e usando os dentes para amarrá-lo na palma da mão. Pressiono a mão sobre o coração antes de levantá-la no ar, querendo mostrar a eles que estão a salvo de mim, dos meus dragões e do meu exército. Uma janela se abre com um rangido, e um punhado de fitas em vários tons de azul gira no ar ao pousar sob minhas botas.
“É a Princesa Elowen”, sussurra uma garotinha.
Engulo o nó na garganta. Nunca pensei que seria bem-vindo na terra que deveria ser meu lar, mas quem se senta no trono não define o que esse reino é. O povo e a cultura são o que dão vida à terra.
Sorrio calorosamente para a jovem na janela e aceno para ela. Mais janelas começam a se abrir, e mais fitas e retalhos de tecido... Junte-se aos outros na estrada. *A Princesa Elowen* é sussurrada até que se transforma em aplauso, boas-vindas e acerto de contas, tudo ao mesmo tempo.
Eles se tornam mais ousados, saindo de suas casas com longas capas e botas assim que percebem que não sou uma ameaça. Meu grupo me segue pela estrada enquanto caminho livremente por um reino do qual já fui prisioneiro. Pensei que seria recebido com hostilidade se algum dia retornasse, mas sou recebido com carinho. Imagino o que Garrick lhes disse sobre mim, se ele disse que eu queimaria suas casas e massacraria seus filhos. Sei que fiz coisas questionáveis, mas apenas o necessário para sobreviver em um mundo que fez tudo ao seu alcance para me tirar dele. Não me lembro dos nomes e rostos de todos aqueles

que tentaram me matar, mas aqui estou eu, em Imirath.
Nunca pensei que pisaria novamente no reino, muito menos governaria.
As pessoas não clamam por meu pai, clamam por mim. A princesa perdida que retornou para tomar o que é dela.

Capítulo

SESSENTA E CINCO

Cayden



E DESACELERAR OS CAVALOS DEPOIS

Cavalgando a noite toda e o dia seguinte inteiro, com apenas pequenas pausas durante a jornada. Quanto mais nos aproximamos do castelo, menos cidadãos povoam as cidades. Eles devem ter fugido para as montanhas em busca

de abrigo da batalha. As estradas estão cobertas de marcas de botas e cascos lamacentos dos soldados e seus cavalos que recuaram da fronteira. Isso serve como um presságio: um exército foge e outro se aproxima.
Ajoelho-me para agarrar uma cortina azul encharcada e manchada de sangue com o nosso símbolo bordado. Elowen caminha ao meu lado, com as fitas do seu regresso a casa ainda presas à sua trança grossa, e uma carranca se forma em seus lábios enquanto ela observa o que estou segurando.
"Não serei meu pai", ela sussurra. "Não deixarei este mundo pior do que o encontrei."
Ela diz as palavras como um lembrete, como se temesse ver os traços do pai em si mesma ao assumir o trono. "Você já melhorou as coisas." Elowen é implacável, mas a diferença é que ela está tão desesperada pela sobrevivência, Garrick está tão desesperada por poder. Se dois ladrões cometem o mesmo crime, a moralidade deles pode frequentemente ser encontrada em seus motivos.
Deixo a cortina escorregar da minha mão, olhando para a clareira à frente, onde o exército acampará. "A esperança é como uma droga. Depois de experimentá-la, você a procurará em tudo e a desejará em seus momentos mais vulneráveis." momentos. Você dá esperança a essas pessoas. É por isso que elas fugiram. Elas sabem que um mundo melhor está chegando e querem viver para ver o dia em que ele chegará."
"Eu não pensei que você acreditasse em coisas como esperança."
"Eu não." Agarro as rédeas de Koa e caminho ao lado de Elowen, conduzindo-o para fora da cidade. O General Gryffin o transportou dos estábulos do castelo para que eu possa montá-lo na batalha. "Mas eu sempre acreditei em você."
Os dragões gritam, chamando sua atenção para o céu enquanto amarro Koa em um poste onde armarei nossa barraca. "Devíamos fazer uma fogueira. Finnian me pediu para dar uma volta mais cedo, então vamos juntar lenha."
"Vou chamar o Ryder e a Saskia", respondo, observando-a sacudir as mãos e atravessar a fileira até a tenda do Finnian, entrelaçando o braço no dele enquanto apaga a ansiedade do rosto. Ela está se fazendo de corajosa por ele. Encontro o olhar do Braxton e inclino o queixo na direção deles. Ele acena com a cabeça e os segue a uma distância segura. Os dois podem ser guerreiros, mas estamos muito em território inimigo para eu me arriscar.
Chamas crepitantes preenchem o silêncio enquanto nós cinco nos reunimos a algumas léguas da alegria do acampamento, sentados em árvores caídas enquanto os últimos raios do dia se apagam. Todos sabemos o que está por vir, e isso deixa nosso grupo mais sombrio. Percorremos esse caminho para libertar os dragões, sabendo que nos levaria de volta para cá, mas acho que nenhum de nós previu a rapidez com que retornaríamos.
Nunca tive nada a perder, e agora sinto que tenho tudo a perder. Inclino minha caneca contra os lábios, enrolando um dos cachos de Elowen no meu dedo enquanto ela descansa entre as minhas pernas. Ela se move a cada poucos minutos para mexer o ensopado na panela que descansa nas brasas. Eu me ofereceria para assumir, mas sei que completar tarefas a acalma.
"Vocês estão todos agindo como se tivéssemos perdido a batalha antes mesmo de ela começar", ela suspira, colocando um pouco de comida em um prato para Finnian e entregando a ele.

Ryder coloca um pouco na boca com uma colherada. "Peço desculpas se a véspera da batalha for um evento tedioso, raio de sol."
"Desculpas aceitas." Não sei como ela consegue, mas o rosto de Ryder se abre num sorriso. "Não há nada de trágico neste momento, então Não empreste a dor de amanhã pela paz de hoje. Se meu mundo acabar amanhã, não há mais ninguém com quem eu prefira passar minha última noite. Sorin e Calithea pousam na floresta atrás de nós, bufando. "E você também, querida."
Os dragões esmeralda e prateado se enroscam em torno do nosso pequeno grupo enquanto os outros três circulam no ar acima de nós. Elowen sorri, largo e belo, e isso me tira o fôlego antes que eu baixe o olhar. A mulher com o maior coração que já conheci será o maior alvo em campo. Ela tem sido um alvo a vida toda e, deuses, eu sei que ela sabe se virar, mas nunca imaginei que seria tão difícil vê-la cumprir o acordo que fizemos. Parte de mim deseja que tivéssemos fracassado e vivido juntos no exílio como foras da lei.
Mas ela nunca seria feliz.
Ela nunca estaria completa sem seus dragões.
Ela ama esses animais mais do que a maioria das mães ama seus filhos.
Finnian olha para todos nós. "Este não é o meu pior dia, nem o de vocês, então não vamos ficar aqui de mau humor e nos arrependermos amanhã."
"Quando eu estava trancada na masmorra", começa Elowen, e todos nós paramos. Parece que o mundo para. Ela nunca fala do seu tempo em Imirath. "Depois das surras particularmente fortes, eu sussurrava: *Só mais um dia*. Tudo o que eu tinha que fazer era sobreviver só mais um dia, e talvez no dia seguinte eu visse meus dragões, eu encontraria um jeito de me libertar. Eu não teria a vida que tenho se desistisse enquanto lutasse por ela."
Mordo a língua e cerro as unhas nas palmas das mãos para não atacar o castelo de Imirath neste exato momento. Ela merece muito mais deste mundo miserável, e assim que a guerra for vencida, ela terá tudo.
“Não importa o que aconteça” — Ryder balança a cabeça — “Eu não desistiria desse tempo com vocês por nada neste mundo.”
Finnian ergue sua caneca. "Às famílias que escolhemos."
“E mais um dia com eles”, termino.
Escondo meu desconforto e beijo sua bochecha quando ela se acomoda novamente entre minhas pernas. Então, alguém à espreita atrás dos dragões fala: "Você tem espaço para mais um?"
Os olhos de Elowen brilham em dourado e Sorin levanta o rabo para deixar Zale entrar em nosso pequeno círculo. "Sempre, principezinho."
Saskia arqueia as sobrancelhas. "Achei que você passaria a noite com seus soldados."
“Eles me consideram um príncipe, e eu me importo pouco com formalidades logo esta noite.”
"Então você gosta quando não está à beira da batalha?", pergunta Finnian.
Zale dá de ombros, pega um pouco de ensopado da panela e acena em agradecimento a Elowen. "Eu não desprezo. Você desprezaria se fosse um príncipe?"
Finnian franze os lábios. "Não posso dizer que pensei muito sobre isso, já que sou um órfão que virou comandante."

"Nunca pensei que me identificaria com você em alguma coisa", murmuro.
“Não é incrível?”
"Tente ser irritante." Elowen me belisca na coxa com suas unhas surpreendentemente afiadas. "Deuses", murmuro, agarrando sua mão. "Sim, Finnian, estou imensamente feliz por sermos ambos órfãos belicosos. Felizes agora?"
"Imensamente", ela responde, zombando da minha voz e provocando uma onda de risos em todo o grupo.
Eu me abaixo para tocar seus lábios com o dedo, baixando a voz para que só ela possa ouvir. "Continue falando, querida. Você está me fazendo pensar em todas as maneiras que eu adoraria te calar."
"Estou contando com isso." Seus olhos brilham com um desafio, e ela morde a ponta do meu dedo antes de se virar para o grupo e se aconchegar no meu peito.
Sorin rosna quando um galho se quebra. "Puta merda", outra voz familiar grita, e Elowen manda o dragão embora.
“Olá, Zarius”, ela diz.
"Só estou aqui porque quero ter certeza de que vocês não estão tramando sem mim, não porque quero passar um tempo com qualquer um de vocês", diz ele, ocupando um lugar vazio na base de uma árvore. "Eu não esperava quase ser queimado vivo."
Elowen revira os olhos. "Sorin nem levantou a cabeça."
“Eles ainda podem cuspir fogo enquanto estão deitados.”
“Se isso lhe serve de consolo, ele já estava farto de cabras, então provavelmente não teria comido você.”
O olhar de Zarius se volta para a fera verde que o encara enquanto ele diz lentamente: "Sim, isso é bastante reconfortante."
"Não estamos tramando sem você", afirma Saskia. "Amigos jantam de vez em quando, embora eu duvide que você teria passado por isso, dada a sua personalidade repulsiva."
“Se *você* encontrar uma maneira de realizar esse feito, tenho certeza de que vou entender.”
Elowen esconde o rosto no meu peito para rir, mas Finnian a vê e isso o irrita, seguido por Ryder, porque Finnian bufa como um porco. Envolvo meu braço em volta dos ombros de Elowen para esconder meu rosto em seus cabelos, mas Saskia ainda vê.
"Eu odeio todos vocês", ela resmunga.
Sua raiva se dissipa ao longo da noite, e ela ri junto com o resto de nós de várias piadas às custas uns dos outros e das histórias que trocamos. Mas a pilha de toras desaparece, e depois a segunda, e a terceira. Quando o acampamento fica em silêncio, a gravidade do momento pesa sobre todos nós.
As chamas se apagam, deixando apenas brasas brilhantes, e o frio se aproxima. Um pedaço da lua paira alto no céu, e todos nós sabemos que é hora de descansar, mas nenhum de nós se move — nem Finnian, encostado em uma árvore; nem Ryder, com um braço sob a cabeça enquanto olha para as estrelas; Zale, enquanto termina sua cerveja; Saskia, enrolada em um cobertor ao meu lado; Zarius, cutucando as brasas com um galho; nem Elowen, com a cabeça apoiada na minha coxa.

"Sem despedidas", diz Ryder, levantando-se e limpando as calças. "Vejo vocês amanhã de manhã." Ele estende a mão para Saskia enquanto Sorin e Calithea alçam voo novamente, acenando para nós antes de acompanhar a irmã até a tenda dela.
"Vou voltar com vocês dois", diz Zale para Finnian e Zarius. "Isso vai me salvar do casal."
Finnian bufa, beijando a testa de Elowen enquanto desaparece na escuridão com os príncipes. Entrelaço meus dedos nos de Elowen para puxá-la para que se levante e passo meu braço em volta dos seus ombros, aconchegando-a. contra o meu corpo. Soldados param de afiar armas e conversar entre si para inclinar a cabeça em nossa direção enquanto atravessamos fileiras de tendas para voltar para a nossa. Afasto o tecido pesado para ela e o deixo cair atrás de mim depois de me abaixar para dentro. Não há nada aqui além de um estrado de peles e uma lanterna fraca, mas é tudo o que precisamos por uma noite.
Elowen desabotoa a fivela do casaco com dedos trêmulos, deixando a massa de tecido azul-escuro forrada de pele deslizar para o chão, seguida por suas roupas de couro e túnica. Imitei seus movimentos, enquanto ela se enfiava sob as peles sem um único pedaço de roupa. Eu provavelmente estaria ofegante como um cachorro se não estivesse tão preocupado com ela.
“Ele.”
"Hmm?" ela cantarola, olhando fixamente para a parede de tela.
"Anjo." Sento-me ao lado dela, envolvendo-a em meus braços, e dou um tapinha na lateral de sua cabeça. "Não me deixe sozinha enquanto você enfrenta a tempestade sozinha."
Ela suspira, traçando as marcas no meu pescoço e por cima do meu ombro. "Um dia você vai se cansar das minhas divagações."
“Você poderia ler textos políticos áridos por horas e eu ainda estaria interessado porque estaria observando você e ouvindo sua voz.”
Ela sorri, mas o sorriso é carregado por muitas emoções. "Vou guerrear contra meu pai por causa do que ele fez comigo e com meus dragões quando eu era criança, mas não consigo parar de pensar nos soldados que nunca mais voltarão para casa e na dor que seus entes queridos sofrerão, tudo porque eu não consegui seguir em frente como Ailliard esperava."
Contenho minha raiva ao mencionar aquele bastardo doente e me concentro nela. O que ela precisa não é de um discurso sobre o quanto eu odiava aquele homem.
"Imirath tem lutado contra Vareveth desde antes mesmo de nós nascermos, e antes de eu me tornar comandante, eles costumavam atacar Ladislava regularmente. Muitos dos soldados que lutam conosco agora perderam imensamente nas mãos de Imirath."
Ela assente e respira fundo. Graças aos deuses, estou melhorando no uso das palavras. "Talvez em outra vida não tenhamos que lutar guerras. Talvez sejamos felizes, aliviados e simples."
"Não quero uma vida diferente com você." Pressiono meus lábios nos dela. "Eu quero esta, e depois de amanhã seremos felizes, descomplicados e simples. Eu juro. Eu te darei o que você quiser."
"O que *você* quer?", ela pergunta, ainda traçando minhas marcas. "O que você pensa quando imagina o futuro?"

Lambo os lábios e coloco a mão atrás da cabeça. "Eu disse que nunca me permiti pensar muito nisso. Nunca pensei que teria um."
"Pense", ela insiste. "Sei que é um conceito difícil para você entender, mas confio na sua capacidade."
Puxo levemente um de seus cachos. Sempre pensei que morreria jovem, como se estivesse vivendo com o tempo contado, então nunca me preocupei em pensar em um futuro além da vingança. "Tudo o que vejo é você feliz em casa, cercada de livros, doces e dragões, usando pouca ou nenhuma roupa, mas estou aberta a negociar o quanto você se cobre." Ela inclina a cabeça, olhando para mim como se quisesse que eu dissesse mais. Passo a língua pelos dentes e solto um suspiro. "Por que você não me conta esses seus grandes planos, para me inspirar?"
Ela morde o lábio novamente. "Nós nunca conversamos sobre" — ela engole em seco — "filhos. Todo mundo vive usando o termo *herdeiro* para nos atingir, mas nunca falamos sobre isso."
Meu olhar se desvia dela e pigarreio. "Você quer?"
"Não sei", ela responde baixinho. "Quando os dragões foram tirados de mim... os gritos deles... ainda consigo ouvi-los, e pareciam tanto de crianças. Não posso passar por isso de novo."
"Não acho que seria um bom pai, mas jamais deixaria isso acontecer", digo, com uma onda de proteção crescendo dentro de mim. Há algumas pessoas neste mundo que tornariam o mundo melhor se não procriassem, e eu realmente acredito que sou uma delas, mas o que sei é que *jamais* deixaria que meus filhos sofressem. "Eu não serei ele."
"Ele?" Seu olhar se suaviza. "Seu pai."
Fixo meus olhos no dossel acima de mim. As paredes do meu primeiro apartamento eram finas como papel e eu ouvia os gritos das mulheres enquanto elas deram à luz, ouviram os soluços dos maridos quando sangraram até a morte na cama. Pensar em Elowen naquela posição... não consigo.
Ela pressiona os lábios contra o meu coração. "Você nunca será como seu pai." A vontade de refutar a declaração dela me sobe pela garganta. Eu me pareço com ele. Sou miserável e egoísta como ele. Sou incapaz de amar quase qualquer coisa neste mundo além da mulher em meus braços. "Você ficou ao meu lado quando teria sido mais fácil me entregar aos meus captores. Você lutou por mim, e desde que nos conhecemos não se passou um dia sem que eu soubesse que estava segura com você."
"Eu te amo até a medula." Olho para ela de novo, com um desespero me arranhando o peito. "Você sabe disso, né?"
"Eu faço."
"O mundo poderia estar desabando agora, e eu ainda ficaria aqui com você, Elowen Veles." Pressiono meus lábios nos dela novamente, sentando-me para trocar de posição. "Se esta for minha última noite neste mundo, preciso que você saiba que te conhecer foi a parte mais maravilhosa da minha vida."
Uma lágrima escorre de seus olhos, mas coloco meus lábios nos dela antes que ela tenha a chance de responder. Preciso senti-la. Preciso cuidar dela. Envolvo meu braço em volta de sua cintura, empurrando seu peito contra o meu enquanto ela se arqueia para fora das peles. Quero mantê-la como um segredo, escondida do mundo e só para mim. Deslizo meus nós dos dedos por sua bochecha e passo

os dedos por seus cachos como se tivéssemos todo o tempo do mundo em vez de estarmos à beira de uma batalha.
Com um braço, ela aperta meus ombros com mais força e a outra mão desliza pelo meu peito para agarrar meu membro. Sua mão desliza languidamente para cima e para baixo, fazendo o sangue correr para o meu pau. Mergulho meus dedos dentro dela enquanto ela me acaricia, bombeando e curvando-os enquanto seus gemidos pressionam minha boca.
"Por favor", ela suspira. "Preciso de você."
“Eu sei, amor.”
Eu me alinho com a entrada dela, empurrando lentamente para dentro. Normalmente eu passaria mais tempo provocando-a, mas eu preciso dela também, como se nunca tivesse precisado de nada, nunca tivesse me permitido precisar. É assustador, mas eu não faria isso. Desisti dela por qualquer coisa. Durante toda a minha vida, me protegi contra a vulnerabilidade, mas eu me despojava de toda a armadura e entregava uma lâmina a ela.
Suas pernas se apertam em volta de mim enquanto eu a penetro, me apossando dela em movimentos longos e sem pressa. Fazendo amor não apenas com seu corpo, mas também com sua alma. Pressiono meu anel de sinete em seu clitóris, e ela geme contra meus lábios enquanto suas coxas começam a tremer. Circulando-o, acelero o ritmo, separando nossos rostos o suficiente para vê-la revirar os olhos enquanto ela grita meu nome.
Envolvo meu maxilar com a mão, forçando-a a olhar de volta para mim e a fodo em seus picos de prazer, sem me permitir gozar ainda. Quero que ela esteja mole quando terminarmos.
Viro-a de lado e deito-me atrás dela, enganchando uma de suas coxas sobre meu braço e deslizando de volta para dentro dela. Ela arqueia as costas, e eu agarro seus cachos para trazer seus lábios de volta aos meus enquanto jogo meus quadris para frente. Forço qualquer coisa além dessa mulher para fora da minha mente, me perdendo nela. Ela envolve o braço em volta do meu pescoço para nos manter próximos e morde o lábio. Seus olhos estão pesados de desejo enquanto ela empurra seus quadris de volta para os meus.
Talvez as pessoas estivessem certas. Talvez ela seja uma feiticeira. Sinto o sabor da divindade quando nossos lábios se encontram e entre suas coxas, e a cada gemido e respiração ofegante, me sinto mais cativada por ela. Quando sua pele é pressionada contra a minha e ela me deixa entrar em seu corpo, sinto-me como um crente renascido realizando um ritual sagrado para uma deusa.
Solto seus cachos e deslizo meu braço por baixo dela, precisando passar as mãos por seu corpo. "Você me deixa sem noção para você", digo como uma acusação, e giro seu mamilo pontudo entre meus dedos. "Você sabe como é difícil estar cercada de pessoas, saber como é ter você em volta de mim, e ter que fingir que não quero te prender e fazer exatamente isso?"
"Você faria isso?", ela suspira.
"Garota carente, você ia gostar disso." Sorrio contra seus lábios. "Eu nunca deixaria ninguém que te viu nua sair com ar nos pulmões, mas que bela visão para guardar no submundo. Mas sim, Elowen" — empurrei com força — "se você deixar, eu chego por trás de você e deslizo meu "Um pau em você. No jardim, na biblioteca, na cozinha... que diabos, eu interromperia uma reunião só

para sentar você na minha mesa e abrir suas coxas."
Minha mão busca seu clitóris mais uma vez, curvando meus dedos para cima para atingir seu ápice de prazer. Ela ofega e se contorce em meu abraço, enterrando a cabeça na curva do meu pescoço. Mas eu a forço a sair e deslizo minha língua do seu ombro até sua garganta, mordendo o ponto que ela ama logo abaixo da orelha. Ela se arqueia contra mim novamente enquanto eu chupo, querendo marcá-la. "Me dá outra, linda. Você está quase lá."
Ela se desfaz, gritando meu nome e me puxando para o abismo com ela. Puta merda, *essa mulher.* Estou arruinado, desde o dia em que a conheci, e estou irrevogavelmente condenado a cada respiração. Ela nem precisa estar na minha presença, porque está na minha mente, me encantando como uma sedutora, e quando penso nas lendas de marinheiros que se jogavam às marés ao ouvir o canto de uma sereia, entendo o porquê. Eu seguiria Elowen para qualquer lugar, até mesmo para a morte.
Eu me afasto dela e a puxo para o meu peito, passando as mãos pelos seus cachos bagunçados. "Durma, mia sirantia. Estarei aqui quando você acordar."
"Eu te amo", ela murmura, passando o polegar sobre a aliança e colocando a perna sobre a minha. Suas piscadas ficam mais intensas, e eu passo os dedos por cada centímetro dela.
"Eu te amo mais do que você jamais saberá", sussurro depois que ela adormece.
Estou bem acordado e não pretendo pregar os olhos, pois não quero perder um segundo sequer saboreando a sensação do coração de Elowen pulsando contra o meu.
Amanhã me tornarei a pior versão de mim mesmo para lutar pelo nosso futuro.
Mas esta noite, tudo o que sou é dela.

Capítulo

SESSENTA E SEIS

Elowen

EU AMARRE MINHA TRANÇA, SACUDINDO Coloco-a sobre o ombro e a deixo cair pelas costas. Um símbolo dourado da Casa Veles repousa no centro da minha testa, em uma faixa simples. As mesmas facas que prendo às pernas todos os dias repousam sobre mim, e visto detalhes de armadura preta sobre minha túnica azul para proteção extra — uma placa peitoral de aço; protetores de ombros, braços e coxas, todos

projetados com elementos dracônicos. São mais finos que a armadura de um soldado de infantaria, o que me permite mobilidade enquanto cavalgo, mas ainda assim são fortes.
Lutei pela minha coroa, sangrei pelos meus reinos passados, presentes e futuros, e terei minha vingança. Penso na masmorra, sinto o cheiro do sangue acobreado acumulando-se no chão, ouço o tilintar das correntes e as provocações dos guardas do meu pai, e sinto uma bengala batendo na minha carne. Obrigo-me a conjurar a imagem dos meus dragões sendo arrastados para longe de mim, a sentir a queimação na minha garganta enquanto eu gritava.
Não cessarei até que a cidade flua com os rios vermelhos que criei. A princesa da destruição pode renascer das cinzas como a rainha da salvação.
As abas da tenda se abrem e Finnian mergulha para dentro. Ele veste uma armadura completa, com o arco preso ao peito e uma espada na cintura. "Batedores relataram que o inimigo se mobilizou. Cayden enviou uma convocação para que todos os governantes compareçam a uma última reunião do conselho antes do início da batalha."
Concordo com a cabeça, verificando minhas bestas para garantir que estejam carregadas corretamente, e balanço uma aljava de flechas por cima do ombro. Ele segura a tenda aberta para mim e eu entrego minhas armas a um soldado que aguarda. "Prendam estas na sela de Venatrix. Já cuidei de todas as outras." Deixo que ela veja meus olhos brilharem em ouro, por precaução, enquanto dou o comando através do vínculo. "Eu ordenei que ela deixasse vocês se aproximarem, então não têm nada a temer, mas não se demorem."
"Sim, minha rainha." A mulher se curva, sua armadura preta e azul brilhando ao sol enquanto ela segue minhas ordens.
O acampamento é uma série de tendas nas cores das casas de nossas forças aliadas: azul, vermelho e laranja. Finnian me leva até a estrutura maior, com três picos no topo, e embora minhas roupas de couro sejam forradas com pele, o fogo queimando lá dentro é bem-vindo. O elmo de Cayden repousa sobre a mesa, assim como a espada que lhe dei de presente no solstício de inverno, e sua armadura de obsidiana o torna facilmente o maior homem aqui.
Nossos generais abaixam a cabeça quando passo por eles, ocupando meu lugar ao lado de Cayden, no centro da longa placa de madeira coberta com um mapa de Zinambra. A armadura prateada e as capas vermelhas usadas por Zarius e seus generais contrastam fortemente com o ouro de Galakin.
"Você não estará com a frota?", pergunto a Zale, notando sua armadura pesada. Soldados da Marinha preferem roupas de couro, considerando que afundarão como uma pedra se caírem no mar.
"Vou liderar um batalhão para a batalha. Quero que Thirwen e Imirath vejam que seus inimigos estão unidos contra eles em todas as frentes", responde ele. "No entanto, minha frota está mobilizada." Ele aponta para a ponta sul de Imirath. "Não há avistamentos de navios vindos das ilhas do sul e nosso objetivo é cercar a frota. Se eles fugirem para a costa..."
"Vou queimá-los vivos. Serão como alvos fáceis na praia", afirmo antes de me virar para Cayden. "Posso ordenar que dois dragões permaneçam com o exército."
Não, vocês precisam utilizar toda a força deles para monitorar o máximo de

território possível. Não podemos arriscar que Garrick ou Fallon escapem em um barco e conquistem apoiadores em outro lugar. Esta guerra termina hoje.
“Deveríamos marchar em breve”, afirma Ryder. “Não vai demorar muito para eles nos alcançam e terão uma vantagem se não chegarmos ao topo da colina.”
"Marcharemos em breve, mas marcharemos até a base da colina onde estamos", responde Cayden, e a tensão cresce dentro da tenda silenciosa enquanto soldados experientes olham uns para os outros.
"A base da colina?", pergunta Sor Rhys. "Peço desculpas, Alteza, mas..."
"Cuidado com a língua e não haverá motivo para implorar", Cayden o interrompe.
Rhys se irrita. "Sei que você tem experiência, mas ficar parado na base de uma colina é suicídio."
"Vamos levar o plano de Cayden até o fim", interrompe Zarius, e consigo disfarçar a surpresa. "Ele é o espadachim mais notório e não teria se tornado o demônio de Ravaryn por causa de planos falhos."
Cayden abaixa o queixo, e Zarius faz o mesmo. Algo desconhecido para mim é comunicado através dos olhos deles. Embora pareça ser desconhecido para todos nós. Se eu não confiasse em Cayden para liderar as forças terrestres, eu o puxaria de lado e exigiria saber o que ele está pensando, mas mesmo antes de conhecer Cayden, eu o conhecia. Sua mente é tão letal quanto sua espada.
"Seríamos tolos se acreditássemos que Imirath e Thirwen não têm tantos batedores monitorando nosso acampamento quanto nós temos o deles, e nem todo plano pode ser falado em voz alta", digo. "Cayden não começará esta batalha em desvantagem. Se há algo em que se pode confiar, é na reputação dele."
Sor Rhys se curva, mas não diz nada enquanto as trompas de batalha soam à distância, acompanhadas pelo som de milhares de botas e cascos batendo na terra.
"Garrick e Fallon não foram avistados com seus exércitos, e imagino que suas rainhas estejam com eles", Cayden me diz. "Faça o que for preciso para expulsá-los. Comandarei um batalhão para vasculhar o campo em busca de Nykeem e eliminá-lo. Estarei pronto para os governantes quando eles fugirem do castelo após o seu ataque."
Concordo com a cabeça antes de olhar para Zarius. "Como eu disse, o destino dos governantes de Thirwen dependerá de você."
"Ninguém marcha diante do meu comando", declara Cayden. "Qualquer um que desobedecer será abatido sob minha ordem. Certifique-se de que seus soldados estejam cientes disso e comece os preparativos."
Todos se afastam lentamente da mesa para realizar suas tarefas individuais, e os dragões gritam acima. Seus olhos aguçados já devem estar enxergando o inimigo. Viro-me primeiro para Finnian, agora que restam apenas cinco de nós. Sua garganta se contrai enquanto ele olha para mim e se estica para me envolver em seus braços. Ele pressiona uma das mãos na minha nuca e a outra em volta da minha cintura, curvando-se um pouco para acomodar nossa diferença de altura enquanto eu fico na ponta das botas.
“Sobrevivemos juntos”, diz ele. “Hoje não é diferente.”
Abraço-o com mais força. "Contra o mundo, Finny. Você e eu."

Ele encosta a testa na minha, apertando minhas mãos enquanto pisca os olhos marejados. "Sem mais palavras. Sem despedidas."
Pressiono a palma da mão em sua bochecha, deixando o amor em meus olhos dizer as palavras que nenhum de nós consegue pronunciar. Não acho que exista uma maneira adequada de agradecer a alguém por amar você quando você se sentia indigno de amor, por se tornar sua família quando você não tinha ninguém e por se transformar em um lar quando você não sabia o que procurar em um.
“Prometo deixar você me arrastar para todas as tavernas que aparecerem quando a batalha terminar.”
Suas sobrancelhas se franzem enquanto ele ri, e deixamos por isso mesmo. Não serei capaz de montar um dragão se sequer imaginar um mundo sem Finnian. Existimos através do que e de quem amamos; isso preenche as rachaduras que o ódio esculpe dentro de nós e nos dá um motivo para superar nossos piores momentos. Mesmo quando você não consegue encontrar forças para viver por si mesmo, você consegue por outra pessoa.
Ryder e Cayden são os menos emotivos, talvez porque lutam lado a lado em todas as batalhas, ou talvez seja por causa da experiência. Mas Saskia teve que se despedir deles com a mesma frequência, e fica claro que ela está tendo dificuldade em controlar seus sentimentos.
“Estou com você”, diz Ryder.
"Estarei à sua esquerda", responde Cayden, estendendo a mão para que ele e Ryder possam apertar os antebraços um do outro. "À batalha, irmão."
Ryder se vira para Finnian, oferecendo-lhe o mesmo gesto de despedida que fez para Cayden. "Você vai comandar os arqueiros no topo deste penhasco?"
“Até que as falas fiquem muito misturadas, então eu entrarei na batalha.”
"Ótimo. Você tem a melhor mira do mundo, então pelo menos tenho uma chance um pouco menor de ser atingido por uma flecha perdida." Ele suspira, parando na minha frente e apontando para o céu. "Você dá um inferno para esses desgraçados e impede que uma serpente alada destrua meu lindo rosto."
“Você tem minha palavra de que ficará tão bonita quanto antes quando a batalha acabar.”
"Algo pelo qual viver." Seu sorriso se alarga, mas se contrai quando ele se vira para Saskia, que o encara com olhos marejados. "Nada disso."
Ela pisca mais rápido, seus cílios escuros brilhando com as lágrimas que ela tenta desesperadamente conter enquanto o abraça. Ryder aperta sua cintura com mais força, beijando o topo de sua cabeça antes de soltá-la. Em seguida, abraço Saskia, inspirando seu aroma de jasmim antes de lançar um último olhar para um grupo de pessoas que passaram a significar mais para mim do que eu jamais imaginei.
"Vejo vocês em breve", digo enquanto Cayden entrelaça seus dedos nos meus e me conduz para fora da tenda. Os soldados já começaram a formar suas fileiras, e uma mistura de estandartes da Casa Veles, da Casa Ilaria e da Casa Liluria invertidos tremulam ao vento. Eles aguardam pacientemente que seus líderes os escoltem até o campo de batalha, preparados para lutar, preparados para morrer.
Não sou de fazer discursos, mas solto a mão de Cayden e dou um passo à frente, sabendo que esta será minha última chance de me dirigir ao exército antes de alçar voo.

"Soldados de Vareveth", começo, elevando a voz o suficiente para garantir que todos possam me ouvir. "Vocês são do reino dos dragões e devem lutar como se o próprio fogo que reside nas bestas aladas vivesse com vocês. Um dragão não se acovarda diante do aço, e vocês também não." Eles batem as espadas nos escudos duas vezes. "Eu nasci na Casa Atarah, uma das casas governantes mais antigas de Ravaryn, mas no final desta batalha serão os estandartes da Casa Veles adornando esta cidade. Ela será nossa!" Os soldados batem as espadas novamente, erguendo as vozes em aplausos enquanto eu insisto. "Para os nossos aliados que vieram aqui para se juntar à nossa luta, a lealdade de um dragão não é algo volúvel. Vocês estão conosco hoje, e não esqueceremos sua bravura. Ao estarem aqui, vocês ajudam a libertar o povo de Imirath — meu povo de sangue — das garras do tirano Garrick Atarah. Quando o sol se pôr neste dia, vocês se erguerão como os vitoriosos de um novo mundo ungido com o sangue dele!"

Os aplausos são ensurdecedores quando olho para Cayden, e ele segura minha mão novamente para me escoltar através das linhas. Soldados nos olham com respeito e adoração. Meu coração bate no ritmo dos tambores de guerra que vibram na terra enquanto os batalhões clamam por vingança, por retribuição, pela morte de seus inimigos.

Espero que meu pai possa ouvi-los de onde ele se esconde em seu castelo.

Espero que ele esteja olhando para o céu com medo, esperando que eu desça.

Eu vim para o meu trono e não desistirei até que a coroa Imirath seja arrancada dele.

Atravessamos a linha das árvores, e a ansiedade aperta minha garganta. Posso fingir coragem para os soldados, mas não para Cayden. Ele estará lá embaixo no campo liderando o ataque, e nossos inimigos estarão apontando suas lâminas para ele. Eu sei que ele é forte. Eu sei que ele sobreviveu a inúmeras batalhas. Mas basta um segundo para sua vida mudar e a tragédia acontecer.

"Por favor, não", sussurro com a voz rouca, olhando para suas botas quando paramos ao lado de Venatrix. "Conversamos tudo o que precisávamos ontem à noite." Não me importo que ele não saiba como será o nosso futuro, porque quero vivê-lo. Não vou deixar Garrick tirar de mim alguém que eu amo. *Não posso.*

"Só direi isso uma vez." Ele emoldura meu rosto com as mãos para manter meu olhar fixo no dele. "Nada disso vale a pena se você não sair daquele campo. Não tenho intenção de morrer, mas preciso que saiba que, se eu encontrar meu fim hoje, nenhum túmulo jamais me reivindicará e minha alma jamais encontrará paz até que esteja com a sua novamente. Sempre darei um jeito de voltar para você, mesmo na morte."

Não sei quem se move primeiro, mas no segundo seguinte meus braços estão em volta do pescoço dele e os dele em volta da minha cintura, e nossos lábios se encontram. Ele me beija como se nunca mais fosse me ver, como se quisesse derramar cada gota do seu amor e proteção dentro de mim para me manter segura.

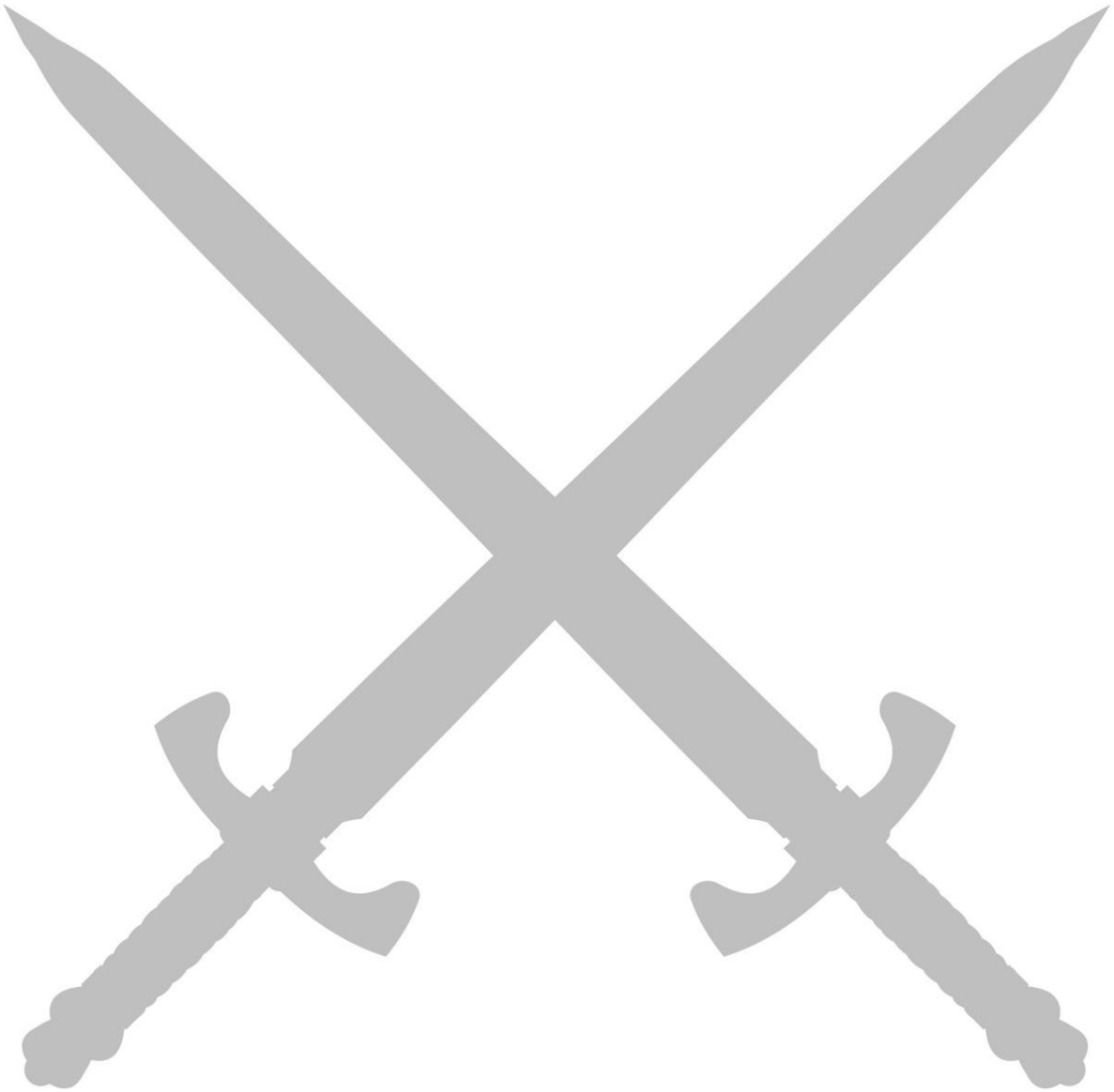
Estou sem fôlego quando ele se afasta e se inclina para me dar outro beijo rápido, como se não conseguisse se conter. "Se você não subir nela nos próximos trinta segundos, não confio em mim mesmo para não te amarrar a uma árvore de novo."

Um meio sorriso carregado por tantas emoções se estende pelos meus lábios, e deixá-lo ir é uma das coisas mais difíceis que já tive que fazer. Parece que algo se rompe entre nós quando rompo o contato, me afastando dele antes mesmo de estar pronta.
"Mostre a eles por que você foi chamado de demônio de Ravaryn", digo, olhando por cima do ombro com uma bota na asa de Venatrix. "Seja tão sanguinário quanto os sussurros dizem que você é; faça o que for preciso para sobreviver e voltar para casa, para mim."
"Eu vou", ele responde enquanto me acomodo na sela de Venatrix e observa enquanto prendo as correias ao meu arreio. "E você precisa mostrar a eles quem você é, El. Eles foram tolos em fazer de você uma inimiga. Agora mate-os por isso. Você é a rainha dragão; você é tudo o que seu pai temia que você se tornasse. Force-o a assistir enquanto você queima o reinado dele."

Capítulo

SESSENTA E SETE

Cayden



TCORCUNDA.
Baque.
Baque.
Baque.

O sol ilumina os seixos e a terra que caem do topo do terreno inclinado. Nossos cavalos pisam firme no mesmo lugar; a maioria deles é experiente em batalhas e sabe que estamos em desvantagem. Trombetas soam, agora mais próximas, sinalizando à cavalaria para se preparar para o ataque. Estandartes exibindo as bandeiras da Casa Atarah e da Casa Liluria coroam o topo da colina, seguidos por uma longa fileira de soldados.
Uma trombeta soa novamente, e eles param imediatamente. A fila se estende até onde a vista alcança. Cutuco meu cavalo na lateral, sinalizando para Koa dar alguns passos à frente do meu exército. Os soldados ficam impacientes perto de mim, e não posso culpá-los — eles não sabem o que está acontecendo. Zarius se certificou disso.
"Mantenham-se firmes!", ordeno. Eu não podia arriscar revelar o plano a ninguém além dos cultos da água e do fogo que o ajudaram a se concretizar. Seus juramentos de sangue os proíbem de trair Elowen e a mim. Se Ryder ou eu tivéssemos trabalhado nisso, teríamos estado notavelmente ausentes, mas Zarius conseguiu encobrir os arredores enquanto os cultos trabalhavam.
"Arqueiros!" grito, dando o comando a Finnian.
"Nock!", ordena Finnian quando o ataque começa. "Soltem!"
Uma saraivada de flechas voa acima, atravessando vários cavalos e soldados inimigos. Observo alguns serem pisoteados pelo exército que se aproxima, seus corpos engolidos em segundos. Desembainho a lâmina presa às minhas costas, mas a mantenho abaixada ao lado do corpo enquanto milhares de gritos de guerra preenchem o ar. Outra onda se segue ao comando de Finnian, eliminando vários outros enquanto o inimigo mira suas lanças, vindo em nossa direção com a promessa de morte nas pontas afiadas.
"Firmes!", grito. Meus soldados ainda não conseguem se mexer. Um único erro pode arruinar o plano.
Levo um momento para contemplar as torres de obsidiana do castelo de Imirath cortando as nuvens. Comecei esta luta pela minha mãe e por mim mesmo, vingando duas mortes que ocorreram naquele dia, apesar de apenas uma alma ter atravessado para o submundo. Tornar-me a pior versão de mim mesmo foi necessário para a sobrevivência, para chegar a este momento, quando um menino nascido sem nada em seu nome pode desafiar um rei.
“Não lutem por mim — lutem por vocês mesmos, lutem por suas famílias e lutem por quem quer que tenham deixado para trás e que sofrerá se caírem hoje! Não lutem pela glória — lutem porque cada inimigo que matarem é mais uma ameaça eliminada. Eu não luto com vocês como apenas um rei; luto com vocês como um homem vingando sua esposa e um filho vingando sua mãe. Lutem com a indignação daqueles que foram pisoteados pelo peso desta guerra e pela corrupção de Garrick Atarah!”, grito acima da sinfonia da guerra enquanto o inimigo continua se aproximando. “Cavalguem com suas espadas desembainhadas e concedam a morte àqueles que os desafiarem! Vocês não demonstram misericórdia, não concedem graça e matam até o último bastardo que se interpuser entre sua rainha e seu trono de direito!”
Centenas de galhos se quebram, expondo a armadilha enquanto uma mistura de soldados de Imirath e Thirwen cai em uma caverna escondida por vários elementos do terreno: galhos, neve, pedras, musgo e folhas. Eles não conseguem

desacelerar seus cavalos devido à velocidade que ganharam ao descer a colina. Seus olhos se arregalam de medo enquanto puxam as rédeas, mas é em vão. Corpos e mais corpos se amontoam uns sobre os outros, indefesos e imóveis, empilhando-se como tijolos.
Ophir e Asena ordenaram que seus cultos cavassem o mais fundo possível, ambos usando seus poderes elementais a seu favor. Magos da água puxaram a água da terra úmida para criar a trincheira curva, e a colina às nossas costas impede o exército de nos cercar, mesmo que consigam pular a abertura. Magos do fogo derreteram pedras e descongelaram a terra sob seus dedos à medida que cavavam mais fundo. Zarius utilizou sua magia de ilusão para mascarar todo o plano e não precisou usá-la para encobrir a trincheira.
Os magos o misturaram perfeitamente com a terra ao redor.
Levanto minha espada bem alto quando a trincheira está lotada. Centenas de mortos do lado deles, e nenhuma baixa do nosso lado ainda. "ATAQUE!"

Capítulo

SESSENTA E OITO

Elowen

"Zayèra!"

As chamas vermelhas de Venatrix cortam uma linha ao longo da praia, engolfando os soldados inimigos que descem dos barcos a remo e tentam correr em direção à batalha. Nossas forças aliadas avançam na maré, disparando canhões para empurrar Imirath e Thirwen para trás enquanto lutam por posição. Fumaça sobe onde eu patrulho a praia e o castelo nas nuvens, e embora

tenhamos causado um dano significativo à sua marinha, os navios restantes ainda são numerosos e repletos de marinheiros habilidosos. Desengancho a besta de onde está presa na sela de Venatrix e ordeno que ela desça.
O vento grita em meus ouvidos, quase abafando o aviso de um soldado no convés. "Dragão! Dragão se aproximando!"
Aperto minha mão na sela, miro em uma mulher que opera o canhão apontado para o topo da frota de Galakin e puxo o gatilho enquanto Venatrix rasga o convés com suas garras, cavando fundo o suficiente para fazer com que a água derrame na embarcação enquanto ela a empurra para o mar.
Sua cauda se arrasta pelo oceano enquanto ela a usa para se guiar pelos estreitos vãos entre os navios. As correias da minha sela se esticam quando ela vira de cabeça para baixo, permitindo que outra saraivada de flechas se desvie de suas escamas blindadas antes de endireitarmos nossa posição novamente.
Olho por cima do ombro para garantir que estamos longe o suficiente da nossa frota para dar o comando. "Zayèra."
Suas chamas saem de seus lábios e engolfam sete navios e quem quer que estivesse a bordo. O fogo do dragão não queima apenas os soldados, mas também derrete a carne de seus ossos e os enegrece. Quando os dragões voam para a guerra, eles se tornam os deuses dela. Mortais e aço são zombarias de seu poder.
Sinos soam atrás, e olho para a frota de Vareveth. Eles estão em posição vantajosa; não deveriam estar pedindo socorro. Ordeno a Venatrix que voe acima dos mastros para me dar uma perspectiva melhor e pisco lentamente enquanto olho para o horizonte repleto de velas roxas... mas não são os símbolos de Atarah bordados nelas... é a lua crescente da Casa Vellgrave, a casa extinta das ilhas do sul antes de serem conquistadas.
Minhas mãos apertam os chifres da sela.
É considerado traição usar o sigilo. Se fossem leais a Garrick, estariam navegando sob os estandartes de Atarah, mas não posso ignorar a possibilidade de uma armadilha. Não ouvimos nada sobre as ilhas do sul além da rebelião inicial, e o território é reivindicado por Garrick. Olho para a frota de Vareveth novamente e uma inquietação formiga em minhas mãos. Nossa marinha ficará pressionada entre Imirath e a frota das ilhas do sul se eles não vierem lutar por nós.
"Solka." Ordeno a Venatrix que voe até eles e convoco Sorin e Delmira para segui-los. Planamos sobre nossa marinha e rapidamente alcançamos a frota que se aproxima. Venatrix ruge no topo da pirâmide, mas eu a forço a não queimá-los ainda, e nosso vínculo se esvai. Ela se rebela contra a ordem; misericórdia não está em sua natureza. "Lotas, Venatrix."
Ela obedece ao comando quando dito em Ravariano. Isso tem mais peso na mente deles.
A bile sobe pela minha garganta quando olho mais de perto e percebo que os gurupés de cada navio não são adornados com entalhes... mas sim com corpos. O sangue encharca as armaduras dos soldados de Imirath e escorre pela proa de cada embarcação que se aproxima. Desço, precisando de uma análise mais atenta antes de decidir se acredito que eles estão realmente aqui para lutar conosco.
As garras de Venatrix afundam no convés do navio que lidera a frota e Quase

vira sob o peso dela. Ela solta um rugido ensurdecedor, fazendo todos a bordo se ajoelharem. "Um movimento em falso e eu queimo vocês vivos."
"Viemos lutar pelo rei demônio e pela rainha dragão", grita alguém em desespero, e eu paro um momento para observá-los. Todos a bordo vestem roupas comuns manchadas de sangue, parecendo mais pescadores do que membros de uma força naval, mas são seus portes que revelam que são guerreiros — e também suas cicatrizes.
"E se alguém contar uma mentira, eu a darei de comer ao meu dragão", afirmo. "Venatrix é uma fúria sanguinária — ela anseia por isso — e nem mesmo toda a sua tripulação saciará o apetite dela."
A madeira range quando um homem se levanta de onde estava ajoelhado, e eu puxo minha besta e a aponto para o convés superior. Ele para e levanta as mãos enquanto se agacha desajeitadamente. "O que meu soldado diz é verdade, Alteza. Viemos ajudar em seus esforços contra Garrick Atarah."
“Presumo que você seja o capitão?”
“Sim, minha rainha.”
Aponto o dardo carregado para o seu coração. "Por que eu deveria confiar em você? Não quero queimá-lo, capitão, mas não posso deixá-lo chegar perto da minha frota se eu perceber uma ameaça."
“Seu rei é um sulista.”
"Metade", corrijo. "Soubemos da sua rebelião, mas o nome de Cayden não foi mencionado quando você chamou o seu legítimo rei. Ele não tem nenhuma relação com a Casa Vellgrave."
A Casa Vellgrave se foi, mas o Rei Cayden Veles é o único governante a quem me curvarei. Ele tem o sangue das ilhas do sul em suas veias. Nobre, plebeu, isso pouco nos importa. Sofremos há muito tempo sob o reinado de seu pai. Ele trouxe os soldados que patrulhavam nossas terras para Zinambra em preparação para a batalha, e nós nos rebelamos, sabendo que você e o Rei Cayden estavam chegando.
Parece bom demais para ser verdade, mas eu não só seria um tolo se os executasse, como também não seria melhor do que o homem que eles estão desesperados para ser. Livre de. O homem de quem estou desesperada para me livrar. Olho ao redor, para os navios que partiram de suas ilhas, e nenhuma arma é apontada contra mim, nenhuma flecha apontada para minha garganta.
Eles navegaram até aqui em busca de liberdade e por Cayden. Gostaria que ele pudesse testemunhar o povo da terra de seu pai o escolhendo de uma forma que seu próprio pai nunca fez. Acho que ele pode aprender a amar as ilhas do sul, a honrar sua cultura como Garrick nunca fez.
"Se vocês estão conosco, dividam seus navios e nos ajudem a cercar a península. Garrick e Fallon não podem escapar." Não tenho tempo para ficar aqui e conversar. Calithea e Basilius continuam monitorando a praia e queimando sempre que necessário, mas preciso voltar a vigiar o castelo. "Se apontarem seus canhões para a minha frota, não viverão o suficiente para ver o fim desta batalha."
O homem aperta o punho sobre o coração antes de colocar as duas mãos no leme. "Ao rei!"
"Ao rei!" ecoa a tripulação, e Venatrix bate as asas para se erguer do convés. Eu

voo acima deles, observando seus navios cortarem a superfície. Meu fôlego se esvai quando a frota se divide em duas e eles seguem meu comando. As ilhas do sul realmente se rebelaram, e o fizeram para se curvar a Cayden. Agora são quatro reinos contra dois na água, mesmo que nossos números de Thirwen sejam extremamente baixos. Um orgulho imenso cresce dentro de mim. Oh, deuses, mal posso esperar para contar a Cayden, mas preciso me concentrar em passar pela batalha primeiro. Não há nenhum sinal do meu pai ou do Rei Fallon.

Eu me desvencilho de Venatrix e pulo nas costas de Sorin. Venatrix está sedenta por sangue, então permanecer na praia saciará seu desejo, mas preciso estar no meu dragão mais rápido caso aviste Garrick. Deixamos a areia para trás e cruzamos a cidade. Cidadãos de Zinambra correm pelos canais e ruas estreitas, gritando sob as sombras das asas do meu dragão. Eles se escondem atrás de barris e fogem para dentro de lojas e casas... como se meras pedras e madeira pudessem protegê-los se eu decidisse incendiar a cidade. Mas não vou me sentar em um trono cercado pelas cinzas dos inocentes. Quero apenas um cadáver aos meus pés hoje. Sorin pousa em um prédio alto, suas garras envolvendo a borda enquanto ele ruge em direção ao castelo.

Tudo parece tão parecido com o que era quando estivemos aqui pela última vez. Candeeiros de parede em forma de dragão ainda ladeiam as estradas e pontes de pedra curvas que se estendem sobre os canais. Ilhas dentro das baías ainda abrigam propriedades, restaurantes e lojas extravagantes. As casas de pedra escura são tão encantadoras quanto sempre foram, mas há uma coisa que estraga a cidade, que de outra forma seria bela: *o castelo.* Meu coração dispara enquanto olho para ele, e Sorin grita novamente, sentindo meu crescente desconforto enquanto as memórias me inundam. Meus lábios se curvam ao olhar para as estátuas de dragão ainda margeando a entrada. Pensei que Garrick as teria removido depois de ouvir sobre o símbolo meu e de Cayden, mas talvez seja por isso que ele não o fez. Ele não queria parecer assustado.

No entanto, ele se encolhe atrás das mesmas paredes em que me trancou, agarrando-se ao seu trono como uma tábua de salvação enquanto seus soldados caem no campo de batalha. Eu nasci aqui, sangrei aqui, fugi para cá, mas não poderei governar aqui até que Garrick morra. Não sou mais um fantasma, nem a princesa acorrentada. Sou Elowen Veles, a rainha dragão, e meu pai pode espalhar dragões de pedra por todo o seu reino na esperança de projetar seu poder sobre o seu reinado, mas ele nunca montará em um dragão. Ele nunca será um com as feras que são fogo transformado em carne.

Quero que ele me encare.

Quero que ele veja o monstro que ele criou.

Quero que ele tenha medo de mim como eu tive medo dele um dia.

Sorin salta do telhado, abrindo bem as asas e nos levando para mais perto da estrutura que outrora foi apelidada de castelo impenetrável. Ele deveria saber que um dia seu monstro retornaria para quebrar sua jaula. Fugir não foi suficiente; nunca será suficiente. Enquanto eu viver, pensarei neste lugar e nunca verei sua beleza. Tudo o que vejo é a morte, e quero que todos a vejam como eu a vejo.

Sorin plana em direção à entrada, abrindo as asas para voar até o topo de uma imponente torre de obsidiana. Subimos acima do castelo, e Sorin estende

totalmente as asas enquanto grita, grita e grita. Mais uma vez. A agonia permeada pelo som me aperta o coração e o retorce. Aperto com mais força os chifres da sela enquanto ele mergulha bruscamente e cospe chamas verdes pela torre, girando em torno dela. Ela se desintegra e se choca contra a terra enquanto ele continua sua perseguição destrutiva. Calithea se junta a ele, arranhando a fachada do castelo com suas garras e rugindo pelas fendas que abre. Venatrix e Delmira permanecem na praia, mas o enorme corpo lilás de Basilius desce sobre a ponte que leva à entrada principal, rasgando-a com suas garras enquanto derrete as estátuas de dragão perto da entrada, que eram quase tão altas quanto ele.

Mantenho o vínculo aberto, deixando a raiva e a dor deles me invadirem enquanto queimam e dizimam nossa prisão. Garrick tentou tirar tudo de mim, de nós, mas eu cravei minhas garras no destino e o rasguei em pedaços. Minha raiva ferveu por anos e agora ferve em mim, queimando tudo em meu caminho.

"Encare-me, pai!", grito. "Eu vim até aqui; o senhor não quer cumprimentar sua filha?"

Depois que todas as torres caíram, Sorin banha o telhado com uma labareda tão quente que a sinto pulsando contra minhas bochechas. A fumaça arde em meus olhos e a poeira flutua no ar enquanto, pedra por pedra, metade do telhado desaba sobre si mesmo. Sorin crava suas garras na saliência em ruínas, jogando a cabeça para trás e rugindo.

"ME ENFRENTE, PORRA!" Eu subo nas costas de Sorin, mas tudo o que isso faz é me dar uma nova perspectiva através das chamas verdes, prateadas e lilás. Com o estado do castelo, meu pai será forçado a fugir. Torres desabam no canal na base, muralhas em chamas caem desordenadamente, e o que resta da estrutura balança e balança enquanto o ataque continua. Projeto o rosto de Garrick em minha mente e mantenho o vínculo aberto em meu peito enquanto me sento novamente. Mesmo que ele escape da minha vista, ele nunca escapará dos dragões.

A cabeça de Sorin vira para a esquerda e a saliência desaba em seu rastro enquanto ele nos atira em direção ao chão, no lado leste do castelo. Uma risada insana sobe pela minha garganta quando percebo por que ele agiu tão abruptamente.

Garrick Atarah finalmente está fora dos muros de seu precioso castelo.

Calithea irrompe através de uma torre em ruínas, rugindo ao se juntar a nós, E ordeno que Basilius ataque os dragões que agora voam em nossa direção. Os dragões são naturalmente menores que os dragões, mas, comparados a Basilius, parecem filhotes. Talvez meu pai pensasse que poderia escapar para as Montanhas Seren, como Cayden e eu fizemos um dia, mas os sentidos de um dragão são aguçados demais para serem driblados pelos homens.

Proteções em forma de uma pequena cúpula brilham no centro do pequeno grupo real, deixando oito guardas de Thirwen e Imirath à própria sorte. Não foram eles que vim matar, mas talvez haja alguma verdade em estar no lugar errado na hora errada. Eles escolheram seu destino quando seguiram meu pai e os governantes de Thirwen para fora do castelo. Para seu crédito, eles não fogem, mas suas espadas desembainhadas são patéticas enquanto Sorin desce sobre eles e queima suas carnes e a terra sob eles em chamas verdes.

Quando eles se dispersam, nada além de ossos carbonizados cercam as proteções que ainda estão intactas. Ordeno que Sorin pouse na frente deles, e Calithea fica na retaguarda. Os dois batem as caudas de cada lado, prendendo os governantes e o mago dentro de um círculo de escamas verdes e prateadas. Eles gritam para o mago aflito lá dentro, e eu sorrio ao encontrar os olhos escuros e amedrontados do meu pai.
“Zayèra.”

Capítulo

SESSENTA E NOVE

Elowen

Green e chamas prateadas batem

Juntos, estendem-se bem acima das árvores, empurrando-se uns contra os outros, misturando-se e fundindo-se, enquanto faíscas pretas e brancas caem como chuva. Dentro do fogo, ouço a maga gritar sob o peso do poder dos meus dragões, enquanto ela tenta desesperadamente permanecer forte. Sorin e Calithea continuam soprando, mas em vez de permanecer em Sorin, deslizo por sua asa.

Essa é a nossa luta, juntos.
Meu poder pulsa sob minha pele e fecho meus olhos, imaginando uma onda se formando, deixando-a começar como nada mais do que uma crista na superfície e observando-a se tornar uma onda gigante forte o suficiente para engolir uma montanha.
Sou feito de fogo e não o temo; eu me torno ele.
Abro os olhos novamente, invocando as chamas de Sorin e Calithea enquanto me posiciono uniformemente entre eles. Chamas prateadas envolvem meu braço esquerdo e verdes o direito, acumulando-se em minhas mãos. Encontro o olhar do meu pai através do fogo do dragão enquanto a onda gigante quebra na costa, destruindo a terra sob seu poder. Minhas mãos se estendem para os lados antes de eu as juntar como Zale fez no navio, e uma lâmina de chamas verdes e prateadas se forma entre minhas palmas.
Ele voa para frente, e as proteções se estilhaçam no que parecem mil cacos de vidro. Meus dragões estendem suas asas para me proteger, Tecido membranoso iluminado pela explosão, e não se movem de suas posições até que tenham certeza de que não vou me queimar. Dou um passo à frente enquanto eles lentamente deslizam as asas para trás, mantendo-as perto de mim enquanto Sorin rosna baixo. Meus olhos brilham dourados enquanto encaro o grupo de cinco esparramados na neve. Calithea arranca a cabeça da maga com uma mordida enquanto Sorin engole seu corpo. Asena me disse que nem todo mago tem a habilidade de se teleportar, e duvido que ela tivesse, ou provavelmente teria feito isso enquanto estivesse cercada por fogo, mas não posso arriscar que Garrick seja levado embora.
A Rainha Aveline de Thirwen agarra-se ao Rei Fallon onde ambos caíram, e uma mulher grita e soluça enquanto agarra a capa de Garrick. *Ah, sua nova esposa.* Ela não mostra sinais de gravidez, mas isso não significa que não esteja.
"Não se preocupe, moça", eu digo. "Eu não planejava te chamar de mãe. Eu já tinha uma dessas e, bem... digamos que o nome é meio que uma maldição saindo dos meus lábios."
"Não fale da sua mãe", afirma Garrick, as primeiras palavras que me diz desde que fugi de Imirath, há mais de uma década. Sua voz me arrepia, faz bile revirar no estômago, mas não demonstro nenhum sinal de que estou incomodada. Nunca mais o deixarei pensar que tem algum poder sobre mim.
"Ou o quê?" Embora eu esteja olhando para o meu pai, é com os olhos de um órfão. Nunca vi seu cabelo escuro começar a ficar grisalho. Nunca percebi quando as rugas em seu rosto ficaram marcadas com o tempo. Ele pode ter me gerado, mas não é meu pai. Ele se mantém em pé, o que não é tão impressionante, e não se dá ao trabalho de oferecer a mão para a esposa. "Vejo que você continua tão charmoso quanto quando eu fui embora." Eu rio. "Achei que você fosse mais alto."
Os outros governantes conseguem se levantar desajeitadamente. Fallon mantém um braço protetor em volta da esposa. Seus longos cabelos loiros grudaram em seu rosto, molhados pela neve, e os cabelos escuros dela fizeram o mesmo.
"O que vocês farão com meus filhos?", pergunta a Rainha Aveline, com os olhos azuis arregalados enquanto ela olha entre os dragões.
"O destino deles não cabe a mim decidir. Essa responsabilidade é do seu filho."

Olho para Fallon. "Príncipe Zarius. Herdeiro do trono de Thirwen." Os lábios de Fallon se abrem em um rosnado, mas antes que ele tenha a chance de cuspir veneno, Calithea grita para abafar sua voz. "Tenha modos, Fallon. Ameace-me ou insulte-me, e meus dragões logo acabarão com você."
"E você não vai?", pergunta a esposa do meu pai, com a voz trêmula e evidente.
“Prefiro brincar com minha presa.”
Pedras do castelo continuam caindo ao nosso redor enquanto olho para meu pai novamente. Parece apropriado que ele e seu precioso castelo compartilhem o mesmo destino no mesmo dia. Dizem que capitães afundam com seus navios, e meu pai assombrará para sempre os salões dizimados e destruídos deste lugar.
Ordeno que Calithea atravesse o vínculo, e todos recuam quando meus olhos brilham dourados novamente. Ela resiste, não querendo me deixar na presença do inimigo, mas mantenho meu comando firme. Ela aninha o focinho no meu flanco, e eu acaricio suas escamas sem tirar os olhos de Garrick.
Calithea fecha uma garra em torno de Fallon e Aveline, e outra em torno da esposa do meu pai, lançando-me um último olhar antes de alçar voo para levá-los de volta ao nosso acampamento. Eles gritam e imploram por misericórdia que não encontrarão em mim. Preciso que os soldados de Thirwen vejam seu rei e sua rainha capturados, e que Imirath veja a esposa do meu pai. Isso entrará em suas mentes e se agravará, e não importa o estado da batalha, eles não terão nada pelo que lutar, pois saberão que perderam. As espadas ficarão mais pesadas, os golpes menos precisos e, eventualmente, suas lâminas escorregarão de seus dedos enquanto iniciam a jornada para o submundo.
Garrick ergue uma sobrancelha, a primeira mudança em sua expressão pétrea desde que o vi. "Você mandou um dragão embora."
Desembainho a lâmina na cintura. "Nunca precisei de chamas para te matar." Ele permanece imóvel e impassível, sem se mexer para agarrar a lâmina presa às costas. Sua armadura imaculada me faz rir. "É uma fantasia linda, mas acho que você está um pouco velho para brincar de cavaleiro. Saque sua espada."
Suas narinas se dilatam, mas ele obedece. O cabo da lâmina dourada está incrustado de ametistas roxas, e me pergunto se ele já a usou. "O que eu fiz, fiz pelo bem de Imirath."
“E como está sendo essa decisão para você?”
"A profecia se cumpriu", ele sibila. "Você destruiu a sede da nossa casa e se sujou com um bastardo."
"Sua casa", emendo enquanto giro minha lâmina. "Meu nome é Elowen Veles, e prefiro ser rainha de um bastardo do que filha de um rei que não conseguiu manter o trono que lhe foi entregue. Agora mesmo, Cayden está no campo de batalha enquanto vocês tentam fugir como vermes."
"Mas você *sempre* será minha filha." Cerro os dentes. "Você sempre será uma Atarah, não importa o seu nome. Seus herdeiros serão Atarahs. Você nunca escapará do sangue que corre em suas veias."
"Talvez não." Aperto o cabo com mais força. "Mas você não deveria se preocupar tanto com o meu sangue, já que o seu logo vai manchar minha lâmina."
Não espero que ele avance e branda minha espada. Ele se projeta para a frente e o aço vibra, enviando pequenas ondas de choque pelos meus braços. Eu adoraria

prolongar sua morte, fazê-la durar dias, mantê-lo em uma cela e fazê-lo implorar, mas sua morte acabará com a guerra. Não vale a pena perder o sono ou a paz por ele. Ele é apenas um homenzinho patético com pés ruins. É claro que ele nunca enfrentou um espadachim habilidoso de verdade. Ele se move como se estivesse se defendendo de um instrutor, não lutando pela sobrevivência.
Sorin rosna enquanto nos circulamos, sem dúvida odiando ter Garrick tão perto de mim. Sorin sempre teve um traço protetor em sua alma, mesmo antes de arrancar o mindinho de Garrick com uma mordida; isso transparecia sempre que meu pai estava por perto. Quando filhote, ele se empoleirava no meu ombro e gritava sem parar sempre que Garrick estava presente. Ainda tenho as cicatrizes nos ombros de suas garras minúsculas cravando-se na minha carne sem que ele percebesse.
Eu me movo novamente antes que Garrick possa reagir, utilizando toda a capacidade das minhas habilidades e cortando-o na coxa. Ele grita com os dentes cerrados, mas consegue se manter de pé enquanto projeta a espada em minha direção. Eu giro com facilidade e estalo a língua enquanto corto logo acima do seu peito.
"Se você vai ser um babaca belicoso, pelo menos tenha a decência de praticar sua esgrima."
Ele tenta me atingir novamente, invocando alguma força dentro de si, mas ainda não é páreo para mim. "Você me odeia tanto, e ainda assim somos tão parecidos."
Levanto as sobrancelhas. "Estou muito mais bonita."
"Ouvi dizer que você matou Ailliard", ele ofega. "Eu teria feito a mesma coisa. Se alguém tentasse tirar minha coroa, eu teria trazido a guerra até eles."
"E, no entanto, só um de nós sabe como vencer uma guerra." Eu o empurro para trás com nossas lâminas entrelaçadas e golpeio novamente, decepando seu osso. Sua mão de quatro dedos bate no chão enquanto seus gritos ecoam pela floresta, misturando-se ao meu riso que transborda por entre os dentes cerrados. *Este* é o homem que me acorrentou. *Este* é o homem que ordenou minha tortura. "Onde está sua ousadia? Ela desaparece quando me livro das algemas? Não há ninguém atrás de quem você possa se esconder, Garrick. Não há ninguém para te salvar de mim."
Corto a outra mão dele e enfio o cabo da minha lâmina entre seus ombros, fazendo-o cair na neve. "Você é patético."
Ordeno a Sorin que envolva Garrick com sua garra e o içe no ar, apertando e apertando até que ele engasgue e engasgue, implorando para se soltar. A baba escorre pelo seu queixo enquanto seus olhos saltam das órbitas. Sorin o solta por um instante, apenas o suficiente para que ele encontre alívio, e aperta sua garra novamente.
Enquanto ele se estende no ar, eu corto suas botas, adicionando seus pés aos apêndices espalhados pelo chão. "Só para o caso de você ter esperança de escapar."
Sorin abaixa Garrick para que ele fique na altura dos meus olhos. "Jogue-o no chão."
O braço de Garrick estala com a força do impacto, que piora ao cair no que poderia pertencer a uma parede do castelo. Ele grita, e eu observo as lágrimas

escorrendo pelo seu rosto. Assim como fiz com Robick, eu... Grave esta imagem na minha memória. Este é o homem que deveria ter me amado e, em vez disso, passou anos da minha vida me torturando e me caçando. Ele enviou homens à minha cela para me quebrar e só interveio quando eles queriam me estuprar, porque ele queria me vender para o maior lance no mercado de casamento.
"Quero que você saiba de uma coisa antes de morrer", digo. A cabeça de Sorin se estende sobre a minha enquanto ele abre as asas de cada lado. "Se você tivesse sido diferente, eu nunca teria lutado contra o meu reino, mas a profecia era verdadeira." Seus olhos encontram os meus, o olhar oscilando entre mim e meu dragão, inundado de medo. "Eu sou a ruína do antigo Imirath, o seu Imirath, o Imirath de Atarah, e trarei sua salvação através do meu reinado. Eu teria vivido em paz, mas você começou uma guerra entre nós, e agora é hora de acabar com ela."
“Elowen—”
“Não diga meu nome.”
Ele gorgoleja sangue, mas não é o suficiente. Preciso machucá-lo mais.
Largo minha lâmina e invoco o fogo que vive dentro de Sorin, invocando-o através de suas escamas. Uma teia de chamas verdes se estende entre nós e se entrelaça em meus dedos. Pressiono os dedos da minha mão livre nas cavidades das bochechas de Garrick e forço sua boca a se abrir enquanto ele soluça, mantendo as chamas verdes queimando na minha outra mão bem à sua vista.
"Espero que ter me tornado um inimigo tenha valido a pena, pai." Aperto meu braço com mais força quando ele se contorce. "Você perdeu. Imirath é meu e pertence à Casa Veles. Detesto lhe ensinar uma lição inestimável momentos antes de morrer, mas se for ordenar uma execução, seja você quem brande a espada. Se não, corre o risco de fracassar, e nada alimenta o ódio como o tempo."
“A profecia—”
"Sabe o que acontece com um rato quando é queimado, pai?", eu rio, interrompendo-o. "O mesmo acontece com todo o resto."
Bato a mão em sua boca, ordenando que o fogo cresça através dele como videiras. Ele se contorce e grita enquanto eu forço o fogo a se apagar. Continuo queimando-o vivo. Inunda suas veias e faz seu sangue ferver. A pele de seu rosto fica vermelha e racha, as veias estouram e formam bolhas enquanto continuo injetando meu poder nele até que ele fique irreconhecível.
Seu último gemido pressiona minha palma, e com seus olhos nos meus, Garrick Atarah morre dentro dos restos de seu castelo.
Deixei seu corpo sem vida cair no chão enquanto fiquei de pé sobre ele.
Acabou, digo a mim mesma. *Ele está morto.*
É tão estranho olhar para ele agora. Quando eu era criança, achava que ele era o maior homem do mundo, uma força inabalável, mas eu o venci. Eu sobrevivi a ele. Pensei que sentiria alívio, mas não sinto. Acho que vai levar um tempo até eu conseguir aceitar que Garrick não está mais vivo. Passei tanto tempo da minha vida me protegendo dele que não sei o que é viver sem armadura.
Sorin tenta enrolar suas garras sobre meu ombro, mas elas estão tão altas quanto eu agora. Meus dragões estão seguros. Um pequeno sorriso se forma em meus lábios, e eu estendo a mão para acariciar as escamas de seu pulso. "Você está

grande demais para isso agora, meu querido."
As chamas continuam a se espalhar pelo que resta do castelo, e o chão treme enquanto mais pedras caem. Cayden uma vez me prometeu que me ajudaria a destruí-lo, tijolo por tijolo, mas o fogo do dragão devorou tudo o que Garrick amava. Espero que sua última visão deste mundo assombre sua alma no submundo, pois foi uma cena evocada de seus pesadelos. Uma rainha retornando para reivindicar seu trono com um dragão às suas costas e outros no céu.

Capítulo
SETENTA

Elowen

EU AFASTE-SE DE GARRICK E
Pressiono minha testa na de Sorin quando ele abaixa a cabeça. O cheiro de carne carbonizada arde em meu nariz e olhos, mas me concentro na presença de Sorin enquanto as paredes que antes nos prendiam desmoronam e o homem que ordenou tudo jaz quebrado aos nossos pés.
"Deveríamos voltar à batalha para acabar com isso de uma vez por todas", digo,

e Sorin pressiona a cabeça com mais força contra a minha antes que eu beije seu focinho e suba em sua asa. Ele alça voo depois que me amarro à sela, elevando-se acima dos prédios ao longo dos canais com o corpo de Garrick em sua garra traseira. Venatrix e Delmira continuam queimando a praia, e eu sobrevoo os navios para garantir que saibam que seu rei caiu.
Basilius e Calithea lutam contra wyverns sobre o campo de batalha à distância, despedaçando-os e descartando os corpos curtidos sobre as linhas inimigas. Sorin grita, recuando bruscamente, mas não rápido o suficiente, quando um wyvern surge do telhado logo abaixo dele e prende suas mandíbulas em seu pescoço. O medo me invade instantaneamente.
"Sorin!" Solto meu arreio e desembainho uma faca antes de me lançar para a frente. A fera se contorce, e eu envolvo um braço em volta do pescoço de Sorin para me impedir de cair, enquanto levanto a outra mão para cravar a faca no olho da serpente. O sangue borbulha e cobre minha pele enquanto repito a ação até que a criatura esteja com muita dor para se segurar. Ele grita enquanto se solta e, embora haja sangue em suas presas, os ferimentos não são profundos o suficiente para matar Sorin.
Continuo empoleirado em Sorin enquanto ele avança e crava as presas no pescoço da serpente, no momento em que ela o mordeu. Ele balança a cabeça, decapitando a criatura enquanto seus ossos se quebram sob a força de Sorin, e seu corpo cai no canal lá embaixo.
Examino os arredores em busca de outras ameaças, mas meu pulso não se acalma. O céu ao nosso redor pode estar vazio, mas as escamas de Sorin estão frias, e ficam mais frias a cada segundo.
Algo está errado.
As escamas de dragão nunca são frias; estar perto delas é como sentar em frente a uma lareira crepitante.
"Você está bem, meu amor." Passo as mãos pelo seu pescoço enquanto me sento de volta na sela. "Você está bem."
Ele grita e balança a cabeça de um lado para o outro como se estivesse tentando se livrar de algo, mas não há nada. Grito seu nome enquanto perdemos altitude, e meu estômago sobe até a garganta antes que ele se recupere. Meu coração bate tão forte que consigo senti-lo na ponta dos dedos. Ainda estamos em território inimigo e estamos voando muito baixo. Sorin corta para a esquerda no último segundo possível para evitar bater em um prédio e continua balançando a cabeça enquanto nos leva para o alto novamente.
Algo está muito, *muito* errado.
Grito em sincronia com Sorin e agarro meu peito. Parece que alguém está tentando cortar nosso vínculo em dois. Ele é puxado, atado e arrancado, mas quem quer que esteja fazendo isso amplifica sua magia, e a dor se transforma em milhares de facas cravando-se na força inquebrável. Ofego em busca de ar enquanto Sorin vacila novamente, perdido demais em minha dor para se assustar. Não sinto esse tipo de sensação desde que meu pai contratou um mago para tentar quebrar o vínculo entre mim e meus dragões — no dia em que minha mãe morreu depois que o feitiço ricocheteou. Ailliard me libertou das masmorras depois disso. Não consigo imaginar o quanto a tortura teria piorado depois que a rainha foi morta.

Não me lembro da minha mãe antes da minha prisão. O único detalhe que me lembro dela é que ela olhava fixamente para a parede e sentava-se em silêncio. Pelo meu pai enquanto eu era torturado diante do trono. Ela nunca veio à minha cela no meio da noite para me dar alguns restos de comida enquanto o rei dormia. Ela nem tentou correr quando os dragões começaram a cuspir chamas. Às vezes acho que ela queria morrer.
O laço se rompe novamente e Sorin grita. Esfrego o peito para tentar aliviar a dor lancinante, mas até respirar fundo demais dói. Obrigo-me a cair para a frente, mas me movo tarde demais. Uma flecha que eu estava distraído demais para ver consegue raspar minha orelha, mas as gotas que pingam no meu ombro não são o que me preocupa, é o fato de Sorin não ter visto nada. Ele nunca deixaria nada me machucar, desde que eu era criança.
O mago que meu pai contratou para quebrar o vínculo era de Thirwen. Não me lembro do rosto dele, mas me lembro disso.
Oh deuses.
E se foi o mago que quase matou Cayden? Olho para os meus braços, apesar de estarem cobertos, mas as marcas que giram em volta deles são prova do que fiz após a bomba de Nykeem.
Você estará enganando a morte, e sempre há um preço a pagar, a voz de Sage entra em minha mente enquanto Sorin grita novamente.
Não.
Não.
Oh, deuses, mas faz sentido. Cayden é o homem mais protetor, e Sorin é o dragão mais protetor. Sage falou de equilíbrio. Salvei um protetor apenas para perder outro.
Não, Sorin.
Sorin não pode ser meu preço.
Não deixarei que ninguém tire Sorin de mim.
"Estou com você, querida, aguente firme", consigo dizer em meio à dor e concentro todo o meu poder no vínculo, tentando afastá-lo de quem quer que esteja brincando com ele. Uma serpente alada com o primeiro cavaleiro que vi nesta batalha vem direto para nós. "Zayèra!"
Fogo de dragão jorra de Sorin, mas a força é bloqueada pelo mesmo tipo de proteção que protegeu Garrick enquanto ele fugia do castelo. Eu alcanço Pego minha besta e a disparo, mas o escudo dispara novamente. Não quero arriscar invocar fogo de dragão agora, sabendo que Sorin precisa que eu compreenda o vínculo, e não posso fazer as duas coisas. Minha mão aperta o chifre da sela com mais força à medida que ganhamos velocidade e, quando chegamos perto o suficiente, minhas suspeitas se confirmam.
No topo da serpente alada está Nykeem. Lembro-me de ver seu rosto através das proteções e do horror que cobria suas feições enquanto eu as derretia. Cada vez que lutei contra uma serpente alada e sua montaria, o cavaleiro tinha olhos brancos como os meus quando entro na mente dos meus dragões, mas Nykeem está plenamente consciente.
Chamas não funcionam aqui. Sorin precisa atacar. Ordeno que ele descarte o corpo de Garrick, e o rei do reino conquistado cai em uma cova aquática e sem identificação. Minha besta será de pouca utilidade, então a prendo à sela e aperto

a correia em volta da minha cintura. "Vetàs."
As garras dianteiras de Sorin disparam para a frente, rasgando o escudo enquanto ele sopra mais fogo de dragão. Suas garras inferiores se prendem às do dragão, deixando-o imóvel, visto que ele tem apenas duas pernas. Ele morde Sorin, utilizando sua única defesa restante, mas Sorin crava suas outras garras no peito e na barriga dele enquanto caímos no chão. Nem o mago nem eu conseguimos alcançar nossas armas enquanto elas despencam.
A dor no meu peito diminui, e as escamas de Sorin começam a esquentar com o estado distraído de Nykeem. Eu o afasto de nós. Sorin solta as garras do dragão e o joga no chão antes de alçar voo novamente, mas Nykeem não está com o cadáver da criatura quando olho para baixo. Minha cabeça lateja dolorosamente após a manipulação, e invoco Calithea enquanto outro dragão cavalga em nossa direção sem montaria. Algo ainda está errado com Sorin, e não vejo Nykeem em lugar nenhum. Preciso colocar Sorin no chão e atrás das nossas linhas. A batalha não está longe, mas é impossível para mim avistar alguém que eu ame desta altitude.
A dor me percorre o peito novamente, e olho para baixo para garantir que não fui ferido. Não há nada lá. Está queimando, como se alguém estivesse pressionando um tição recém-saído do fogo em minhas costelas. Sorin grita junto comigo, sua fuga vacilante, e meu estômago se revira quando ele bruscamente... mergulhos. Ele sacode a cabeça novamente, gritando como se estivesse com mais dor do que eu, e suas escamas estão *congelando* .
Calithea está longe demais para eu esperar. Sei que caí em uma armadilha, mas não posso perder Sorin. Se eu entrar na mente dele, não conseguirei me defender, mas sei que essa é a única maneira de ajudá-lo a repelir esse ataque. A magia de Thirwen está enraizada no controle e na manipulação da mente, e eles frequentemente entram na mente de seus familiares. Meu dragão não pagará o preço por salvar Cayden — eu pagarei, custe o que custar.
Olho para minha aliança e passo o polegar sobre a pedra antes de pressioná-la contra os lábios. Sorin grita novamente, e eu não aguento mais. Sorin jamais me abandonaria, e eu não o abandonarei. Se ele despencar para a morte, me levará junto.
"Eu te peguei, querida", digo em tom tranquilizador, e Sorin *geme.* "Estou bem aqui."
Dou uma última olhada na batalha ainda a vários metros de distância e deixo o mundo desaparecer ao meu redor. Sigo a ponte entre nossas mentes, que parece uma floresta feita inteiramente de fios verde-esmeralda. Enquanto a mente de Basilius era tranquila, a de Sorin é caótica, ainda mais pela presença indesejada que se espalha como decadência. Ela murcha o verde vibrante enquanto Nykeem tenta se apoderar da mente de Sorin sufocando sua alma.
Envio uma onda de poder e luz para combater a escuridão que tenta engoli-lo. Nykeem não é páreo para o nosso vínculo agora que mergulhei completamente e posso expulsá-lo. As cores das minhas marcas preenchem o espaço — prata, dourado, lilás e azul — e protegem os fios verdes que me envolvem. Sorin sempre me protegeu ferozmente, e não o deixarei se virar sozinho. Corto as teias negras, forçando o mago a recuar nesta batalha que ninguém mais pode ver.
Algo me puxa e tenta me forçar a sair, mas não é Nykeem. É algo além da mente

de Sorin. Não sei o que é. Nem me importo. Fico ali até não haver mais nenhum vestígio de intruso e o fortaleço com um escudo próprio para proibir qualquer outra pessoa de entrar novamente. Terei que fazer isso com os outros dragões quando a batalha terminar — e depois de matar esse mago de merda.

Eu me desenrolo de Sorin enquanto me retiro em minha própria mente, mas o O mundo se agita ao meu redor quando recupero a visão. O vento chicoteia meus cabelos enquanto Sorin voa *em* minha direção. As tiras cortadas da minha sela batem em volta da minha cintura. O chão se ergue rapidamente para me encontrar enquanto mergulho em direção ao campo de batalha. O sangue jorra do pescoço de Sorin devido aos ferimentos anteriores e flechas se projetam de suas asas. Ele é o dragão mais rápido e, se não conseguir me pegar, nenhum deles conseguirá. Ele grita, aflito e em pânico enquanto abro os braços de cada lado do corpo e mantenho meus olhos fixos nos dele.

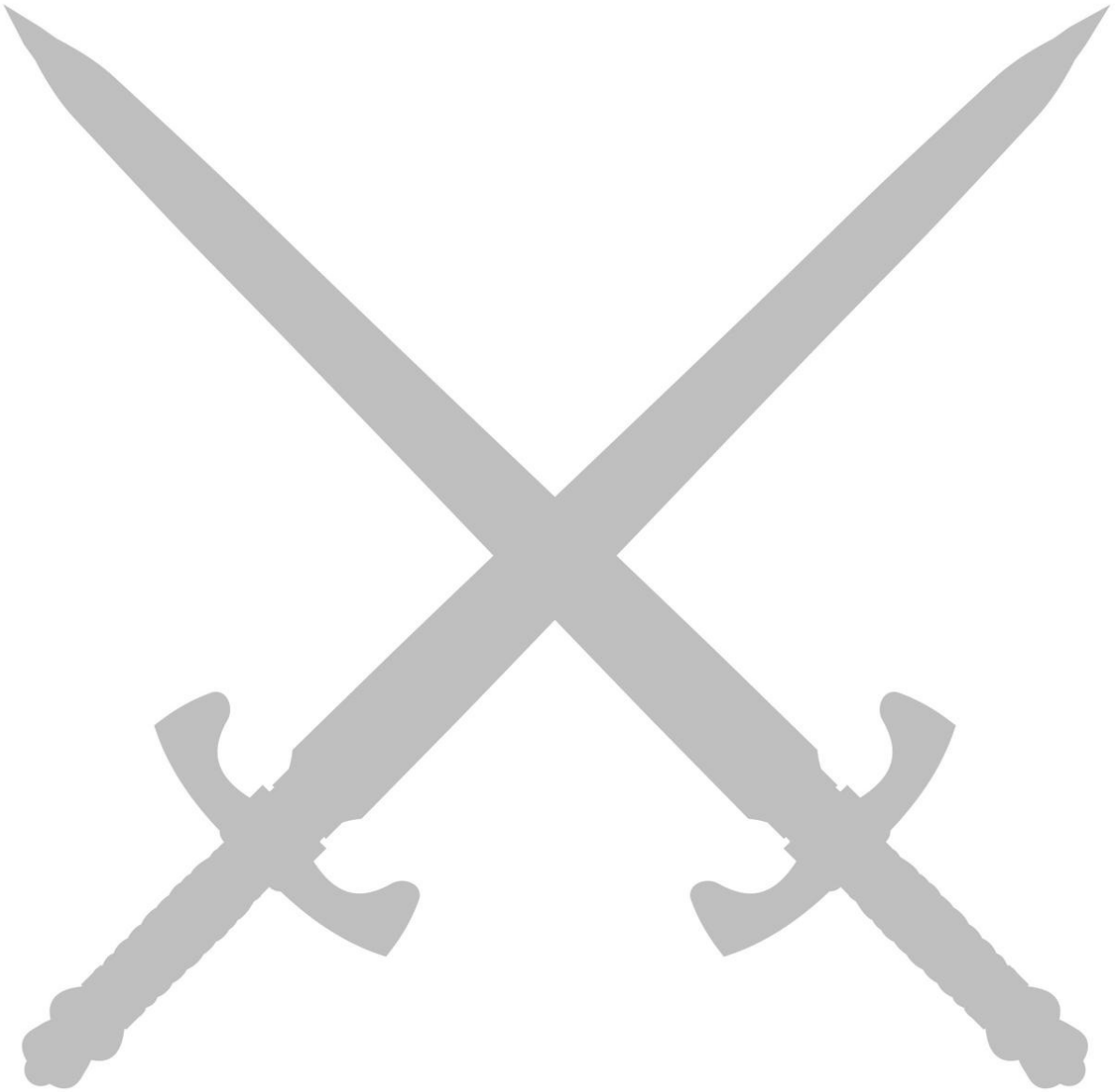
Está tudo bem, eu digo, descendo o laço. *Eu te amo. Não importa o que aconteça.*

Ele grita novamente quando sua garra me envolve, e eu grito. Meu peito e meu flanco latejam dolorosamente enquanto ele me abraça contra seu corpo, e caímos do céu juntos.

Capítulo

SETENTA E UM

Cayden



*N*o.

Não.

Elowen nunca caiu, mas agora está. Ela cai no ar com a mão estendida para Sorin, que voa mais rápido do que eu já o vi, com flechas saindo de suas asas. Os

outros dragões se aglomeram em sua direção, mas estão longe demais para pegá-la antes que ela atinja o chão. As correias rasgadas da sela pendem em pedaços em volta da cintura. Não sei o que aconteceu. Num momento ela estava voando de volta para Sorin, e no outro, estava caindo.
A escuridão ressoa sob minha pele enquanto observo a mulher que amo cair para a morte. Preciso alcançá-la. Preciso ajudá-la. Sorin estende a garra e consegue envolvê-la com suas garras, mas elas estão muito perto do chão. Ele enrola o corpo em volta de Elowen e estica as asas, mas tudo o que faz é desacelerá-las um pouco antes que elas se choquem contra as copas das árvores da floresta ao lado do campo de batalha.
Um grito de guerra sobe pela minha garganta e uma névoa vermelha cobre minha visão. Eu balanço minhas lâminas, lutando sem precisão ou piedade, e deixo um massacre em meu rastro. Eu avanço pelas linhas, lutando para chegar às árvores em um frenesi violento. Vou enfrentar o exército inteiro com minhas próprias mãos. Vou despedaçá-los membro por membro e deixá-los arranhando a lama.
O desespero acende o fogo dentro de mim e uma raiva como nenhuma outra respira vida nela. Vou partir este mundo em dois antes de deixar que alguém a tire de mim.
Eu atravesso a barreira e meu peito coberto de sangue arfa enquanto embainho uma das lâminas nas costas, mantendo a outra na mão enquanto corro para a floresta. Ordenei ao General Gryffin que montasse em Koa quando ele foi ferido, e agora me arrependo profundamente dessa decisão.
"Elowen!", grito. "ELOWEN!"
Sorin cantarola, e eu sigo o som, correndo sobre rochas e saltando sobre árvores caídas. Vapor sobe das poças de sangue de Sorin pelo chão da floresta, derretendo a neve. Elowen deita-se ao lado dele, acariciando suas escamas com a mão trêmula.
"Meu bebê", ela murmura. "Você está bem, meu bebê."
Sorin não está mortalmente ferido, embora flechas perfurem suas asas e feridas perfurem seu pescoço... mas Elowen.
"CURANDEIRO!" grito por cima do ombro, arrancando meu capacete e minhas manoplas.
"Cayden", Elowen diz com a voz rouca, enquanto o sangue escorre do canto dos lábios enquanto ela se vira para mim.
Meu coração afunda ainda mais. Ela está pálida. Ela está pálida pra caramba, e suas mãos estão cobertas do próprio sangue. "Olá, meu amor."
Caio de joelhos ao lado dela, com o estômago embrulhado ao observar as três flechas feitas de metal verde brilhante perfurando suas costelas. Puxá-las poderia machucá-la ainda mais, mas aquele veneno... *ai, deuses.*
"Garrick está morto, mas não acho que eu matei Nykeem." Ela se encolhe de dor. "Os olhos dele não estavam brancos quando o vi, então acho que outro mago controlava seu dragão."
Eu não me importo. Não me importo com nada. "Estou tão orgulhosa de você", digo delicadamente, tomando-a nos braços. Ela geme fracamente e aninha a cabeça na curva do meu braço. "Vou te ajudar. Você só precisa aguentar firme até eu voltar para o acampamento, tá? Você está bem."

"Cayden", ela diz meu nome novamente, piscando através da névoa que cobre seus olhos. "Eu sou uma curandeira. Sei quando uma ferida não pode ser curada, mesmo que não tenha sido feita com este veneno."
Tento levantá-la, mas ela grita e eu ajoelho novamente. "Desculpe, querida. Não quero te machucar." Viro-me por cima do ombro novamente. "VOU MATAR TODOS OS CURANDEIROS SE ALGUÉM NÃO SE APRESENTAR!"
“Cayden—”
"Você está bem", eu digo apressadamente. "Você vai ficar bem. Pare de falar comigo como se fosse morrer."
Não consigo imaginar um mundo sem ela quando ela é o meu mundo. As batidas do seu coração são a única coisa que o mantém girando. Aperto minhas mãos sobre ela, observando seu pulso e beijando sua testa enquanto um curandeiro chega à floresta e se ajoelha do outro lado de Elowen.
"Eu tinha que salvar o Sorin", ela sussurra. "Eu não podia deixá-lo morrer. Eu não podia abandoná-lo. Eu" — ela inala fundo — "sinto muito."
Balanço a cabeça, falando com a garganta apertada: "Você não tem nada pelo que se desculpar."
Estou sendo o mais gentil possível com ela, mas minhas emoções me assolam. Sinto-me impotente, observando uma maga do culto do fogo pressionar suas mãos brilhantes em Elowen, mas elas se apagam e tremeluzem sem remover as flechas.
Por favor, não a leve, eu rezo. *Por favor, não a leve para longe de mim. Eu sei que ela é boa demais para este mundo, mas deixe-a ficar nele.*
"Por que sua magia não está funcionando?" Eu rosno.
"Nykeem fez as flechas, e eu não consigo curar um veneno que não consigo identificar", choraminga a mulher, com os olhos marejados, para Elowen. "E não consigo remover as flechas sem matá-la."
“Então encontre alguém que possa fazer isso!”
Ela então me olha, com os olhos tão cheios de pavor que eu já sei o que vai acontecer antes mesmo que ela diga. "Ninguém pode."
"Portalize o mago que me curou. Farei o mesmo ritual."
"Vá", Elowen sussurra, inclinando a cabeça para encarar o mago enquanto os outros quatro dragões nos cercam, chamando seu cavaleiro.
"Não se afaste nem um passo. Cure minha esposa." Eu a aperto contra mim sem mover as flechas. "FAÇA ALGUMA COISA! Por favor, eu darei qualquer coisa, ficarei em dívida com você para sempre, apenas conserte-a."
"Quem me dera." Lágrimas escorrem pelo seu rosto enquanto ela aperta o ombro de Elowen. "Sinto muito."
"Ela não pode fazer nada", Elowen engasga, e a maga foge quando eu a encaro novamente, colocando o cabelo dela atrás da orelha. "E o vínculo de alma só pode ser usado uma vez."
"Mandem Nyrinn e Zale", grito para a figura do mago que se retira. Minha frustração transparece em meu tom de voz. "Por que desperdiçariam isso comigo?"
Ela me dá um meio sorriso, com mais sangue escorrendo pelo canto do lábio. *Não. Não. Porra.* Precisa parar. "Salvar você nunca seria um desperdício."
"Você não me salvou. Se você morrer, tudo terá sido em vão. Não vou ficar neste

mundo sem você."
"Zale não consegue curar o veneno", ela sussurra. "Ele só consegue curar o que consegue identificar."
Grito com os dentes cerrados como um animal ferido, colocando-a no chão delicadamente para desembainhar uma faca da minha coxa. Embora odeie machucá-la, abro suas palmas e faço o mesmo com as minhas, sem nem sentir a mordida do aço. Aperto nossas mãos como ela fez antes de realizar o ritual, mas nada acontece. Não há força alguma unindo nossas carnes.
“Não vai funcionar”, ela diz suavemente.
"El, meu amor." Lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto. Eu nem imaginava que ainda era capaz de chorar. "Por favor, não me deixe."
"Lembra do que eu disse no nosso casamento? Eu te esperarei em todas as vidas, Cayden Veles. Te verei novamente e te amarei novamente."
"Não, não vai." Minhas lágrimas aumentam, salpicando suas bochechas com rios de tristeza enquanto a embalo novamente. "Não vou ter essa sorte de novo, então você tem que ficar aqui comigo." Ela ri, mas é fraco, tenso e totalmente errado. "Vamos ter nosso futuro juntos, assim como conversamos ontem à noite. Vou te sufocar com vestidos, doces e livros, e vamos ter dias chatos juntos."
Ela assente, os cantos dos lábios se erguendo enquanto as sobrancelhas se franzem. "Continue falando."
Podemos ter uma casa de campo nas montanhas e no mar só para nós. Sei como você fica sobrecarregada quando está cercada de pessoas, então podemos ir para lá para escapar do tribunal. Seremos felizes, só nós dois, e se você decidir que quer ter filhos, eu me recomporei para ser boa com eles e fazer o que é certo para você, mas preciso de pelo menos uma década com você antes que alguém mais entre nessa. Eu te darei tudo o que você quiser, meu anjo, você só precisa ficar comigo. Não me importa como seja a minha vida, contanto que você esteja nela. É tudo o que eu preciso.
A vida transborda da mulher que sempre foi tão cheia de si enquanto me encara com os olhos brilhando. "Sei que você se considera indigna de mim, mas preciso que saiba que eu jamais poderia amar alguém do jeito que te amo." Nyrinn corre por entre as árvores com Braxton e outro soldado ao seu lado. O general cai de joelhos ao ver a rainha ferida em meus braços, tirando o capacete para pressioná-lo contra o peito.
O outro soldado reflete suas ações, mas é diferente para Braxton. Ele foi o primeiro soldado a se apresentar e jurar lealdade a Elowen depois que ela foi atacada em Ladislava. Ele foi o único soldado que se apresentou para abordar a maneira como Ailliard a tratou. Braxton nunca teve filhos e, embora Elowen seja uma mulher adulta, acho que protegê-la preencheu parte dele.
Elowen continua, mesmo depois de Nyrinn se ajoelhar ao lado dela, mantendo o olhar fixo no meu. "Nunca duvide que eu queria tudo com você. Eu teria passado a vida provando que você é digna de todas as maneiras que você acha que não é."
Acaricio seu rosto e beijo sua testa novamente. "Shh, querida. Poupe seu fôlego."
Teremos tudo.
Teremos tudo.

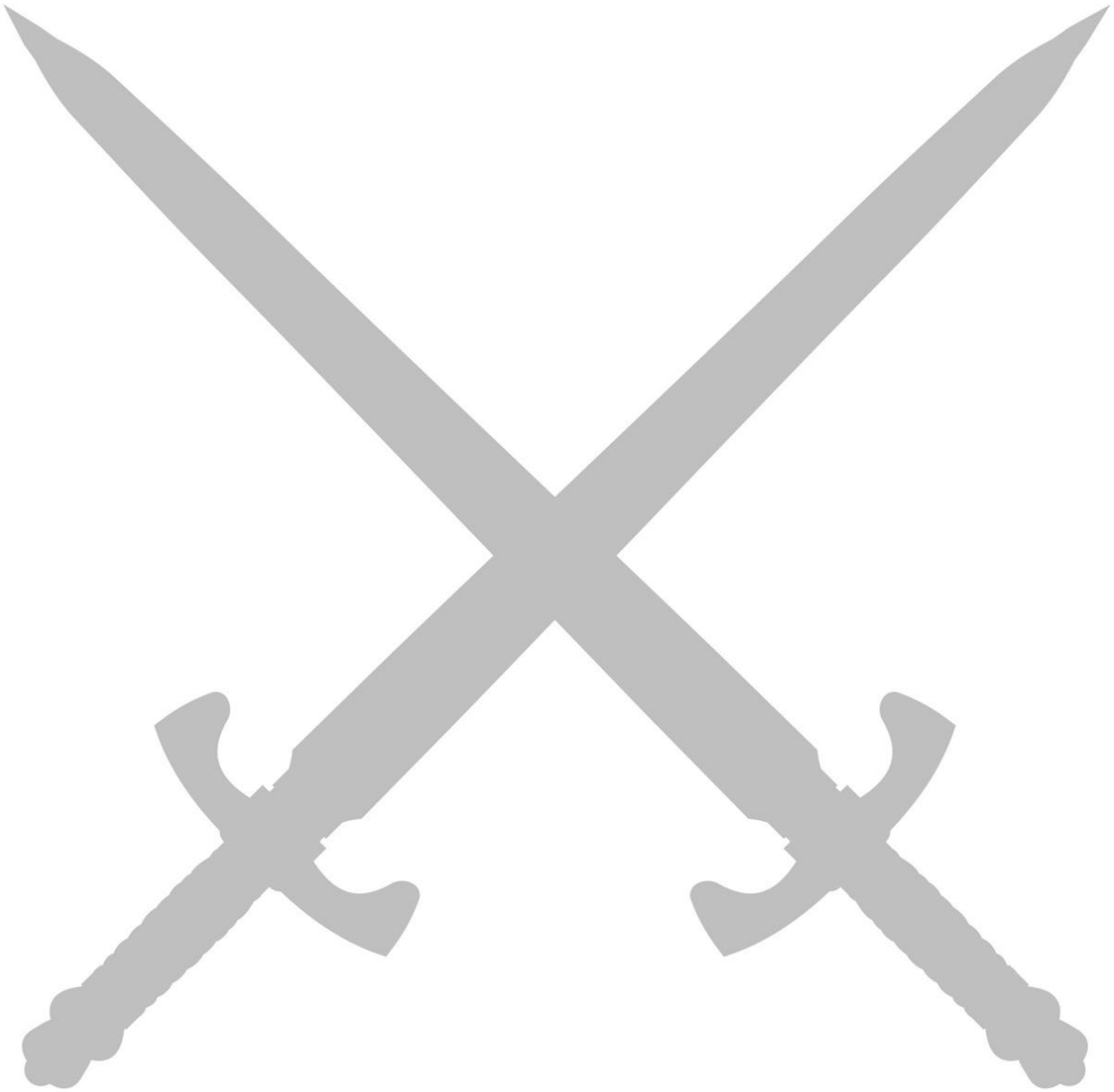
Nyrinn faz o possível para esconder a emoção do rosto, mas suas mãos trêmulas entregam tudo.
"No que você se meteu dessa vez, minha menina?", ela pergunta, gentilmente.
“Pelo menos estou longe dos seus lindos pisos.”
Nyrinn dá um sorriso forçado, envolvendo a primeira flecha com as mãos e me olhando com uma expressão torturada. "Temos que tentar."
Mordo a língua, sabendo que isso será excruciante para Elowen, mas não posso deixá-la morrer. Não sei onde Zale está, nem sei se ele está vivo. Nyrinn tira um monte de tecido da mochila e eu encosto Elowen na bochecha de Sorin. Elowen olha ao redor para todos os seus dragões, seus olhos brilhando em ouro enquanto seus lábios tremem e ela respira fundo, trêmula.
“Pare de dizer adeus”, eu ordeno.
"Eu tenho que fazer isso."
Pego o tecido de Nyrinn, enrolo-o firmemente e pressiono meu braço sobre o peito de Elowen para impedi-la de se debater. "Preciso fazer isso o mais rápido e limpo possível", diz Nyrinn. "Cayden vai pressionar o tecido para tentar estancar o sangramento, mas precisamos tirar essas flechas de você."
"Mhmm", murmura Elowen, piscando cada vez mais devagar, assim como seu pulso.
Nyrinn respira fundo, envolvendo uma das flechas com as duas mãos. Pressiono meus lábios na lateral da cabeça de Elowen, murmurando contra ela: "Peguei você, anjo. É a minha vez de te curar e você voltará a me atormentar em um piscar de olhos."
“Diga ao Finnian que eu o amo”, ela diz.
Nyrinn arranca a flecha, e Elowen grita em meio ao sangue borbulhando pela garganta e escorrendo pelo queixo. Pressiono o chumaço de tecido contra a ferida aberta, mas há muito sangue. Sangue demais.
Ele cobre minhas mãos até que não consigo mais ver minha pele.
Os dragões gritam, seus gritos se misturam à agonia dela.
"Sinto muito, meu amor. Aguenta só mais um pouquinho."
"ELOWEN!" Finnian berra, correndo pela fileira de árvores. Ele joga o capacete para o lado, o arco também, quase caindo sobre si mesmo enquanto corre para se aproximar do melhor amigo. Ele desaba ao lado de Nyrinn, com lágrimas escorrendo pelo sangue em suas bochechas. "O que aconteceu? Por que ninguém está usando magia para curá-la? ZALE!", grita ele, desesperado. "ZALE!"
“Fi” – ela engasga – “nny.”
"Estou aqui, querida." Ele olha para Nyrinn, que se prepara para sacar a segunda flecha. "Que porra você está fazendo?"
“Não podemos deixá-los dentro dela!”
“Tem muito sangue!”
A cabeça de Elowen pende nas escamas de Sorin, e eu a puxo para cima, fixando meu olhar em suas íris vidradas. "Eu" — ela engasga com mais sangue — "amo..."
Suas palavras somem, e seus olhos se anuviam. Ela não está mais olhando para mim. Não . *Não* ... "Elowen." Bato a mão em sua bochecha. "ELOWEN!"
Lágrimas continuam escorrendo dos meus olhos, mas não me movo para enxugá-las enquanto a pego nos braços novamente. Elowen odeia quando a

deixo ir durante a noite, mesmo que seja por alguns instantes. Ela me disse que é o único momento em que se sente segura o suficiente para descansar.
“Volte”, imploro, com a voz rouca de tanto gritar.
Finnian grita e soca o chão, amaldiçoando todos os deuses que tiraram Elowen deste mundo. Os dragões gemem estridentemente, destruindo a floresta e a banhando em chamas enquanto sobem aos céus para circundar sua cavaleira. A mulher cuja alma os chamou e os trouxe a este mundo. É como se gritassem na esperança de que Elowen os encontre novamente para curar sua dor, como sempre fazia. Sorin cutuca a perna dela, implorando para que ela acorde, e passa para a mão dela, tentando colocá-la em seu focinho, mas ela cai.
"Vamos, El." Balanço seu corpo para frente e para trás. "Mostra esses olhos lindos, meu anjo. Por favor. Não me deixe."
Ela não se move, seus olhos vazios fitando os céus por onde um dia voou. "Respire, meu amor, por favor, respire." Acaricio sua bochecha com mais força e a aconchego em meus braços. "ELOWEN!"
Ela não pode ter ido embora.
Isso não é real.
Pressiono minha cabeça contra seu peito coberto de sangue, mas não há batimentos cardíacos.
Garras rasgam meu coração e pulmões. Não consigo respirar direito. Tudo dói. Eu achava que sabia o que era ficar com raiva antes, mas Não é nada comparado a isso. Nunca conheci a dor até este momento. Não consigo suportar qualquer que seja esse sentimento. Não vou sobreviver a isso, e qual seria o sentido?
Estávamos tão perto da vida que queríamos. Ela estava tão perto de ter a vida que merecia... e ela simplesmente se foi, e tudo de bom que havia em mim foi levado com ela.
Eu inclino a cabeça para trás e grito. O chão treme sob mim enquanto uma fúria gélida continua a me atingir. Não é quente, como se poderia pensar, é frio como a morte. Minha agonia desperta algo em mim, desperta algo no mundo ao meu redor, e cada sombra na floresta se move para se agarrar a mim. Elas se enrolam em meus braços como cobras e prendem o corpo de Elowen ao meu, como a escuridão do mundo se agarra à luz que se vai.
Meu poder é gerado pelo sofrimento e forjado na raiva. Elowen estava certa, e ela nem está aqui para ver. No fundo da minha mente, consigo ouvir sua risada triunfante, mas está tão distante. Perdi tudo e agora quero tirar tudo. Não me resta nada, nem um resquício de humanidade ou felicidade, e a escuridão preenche a casca vazia do meu cadáver vivo.
Nykeem fez isso.
Ele a tirou de mim, e nenhum escudo o salvará da minha ira.
Não há um canto deste mundo onde ele possa se esconder, porque eu estarei à espreita em cada sombra, pronto para atacar.
Elowen não precisa que eu a segure agora; ela precisa que eu a vingue.
Beijo a testa de Elowen mais uma vez, sussurrando meu voto contra sua pele. "Por você, meu amor, eu quebrarei o mundo."

Capítulo

SETENTA E DOIS

Cayden



EU DESEMBAINHE MINHAS LÂMINAS NOVAMENTE COMO As sombras criam uma parede às minhas costas e circundam o aço, atravessando a linha das árvores como uma casca do homem que a penetrou. Morri com minha esposa, e tudo o que resta é a necessidade de

vingança. Como aconteceu em nosso casamento, a lua ultrapassa o sol e mergulha o mundo na escuridão. Talvez até o céu lamente Elowen, sabendo que ela nunca mais montará seus dragões e voará por ele. Seu riso nunca acariciará a lua. Seu sorriso nunca será iluminado pelas estrelas.
Elowen tirou tudo o que me tornava humano quando sua alma deixou seu corpo, criando um vazio que o poder poderia preencher. Sinto tudo, a água na terra e nos corpos dos soldados ao meu redor. Vejo a escuridão dentro deles e quero matar todos eles.
Eu não desejo simplesmente a morte.
Eu me tornei isso.
Deslizo minha espada pelo ar, lançando uma lâmina de sombras que corta um batalhão ao meio. Minhas botas afundam nas entranhas ensanguentadas enquanto continuo avançando. Alguém chama meu nome, mas não é mais meu. Nada está além desse poder. Levanto minhas mãos, invocando a água dentro das camadas da terra e afiando-a em pontas. Ouço os gritos aterrorizados daqueles do lado errado da guerra e deixo os cacos pairarem no ar por vários segundos prolongados, saboreando o som antes de lançar minhas mãos para a frente.
Fragmentos de gelo perfuram suas gargantas, olhos, pernas e armaduras. A morte paira pesada no ar, um cheiro tão reconfortante.
Observo o mundo ruir pelos buracos do meu capacete. As dragões fêmeas voam para o castelo novamente, mas os machos provavelmente permanecem para proteger Elowen. Mesmo na morte, eles nunca a abandonarão. Eles queimam e destroem o que resta da pedra até que nem mesmo o contorno da estrutura sobreviva.
A vingança de Elowen é realizada por aqueles que não a deixarão morrer em vão.
Gritos sobem como a maré e me invadem como uma onda. O exército inimigo tenta fugir de mim, e eu uso as sombras para puxar alguns de volta. A escuridão envolve seus pescoços como cordas. Deixo os outros correrem um pouco, dando-lhes um resquício de esperança, antes de manipular a água que corre por seus corpos para fervê-los vivos.
Nenhum soldado que empunhou uma espada contra nós hoje será poupado. Eles sofrerão pelo que foi feito. Não me importa se não foram diretamente responsáveis. Quero que todos morram. Cada morte me faz ansiar por mais, e me deleito com a agonia deles, sabendo que nunca se comparará à minha.
"Tragam-me Nykeem!", rugo, minha voz não soando como a minha. É tão escuro que soa demoníaco, e com os chifres no meu capacete, talvez eu tenha assumido minha verdadeira forma. Não fui feito para a felicidade. Fui feito para a guerra.
Eu envio outra onda de sombras, matando inúmeros soldados no intervalo de um segundo.
Elas retornam a mim, rodopiando em volta dos meus braços e se aglomerando em volta das minhas mãos enquanto continuo a caminhar penosamente pelo massacre que eu mesmo criei. O campo está completamente vermelho, e corpos sobre corpos se amontoam por toda parte. Em minha mente, imagino as sombras como um exército, um batalhão interminável de trevas, e desejo que elas assumam formas humanas. Meu poder obedece, e sua essência se molda em

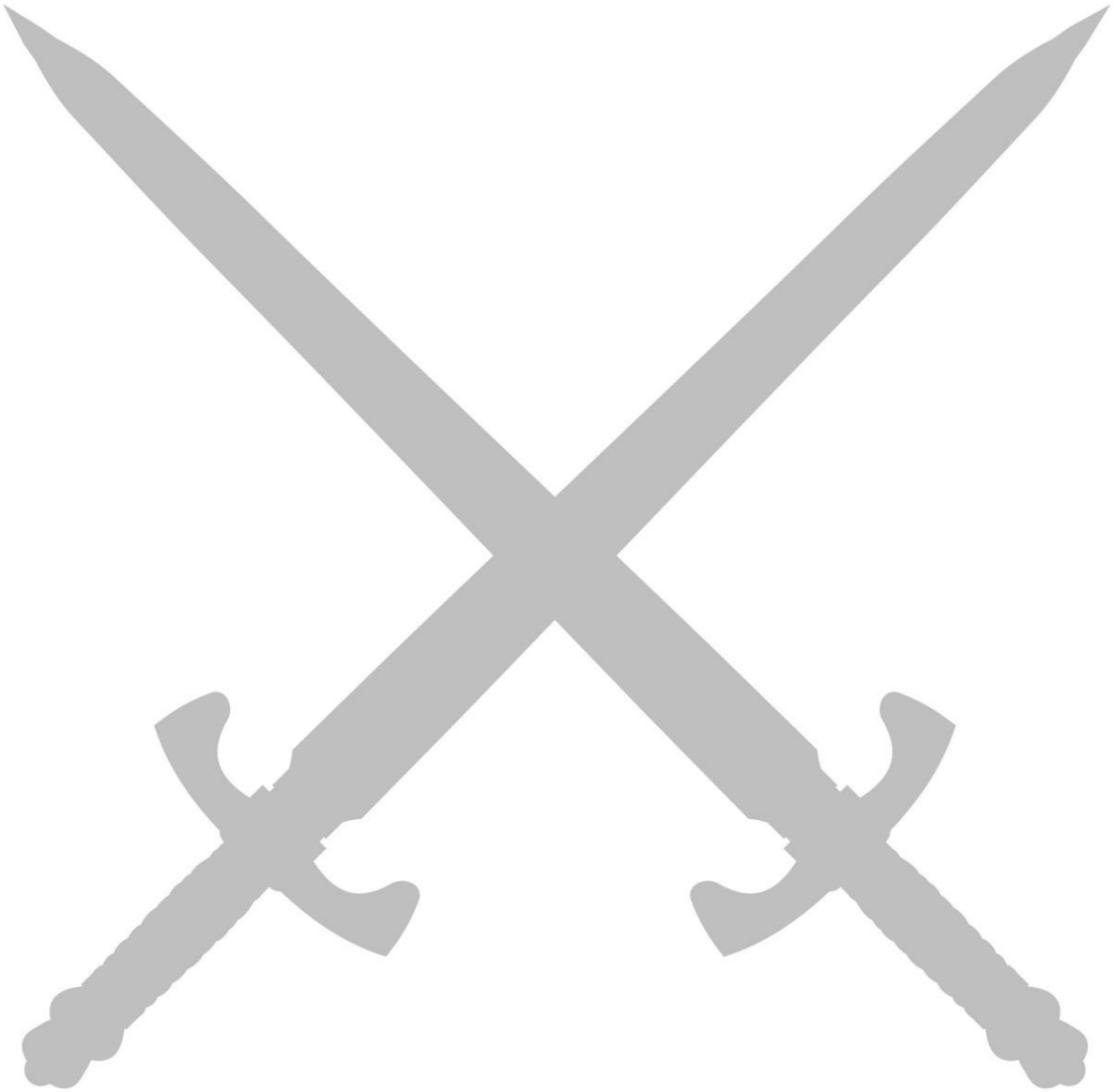
soldados com lâminas de gelo, marchando atrás de mim enquanto começo a abrir caminho através do meu inimigo e a enviar as sombras para cumprir minhas ordens.
“TRAGA-O PARA MIM OU EU ARRASTAREI A SUA CARNE DOS SEUS OSSOS!”
As filas à minha frente se abrem, abrindo caminho para Nykeem dar um passo à frente. Uma nova onda de raiva me invade, me consome e corrói minha moral, que já era escassa desde o início.
Não sou nada sem Elowen, nem mesmo um homem, e quero reduzir esse mago a *nada*.
Tiro meu capacete e o jogo de lado enquanto as sombras me protegem de uma saraivada de flechas. Não quero perder um momento sequer disso e quero que Nykeem veja meu rosto enquanto ele morre. Ninguém pode salvá-lo, e se tentarem, eu os matarei.
Enfio minhas espadas ensanguentadas na lama e as deixo para trás. Não quero sangrá-lo até a morte; quero drenar a vida dele, arrancá-la dele e me banquetear com seus gritos.
Olho para o nome de Elowen tatuado no meu dedo e limpo a lama e o sangue que mancham minha pele. Isso cria uma borda pegajosa em volta da minha aliança, mas nunca me senti bem em tirá-la. Uma sombra se enrola em volta dela, como se ansiasse por encontrar qualquer parte dela e mantê-la por perto.
"Por Elowen", digo, avançando.
Garras feitas de uma tênue escuridão se formam nas pontas dos meus dedos, e eu arranho seu escudo magicamente construído. Desfazendo-o como argila molhada, como Elowen fez outrora. Não paro meus movimentos enquanto o mago tenta reformá-lo para se manter a salvo de mim.
Não preciso passar por isso para matá-lo, mas assim que está em pedaços, dou um passo à frente e o arrasto pelo pescoço. Ele ofega e engasga, e eu retraio meu punho antes de acertá-lo no rosto, adicionando sangue fresco ao nome de Elowen como uma oferenda. Isso é tudo o que posso dar a ela. Eu não a salvei. Prometi protegê-la, e falhei. Ela morreu em meus braços, sangrando e com uma dor ofuscante, sufocando-se enquanto tentava me dizer que me amava.
Se eu nunca a tivesse encontrado, ela ainda estaria viva.
Eu fiz isso.
Eu rugo, perdendo-me na violência, na dor que me invade, mais aguda do que qualquer ferimento que já recebi ou infligi. Ele cai no chão quando seu rosto está irreconhecível, com o nariz esmagado e os dentes espalhados ao nosso redor. Meu exército de sombras ainda abate os inimigos restantes, e os dragões retornam à batalha para lutar ao lado deles, soprando fogo de dragão e queimando carne e terra.
Chuto-o na garganta e o observo agarrar a garganta, sugando o ar como um animal ferido de quatro. Não é o suficiente. Nunca será o suficiente. Invoco meus novos poderes, buscando a água dentro dele e a enfio em seus pulmões, gota a gota. Ele grita, agarrando o peito, deitado de costas enquanto ofega por ar. Deslizo a mão, ordenando que a água recue para lhe dar a ilusão de sobrevivência antes de fazer tudo de novo. A água jorra de sua boca e eu ordeno que recue novamente.

"Por favor", ele implora, soluçando e rastejando em direção às minhas botas. "Tudo o que fiz foi servir ao meu rei."
"E tudo o que estou fazendo é vingar minha esposa." Eu puxo minha perna para trás e o chuto no rosto. "Você a tirou de mim." Eu piso em sua garganta, esmagando lentamente sua traqueia. "Não há nada de humano em mim, e o monstro que reside em minha carne se deleita com sua agonia."
Ele agarra o couro que cobre meu tornozelo, e eu começo a inundar seus pulmões novamente, mantendo o padrão enquanto o céu fica vermelho após sua morte e a guerra acaba.
Não ganhou.
Perdi tudo.

Capítulo

SETENTA E TRÊS

Cayden



E CADA CAMINHO QUE PERCORRI TEM sempre me levava a Elowen, e enquanto me levanto de joelhos com o punho de uma espada que arranco dos dedos de um cadáver, viro-me novamente na direção dela. O exército dizimado está ao meu redor, e ainda assim não sinto

nada além de tristeza. Devastação.
Meu peito dói fisicamente, apesar de meu único ferimento ser um corte no bíceps. Não me lembro de alguém me cortando. Mal percebo agora. O sangue escorre do corte e desce pelo meu braço, e espero que as partes de mim que se infiltraram na terra encontrem Elowen e nos mantenham juntos onde a vida nos separou. Flores crescerão do seu sangue derramado, enquanto o meu deixará para trás uma terra árida para matar de fome qualquer um que espere encontrar um pingo de misericórdia. Ela é abençoada pela vida e, embora eu seja a única com ar nos pulmões, cada respiração que dou me aproxima da morte, e sou grata por isso.
Eu caminho pesadamente pelos corpos e pela floresta, precisando estar com ela novamente.
Os cachos de Elowen se espalham pelo colo de Finnian, e Ryder faz o possível para consolar Saskia, que grita, mas não está em condições de oferecer força. Eles me olham quando emerjo, vejo pelo canto do olho, mas tudo o que me importa é minha esposa morta.
Minha esposa.
A mulher que jurei proteger. A mulher que era minha única felicidade neste mundo.
Galhos quebram quando Ryder e Saskia se aproximam.
"Não me toque." As palavras são cruas, ocas. Rasgando meu pescoço como uma lixa. A última pessoa que segurei foi Elowen, quando ela gritou em meus braços. Cerro os dentes, passando as mãos pelos cabelos e puxando a raiz, acolhendo a dor.
“Sinto muito”, Ryder sussurra.
Balanço a cabeça, incapaz de ouvir tudo isso. Não consigo falar dela como se estivesse morta quando seu amor vive dentro de mim como uma chama.
Saskia tenta abrir a boca para dizer algo, mas um gemido a interrompe.
Eu os contorno, retornando para o lado de Elowen. Nyrinn deve ter removido as últimas flechas depois que eu saí. Os olhos vazios de Finnian encaram a frente, completamente desprovidos de esperança. Venatrix pousa atrás dela e ruge. O que antes era poderoso agora está quebrado, e eu entendo a fera mais do que nunca.
Finnian não se move enquanto eu a levanto, a embalando em meus braços e caminhando de volta para o acampamento. Um por um, como se desencadeassem uma onda de devoção e devastação, os soldados caem de joelhos ao avistar sua rainha perdida. O céu se abre, chorando por ela, e Sorin *grita.* Imagino o quanto ele entende o que está acontecendo, se ele sabe que Elowen se sacrificou para que ele vivesse.
"Podemos levá-la, Majestade", uma mulher se aproxima. "Podemos limpá-la."
"Ninguém toca num fio de cabelo dela", afirmo sombriamente. "E quem me seguir será morto à primeira vista."
Atravesso o acampamento sem parar até chegar a uma casa abandonada na beira da estrada. É pitoresca, com cheiro de canela e lenha, e me abaixo sob uma viga baixa para chegar a um quarto nos fundos. Beijo sua testa enquanto a deito na cama e começo a preparar um banho na banheira privativa.
"Eu sei que você odeia a sensação de sangue na pele depois que seca", digo, indo

até o pequeno armário no canto. Quem quer que tenha morado aqui... Devo ter saído às pressas — tudo parece intocado. Minha mão pesada puxa do cabide um vestido lilás simples com mangas sino forradas com pele branca. O mesmo tipo que Elowen sempre usa. "Acho que nunca te disse que lilás é minha cor favorita. Desde o momento em que te vi com o vestido que você usou no seu primeiro jantar em Vareveth. Desde então, penso em você sempre que o vejo."

Fico de costas para ela e, por um instante, finjo que seus grandes olhos castanhos estão fixos em mim, atentos a cada sílaba e esperando por mais. "Eu não sabia expressar meus sentimentos em voz alta, mas ouvia música quando olhava para você. Tenho páginas e páginas de melodias que eu evocava dos momentos mais simples que passamos juntos."

Fecho os olhos com força, apoiando a testa na madeira depois de bater a porta. Ela não está aqui. Ela não está aqui, porra. Ela deveria ter sobrevivido e corrido para mim como fez depois da batalha em Galakin. Ainda consigo imaginá-la no próximo verão, fazendo buquês com as flores que cultiva e esparramada na grama com seus dragões.

Retiro minha armadura até que só me reste uma camisa e calça pretas, e delicadamente tiro suas roupas de couro e armadura. Uma dor me percorre ao ver seu torso coberto de sangue. Marcas pretas do veneno se espalham por seu peito, mas começaram a desaparecer agora que fez seu trabalho, eu acho. Aperto os lábios, erguendo-a novamente em meus braços e testando a água antes de colocá-la lá dentro.

Passo sabonete nos cabelos dela, desembaraçando os cachos emaranhados pelo vento e pelo sangue. *Tanto sangue.* "Eu cuido de você. Não se preocupe com nada."

As palavras têm gosto de ácido, e eu me afasto dela para vomitar em um balde. A bile queima minha garganta, e eu limpo a boca e a enxáguo antes de terminar o que comecei. A primeira coisa que ela faz depois de cada luta e batalha é tirar as roupas de couro e tomar banho. Eu seco seu corpo e a deito de volta na cama para cobrir seus ferimentos com um rolo de gaze. Minhas mãos tremem enquanto a envolvo. Não sei como não cuidar dela. Não sei como deixá-la ir. Não sei como aceitar que ela não está apenas dormindo.

Caio de joelhos depois de deslizar o vestido por seu corpo e colocá-lo em seus ombros.

"Sempre tão linda." Passo os nós dos dedos pela sua bochecha. "Elowen, querida, eu não vou sobreviver a isso."

Pego sua mão fria na minha e abaixo a cabeça para apoiá-la em sua barriga, minhas lágrimas encharcando o tecido. Eu já pensei que não tinha nada, mas eu aceitaria os dias de luta e fome sem fim por isso sem pensar duas vezes. Sinto-me como um cadáver em decomposição com um coração batendo, como se o destino tivesse me concedido o único inimigo contra o qual não posso desembainhar minha espada.

Olho pela janela, para onde o sol pinta o céu de vermelho enquanto a escuridão do eclipse e as sombras permanecem. Deve haver algo que eu possa fazer para ajudá-la, para trazê-la de volta. Obrigo minha mente a evocar tudo o que li sobre necromancia quando era mais jovem. Na maioria dos casos, os mortais barganhavam com a Deusa das Almas, da Misericórdia e do Destino para salvar

um ente querido da morte.
Um céu vermelho.
Onde é que já ouvi isso antes?
Em Galakin.
Profecia de Mae.
O sol será banhado em sangue e as sombras encobrirão o dia.
Algo faísca dentro de mim. O que mais ela disse... Obrigo-me a pensar além de Elowen, enviando minha mente de volta para Galakin. Não procurei Elowen todos aqueles meses atrás por causa da profecia de que ela seria a ruína ou a salvação de Imirath. Eu acreditava em fatos, um deles sendo que a mulher ligada a cinco dragões odiava o mesmo homem que eu, mas aceito qualquer coisa agora. Mesmo que isso me torne um tolo supersticioso.
Cinzas a serem levadas pelas ondas.
Seria a chuva sobre a batalha? As muralhas do castelo? Minhas mãos lavando o sangue de Elowen? Será que isso importa?
Olhos velhos observam e olhos novos se fecham.
Novos olhos... Elowen. A dor me atravessa novamente. "Velhos olhos", eu murmurei, passando a mão pelos cabelos de Elowen. Os olhos mais antigos de Ravaryn seriam os deuses.
Meus poderes despertaram alguma coisa? Alguém? O desespero faz uma pessoa acreditar em qualquer coisa, eu acho.
A terra tremeu enquanto eu gritava, e os deuses se banqueteavam com as tristezas dos mortais.
Estou me movendo antes mesmo de saber o que estou fazendo, mas preciso fazer *alguma coisa* .
Ergo Elowen nos braços novamente, carregando-a para fora da casa, e sigo os sons dos dragões uivantes. Uma mão segura meu ombro, e eu equilibro Elowen em um braço para sacar minha espada, apontando-a para o pescoço de quem se aproxima. Me sentindo mais animalesca do que humana.
"Sou eu." Ryder ergue as mãos em sinal de rendição, mais lágrimas escorrendo dos olhos enquanto observa meu estado, o estado de Elowen. Devo parecer tão perturbado quanto me sinto. "Aonde você vai?"
"Vou trazê-la de volta."
Um som de impotência sobe por sua garganta. "Ela se foi, irmão. Vou construir a pira dela com você."
"Ela não vai queimar!", rugo, apertando minha espada com mais força, apesar de estar ao meu lado, enquanto Finnian e Saskia avançam. Meu olhar cruza com o de sua melhor amiga, talvez a única pessoa que entenderá minha angústia. "Ela queria que eu dissesse que te amava." Lágrimas brilham em seus olhos, e ele engasga com um soluço e desvia o olhar de Elowen. "Vou trazê-la de volta."
Saskia dá um passo à frente, e eu aperto Elowen com mais força, meus instintos de proteção se aflorando, entrelaçados com a possessividade. Os olhos de Saskia se fixam nos meus, e ela segura uma única flor roxa em silenciosa permissão. Respiro lentamente, assentindo apenas uma vez, e ela dá um passo à frente para colocá-la atrás da orelha e beijar a testa.
“Sentirei sua falta todos os dias que eu viver”, ela sussurra.
"Vou trazê-la de volta." Preciso acreditar que isso vai funcionar. Preciso tentar.

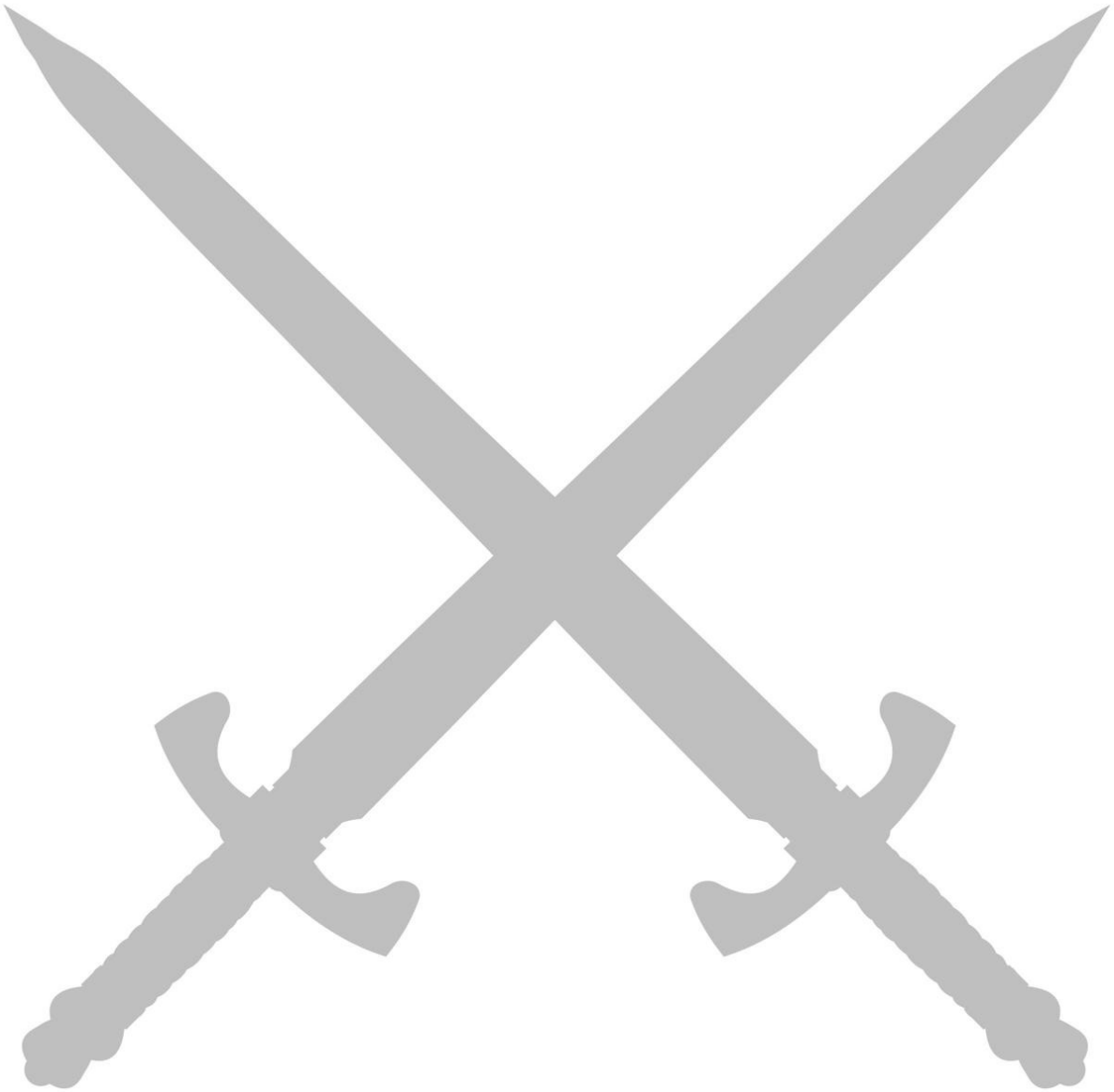
Se eu perder as esperanças agora, vou levá-la de volta para Vareveth e cavar nossa cova atrás da nossa casa, não uma pira. Vou manter meus olhos nela enquanto... Perfure meu coração e enrole meu corpo ao redor do dela. Um dia, quando alguém nos encontrar quando não formos nada além de ossos, não saberá onde eu começo e ela termina. Ligados demais para serem separados. A decadência e o tempo atacarão nossa carne mortal, mas nossas almas residirão em algum lugar onde a tristeza não poderá nos encontrar, e eu a manterei lá, amando-a até que a própria essência do que dá vida aos nossos corpos seja extinta.
"Por favor", diz Ryder. "Não nos force a conviver com a perda de vocês dois."
“Eu já estou morto.”
Passo por ele a passos largos, ignorando-o enquanto ele grita meu nome, virando-me apenas quando o som de luta substitui seus apelos. Finnian o empurra para trás, não permitindo que ele nos siga, e Saskia se joga na grama para enterrar a cabeça entre as mãos. Um clarão prateado avança, e Zarius cai de joelhos ao lado dela.
“Não olhe”, ele diz, forçando-a a se virar.
"Cayden!", Ryder grita de onde Finnian o prende contra o chão. "CAYDEN!"
Não sinto nada.
Nem um pingo de arrependimento ou remorso.
E eu me afasto.
Os dragões devem sentir onde Elowen está, porque pousam em um círculo ao meu redor, rosnando e estalando os dentes. Talvez eu devesse estar com medo, mas não estou. Seria uma misericórdia me livrar do tormento interior.
"Me ajude", sussurro. "Por favor, me ajude."
Sei que eles não conseguem me entender — a única pessoa que conseguem entender é Elowen —, mas ela jurou que eles conseguiam sentir emoções e talvez a minha devoção por ela. Já montei em Basilius antes, mas, para minha surpresa, não é ele quem abaixa a cabeça, mas Venatrix. A mais feroz de todas. A rainha vermelha.
Eu subo em sua asa e nos acomodo na sela, mantendo o corpo de Elowen aninhado contra o meu enquanto agarro os chifres da sela.
"A Floresta Etril", digo enquanto ela alça voo. Como ela sabe para onde preciso ir é um mistério que não tenho energia para imaginar. sobre. Ela bate as asas com mais força, voando sobre a terra queimada e ensanguentada, nivelando-se à medida que chegamos ao início da floresta atrás do castelo por onde Elowen e eu corremos. Quando ela invocou Sorin pela primeira vez, eu jurei que estava olhando para uma deusa. A neve rodopia ao redor dos picos das Montanhas Seren, que cortam abruptamente as nuvens.
"Eu devia ter pegado uma capa para você", murmuro, puxando-a para perto de mim para tentar mantê-la aquecida, cobrindo suas mãos com as minhas e respirando nelas agora que Venatrix está nivelada. "Sinto você me puxando, me chamando, e eu vou te encontrar, meu anjo. Eu prometo."
Venatrix chama os outros, abaixando-se para pousar no chão da floresta, na base das ruínas do templo. O céu está tão vermelho-sangue quanto sobre o campo de batalha, e sombras ainda se agarram a mim. Não sei o que está acontecendo e não tenho a mínima curiosidade.

Penso no último sorriso que ela me deu.
Penso no beijo antes da batalha.
Penso em cada maldito arrependimento e os transformo em lâminas em minha mente, guardando-as ao meu lado e carregando-a para o templo.
O vento sopra pelos pilares quebrados, espalhando os pedaços de rocha branca que devem ter se soltado quando racharam. Alguns ainda estão de pé, mas outros se estendem pela floresta. Talvez tenham sido tomados pela vegetação em algum momento, mas agora estão sufocados pelo inverno. Eu me forço a colocar Elowen no chão, seus cachos escuros se espalhando pela neve imaculada como um anjo adormecido.
Eu a verei novamente.
Saco uma faca enquanto caminho em direção ao altar, cortando a palma da mão e deixando meu sangue escorrer. "Eu, Cayden Veles, Rei de Vareveth, invoco a Deusa das Almas, da Misericórdia e do Destino para fazer um acordo."

Capítulo

SETENTA E QUATRO

Cayden



Quando olho ao redor
Ruínas, noto marcas em espiral ao longo das paredes e do chão, que adquirem um brilho prateado. O vento para de uivar e o mundo fica em silêncio, exceto pelos dragões rosnando empoleirados na estrutura em ruínas.

Volto para Elowen, assumindo uma postura protetora diante de seu corpo e embainhando a faca em favor da espada.
Os dragões alçam voo enquanto as pedras estrondavam sob nós. Os pilares brancos caídos erguem-se do chão, assim como o teto desabado, como se puxados por uma força invisível. Uma risada sinistra e arrepiante percorre a estrutura recém-formada como se ela nunca tivesse estado em ruínas. Os dragões se empoleiram ao redor do perímetro, ainda capazes de enxergar através dos altos arcos.
Cayden Veles, a voz provoca. *O que a sua raiva fez desta vez?*
Fios prateados brilham no ar até se unirem, formando um portal que lembra um redemoinho de metal líquido. Uma mulher passa por ele, vestida com um vestido drapeado feito de tecido que combina com o portal conjurado. Seus lábios vermelhos refletem o sangue que derramei para trazê-la aqui. O cabelo claro está afastado de seu rosto e sua pele está ainda mais pálida; é como se ela quisesse se misturar a tudo ao nosso redor.
"Você me invocou, rei", ela diz, contornando o altar para olhar ao redor de seu templo como se o estivesse vendo pela primeira vez.
"Você é a Deusa das Almas?" pergunto, ainda sem querer acreditar que os deuses são reais, apesar da demonstração de poder.
Seus olhos azul-claros brilham prateados enquanto ela fixa o olhar em mim. "E você é um homem que exala desespero. Meu tipo favorito de mortal para fazer acordos."
"Traga minha esposa de volta", exijo. "Se você é mesmo uma deusa, então eu sou o homem que a acordou, e você está em dívida comigo. Se precisar de mais pagamento, tire a minha vida no lugar dela."
Ela inclina o queixo pontudo para o chão, estalando a língua. "E você a forçaria a viver com isso? Não acha que ela já sofreu o suficiente?" Seus olhos gélidos se voltam para Elowen. "Uma alma tão bonita, tão brilhante, e ainda assim tão quebrada."
"A alma dela é minha", afirmo em voz baixa, invocando as sombras das profundezas da minha dor e enrolando-as em volta dos meus braços, deixando-as serpentear pelo chão e se enrolar nos cantos como víboras prontas para atacar.
Ela ri de um jeito feminino, leve e distante. Sempre pensei que os deuses seriam mais ameaçadores e formidáveis, mas a Deusa das Almas parece uma mulher comum, tirando os olhos prateados. "Eu consigo sentir o gosto do seu sofrimento. Há aqueles que ainda dormem e que desejarão inspirar a sua agonia."
Cerro o maxilar. "Se você não a trouxer de volta, reduzirei este mundo a nada. Matarei cada resquício de vida e tirarei de você tudo o que faz de você uma deusa. Você ficará tão impotente quanto eu neste momento. Arrancarei tudo o que você tem perto e a forçarei a assistir à morte. Você governará uma terra devastada porque estarei aqui com minha espada e sombras, pronta para travar uma guerra final contra os deuses."
Ela inclina a cabeça, intrigada em vez de perturbada. "Você realmente acha que pode vencer?"
"Não se trata de vencer." Um sorriso cruel surge em meus lábios. "Trata-se de causar o máximo de sofrimento antes que a morte me leve."
Ela franze os lábios. "Não posso tirar sua alma porque você tem um destino a

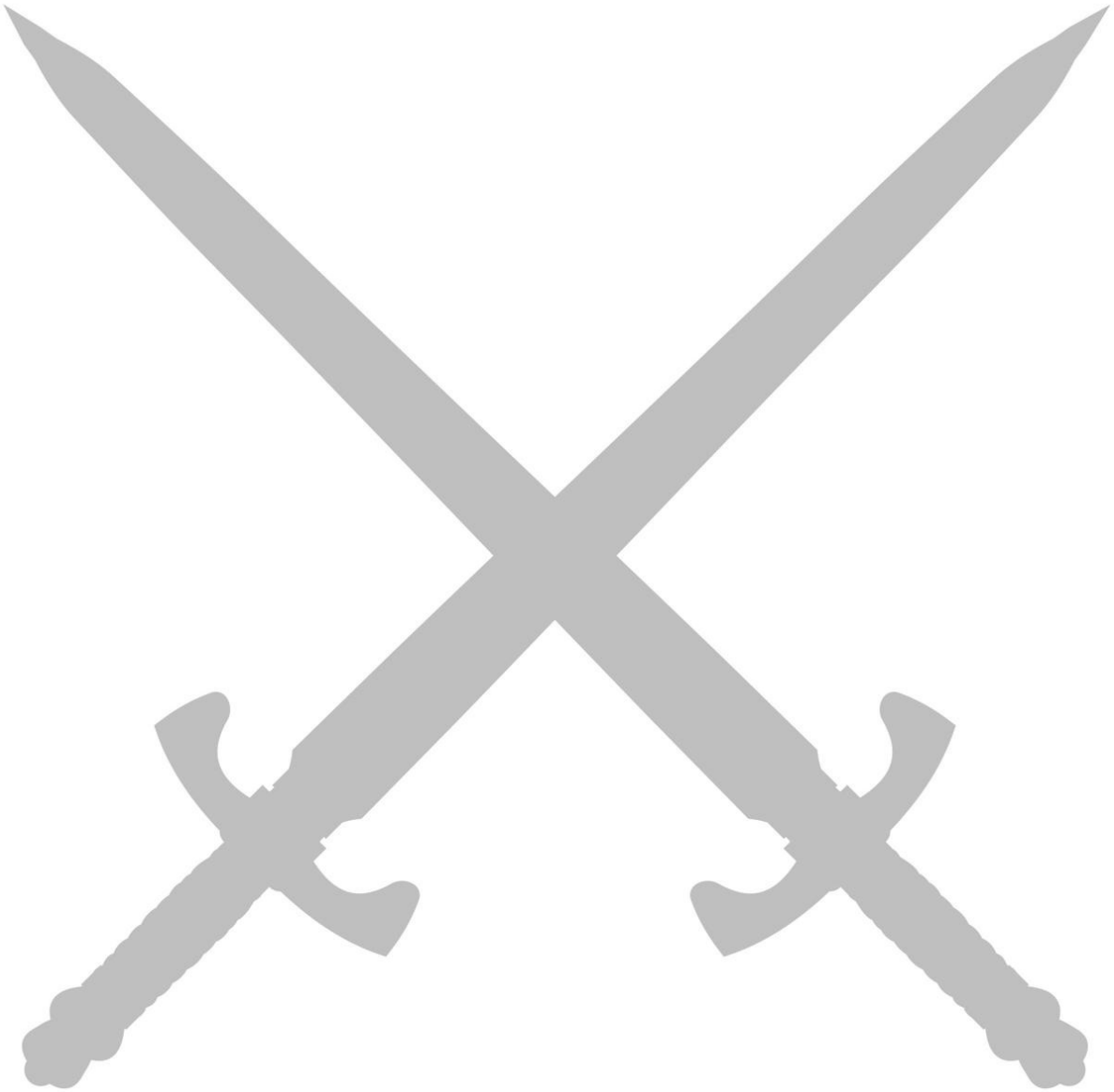
cumprir."
Dou uma risada seca. "Se você se recusar a fechar um acordo que termine com a alma de Elowen sendo devolvida ao seu corpo, você terá feito um inimigo hoje e acredite em mim quando digo que sou a última pessoa que você quer trabalhando contra você. Você não terá que se preocupar com destinos porque eu vou despedaçar este mundo. Os deuses podem estar de volta, mas eles não dormirão da próxima vez; eles morrerão em minhas mãos."
"Como eu disse, nem *todos* os deuses retornaram." Ela dá um passo para trás, esperta, enquanto minhas sombras se aproximam. Ela balança os dedos no ar, e algo me puxa o peito. "Até onde você está disposto a ir por ela?"
"Mais longe do que você pode imaginar."
"Tudo bem", ela diz. "Quero que você mate alguém para mim e, depois que isso acontecer, preciso dos seus serviços para encontrar alguns objetos perdidos."
“Dê-me um nome.”
Ela ri novamente. "Cayden Veles."
Fácil. "Como saberei que você devolverá a alma dela ao corpo e como realizarei sua missão?"
"Tão devotado a ela", ela murmura. "Como sempre foi."
"O que você quer dizer com isso?"
Ela sorri em resposta, com dentes afiados e um brilho desconfiado nos olhos. "Você a encontrará sozinho", diz ela, ignorando minha pergunta anterior. "Se puder. Não posso interferir, e seu sucesso depende inteiramente de você. O submundo é *vasto.* Se falhar, será forçado a vagar por ele pela eternidade em busca constante do seu amor perdido. Você nunca se reunirá com ela, nunca descansará, sempre terá fome e sede de uma forma que nunca poderá ser saciada, não importa o quanto tente."
Procurei essa mulher pelo mundo desde menino. Não vou falhar. Conquistei um reino para tê-la, e também vencerei a morte. Farei do inferno o meu reino e a coroarei como minha rainha neste mundo, no próximo e em todos os que virão.
“Que objeto você quer que eu encontre?”
"Tudo a seu tempo, meu amigo", ela afirma, animada. "Antes de fazer isso, saiba que uma alma não pode morrer. Você pode se ferir em sua busca." e sentir como se estivesse à beira da morte, mas ela nunca lhe será concedida. Nada sofre mais do que uma alma. Quando o corpo está ferido, pode ser enfaixado, mas quando uma alma está ferida, ela te dilacera por dentro.
Nada se compara ao que sinto agora. Pelo menos quando eu estiver no inferno, estarei no mesmo reino que ela. Terei algo pelo qual lutar. Prefiro rastejar pelo inferno para estar com ela do que voar pela vida.
“Aceito o seu acordo”, digo eu.
"Adorável." Ela estala os dedos, e uma faixa prateada se forma em volta do meu pulso enquanto uma capa negra se acomoda sobre meus ombros. "Existem dez camadas no submundo. Essa faixa lhe dará acesso a cada uma delas conforme você passar."
"Isso me levará até ela, mas ela conseguirá ir embora se não tiver um?"
"Primeiro você precisa se preocupar em encontrá-la. Não lhe oferecerei nenhuma informação ou ajuda além da banda."
Cerro os dentes e me afasto da deusa para voltar para o lado de Elowen. Tiro os

anéis de seus dedos e os prendo na corrente de seu colar de pedra da lua antes de prendê-lo ao meu cinto. Acomodo-a novamente em meus braços, como fiz momentos antes de sua morte, com a cabeça apoiada na curva do meu cotovelo. "O que acontecerá com o corpo dela? Não permitirei que atrocidades sejam cometidas contra ela se eu não estiver aqui para ficar de guarda."
"Fizemos um acordo", diz a deusa. "Seus corpos permanecerão sob minha proteção. Nenhum dano será causado a nenhum de seus restos mortais, mas se vocês voltarem, bem... acredito que se verão transformados." Seus olhos demonstram um toque de tristeza quando ela olha para Elowen. "Por mais que isso signifique, não aprecio a perspectiva do seu fracasso."
Ignoro-a, concentrando minha atenção em Elowen, segurando seu rosto com a mão e desembainhando uma de suas adagas de dragão que eu embainhei na coxa. "Em todas as vidas, Elowen Veles, e em todos os mundos."
Envolvo a mão dela em volta do cabo, cobrindo-a com a minha e apontando-a diretamente sobre meu coração enquanto examino seu rosto novamente, comprometendo-me com ela. memória, sem saber quando meus olhos serão abençoados com a visão dela novamente.
“Eu prometi a você uma vez que desafiaria a própria morte para mantê-la comigo, e eu a enfrentarei para tê-la de volta.”
Pressiono meus lábios nos dela e me esfaqueio no peito.

Capítulo

SETENTA E CINCO

Cayden



EU OLHAR FIXAMENTE PARA A OBSIDIANA IMPRESSIONANTE arco, rodopiando com névoa, e desembainhei a espada em minhas costas, dando meu primeiro passo nas profundezas congelantes do submundo. À distância, vejo um pequeno orbe de luz, mas ele desaparece tão rápido que não

tenho certeza se foi uma alucinação.
Vejo você em breve, meu anjo.
Um monstro rosna na escuridão, e meus lábios se abrem em um rosnado enquanto levanto minha espada contra o domínio da morte.

AGRADECIMENTOS

TESTE LIVRO REALMENTE FOI MEU Monte Everest. *A Fúria dos Dragões* esteve comigo em alguns dos momentos mais difíceis da minha vida. Escrever sempre foi uma muleta que usei para superar os momentos difíceis, mas houve dias em que me senti tão vazio que não sabia se algum dia seria capaz de escrever novamente. No entanto, encontrei meu caminho de volta e coloquei minha alma neste livro assim que reencontrei meu ritmo. O amor é um elemento tão forte nesta história porque acredito que durante esse período aprendi seu verdadeiro significado. Foi o que me ajudou a superar meus momentos mais sombrios e encheu minha xícara quando ela estava vazia. Ele está presente em nossa vida cotidiana: assar com minha mãe, caminhar com meu pai, conversar com meu irmão, jantar com meu noivo e tomar café com amigos. Você não precisa ter um bom dia para encontrar algo de bom nele, e nunca deve subestimar um único momento com alguém, por menor que seja.

Há muitas pessoas que eu gostaria de agradecer, então aqui vamos nós:

Ao meu noivo Tanner, minha mãe, meu pai e meu irmão Andrew: estou reunindo todos vocês para esta ocasião porque eu realmente não poderia desejar uma base mais sólida para me apoiar. Sou muito grata a todos vocês. Não importa o que tenha acontecido, sempre tiramos o melhor proveito disso e sempre tivemos um ao outro. Obrigada por me apoiarem e me elevarem de todas as suas maneiras. Não sei quem eu... Viver sem o seu amor, e sou tão grata por nunca ter que saber. Cada um de vocês acrescenta tanta felicidade à minha vida e me faz ansiar por cada dia.

Para minha parceira de crítica, Imani Erriu: Imani, graças a Deus você apareceu nas minhas mensagens diretas para me dizer que meu cachorro é fofo, porque eu não sei onde estaria sem você. Você foi fundamental nessa jornada e sou muito grata por estarmos caminhando juntas. Ver seu sucesso tem sido maravilhoso, e sei que o melhor ainda está por vir. Obrigada por entrar na minha vida quando eu não sabia o que estava perdendo.

À minha editora, Shauna Summers: muito obrigada não só pela orientação e conselhos, mas também por nunca deixar de me dizer o quanto você amou esta história. Sou muito grata por ter uma editora que não só acredita no meu livro, mas também em mim e na minha carreira. É sempre incrível trabalhar com você.

Para minha agente, Jessica Watterson: primeiro, quero agradecer por cada "lol" e "hot" que você comentou enquanto lia *A Fúria dos Dragões* . Foi como dar uma espiadinha nas anotações de um leitor, e eu adorei. Você tem me apoiado muito durante toda a minha jornada de indie para tradicional e está sempre ao meu lado me incentivando, e sou muito grata a você.

Para Nicole Platania: Eu deveria estar digitando isso enquanto preparo uma torrada de abacate, já que é o nosso ritual diário. Ver o seu sucesso também tem sido incrível, e mal posso esperar para ver tudo o que você conquistará na sua

carreira. Obrigada por ser uma das primeiras pessoas a ler *A Ira dos Dragões* e gritar sobre isso comigo quando eu mais precisei.
Para Ashley Cotto: minha assistente, maquiadora, irmã de alma, empresária — e a lista é infinita. Obrigada por sempre estar ao meu lado desde que tínhamos quatorze anos. Tenho muito orgulho de você por perseguir seus sonhos e sempre serei sua maior incentivadora. Mal posso esperar para te ver de novo e poder te abraçar, já que não ficamos separados por tanto tempo desde que nos conhecemos.
Para Andrés Aguirre Jurado: o homem que desenhou o mapa deslumbrante no início do livro e o símbolo da Casa Veles no interior. Abençoe o algoritmo do Instagram por me levar à sua página. Você é um artista incrível e talentoso e acrescenta muita vida à história com seus recursos visuais.
Para Lucy Walls: a artista extremamente talentosa que desenhou a cena do casamento de Elowen, Cayden e os cinco dragões que você vê na folha de guarda. Lucy, não tenho palavras para agradecer por capturar todos os pequenos detalhes da cena e dar vida a ela. Foi incrível trabalhar com você! Muito, muito, muito obrigada por uma obra tão deslumbrante, pela sua gentileza e pela sua dedicação.
Para Brianna Kusilek, Taylor Noel, Megan Whalen, Mae Martinez e Emily Siegmund: minha incrível equipe da Delacorte Press! Muito obrigada a todos por todo o trabalho que vocês fazem, eu realmente aprecio muito.
Para Hozier: Eu não teria conseguido escrever este livro sem a sua música. Obrigado, rei. < 3
Por fim, quero agradecer a todos os designers e editores que trabalharam neste livro, e a todos os leitores que o pegarem. Prometo que vou trabalhar no próximo livro dia e noite depois de deixá-los naquele suspense, ha ha. Ops. Desculpe, mas não me arrependo, beijos.

Todo meu amor,
Olivia Rose Darling

SOBRE O AUTOR

Olivia Rose Darling é autora do best-seller do *USA Today*, *Fear the Flames* . Darling desenvolveu uma paixão pela escrita desde muito jovem, sempre rabiscando poemas em guardanapos e contos em seus cadernos escolares. Formou-se na Pace University e se formou em Inglês com ênfase em Escrita Criativa. Ela está sempre em busca de um novo mundo de fantasia para se refugiar, uma grande caneca de chá e tempo com seus entes queridos.

oliviarosedarling.com
@itslivdarling

Penguin
Random
House

Qual é o próximo item da sua lista de leitura?

Descubra sua próxima ótima leitura!

Receba seleções personalizadas de livros e notícias atualizadas sobre este autor.

Inscreva-se agora.

_152421534_